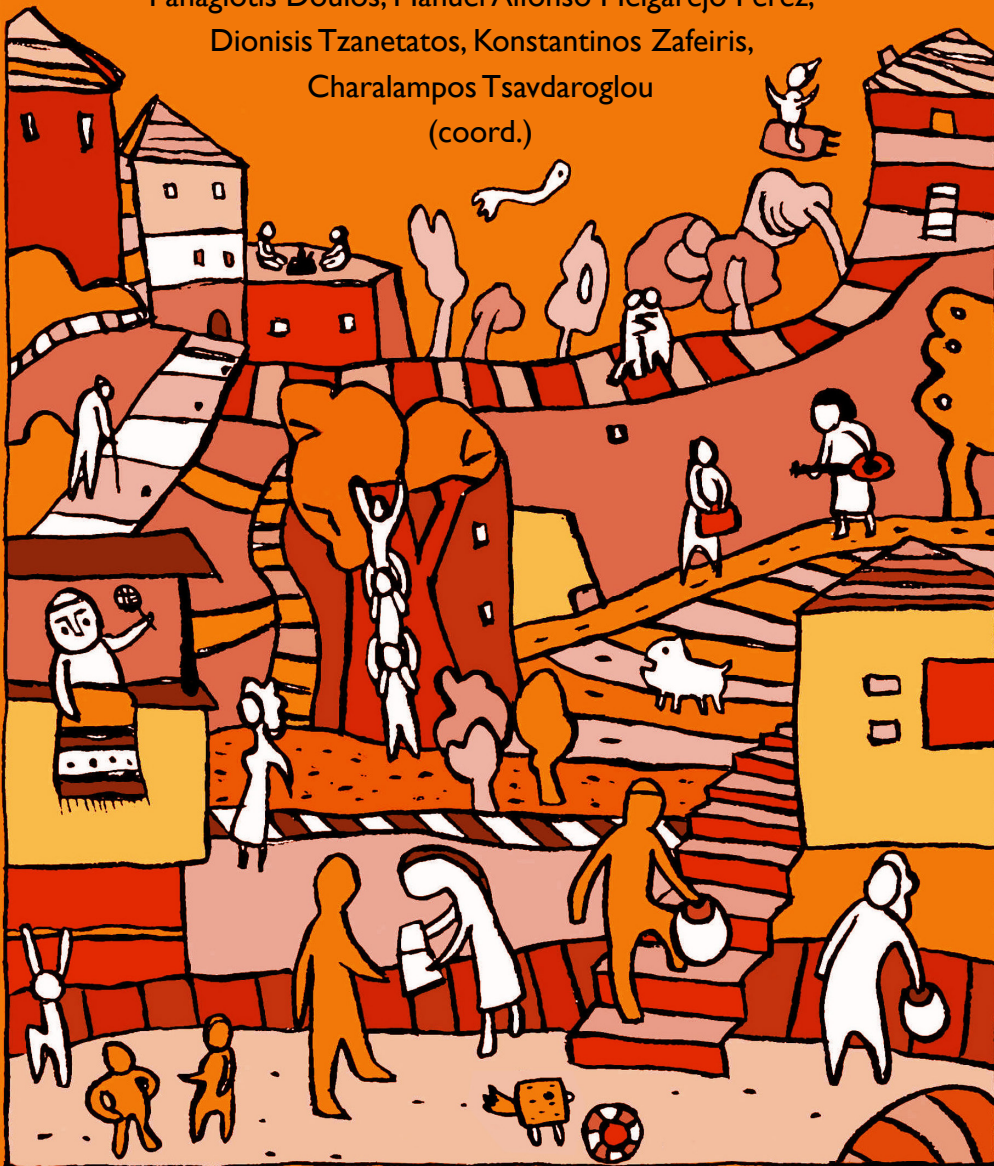


“Luchas invisibles en tiempos de pandemia”

II

Christy Petropoulou, John Holloway,
Fernando Matamoros Ponce, Edith González Cruz,
Panagiotis Doulos, Manuel Alfonso Melgarejo Pérez,
Dionisis Tzanetatos, Konstantinos Zafeiris,
Charalampos Tsavdaroglou
(coord.)



Grupo de Investigación “Ciudades Invisibles”

Laboratorio de Geografía Urbana y Planeación Urbana, Departamento de Geografía, Universidad del Mar Egeo, Grecia

Grupo de Investigación “Subjetividad y Teoría Crítica”

Instituto de Ciencias Sociales y Humanidades “Alfonso Vélaz Pliego”, Benemérita Universidad Autónoma de Puebla, México

“Luchas invisibles en tiempos de pandemia”

volumen II

Territorialidades en movimiento: Resistencias y creatividades en geografías urbanas-regionales durante la pandemia

Christy Petropoulou, John Holloway,
Fernando Matamoros Ponce, Edith González Cruz,
Panagiotis Doulos, Manuel Alfonso Melgarejo Pérez,
Dionisis Tzanetatos, Konstantinos Zafeiris,
Charalampos Tsavdaroglou
(coord.)

Grupo de Investigación “Ciudades Invisibles”
Laboratorio de Geografía Urbana y Planeación Urbana,
Departamento de Geografía, Universidad del Mar Egeo, Grecia

Grupo de Investigación “Subjetividad y Teoría Crítica”
Instituto de Ciencias Sociales y Humanidades “Alfonso Vález Pliego”,
Benemérita Universidad Autónoma de Puebla, México

“Luchas invisibles en tiempos de pandemia”. Volumen II. Territorialidades en movimiento: Resistencias y creatividades en geografías urbanas-regionales durante la pandemia.

Abril 2022, Mytilene-Puebla, 452 p., ISBN: 978-618-82533-5-3

Editor@s

Christy Petropoulou, John Holloway, Fernando Matamoros, Edith González Cruz, Panagiotis Doulos, Manuel Alfonso Melgarejo Pérez, Dionisis Tzanetatos, Konstantinos Zafeiris, Charalampos Tsavdaroglou



UNIVERSITY OF THE
AEGEAN
ΠΑΝΕΠΙΣΤΗΜΙΟ
ΑΙΓΑΙΟΥ

Grupo de Investigación “Ciudades Invisibles”

(Laboratorio de Geografía Urbana y Planeación Urbana, Departamento de Geografía, Universidad del Mar Egeo, Grecia)



BUAP



Grupo de Investigación “Subjetividad y Teoría Crítica”

Instituto de Ciencias Sociales y Humanidades “Alfonso Vélaz Pliego”,
Benemérita Universidad Autónoma de Puebla, México

Copyright



CC BY

ciudadesinvisiblesgr@gmail.com

<http://aoratespoleis.wordpress.com>

<http://aoratespoleis.geo.aegean.gr/>

https://geography.aegean.gr/index_en.php

<http://69.164.202.149/icsyhweb/index.html>

<https://posgradosociologia.wordpress.com/>

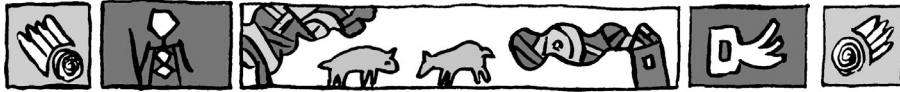
<https://www.facebook.com/icsyh>

Photograph cover: Eleni Rousopoulou (visual artist), Painting: title “Emplaced”, 21x29, ink, digital colouring (2022)

Contenidos

	Prefacio. A pandemia no joga entre o visíbel e o invisíbel, o prescindíbel e o indispensábel <i>Rogério Haesbaert</i>	9
	Introducción. “Luchas invisibles en tiempos de pandemia” <i>Christy Petropoulou, Fernando Matamoros, Edith González Cruz, Panagiotis Doulos, Dionisis Tzanetatos, Manuel Alfonso Melgarejo Pérez, Konstantinos Zafiris, Vasilis Georgacopoulos,</i> <i>en colaboración con: Guillermo López Varela, Stella Mavrogiorgou, Violeta Dimitracopoulou, Naya Tselepi, Ioannis Sotiriou</i>	15
	I. Territorialidades urbanas-regionales y luchas sociales en Brasil	25
1	Movilización y organización de repartidores durante la pandemia <i>Raúl Zibechi</i>	27
2	Fragmentos de Brasil en Pandemia: aforismos de la crisis <i>Amélia Luisa Damiani, Daniela Dias Marinho, Dario Parra, George Giafialogra, Evânio dos Santos Branquinho, Flávia Elaine da Silva Martins, Glauco Roberto Gonçalves, James Amorim Araújo, Kauê Avanzi, Lourdes de Fátima Bezerra Carril, Luciano Ximenes Aragão, Márcio Piñon, Marcio Rufino Silva, Odette Carvalho de Lima Seabra, Ricardo Baitz, Ricardo Oliveira Santos, Rodison Roberto Santos, Rosalina Burgos, Thauany Freire, Ulysses da Cunha Baggio</i>	31

3	Atlas de las Grandezas de lo Minúsculo <i>Dario Vargas Parra</i>	91
4	No somos solo Números. En medio de la pandemia, São Paulo/ Brasil Não Somos só Números. Em Meio à Pandemia, São Paulo/Brasil <i>Aragão Luciano Ximenes, Araújo James Amorim, Avanzi Kauê, Baggio Ulysses Da Cunha, Baitz Ricardo, Bran- quinho Evânio Dos Santos, Burgos Rosalina, Carril Lourdes De Fátima Bezerra, Damiani Amélia Luisa, Freire Thauany, Gonçalves Glauco Roberto, Marinho Daniela Dias, Martins Flávia Elaine Da Silva, George Giafialogra, Oliveira Márcio Pinõn De, Parra José Dario Vargas, Santos Ricardo Oliveira, Santos Rodison Roberto, Seabra Odette Car- valho De Lima, Silva Marcio Rufino</i>	101
5	Amor insurgente, de favela a lugar territorializado, territorio lugarizado: reflexiones a partir de luchas barriales y por educación pública en el barrio Restinga, Porto Alegre <i>Nelson Rego, Tiago Bassani Rech</i>	105
6	Cartografias da solidariedade pandêmica <i>Anna La Marca, Lai Bronzi Rocha, Leila de Oliveira Lima Araujo, Marina Amaral, Thais Matos, Timo Bartholl, Paul Schweizer, Yago Evangelista</i>	133
7	Invisibilidades na cidade do Rio de Janeiro: pandemia e direito à educação nas favelas <i>Enio Serra, Roberto Marques</i>	179
8	Turismo de base comunitária Quilombola Na Bahia – (Brasil): uma práxis educativa decolonial e transmoderna <i>Tássio Simões Cardoso, Natanael Bomfim Reis</i>	197
9	R-existindo à pandemia: um olhar a partir das mulheres quilombolas na Paraíba <i>Iany Elizabeth da Costa</i>	219
	II. Derecho a la ciudad y autogestión. Diálogos entre México, Argentina, Chile y Colombia	237
10	Tierra para vivir: las luchas por vivienda digna en Argentina durante la pandemia <i>Hernán Ouviaña, Francisco L'Huillier</i>	239



- 11 Entramados comunitarios de los residuos para la reproducción de la vida 273
Luisa Fernanda Tovar Cortés
- 12 Chile, pandemia y la vida en la calle: habitando la ciudad desde el olvido 295
César A. Cisneros Puebla, Vanessa Jara Labarthé
- 13 Lo urbano revisitado en pandemia: primeras reflexiones en torno a las escalas espaciales del capital, de las resistencias y del r-existir desde México y Argentina 311
Aritz Tutor Anton, Carla Eleonora Pedrazzani
- III. Segregaciones urbanas socio-espaciales e invisibilidades en el contexto europeo 337**
- 14 Can't #StayAtHome without a home: politics of housing precarity in Greece in the time of pandemic 339
Christina Sakali, Theodoros Karyotis
- 15 Barrios cerrados y pandemia: motivo para una reflexión crítica del límite 367
Charikleia Pantelidou
- 16 Cracking housing financialisation in Barcelona 379
Georgia Alexandri
- 17 Αστικά πάρκα ως κοινά και κοινωνικο-χωρικές ανισότητες εντός του αστικού πρασίνου εν καιρώ πανδημίας 397
Ιωάννης Σωτηρίου
- 18 ¿El racismo forma parte de las desigualdades en Francia? Reflexiones sobre los modos de análisis de los impactos de las reglas de confinamiento sobre las desigualdades en tiempo de la crisis de la Covid-19 en Francia 429
Mina Kleiche-Dray
- Posfacio Nota sobre los contextos que dieron luz a esta iniciativa de Luchas Invisibles 447
Christy Petropoulou, Fernando Matamoros, Edith González Cruz, Panagiotis Doulos, Dionisis Tzanetatos, Manuel Alfonso Melgarejo Pérez, Vasilis Georgakopoulos, Konstantinos Zafeiris

Prefacio

A pandemia no jogo entre o visível e o invisível, o prescindível e o indispensável

Rogério Haesbaert

Professor, Departamento de Geografia da Universidade Federal Fluminense (UFF)

Niterói/Brasil - Núcleo de Estudos Território e Resistência na Globalização

(NUREG/UFF)

Correo electrónico: rogergeo@uol.com.br

Este é um livro inédito em tempos de pandemia – e sobre a complexidade dos espaços na pandemia. Destaca-se pela ousadia e alcance, já que reúne 38 artigos (18 no volume aqui apresentado) de intelectuais de diversos países da América Latina e da Europa, em especial de México (com a emblemática experiência zapatista), Brasil, Chile, Colômbia, Argentina, Grécia, Espanha e França. Tal como sua organização, envolvendo dois grandes grupos de pesquisa (da Grécia e do México), muitos de seus autores são na verdade duplas ou grupos, o que dá uma primeira marca muito relevante à obra: seu caráter de produção coletiva de conhecimento, de análises conjuntas, solidárias, não simplesmente entre acadêmicos mas também de acadêmicos e ativistas comprometidos com os processos que analisam, envolvidos efetivamente com seus “objetos-sujeitos” que, por isso mesmo, interagem com eles e, muitas vezes, interferem através dessa dinâmica freireana de ensinar aprendendo. Além disso, estão aqui embutidas não apenas análises críticas consistentes, mas estudos que se posicionam e que, sempre que possível, trazem propostas para a construção de “outros mundos possíveis” – como diriam os zapatistas.

A pandemia ainda não nos deixou. No exato momento em que escrevo estas linhas uma nova onda de contágios, a princípio menos letal, percorre o sul da África, a

Europa Ocidental e ingressa no continente americano. A velocidade com que esta nova variante se difunde faz-nos lembrar a característica globalitária da pandemia, sua íntima vinculação, desde o início, com um capitalismo marcado pela rapidez e a aceleração em todas as esferas – onde a difusão de moléstias não poderia ser diferente. Devastando ambientes naturais liberamos vírus mortais que se sentem à vontade para migrar através de nossos corpos pela Terra inteira. Junto, desenham-se as múltiplas formas de desigualdade que este livro tão bem focaliza. Desigualdades que vão muito além da dimensão socioeconômica, projetando-se – especialmente em continentes “coloniais” periféricos e ainda mais desiguais, como a América Latina, pelas esferas da raça, do gênero e da faixa geracional ou etária.

O racismo violento que nos impregna, herança de uma colonialidade ainda fortemente presente, é denunciado em alguns dos artigos aqui apresentados. A questão de gênero também aparece, através da participação desigual e tantas vezes estigmatizada da mulher no mercado de trabalho, ocupando, por exemplo, a maior parte dos postos no setor de atendimento básico à saúde. Alguns artigos nos mostram como a mobilidade desigual passa a ser um fator fundamental da reprodução capitalista, exacerbada durante a pandemia. Paradoxalmente, os que eram mais móveis – e tinham pleno controle sobre seus movimentos – de forma simplificada, a chamada burguesia global, foram os primeiros a parar e os menos afetados por essa parada e relativo confinamento. Não à toa, durante a pandemia muitos bilionários aumentaram ainda mais suas riquezas.

No outro extremo da pirâmide social, os subalternizados, desempregados ou sem emprego fixo e cada vez mais distantes de direitos fundamentais como, além dos trabalhistas, o direito à saúde e à moradia dignas, viram-se ainda mais vulneráveis e obrigados a se deslocar para assegurar sua mínima reprodução vital. Desse modo, foi preciso “garantir” a mobilidade dessa massa de despossuídos ou precariamente incluídos para que a máquina econômica e social continuasse seu imparável movimento. Em grandes metrópoles periféricas os transportes públicos, já precarizados, tornaram-se ainda mais problemáticos, com diminuição de linhas e horários, subordinando esses trabalhadores a um ritmo ainda mais impiedoso de exploração e tormento.

Os “invisíveis” do título deste livro, subitamente e a contragosto do sistema, tornaram-se de alguma forma visíveis, pois foi preciso discutir minimamente sua condição e “justificar” a necessidade de seu movimento – na definição dos famosos “setores indispensáveis” e que não poderiam de modo algum parar. Lembro que nos primeiros meses da pandemia, na mídia hegemônica brasileira, favelas e periferias repentinamente passaram a ocupar um espaço inusitado no noticiário e nas imagens veiculadas. A situação de penúria vivida pelos mais pobres enfim parecia ter se tornado motivo de preocupação – através de motivos totalmente enviesados, como a contradição entre o reconhecimento de sua condição de “imprescindíveis” e, ao mesmo



tempo, sua situação de extrema vulnerabilidade frente ao contágio. Nesse sentido, o contato dos “invisibilizados”, mais pobres, com os mais ricos, passou a ser marcado pelo aparente paradoxo entre o fato de serem “indispensáveis” e, ao mesmo tempo, “perigosos” propagadores do vírus – ou seja, podemos afirmar, contraditoriamente, que as chamadas classes perigosas nunca foram tidas como tão necessárias a fim de garantir a segurança – sanitária, neste caso – dos mais abnegados.

A própria imprensa parecia ter “descoberto” a situação calamitosa das periferias mais pobres. Mas isso foi por pouco tempo. Todas as ilusões criadas nos primeiros estágios da pandemia logo se arrefeceram. Lembro dos tantos autores, alguns deles renomados, que foram logo descrevendo um “novo mundo”, marcado por lições irreversíveis a um capitalismo que, com a pandemia, escancarava suas mazelas. Ledo engano. Essas ilusões – nas quais pessoalmente nunca acreditei – duraram muito pouco. Logo verificamos que os “invisíveis” voltaram à sua perversa invisibilidade e o “novo normal” era tão velho quanto as contradições do modo de produção que o engendravam. Restava o olhar de estudiosos mais atentos, envolvidos diretamente com os processos em curso – como muitos dos que escrevem neste livro – para que, aí sim, a realidade dos invisibilizados viesse à tona, demonstrando não apenas seus dilemas, agravados pela pandemia, mas também sua capacidade de se (auto)mobilizar, de se solidarizar, de construir laços afetivos, de ajuda mútua, e de tomar iniciativas “de baixo para cima” a fim de minorar os efeitos de mais esta crise.

Como não poderia deixar de ser, muitos dos textos aqui apresentados evidenciam a exacerbação da desigualdade, da opressão e da banalização da morte – via isolamento ainda maior dos ricos e aumento da gentrificação, com processos cruéis de dominação e segregação. Uma das manifestações mais evidentes dessa desigualdade é a habitação, como demonstram os textos de Christina Sakali e Theodoros Karyotis para o caso da Grécia, de Georgia Alexandri para Barcelona e Manuel Torres para a Cidade do México. Por outro lado, há também a ênfase à riqueza de organizações solidárias e iniciativas que se fortaleceram durante a pandemia, como a dos entregadores que trabalham para aplicativos no Brasil (Raul Zibechi), dos recicladores nas ruas de Bogotá (Luiza Tovar), das redes criadas entre moradores de favelas no Rio de Janeiro, tanto no combate direto à pandemia (grupo Nureg) quanto nas ações ligadas à educação (Enio Serra e Roberto Marques), ou das ocupações por moradia digna na Argentina (Hernán Ouviaña e Francisco L’Huillier). Metodologias cruciais, ligadas ao racismo (Mina Kleiche-Dray, César Cisneros), são igualmente acionadas.

Metodologicamente, os trabalhos deste volume envolvem sempre uma perspectiva bastante crítica, tal como sugerido pelos próprios organizadores ao proporem a coletânea, e em vários casos tratam de uma pesquisa-ação, participando de fato no desdobramento e até mesmo nas soluções das problemáticas analisadas. Alguns, com um olhar “periférico” aguçado (como Tássio Cardoso e Iani Costa), investem

em abordagens descoloniais, visando romper com leituras binárias hierárquicas e eurocentradas, dando definitivamente voz aos grupos subalternizados que se tornam praticamente coadjuvantes no processo de conhecimento. Há também autores que investem no fértil diálogo entre conceitos – como é o caso de Nelson Rego e Tiago Rech na transmutação do território em lugar, e vice-versa.

Uma questão geográfica importante mas nem sempre explicitada (como ocorre, por exemplo, no texto de Aritz Anton e Carla Pedrazzani), é a das escalas e o imprescindível reconhecimento das articulações entre elas, concomitante à especificidade escalar de certos fenômenos. Assim, nem tudo que se manifesta numa escala mais localizada é perceptível em escalas mais amplas. Por outro lado, como reconhece Pantelidou, também é muito relevante a questão dos limites ou fronteiras e sua (in)flexibilidade, na redefinição relacional contemporânea entre espaço interior e exterior (ou do cruzamento ambivalente entre eles). O imperioso recurso ao mapeamento também aparece em vários textos, destacando-se neste sentido o “Atlas de las grandezas de lo minúsculo – Covid-19, economía de esparcimiento, contagio y muerte”, de Dario Parra, vinculado ao grupo de Geografia Urbana.

Uma geografia permite, portanto, através das experiências múltiplas reveladas neste livro, desvendar o complexo jogo de visibilidades e invisibilidades constantemente refeito em nosso sistema capitalista moderno colonial. Outras invisibilizações se estabelecem: enquanto a vacina é erigida como a única grande “solução” (como aponta o coletivo de Geografia Urbana neste volume), ocultam-se os verdadeiros responsáveis pela desigualdade e a exploração endêmicas envolvendo ao mesmo tempo e de forma indissociável sociedade e natureza. O outro jogo aqui apontado a marcar táticas e estratégias ao longo da pandemia, aquele entre o prescindível e o indispensável, que no início julgávamos estar indicando quase uma revolução, revelou rapidamente sua verdadeira (e primitiva) face: manter a todo custo a acumulação desigual “imprescindível” aos circuitos hegemônicos no conluio Estado-capital.

Mas este livro é, antes de mais nada, uma evidência clara da força daqueles sujeitos que, mesmo na pior adversidade, somam esforços, reúnem forças de onde podem e, na sensibilidade alimentada pelo próprio cotidiano de dificuldades, lutam e r-existem. “R-existência” é uma expressão potente, presente em alguns dos artigos, revelando ao mesmo tempo a capacidade de resistir e a riqueza do existir, seja porque a luta é efetivamente pela vida, colocada em xeque muito antes da pandemia, mas agravada com ela, seja porque resistência sempre foi sua forma básica de existir, num aprendizado constantemente reiterado para não apenas manifestar uma “resiliência” (termo da moda), como também, sem dúvida, para pensar e realizar novas e múltiplas formas de existência. Quem sabe, num futuro que não seja distante, a luta conjugada desses tantos segmentos dissidentes possa, enfim, afirmar a prioridade que tanto almejamos: expor com toda clareza o que/quem de fato é imprescindível e o quanto,



assim, tantos grupos e classes devem ser (re)conhecidos e visibilizados. A riqueza e a complexidade das experiências aqui apresentadas alimentam nossa esperança pela construção de alternativas que, pautadas ao mesmo tempo na firmeza da crítica e na solidariedade da ação coletiva, representem efetivamente horizontes de sentido e práticas para novos territórios possíveis.

Introducción

“Luchas invisibles en tiempos de pandemia”

Christy Petropoulou (Ciudades Invisibles, U Egeo)

Fernando Matamoros (ICSyH-BUAP)

Edith González Cruz (UIEP)

Panagiotis Doulos (CONACYT/ICSyH-BUAP)

Dionisis Tzanetatos (U Abierta Helénica)

Manuel Alfonso Melgarejo Pérez (ICSyH-BUAP)

Vasilis Georgakopoulos (Ciudades Invisibles U Egeo)

Konstantinos Zafeiris (Ciudades Invisibles, U Egeo)

en colaboración con:

Guillermo López Varela (UIEP)

Stella Mavrogiorgou (Ciudades Invisibles, U Egeo)

Violeta Dimitracopoulou (Ciudades Invisibles, U Egeo)

Naya Tselepi (Ciudades Invisibles, U Egeo)

Ioannis Sotiriou (Ciudades Invisibles, U Egeo)

Mara Zaharaki (Ciudades Invisibles, U Egeo)

Giorgos Dikmanis (Ciudades Invisibles, U Egeo)

La coyuntura de la pandemia del COVID19 ha sido, y probablemente seguirá siendo, un “shock” para todas las estructuras y relaciones sociales del mundo actual globalizado. La velocidad de la propagación del virus y, con ello, la velocidad de imponer medidas epidemiológicas para confrontarlo fue una situación sin precedentes para las democracias burguesas actuales. Estamos ante una nueva coyuntura del *estado de excepción* continuo y normalizado donde los *malos gobiernos* intentan legitimar y naturalizar una injusticia extrema. Durante la pandemia del COVID19 se han vuelto más visibles las características racistas y discriminadoras que predominan en la sociedad. Las estructuras capitalistas han devenido más totalitarias y represivas. Mientras las clases populares sintieron la ausencia del estado social y se quedaron a enfrentar la crisis higiénica con sus propias herramientas, las políticas de la “distanciamiento social” han ido dejando su huella en nuestras relaciones sociales, acelerando el miedo y el rechazo del *otro* (el extranjero, los miembros de la comunidad LGBTIQ+, el pobre, los refugiados, etc.) y contribuyendo al arraigo de posturas fascistas en varias geografías del mundo.

Por su estructura, las ciudades son los lugares principales para la propagación del virus, así como para la implementación rigurosa de medidas de gestión de la pandemia. El debilitamiento de los sistemas de salud nacionales, vulnerables debido a las políticas neoliberales que se implementaron en los últimos años, se mostró ante la actual crisis pandémica. A más de dos años de que iniciaran, es evidente que las medidas de control de la población fueron impuestas para evitar el colapso total de los sistemas de salud. Pero, al mismo tiempo, era inevitable plantear desde el inicio la cuestión sobre cómo evitar la detención total de los flujos mercantiles. En algún momento, la situación parecía no tener respuestas simples, ni resolverse sin contradicciones o agravar aún más lo que estábamos viviendo. Como es evidente, las primeras medidas sanitarias para la contención del virus fueron erráticas (el caso del Reino Unido, por ejemplo, en el manejo de la pandemia fue el más escandaloso entre las llamadas economías del G7). Una vez que fue clara la clasificación entre actividades esenciales y no esenciales, el flujo del capital mantuvo su ritmo.

En realidad, la máquina capitalista nunca se detuvo. La mayoría de la población mundial tuvo que seguir trabajando. Miles de hombres y mujeres, cuyo trabajo fue considerado indispensable o esencial, fueron obligados a arriesgarse y sacrificarse bajo el mandato del “bien común”. Los trabajadores esenciales tuvieron que arriesgarse a usar los medios de transporte público, muchas veces sobrepoblado, y en general, a seguir siendo “productivos” a pesar del costo en vidas humanas. La implementación del “teletrabajo” impuso nuevas formas disciplinarias que intensificaron y llevaron a todos los rincones de la casa la experiencia de explotación. La división entre el tiempo que corresponde a la jornada laboral, el tiempo por el que cedemos el uso de nuestra fuerza de trabajo al capital, y el tiempo de ocio se disolvió. Los sujetos



tenían la obligación de estar disponibles a cualquier hora del día, en cualquier día de la semana, para recibir órdenes laborales. El lema *#quedarse en casa* era en todo caso un imperativo para limitar las actividades en lo que puede ser llamado “tiempo libre”.

En aquellos países con sistemas de salud carcomidos por la austeridad y donde prevalece ampliamente el trabajo informal (como en América Latina), la población que se quedó sin trabajo o simplemente no tenía los recursos para el “trabajo desde casa”, amplió las filas de ese *ejército industrial de reserva* que en los últimos años aumenta de manera acelerada: migraciones forzadas, comerciantes forzados a ser ambulantes, cuerpos prostituidos, niños, niñas, jóvenes y viejos forzados a pedir dinero en las calles, etc. Cuerpos desechables que se enfrentaron al dilema real entre: *morir por el virus o morir de hambre*. Imágenes que contrastan con las cifras que indican la creciente concentración en unas cuantas manos de la riqueza a nivel mundial. No obstante, mientras la mayoría de la población lucha por su sobrevivencia, aparecen constantemente discursos que generan una línea invisible que separa lo saludable de la amenaza contaminante identificada con *l@s pobres* y *l@s marginad@s*, en tanto cuerpos desechables.

Estos han sido momentos en los que sentíamos que la situación de control, de vigilancia bajo un sistema panóptico (Foucault) y de miedo (situación de *shock*), nos inundaba. El *homo economicus* se consideraba como lo más importante y la pandemia se veía sólo como una ocasión de mayor control de la sociedad y de reestructuración del capital. Como siempre el sistema capitalista destruye para vivir. Y esto significa que muchos de nosotros, realmente, ignorábamos si íbamos a vivir o no. En ese momento nos sentíamos invisibles. Pero nuestros encuentros virtuales nos hicieron sentir visibles, por lo menos entre nosotros. Empezamos a buscar y tejer redes de comunicación y lucha, a pesar de esta situación absurda. En todas las geografías nos encontramos gente que ayudaba a otra gente y eso no lo escuchábamos en las noticias de la televisión que, por su parte, difundían el miedo y hablaban de seguir imponiendo el “distanciamiento social”. Incluso, “criticaban” la insuficiencia de las medidas que controlaban la movilidad de la población, como en el caso de México.

El resultado a nivel mundial fue un reordenamiento espacial de la ciudad caracterizado por la vigilancia y el castigo de la población en nombre de la crisis sanitaria. Medidas de control, que antes se consideraban autoritarias y antidemocráticas, se normalizaron durante la pandemia. Una imagen distópica para la que cualquier insubordinación a las órdenes estatales se presentaba frente a la sociedad en su conjunto como una irresponsabilidad individual. Aunque aún es temprano evaluar precisamente hasta qué punto las medidas se tomaron con el fin de “proteger la vida”, o se tomaron ante la necesidad política de evitar un sobrecalentamiento de “la olla de presión social”, o bien bajo la oportunidad política de aprovechar el caso para legitimar medidas de control y represión, o incluso bajo el riesgo político de ignorarlas en favor de la economía

liberal, o todo lo anterior en su conjunto, lo cierto es que cambiaron de manera directa las prácticas de comunicación y socialización y, en consecuencia, el campo político. En este periodo l@s invisibles cubrieron sus rostros para hacerse visibles.

Si en un principio las luchas sociales fueron identificadas con “bombas higiénicas”, culpables de antemano de propagar el virus, también hemos atestiguado iniciativas como la *Travesía por la vida* de los zapatistas que mostró que en esta reconfiguración biopolítica del capitalismo no solamente es posible la resistencia social, sino que también es posible formar líneas de interconexión entre las múltiples y diferentes luchas *de los de abajo* contra la brutalidad capitalista. Las luchas de las mujeres, de las minorías étnicas, de las vidas precarias, en síntesis, el rechazo de la normalidad nueva o vieja capitalista es un movimiento de negación de la economía de muerte presentada como la única vía saludable.

Mientras los expertos sostenían que teníamos que ponernos una máscara con un número bien identificado para ser visibles en las estadísticas y los mapas de distintas geografías cuantitativas, nosotr@s pensando siempre a contratiempo, como ciudades invisibles, elegimos las máscaras zapatistas: tejidas de luchas y sueño y que ven más allá de este mundo de explotación humana. Dentro de este espíritu, consideramos que la Universidad debe verse como un lugar de lucha y participación para el cambio social, así que el grupo de investigación “Ciudades Invisibles” (del Departamento de Geografía de la Universidad del Mar Egeo, Grecia) invitó el grupo de investigación “Subjetividad y Teoría Crítica” de la Universidad de Puebla (México) con la idea de crear este libro durante el inicio de la pandemia. En ese entonces, la idea era producir un libro de luchas sociales como un libro de situaciones distintas, a veces relacionadas entre ellas, a veces no, que se reproducen como rizomas o como redes, y solo algunas veces como ramas de historias continuas. Un libro de luchas por la vida.

Aunque en julio de 2020 igual era temprano para analizar estos cambios sociales, “Ciudades Invisibles” se reunió por primera vez, y luego se encontró con el grupo de investigación “Subjetividad y Teoría Crítica” de la Universidad de Puebla (México) para dar inicio a una primera reflexión y un primer registro de preguntas con la finalidad de compartirlas más tarde a otr@s investigador@s con preocupaciones sociales comunes. Con esto último no queremos limitar nuestra búsqueda a perspectivas teóricas, al contrario, nos interesa ampliar los acercamientos distintos y enriquecer el diálogo a través de conversatorios a escala global. El único requisito es y ha sido la perspectiva crítica y la crítica a las estructuras capitalistas y los acontecimientos que reproducen la injusticia social, política, económica y cultural; la crítica compartida a las discriminaciones racistas y patriarcales, a la indiferencia de los daños al medio ambiente y a las exclusiones socio-espaciales, entre otras. En este sentido, compartimos con l@s autores de este libro y otr@s investigador@s nuestra voluntad de editar un primer análisis crítico sobre esta coyuntura sin precedentes. Gracias a anteriores



colaboraciones académicas y políticas, nuestras inquietudes encontraron el suelo para arraigarse, recordándonos que *no estamos sol@s*.

Pensando en l@s condenad@s a lo invisible, en este libro proponemos una serie de temáticas que tienen como núcleo común el concepto mismo de lo “invisible”. Desde el inicio del Covid19 la narrativa dominante se refería al virus como un “enemigo invisible”. No obstante, mientras las consecuencias se profundizan, se entiende que el enemigo es el sistema dominante. No es el virus en abstracto, sino un enemigo a veces organizado, a veces espontáneo, pero que condena a lo invisible a los pobres, desemplead@s, precari@s, marginad@s, encarcelad@s, violad@s) o l@s que están en un proceso de invisibilidad, l@s neo-invisibles. Por eso nos interesan las consecuencias que tiene esta “guerra” biopolítica contra l@s invisibles y las formas en que se organizan para sobrevivir y resistir. ¿Cómo generan o simbran semillas de solidaridad para desafiar la injusticia y la discriminación social, el desastre ecológico, el orden patriarcal, el capitalismo y el pensamiento colonial e imperialista?

La intención inicial de grupo “Ciudades Invisibles” era la edición de un libro electrónico (*e-book*) y un e-Atlas que sirviera para espacializar los fenómenos anteriores y resaltar las resistencias creativas de lo invisible, contribuyendo así – a través de una investigación-acción – a la conexión de las acciones correspondientes y las cartografías críticas de activistas internacionales invisibles en los medios de comunicación dominantes. Aparte de las dificultades por las distancias entre los mundos en el mundo, este viaje entre mundos en el mundo, obligatoriamente, creará posibilidades de interacción telecomunicativa que, por supuesto, dejará huellas en los resultados. Nuestra intención es que, desde diferentes geografías, este libro visualice un mundo subterráneo que lucha por un mundo mejor contra el embrutecimiento de las formas capitalistas. En este marco les presentamos algunos enfoques de los much@s que, por suerte, recibimos. Enfoques teóricos-empíricos, transdisciplinarios, observativos, pero sobre todo críticos hacia el orden actual. En este libro e-book también incluimos textos que recibimos para el e-Atlas (en construcción).

EL PRIMER VOLUMEN DE ESTE PROYECTO HACE REFERENCIA A LAS UTOPIÁS, DISTOPÍAS, LUCHAS SOCIALES Y CULTURALES POR LA VIDA EN TIEMPOS DE PANDEMIA

En la primera sección, inspiradas por las palabras zapatistas, pensando en las grietas en el muro capitalista distópico actual, que nos hacen imaginar otros mundos posibles, presentamos algunas reflexiones sobre la pandemia actual. Empezamos con discusiones teóricas entre las distopías y utopías que se han generado en el contexto sanitario de la Covid19. El apartado comienza con un texto de Panagiotis Doulos y Edith González, en el que se hace un análisis de lo que también se ha llamado la “coronacrisis”.

L@s autores buscan no solo revelar los procesos violentos de confinamiento, sino también las prefiguraciones y potencialidades que se están creando en contra de las lógicas de dominación. Desde Grecia, en este viaje por múltiples mundos, el capítulo de Konstantinos Zafiris nos habla de la pandemia como crisis y oportunidad. Es decir, cómo las medidas de confinamiento configuraban al ser humano únicamente como un sujeto productivo, mientras, argumenta que la actividad social, como el mismo ser humano, va en contra y más allá del trabajo. En el capítulo posterior, Mara Zaharaki presenta la resistencia del arte y la crónica de las actividades artísticas en tiempos de pandemia. Finalmente, esta sección termina con un texto de Michalis Psimitis, quien analiza las políticas públicas que impuso el estado griego al comenzar la pandemia. El autor destaca cómo estos discursos y prácticas institucionales de sanidad invisibilizan los condicionamientos estructurales del capital y las resistencias sociales mediante nuevos mecanismos de control y vigilancia.

En la segunda sección, encontramos dos textos que hacen referencia a los procesos de resistencia, lucha y búsqueda de nuevas formas de expresión en el contexto zapatista. Los textos de Christy Petropoulou y Fernando Matamoros analizan la propuesta de los ideales y posiciones políticas de Ultra-mar de los zapatistas. Christy Petropoulou indaga en conceptos como autonomía y caracol y, sobre todo, piensa las cuestiones de los rizomas, ritornelos y líneas de fuga para las luchas invisibles, poniendo en comunicación diferentes lugares simbólicos de viajes zapatistas. Mientras que, Fernando Matamoros pone a discusión las formas temporales y ritmos de representación en esta puesta en escena política del viaje zapatista a Europa. En el siguiente capítulo, pensando a las luchas contra los megaproyectos, encontramos un texto colectivo de Lucia Linsalata, Paulino Alvarado y Rodrigo Hernández en el que se describen de manera crítica las distintas formas de organización, como la asamblea, a través de la experiencia del Frente de Pueblos en el contexto del Megaproyecto del Tren Maya, en el sur de México. Después, Rosa Marina Flores Cruz y Lucila Bettina Cruz Velázquez piensan en las resistencias durante la pandemia y la búsqueda por mantener la colectividad en las estrategias de lucha de la APIIDTT. En las mismas latitudes oaxaqueñas, hallamos el capítulo de Aline Zárate, quien muestra las diferentes maneras en las que se representa la vida y la tradición en el contexto del COVID en el Istmo de Tehuantepec.

En la tercera sección, encontramos textos que hacen referencia a las representaciones visuales, psicogeografías y las luchas culturales cotidianas. En un primer capítulo, encontramos un texto de Abraham Nahón, quien, mediante la fotografía, desmenuza lo que se representa en esas imágenes en conjunción con la memoria en el contexto pandémico de comunidades oaxaqueñas. En un siguiente capítulo, Javier Ruiz desentraña un abanico de complejidades en la resistencia de dos espacios diferentes, pero tan comunes, como pueden ser las luchas en Oaxaca y Nicaragua contra



los autoritarismos estatales. El siguiente capítulo colectivo, escrito por Manuel Melgarejo, Fernando Matamoros y Guillermo López, encontramos un análisis urbano en el que los sujetos invisibles resignifican los sitios arqueológicos o espacios patrimoniales de la ciudad de Puebla. En las mismas alturas, Guillermo López Varela busca las utopías coquinarias en la región *ngigua* poblana, bajo la pandemia de COVID19 y la alimentación como forma de lucha. Finalmente, Alberto Betancourt Posada conecta el pensamiento de tradición de rebeldía y cultura popular de Damianakos con las prácticas cotidianas alimentarias del mundo indígena a Abya Yala Afro América Latina buscando recuperar el territorio y volver Jiwasa (un nosotros con la tierra).

En la cuarta sección, encontramos textos que hacen referencia a los espacios rebeldes invisibles en México y Chile. Manuel Garza analiza la invisibilización como un proceso de negación de los movimientos sociales en el contexto de la pandemia del COVID19. El autor destaca cómo la pandemia concentra discursivamente la peste como potencialización de ocultamiento de los condicionamientos del Capital. Posteriormente, sigue el capítulo de Perla Fernández, quien escudriña de manera crítica cómo han vivido la pandemia los trabajadores agrícolas del borde urbano, específicamente en Xochimilco (Ciudad de México). Sabeli Sosa Díaz presenta de manera crítica la historia de luchas urbanas y territoriales antes y durante la pandemia en el Valle de Cholula, Puebla.

En el contexto específico de Chile, Roberto Longoni y Alfonso García contribuyen al entendimiento antagónico de la insurrección social que se dio en el sur del continente americano. Desde otro punto de vista, de psicología social y *sociología peligrosa*, César Cisneros y Vanessa Jara Labarthé traen la palabra de los sintecho que viven en el norte de Chile. En las mismas alturas, buscando siempre l@s luchas invisibles, Yasna Contreras, María Fragkou, Tamara Monsalve y Beatriz Seguel encuentran a lxs invisibles de la minería que luchan por el acceso al agua y la vivienda en la ciudad de Antofagasta contra la situación de despojo generada por la hidra capitalista.

EL SEGUNDO VOLUMEN DE ESTE PROYECTO HACE REFERENCIA A LOS ESPACIOS URBANOS DESDE EL PUNTO DE VISTA DE GEOGRAFÍA CRÍTICA ANTIRACISTA

La primera sección comienza con un texto de Raúl Zibechi. El autor pone en la palestra las distintas formas de organización de los repartidores (*delivery*) en las ciudades, una apuesta por la visibilización de estos procesos de “uberización” de las economías en las urbes. En el siguiente capítulo, Nelson Rego y Tiago Bassani Rech piensan en la noción del territorio como espacio vivido de un amor insurgente. Platicando con habitantes de favelas de Porto Alegre, concluyen en una visión dialéctica entre lugar territorializado y territorio lugarizado. Siempre en el espacio urbano periférico de

Brasil, y desde un punto de vista decolonial rebelde, el grupo de autores de NUREG/UFF, Anna La Marca, Marina Amaral, Paul Schweizer, Lai Bronzi Rocha, Leila de Oliveira Lima Araujo, Thais Matos, Timo Bartholl y Yago Evangelista platican con representantes de las resistencias creativas de Río de Janeiro, y proponen unas *cartografías da solidariedade pandêmica*. En el siguiente capítulo, y desde un punto de vista Lefebvriano crítico de las prácticas higienistas discriminadoras, el laboratorio CNPq de Geografía urbana: La vida cotidiana y lo urbano y sus colaboradores (Amélia Luisa Damiani, Daniela Dias Marinho, Dario Parra, George Giafiologra, Evânio dos Santos Branquinho, Flávia Elaine da Silva Martins, Glauco Roberto Gonçalves, James Amorim Araújo, Kauê Avanzi, Lourdes de Fátima Bezerra Carril, Luciano Ximenes Aragão, Márcio Piñon, Marcio Rufino Silva, Odette Carvalho de Lima Seabra, Ricardo Baitz, Ricardo Oliveira Santos, Rodison Roberto Santos, Rosalina Burgos, Thauany Freire, Ulysses da Cunha Baggio) presentan un amplio trabajo colectivo sobre diferentes lugares como una constelación de fragmentos de Brasil en Pandemia, vistos como aforismos de la crisis. El mismo grupo critica todo el pensamiento del *homo-economicus* que transforma el mundo en números y mapas abstractos. El video de entrevistas nos da otra visión de las territorialidades urbanas y regionales en São Paulo, Brasil. En la misma perspectiva Dario Vargas Parra propone un Atlas de las Grandezas de lo Minúsculo sobre la divulgación de la COVID19, de la economía de esparcimiento, de contagio y muerte. Siempre en el continente de Brasil, desde un punto de vista rebelde afro-indio-brasileño quilombola, Iany Elizabeth da Costa platica con las mujeres quilombolas de Paraíba y busca sus maneras de re-existir dentro de la pandemia. En el siguiente capítulo, Tássio Simões Cardoso, desde el punto de vista educativo de Freire y de la economía solidaria, concibe al turismo de base comunitaria quilombola de Bahía como una praxis educativa decolonial y transmoderna. Al final, Enio Cerra y Roberto Marques, inspirados de los trabajos de Franz Fanón, y de una perspectiva crítica educativa, buscan las invisibilidades en la metrópoli de Río de Janeiro dentro de la pandemia y las luchas por el derecho a la educación.

En la segunda sección, con la misma perspectiva de teoría crítica anticolonial de geografía urbana, encontramos textos que hacen referencia al derecho a la ciudad y la autogestión en México, Argentina y Colombia. Al inicio, Hernán Ouviaña y Francisco L'Huillier, con una referencia teórica a los trabajos de Antonio Gramsci y Henri Lefebvre, platican con los seguidores de los piqueteros y participantes en la huelga de hambre en el Obelisco, Buenos Aires. Los autores exponen las iniciativas por vivienda digna durante la pandemia, iniciativas solidarias y rebeldes que crean otros mundos dentro de espacios urbanos periféricos. Desde Colombia, Luisa Fernanda Tovar Cortés observa los entramados comunitarios para la reproducción de la vida de la gente que trabaja en el reciclaje de los residuos. Para finalizar la segunda sección del libro, Aritz Tutor Anton y Carla Eleonora Pedrazzani comparan espacios urbanos



mexicanos y argentinos que viven la pandemia. Las autoras presentan reflexiones sobre las escalas espaciales del capital, de las resistencias y del re-existir.

En la tercera sección, con una perspectiva de geografía urbana crítica y anticolonial en el contexto europeo, encontramos textos sobre la segregación urbana socio-espacial invisibilizada. En el contexto griego, Christina Sakali y Theodoros Karyotis, en el primer capítulo, analizan cómo el imperativo #QuédarseEnCasa es imposible para aquellos invisibles que ni siquiera tienen un techo para resguardarse. El capítulo destaca las múltiples expresiones de negatividad de los “condenados de la tierra”. En el siguiente capítulo, Charikleia Pantelidou nos propone una mirada crítica de la segregación socioespacial y de las comunidades cerradas en el contexto de la pandemia. Dentro de la perspectiva crítica de Neel Smith, Georgia Alexandri analiza los procesos de gentrificación en Barcelona. A su vez, Yiannis Sotiriou analiza la gentrificación verde, la segregación socioespacial y las luchas sociales por la apertura de los parques urbanos como espacios de los comunes en tiempos de pandemia. Cerrando el libro, pero abriendo la discusión, encontramos el capítulo de Mina Kleiche-Dray sobre el racismo dentro de las ciudades europeas, en la ciudad de París. La autora se pregunta si el racismo forma parte de las desigualdades en Francia.

Somos conscientes de que existen riesgos en la oscuridad durante los tiempos de crisis capitalista y repeticiones de lo Mismo. Sin embargo, con estas contribuciones críticas esperamos concurrir en las posibilidades de ir más allá del lenguaje de la dominación. Por eso, desde la práctica del conocimiento en diversos espacios de resistencia contra la producción del valor, y con la terquedad y perseverancia en medio de la situación que estamos viviendo, esperamos que las lecturas de estas páginas ayuden a seguir pensando potencialidades en los torbellinos de manantiales y ríos múltiples de las resistencias contra la violencia cotidiana. En otras palabras, esperamos que el desafío de estructurar pensamientos críticos y diversos en este libro ayude a entretejer hilos de coherencia del sentido humano en los diálogos de complicidad y política. Espacialidades donde, a pesar de toda la violencia, creemos siguen resonando raigambres de esperanza, ecos entreverados de voces y paisajes del pasado en el presente de las luchas contemporáneas contra el asedio del capital. Como los zapatistas del siglo XXI, los textos que se ofrecen en este libro, consideramos, son palpitaciones de corazones en diversos lugares de la geografía capitalista que siguen luchando contra el destino de esa muerte instrumentalizada por los mitos del progreso y civilización capitalista.

La dictaminación - evaluación de cada texto separado fue hecha por parte del grupo editorial y de otr@s académic@s, profesor@s y investigador@s. L@s agradecemos por su indisputable oferta de ayuda: Abraham Nahón, Lucia Linsalata, Javier Abimael Ruiz García, Alberto Betancourt Posada, Rodrigo Hernández, Paulino Alvarado, Aline Zárate Santiago, Maria Fragkou, Carla Eleonora Pedrazzani, Perla Yan-

nelli Fernández Silva, Timo Bartholl, Francisco L'Huillier, Sabeli Sosa Díaz, Enio Cerra, Roberto Marques, Nelson Rego, Mara Zaharaki, Charikleia Pantelidou.

I.
**Territorialidades
urbanas-regionales y luchas
sociales en Brasil**

I

Mobilización y organización de repartidores durante la pandemia

Raúl Zibechi

Periodista, activista e investigador uruguayo especializado en movimientos sociales latinoamericanos

Doctor Honoris Causa, Universidad Mayor de San Andrés

Premio Latinoamericano de Periodismo José Martí

Correo electrónico: raulzibechi@gmail.com

Una de las novedades positivas que se produjeron durante la pandemia de coronavirus, es la movilización y la organización de miles de repartidores precarios que trabajan para aplicaciones, sin la menor regulación ni derechos laborales. A grandes rasgos pueden observarse dos grandes tendencias: la protesta en la calle y la creación de cooperativas para ganar en dignidad y autonomía.

El 1 de julio fue una jornada de movilizaciones de repartidores en las principales ciudades brasileñas (<https://www.youtube.com/watch?v=q9C11qhH3jQ>). Miles de jóvenes con sus motos y bicicletas se concentraron y manifestaron en avenidas. El objetivo fue paralizar la entrega de comidas de tres grandes empresas del sector: Ifood, Rappi y Uber Eats. Como parte de la jornada de protesta, pidieron a los consumidores que los apoyaran no haciendo pedidos a través de las aplicaciones.

El movimiento comenzó en Sao Paulo tres meses atrás, en el shopping Plaza Sur, donde diariamente se reúnen decenas de trabajadores a la espera de ser llamados para un *delivery*. Uno de los grupos más activos, “Entregadores Antifascistas” (Repartidores Antifascistas), participó desde el principio en las movilizaciones contra el gobierno de Jair Bolsonaro (<https://www.youtube.com/watch?v=iTVhpgxH8dY>). Los videos de los repartidores tuvieron enorme acogida en las redes sociales.

Sus demandas giran en torno a una mayor transparencia en las formas de pago adoptadas por las plataformas, el aumento de los valores mínimos para cada entrega, más seguridad y el fin de los bloqueos y de las “exclusiones indebidas” de repartidores (<https://glo.bo/38QJDPy>).

Durante la pandemia comenzaron a menguar los ingresos, con una reducción de un tercio de lo que cada repartir percibe. Algunos de los aseguran que aún trabajando doce horas todos los días, no consiguen un ingreso adecuado. La disminución de los ingresos contrasta con el aumento considerable de los pedidos durante la pandemia.

Muchos repartidores se quejan de que no comprenden la lógica del algoritmo. Rodrigo Carelli, del Ministerio de Trabajo y de la Universidad Federal de Rio de Janeiro, explica que “los aplicativos son opacos por naturaleza” y muy pocas personas pueden comprender cómo funcionan. “El hecho que los trabajadores no entiendan cómo funciona, no es algo accidental sino intencional, está en la naturaleza de las plataformas” (<https://glo.bo/38QJDPy>).

La empresa Rappi, admitió que “el precio del flete varía de acuerdo con el clima, el día de la semana, el horario, la zona de entrega, la distancia a recorrer y la complejidad del pedido”, según el citado reportaje. Sin embargo, son decisiones unilaterales en las que no participan los repartidores.

La segunda tendencia que se registra es la creación de cooperativas de repartidores, en las más variadas geografías. El movimiento *Coop Cycle* es la cara más visible en los países del Norte (<https://www.youtube.com/watch?v=VrtnZHJ2Ha8>). Se trata, según dicen en su página web, de “una federación de cooperativas de entrega por bicicleta” que es “gobernada democráticamente por las cooperativas”. Se apoya en la solidaridad, la reducción de costos mediante la mutualización de los servicios y “una fuerza colectiva para negociar y para defender los derechos de lxs repartidorxs” (<https://coopcycle.org/es/>).

Se han creado otras cooperativas locales, como *La Pájara* en Madrid. Proviene de experiencias precarias en Glovo y Deliveroo y defiende “un proyecto sólido y sostenible, desarrollando oportunidades de trabajo seguro y digno” (<https://lapajaraenbici.com>). Declaran fomentar “la gestión democrática para apoyar el consumo responsable y el comercio de proximidad”, se inspiran en el ecologismo y en experiencias de cooperativas previas en Alemania e Italia.

La Pájara defiende un “reparto ético y cercano”, en tanto *Mensakas* en Barcelona



propone un “reparto responsable” que permita un empleo digno para los repartidores (<https://www.mensakas.com>). *Mensakas* agrega que se propone formar una red de economía social y solidaria y fomentar la colaboración con otras cooperativas en base a la ayuda mutua. Ambas se orientan hacia el comercio de proximidad, el consumo responsable y el respeto por el medio ambiente.

En América Latina también surgieron organizaciones de repartidores, algunas vinculadas a los sindicatos, como el Sindicato de Motociclistas, Mensajeros y Cadete en Córdoba (Argentina), que formaron la Cooperativa Motomandados en marzo de 2019.

El profesor de Derecho Sidnei Machado, de la Universidad Federal de Paraná (Brasil), sostiene que la huelga del 1 de julio en su país fue convocada por “colectivos horizontales en comunidades dispersas”, que el movimiento cuenta con “el apoyo y el impulso organizativo de centrales sindicales y sindicatos de clase” y con la solidaridad de consumidores de los servicios de las plataformas (<https://bit.ly/2CpgxdM>).

Por eso cree que la huelga pasada forma parte de la lucha de los trabajadores. El hecho de que miles de jóvenes precarios que habitualmente compiten entre sí se hayan organizado y movilizado, es para Machado una muestra de esperanza. Lo ha impulsado el hecho de que durante la pandemia estén trabajando más horas en peores condiciones, pero ganando menos. “La crisis del COvid19 sirvió sólo para acentuar las peores prácticas de las empresas que usan la pandemia para modificar las condiciones de trabajo”, apunta Machado.

Por otro lado, asegura que las plataformas no tienen interés en dialogar siquiera con los repartidores, ya que “confían mucho en su capacidad de control del proceso de trabajo y en la potencialidad para evitar la resistencia colectiva de los repartidores”.

Machado puso en pie una Clínica de los Repartidores pro Plataformas Digitales, en 2019, en el marco de la Clínica del Derecho al Trabajo. En base al estudio de las empresas del sector, asegura que “las plataformas reconfiguran sustancialmente la naturaleza del trabajo”, ya que la tecnología les permite “ocultar la relación empleado-empendedor por la gobernanza digital”, produciendo una aguda “desconexión entre trabajo y derechos”.

Aunque apuesta a crear una jurisprudencia en la materia, parece evidente que sin la acción colectiva nada va a cambiar. La super-explotación del capitalismo de las grandes plataformas, parece estar encontrando límites con la organización y la protesta de nuevos actores colectivos, jóvenes de los sectores populares urbanos.

2

Fragmentos de Brasil en Pandemia: aforismos de la crisis

Amélia Luisa Damiani

Profa. Dra. Titular Sênior, Departamento de Geografia e Investigadora, Laboratório de Geografia Urbana, LABUR, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, Brasil
Correo electrónico: ameluisa@usp.br

Daniela Dias Marinho

Profa. de Geografia e Investigadora del doctorado en Geografía Humana, Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, Brasil
Correo electrónico: daniela.m@gmail.com

Dario Parra

Dr. en Artes Visuales, Investigador de postdoctorado, Geografía, Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, Brasil. Becario: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES, n. 88887.372063/2019-00
Correo electrónico: fernhoren@gmail.com

George Gialfalogra

Evânio dos Santos Branquinho

Prof. Dr. Asociado, Instituto de Ciências da Natureza, Universidade Federal de Alfenas, Unifal, Minas Gerais, Brasil
Correo electrónico: evanio.branquinho@unifal-mg.edu.br

Flávia Elaine da Silva Martins

Profa. Dra. Associada, Departamento de Geografia, Programa de Pós-Graduação em Geografia de la Universidade Federal Fluminense, UFF, Rio de Janeiro, Brasil
Correo electrónico: fesmartins@id.uff.br

Glauco Roberto Gonçalves

Prof. Dr. Adjunto, Universidade Federal de Goiás, UFG, Goiás, Brasil
Correo electrónico: glauco.goncalves@ufg.br

James Amorim Araújo

Prof. Dr. Titular, Departamento de Ciências Humanas, Campus V, Universidade do Estado da Bahia, UNEB, Bahia, Brasil
Correo electrónico: jamesaraujo43@gmail.com

Kauê Avanzi

Prof. Mtro., Instituto Federal do Paraná, Campus Paranaguá, IFPR, Paraná, Brasil.
Investigador del doctorado, Geografia Humana, Universidade de São Paulo, USP
Correo electrónico: kaue.av@gmail.com

Lourdes de Fátima Bezerra Carril

Profa. Dra. Investigadora, Departamento de Geografia, Turismo e Humanidades, Universidade Federal de São Carlos, Campus Sorocaba, UFSCar, São Paulo, Brasil
Correo electrónico: lourdescarril@ufscar.br

Luciano Ximenes Aragão

Prof. Dr. Adjunto, Departamento de Geografia, Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ, Rio de Janeiro, Brasil
Correo electrónico: lucianoximenes@yahoo.com.br

Márcio Piñon

Prof. Dr. Titular, Departamento e Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense, UFF, Rio de Janeiro, Brasil
Correo electrónico: marpinon@hotmail.com



Marcio Rufino Silva

Prof. Dr. Adjunto, Departamento de Geografia, Instituto de Agronomia, Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGGEO), Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, UFRRJ, Seropédica, Rio de Janeiro, Brasil
Correo electrónico: marciorufis@gmail.com

Odette Carvalho de Lima Seabra

Profa. Dra. Livre-Docente, Departamento de Geografia, Investigadora, Laboratório de Geografia Urbana, LABUR, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, Brasil
Correo electrónico: odseabra@usp.br

Ricardo Baitz

Prof. Dr., Faculdade de Tecnologia de São Caetano do Sul - Antonio Russo, Fatec SCS, São Paulo, Brasil
Correo electrónico: ricardo@baitz.com.br

Ricardo Oliveira Santos

Prof. de Geografia, Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, Investigador de maestria, Geografia Humana, Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, Brasil
Correo electrónico: contatoricardo.o.s@gmail.com

Rodison Roberto Santos

Dr. em Filosofia, Investigador de postdoctorado, Filosofia da Educação, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, Brasil
Correo electrónico: rodisonster@gmail.com

Rosalina Burgos

Profa. Dra. Investigadora, Departamento de Geografia, Turismo e Humanidades, Universidade Federal de São Carlos, Campus Sorocaba, UFSCar, São Paulo, Brasil
Correo electrónico: rburgos@ufscar.br

Thauany Freire

Investigadora de doctorado, Geografía Humana, Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, Brasil. Becaria: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, FAPESP, n. 20/06119-3

Correo electrónico: thauanyvbp@gmail.com

Ulysses da Cunha Baggio

Prof. Dr. Asociado, Investigador, Departamento de Geografia, Universidade Federal de Viçosa, UFV, Minas Gerais, Brasil

Correo electrónico: ulybaggio@ufv.br

AUTORES: Miembros del Grupo de Investigación del CNPq Geografía urbana: la vida cotidiana y lo urbano (<https://geourbanacotidiano.wordpress.com/>), y otros investigadores



DILEMA MUERTE Y VIDA – PRÓLOGO

Un cuerpo demacrado,
Sin aire,
Ahogándose en lo seco,
Pero que compulsivamente persiste en respirar.
La vida le huye.
Como agua que se retira de una vasija
Y se escurre entre los dedos.
¿Cómo no tener miedo de la muerte?
¿Como quedar pasivo frente a lo abyecto
Que avanza sobre nosotros?
Yo quiero la vida, pero ella me escapa.
Inspiro lo que aún hay de su presencia,
Expiro la muerte que me inunda,
Hasta el último suspiro.

I

En 2006, escribimos *El futuro del trabajo* (DAMIANI. et al., 2006) obra colectiva y con dirección precisa: para ir más allá de los muros de la Universidad, a partir de ella. El “desempleo estructural”, del final del siglo XX e inicios del XXI, nos movilizó. Él era acompañado de aprehensión tardía de los sindicatos laborales y de todo orden de representaciones ideológicas, religiosas y políticas, de recuperación fantasiosa de la crisis del trabajo: tiempos y espacios colonizados por la mística de reproducción de millones de nuevos empleos, bajo el dominio de la superación ilusoria de esa crisis social. La crisis del capital (crisis de valorización del valor), aún a costas de la proletarianización agigantada y la precarización de la masa trabajadora, fundamentaba la contraposición necesaria del conocimiento-acción propuesto, a través del libreto, definiendo su subtítulo: *Elementos para la discusión de las tasas de plusvalía y lucro*.

De este momento en adelante, las estructuras de proletarianización se profundizaron en las grandes ciudades, especialmente, pero no exclusivamente, involucrando todo el país, señalando aquí la simultaneidad de la crisis mundial del trabajo. Los espacios más proletarianizados pasaron a tender a autoadministrarse, delante de un vacío de las políticas públicas estatistas, a ellos dirigida, confirmando la socialización crítica por el capital y la prevalencia del neoliberalismo como gobernanza. En esta sociedad de necesidades, esta población se “autoemprende”, con servicios y comercios localizados; formas de organización social que tiene como paraguas mistificado

el emprendedorismo, *emprendedorismo local*, así designado por sus líderes. En la crisis del trabajo aparecen los gerentes de su propia sobrevivencia. Durante la pandemia, exactamente, estas formas de organización locales prevalecieron en apoyo a la población más contaminada, centralizada en esos espacios proletarizados, los del centro antiguo, los de los barrios populares, y preferencialmente, los de las periferias urbanas metropolizadas y de las periferias de todas las ciudades y el campo, “el tejido urbano prolifera, se extiende, corroe los residuos de la vida agraria”, “recubierto de masas informes de residuos urbanos” (LEFEBVRE, 1970, p. 10). Esta población, por lo tanto, tiene formas particulares de expresarse, inclusive culturalmente, y de sobrevivencia, de las localizadas a las partícipes de un juego aún mayor, que la hace transitar por todo el espacio, movilizándose por empleos domésticos, de servicios varios, empleos comerciales e industriales informales, empleos intermitentes. La formalización del trabajo la alcanza precariamente. Eran los más pobres al trabajo, de todos modos, a pesar del distanciamiento exigido, y sometidos a los modos de amenaza de muerte, como el de las milicias, o a las organizaciones sociales con experiencia, más o menos despolitizadas, esto es, aquellas que abdicaron de estrategias de transformación social abarcadoras, pues nuestra época expone la crisis histórica de la revolución social total. La pandemia registró, con nitidez, ese abismo social abierto, que internalizamos y mantenemos como natural, sometidos a la realidad social del neocapitalismo en las periferias del mundo, de las cuales Brasil hace parte. Cabe la formulación conceptual del sentido de la fragmentación social, espacial y de los límites de las formas de separación. Socialmente, la miseria social y urbana expone la imposibilidad de la separación administrada médica y políticamente. No hay espacio doméstico, transportes y condiciones de trabajo para mantener la separación. Al contrario, la crisis dineraria de la población proletarizada se torna crisis de vivienda, exponiendo el regreso a la favela¹ y al hambre. Aún la pandemia, en nuestro país, implica ritmos de adiestramiento, siguiendo conductas médico-políticas, más o menos, internacionalizadas, tensionadas por posicionamientos extremos de su negación y procedimientos de reducción de daños de la enfermedad, que, en lo mínimo, exigen como supuesto la cotidianeidad asegurada — casa, comida y trabajo —; y está en causa. La separación exige la funcionalización de las actividades y de los espacios. La urbanización mercantilizada como agrupamiento necesario de personas y su unión en la separación; en la pandemia, es crisis de esa separación administrada. Y se despliega en tácticas de separación, postuladas en sus propias áreas periféricas, por sus organizaciones sociales, que dividen los espacios más concentrados y separan los enfermos contaminados. Y enfrentan el aumento de la violencia doméstica en las favelas, en las pequeñas residencias, que abrigan conjuntos familiares extendidos y la imposibilidad de su separación física, sometida al ritmo del aire producido como tóxico e hilo conductor de la enfermedad pandémica.



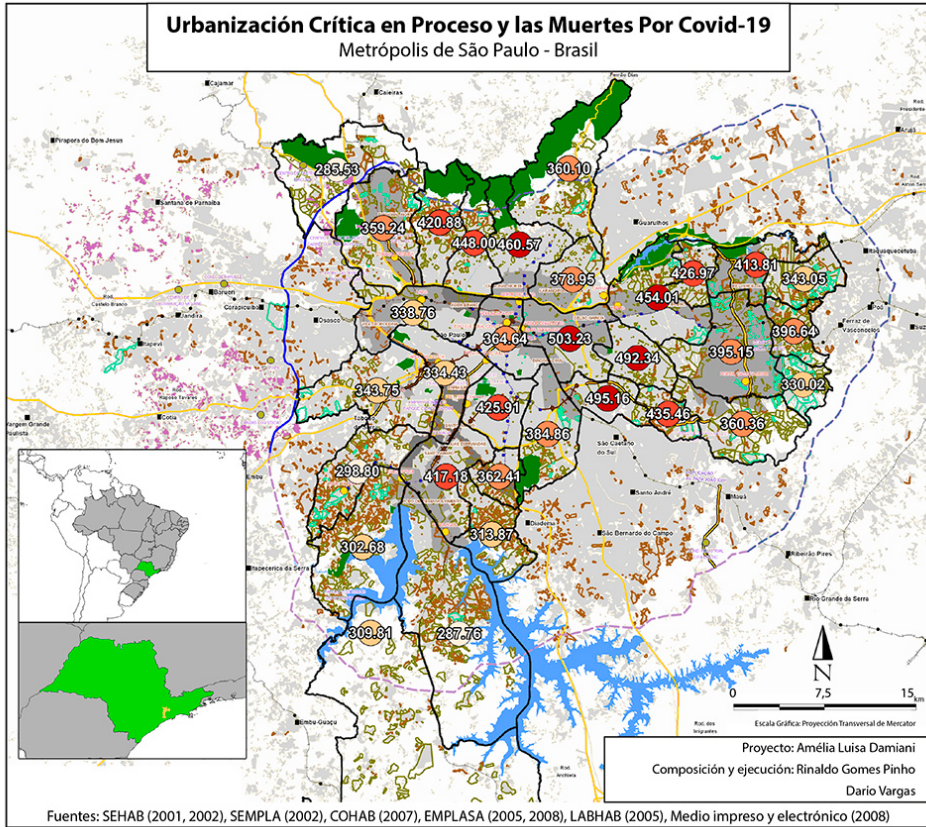
Bajo el espectáculo mediático de la economía y política espectaculares, esa masa proletarizada busca adecuación a duras penas o algún aliento contestatario más o menos momentáneo. La pandemia mundial es la mortalidad catalogada, para seguir adelante en la gestión de la barbarie. Aquí, en la barbarie, en la metrópolis periférica del mundo, en escalas regionales y locales varias, la reiteración de los escogidos de siempre: los superficializados que, viviendo o muriendo, gestan el presente de la modernización del mal económico. El mapa *Urbanización Crítica en proceso en la Metrópolis de São Paulo* (fig.1), agregando el dato de mortalidad en la pandemia, revela esa preferencia trágica. En Brasil, el desempleo pasa del 14% de la población (www.ibge.gov.br) acceso el [16/08/2021]. Son más de 30 millones de personas, entre los más proletarizados (diciembre de 2020), con ascensión de ese índice. (<https://www.correiobraziliense.com.br/economia/2020/12/4896812>) acceso el [07/02/2021].

Bajo la pandemia, prevalecieron formas de lucha por la sobrevivencia inmediata, ajustando la vivienda perdida, a través del condensamiento en las favelas; monitoreando los enfermos y separándolos; descentralizando la gestión popular en las grandes favelas, con monitoreo compartido — en el caso de Paraisópolis, en São Paulo, favela de 100 mil habitantes, a cada 50 familias cabía una gerencia propia — los colectivos populares existentes enfrentaron, contingentemente, la enfermedad, proveyendo tanto cestas básicas como material de seguridad necesarios y reiteraron su descrédito al apoyo gubernamental sustancial, aunque este se agigante en las formas de representación mediática. Con el pasar de la pandemia, los recursos reunidos escasearon. Estamos en este momento de recrudescimiento social.

Al escribir la Ideología Alemana, Marx y Engels (ENGELS, MARX, s/d, p. 73) mencionan la popularidad de la mecánica, en el siglo XIX. Era la gran maquinaria en formación. La perspectiva multidisciplinar, actualmente, expone la importancia de las mutaciones químicas, internas a la transformación epidemiológica fundamental. Los negocios económicos intensivos, en la agroindustria mundializada y en las formas de circulación de ese capital, que responden por la mundialidad planetaria de las mercancías producidas, transmiten patógenos, fuera de sus hábitats cercenadores de transmisión humana, con la devastación de las selvas y con formas depredadoras de hombres y recursos naturales, como el coronavirus, con más de una decena de linajes en Brasil, denotando sus mutaciones genéticas en la contaminación por covid-19, vehículo de su exposición más reciente. De modo general, la movilización por circulación mercantil exponencial pasa a ser la transmisora patogénica. La crisis es mundial, desde el punto de vista de la economía política y planetaria, como su consecuencia predatoria. En la centralidad del proceso modernizador en Brasil, en São Paulo, las muertes y contaminados expresan el arrasamiento de este mal económico. Pero este ya estaba, hace tiempos, puesto en sus orígenes: en el agronegocio, en la minería predatoria, en la miseria humana producida, que circulaban.

La composición de valor de la producción de la mayoría de las mercancías de esos negocios (y de otros, aquí incluidos los negocios de la urbanización) pone, además del componente de financiarización, predatorio de la valorización del valor, la reducción de los costos de fuerza de trabajo y de las materias primas, costo humano y natural de su intensificación. Abonos excesivos y tóxicos, enfermedades transmisibles por la manipulación de alimentos y sus componentes, en su producción y consumo, se generalizan. Se trata de una economía de la muerte, de geografía extensiva e intensiva, con mutaciones ecológicas drásticas a la preservación de la vida humana.

La totalidad de los contaminados en São Paulo llegan a más de 2.026.125 casos, y totaliza 59.129 defunciones, con tasa de letalidad encima del 2,92%, mientras en Brasil, los casos de covid-19 llegaron a 10.455.630 con 252.835 muertes, a una tasa de letalidad del 2,42% (<https://www.google.com/search?q=taxa+de+letalidade+coronavirus+brasil&oq=taxa+de+letalidade&aqs=chrome.1.69i57j0l2j69i60l2.8534j0j7&>) Acceso el [27/02/2021]. En Amazonas existen 313.911 casos de la enfermedad con 10.784 muertes y una tasa de letalidad del 3,43%. Rio de Janeiro tiene más de 579.542 casos de la enfermedad, 32.909 muertes y una tasa de 5,68%. En Minas Gerais y Paraná, las tasas de letalidad son 2,10% y 1,80%, respectivamente. Destacamos la concentración de la enfermedad y la mortalidad en el Estado de São Paulo, en Rio de Janeiro, en Amazonas... “el modo capitalista de producción de enfermedades” (WALLACE, 2020, p. 17), más allá de las medias nacionales...



Convenciones

<ul style="list-style-type: none"> Mancha urbana (2002) Operaciones urbanas em estudio Operaciones urbanas existentes Límites de municipio Proyectos urbanos Proyectos estratégicos Acciones Estratégicas* Proyectos estratégicos en corredor Vivienda Conjuntos Habitacionales COHAB/CDHU** Favelas Loteamientos "irregulares"*** Condominios y chacaras en el entorno de las Autopistas Castelo y de la Raposo Tavares**** 	<ul style="list-style-type: none"> Vía de circunvalación En obra En operación En proyecto Transporte y vías Vías principales Estación Metro existente Línea Metro existente Estación Metro planeada Línea Metro planeada Estación ferroviaria Línea férrea 	<ul style="list-style-type: none"> Parques Reservorios y ríos principales Sede de los municipios de la Región Metropolitana de São Paulo (RMSP) Tasa de muertes por covid-19 por 100.000 habitantes de la población del municipio Hasta 300 de 300,01 a 350 de 350,01 a 400 de 400,01 a 450 Más de 450
---	--	--

Notas:
 *Resultadas solo algunas acciones estratégicas
 **Los datos de CDHU - Companhia de Desenvolvimento Habitacional - se refieren solo al municipio de São Paulo
 ***Datos referentes al municipio de São Paulo
 ****Mapeado de los condominios y chacaras en el entorno de las autopistas Raposo Tavares y Castelo Branco.

Figura 1. Mapa Urbanización Crítica en Proceso en la Metrópolis de São Paulo y las muertes por covid-19. Fuente: Amélia Damiani. Geoprocesamiento: Rinaldo Gomes Pinho; Gráfica: Dario Vargas. Base 2008, datos de mortalidad, 2020-2021 TabNet <<https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/saude/tabnet/>>, Alcaldía de São Paulo.

II

En la divisa entre São Paulo y Guarulhos, en la antigua *Estrada da Estação*, acompaño un poco la transformación del paisaje y de las actividades de la vida cotidiana de los habitantes que viven en la orilla del Río Tietê.

El camino une la estación de tren del Itaim Paulista, en la periferia de la Zona Este de São Paulo, a la autopista Ayrton Senna, cruzando el Río Tietê a través de un pequeño puente. Una vez por semana, o al menos quincenalmente, paso por allí en el recorrido que realizo entre la casa de mis padres y Sorocaba.

De esos pasajes relato un poco de lo que vi y sentí en ese periodo de pandemia.

Para quien solo tiene la vida (aún), el miedo de la muerte es viejo conocido.

Inundaciones, dengue, tanquetas de policía, demolición, Para quien solo tiene la vida (aún), la pandemia llegó asustadoramente.

Al contrario de lo que se puede imaginar, las calles de la periferia quedaron desiertas; numerosas familias se abrigaron en sus barracas, se unieron en sus propias aglomeraciones. Espacios poco ventilados y sin ventiladores.

Las estrategias de sobrevivencia fueron interrumpidas: una vez más esa gente que tiene hambre conversa con la muerte.

Pero el hambre y la urgencia en continuar vivo no esperan cuarenta días. Y fueron ochenta días y el doble de eso. Y el doble de eso...

Ya no se decir con seguridad cuándo fue que las calles y la várzea se vaciaron, sin color, sin gente, sin cometas, sin fútbol. Ni exactamente cuando todos volvieron a la “normalidad” que en la várzea nunca dejó de existir, pero donde también nunca existió.

En medio de la pandemia, barracas fueron derrumbadas por tractores de las Alcaldías de São Paulo y de Guarulhos, cada una en una margen del río. Entre escombros, muchas otras barracas fueron erguidas, nuevamente derrumbadas y nuevamente erguidas, multiplicándose en cantidad y gente, muchos niños y sus perros.

Carteles escritos a mano, alineados al costado de la carretera, pedían ayuda, cualquier ayuda, de alimentos a productos de limpieza.

Un día paré el carro al frente de una de esas casa-barraca que me llamaban la atención por la gran cantidad de niños que en ella había, y que jugaban en el costado de la carretera.



Descubrí que no era una casa. No solo una casa. En ella vivían dieciséis familias. Lo que veía a lo largo de la carretera era apenas una cortina que se extendía sobre una realidad muy profunda, en un país con cicatrices profundas.

Un pasillo dentro de la casa avanzaba a partir de la puerta. No había luz eléctrica, ni agua corriente.

¿La ayuda? ¿Por dónde comenzar?... A lo largo de estos meses vi muchos carros parando para hacer donaciones en esas barracas. Paré otras veces, y a cada parada una conversación y el corazón en pedazos.

Aquel es un paisaje antiguo, una realidad que se restaura una y otra vez. Nunca cambió.

La pandemia mostraba un futuro preso al pasado y colocó en suspenso el tiempo presente. Aún en búsqueda de un punto de fuga.

III

Praça da Sé, centro de São Paulo, corazón de la mayor metrópolis de América del Sur, 6 de noviembre de 2020. Los *sintecho* literalmente ocuparon la plaza, con la cuarentena provocada por el covid-19. Muchos ocuparon los bordes de la plaza con carpas coloridas, ganando alguna fijación y cobertura (Figura 2). El ritmo de la metrópolis en el área central se alteró. Las estrategias de sobrevivencia radical y las formas de uso y apropiaciones del espacio también. Próximo de allí, en lo alto de un imponente edificio, un enorme aviso revistiendo la fachada llamando la atención: “Coronavirus: PREVÉNGASE!” (Figura 3). ¡Pero, para los *sintecho* el lugar más seguro es la plaza! Acostumbran esconder sus pocas pertenencias, durante el día, en lo alto de los árboles, camuflados entre tallos y ramas con hojas. Reinventaron las apropiaciones, se adaptaron al ritmo de la pandemia en la ciudad (en lo urbano). Realmente, las calles están vacías, pero NO para los *sintecho* y para los que dependen para su sobrevivencia del trabajo precarizado — UBERizado, IFOODizado (Figura 4). ¡La metrópolis opera en “delivery”! ¡Y son ellos los que nos mantienen comiendo y consumiendo en el confinamiento! Para ellos, el lugar más seguro y vital para su supervivencia continúa siendo el de las calles de la ciudad. En la metrópolis debilitada por la pandemia. Esos ¡“condenados de la urbe”!



Figura 2. Personas en situación de calle ocupan Praça da Sé con toldos donados en medio de la pandemia de covid-19. Foto. Evânio Branquinho.

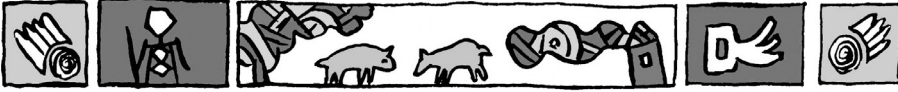


Figura 3. Edificio con aviso de la campaña contra el Coronavirus de la Alcaldía de São Paulo (prevéngase) Foto: Evânio Branquinho



Figura 4. Entregador de iFood en el centro de São Paulo. Foto: Evânio Branquinho.

IV

En la esfera política, y en tiempos de redes sociales, la desinformación avanzó tanto como la covid-19, como en el falso dilema entre la defensa de la salud o de la economía, en el negacionismo de la enfermedad y en la politización de la vacuna. Distraccionismos sobre una polarización extrema entre una derecha ultraconservadora y una izquierda que busca reestructurarse, en un contexto que deriva en el desmembramiento social,

La crisis como representación también ofreció a los dirigentes oportunistas la posibilidad de licitaciones de emergencia, en la construcción de hospitales de campaña y compra de equipos, ampliamente difundidos por los medios de comunicación — hasta una espectacularización de la pandemia —, reveló un proceso de compras fraudulentas y sobrefacturadas, que culminó, por ejemplo, con el retiro del Gobernador del Estado de Rio de Janeiro.

Mientras los medios y la población discutían las formas de evitar el contagio del coronavirus, los grandes laboratorios farmacéuticos realizaban una verdadera carrera para el desarrollo de una vacuna eficaz y su patente, pasando de modo acelerado por las fases de prueba y sus protocolos. En función de la emergencia de la situación, se constituye la oportunidad de contratos millonarios, en un mercado mundial controlado por una decena de empresas farmacéuticas, las *Big Pharma*, que, dentro de la misma lógica, oligopolizan la producción, los mercados y los precios, con la garantía de lucros extraordinarios, y someten la salud de la población a los intereses económicos de esas corporaciones transnacionales.



Revela también una “geopolítica de la vacuna”, con la alianza entre el Estado y la gran industria farmacéutica en la investigación y desarrollo de vacunas, como representación de la eficiencia tecnocientífica de esta nación, reforzando las grandes disparidades y la dependencia de los países periféricos *de esas* mercancías biotecnológicas, que no escapan al orden del desarrollo desigual.

La tragedia de la pandemia en Brasil es el desenlace de una trayectoria política manifiesta antes de la propagación del nuevo Coronavirus, y en su insistencia cuando ella se instala, llevando al país a ser el segundo en número de muertes en el mundo.

Las políticas neoliberales de desmonte del sector de la ciencia y tecnología adoptadas a partir de 2016, con cortes en el presupuesto ya desfasado en favor del mercado financiero, profundizadas en el gobierno actual, cuando los gastos anuales con la defensa aumentaron y los de la educación y la salud fueron reducidos en 2020. Inclusive en la producción de vacunas, sector que el país dominaba, llevándolo a la dependencia de empresas transnacionales.

El negacionismo expresado en declaraciones contra el aislamiento, en el fiasco de un plan de salud de emergencia para enfrentar la pandemia, la adquisición de cloroquina y otros medicamentos comprobadamente ineficaces para el tratamiento de la covid-19, con presiones del Ministerio de la Salud para su prescripción. El alineamiento en la OMC con los EUA y empresas farmacéuticas contra la quiebra de patentes de los componentes de la vacuna, posición contraria a la defendida por la China y la India, los mayores productores de vacunas en el mundo, y declaraciones contra la vacuna china.

Todo esto generó animosidades diplomáticas con esos países, en los acuerdos de compra, atrasos en la entrega y producción de la vacuna en Brasil, lo que resultó en insuficiencia delante de la demanda, extendiendo los plazos de inmunización, en el momento en que la segunda ola de la pandemia se agrava y el sistema de salud en varios estados entra en colapso.

La política del actual gobierno brasilero asume innegablemente la dimensión del *Estado de muerte* en detrimento de los sectores de *gestión y titularización* (LEFEBVRE, 1986, p. 27)

V

La irrupción del mundo del artificio mercantil en el mundo *in natura* de las selvas colocó en contacto directo a los *microbiotas* del planeta — que permanecían en circuitos cerrados endémicos — con el *homo economicus* y su red comercial nómada, liberándolas por el planeta. La sospechosa *sopa de Wuhan*² se expandió exponencialmente de aliento en aliento, de inhalación y exhalación, entre abrazos e intercambios saltó fronteras y *lockdowns*: no existía muralla humana para lo inevitable.

La movilidad de las mercancías trajo consigo el camino de la enfermedad. La supranacionalidad del comercio internacional universalizó la precarización del trabajo, las nuevas formas de esclavitud con sus patologías, tales como ciertos síndromes mentales, el estrés y el agotamiento radical de las fuerzas del trabajador, es decir, el agotamiento de las fuerzas productivas llevadas al extremo. Todos los síndromes se juntaron en la pandemia de la covid-19, la *Corona* del comienzo del fin del mundo que conocíamos.

El “nuevo normal” trajo condicionamientos de nuevas “rutinas” como códigos que actualizan las máquinas a otras exigencias en el flujo de datos, en la aceleración de los ritmos de compra y consumo, de engranajes pulidas que devoran nuestras energías. *Esperaríamos* con todo aquello que la teoría del espectáculo, hecha visible, abriese las posibilidades de emancipación al ver los *nuevos trajes del Rey* [desnudo], pero por “invisibles” no fueron las ropas y si los *súbditos*, en la transparencia creada por la escala numérica del contagio que sobrepasa nuestra comprensión egoísta de la empatía con lo próximo y lo distante.

Se pretende el trabajo al ritmo de las redes y las máquinas, 24/7; la noche dejó de ser momento de descanso para convertirse en el del trabajo extendido, en el telecomando de las aplicaciones y en el peso del *Big Data*, en la vigilancia permanente de la mercancía lista a ser devorada en nuestros hogares-oficina en el ritmo que la pandemia exige.

La covid-19 viajó en el tránsito de fin de año de 2020 de la mano y pulmones de ricos en sus vuelos de placer y lujo. Con su llegada a tierras brasileras, lo que no difiere de otros países, se esparció en un primer momento en las élites acomodadas, fruto de fiestas y excesos, eventos atendidos, como es costumbre, por trabajadores a su servicio. Así, incrementando el contagio en esferas millonarias, atendidas en hospitales privados, se dispersó, enseguida, entre los más pobres, en los buses abarrotados, en las líneas de metro saturadas, en los modernos navíos negreros.

El *home-office*³ se convirtió en la estrategia del “nuevo normal” para mantener lubricadas las líneas de producción de mercancías [y de trabajo, siendo redundante]. La sociedad de la abundancia demuestra ser una sociedad del asco de la misma abundancia que produce, su espectáculo queda manchado por la misma actividad autónoma que promueve, ya que no integra en su seno (posibilidad igualmente mala) a los negros, a los pobres, a los habitantes de los “aglomerados subnormales”, de la periferia, de la favela [pronunciada en tono bajo].

El *distanciamiento físico*, antes tácito en las normas sociales, hacía ya parte de la larga historia de la lucha de clase, y hoy se integra a las herramientas sanitarias bajo el nombre que realmente lo define: el *distanciamiento social*. El espacio urbano es entregado sin resistencia a la covid, el distanciamiento aparece como *única* alternativa de contención de los contagios desde las esferas burocráticas y científicas que ca-



minan por las sombras, completamente desnortadas. La misma fuerza que alteró con los medios técnicos la vida en el planeta, que aún construye carreteras de kilómetros, estructuras de toneladas, bombas de megatones, *medidas* de la rápida deterioración del mundo y del veloz avance de la pandemia, con exactitud de segundos y CEP⁴, no consigue desvendar ni atacar — con el peso de la OTAN, con la violencia de la PM — 120 nanómetros de una ampolla de grasa encapsulando una cadena de RNA.

Al mismo tiempo, la contradicción no dialéctica del poder promueve la resistencia contra la ciencia, en una sociedad “que tiene anticuerpos porque nada en la cloaca”, una élite política abre un ágora a las tinieblas. Entre la tentativa teatral de invasión del *Reichstag* alemán por grupos vegano-nazi-orientalistas [mezcla enferma de la ideología espectacular] y las protestas anticuarentena y antimascarillas por las dichas “élites paulistas”, la creencia, la fe ciega, coloca la fuerza de la voluntad como remedio ante toda *gripecita* proveniente de las murallas de la China. Los gritos que piden el regreso a lo normal solo vehiculan en aerosoles el coronavirus en el aire de la FIESP⁵, y abren fosas en la fuerza de las *fake news* y sus hospitales vacíos. Los *bárbaros* no están en los confines de la tierra, están aquí entre nosotros, en una tierra que les es plana.

La prosperidad prometida a todos, pero vivenciada por pocos, estanca. Esa gran escalera, en la cual los pobres cada vez que ascienden se alejan más de la meta, introduce terminologías propias de la política-económica dominante, tales como innovación y emprendedorismo, que demuestran cual infinita es esa escalera de ascenso exponencial. Pero los pobres, en la sobrevivencia, redefinen siempre toda forma de apropiarse del mundo que les es usurpado. A los pobres el distanciamiento físico, como medida sanitaria les es negado de igual forma que el acceso a las redes — a la educación y servicios —, arrojados en ellas solo para entregar su fuerza en los trabajos telecomando, vía aplicaciones, o en la mano de obra pesada de la atención en los estantes de mercancías de los hipermercados, buscan organizarse en la catástrofe que les es cotidiana.

Es en la explotación basada en atender necesidades y deseos de estratos sociales abastecidos que se redujo su trabajo al punto en una pantalla, a un protagonismo secundario, a ser, ellos propios, la mercancía que transportan en el medio urbano que comparten con la covid. Sus recorridos pagos por centavos de dólar se incrementan inversamente — como su salario y placer — a los centavos de dólar acumulados por los CEO's y su exceso en número de objetos pobres.

Se esperaba una revuelta de saqueos, en la medida que la pandemia avanzaba, y más por miedo de un levante popular que por atender las necesidades de los más desfavorecidos, el gobierno liberó [políticamente] auxilios de emergencia para suplir su falta de acción en los extremos periféricos de las ciudades y del país. A cambio se pretende la desarticulación de la resistencia, cual virus encubriéndose de ayuda en un *Caballo de Troya*, cual humo que ahoga los jaguares [de 50 reales] en el Pantanal y



Figura 5. Imagen superior: Billete de 50 reales con la imagen del jaguar pintado. Imagen inferior; Irreales. Billete de 50 irreales. Obra: Dario Vargas. Fuente: <https://tesesituacoes.wordpress.com/experimentos-poeticos/irreais/> Acceso [06/02/2021]

El “Trancón de los Apps” (<http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/601524-breque-dos-apps-e-um-freio-coletivo-na-uberizacao-e-na-degradacao-e-exploracao-do-trabalho-entrevista-especial-com-ludmila-abilio>) acceso el [03/01/2021], organizado por los entregadores a través de la autogestión, fue un aviso enorme a las “economías de chamba” y a las “economías emprendedoras”, de cómo un bloqueo a estas formas de consumo, en alta, debido a la pandemia, involucra a los trabajadores y a los consumidores concientizados de las redes que se tejen en la moderna economía pandémica.

Esta movilización, que trancó los flujos de datos con que la valorización del valor se convierte en Capital en las corporaciones virtuales, acompaña al mismo tiempo, una autoorganización en las favelas para enfrentar la pandemia. Las protestas organizadas por las hinchadas de equipos de fútbol, particularmente de Corinthians



(https://www.ovale.com.br/_conteudo/_conteudo/brasil/2020/05/105428) acceso el [31/06/2020], presentan un tipo de militancia activa, completamente diferente de la constituida estructuralmente en el ambiente político tradicional, enfrentándose a los grupos negacionistas protegidos por la Policía Militar (servidores activos de la mercancía). Estas hinchadas demuestran con su presencia, en *acto*, la resistencia necesaria para desarticular la *Arena* formada por el antidiscurso y por la ignorancia servil al poder de turno en Brasil.

Estas medidas, tal cual la del “Trancón de los apps”, se desentiende de los partidos y movimientos políticos tanto de derecha (que se articulan — tal vez, solamente — en las comunidades a través de los neopentecostales, cuyos milagros desaparecieron en la pandemia), como de la izquierda. La desaparición del operario históricamente concebido y el surgimiento del operario de aplicación revelan una tensión en movimiento. El olvido del Estado, en su trabajo de “invisibilización” de la periferia, ha forzado a los más pobres — siempre — a procurar formas de sobrevivencia, explorando su solidaridad y redes de apoyo, sea con sus propias organizaciones, o por medio de algunas redes que se mantienen en contacto con su realidad, realidad propia de la inferioridad esencial en que la sociedad los ubicó, y que les impone sus propias costumbres y prejuicios, cuando todo poder humano se ajusta al poder adquisitivo.

Otros tipos de manifestación caracterizaron este momento pandémico en Brasil. “Marcha en reversa” (www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/08) acceso el [20/11/2020] del Teatro da Vertigem (Figura 6), marcha protesta, que usa como forma las manifestaciones realizadas por los negacionistas de la pandemia, acompañando la marcha fúnebre con sonidos de respiradores y por el himno nacional tocado al revés, ocupó las calles de São Paulo con carros en reversa [una negación de la negación]; o “Insuflación de una muerte crónica” (youtu.be/mTBvImU3i1E) acceso el [16/08/2020] del Proyecto *Mulheres em Quarentena* (Figura 7) que expresa espacial y temporalmente el número de muertes por covid (hasta ese momento), inflando 100.000 globos negros durante 24 horas, para posteriormente, estallar globo por globo. Todos estos ejemplos muestran, entre tantas redes *de expresión*, las posibilidades de manifestación articulada con recursos poéticos, un conocimiento sensible con propósito, empleado, usado como negación de ser decoradores del espectáculo, para servir de método activo de una práctica crítica, aspirando a oponerse al umbral último del progreso lineal y acumulativo de la no-vida, de la producción de muerte, aspirando a que en la incertidumbre de los artistas, de los sabios, de los creadores y de los profesores de buena voluntad, la espontaneidad, como detonador de una insurrección invisible, ponga fin a la *espera*.⁶

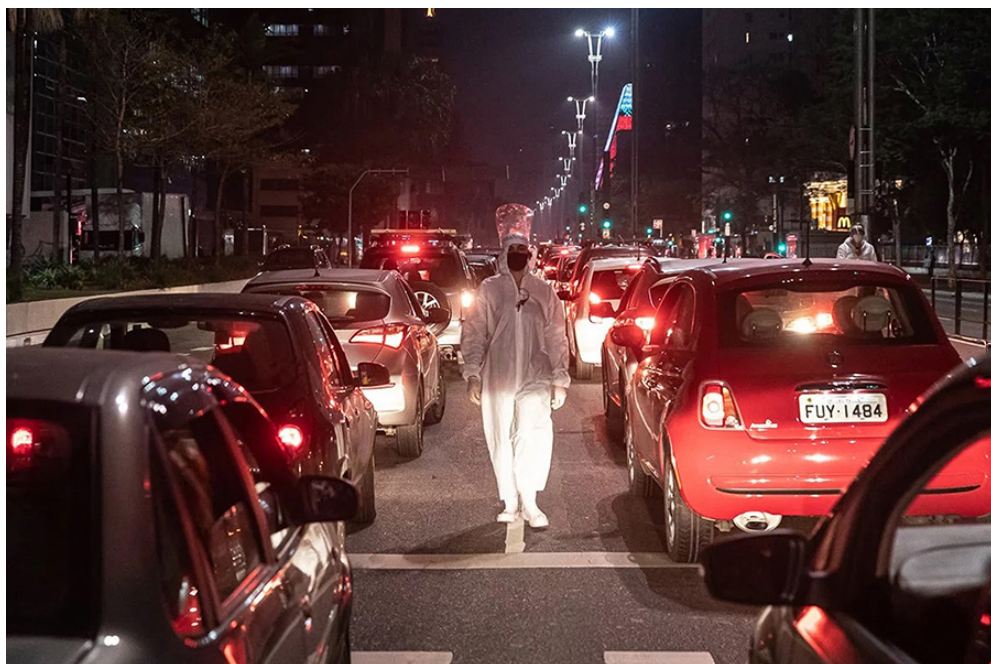


Figura 6. Marcha a ré. Teatro da Vertigem. Fuente: <https://www.teatrodavertigem.com.br/c%C3%B3pia-o-filho> Acceso el [22/11/2020]



Figura 7. Insuflação de uma morte crônica. Projeto Mulheres em Quarentena. Fuente: <https://www.instagram.com/mulheresemquarentena/> Acceso el [02/09/2020]



VI

Acumulación es crisis; la crisis es catalizadora, reveladora de oposiciones y de conflictos. En Brasil están conjugadas la crisis de reproducción del capital, la crisis política (de representación) y la crisis sanitaria (coronavirus), que evoluciona como un problema de economía política en el ámbito de las relaciones internacionales. Son crisis cruzadas por descompases que señalan la emergencia de un tiempo diferencial, permitiendo cierta comprensión, material y simbólica, de contradicciones inherentes a los procesos de expansión pandémica.

La segregación socioespacial tan evidente en nuestras ciudades guarda sorpresas y tiene sus enigmas. Se trata de un proceso que comanda la disposición de las diferentes clases sociales en el espacio urbanizado, en función de los dictámenes del mercado de bienes inmuebles.

Cortiços⁷, favelas, ocupaciones de edificaciones sin uso, se inscriben en el territorio urbano a veces en yuxtaposición a las habitaciones de lujo (Figura 8). En nuestras ciudades, riqueza y pobreza se ven mutuamente. En el auge de la pandemia, cuando en Brasil eran registradas mil muertes diarias, la gran mayoría de óbitos ocurría en territorios pobres.



Figura 8. Paraisópolis - Morumbi. Foto. Tuca Vieira. 2004. Fonte: (www.theguardian.com/cities/2017/nov/29/sao-paulo-tuca-vieira-photograph-paraisopolis-portuguese) acceso el [21/01/2021]

La crisis de reproducción, bajo la hegemonía del capital financiero, implicó en la profundización del Estado liberal y los primeros afectados fueron los trabajadores porque, además de la reducción del empleo, vino junto la falacia del emprendorismo, en cuanto ideología del neoliberalismo, vinculado a la subproletarización que aparece en la figura del *uberizado* en los transportes, en las aplicaciones, y hasta en actividades de educación a distancia.

Así, bajo el yugo del capital que rinde intereses (capital por excelencia) las mediaciones del mundo del trabajo, históricamente construidas, parecen desmoronarse una a una. La expectativa que se abre es la de la capitalización directa, sin mediaciones, del tiempo como trabajo.

El enlace de las crisis reveló rápidamente desigualdades sociales gestadas y acumuladas desde hace mucho tiempo.

Descubiertas las condiciones de vida dramáticamente desiguales sea en el trabajo como en los rendimientos e incluso en la muerte, la pobreza urbana vista por diversos ángulos pasó a ocupar los titulares de revistas y periódicos cotidianos.

En la producción socializada, con apropiación privada y de clase, los residuos se filtran por los poros del Estado político, burocrático. El aire apesadado, el piso cercado, el agua podrida, la procesión de los desposeídos de bienes y de cualquier tipo de amor, bajo el manto de la peste que se arrastra sin piernas, vehicula la retórica de la muerte y parece producir una igualación formal. Finalmente, unos parecen parecerse a los otros. El enigma se resuelve en la presencia, pues ahora lo invisible que, sin embargo, nunca fue oscuro, ni misterioso, gana cuerpo, deja de traslucir y, como obra de la crisis, supera la supuesta invisibilidad, antes producida por el discurso.

La naturalización de los procesos vislumbra reestablecer el flujo de lo cotidiano bajo el manto de dolor y luto que espanta a la sociedad entera (Figura 9). Así, en el límite de lo irrisorio, donde la vida está en riesgo desde siempre, aun así, ahora agravada, es relevante considerar que las ocurrencias, en esta etapa de la pandemia, predominan en los territorios de pobreza.

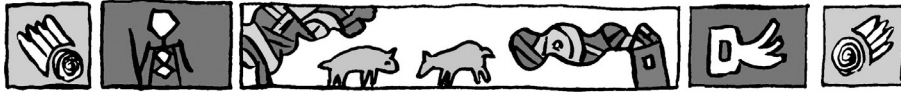


Figura 9. Una vida nueva: una favela que se transformó en barrio, o que ellos quieren. Fuente: União dos Moradores e do Comercio de Paraisópolis. Fuente: (www.facebook.com/UniaoParaisopolis/photos/554648737927847) acceso el [20/01/2021]

VII

En medio del cotidiano de la modernización de la ciudad de Luanda, Odonato, personaje de la obra “Los transparentes”, del escritor angolano Ondjaki, va volviéndose enrarecido, transparente. Él cree que eso sucede no por el hambre, sino por la pobreza. Él va alcanzando este “estado de semitransparencia que permitía, al mismo tiempo, ver y juzgar no ver [...]” (ONDJAKI, 2013, p.139). Su cuerpo se vuelve una sombra de lo que había sido la vida entera. Su ritmo de caminar cambió, pues necesitaba siempre equilibrarse con algún contrapeso que no lo dejase volar por los aires.

Si se corta el hilo hasta trozarlo, salimos volando, cuasi transparentes. Según datos de la Confederación Nacional del Comercio, el endeudamiento de las familias brasileñas con hasta diez salarios mínimos aumentó casi 70%. Disminuye para las familias con rentas superiores a diez salarios mínimos (stage.cnc.org.br/editorias/economia/pesquisas/pesquisa-de-endividamento-e-inadimplencia-do-consumidor-peic-agosto-0) acceso el [21/01/2021]. Las deudas de tarjeta de crédito son casi el 80% de los casos, pero carnés y financiación con vivienda y carro aparecen de forma significativa. El consejo del periódico “O Valor” para renegociación es ser lo más *cordial* posible (<https://valorinveste.globo.com/objetivo/organize-as-contas/noticia/2020/09/12/renegociacao-de-dividas-fica-em-segundo-plano-para-maioria-dos-brasileiros-na-pandemia.ghtml>) acceso el [21/01/21]

Según el portal de noticias R7⁸, el número de inmuebles a la venta en subastas creció casi 80% en la pandemia. Aparece como un excelente negocio. Para la revista *Exame*⁹, el desempleo generado en la pandemia cambió el perfil de la población habitante de calle. Según el IPEA, la población sin hogar creció en la pandemia y quedó más expuesta a la enfermedad. (www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=35811) acceso el [21/01/21].

El mercado inmobiliario está *caliente* (<https://www.paiquere.com.br/mercado-imobiliario-segue-aquecido-apesar-da-pandemia/>>) acceso el [21/01/2021]. Según sitios web relacionados, más de 11 millones de familias tienen la intención de adquirir un inmueble en los próximos dos años. Las familias no caben. Cabían antes porque no *residían*. Figuraban. La TV Senado discute el aumento de la violencia doméstica en la pandemia (<https://www12.senado.leg.br/tv/programas/tv-senado-live/2020/09/tv-senado-live-discute-o-aumento-da-violencia-domestica-durante-a-pandemia>) acceso el [21/01/2021]. Para muchos, la casa es confinamiento. En la opinión de un arquitecto, divulgada en la Casa Vogue (casavogue.globo.com/Interiores/Ambientes/noticia/2020/05/11-coisas-que-devem-mudar-na-casa-apos-pandemia-do-covid-19.html) acceso el [21/01/2021], no se debe pensar la casa por habitaciones, pero sí por actividades. El trabajo podrá ser realizado en cualquier ambiente. Todo debe ser flexible y adaptable al trabajo. Las brechas van disminuyendo. El sueño modernista de la casa de vidrio transparente se realizó en la porosidad total de nuestro cotidiano al trabajo. Quedamos con la transparencia en nuestros cuerpos.

VIII

En Brasil, millones de personas viven en un campo ciego de las políticas de asistencia social, trabajando en la informalidad o a partir del “empreendedorismo forzado” (<https://pme.estadao.com.br/blogs/blog-do-empendedor/empreendedorismo-forcado-e-os-desafios-da-inclusao-productiva-no-brasil/>) acceso el [11/02/2021] precario e inestable. Condición agravada delante de la actual pandemia de covid-19 pues, con la emergencia de la crisis económica potencializada por la pandemia, el gobierno brasileiro se mostró reacio a brindar asistencia monetaria — de R\$ 600 a R\$ 1200 más allá de tres meses (economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/06/12/deputado-rebate-bolsonaro-sobre-auxilio-nao-admitiam-mais-que-r-200.htm) acceso el [11/02/2021] — a los trabajadores afectados económicamente, por no querer desestimarlos a trabajar en cualquier condición que sea:

Se decimos que van a tener por tres meses más, y otros tres meses, y otros tres meses, ahí nadie trabaja. Nadie sale de casa y el aislamiento va a ser de 8 años porque la vida es buena, está todo tranquilo. Y ahí vamos a morir de hambre del otro lado. Es mi mayor pavor, la alacena



vacía. (Paulo Guedes, ministro de la economía brasileño) (www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/05/guedes-admite-prorrogar-auxilio-emergencial-por-um-ou-dois-meses-mas-com-valor-de-r-200.shtml) acceso el [11/02/2021].

Para el ministro de la economía de Brasil (<https://noticias.r7.com/brasil/guedes-vamos-aterissar-o-auxilio-emergencial-no-renda-cidada-28092020>) acceso el [11/02/2021], cerca de 40 millones de personas impactadas profundamente por la crisis pandémica en el país emergieron institucionalmente en cuanto *invisibles*, por estar en la informalidad, subnotificadas estadísticamente, tangente a diversas políticas públicas y viviendo socialmente integradas y desatendidas. Son trabajadores, residentes de las periferias, mayoritariamente no blancas; personas que constituyen un ejército de desposeídos impelidos a sobrevivir cotidianamente.

IX

Al generalizar el dinero como medio único de acceder a la sobrevivencia, la sociedad urbanizada da secuencia a la dinámica histórica moderna que se inició con la colonización. Empujando regiones enteras a emigrar, la movilización del trabajo y el consumo de mercancías siguen su curso. En Brasil, el trabajo productor de mercancías es instaurado por medio de la violencia explícita de la blanca institución esclavista con sus emprendimientos de exterminio y expropiación de los pueblos originarios. Ese mismo mundo construido por siglos de movilización violenta de todas las personas a la venta se su cuerpo y tiempo por dinero, estrecha cada vez más sus puertas de entrada. Las experiencias de inserción en el mundo de la remuneración son hoy las de una competencia obstinada, cuyas reglas son racistas y patriarcales.

La experiencia de gran parte de las mujeres negras periféricas durante la pandemia vuelve visible los cortes por los cuales la violencia del trabajo y del dinero operan y se retroalimentan. Viviendo bajo un régimen de doble socialización — en la esfera pública del trabajo y en la esfera privada de las actividades reproductivas — sufren también de modo multiplicado las consecuencias del distanciamiento social. Sus días de trabajo suspendidos muchas veces no son pagos, sus formas de remuneración pasan de inestables a inexistentes, los mercados donde vendían alimentos y otras mercancías menguan. El cierre de escuelas y la desagregación de las redes de vecindad que las ayudaban con el cuidado de los hijos ha llevado sus rutinas al límite. Drika Martim, lideresa de la CUFA¹⁰, cuenta¹¹ cuántas familias que viven en territorios periféricos están encabezadas por madres solas y gestionan su supervivencia con donaciones y ayuda de emergencia. Ya antes de la pandemia, aún más ahora. En la línea de frente de un grupo como la CUFA, su actividad revela como hoy recae en las mujeres, y más notoriamente, en las mujeres negras, la administración de los efectos de la crisis de la reproducción social capitalista en Brasil.

El proceso histórico de formación del trabajo productor de mercancías creó modelos familiares en el que los roles de género están de la mano con un orden simbólico en el cual la concepción dominante de género se divide en masculinidad y feminidad. En este orden patriarcal, la masculinidad se asocia a la violencia. Lo femenino, por lo contrario, aparece como signifiante de puros cuerpos reproductivos, en los cuales recaen caracterizaciones de debilidad, emotividad y sensualidad. En Brasil, son esos sistemas de atribuciones que engendran y autorizan la violencia doméstica. Las mujeres negras, históricamente, reproducen a la familia negra y a la propia sociedad. Sin embargo, son ellas que vivencian más fuertemente tales relaciones de dominación. En ese sentido, los recortes de raza y de género se entrecruzan, potencializando la violencia. En los hogares más afectados por la precarización y el desempleo, los hombres se desplazan del papel normativo de jefe de familia, dirigiendo a las mujeres sus frustraciones agresivas. En la pandemia, la violencia patriarcal, es ejercida bajo contornos específicos. Al estar confinadas dentro de la casa en la presencia de los maridos, las mujeres dejan de tener espacios donde pueden comunicar y denunciar las agresiones. Eso porque los papeles de género se deshacen sin que lo mismo ocurra con las jerarquías patriarcales. En esos campos de adversidades y opresiones, la política feminista periférica se reconstruye, con mujeres al frente de grupos que manejan estrategias comunitarias de sobrevivencia frente a la crisis y al poder masculino que en ella se embrutece. En un momento en que Internet se instituye como la vía hegemónica de la comunicación, la distribución de datos móviles que garantice las denuncias, por ejemplo, se convierte en un servicio esencial. La búsqueda: el paso que va de la gestión de la sobrevivencia a un gesto radical deseante de la abolición de las relaciones capitalistas y de sus correspondientes descriptores de género y de raza.

X

Incluso cuando alguien es invisible para algunos, para sí mismo es visible en potencia máxima. Es a partir de sí mismo que alguien ve a cualquiera y al mundo, o sea, que se ve y ve a todos y a todo. La visión se refleja en los ojos de quien la ve. Se ve lo que le fue enseñado o lo que se aprendió a ver de forma distorsionada. Tal vez a esa visión distorsionada podamos llamarla de un aprendizaje negador del otro. Ser invisible para algunos y ser visible exponencialmente de manera peyorativa para otros es una dicotomía casi imposible de vivenciar. Solo es posible vivenciarla porque la llama de la vida es más fuerte que el aplastamiento advenido de la dismorfia entre la visibilidad negada y la visibilidad deformada de manera exponencial.

La negra y el negro en Brasil no son solamente invisibles en muchos aspectos, como también son vistos con lentes aumentados en muchos otros aspectos. Los reflejos de esos rayos no iluminan, pero oscurecen, principalmente despojándolos de su



humanidad y en numerosas e inaceptables ocasiones somos destituidos hasta del derecho a vivir, en la medida que, con mucha frecuencia, nuestras vidas son suprimidas. Cuando dicen que primero se llevan los negros, eso me inquieta y me angustia pues soy negro y sé que seré el primero a ser llevado. Decirlo así muestra la visibilidad que la negra y el negro tienen, para la supresión de la libertad y de la vida, nosotros somos los primeros que somos vistos, sin embargo, esa visión es operadora de la invisibilidad; somos los primeros a ser llevados por que algunos grupos tienen dificultad de defendernos, pues lo que se quiere es exactamente retirarlos de su rayo de visión. El olvido de que la negra y el negro portamos una humanidad tan fuerte y profunda como cualquier otra persona de cualquier otro grupo étnico facilita que toda la humanidad sea suprimida, pues suprimir uno dentro de la humanidad es negar a todos.

En ese sentido, la llegada inesperada, indeseada y aterrizante de un virus que comenzó con preferencia en las clases más altas y blancas, en Brasil, sin embargo, se sintió más libre y abarcadora en los estratos más pobres de la población, lo que agravó aún más la vida de las negras y negros. Cuando el virus llegó, las negras y los negros fueron abandonados a su propia suerte, una vez más. Cuentan más con la solidaridad de los prójimos con quienes divide las amarguras y, al mismo tiempo, se fortalecen para un día de lucha más, de derrotas y de pequeñas victorias, que se transforma en un mes y después en un año y quien sabe, en décadas. Exponencialmente las negras y negros se convirtieron nuevamente en invisibles, solo figurando, en general, como más un número en las estadísticas de contaminación y muerte. Sin embargo, esa posible invisibilidad borra de la memoria la añoranza¹² de quien se fue sin que la partida anticipada necesitase haber sido inexorable, sí cuidados preventivos pudieran haber sido tomados.

XI

Visibilidad/invisibilidad, esta oscuridad estratégica que permea los cuerpos negros en las metrópolis brasileras, El rap, el funk y el grafiti tomaron, desde la década de 1980, los espacios y las paredes de São Paulo. La samba pasó a ser vista en los *samples* del rap. ¡¡¡Tan bonita quedó la urbe con los grafitis coloridos!!! Las letras de rappers que resonaron desde los puentes para allá, llegando nuevamente a los centros que, hace mucho vienen siendo blanqueados, muchas veces, gritaron bien alto para la ciudad oír que la periferia vive y crea, pulsa, pero cae desfallecida. Un cierto administrador de la ciudad mandó pintar todo de blanco. No entendió que el blanco es la suma de todos los colores y que lo constituye el negro. El negro es lo ébano — de la familia de árboles que producen una madera noble — y, la mayoría de las veces, es muy oscura y densa. Ébano simboliza nobleza, y, principalmente, la resistencia, es, también, lo que ornamenta a Hades, dios y planeta Plutón. Después del acto de “limpieza”, los

grafiteros enunciaron: “Si su vida no tiene color, no deslustre la nuestra” (FERREIRA & LIMA, 2017, p. 302-320). De ahí el gris se apoderó de todo y la invisibilidad pasó a ser aclamada y volvió a dictar la norma, recordar el fin del ciclo, el fin del día, hora de regresar a casa en el tren de la CPTM (<https://agora.folha.uol.com.br/sao-paulo/2020/09/movimento-em-trens-e-metro-de-sp-praticamente-dobra-em-quatro-meses.shtml>) acceso el [21/01/2021]. El gris es casi la sucesión de la homogeneidad (Figura 10), digamos, sistémica que forma las estructuras urbanas, con todas las desigualdades. Arrítmica porque es enmarañada, sin espesor temporal. Y así fue yendo. Casi no pudiéndose ver más los fragmentos, las sucesiones y las separaciones, ni las muertes violentas. Todo aparece después en el número o entonces en algún libro de historia. Reproducción de la sobrevivencia. Las potencias jadeantes, firmes para no ser aplastadas por las repeticiones históricas, continuidades y discontinuidades que promueven la moneda con ilusiones telescópicas. Se transformó el ritmo de la metrópolis en ritmo necrópolis cuando llegó la peste. Los ciudadanos no creyeron en las plagas, su gobernante garantizó que no era nada. El cuerpo invisible, se imaginaba, no estar a su altura, sería irreal, un mal sueño que pasa y basta tener coraje. ¡¡Pero, no!! Día a día cayeron cuerpos sin vida, primero eran 100, después eran más de 1000 cada día. Después comenzó a bajar y entramos en la fase verde, lo que alivió las preocupaciones desenmascaradas del alcalde que diariamente apareció en los medios orientando a los residentes a no salir de casa sin mascarillas. A cada diez blancos que mueren por covid-19 en Brasil, mueren 14 negros y mestizos¹³ (www.cnnbrasil.com.br/saude/2020/06/05/negros-morrem-40-mais-que-brancos-por-coronavirus-no-brasil) acceso el [21/01/2021]. Según consta en una encuesta del IBGE (Instituto Brasileño de Geografía y Estadística) de 2019, de los 13,5 millones de brasileiros viviendo en extrema pobreza, 75% son negros o mestizos (www.nexojornal.com.br/expresso/2020/04/15/O-impacto-do-racismo-estrutural-nas-mortes-por-covid-19) acceso el [21/01/2021] Se volvió visible lo imposible: la administración de la barbarie. Apareció el excedente poblacional, los desposeídos y la crisis de las formas. También el *homo sacer*. Cada cultura crea su resto de vida. ¿Qué es la subjetividad del *homo sacer*? En la ciudad es la vida pasible de ser eliminada. Un descompás aparece, negros y mestizos representan 57% de los muertos por el coronavirus, mientras que en blancos son el 41% de las muertes (<https://avoador.com.br/ultimas/negros-e-pardos-representam-57-dos-mortos-por-covid-19/>) acceso el [21/01/2021]. ¡Pero, he aquí los números! Extraña esa palabra, ¡blanqueamiento! Una eficiente administración de los cuerpos y gestión calculista de la vida, que involucra los problemas de natalidad, longevidad, salud pública, habitación y migración; explosión, por lo tanto, de técnicas diversas y numerosas para obtener la sujeción de los cuerpos y el control de la población. El Resto — lo disímil, la diferencia y el poder de lo puro negativo vienen a constituir la manifestación por excelencia de la existencia objetivada (MBEMBE, 2019, p. 63). Símbolo de la vida limitada, visible e invisibilizada, inviabilizada.

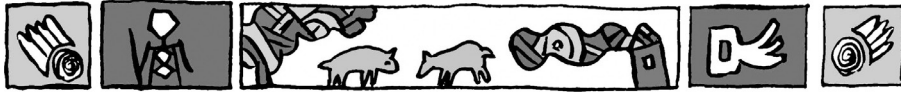


Figura 10. Avenida 23 de Maio, en la ciudad de São Paulo / Brasil (Antes y después del borrado de graffiti). Fuente: <https://luizmuller.com/2017/01/23/apagaram-tudo-pintaram-tudo-de-cinza-so-ficou-no-muro-tristeza-e-tinta-fresca/> Acceso el [08/10/2020]

XII

Al oír de un médico, en Rio de Janeiro, que fue víctima del covid-19, y pasó un mes internado en el hospital, sobreviviendo con la ayuda de un respirador, que la sensación que tenía era como estar “muriendo en lo seco”, esa frase quedó, literalmente, rondando mi cabeza, buscando imaginar, en profundidad, ese sentir, en el cuadro de dolor de la pandemia.

Otra frase que me hizo reflexionar y asociar la primera, en este contexto de pandemia, vino a través de una asistente social que trabaja en el Centro de Salud de la Alcaldía, en la zona portuaria de Rio de Janeiro, en el Barrio de la Salud. La frase pronunciada por una paciente que tuvo alta, después del atendimento en el Centro de Salud, con sospecha de covid, fuera: “¿Yo no puedo quedarme? ¡Aquí me siento más

segura!”. Cuestionada del por qué, la paciente, aún joven, todavía replicó: “Allá en la casa no tengo alcohol en gel, ni que comer bien”.

La reflexión desencadenada fue ¿dónde se encontraba el verdadero riesgo de muerte (y contaminación)? Tomando como base la segunda frase, en las áreas pobres y de favela ya se estaba “muriendo ahogada en lo seco”, ¡en el mar de inseguridad alimentaria! Es verdad, el Brasil había vuelto al “Mapa del hambre”, desde 2018 según la FAO (ONU) (<https://www.boletimeconomico.com.br/brasil/o-brasil-voltou-ao-mapa-da-fome/>) Acceso el [25/11/2020]. La pandemia promovió, dentro de muchas otras cosas y males, el recrudecimiento de la pobreza extrema y del hambre (www.fao.org/brasil/noticias/detail-events/pt/c/1280495/) acceso el [29/10/2020]. Los ricos acumulan más en el periodo (www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/10/fortuna-dos-bilionarios-brasileiros-cresceu-39-em-meio-a-pandemia-diz-ubs.shtml) acceso el [29/10/2020] y los pobres quedaron más pobres, y más que eso, fueron arrojados a los límites de la sobrevivencia y necesidad humana. Así, entre retornar a la vivienda o permanecer en el Centro de Salud, sujeto a la contaminación, tal vez, realmente, no haya mucha diferencia en la elección, tratándose de riesgo de muerte.

Este barrio, uno de los más antiguos de la ciudad, dio origen a la denominación de “favela” (hoy mundialmente conocida), en las faldas del morro de la Providência. Soldados que fueron reclutados por el ejército brasileiro, en el interior de Bahía, para luchar en la conocida Guerra de Canudos (1896-1897)¹⁴ (Figuras 11 y 12), al llegar a la capital de la República, no tenían donde habitar (Figuras 13, 14 y 15) y, así, improvisaron sus viviendas en las faldas del morro. Como trazo de permanencia, la población negra y pobre continúa vulnerable, relegada a la precariedad, con la vida permanentemente en riesgo. El tiempo pasa, la ciudad crece, las enfermedades cambian, pero el hambre y la pobreza continúan siendo facetas de la tragedia urbana y del genocidio en la metrópolis brasileira.

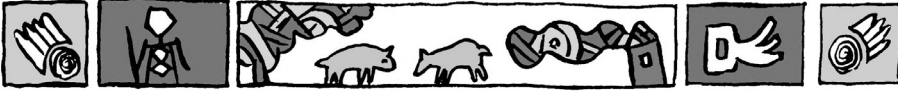


Figura 11. El Ejército se prepara para combatir en Canudos. 1896. Fuente: Ejército Brasileiro.



Figura 12. Mujeres y niños, seguidores de Antônio Conselheiro, presos durante los últimos días de la guerra de Canudos. Fuente: Wikipedia Commons – Fotografía de Flávio de Barros in LAGO, B., LAGO, P. (2005). Os fotógrafos do Império: A fotografia brasileira do século XIX. Rio de Janeiro, RJ: Capivara.

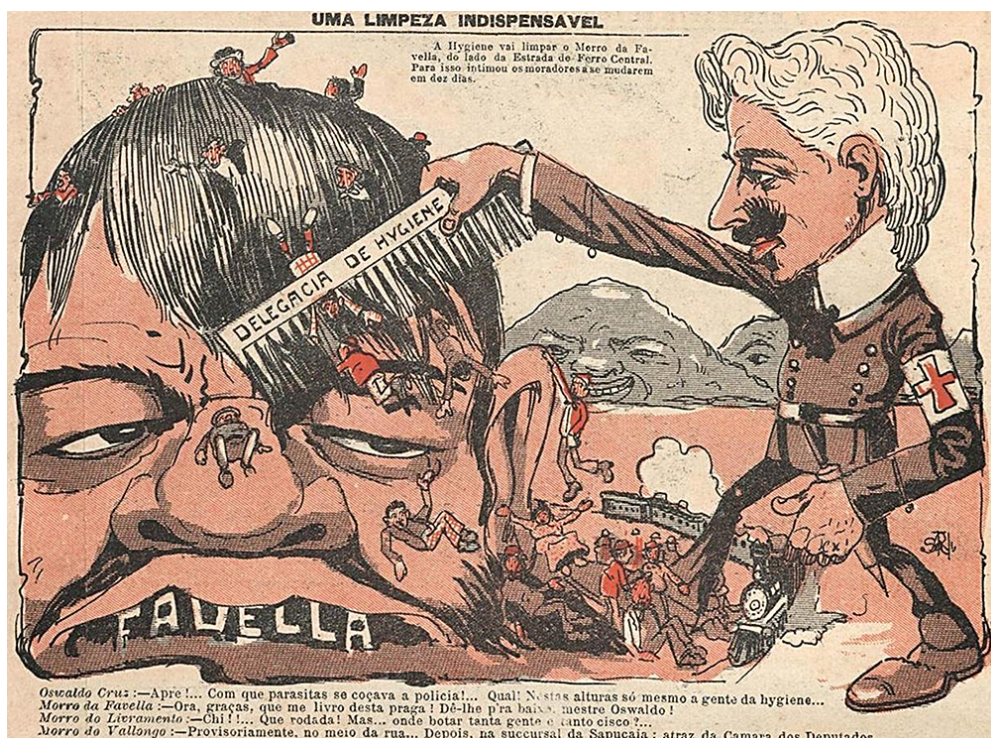


Figura 13. Caricatura de Oswaldo Cruz limpiando el Morro da Favela, durante la epidemia de Fiebre Amarilla en Rio de Janeiro (O Malho, nº 247. 08/06/1907). Fuente: Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro -Brasil.

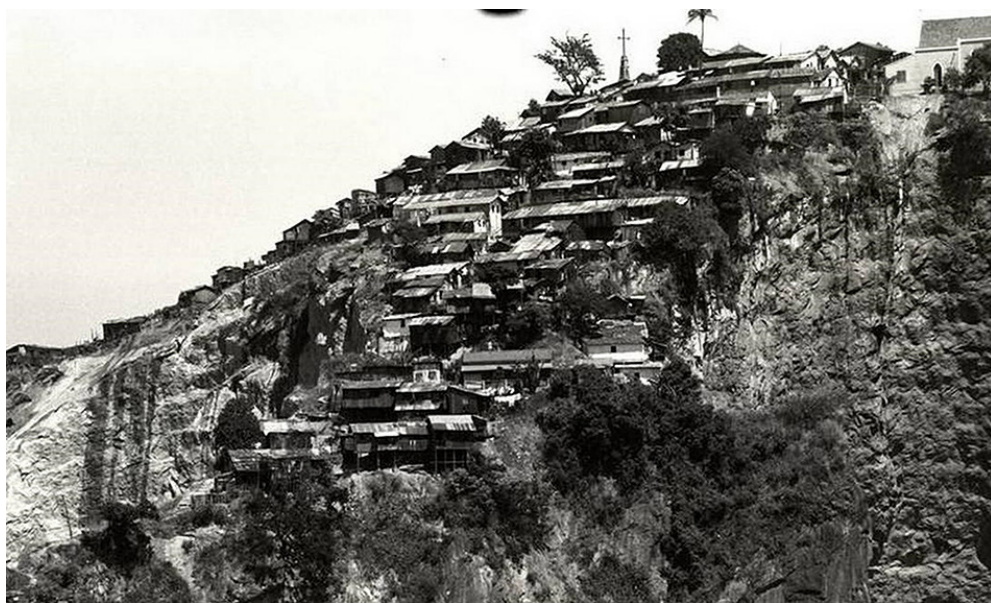


Figura 14. Morro da Favela (Providência) — Primera favela de Brasil. (1958). Fuente: (<https://oglobo.globo.com/rio/primeira-favela-do-brasil-morro-da-providencia-completa-120-anos-21378057>) . Acceso el [30/10/2020]



Figura 15. Morro da Providência (2015). Foto: Daniel García Neto. Fuente: (<https://diariodorio.com/historia-do-morro-da-providencia/>) Acceso el [30/10/2020]

XIII

La covid es la enfermedad de la mala sociabilidad: la calle es peligrosa, el abrazo es peligroso, el encuentro es prohibido, la circulación es arriesgada, la atmósfera (ese medio común, entre otros) está contaminada y la vida es suspendida. ¿Qué vida, exactamente, es suspensa? En un contexto de profunda alienación del tiempo y del espacio, en el que hasta incluso la oposición entre quien hace y lo que es hecho se borra en una identidad de cosificación, la vida parece ser, realmente, la vida de la cosa muerta sobre los hombres. La covid parece revelar la crudeza de la cosa muerta, pues un ser medio vivo medio muerto (el virus) solo posee “vida” al infectar su hospedero y la razón de su vida es “reproducirse”. Algo entre la biología y la política (biopolítica, como dirían algunos) y entre economía y la topografía de la circulación (los mapas que muestran la diseminación del virus por las vías de transporte no desmienten eso) trae un resultado: los bordes ennegrecidos de la cartografía de la enfermedad en las ciudades, metrópolis, regiones y territorios demuestran la mala sociabilidad del capital. Pobres, negros, periféricos, trabajadores “precarios” en el Brasil, por regla general, son estos los principales blancos en el número de casos y de muertos, denuncian así los movimientos, organizaciones y entidades.

La covid parece amplificar los contenidos de esa mala sociabilidad. Antes de la irrupción mundial del virus en el primer semestre de 2020, el encuentro ya no era algo muy bienvenido y la presencia en la calle ya era una reivindicación en el campo de la utopía. Y eso, claro, en un contexto en que presentaciones artístico-musicales

multitudinarias, centros comerciales triviales o de última moda, mega y mini eventos deportivos, fines de semana en playas llenas y otras aglomeraciones más o menos fugaces poblaban la vida común. Aglomerarse en medio de la soledad de la vida atomizada ya era la regla social pre-covid. En ese decurso, la calle también ya presentaba sus peligros: desde la llamada “violencia urbana” hasta el imperio del automóvil y las aceras inexistentes, irregulares o quebradas en casi todas las grandes ciudades brasileras. Y la calle, y de modo mucho más intenso en Brasil pos-2015, se volvió el hogar de tantos y tantos desvalidos de la crisis “multidimensional” del país (económica, política, social, etc.), que vienen, desde entonces, desmontando las estructuras fundamentales de eso que un día acostumbraba a ser llamado de “Estado Nacional”. Si el Estado, por cierto, ya se configuraba poco a poco como el gestor-jefe de la barbarie de la crisis estructural del capital y sus subproductos — como la devastación ambiental o el desempleo dicho “estructural”, o aún una población económicamente “excedente” y la presencia de grupos armados narcomilicianos y teocráticos controlando vastos territorios Brasil adentro —, su desmonte inaugura un verdadero orden político-social aún sin nombre y, tal vez, sin concepto.

Si décadas atrás Henri Lefebvre trajo la noción de “sociedad burocrática del consumo dirigido” (LEFEBVRE, 1984, p. 89-138), localizando el nudo de la vida contemporánea en la gestión institucional de la vida social, parece que las periferias vanguardistas exigen una relectura de esa perspectiva. El pasaje de “institución” al de “organización” demuestra lo siguiente: en las comunidades pobres de Rio de Janeiro (y principalmente en aquel contexto, por ahora), se opera una verdadera privatización de la política, donde la policía se confunde con la milicia, donde el acceso a vivienda es mediado por la milicia, etc. Además, es en ese contexto en que las propias formas de mediación entre lo profano y lo sagrado, en el campo del desespero popular de una vida vacía y atomizada, de una población económicamente “excedente” y profundamente proletarizada por un mundo de desempleo proveniente de algo que volvió a la sociedad entera una gran maquinaria de valor sin lastre, son mediadas por la tecnocracia miliciano, casi siempre neo pentecostal, casi siempre vinculada a actividades *off-shore* del dinero ilegal en el mercado de la fe religiosa popular. Se el dinero es la mediación máxima de la equivalencia, su forma muerta algo se asemeja al propio virus Sars-Cov 2: ambos siendo productos sociales, sin que se hospeden y se corporifiquen en los hombres, se desplacen y se reproduzcan, su vida no existiría.

Es esa práctica social que revela y esconde, simultáneamente, la fantasmagoría de realización del fetiche de la mercancía. Nos revela también el modo sobre el cual el fetichismo se despliega, pues los territorios controlados y operados por las milicias se vuelven economizados. Todo tiempo de la vida y hasta de la muerte está supuesto en la dilaceración y el embrutecimiento. La banalización de la vida es la pesada carga que alcanza a toda la vida cotidiana, direccionándola hacia la negación de lo urbano



como modo de vida. El encuentro es negado por el individualismo erigido como valor moral universal. He aquí uno de los aspectos de la barbarie que degenera las instituciones y hacen apología a las organizaciones, de su historia, de los duros caminos de las conquistas sociales. De ese modo, más allá de la negación del espacio se coloca la negación del tiempo. La atopía y la acronía participan en la negación expandida de la humanidad y su pilar fundamental es la profundización de la crisis urbana y la sociabilidad que le es correlata.

Los ritmos de la vida son dictados por el miedo: miedo del desempleo, miedo del hambre, miedo de la miseria que se manifiesta cuando lo trágico escudriña. Es el cuadro de la barbarie que se prolonga cuando el miedo se coloca como moneda de troca dentro de las luchas sociales, al notarse que cualquier movimiento que se oponga a la dictadura de la realización de la mercancía y de la acumulación que la acompaña, este aparece como obstáculo para los cambios de la vida. Esta imagen trae una afirmación: hay fuertes indicios, por lo tanto, de que el único miedo que está lejos es el de no tener miedo. Se desvela ahí el mayor de los desafíos para contraponerse a la primacía del fetiche de la mercancía. Es así que puede ser buscado el horizonte para la superación de los “cautiverios urbanos” operados por las organizaciones milicianas y que necesita imperar en la búsqueda permanente de las utopías en sincronía con sociabilidades de restitución de la humanidad.

Las fotos a continuación, de autoría anónima, muestran edificios en construcción en la Muzema, una favela de la zona oeste de la ciudad de Rio de Janeiro, favela internacionalmente conocida por haberse convertido en un territorio de actuación de las milicias. La construcción de esos edificios ocurre de modo flagrantemente irregular en lo que se refiere a legislación ambiental y urbanística local. Sin embargo, no son pocas las denuncias que de tales emprendimientos tienen relación con la diversificación de las actividades de grupos milicianos, involucrando inclusive personas del núcleo familiar del actual presidente brasileiro, Jair Bolsonaro (<https://theintercept.com/2020/04/25/flavio-bolsonaro-rachadinha-financiou-milicia/>) acceso el [27/02/2021]. En nuestra apreciación, tales emprendimientos constituyen un momento en que se verifica el territorio vuelto económico. El mercado inmobiliario en la favela, articulado de ese modo, moviliza el territorio también a través de la dominación, cuando reprimió la población habitante de esos territorios de circular en la comunidad al inicio de las acciones de aislamiento social en consecuencia de la pandemia de covid-19. Sin embargo, enseguida inclusive al inicio de la explosión de casos de contaminación por la enfermedad en la ciudad de Rio de Janeiro, aún en abril de 2020, los mismos grupos criminales chantajearon a los comerciantes locales y reabrir sus establecimientos, para seguir imputando el cobro de “tasas” a esos comerciantes. Además, conforme es posible observar en las imágenes, la construcción de esos edificios continuó incluso durante la pandemia.



Figura 16. Edificios en la Muzema. Rio de Janeiro, noviembre de 2020.



XIV

“Lo esencial es invisible a los ojos”

Antoine de Saint-Exupéry

La pandemia de covid-19 puede ser un elogio a la seguridad económica, al dinero, a la escuela, al bienestar social, a la economía moderna. Para concretizarse como tal, algunos incómodos deben desaparecer, o mejor, no ser vistos. Tratemos la idea de invisibilidad, pero no sin problematizarla. ¿Qué es visible o invisible? El alza en el costo de vida y los cortes de los derechos de los trabajadores aumentaron considerablemente el número de personas en situación de pobreza y miseria en el mundo entero, pero con más intensidad en territorios colonizados, como es nuestro caso. Para entender lo visible y lo invisible de la pandemia en la Ciudad de Curitiba, Paraná – PR, participar de las distribuciones de alimentos para la población sin hogar trae elementos más dramáticos a los datos.

Lo visible: un gobierno autoritario y con el apoyo popular de un tercio de los brasileros implementa políticas de muerte a los pobres, tanto al nivel de la degradación de la vida de manera general, como en el aumento de la represión y letalidad policiales en las favelas del país (<https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,letalidade-policial-atinge-o-maior-patamar-da-serie-historica,70003480086>) acceso el [18/11/2020]. Se niega, institucionalmente, la gravedad del momento de salud pública que vivimos, arrojando a los más pobres al trabajo en aglomeraciones para “salvar la economía”. Empresarios salen en los medios para decir que algunos inevitablemente morirían, pero que era el precio a pagar para evitar la caída de los lucros de las grandes empresas y de las élites nacionales. Permanecemos 4 meses en una pandemia sin alguien a cargo del Ministerio de Salud. Somos uno de los países con el mayor índice de muertes y contaminados por coronavirus del planeta y miembros del Estado brasileros fingen que el problema no existe.

Lo invisible: La pobreza aumenta. La alimentación encarece, trayendo de vuelta al hambre que, hace mucho tiempo, teníamos el orgullo de decir que estaba erradicada. Se volvió una escena común encontrar personas buscando restos de comida en la basura. Las ciudades brasileras comienzan a convivir con un rápido y creciente número de familias enteras que viven en las calles, colgadas, al mínimo, perdiendo un día detrás de otro los pocos pertenecientes que les sobran. Un día, tienen colchón, algunas ropas, ítems de higiene básica. Al otro, los guardias civiles municipales y la policía les quitan colchones, mantas y bienes personales. Al tercer día, no tienen las condiciones mínimas para atender su higiene personal. Solamente en São Paulo, según el censo de la población sin hogar, son 30 mil desabrigados, número que crece en el país entero debido a las remociones de comunidades que ocupan tierras en el

campo y la ciudad. No hay políticas públicas en los municipios brasileños para lidiar con el aumento de la miseria, y pocos poseen estadísticas al respecto. En Curitiba, por falta de una estadística producida por el poder público, el MNPR – *Movimento Nacional da População de Rua*, organiza los datos y acciones de esta población (www.cefuria.org.br/2018/07/23/brasil-de-fato-movimentos-cobram-inclusao-da-populacao-em-situacao-de-rua-em-censo-do-ibge) acceso el [08/02/2020]. El trabajo coloniza toda la vida cotidiana y los trabajadores tienden a aceptar más fácilmente la pérdida de derechos delante del miedo de la miseria.

Visible-invisible: Estar en situación de calle es depender de la solidaridad en muchas ocasiones, y trabajar muy duro por un plato de comida en otras. El caso es que, con las falencias en el pequeño comercio y la paralización de sectores productivos enteros, los restaurantes dejaron de ser abiertos al público y pasaron a entregar comida vía aplicaciones de celular, lo que disminuye el chance de conseguir comida inclusive para aquellos que consiguieron *manguear*¹⁵ algún dinero para comprarla. En Curitiba, en el Estado de Paraná, el MNPR se ha organizado, junto con el SINT-COM-PR (Sindicato dos Trabalhadores nos Correios do Paraná) y el MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) estableciendo una red para distribuir cajas de comida a las personas sin hogar del Centro de la ciudad. Se reúnen a las 8:30 a.m de lunes a viernes para cocer arroz, cocinar frijol, cortar ajo, zanahoria, yuca, cocinar quirera¹⁶ de maíz y preparar la carne que irá a llenar 200 cajas de comida que serán distribuidas diariamente en la Plaza Rui Barbosa. Mientras preparan la comida, conversan sonrientes, hacen chistes unos con los otros, y hablan sobre el resultado de las elecciones. Comentan felices la elección de Carol Dartora, del PT (Partido dos Trabalhadores) para el cargo de concejal, la primera mujer negra — como la mayoría de las personas en movimiento y en las calles — a ocupar esta posición en el municipio. Conversan sobre política, arte, cuentan historias, bromas, banalidades: ocupan de vida la cotidianidad. Con el pasar de los meses, las donaciones se han tornado escasas, al paso de que las plazas se llenan de más y más gente sin hogar. Con alguna frecuencia la guardia municipal y la policía militar desagrupan con balas de goma y gas lacrimógeno las distribuciones de alimentos bajo el pretexto de evitar las aglomeraciones (www.plural.jor.br/noticias/vizinhanca/pandemia-escancara-desamparo-a-populacao-em-situacao-de-rua-em-curitiba) acceso el [18/12/2020]. El MNPR organizó en junio una manifestación (www.brasildefatopr.com.br/2019/06/06/curitiba-populacao-de-rua-marcha-ate-a-prefeitura-e-reivindica-politicas-publicas) acceso el [18/11/2020] al frente de la Alcaldía de la Ciudad de Curitiba, llamada “Comida¹⁷ con Rafael Greca” — haciendo referencia al alcalde de la ciudad por el *Partido da Mobilização Nacional*, que dice “vomitar con olor de pobre” (<http://g1.globo.com/pr/parana/eleicoes/noticia/2016/09/apos-dizer-que-vomitou-com-cheiro-de-pobre-candidato-se-desculpa.html>) acceso



el [18/11/2020] — y distribuyeron cajas de comida frente al predio de administración municipal. En Brasil, la producción de la miseria es un proyecto intencional y violento.



Figura 17. Distribución de comida al frente de la Alcaldía de Curitiba (2020) Fuente: Archivo MNPR.



Figura 18. Distribución de comida en la Plaza Rui Barbosa (2020). Fuente Archivo MNPR.



Figura 19. Preparación de alimentos para la distribución, en la sede del SINTCOM –

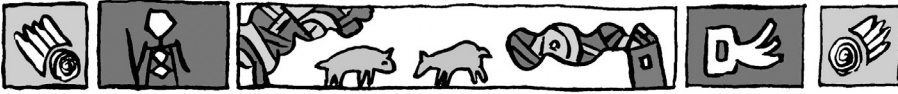


Figura 20. Distribución de comida en la víspera de navidad de 2020, en la plaza Rui Barbosa. Foto: Kauê Avanzi.

XV

Es posible verificar cómo la dimensión de muerte del Estado moderno (LEFEBVRE, 1986, p. 27) se efectuó en la región del sur del Estado de Minas Gerais, no solo durante la pandemia, pero, sobre todo por medio de ella.

El mapa a continuación muestra la expansión de la covid-19 en esta región, la cual tiene como eje principal de propagación la carretera Fernão Dias, que une São Paulo a Belo Horizonte. Las ciudades en la frontera con el estado de São Paulo y a lo largo de la carretera se presentaron las primeras manifestaciones de incidencia de la covid-19, como Extrema y Pouso Alegre, después alcanzando las ciudades menores del entorno, prácticamente siguiendo el patrón de la red urbana y su jerarquización.

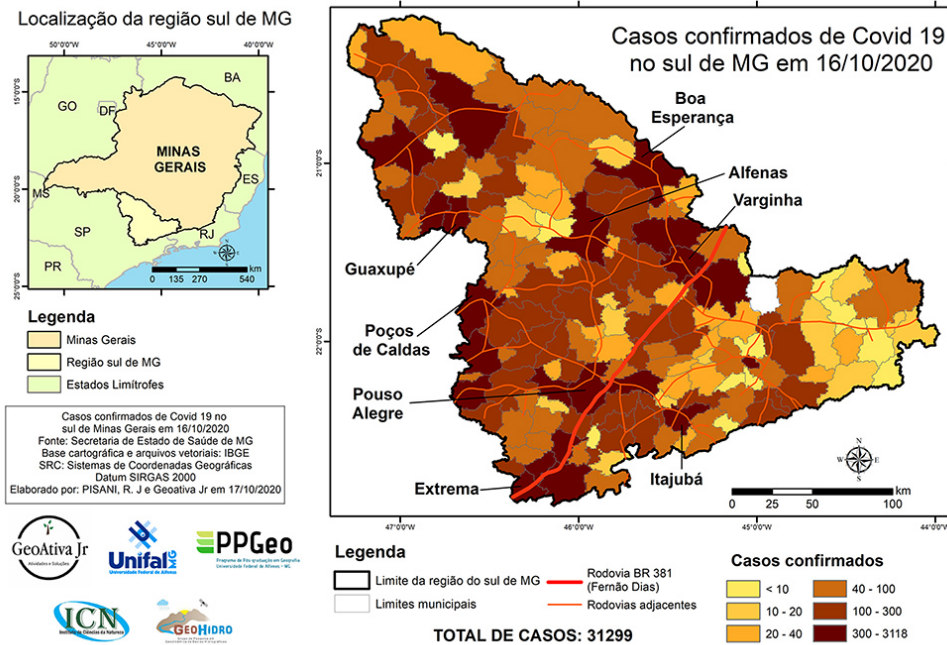


Figura 21. Casos confirmados de covid-19 en el sur de Minas Gerais – MG el 16/10/2020. Fuente: GeoAtiva Jr. Atividades e Soluções. (www.facebook.com/geotivajr/photos/3415731271807290). Acceso el [20/01/2021]

Un ejemplo es el de la ciudad de Alfenas, que solo meses después de la manifestación de la covid-19 en las ciudades referidas, presentó los primeros casos de la enfermedad, considerando la transmisión comunitaria. A partir de ahí, el ritmo de propagación de la enfermedad se fue intensificando, cuando el número de infectados en el mes de octubre aumentó a más del doble, según el boletín de la alcaldía el día 23 de octubre (www.facebook.com/prefeituradealfenas) acceso el [12/11/2020].

Las ciudades pequeñas presentaron números proporcionales inferiores y un ritmo más lento al inicio de la incidencia de la enfermedad. Entre los factores, una población y una circulación menores favorecen las medidas de aislamiento — por ejemplo, la mayoría de ellas no tiene transporte colectivo, pero un hecho no se alteró, las poblaciones más carentes fueron las más afectadas directa e indirectamente, registrando el mayor número de casos y/o perdiendo sus actividades remuneradas.



Figura 22. Fila para recibir el auxilio económico de emergencia del gobierno de Alfe-
nas. Fuente: Evânio S. Branquinho. 16/11/2020

En esas ciudades, las alcaldías tienen menos poder frente a las presiones de comerciantes y empresarios para decretar un aislamiento más riguroso (o se aliaron a estos), el resultado es que a pesar de las barreras sanitarias en las entradas de las ciudades y la pandemia se demora más en avanzar, con el tiempo, esta alcanza altos índices de contaminación, conforme la figura a continuación. Es importante resaltar que también en esas ciudades fue verificada la indicación de remedios sin eficacia comprobada realizada por el Ministerio de Salud.



Figura 23. Evolución de los casos de covid-19 en el sur de Minas Gerais. Fuente: GeoAtiva Jr. Atividades e Soluções. (www.facebook.com/geoativajr/photos/pcb.3566611210052628/3566610690052680/) acceso el [26/01/2021]

Con relación a las tensiones en el espacio rural de esta región, municipio de Campo do Meio, entre los días 12 y 14 de agosto fueron desalojadas, en plena pandemia y estado de calamidad pública decretado por el gobierno de Minas Gerais, 14 familias que ocupaban hace 20 años un área de una hacienda azucarera en bancarrota, la cual los grandes productores locales intentan arrendar para invertir en el agronegocio del café. También fue destruida una escuela del *Movimento dos Trabalhadores Sem Terra*. Otras 450 familias resisten, todavía, en un terreno vecino del cual pueden ser desalojadas.

La destrucción de la escuela expresa la tentativa de condenar el movimiento de reforma agraria y de resistencia al agronegocio, exponiendo el *Estado de muerte* de los gobiernos autoritarios de derecha, actualmente en curso. Las reformas jurídicas encaminadas apuntan hacia la reducción de derechos de los ciudadanos y en la construcción del Estado Policial con énfasis en la criminalización de los más pobres y los movimientos sociales.

En ese sentido, como recalcó uno de los ministros del Gobierno Federal, el periodo de la pandemia constituye una oportunidad para “pasar el ganado”.

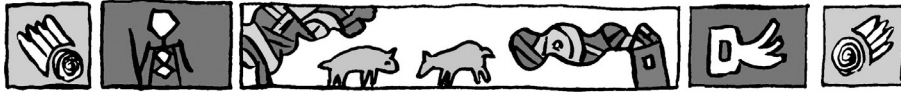


Figura 24. Desalojo en el Palenque Campo Grande que pondrá en riesgo 450 familias de agricultores. Foto: Isabelle Medeiros/ Mídia Ninja. Fuente: <https://mst.org.br/2020/08/13/despejo-de-familias-sem-terra-em-mg-e-denunciado-para-relator-especial-da-onu/> Acceso el [14/09/2020]

XVI

Como respuesta a la crisis generada por la pandemia del nuevo coronavirus (covid-19). Los gestores del capital anuncian orgullosamente sus futuras políticas ambientales. “Será un giro radical de 180 grados” (<https://valor.globo.com/mundo/noticia/2020/11/11/biden-ser-reviravolta-de-180-graus-em-relao-a-trump-no-clima-diz-ministro-do-japo.ghtml>) acceso el [21/01/2021]. Tan vago como su *slogan* son las propuestas presentadas como capaces de revertir el colapso socioambiental que se anuncia. Entre apretones de manos y sonrisas, los signatarios del Acuerdo de París colocan sus esperanzas en un capitalismo sustentable, capaz de unir Estado, sociedad civil y corporaciones en un gran acuerdo ecológico.

Todavía bajo los efectos devastadores de la primera ola de la pandemia, los países industrializados ya delinear modelos de recuperación “verde” para estimular el crecimiento económico en los próximos años, pautados en los aportes financieros billonarios con medidas favorables al clima, tecnologías de energía limpia, vehículos de bajo carbono, uso sustentable del suelo y extractivismo depredador de países como Brasil, Chile, Bolivia, etc.

Como lema: una economía sustentable y resiliente, competitiva y con oportunidades de trabajo (<https://wribrasil.org.br/pt/blog/2020/06/europa-traca-rota-para-re>

cuperacao-sustentavel-apos-covid-190 acceso el [21/01/2021]. A pesar del aparente pacto de transformación, queda evidente que la propuesta de superación de la actual crisis se da a partir del mismo principio autodestructivo generador de la crisis.

El principio abstracto de valorización y crecimiento (www.obeco-online.org/rkurz108.htm) acceso el [21/01/2021]. Delante del real agotamiento de los recursos y su incapacidad de regeneración en un corto periodo de tiempo, las medidas adoptadas se reducen a proyecciones matemáticas, mórbidamente acuñadas como cálculo de la extenuación, depreciación, amortización. El capital es lógicamente incompatible con la idea de sustentabilidad, pues la dinámica expansiva tiende a la ampliación infinita, la cual los límites físicos y temporales del planeta no soportan. La erosión de suelos, la expansión de las fronteras agrícolas, la minería de los océanos y los salares, y sus desdoblamientos negativos no pueden ser internalizados por el capital. De allí derivan mecanismos y narrativas que puedan mitigar su colapso.

Se cambia hidrocarburos por litio, soya por IFA¹⁸ ...

XVII

Arritmia, corazones partidos, perturbaciones. La pandemia atraviesa *naturaleza* y sociedad y es atravesada por el ritmo de producción de las relaciones sociales de producción. Reproducción que no es simple clonaje. Renueva este momento de deterioración agravando la separación (DEBORD, 2003, p. 13-25)¹⁹, pero también puede estallar.

¿Cómo vivimos ese agravamiento de la separación ya impuesta por la lógica reproductiva capitalista? Separación que crea estructuras segmentadas adiestradoras de deseos y necesidades. Los niños y los jóvenes resisten siempre a todas las fragmentaciones del tiempo y del espacio, de la hora de estudiar y de jugar. no aceptan la repetición que adiestra ni el orden del tiempo lineal. De alguna forma ya perciben que situaciones sociales falsifican la representación de lo natural y disimulan los ritmos de la naturaleza. La institución que segmenta los niños y los jóvenes necesita reproducirse, en medio de la pandemia.

¿Cómo, a través de una pantalla que ni todo mundo tiene, desde marzo de 2020, la escuela se mantiene como estructura de una separación? Se mantiene, en cuanto idea y en su ideología: Tienen que aprender, tienen que leer, tienen que escribir. Solo le cabe depositar “conocimientos” y quien puede que aprenda. La escuela es ese lugar de aprender a leer y a escribir, y también es el centro de convergencia de las experiencias que no pueden ser escritas. ¿Como leer para lo que no existen palabras con que describirse? Ese cotidiano lleno de vivencias, todas diferentes y convergentes. Vivencias que reflejan y refractan. Con belleza y/o tristeza, siempre de forma contradictoria, las cuestiones sociales.



La escuela va sustentándose, en la pandemia, solamente a costas de la deterioración aún mayor de la educación y de las relaciones sociales que en ella se daban. La escuela es necesaria a medida que se realiza la funcionalización social. Haciendo eso a costas de la vida y de lo vivido.

Los niños pasan todo el día en casa, con clases o sin clases y los profesores más sensibles comienzan a percibir cuestiones que surgen de esa unión entre casa y escuela, que no deja de ser fragmentaria. Es niño en la ultraviolencia: solo se queda en la casa, se llena de televisión, y cuando decide jugar [solo], hace travesuras y es castigado. Es adolescente teniendo que encargarse de todas las tareas domésticas para que los padres puedan trabajar.

La profesora que lee esos escritos sin palabras no consigue “desleer” más la consecuencia de una escuela a distancia que continúa siendo el lugar de los abandonados. La profesora se convierte en un tipo de centro que lidia con diversos problemas, consecuencia de cuestiones sociales más allá de la pandemia, pero que, limitando la escuela, recae con más fuerza sobre ella. Quien lee, no consigue ignorar esa situación de hambre, de falta, de apartamiento. Va a llevar una cesta básica, pelear por el derecho a la salud y reinventar las clases sin salón de clases, sabiendo que no hay internet que llegue y que ningún cobro tradicional a los alumnos funcionará (siendo que ni funcionaban anteriormente). Hace todo esto viendo su propio trabajo y casa fundiéndose (aún más, porque ya antes era así), y va trabajando más, mezclando reuniones con cena. El celular se torna un verdadero problema, es casi todo trabajo. Aquel rincón de organizar estudios también es solo trabajo, pagando para trabajar, pagando la internet, la mesa, la silla que da cuenta de la espalda cansada... (aún más, porque antes también ya compraba material con su salario)

Esa unión de los espacios de la escuela con la casa, unión en separado, porque mantiene el ritmo de la reproducción del capital, porque mantiene lo cotidiano colonizado, porque es el ritmo de la sobrevida, es la más pura degradación.

Delante de la crisis de la separación, aparente en cuanto paradoja, ¿para dónde vamos?

La covid-19 provocó, en la educación, la interrupción de la actividad escolar. La medida, adoptada inicialmente por algunas pocas Universidades Públicas, se generalizó en los diferentes niveles de enseñanza en un plazo tan corto que no hubo plan de contingencia.

Mientras las organizaciones decretaban anticipación de vacaciones y recesos, las familias pasaron a administrar una nueva dinámica, la de los jóvenes y niños presentes integralmente en la casa.

En un primer momento, la ausencia de escuela significó vacaciones en casa para las clases medias, retiros en casas de campo para otros estratos y aglomeración y hambre para los más pobres, ya que la escuela pública significa simultáneamente merienda — y protección — para los hijos y la posibilidad, para los padres, de salir a trabajar o buscar trabajo.

Surgió una brecha para una nueva educación en las clases medias, pues la vida doméstica fue reinventada, con padres y madres haciendo panes y enseñando a los niños la alquimia de la cocina. Lentamente se instaló un “nuevo normal” y, desde entonces, la brecha se estrechó. Cuando no se resuelve un problema, se convive con él. Estudiantes mantenidos en la casa. Los profesores tendrían que transmitir sus clases, sea a partir de sus residencias, sea a partir de la escuela, en salas vacías. El engranaje, necesita moverse para que todo permanezca como siempre fue.

La ilusión de una cuarentena de 20 o 40 días se deshizo. Sin preparativos, las personas fueron sometidas al mediático “nuevo normal”. *Home office o teleclases* son términos insuficientes, pues lo que continuó fue la generalización de su degeneración. Algunas — y no todas — familias pobres fueron incorporadas en programas de asistencia: vale merienda, tarjetas *SIM* de datos, y promesas de entrega de equipos electrónicos. Prevalció la concepción de contenidos escolares y no de la escuela como espacio de sociabilidad.

He ahí entonces que el falseamiento de la escuela, se opera nuevamente. Ahora bajo el nombre pomposo de clases síncronas que aparece como superación del EaD²⁰, Pantallas de computador encendidas y cámaras apagadas. A veces, nadie. Ese es el nuevo presencial. La separación antes vivida ahora es teletransmitida. Ni Debord podría imaginar donde esta sociedad llegaría. ¿Y a donde ella llegó? A la nada. Al vacío. La pandemia aceleró la degeneración social y el precipicio está debajo de nuestros pies. El “nuevo” normal es la nada.

La escuela se adaptó a las tecnologías de las grandes empresas de internet, y no al contrario. Y, pasando a utilizar una tecnología alienada, la escuela fue duplicada tanto para aquellos que construyeron la tecnología (las empresas de TI) como para los jóvenes, que la naturalizaron. Quien no se integró, se quedó atrás, invisible para la maquinaria.

Lo que restó de la escuela y de su proyecto iluminista se mantiene. La reproducción de esta sociedad se mantiene, La hora-trabajo, o mejor, la hora-clase, impera también en lo virtual. A los pedazos, todo se mantiene porque la sociedad es fría. La esperanza se mantiene. Lo falso es un momento de lo verdadero.



XVIII

1

El fin de la vida y de los *espacios* (así llamados) salvajes es el estado mejor acabado de la salvajería del dinero que pone fin a la vida en todos los *lugares*.

2

En todas las películas de ciencia ficción, la biblia incluida entre ellas, el fin del mundo se presenta como una totalidad cerrada, formal, cabal y final. En las ficciones, la biblia incluida, una vez más, cuando el mundo acaba él no continúa: el fin como cierre.

Una especie de *big bang* al revés. Todo desaparece, sube.

Dulce sería morir en el mar. Tan romántico como inexistente ese mundo del fin con punto final.

En realidad, como momento de lo que no es falso, el fin del mundo es sádico. En él el fin se presenta de forma continuada, permanentemente acabando. Extendido en el espacio y en el tiempo: un fin perene, un *perrengue*²¹ sin fin.

En cada rincón una instancia del fin, en todo momento la continuación del fin.

La realidad acabada pone en curso una acumulación primitiva del fin.

El fin del mundo como continuación cabal del capital.

3

Siempre fue patética la apología de la casa.

Arquitectos, diseñadores, publicistas, fenomenólogos, coachs, psicólogos y filósofos, artistas y geógrafos y otros tantos defensores del hogar como locus de la intimidad, del autorreconocimiento y del suceso-sosiego están ahora terriblemente rehenes de sus argumentos mientras siguen desesperadamente trancados dentro de sus tediosos hogares.

La noción de casa, de hogar, de hábitat que se estableció y prevaleció a lo largo del siglo veinte, y comienzos del siglo veintiuno, no sólo reproducía la forma mercancía con matices de afecto por ella, como elevó el nivel del fetiche de la propiedad para el meollo de la vida cotidiana: antes o después de ser su casa es su propiedad. ¡Antes y después de ser su casa la noción de propiedad se apropió de usted!

La noción de casa que fue defendida como lugar de amor propio, confort y seguridad sale a relucir como lugar en que nos aprisionamos. Y cuando se trata de prisión poco importa el color de la pared o el bonito cuadro que está colgado en ella. No importa cuán confortable es su casa cuando se vuelve una prisión personalizada.

Uno de los logros más duraderos del capitalismo fue la prevalencia de que la casa

iba más allá de un tipo de confinamiento estilizado y atomizado. El *american way of life* alzó su más extendido vuelo cuando impuso al mundo esa noción de hogar. La pared que ahora lo confina nunca fue libertadora, pero ahora, solo ahora, después de un año recluso por ella es que usted percibe que la casa que te acoge se encoge a cada día al paso de aprisionarlo.

Cuando el arquitecto fordista Le Corbusier vanagloriaba la casa como una máquina de vivir, no imaginó que esta sería tan avasalladoramente exitosa como máquina de trabajar.

4

El tedio está entre las armas de destrucción en masa más letales ya producidas por la sociedad.

Quien no muere de hambre, muere de tedio dijo Eduardo Galeano. El tedio es siempre contrarrevolucionario, escribieron los situacionistas.

El tedio inviabiliza, es enemigo de la pereza.

La pereza es tecnología sofisticada contra el trabajo, el tedio es mecanismo de captura para el consumo. No raras veces las mercancías que ofrecen alegría generan su contrario: más tedio. No se compra alegría, ella solo puede ser encontrada en la creación libidinosa, en la libido creativa, en la subversión deliberada. La forma mercancía es el revés de la alegría, es el tedio materializado en forma de cosa.

La producción de mercancías produce enfermedades, La enfermedad fomenta la producción de mercancías.

Seamos todes bienvenidos a la nueva era de las plagas geopolíticas-económicas.

Guerras civiles-virales: todos somos humanos-virus-bombas. Mbembe (2019) nos recuerda que finalmente vivimos un momento democrático: fue difundido entre *nosotros* el derecho de matar.

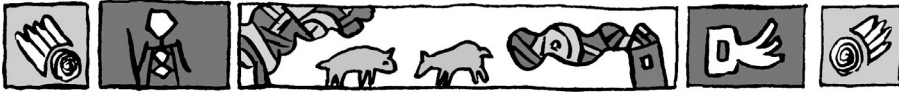
6

Una época que es un plazo (ARANTES. 2014)

El futuro más lejano que se puede imaginar, y aun así está cada día más distante, es el fin de la cuarentena. El calendario anual fue sustituido por el calendario quincenal. En Auschwitz el futuro como cámara de gas. Ahora el futuro está movido a respiradores, fosas comunes y guerra por mascarillas y vacunas.

El fin del futuro como realidad de excepción permanente. La permanencia de la noción de tiempo en suspensión. El espacio-tiempo de la ciudad en putrefacción.

7



Doméstico y domesticador, el padecimiento social en forma de aislamiento no surgió, pero emergió con énfasis con a tal cosa-corona. La aparición intensificada, infectado-infectante, del virus se coloca como un convite-covid para buscar entendimientos desdoblados de enfermedades socioespaciales nada nuevas. Así el año 20 del siglo 21 que duró 20 años y se estrelló con la globalización del virus 19 no inventó tanta cosa así, pero exacerbó, intensificó o radicalizó mucho de lo que ya estaba incubado. La cosa-corona nos permite observar facetas y movimientos de una dada fenomenología del colapso de la modernización.

La crisis de la ciudad y la casa prisión, por ejemplo, no surgieron con el virus, pero se intensificaron. El aislamiento social y el aprisionamiento del cuerpo por la casa, y la reducción del cuerpo como cara que mira pantallas tampoco son creaciones virales, pero se viralizaron después de él.

XIX

1

El mundo que habitamos y vivimos se revela como algo complejo, interdependiente, modificándose en ritmos antes nunca experimentados, que avanza, entre otros aspectos, con la emergencia de nuevos modos de organización societaria y relacional. La pandemia del coronavirus parece estar suscitando una cierta reinención de la vida cotidiana, estableciendo nuevas contingencias a la experiencia socioespacial, frente a la percepción de un futuro en abierto e imprevisto. Más que ayer, la urdidura situacional de la pandemia evidencia la necesidad y urgencia de una valorización radical de la vida, encima de todas las cosas.

2

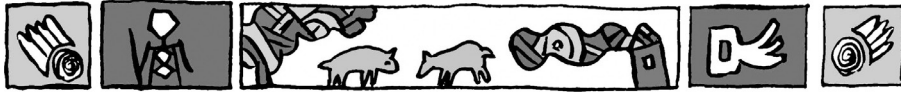
Es plausible considerar la posibilidad de cierto achatamiento tanto de la política como de las elaboraciones teórico-intelectuales en relación con rupturas y mayores transformaciones de lo existente. En vista de los signos de agotamiento y crisis evidenciados por los modos de relación, aún prevalecen, entre las personas y en el metabolismo entre sociedad y la naturaleza. Al plano de inseparabilidad sociedad/naturaleza, los patrones hegemónicos en ese universo relacional ofrecen claras evidencias que haber alcanzado un punto de inflexión conspicua, mostrándose insustentables. Sí eso realmente se comprueba, y todo indica que sí, esta situación nos demandará, en lo mínimo, la adopción de una especie de pedagogía existencial de la crisis, en el sentido de aprender a vivir y a convivir bajo una etapa crítica más prolongada.

3

En una condición de miedo, ansiedad e inseguridad a la que estamos sometidos en estos tiempos de pandemia, con trayectorias de la enfermedad todavía un tanto erráticas, somos confrontados con un espectro de otras ansiedades que permean la esfera contemporánea del cotidiano, orientando nuestras atenciones hacia las hostilidades del mundo. Esta perspectiva se identifica con una idea fuerte y prevaleciente a lo largo de la historia, desde la Antigüedad hasta los tiempos modernos, refiriéndose a las estructuras de pensamiento relativas a las influencias que el “medio ambiente” ejerce o puede ejercer sobre nuestras vidas. Todavía, nos deparamos con el límite representado por la propia muerte, que revoca, inexorablemente, el repertorio de todas las otras posibilidades. En esta perspectiva, se pueden considerar ocurrencias bajo el sentido de desconexiones a patrones o normas preestablecidos. Estas operarían ciertos “desplazamientos” de modos y situaciones de vida, hasta entonces existente, vinculados más directamente a la sobrevivencia. Por lo tanto, estamos hablando de necesidades incisivas, que apuntan a una reordenación de la vida bajo los influjos del torbellino de su dispendio en la crisis recrudescida por la pandemia.

XX

Dilema y muerte – epílogo
 ¿Cuál salud? ¿Cuál salida?
 ¿Neutralización o ruptura?
 Allá afuera, me COVID a acostarme,
 Volver a la tierra o al aire.
 Miro alrededor... ¡es sólo muerte!
 En casa y aquí dentro, algo me dice reconectarme,
 Volver a la consciencia de mi cuerpo,
 Volver a mi ancestralidad,
 Conectarme a la naturaleza,
 Volver a la tierra y al aire,
 ¡Pero con la vida y no con la muerte!
 Moverme por la vida totalizada no por la economía,
 sino por lo que hay de humano en mí.
 ¡La pandemia nos devela muchos caminos!



NOTAS

1. Palabra de origen brasilera, aceptada por la Real Academia Española de la Lengua, designa *barrio pobre*; se está empleando para sustituir palabras como *tugurio*, *comuna*, *callampa*, *villas miseria* o *chabola*. El origen de la palabra tiene un vínculo importante con varios elementos: directamente con la *Mandioca Brava* o *Favela*, o con un tipo de planta típica do *Sertão*, como también con “panal”, *favo* en portugués, o con *favilla*, “ceniza caliente” en latín. N. del T.
2. Título del libro editado en el período de la pandemia, con la participación de varios intelectuales como Agamben, Butler y Zizek, entre otros, abordando la pandemia desde diferentes perspectivas. Título usado como excusa estilística, poética y espacial, cuestionable punto de origen geográfico de la covid.
3. “Home-office”, es un extranjerismo ampliamente utilizado en Brasil para determinar el trabajo, que tradicionalmente es realizado en oficina dentro de una empresa, pero que pasa a ser realizado fuera de ese espacio, generalmente en la casa del trabajador, dependiendo del avance tecnológico para que eso ocurra. La forma de utilización de ese término no coincide con su uso en países de lengua inglesa, donde home office es un lugar de la casa y no el acto de trabajar en casa u otro ambiente. Según Ricardo Antunes (2020, p. 16) la jornada de trabajo en “home office” es estacional e idéntica a la realizada en oficina, manteniendo las mismas leyes de trabajo.
4. CEP, Código de Endereçamento Postal.
5. Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, cuya sede principal en la Avenida Paulista, se convirtió en lugar de encuentro de los grupos antiDilma y antimascarillas. Esta Federación ha apoyado y acogido dichos grupos e ideologías.
6. Esta parte del texto contiene elementos desviados del libro “El planeta enfermo” (2009) de Guy Debord, y de la Revista de la Internacional Situacionista (1997), particularmente de textos como “Banalidades de base” y “Técnica del golpe del mundo”.
7. *Cortiços*, en portugués, conocidos también en Brasil como “casa de cômodos” o “cabeça de porco”, entre otras, puede significar, casas compartidas, casas precarias, como inquilinato, pensiones, sobrados, o vecindad, denominando así viviendas aglomeradas, donde se comparten los espacios como baño, cocina y patio.
8. R7 es un portal online de noticias, creado en 2008, pertenece al Grupo Record, gran conglomerado de médios brasileiro.
9. Revista creada en 1967 por la Editora Abril, pero actualmente pertenece a la Editora e Comercio Valongo. Trata especialmente de economía, empresas y tecnología.
10. CUFA (Central Única das Favelas) <<https://www.cufa.org.br/>> Acceso el [03/12/2020]
11. Ese relato está compilado en el grupo de entrevistas realizadas para el documental “Não somos so um Número - Em meio à pandemia, São Paulo/Brasil”, realizado por el grupo de investigación *Geografia urbana: la vida cotidiana y lo urbano*, y otros investigadores para este

- proyecto editorial. Está disponible con subtítulos en español. <<https://vimeo.com/616288679>> Acceso el [28/09/2021]
12. Saudade, en el original (N. del T.)
 13. *Pardo*, en el original, aparece como denominación etnográfica aceptada en Brasil y engloba términos como mestizo y mulato. En Latinoamérica el término mestizo acabó siendo adoptado para describir grupos étnicos de piel morena que no se autodenominan ni afroamericanos ni blancos; de, originalmente, denominar *al hijo de blanco e india, o de indio y blanca* (RAE), pasó a abarcar cualquier “mezcla interracial”, el proceso de *mestizaje*. En algunos censos latinoamericanos aparece la categoría “Sin pertenencia étnica”, homogeneizando *blancos, castizos y mestizos* (DANE, Colombia). (N. d. T.)
 14. La Guerra de Canudos fue un conflicto armado que ocurrió entre 1896 y 1897, en Canudos, localidad del *sertão* nordestino del interior del estado de Bahía, involucrando al ejército brasileño y miembros de una comunidad religiosa liderada por Antônio Conselheiro. El enfrentamiento llevó, en la época, a la destrucción de la comunidad y a la muerte de la mayor parte de los 25 mil habitantes de Canudos, ya fuertemente afectada por las secas cíclicas y la grave crisis económico-social, marcada por la presencia de latifundios. Cf.: MONIZ, E (1978). *A Guerra Social de Canudos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
 15. Jerga propia de la población en situación de calle en Curitiba, tiene el significado al acto de pedir limosna.
 16. Presentación de granos como arroz y maíz de forma triturada, se suelen preparar sopas y cremas conocidas bajo ese nombre.
 17. *Rango*, en el original, jerga popularizada para referirse a la comida.
 18. IFA, Ingrediente Farmacéutico Activo, mercantilizado mundialmente.
 19. Conforme Guy Debord (2003), la separación es una forma de alienación en el espectáculo, con la autonomización de las imágenes como parte y todo, que trae una escisión a la unidad de la vida, formando el lenguaje unificador, que une lo total en separado. A partir del poder parcelar, que toma la forma general de la ruptura con el Estado Moderno y de la apropiación privativa, agrava la división social del trabajo y la objetivación de los trabajadores, que crean un tiempo y espacio extraño a ellos mismos.
 20. Significa tanto “Ensino à Distancia” en portugués, como “Educación a Distancia” en español.
 21. Del portugués, significa molestia, apuro.

REFERENCIAS

- ABÍLIO, L. (2020, agosto 5) Breque dos Apps é um freio coletivo na uberização e na degradação e exploração do trabalho. Entrevista especial com Ludmila Abílio. Entrevistadora: Patricia Fachin. Unisinos. Disponible en <<http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/601524-breque-dos-apps-e-um-freio-cole->



tivo-na-uberizacao-e-na-degradacao-e-exploracao-do-trabalho-entrevista-especial-com-ludmila-abilio>

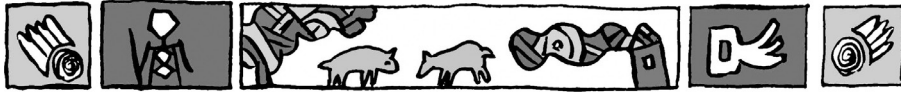
- AGAMBEN, G. (2007). *Homo sacer, o poder soberano e a vida nua, I*. Traducción de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- AGAMBEN G, ZIZEK S, NANCY JL, BERARDI F, PETIT SL, BUTLER J, et al. (2020). Sopa de Wuhan: pensamento contemporâneo em tempos de pandemias. ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio). Disponible en: <https://bit.ly/sopadewuhan>.
- ANTUNES, R. (2020). *Coronavírus. O trabalho sob fogo cruzado*. São Paulo: Boitempo.
- ARANTES, P. (2014) *O novo tempo do mundo: e outros estudos sobre a era da emergência*. São Paulo, Boitempo.
- BARROS, F.; LAGO, B. (2005) *Os fotógrafos do Império: a fotografia brasileira no Século XIX*. Rio de Janeiro: Capivara.
- BERTÃO, N. (2020, diciembre 12). Renegociação de dívidas fica em segundo plano para maioria de brasileiros na pandemia. Valor Investe. Disponible en: <<https://valorinveste.globo.com/objetivo/organize-as-contas/noticia/2020/09/12/renegociao-de-dividas-fica-em-segundo-plano-para-maioria-dos-brasileiros-na-pandemia.ghtml>>
- CARRANÇA, T. (2020, octubre 8). Fortuna dos bilionários brasileiros cresceu 39% em meio à pandemia, diz UBS. Folha de São Paulo. disponible en <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/10/fortuna-dos-bilionarios-brasileiros-cresceu-39-em-meio-a-pandemia-diz-ubs.shtml> >
- Centro de Formação Urbano Rural Irmã Araújo. (2018, julio 23) Movimentos cobram inclusão da população em situação de rua em censo do IBGE. CEFURIA. Disponible en <<http://www.cefuria.org.br/2018/07/23/brasil-de-fato-movimentos-cobram-inclusao-da-populacao-em-situacao-de-rua-em-censo-do-ibge/>>
- Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC). (2020, septiembre 9) Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (Peic). CNC. Disponible en: <<http://stage.cnc.org.br/editorias/economia/pesquisas/pesquisa-de-endividamento-e-inadimplencia-do-consumidor-peic-agosto-0>>
- DAMIANI, A. L.(coord.); ALFREDO, A.; BAITZ, Ricardo; BRANQUINHO, E.; DAMIANI, A. L.; GONÇALVES, J.; MARINI, L.; ROCHA, A.; SILVA, F. y SILVA, M. (2006). *O futuro do trabalho: Elementos para a discussão das taxas de mais-valia e de lucro*. São Paulo: AGB/SP, LABUR/Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, Departamento de Geografia, FFLCH/USP. Disponible en: <[http://gesp.fflch.usp.br/sites/gesp.fflch.usp.br/files/O%20futuro%20do%20trabalho%20-%20corrigido%202013%20\(1\).pdf](http://gesp.fflch.usp.br/sites/gesp.fflch.usp.br/files/O%20futuro%20do%20trabalho%20-%20corrigido%202013%20(1).pdf) >.
- DEBORD, G. (2003). *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto.

- DEBORD, G. (2009). O Planeta Enfermo. In *Revista Sinal de Menos* nº 2, p. 151-159. Disponible en: <<https://sinaldemenos.org/2011/02/22/sinal-de-menos-2/>>
- DEBORD, G. (2005). *Oeuvres cinématographiques complètes*. Paris: Arthème Fayard.
- ENGELS, F., MARX, K. *A Ideologia Alemã*. Portugal: Presença/Brasil: Martins Fontes, s/d, volume I, 3.^a edição.
- FAO / Brasil (2020, septiembre 6). Pandemia pode ampliar fome e jogar 49 milhões de pessoas na pobreza extrema, alerta ONU. FAO. Disponible en <<http://www.fao.org/brasil/noticias/detail-events/pt/c/1280495/>>
- FERREIRA, S; LIMA S. (2017). Vozes de resistência em uma cidade cinza. *Revista Panorâmica On-Line*. Barra do Garças – MT, vol. 23, p. 306 - 320, jul./dez. Disponible en: <<http://revistas.cua.ufmt.br/revista/index.php/revistapanoramica/article/download/729/19191969>>.
- INFOMONEY (2021, abril 30). Taxa de desemprego no Brasil vai a 14,4% em fevereiro, diz IBGE; número de desempregados é o maior da série histórica. Infomoney. Disponible en. <<https://www.infomoney.com.br/economia/taxa-de-desemprego-no-brasil-vai-a-144-em-fevereiro-diz-ibge-numero-de-desempregados-e-o-maior-da-serie-historica/>>
- INTERNATIONALE SITUATIONNISTE. (1997). *Internationale Situationniste 1958-1969*. Paris: Librairie A. Fayard.
- IBGE (2020, septiembre 28). O Brasil voltou ao mapa da fome? Boletim Econômico. Disponible en <<https://boletimeconomico.com.br/brasil/o-brasil-voltou-ao-mapa-da-fome/>>
- IPEA. (2020, junio 12). População em situação de rua cresce e fica mais exposta à Covid-19. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Disponible en: <https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=35811>
- KAFRUNI, S., SENA, Jailson. R. (2020, diciembre 25) Combate ao desemprego é o grande desafio econômico de 2021. *Correio Braziliense*. Disponible en <<https://www.correiobraziliense.com.br/economia/2020/12/4896812-combate-ao-desemprego-e-o-grande-desafio-economico-de-2021.html>>
- KURZ, R. (2002) O desenvolvimento insustentável da natureza. Disponible en <<http://www.obeco-online.org/rkurz108.htm>>
- LAGO, B. C., & LAGO, P. C. (2005). *Os fotógrafos do Império: A fotografia brasileira do século XIX*. Rio de Janeiro, RJ: Capivara
- LEFEBVRE, H. (1970). *La révolution urbaine*. Paris: Gallimard.
- LEFEBVRE, H. (1984). *La vida cotidiana en el mundo moderno*. Madrid: Ed. Alianza. 3.^a edición.
- LEFEBVRE, H. (1981). *Critique de la vie quotidienne III. De la modernité au modernisme (Pour une métaphilosophie du quotidien)*. Paris: L'Arche Editeur.



- LEFEBVRE, H. (1986). *Le retour de la dialectique: 12 mots clefs pour le monde moderne*. Paris: Messidor/Éditions Sociales.
- LEFEBVRE, H. (1992). *Éléments de Rythmanalyse – Introduction à la connaissance des rythmes*. Paris: Syllepse.
- MBEMBE, A. (2019). *Crítica da Razão Negra*. São Paulo: n-1 edições.
- MONIZ, E. (1978). *A Guerra Social de Canudos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- MÜLLER, L. (2017, enero 23) Apagaram tudo, Pintaram tudo de cinza, Só ficou no muro tristeza e tinta fresca. Luiz Muller Blog. Disponible en <<https://luizmuller.com/2017/01/23/apagaram-tudo-pintaram-tudo-de-cinza-so-ficou-no-muro-tristeza-e-tinta-fresca/>>
- MUNHOZ, F. (2020, septiembre 22) Movimento em trens e metrô de SP praticamente dobra em quatro meses. Folha de São Paulo/Agora. Disponible en: <<https://agora.folha.uol.com.br/sao-paulo/2020/09/movimento-em-trens-e-metro-de-sp-praticamente-dobra-em-quatro-meses.shtml>>
- NIKKEI - ASIA. (2020, noviembre 11) Biden será ‘reviravolta de 180 graus’ em relação a Trump no clima, diz ministro do Japão. *Revista Valor*. Disponible en <<https://valor.globo.com/mundo/noticia/2020/11/11/biden-ser-reviravolta-de-180-graus-em-relao-a-trump-no-clima-diz-ministro-do-japo.ghtml>>
- ONDJAKI. (2013) *Os transparentes*. Companhia das Letras: São Paulo.
- O GLOBO. (2020, junio 31) Em nova aglomeração durante a pandemia, torcidas organizadas saem às ruas em defesa da democracia no Rio em São Paulo. O Globo/Online. Disponible en <https://www.ovale.com.br/_conteudo/_conteudo/brasil/2020/05/105428-em-nova-aglomeracao-durante-a-pandemia--torcidas-organizadas-saem-as-ruas-em-defesa-da-democracia-no-rio-em-sao-paulo.html>
- OLIVEIRA, J. (2020, mayo 27) 11 aspectos que devem mudar na casa após a pandemia en CASAVogue. Disponible en: <<https://casavogue.globo.com/Interiores/Ambientes/noticia/2020/05/11-coisas-que-devem-mudar-na-casa-apos-pandemia-do-covid-19.html>>
- PARRA, J. (2017). *Situações: da tecnologia à interação entre arte e política*. Tese de Doutorado, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo. doi:10.11606/T.27.2017.tde-06072017-112340. Disponible en <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27159/tde-06072017-112340/pt-br.php>>.
- PADILHA, P. (2020, junio 6) Curitiba: População de rua marcha até a Prefeitura e reivindica políticas públicas. Brasil de Fato. Disponible en: <<https://www.brasildefatopr.com.br/2019/06/06/curitiba-populacao-de-rua-marcha-ate-a-prefeitura-e-reivindica-politicas-publicas>>
- PERASSOLO, J. (2020, agosto 8) Carreata em marcha a ré une arte e protesto contra Bolsonaro na Paulista. Folha de São Paulo. Disponible en <<<https://www1.folha.uol.com.br/paulista/2020/08/carreata-em-marcha-a-re-une-arte-e-protesto-contra-bolsonaro-na-paulista/>>>

- folha.uol.com.br/ilustrada/2020/08/carreata-em-marcha-a-re-une-arte-e-proteto-contra-bolsonaro-na-paulista.shtml>
- PESSANHA, M. (2021, febrero 10). ‘Empreendedorismo forçado’ e os desafios da inclusão produtiva no Brasil. en O Estado de São Paulo, São Paulo, 10/02/2021. Disponible en: <<https://pme.estadao.com.br/blogs/blog-do-empendedor/empreendedorismo-forcado-e-os-desafios-da-inclusao-produtiva-no-brasil/>>
- PORTAL G1. (2016, septiembre 23). Após dizer que vomitou com cheiro de pobre, candidato se desculpa. G1. Disponible en <<http://g1.globo.com/pr/parana/eleicoes/noticia/2016/09/apos-dizer-que-vomitou-com-cheiro-de-pobre-candidato-se-desculpa.html>>
- PROJETO MULHERES EM QUARENTENA. (2020). Insuflação de uma morte crônica (Video). São Paulo. Disponible en <<https://youtu.be/mTBvImU3i1E>>
- PUPO, F. (2020, mayo 20). Guedes admite prorrogar auxílio emergencial por um ou dois meses, mas com valor de R\$ 200. Folha de São Paulo/Mercado. Disponible en: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/05/guedes-admite-prorrogar-auxilio-emergencial-por-um-ou-dois-meses-mas-com-valor-de-r-200.shtml>>
- QUEIROZ, G.; MOURA, Rafaela. (2020, junio 14) Pandemia escancara desamparo à população em situação de rua em Curitiba. en Jornal Plural. Disponible en <<https://www.plural.jor.br/noticias/vizinhanca/pandemia-escancara-desamparo-a-populacao-em-situacao-de-rua-em-curitiba/>>
- R7 (2020, septiembre 28) Guedes: Vamos aterrissar o auxílio emergencial no Renda Cidadã. Brasília, Disponible en: <<https://noticias.r7.com/brasil/guedes-vamos-aterrissar-o-auxilio-emergencial-no-renda-cidada-28092020>>
- RAMALHO, S. (2020, abril 25). “Pica do tamanho de um cometa” en The Intercept. Disponible en <<https://theintercept.com/2020/04/25/flavio-bolsonaro-rachadinha-financiou-milicia/>>
- REDAÇÃO PAIQUERÊ. (2020) Mercado imobiliário segue aquecido apesar da pandemia. Disponible en: <<https://www.paiquere.com.br/mercado-imobiliario-segue-aquecido-apesar-da-pandemia/>>.
- RESK, F. (2020, octubre 18). Letalidade policial atinge o maior patamar da série histórica. O Estadão. Disponible en: <<https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,letalidade-policial-atinge-o-maior-patamar-da-serie-historica,70003480086>>
- ROCHA, C. (2020, abril 15) O impacto do racismo estrutural nas mortes por covid-19. Nexo Jornal. Disponible en: <<https://www.nexojornal.com.br/expreso/2020/04/15/O-impacto-do-racismo-estrutural-nas-mortes-por-covid-19>>
- ROCHA, R. (2020, junio 23) Pretos e pardos representam 57% dos mortos pela covid-19. Avoador. Disponible en: <<https://avoador.com.br/ultimas/negros-e-pardos-representam-57-dos-mortos-por-covid-19/>>
- SCHOLZ, R. (1992) O valor é o homem: Teses sobre a socialização pelo valor e a



- relação entre os sexos. Disponível em: <<http://www.obeco-online.org/rst1.htm>>
- THE GUARDIAN. (2017, novembro 29) São Paulo: imagem de injustiça. The Guardian. Disponível em <<https://www.theguardian.com/cities/2017/nov/29/sao-paulo-tuca-vieira-photograph-paraisopolis-portuguese>>
- TV SENADO. (2020, setembro 9). TV Senado Live discute o aumento da violência doméstica durante a pandemia (VIDEO). TV Senado. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/tv/programas/tv-senado-live/2020/09/tv-senado-live-discute-o-aumento-da-violencia-domestica-durante-a-pandemia>>
- UOL. (2020, junho 12) Deputado rebate Bolsonaro sobre auxílio: “não admitia mais que R\$ 200”. UOL, São Paulo. Economia. Disponível em <<https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/06/12/deputado-rebate-bolsonaro-sobre-auxilio-nao-admitiam-mais-que-r-200.htm>>
- VANEIGEM, R. (1975). *A arte de viver para a geração nova*. Porto: Afrontamento.
- VIÑAS, D., DURAN, P., CARVALHO, J. (2020, Junho 5) Morrem 40% mais negros que brancos por coronavírus no Brasil. em CNN-Brasil. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2020/06/05/negros-morrem-40-mais-que-brancos-por-coronavirus-no-brasil>>.
- WALLACE, R. (2020) *A Pandemia e o Agronegócio – Doenças infecciosas, capitalismo e ciência*. Traducción de Allan R. de Campos Silva. São Paulo: IgraKniga/ Elefante.
- WRI. (2020, junho 16). Europa traça rota para recuperação sustentável após a Covid-19. WRI Brasil. Disponível em <<https://wribrasil.org.br/pt/blog/2020/06/europa-traca-rota-para-recuperacao-sustentavel-apos-covid-19>>

3

Atlas de las Grandezas de lo Minúsculo¹

Dario Vargas Parra

Miembro del Grupo de Investigación Geografía urbana: la vida cotidiana y lo urbano.

Correo electrónico: fernhoren@gmail.com

Estos mapas, que van de cientos de países a millares de municipios brasileiros, son para verse en pantallas gigantes porque de otra manera no encontraríamos lo diminuto, lo minúsculo. Desde que en los medios, las pantallas y todas las aplicaciones de la imagética en la vida cotidiana, se transmiten incesantemente olas de imágenes llenas de información y detalles que desdibujan lo total, para así, presentarse como tal, ya lo viral se infiltraba en la llave — siempre contradictoria — *información-comunicación*; pero por la aparente novedad de las *fake news* y los videos de K-Pop, olvidamos que lo viral siempre ha estado presente: en la quema de brujas, en los estereotipos, en los chismes del linchamiento, en el exterminio indígena, en las murmuraciones y habladurías, entre sospechas, rumores, conspiraciones y enfermedades, lo *viral* siempre fue masivo, siempre fue transmitido.

Mal sería hacer una lectura cerrada de lo viral, si no se lo ve en las escalas que lo envuelven y a las cuales se eleva. En la imagen, tanto en la técnica como en la imaginada, pueden llegarse a describir partes constitutivas primordiales, sea con el pixel², con los pulsos neuronales, o sea con los electrones alojados en discos rígidos y memorias esparcidas en el mundo. La materialidad y la escala de estas unidades se hacen comparables entre sí: de las matrices matemáticas codificadas algorítmicamente, corporificándose en electrones moviéndose por autopistas nanométricas de circuitos y acumulados en servidores, a los virus; sus escalas son más próximas entre sí que de sus escalas a las nuestras. Un error de estrategia, una escala que subestimamos, que estamos pagando caro.

La geografía aquí planteada en este Atlas se despliega en los ambientes físicos del mundo y de Brasil, y en el *Big Data*, en el tránsito informacional y numérico que pueda relacionarse entre sí tanto en lo aparente como en lo que no lo es, en una cibergeografía necesaria que además de trabajar con gran cantidad de información, integra la lectura temporal para expresar, así, los ritmos en que el espacio se transforma en periodos determinados, entendiéndose aquí que la espacialidad es *expresión* de las poblaciones afectadas por la covid-19, de los cálculos con la población general, de pasajeros e infraestructura de tránsito y salud. Series temporales para hablar espaciotemporalmente de la pandemia y *su espacio*. Por otro lado, a pesar de ser *resultados explícitos*³, la intención es abrir, junto al análisis, debates sobre esos resultados que son objetivos, en la medida que el filtrado institucional de los datos y la manipulación de las *estadísticas Corporativo-Estatales* — que encubren en subnotificaciones y maniobras, las cifras y los conceptos de las medidas tomadas — lo permiten.

La información se mueve con la comunicación, la trasmisión es permanente, los datos que se crean, se reproducen y mueren en la Internet han dado lugar a otro mundo, donde lo virtual — por el viejo juego de los estereotipos — tiende a vérselo como un fantasma abstracto y sin medida, cuando, por el contrario, el peso de su producción manifiesta en lo físico su materia, más aún como mercancía. De la misma forma, la irrupción del minúsculo covid-19, de la familia de los *Coronaviridae*, que se esparció por el mundo a un ritmo superior en velocidad y área a cualquier medida de contingencia epidémica — solo dada en la inminencia —, no solo provocó algo tan comparable a un shock económico del tipo Wall Street & Cia. al poner de rodillas a las potencias y al mundo, como aceleró el desmoronamiento de la *res pública*, e impuso el individualismo como norma sanitaria y económica. Una sociedad en conjunto en cuanto separada, como los virus, aunque en legión, solitarios.

La escala nanométrica espacial del virus se abrió paso por contacto/transferencia, que es la forma en que [la troca] el virus se mantiene vivo. Aquí es donde la economía mundial — en la que todo lo que aparece como accidental es admitido si produce valor —, contagió consigo el bioma en que el SARS-CoV-2 se mantenía confinado, desalo-



jándolo e inyectándolo, en la inocencia del mercado infame, a una red donde movilidad, intercambio y velocidad son la norma, el mejor caldo de cultivo para un virus

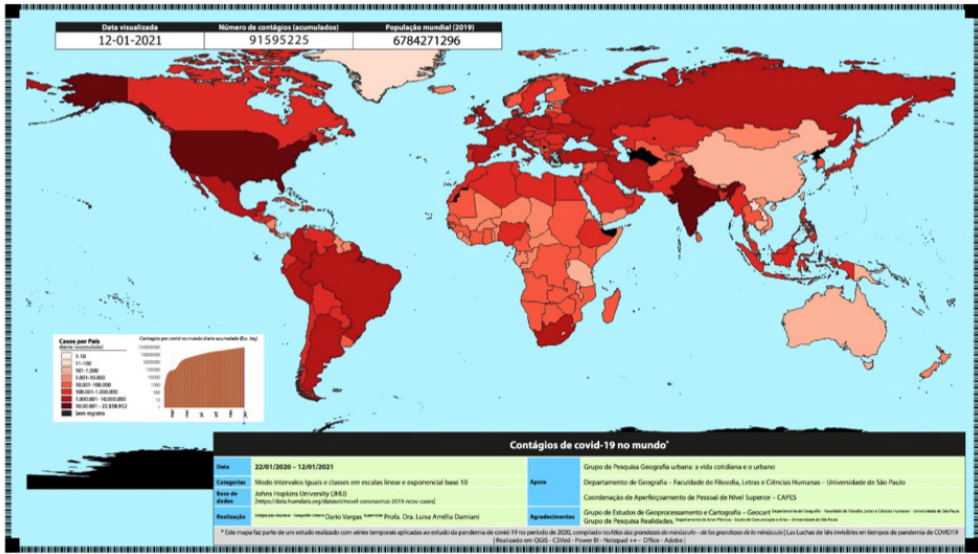
Es sabido que el capitalismo no desaprovecha mercado y que las fortunas de las grandes corporaciones crecieron con el avance de la pandemia, la exponencialidad de las fortunas parece que, sin ser su objetivo explícito, siguieran el crecimiento del virus por los mismos caminos de la movilidad humana que arrastra tras de sí, a su propio ritmo, una ideología urbanística y económica tan violenta como un virus.

El capitalismo actual hecho de centavos acumulados en trillones parece obtener valor por cada covid-19 que sale de la célula hospedera, usada como *fábrica esclava* y que seca hasta la muerte; nunca un disparo se da sin que de este se obtenga un valor, como en la guerra que estamos, más allá de la vacuna y con ella. Se observa en algunos de los mapas como se asocia el movimiento internacional y nacional a los ritmos del virus, y estos mismos mapeamientos revelan, con la ampliación espacial del virus, el volumen de transporte e intercambio que se irradia de los centros hacia las periferias — movimiento que casi muere pero que nunca paró —, la velocidad refuerza ese ritmo, en que por más alejado se encuentre un lugar, no lo estará lo suficiente para *vivir* en desconexión.

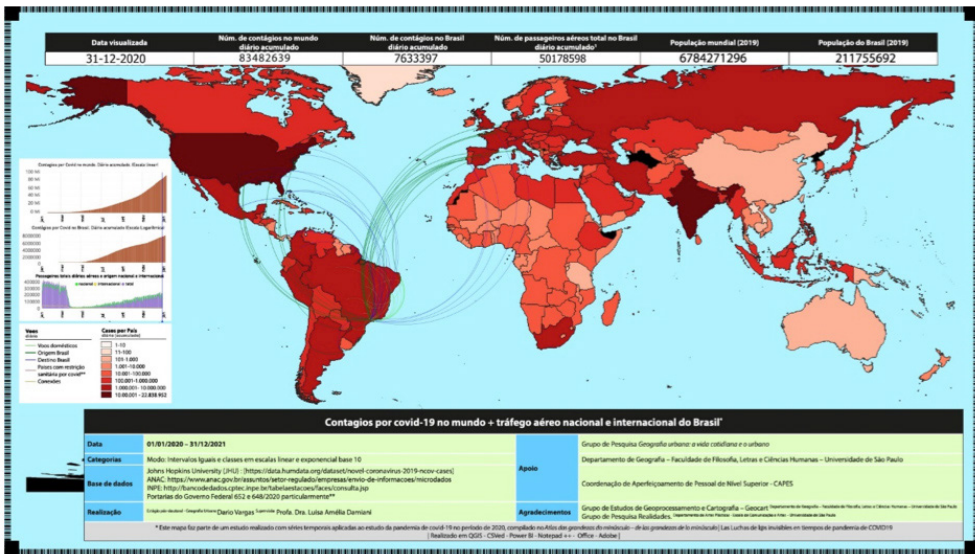
Una pequeña colonia de covid-19 derrumba una estructura biológica billones de veces mayor, y por nimiedades así, tales como los cerdos devorando dodos, como las balas contra los grandes bisontes muertos por millares, como las motosierras abriendo camino entre la selva derrumbando un árbol aquí y otro allá, que es cuando todo lo Grande se vuelve numeroso y minúsculo polvo irrespirable, principalmente aquel hecho de gérmenes dispuestos a hacer *turismo pandémico* por el planeta. Nos negamos aún — tal vez como rehenes — a ver la gran culpa que tenemos en todo esto, única capaz de dibujarnos como conjunto humano, y le entregamos la salvación al que todo lo apuesta en el mercado de valores, al que todo convierte en oro, al asesino que se ha vuelto un *bien más inestimable que la propia vida: ¡por la economía!* Solo nos cabe la esperanza aún oculta en el mapa, aún bajo cuarentena en la caja de Pandora.

Mapas del Atlas⁴

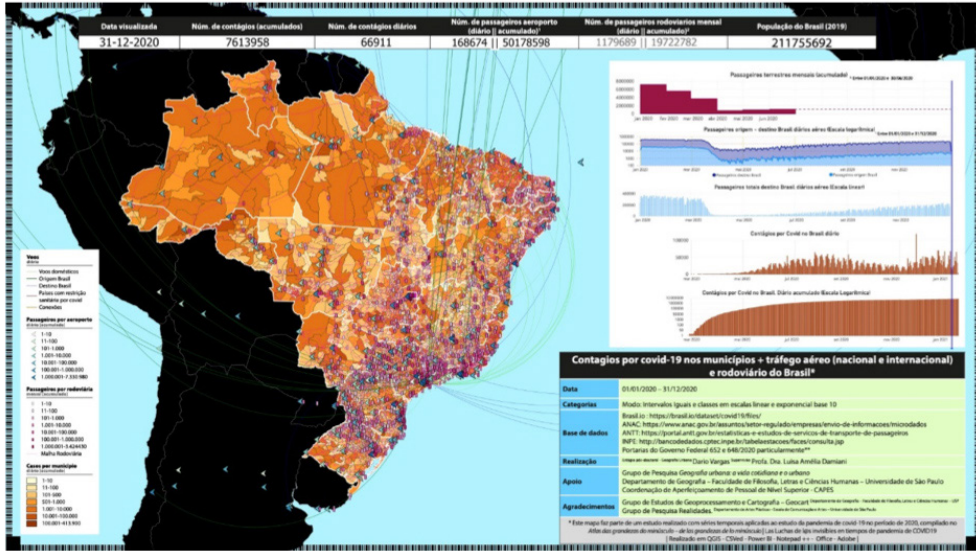
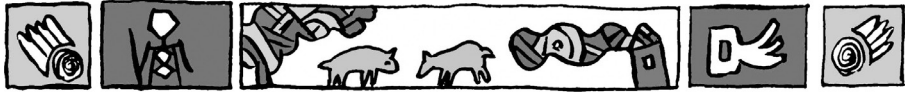
Playlist completa: <https://youtube.com/playlist?list=PLo07TGk7gZchr0ptUW8T-fn7BGOo4Fg-sT>



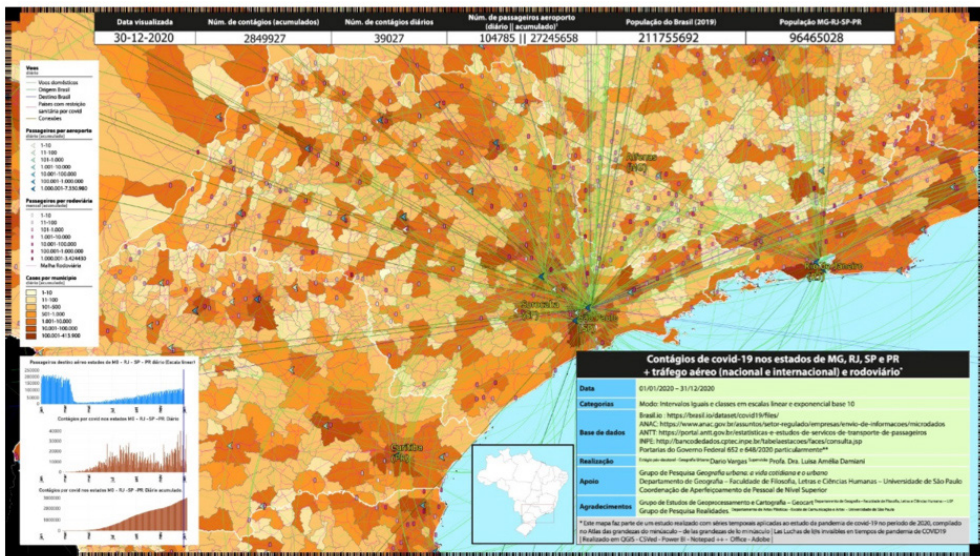
Mapa 1. Contagio por covid-19 en el mundo. <https://youtu.be/1pRY-kOLbLY>



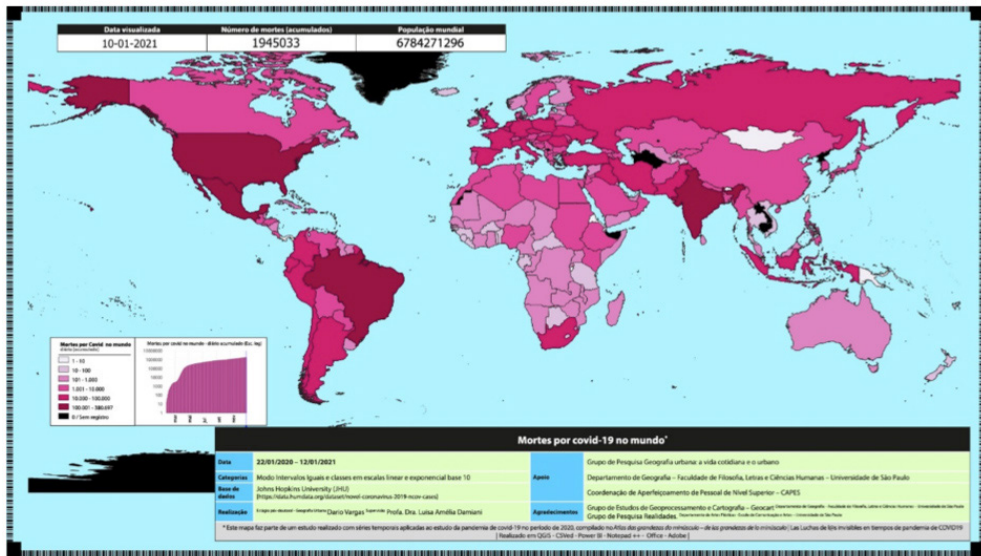
Mapa 2. Contagio de covid-19 en el mundo más tráfico aéreo nacional e internacional de Brasil. <https://youtu.be/Z2BezQCn4Gg>



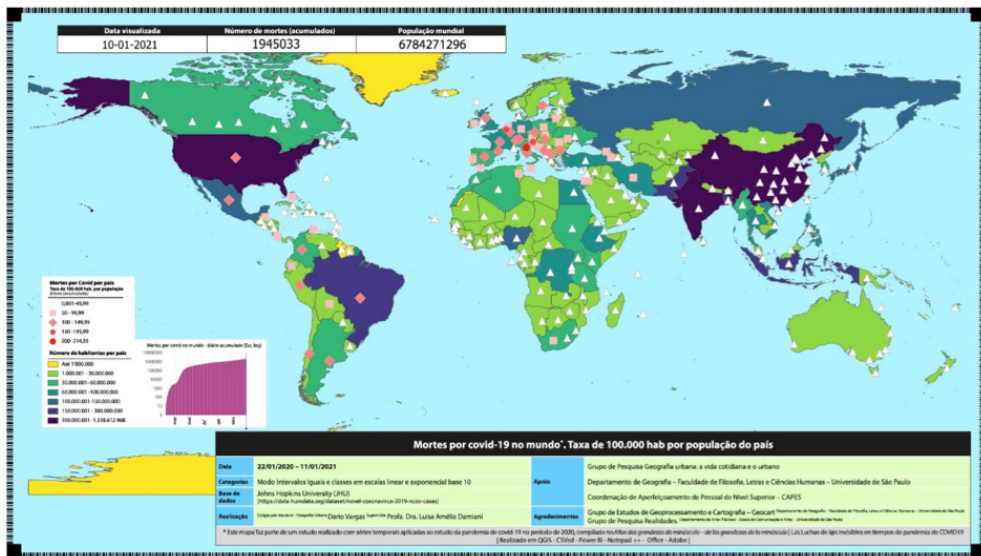
Mapa 3. Contagios por covid-19 en los municipios más tráfico aéreo (nacional e internacional) y transporte terrestre en Brasil. <https://youtu.be/ozdDVxIUGvo>



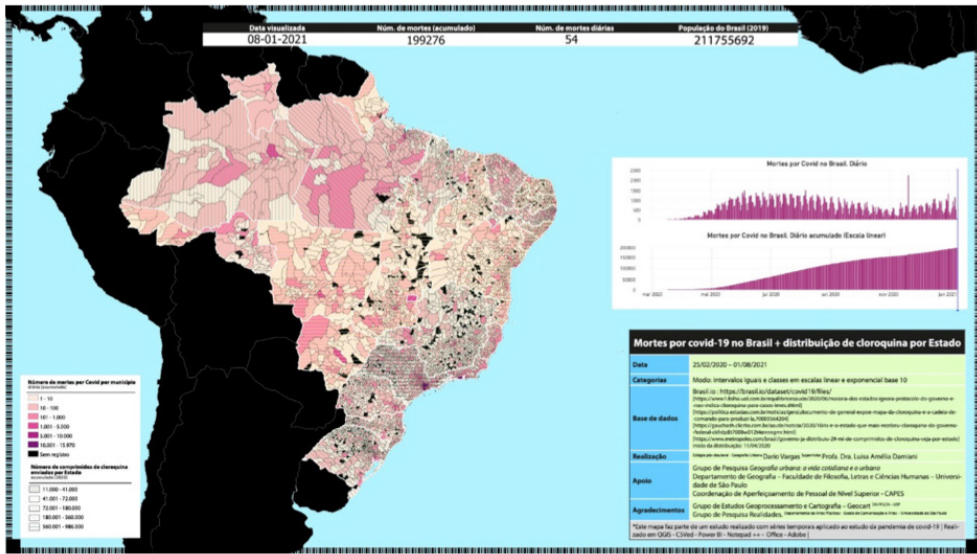
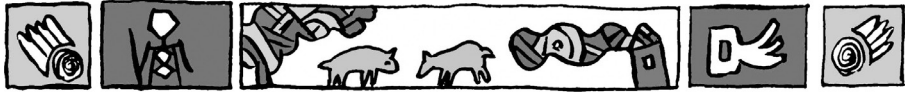
Mapa 4. Contagios por covid-19 en los estados de Minas Gerais (MG), Rio de Janeiro (RJ), São Paulo (SP) y Paraná (PR) más tráfico aéreo (nacional e internacional) y transporte terrestre. https://youtu.be/IbtPqcR_Tmg



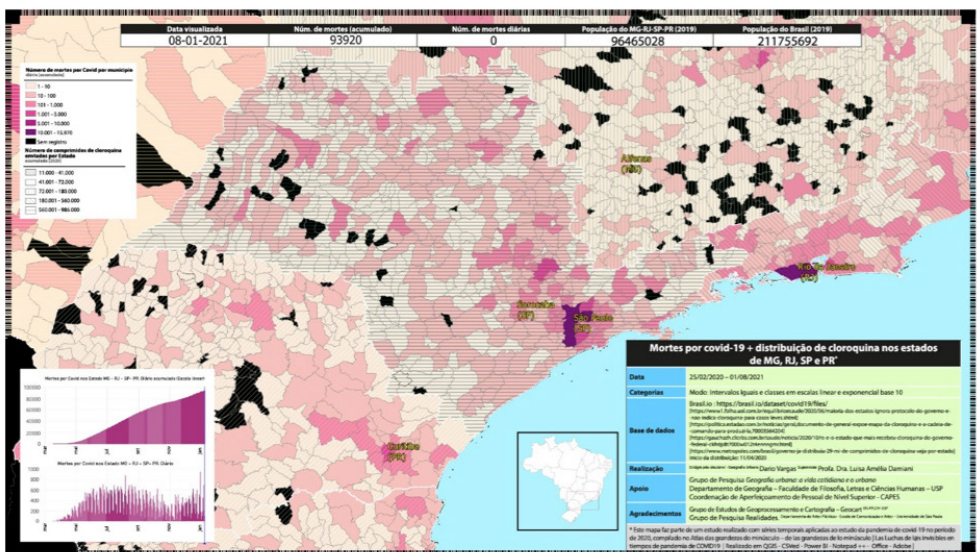
Mapa 5. Muertes por covid-19 en el mundo. <https://youtu.be/GYZNQOfudeU>



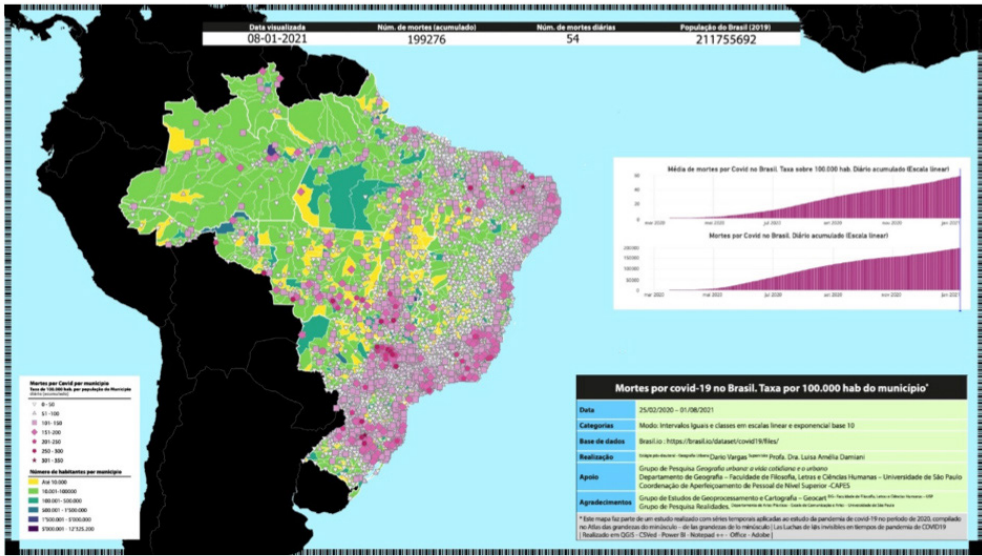
Mapa 6. Muertes por covid-19 en el mundo, Tasa de 100.000 habitantes por población del país. <https://youtu.be/W0fNLM6HGg>



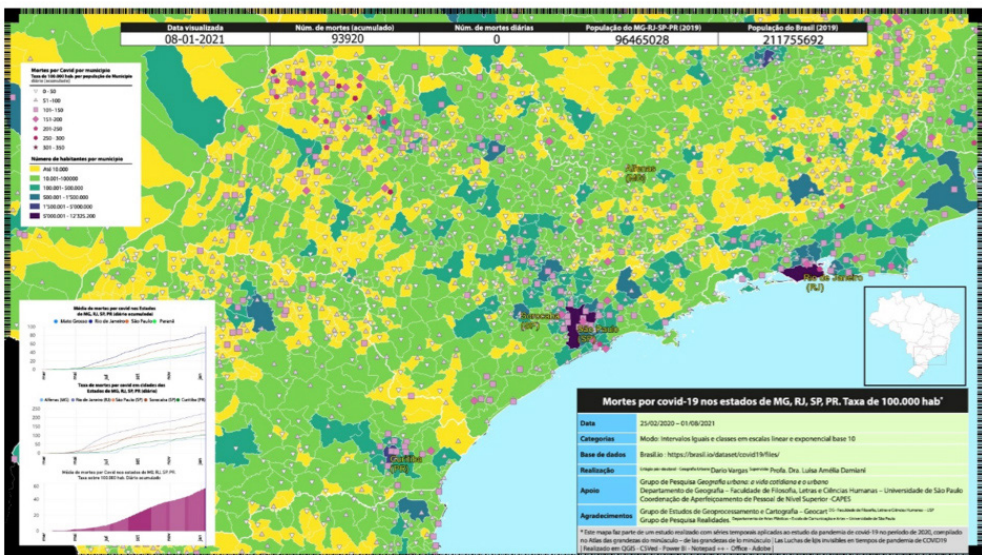
Mapa 7. Muertes por covid-19 en Brasil más Distribución de cloroquina por estado. <https://youtu.be/pMYdKqYGGY4>



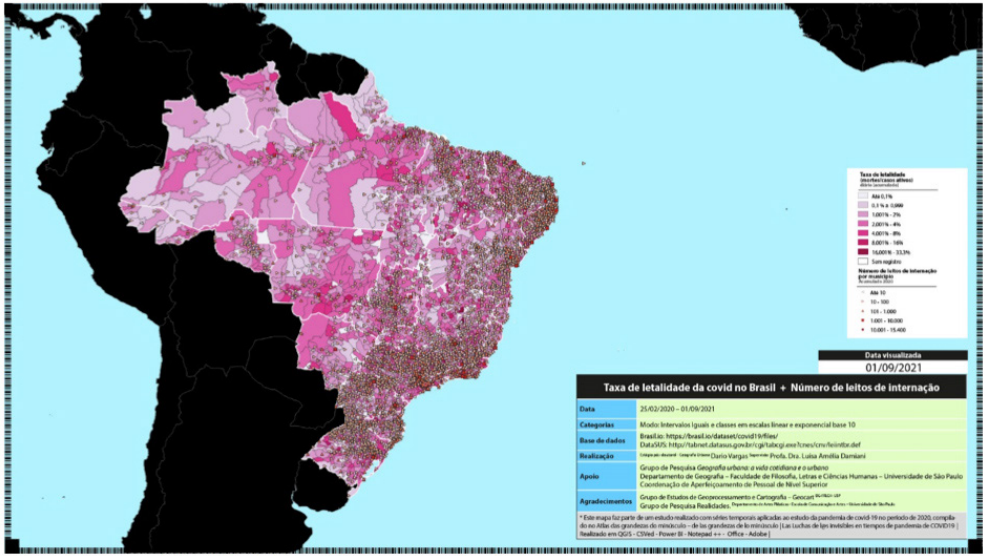
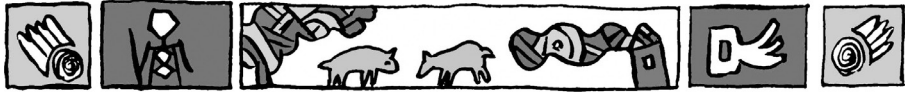
Mapa 8. Muertes por covid-19 más distribución de cloroquina en los estados de Minas Gerais (MG), Rio de Janeiro (RJ), São Paulo (SP) y Paraná (PR), Brasil. <https://youtu.be/OyrZRvy8V7w>



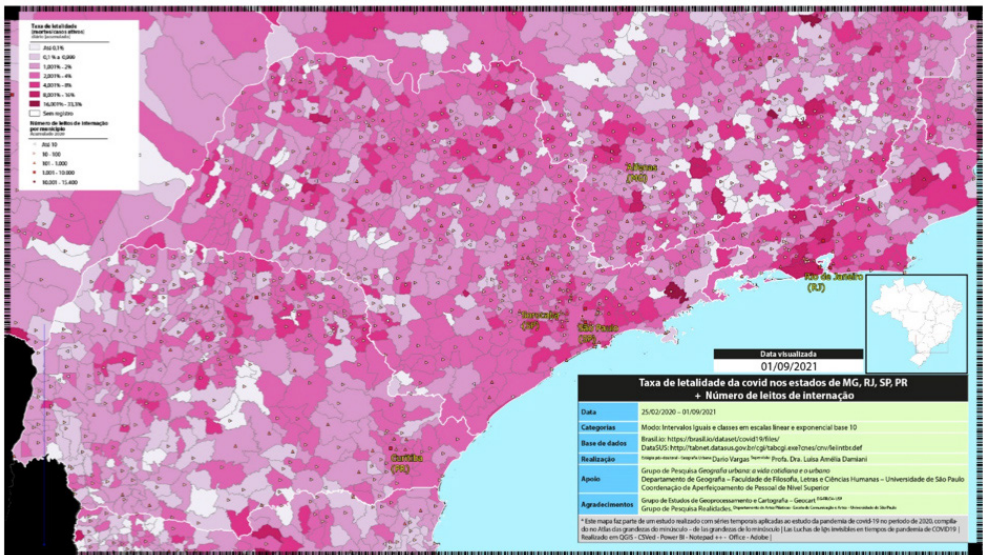
Mapa 9. Muertes por covid-19 en Brasil. Tasa de 100.000 habitantes por población del municipio. <https://youtu.be/rwpa6k8LF3g>



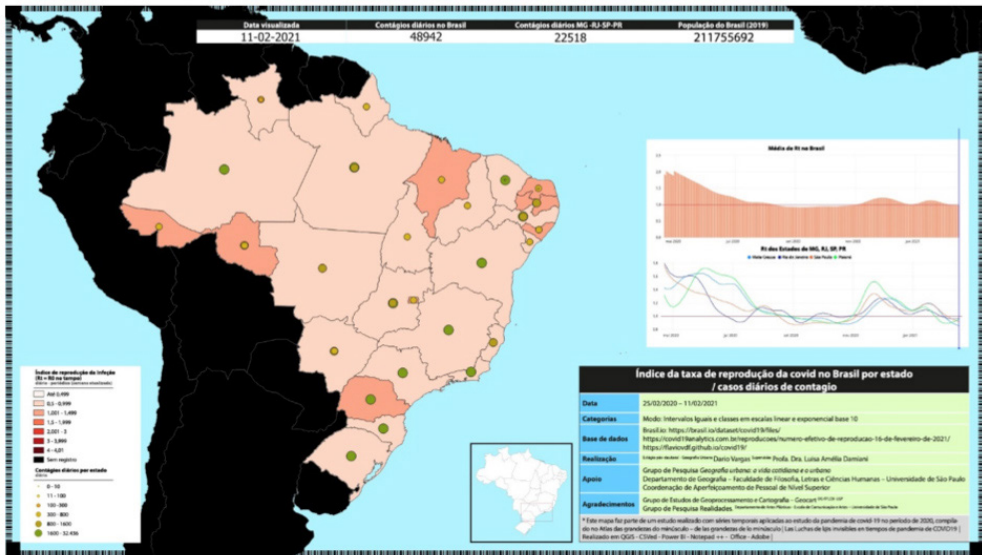
Mapa 10. Muertes por covid-19. Tasa de 100.000 habitantes por población del municipio en los estados de Minas Gerais (MG), Rio de Janeiro (RJ), São Paulo (SP) y Paraná (PR), Brasil. <https://youtu.be/Y2nGmwyU0JE>



Mapa 11. Tasa de letalidad del covid-19 en Brasil más Número de camas hospitalarias de internación por municipio.



Mapa 12. Tasa de letalidad del covid-19 en los estados de Minas Gerais (MG), Rio de Janeiro (RJ), São Paulo (SP) y Paraná (PR), Brasil.



4

No somos solo Números En medio de la pandemia, São Paulo/Brasil

Não Somos só Números Em Meio à Pandemia, São Paulo/Brasil

REALIZACIÓN: Miembros del Grupo de Investigación del CNPq Geografía urbana: la vida cotidiana y lo urbano², y otros investigadores, geourbanacotidiano@gmail.com

**Aragão Luciano Ximenes, Araújo James Amorim,
Avanzi Kauê, Baggio Ulysses Da Cunha, Baitz Ricardo,
Branquinho Evânio Dos Santos, Burgos Rosalina,
Carril Lourdes De Fátima Bezerra,
Damiani Amélia Luisa, Freire Thauany,
Gonçalves Glauco Roberto, Marinho Daniela Dias,
Martins Flávia Elaine Da Silva, George Giafialogra,
Oliveira Márcio Pinõn De, Parra José Dario Vargas,
Santos Ricardo Oliveira, Santos Rodison Roberto,
Seabra Odette Carvalho De Lima, Silva Marcio Rufino**

<<https://vimeo.com/616288679>>¹

Video documental

ENTREVISTADOS: Drika Martim, Presidenta de la CUFA Sorocaba; João da Cruz Vila Nova Monteiro Jr., Funcionario del servicio funerario de la Alcaldía de São Paulo; Gilson Rodrigues, Presidente g10favelas / Emprendedor; Olivia Natalia Crus, Funcionaria del servicio funerario de la Alcaldía de São Paulo; Sandro Barbosa de Oliveira, Científico social, educador popular y profesor.

EDICIÓN Y MONTAJE: Dario V. Parra

SUBTÍTULOS: español y portugués

DURACIÓN: 30 min

INTRODUCCIÓN

Las condiciones de reproducción social contemporánea se presentan cada vez más críticas. En este mundo de extrañamiento, Brasil entra en el abismo social, económico y político, sin una vacuna para todos; mil cuerpos sin vida, diariamente, desafían a los pobres en la lucha continua por la sobrevivencia. La vida social buscó, históricamente, la construcción de la ética del cuidado social como política, relativamente a las incertidumbres y a la escasez. El pavor y la desolación son silenciados en la banalización de la muerte, hoy, cuando se vuelve dominante la vida desechable, el resto que no se diferencia en el espectáculo de los números.

Este video trae las voces de líderes periféricos, trabajadores de funerarias, mujeres que luchan al frente de movimientos sociales, intelectuales y trabajadores, que enfrentan diariamente el avance de la covid-19 en sus comunidades sin el amparo debido de las políticas públicas. Más de que una falta de horizonte del fin de la pandemia, sus diálogos develan la enorme línea de separación entre las clases sociales, explicitando el modelo de concentración económica agudizado por el proyecto neoliberal que no cesa su trayectoria inclusive delante de las muertes.

Las entrevistas fueron realizadas, de modo virtual, a lo largo del mes de octubre de 2020, São Paulo/Brasil.

INTRODUÇÃO

As condições de reprodução social contemporânea se apresentam cada vez mais críticas. Nesse mundo do estranhamento, o Brasil entra no abismo social, econômico e político, sem uma vacina para todos; mil corpos sem vida, diariamente, desafiam os pobres na luta contínua pela sobrevivência. A vida social buscou, historicamente,



a construção da ética do cuidado social como política, relativamente às incertezas e à escassez. O pavor e a desolação são silenciados na banalização da morte, hoje, quando se tornou dominante a vida descartável, o resto que não se diferencia no espetáculo dos números.

Este vídeo traz as vozes de lideranças periféricas, trabalhadores de funerárias, mulheres que lutam à frente de movimentos sociais, intelectuais e trabalhadores, que enfrentam diariamente o avanço do COVID-19 nas suas comunidades sem o amparo devido de políticas públicas. Mais do que a falta de horizonte do fim da pandemia, suas falas desvelam a enorme linha de separação entre as classes sociais, explicitando o modelo de concentração econômica agudizado pelo projeto neoliberal que não cessa sua trajetória mesmo diante das mortes.

As entrevistas foram realizadas, de modo virtual, ao longo do mês de outubro de 2020, São Paulo/Brasil.

NOTAS

1. También disponible em <<https://youtu.be/eJONhng48yc>>
2. <https://geourbanacotidiano.wordpress.com/geourbanacotidiano@gmail.com>
<https://vimeo.com/geourbanavidacotidiana>
<https://www.youtube.com/channel/UCSUvM6a8U3XzB8-C2qsnGrg>

5

AMOR INSURGENTE, de favela a lugar territorializado, territorio lugarizado: reflexiones a partir de luchas barriales y por educación pública en el barrio Restinga, Porto Alegre

Nelson Rego

profesor del Programa de Posgrado en Geografía de la Universidad Federal de Rio Grande do Sul. Doctor en Educación

Correo electrónico: nelson.rego@ufrgs.br

Tiago Bassani Rech

estudiante de doctorado en Geografía, maestro del Instituto Federal de Ciencia y Tecnología de Rio Grande do Sul, Campus Restinga.

Correo electrónico: tiago.rech@restinga.ifrs.edu.br

LA OPERACIÓN DE IDENTIFICAR UN PARTICULAR CON UN GENERAL, EL EJEMPLO EMPÍRICO CON LA IDEA

Concepto es un enunciado acerca de caracteres que permiten la operación mental de asociar un particular a un general. Por ejemplo, el concepto de mamífero permite que especies tan diferentes como elefantes, ratones, ballenas, murciélagos, tigres, conejos, humanos, caballos y focas sean reunidos en el mismo grupo de animales vertebrados de sangre caliente, piel con pelos y crías engendradas en el vientre de la madre y, después del parto, alimentadas por leche succionada de glándulas mamarias. Es evidente

un elemento determinante de la operación que este concepto proporciona: su extensión, la posibilidad de incluir o excluir un particular con respecto a lo general. Por esta razón, considerando las características que definen lo que es un mamífero, es posible incluir al delfín entre los mamíferos y no entre los peces, por más de que los delfines nadan y viven todo el tiempo en los océanos y mares.

Concepto es una palabra derivada del latín *conceptus*, del verbo *concipere* (contener, formar dentro de sí). Es una palabra que denota la noción de que es posible expresar enunciados con respecto a los cuales nuestras operaciones mentales deben incluir lo que allí cabe y optar por excluir lo que no se encaja.

Conceptos hacen referencia a desde lo que comúnmente se adjetiva como presencia concreta hasta lo que habitualmente se clasifica como abstracto. Elaboremos una conceptualización sobre el bello: algo que despierta sensaciones de armonía, de sublime, deleite, y exige especial experiencia y percepción en común entre quien se refiere a algo clasificado como bello y quien recibe la comunicación, algo tal vez nítido como experiencia, pero refractario a ser explicado y determinado por enunciados sintéticos y precisos. Hagamos un contraste con la conceptualización de roca: agregado sólido compuesto por uno o más minerales y cuya variedad se describe y agrupa en tres conjuntos cuanto a su génesis, ígneas, sedimentarias y metamórficas.

Ahora, observemos por un momento a dos individuos mamíferos en particular. Allí, a la elefanta bajo la buena sombra de un gran árbol. Surge su cría que estaba oculta atrás de la pierna de tronco de su madre. Ambos se desplazan hasta el otro árbol, más bajo y joven, la elefanta busca hojas más suculentas y su cachorro la acompaña a donde ella vaya. La buena alimentación de la madre garantizará la posibilidad de alimentar al cachorro con leche de elevado valor nutritivo.

Ella lo hará independientemente de que analicemos o no su acción en términos de ecuación alimenticia y ajena al hecho de que la designemos como animal, vertebrada, sangre caliente, mamífera, madre y de que escribamos con ciertos permisos, como comparar la dimensión de su pierna con un tronco y reconstituir imaginariamente su presencia en el recuerdo de una escena que podamos haber visto directamente en la planicie africana o en la pantalla de la televisión.

Aun así, sin que ella lo sepa, nuestros conceptos pueden traer consecuencias para su vida y la de su cría. Nuestros conceptos se enlazan con sus vidas tanto por lo evitado – podríamos ver a la madre elefanta menos como vida y más como el dinero que se obtendría del marfil – como por el efecto producido: tal vez la donación de algunos dólares a más a la ONG que trata de proteger animales de la obsesión de autodenominados deportistas cazadores que buscan el trofeo de fotografías y videos de sus pies y botas sobre cadáveres.



CUANDO EL OBJETO INVESTIGADO ES UN SUJETO QUE RESPONDE A LO QUE SE DICE SOBRE ÉL

Desde rocas hasta manifestaciones culturales, el conocimiento geográfico se teje con concretos y abstractos en una trama donde las nociones de abstracto y concreto varían de acuerdo con las perspectivas en acción y las escalas en las que las perspectivas operan.

Espacio geográfico, territorio, paisaje y lugar están entre los conceptos que operan complejas identificaciones de particulares a generales. Sin embargo, es necesario tener cuidado. Esas palabras – espacio geográfico, territorio, paisaje, lugar – no son, por sí mismas, conceptos. Son palabras. Estas palabras evocarán diferentes conceptos dependiendo del contexto teórico en el que hayan sido incluídas.

Lugar, la misma palabra será denotativa de sentidos conceptuales diferentes si se la incluye en la construcción ideativa de Yi-Fu Tuan o en la construcción de Milton Santos. Y matices conceptuales podrán encontrarse en el interior de cada una de estas dos referencias, dependiendo de la época de determinada elaboración en sus respectivas trayectorias teóricas. Así también con respecto al local concebido como lugar a la manera de Tuan o a la manera de Santos. Pensemos en la arcilla transformada en ladrillos que forman las paredes de edificios bajos y casas en el barrio Restinga, en Porto Alegre. Pensemos en las personas que allí residen.

Nosotros dos, Nelson y Tiago, autores de este texto, sentimos gran afecto por el barrio Restinga. Tiago más intensamente porque es profesor en el barrio y cotidianamente se encuentra involucrado con personas y experiencias de la docencia, y hace que todo ello sea su investigación-acción de doctorado. Menos, Nelson, que mantiene una relación indirecta con el cotidiano del barrio Restinga, pero que aun así nutre un buen afecto, por osmosis existencial, ya que ha sido orientador de alumnos de grado, maestría y doctorado que investigan sobre la docencia en este barrio. Pues bien, los dos autores del texto sienten buen afecto por el barrio Restinga, por las personas de allí, y esto se prolonga en la forma de afecto por el paisaje del barrio, que incluye edificios y casas en la familiaridad que su visión adquiere a los ojos de un visitante cotidiano. Como consecuencia, colores y demás apariencias están presentes en esta familiaridad y afecto y, así, en una percepción de conjunto, se aprende que los ladrillos que forman las paredes están incluidos en el sentimiento.

No obstante, es plausible suponer que los ladrillos no sienten el mismo afecto por el visitante cotidiano ni por su orientador (la lectora y el lector entenderán, líneas más adelante, que esta observación es importante y no solamente un momento gracioso en el texto).

Nelson y Tiago ven el barrio Restinga como lugar a través de diferentes lentes conceptuales.

Para Tuan [(1974) 2015, (1979) 2015], una determinada área que tenga especial significado de buen afecto para el individuo deja de ser mero local. Se eleva a lugar, con su fusión de recuerdos y de acontecimientos renovados, experiencia de vistas, sonidos, olores, combinación acogedora de ritmos naturales y artificiales: pasado, presente, expectativa de continuidad. Con respecto al local que se vuelve lugar, la persona desarrolla sentimientos de gratitud y tal vez de posesión, lugar que, para otros, tal vez siga siendo tan solo un local. Quien ama el lugar tal vez desarrolle contra estos otros un estado de alerta más o menos intenso, y ellos serán las potenciales fuerzas adversas invasoras del lugar. Inversamente, serán mi grupo otros que compartan el amor por el lugar.

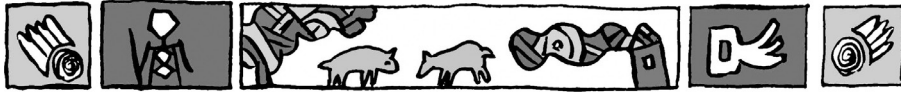
Para Santos [(1996) 2017], lo que define el lugar no son sus caracteres tomados solamente como el interior de un punto en el espacio, sino la consideración de ese lugar como espacio de relaciones contextualizadas por múltiples y superpuestas escalas, una red de objetos y acciones con causa y efecto y que influye tanto en las variables internas ya existentes como en las nuevas que se internalizarán. Para Santos, “más importante que la consciencia del lugar es la consciencia del mundo, adquirida a través del lugar” (2005, p. 61).

El concepto topofilico elaborado por Tuan es imprescindible para entender el sentimiento de muchas personas de Restinga por el barrio, y es tremendamente insuficiente. El concepto elaborado por Santos es una guía poderosa y necesaria para montar el rompecabezas de este barrio de mayoría negra y pobre tantas veces discriminada por otros habitantes de la ciudad, que coquetean con la fantasía de vivir en una metrópolis blanca, europea o yanqui. Vale notar, en la ciudad de Porto Alegre, los nombres ingleses de centenas de restaurantes, bares, tiendas, establecimientos de estética y de otros servicios, nombres franceses, italianos y alemanes que, juntos, suman otras centenas. Y vale notar la ausencia de nombres africanos. ¿Cuál es el color de piel que los monumentos prestigian casi que exclusivamente?

Restinga, un barrio de tensiones provocadas por disputas de narcotraficantes por tener dominio, de criminalidad entrañada en el cotidiano, de recuerdos de crímenes que superan en mucho la violencia usual. Barrio de personas que van al trabajo y regresan a casa en autobuses que muestran el motivo de comparar el vehículo lleno con sardinas comprimidas dentro de una lata.

Aun así, un barrio que es lugar amado para gran parte de las decenas de miles de personas que lo habitan, sentimiento intenso que contagia a profesores que habitan otros barrios, pero que allí viven la docencia.

El concepto de Tuan no es suficiente para comprender el sentimiento del barrio Restinga, pues el amor de Tuan no es vigorosamente entrañado de ira contra la ausencia de dignidad, de revuelta, lucha de clases, lucha racial, lucha por la igualdad entre géneros.



El concepto de Santos tiene la complejidad de la consciencia del mundo obtenida a través del lugar y de la potencia del lugar que se transforma en consciencia crítica de la red de objetos y acciones con causa y efecto que, desde afuera, afecta todas las variables internas.

El concepto de Tuan, sin embargo, destaca una placidez que se presenta tantas veces en un atardecer, en una charla con el dueño del almacén, una placidez sin la cual algo esencial se perderá en la comprensión del barrio. El concepto de Santos, no obstante, nos traerá el necesario recuerdo de que tal vez el dueño del almacén pague al narcotráfico una tarifa de salvoconducto para no ser molestado, y que el traficante, a su vez, está sujeto a pagar una tarifa al policía para que este lo deje “trabajar”, y que la policía trata al blanco de una forma y al negro de otra. Sin embargo, el lugar de Tuan resaltarán la diaria vibración de adolescentes en el recreo escolar, en el patio, donde no discuten si el *funk* carioca es el mejor o si mejor es la música pop en el inglés que ellos no entienden; ambos son excelentes, agitan los cuerpos, efímero diario que parece eterno, celebración que supera todo, pasión por este lugar y por este momento. Sin embargo, no obstante, la operación de identificar particulares empíricos con enunciados generales no cesará de mostrar que la luminosa aprehensión de lo sensible en el lugar en Tuan está lleno del vacío de una insuficiencia evidente. Y que la necesaria comprensión compleja y crítica, proporcionada por el lugar en Santos, podrá perder algo del alma si relega al puesto de secundario el grito de lo sensible vivido como fenómeno que pulsa aquí, durante y más allá con respecto al análisis de la inserción del individuo en lo macro.

Pero Santos, en realidad, no relega al puesto de secundario el grito de lo sensible y de las emociones y sentimientos que a lo sensible se vinculan: para él, el lugar, al mismo tiempo que es el cuadro de referencia pragmática al mundo y de este recibe solicitudes y órdenes precisas para acciones condicionadas, es también el teatro insustituible de las pasiones humanas, generadoras de la multiplicidad cotidiana de las manifestaciones de espontaneidad y creatividad.

En un abordaje realizado con base en el concepto de Santos, no necesariamente esta atención al ver, escuchar, tocar, sentir y a las emociones y a los sentimientos ocurrirá a través de los modos como los fenómenos se inscriben en las mentes. Esta atención puede ocurrir por otras formas de aprehensión relacionadas con eventos, algo que también traerá los afectos al primer plano, pero no garantizadamente los modos como los fenómenos están inscriptos en las mentes, con la multiplicidad de sus dichos y de sus memorias.

La investigación geográfica inspirada en Tuan garantizará esa atención que no se confundirá con atención al evento, sino atención a la inscripción del evento como fenómenos en las mentes. Esta atención inspirada en Tuan no garantizadamente discernirá la otra inscripción: del mundo en el lugar, de la red de objetos y acciones con causa y

efecto y que afecta tanto las variables internas que ya existen como las nuevas que se internalizarán.

Volvamos a los ladrillos que forman las paredes de edificios y casas de personas con pocos recursos. Es posible suponer que los ladrillos no sienten afectos por las personas que tienen cariño por el paisaje del barrio, que los incluye. Pero recordemos a la madre elefanta. Ella no conocía los conceptos por medio de los que era observada y comentada, pero vimos que, dependiendo de nuestra perspectiva – esta perspectiva que ella ignoraba –, su suerte y la del cachorro podían variar de la más nefasta hasta la continuidad del disfrute de sombras refrescantes de árboles, de hojas tiernas y succulentas, del gozo de la leche materna. Lo mismo se aplica a los ladrillos. Supongamos que estos no retribuyen nuestro sentimiento, pero nuestros conceptos y el buen afecto (o desafecto) podrán tener consecuencias sobre el devenir de casas y edificios.

¿Qué podemos decir, entonces, si pensamos en la relación no con ladrillos, sino con personas? Si la operación de identificar particulares a enunciados generales interfiere en la existencia del objeto cuando este nada sabe acerca de conceptos, ¿qué sucede cuando el objeto responde conscientemente a los conceptos, discute los conceptos, se apropia él mismo, el “objeto”, de la operación de discernir con cuales enunciados generales identifica sus eventos particulares y asimila esa reflexión a su práctica?

Cuando el objeto de investigación es un sujeto que se mueve en función de la investigación desencadenada, se destaca la importancia de no negar al objeto, es más, al sujeto, la posibilidad de relación con dos conceptos opuestos si el sujeto incluido en el objeto investigado entiende que ambos son necesarios. La oposición entre los dos conceptos, se manifiesta aquí como simultánea necesidad de ambos en su diferencia. En vez de alejar y engendrar perspectivas secas en la (falta de) relación de una con la otra, la diferencia incita al diálogo. La tensión de la diferencia se produce como atracción. Ambos conceptos favorecen el paso de la relación sujeto-objeto a una relación sujeto-sujeto.

INVESTIGACIÓN CONTINUADA

¿Cuál investigación? La referencia hecha a una investigación no es relativa a algún proyecto específico, aunque uno de los autores de este artículo esté comprometido, en el momento, con su tesis de doctorado y el otro, en estar junto en la función de orientador. La investigación mencionada es mejor que una tesis de doctorado: es la que practican in/formalmente todos los días varios que observan prácticas, discuten conceptos y teorías, intercambian ideas y propuestas, y así lo hacen dentro y fuera de las salas de clase, de las reuniones de consejos escolares, de gabinetes docentes, dentro y fuera de los horarios de los contratos de trabajo. Se relaciona principalmente con quien es profesor y presencia cotidiana en el barrio, pero también involucra a quien la



acompaña desde otro lugar de escucha.

Pensar sobre conceptos es el eje central de esta práctica hecha por varios en red, pues todos los días se vuelve necesario comprender acontecimientos con ayuda del punto de vista teórico. En el cotidiano educacional, el teórico se desestabiliza por la práctica proyectada por lo teórico: praxis.

¿Lugar definido por la pulsación topofílica, o lugar definido por la conciencia crítica acerca del mundo que allí se internaliza con sus agruras y potencias? Ambos, pues no se trata de tomar partido a priori por uno o por otro. Es necesario escuchar a los “nativos” y, para los investigadores intérpretes de esta escucha, sus hablas responden: ambos conceptos les sirven para identificar experiencias con enunciados y significar de otros modos los acontecimientos de su vida.

¿Lugar o territorio? La reflexión sobre la experiencia de los acontecimientos vuelve a decir: ambos. Lugar territorializado. Territorio lugarizado.

Presentaremos una explicación sobre Restinga, su historia geográfica y apuntaremos la actual importancia de las escuelas en el barrio. A continuación, presentaremos hablas de habitantes que expresarán la conquista de la territorialidad. La territorialidad se encontrará con los dos sentidos de lugar referidos. Volveremos al asunto lugar/territorio añadiendo conceptos de territorio y territorialidad que ayuden a comprender el barrio Restinga. En este proceso, será situado el gran acontecimiento educacional en la historia y en la geografía de la comunidad, la implantación del Instituto Federal de Educación, Ciencia y Tecnología de Rio Grande do Sul, Campus Restinga.

La conquista y la producción continuada del Instituto Federal, Campus Restinga, se volvió catalizadora de la autoconstrucción de la comunidad. Su regimiento, como se publicó en 2021 en la página institucional, declara que el Instituto busca promover la formación de ciudadanos capaces de enfrentar y superar desigualdades, asociadamente a la misión de brindar educación profesional, científica y tecnológica, inclusiva, pública y de calidad. La página informa que el Campus Restinga, en 2020, contaba con 1300 estudiantes activos, distribuidos en doce cursos, en tres turnos de oferta de actividades. Cinco de los cursos son de nivel superior: Licenciatura en Letras, Portugués y Español, Tecnología en Análisis y Desarrollo de Sistemas, Tecnología en Electrónica Industrial, Tecnología en Procesos Gerenciales y Tecnología en Gestión Deportiva y Recreativa. Uno es de nivel técnico subsecuente a la enseñanza secundaria: Guía de Turismo. Uno es de nivel técnico concomitante a la enseñanza secundaria: Técnico en Redes. Cinco son de nivel técnico integrado a la enseñanza secundaria. Tres son: Electrónica, Informática y Recreación. Los otros dos son específicos para la modalidad de educación de jóvenes y adultos en la enseñanza secundaria: Agroecología y Comercio. Además de estos doce cursos, el Instituto es el polo de un curso de especialización a distancia: Prácticas Asertivas de la Educación Profesional Integrada a la Educación de Jóvenes y Adultos.

SÍ Y NO, RESTINGA EN EL CENSO DEMOGRÁFICO

Los datos del Censo 2010 realizado por el Instituto Brasileño de Geografía y Estadística confirman expectativas y al mismo tiempo son contrargumentados por habitantes y observadores de Restinga.

Cuanto al rendimiento promedio de los responsables por domicilios en el barrio, los datos informan que este es de 2,10 salarios mínimos, mientras que el promedio municipal de rendimiento es de 5,29, lo que coloca a Restinga entre las áreas con promedio más bajo de Porto Alegre. En líneas generales, esta estadística confirma lo que se vive en el día a día. Con un índice que no llega a la mitad del promedio municipal, el barrio está entre los locales más pobres de la ciudad. En un país de ingresos per cápita no elevados sumado a la concentración exacerbada de los ingresos, estar entre los más pobres significa estar al margen de razonables condiciones de saneamiento básico y de otros aspectos relacionados con equipos y servicios urbanos.

Los mismos datos informan que la población del barrio Restinga era de cerca de 52.000 habitantes en 2010 (aproximadamente un 3,7 % de la población municipal, con alrededor de 1.400.00 habitantes). Habitantes y observadores no están de acuerdo con estos datos y afirman números evidentemente superiores para la población de Restinga e indican lo que sería el factor para la diferencia entre su estimativa y la estadística oficial: fragilidades en la forma de realizar el censo, que incluiría el temor de varios de los encuestadores de recorrer todo el barrio, caracterizado por la presencia de grupos criminales que ejercen control territorial armado.

Otra información despierta indagaciones. De acuerdo con el censo, el 41 % de los habitantes de Restinga se autodeclararon negros y pardos, un índice parecido con el promedio de los demás barrios más pobres (Arquipélago, Bom Jesus, Cascata, Coronel Aparício Borges, Lomba do Pinheiro y Mário Quintana), mientras que este porcentaje es solo del 3 % para los barrios con más poder adquisitivo en Porto Alegre (Bela Vista, Boa Vista, Higienópolis, Moinhos de Vento y Mont'Serrat). Estos datos confirman lo esperado: el porcentaje de población negra en Restinga es 13,66 veces mayor que el mismo índice en los barrios de ingresos más elevados. Sin embargo, hay indagaciones relacionadas con el modo como la investigación se realiza. Hay rumores de que parte de los encuestadores induce a las personas que están en duda cuanto a su autodeclaración a declararse blancas (al elegir entre blanco y pardo) o pardas (al elegir entre pardo y negro). Y también es un comentario común que muchas personas de matiz afrodescendiente menos o más evidente no necesitan inducción ajena para declararse blancas. Tales rumores y comentarios indican que el porcentaje de la población que podría declararse negra tal vez sea significativamente mayor que lo que registran las estadísticas. Lo que nos interesa aquí no es la mensuración exacta de porcentajes poblacionales con respecto a la apariencia de la melanina en la piel, sino el registro de



cómo la condición de la persona negra permanece estigmatizada, al punto de hacer que se vuelva polémico un asunto que podría no tener esa importancia – los matices del color de la piel – si el contexto social todavía no fuera de dominante desigualdad económica asociada a la discriminación racial. Y esto nos remite a la historia geográfica del barrio Restinga.

LA ERRADICACIÓN Y DESPUÉS

El barrio Restinga se originó, décadas pasadas, a partir de otros locales y toponimias.

Restinga es un término que designa formaciones sedimentarias arenosas costeras recientes (período Cuaternario) y una comunidad vegetal adaptada al suelo arenoso y al ambiente litoraleño, conforme puede ser observado en Ribeiro (2003). La formación de la restinga incluye locales en los que el ambiente litoraleño dejó de ser presente, pero en la escala geológica corresponden a un pasado tan reciente que sus características se mantienen preservadas. Hasta mediados de la década de sesenta, siglo pasado, la planicie arenosa que se transformaría en una populosa área urbana, todavía parecía una restinga natural. Distaba de la ciudad de Porto Alegre y esta circunstancia fue decisiva para que haya sido repentinamente ocupada por un contingente mayoritariamente negro. A distancia; o sea, una población molesta a los ojos de la sociedad blanca fue colocada allí.

Ilhota era el nombre de uno de los principales locales poblacionales anteriores que originaron el aglomerado de Restinga. Se ubicaba adyacente al Centro de Porto Alegre. Estudios como los de Araujo (2019), Gamalho (2009), Soster (2001) y Zamboni (2009) reconstituyen la historia geográfica de la transferencia poblacional de Ilhota a Restinga.

Durante los primeros años del siglo 20, en terrenos donde hoy se encuentran la Plaza Garibaldi y en las cuadras incluidas en el polígono formado por las avenidas Venâncio Aires, Aureliano de Figueiredo Pinto, Érico Veríssimo, Ipiranga y Azenha, se extendía parte de la planicie de inundación de dos arroyos confluentes y con cauces muy sinuosos, que por esta razón tenían poca velocidad de caudal. Cuando llovía, las frecuentes inundaciones afectaban las calles de la ciudad de Porto Alegre, que ya se había expandido hasta las cercanías de esta extensa área. Los arroyos recibieron diferentes nombres a lo largo del tiempo.

El principal era el Arroyo Jacareí, conocido también como Arroyo do Sabão, hoy llamado Arroyo Dilúvio, cuyo trayecto fue bastante rectificado y alterado en comparación con el cauce que tenía en aquella época. Las primeras obras que se hicieron para desviar y rectificar parcialmente el Arroyo Dilúvio se llevaron a cabo entre 1904 y 1906. De estas primeras obras, una vena remanente del curso anterior se volvió un brazo muerto, con aguas estancadas, fétidas e infestadas por mosquitos. Este cauce

muerto formaba una isla pequeña, denominada *Ilhota* por los populares, ubicada en parte de lo que hoy es la Plaza Garibaldi y en el área contigua en dirección a la actual Avenida Ipiranga.

Este local todavía solía inundarse, a pesar de las obras. Con el paso de las décadas, estos terrenos no codiciados por los adinerados ni por los estratos medios y pobres de ingresos, comenzaron a ser ocupados por los más pobres que vivían en situación miserable en la ciudad creciendo alrededor. Se constituyeron favelas en diferentes puntos de la extensión, con diferentes nombres, pero, simplíficadamente, muchas veces referidas por un único nombre: *Ilhota*.

En la década de sesenta se extendían los núcleos de habitaciones improvisadas con sobras de madera, cartón y lona por una área calculada en veintidós hectáreas, con terrenos húmedos alrededor y más allá de la pequeña isla formada por los vestigios del antiguo brazo muerto, comprimidos entre dos barrios de clase media, *Menino Deus* y *Cidade Baixa*, y un barrio de clase media y baja, *Azenha*.

La población de las favelas (o de la gran favela única, considerando que el crecimiento de los aglomerados de casas humildes tendía a fundirlos en una extensión continua) estaba constituida por las segunda, tercera y cuarta generaciones de descendientes de esclavizados. Hijos, nietos y bisnietos que no tenían tierras, ingresos, ni libertad, pero que eran, los descendientes, también poseedores, desde su nacimiento, no de propiedades ni de facilidades, sino del estigma pegado a su piel por la discriminación de la sociedad blanca.

A ellos se juntaban inmigrantes rurales que el éxodo había producido, puesto que trabajadores del campo desde siempre sin tierras o de escasa tierra eran despedidos de las plantaciones por propietarios y capataces en función de la mecanización del campo.

Con el tiempo, muchas de esas casas humildes fueron creciendo con materiales menos precarios, beneficiándose con trabajos de reconstrucción, y su calidad subió un nivel: de miserables pasaron a pobres. Esto significaba que en los terrenos húmedos se enraizaba aquella población de trabajadores temporales, empleadas domésticas, puesteros, funcionarios públicos en funciones de poca jerarquía, operarios, bohemios y también una parte de alcoholizados, mendigos, carteristas, asaltantes y otros personajes molestos a los ojos, oídos, sensibilidad y conveniencias de la clase media vecina.

Araujo (2019), Gamalho (2009), Soster (2001) y Zamboni (2009) sitúan la erradicación de *Ilhota* en el contexto de la denominada política de higiene de las grandes ciudades brasileñas, puesta en marcha a partir de la década de cincuenta, no más de forma puntual y esporádica, sino de modo sistemático. En *Porto Alegre*, la erradicación de favelas ubicadas en varias partes del perímetro del área central expandida, fue justificada con el lema “Erradicar para Promover”, que significaba principalmente la promesa de que el poder público construiría mejores casas para los erradicados.

El gran problema era que, aunque habitaciones y condiciones sanitarias fueran pre-



carias, las favelas estaban cerca de los locales de trabajo (como las casas de particulares para el trabajo de las empleadas domésticas, o las tiendas, para puesteros), y la erradicación para promover llevaría a sus habitantes lejos de estos locales, y lejos también quedarían las escuelas y puestos de salud, sin mencionar las dificultades con transporte colectivo.

En función de ello, otros proyectos políticos se sumaban a la promesa de habitaciones. En el caso de la transferencia de la populosa Ilhota para el barrio Restinga, incluía un plan urbano completo, con instalaciones industriales próximas para generar empleos, implantación de transporte colectivo, equipos y servicios básicos, tales como los relativos a educación y salud.

Se sabe que dichas promesas fueron recibidas con desconfianza por la población de Ilhota —y aquí es importante registrar que, en gran parte, reconstituir esta historia solamente es posible, según Araujo (2019), por investigaciones orales, pues la materialidad documental sufre la misma condición a la que está sujeta la presencia negra en espacios que comenzaron a interesarse más en el blanco: la eliminación.

Es importante observar que el saneamiento y la urbanización del propio local donde la favela de Ilhota se asentaba sería una alternativa menos costosa que el plan completo que habían prometido. Sin embargo, esta opción aparentemente nunca estuvo entre las consideraciones de sucesivas gestiones en la alcaldía de la ciudad.

A partir de 1966, momento en el que la dictadura militar ya se encontraba vigente en Brasil, ocurrieron erradicaciones parciales de los aglomerados designados, en la memoria popular oral, tanto por otros nombres como agrupados por el nombre único de Ilhota. En 1967, el ejército ejecutó una gran transferencia poblacional hasta la distante formación de Restinga, situada en el medio que, en aquel entonces, era rural. La erradicación de 1967 fue la más marcante por sus dimensiones (no hay certeza cuanto al número de algunos miles de personas que ocupaban los terrenos pantanosos de Ilhota y cercanías) y por el modo incisivo de la acción del ejército.

El contingente erradicado fue colocado en un asentamiento clasificado como transitorio por el poder público, en el que no existían infraestructuras y se reprodujeron las mismas condiciones de cloaca a cielo abierto y precariedad habitacional, aunque en terrenos secos, pero sin las compensaciones de la cercanía urbana. Tal vez en contextos anteriores hayan existido momentos de alguna verdad en la difundida intención de un plan total para la transferencia, pero en la coyuntura de la ejecución, las promesas de rápida construcción de viviendas, de distrito industrial y de implantación de equipos y servicios no se cumplieron.

Comenzaron en 1970 y, al año siguiente, se concluyeron las obras de un conjunto habitacional. Sin embargo, aún la realización con atraso de la promesa de nuevas habitaciones se mostró dudosa, pues deberían comprarlas mediante financiamiento a largo plazo y en cuotas no tan accesibles, aunque fueran bajas (¿bajas en comparación a qué

nivel de ingresos?). Todo esto causó la evasión de parte de la población transferida, cuyo porcentaje relativo al conjunto reasentado no puede ser estimado, y también originó la llegada de nuevos habitantes, que, aunque fueran pobres, tenían cómo asumir el compromiso de las cuotas. Obviamente, los evadidos se depararon con un destino de condición marginal más acentuada que antes en su regreso a la ciudad. Para quien permaneció, cambió la precariedad anterior por la precariedad en otra área, menos húmeda, pero lejos de la ciudad.

Mientras el poder público olvidaba las promesas relativas al nuevo local, durante los mismos años posteriores a la retirada de la población de Ilhota y favelas cercanas, los antiguos terrenos pantanosos adyacentes al perímetro central de la ciudad fueron saneados y urbanizados por el poder público, lo que permitió que los terrenos fueran incorporados como áreas de valor para emprendimientos inmobiliarios. De esta forma, Restinga nació marcada por el engaño y el arbitrio.

Más de veinte kilómetros separan la actual Restinga y la antigua Ilhota, una gran distancia para aquella época, considerando los límites de lo urbano, las condiciones de transporte y la distribución de equipos, servicios y puestos de trabajo. Aún hoy, Restinga sigue siendo un local distante, no relativamente a la inmutabilidad de la medida en kilómetros, sino al tiempo necesario para desplazarse, una hora de automóvil, en días de tránsito con el congestionamiento habitual.

Pero ¿qué pertinencia tiene hablar sobre desplazamiento en automóvil propio cuando la población en cuestión es la de Restinga? Esta pertinencia estaría relacionada solamente a una minoría, ya que el congestionamiento habitual de vehículos se debe a los barrios de clase media que se formaron en la misma dirección sur. Autobús es la medida más pertinente para tiempo asociado a desplazamiento, y no solo el tiempo procede para este análisis, sino el conjunto de las condiciones. Puede tardarse hasta dos horas en cada uno de los dos viajes diarios, ida y vuelta, de pie, con pasajeros prensados en un autobús lleno.

En el mapa (figura 1), está delineada el área del actual barrio Restinga y aproximadamente ubicada el área de la antigua Ilhota y de los otros núcleos de favelas cercanos.

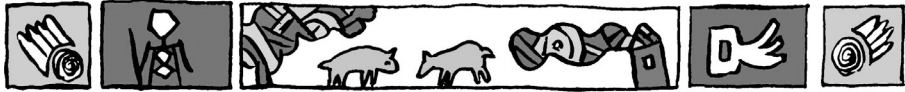
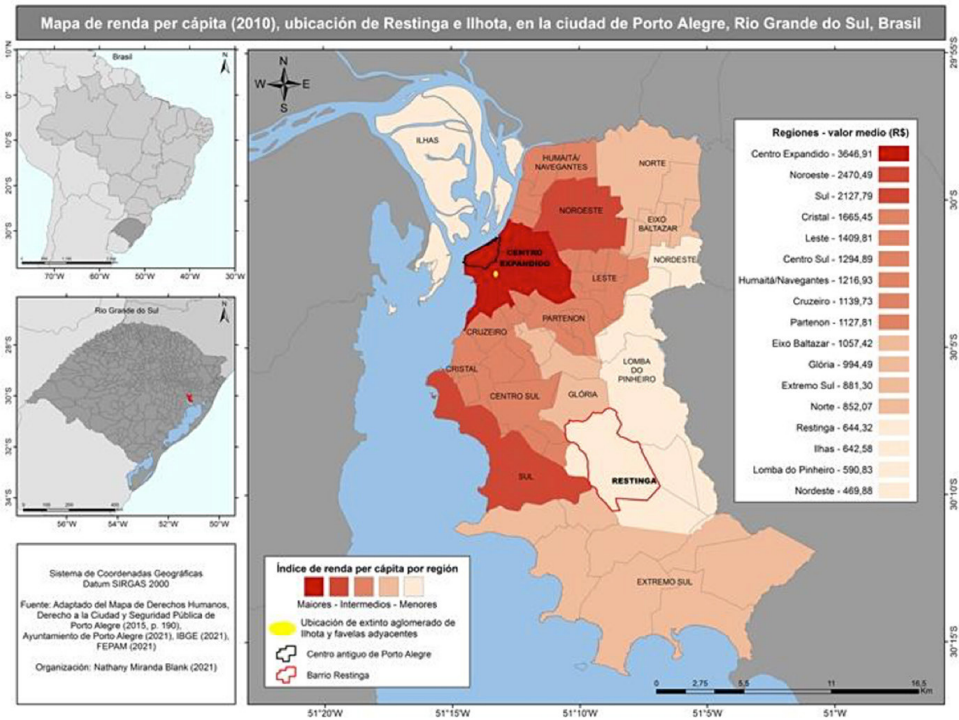


Figura 1 - Mapa de ingreso per cápita (2010), ubicación de Restinga y Ilhota en la ciudad de Porto Alegre¹



Fuente: organizado por Nathany Blank (2021), basado en IBGE (2019) y PMPA (2021)

Tal como dice la antigua frase, el tiempo no se detiene. No más de medio siglo después del fin de Ilhota, la población de Restinga no paró de aumentar y expandirse en el área ocupada. En 1990, se promulgó la ley municipal que oficializó el gran aglomerado como el barrio Restinga, compuesta por las llamadas Restinga Velha (que creció a partir del área donde originalmente se asentó el contingente oriundo de Ilhota y favelas cercanas) y Restinga Nova (que creció a partir del conjunto habitacional construido en 1970/71), así llamadas coloquialmente por los residentes. Las partes *velha* y *nova* fueron rodeadas por diversos núcleos menores con diferentes grados de precariedad urbana, todos formando el mismo barrio. Restinga Nova es la parte que presenta un estrato de ingresos menos bajo, mejores condiciones infraestructurales y un comercio diversificado, no obstante ser también caracterizada por pocos ingresos.

Por la bibliografía disponible, e incluso por medio de todo lo que la oralidad y la memoria de los antiguos relatan, parece imprudente, considerando la insuficiencia de los datos, arriesgar conjeturas acerca de cómo serían las visiones políticas de la población de Ilhota y de los demás núcleos erradicados sobre su lugar y la ciudad, el país, el mundo.

Sin embargo, los relatos parecen mostrar que, a lo largo del tiempo, ocurrió una densificación de la consciencia política del pueblo de Restinga. Esto se reflejaría en la movilización y organización frente a las adversas condiciones estructurales sociales, con el aumento de la capacidad reivindicatoria para obtener equipos y servicios urbanos. Por ejemplo, el estudio de Gamalho (2009) indica que se multiplicaron los establecimientos de educación en Restinga.

Esta misma densificación de consciencia política estaría presente en las representaciones hechas acerca de sí mismos, con la valorización de la cultura afrodescendiente en sus múltiples manifestaciones y consecuente aumento de autoestima.

El acompañamiento de prácticas cotidianas muestra que las escuelas en Restinga son centros donde suceden y crecen las atenciones a las identidades culturales. Atenciones que incluyen simultáneamente el sentimiento topofilico por el lugar y la lectura crítica del mundo a partir del lugar.

CALIDAD ESCOLAR Y CALIDAD DE VIDA EN EL ENTORNO, LA CONSTRUCCIÓN DE UNA IDENTIDAD ENTRE ESCUELA Y COMUNIDAD

En cada escuela pública brasileña existe la posibilidad de que aflore un paroxismo: el drama de profesores que, en el intento de realizar su mejor trabajo, se ven impedidos por la propia estructura educativa en la que se encuentran. Esta estructura engloba desde la específica escuela en la que un determinado profesor actúa, hasta las condiciones más generales que contextualizan cada local y que allí se internalizan. Condiciones, tales, que incluyen la abusiva combinación de salarios bajos con jornadas laborales excesivas, considerando el número de alumnos por grupo y el propio número de grupos bajo la responsabilidad de cada profesor. Dichas condiciones también incluyen muchas veces una multiplicidad de factores asociados con la precariedad del entorno socioeconómico de la escuela.

Una visión ingenua y no familiarizada con los dramas del cotidiano docente puede generar comentarios negativos y no ponderados sobre la falta de calidad de la educación. Y de la misma forma, una visión astuta y consciente de la propia malicia puede alimentar los mismos comentarios y el lugar-común que camufla la realidad.

Gadotti (2013) se remonta al documento *El Decenio de las Naciones Unidas de la Educación para el Desarrollo Sostenible* (2005) para vincular calidad con cantidad. Si calidad significa mejorar la vida de las personas, de todas las personas, no se puede hablar de calidad si el acceso a ella se restringe a una minoría. Y añade: es imposible que la calidad de la educación sea buena si la calidad de vida de una comunidad es mala - adversas, las condiciones de vida del profesor y del alumno: “no podemos separar la calidad de la educación y la calidad como un todo, como se pudiera ser de calidad al



entrar en la escuela y empeorar la calidad al salir de esta.” (2010, p. 7).

Existe, pues, una asociación profunda entre querer mejorar la escuela y querer mejorar el contexto en el que la escuela se sitúa. En su resistencia y creación de caminos, profesores construyen proyectos pedagógicos en diferentes niveles de alcance y en diferentes modos de interlocución con los contextos.

Moll (2006) destaca el surgimiento de concepciones y prácticas que hacen que la ciudad –con sus adversidades, posibilidades y desafíos– sea el propio espacio pedagógico que deba ser articulado con la sala de clase y con la escuela. Indica la pedagogía que puede suceder entre profesores y alumnos que traen temas, problemas, alternativas y sujetos de la ciudad hacia dentro de la clase. La escuela puede contribuir para estructurar el proyecto pedagógico municipal y las bases pueden contribuir para el nacional. Recíprocamente, lo congresual en un nivel más amplio puede recorrer el camino hasta las partes.

Cuando articulamos escuela y la forma de pensar sobre la ciudad contextualizada en el país – por ejemplo, en la discusión sobre racismo y desigualdad social – se vuelve oportuno recordar que el concepto de Santos considera el lugar como espacio de relaciones atravesadas por múltiples e interrelacionadas escalas, red de objetos y acciones con causa y efecto que afectan tanto las variables internas que ya existen como las nuevas que se internalizarán.

Aigner (2003, 2006) Brunel (2006) y Laitano (2003) están entre los autores que muestran un movimiento impulsado, en Restinga, por diversos sujetos pedagógicos, vinculados tanto a la enseñanza en sistema formal como a la educación no formal. Se trata de un movimiento híbrido en el encuentro entre lo institucional y lo espontáneo y que produce comprensiones del lugar en el ambiente educativo (formal o no formal) y produce lo educativo como generador de estudios, actividades y dichos que repercuten en la comunidad – investigaciones sobre la cultura del África negra y manifestaciones contemporáneas derivadas de esta, análisis local de problemas ambientales, relaciones entre la juventud de la periferia urbana y la circulación en la ciudad, entre otros centros de atención. Comprensión del lugar Restinga engloba: caracteres que se presentan en el lugar, el barrio Restinga en el contexto de la ciudad, la ciudad en el contexto del país, el país en el contexto del mundo, la presencia del mundo en el barrio.

La comunidad de Restinga reivindica escuelas. Y aquí se vuelve necesario destacar el movimiento inverso y recíproco: las escuelas de Restinga reivindican la presencia de la comunidad y reivindican a favor de asuntos de la comunidad. Restinga reivindica Restinga: el distrito industrial que hace cincuenta o sesenta años fue prometido; más autobuses, pues viajes de pie y prensado dos veces por día es una falta de respeto a la ciudadanía; más escuelas; respeto racial.

Hoy, poco – tal vez, casi nada – conseguiremos saber sobre cómo eran las visiones de lugar, ciudad, país y mundo de las poblaciones removidas de Ilhota y de las favelas adyacentes. Todo se ha borrado. Hoy, podemos saber lo que se piensa en Restinga.

EL SENTIMIENTO DE LUGAR EN DOBLE SENTIDO LLEVA A LA LUCHA TERRITORIAL, LA TERRITORIALIDAD CONQUISTADA LLEVA AL SENTIMIENTO DE LUGAR EN DOBLE SENTIDO

Las diversas declaraciones a continuación son de Maria Clara Cardoso Nunes, Ênio Messias Nunes, Nelson da Silva, Djanira da Conceição, Maria Salette da Silveira Pinto, Maria Guaneci Marques de Ávila, José Luiz Ventura y Claudia Maria da Cruz, habitan-tes más o menos antiguos del barrio Restinga y líderes comunitarios.

La pareja Maria Clara Cardoso Nunes y Ênio Messias Nunes fue a vivir en Restinga cinco años después de la llegada de los removidos de 1967. Los primeros tres fragmen-tos que aparecen a continuación pueden leerse desde la perspectiva de la relación entre destierro, reterritorialización y encuentro con los desterrados por otros que también vi-ven el drama de vivir y que hacia allá se dirigen. Varios de los habitantes iniciales eran conocidos de la pareja, incluso algunos parientes, y esto, sumado a la imposibilidad de seguir pagando alquiler en una dirección cerca del centro de la ciudad, determinó su ida para el área que, en aquel momento, ya había comenzado a ser llamada Restinga Velha por los habitantes. Al mudarse, Maria Clara estaba más convencida que Ênio con respecto a asumir riesgos.

Los tres fragmentos fueron tomados de declaraciones reunidas, grabadas y cedidas por la historiadora Neila Prestes Araujo, que estaba realizando su investigación de maestría cuando se volvió amiga de Tiago y lo presentó a varios líderes comunitarios.

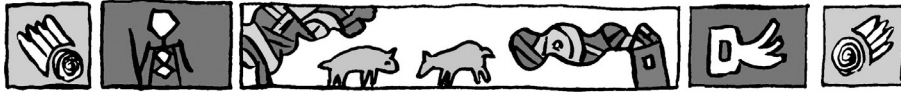
Este primero es sobre el dilema de la ida a Restinga. Maria Clara contextualiza el momento pasado con una frase inicial y comienza a escenificar lo que el esposo Ênio le decía en aquella época:

Era um lugar totalmente desconhecido.

– Vão me jogar pra onde? O que eu tenho lá? Não tem nada. Não tem trans-
porte, não tem saúde, não tem segurança, não tem água, não tem luz.
Que eu vou fazer naquele lugar? Por que tão me tirando daqui pra aquele
lugar?

Este segundo fragmento, sobre los acontecimientos en el período que ante-
cedió la ida, cuando, en visitas a conocidos y parientes, fue consolidán-
dose la decisión favorable de mudarse al nuevo local:

Nós vivíamos já aqui dentro. As pessoas, os primeiros que vieram para cá, a
gente já tinha essa convivência com eles aqui. Era questão de solidarieda-
de, eles faziam questão da nossa presença aqui. Eu chegava num domín-
go de tarde, não me acomodava na casa dos meus parentes, eu passeava,
conversava com um vizinho, conversava com outro. (Encena, a seguir, a
memória de diálogos passados.)



– O senhor não tem água na sua casa?

– Não, não tenho.

– Então tá, nós vamos procurar bica mais próxima da sua casa.

A gente saía, convidava os vizinhos.

– Vamos procurar uma bica mais próxima da sua casa pro senhor pegar água, né?

Então foi criando um vínculo com essas pessoas. Quando eu resolvi vir, achei que aqui era minha identidade, era minha terra. Vou embora pra Restinga, eu falei.

Esse aqui (encena o que Ênio dizia antes da mudança).

– Não, eu não vou pra esse fim de mundo... Porque eu não vou pra lá, porque não sei o quê...

En estos fragmentos observamos cuánta aflicción hubo en el dilema de ir o no al nuevo local y cómo vínculos de solidaridad que surgieron con acciones concretas y necesarias para la vida, como buscar una canilla de agua más cercana, fueron fundamentales para la toma de decisión de Maria Clara y Ênio. Fueron al nuevo local porque un vínculo fuerte se había formado incluso antes de ir. Este vínculo era la respuesta tanto para quien ya se encontraba allí como para quien estaba decidiendo irse o no: aseguraba la sobrevivencia. De un techo y agua a otras necesidades, como trabajo, que depende de la posibilidad de ir y venir, la narrativa de Maria Clara atestigua el día a día de antes:

Não tinha ônibus. Se a pessoa tinha carro, carreta, carroça, se dizia que tinha condição própria. Mas quem não tinha, tinha que ir até a 38 (parada de ônibus), que é a Belém Novo (linha de ônibus), no entroncamento, pegar, esperar, o Belém Novo, Lami, pra ir pro Centro.

Casi veinte años después, Maria Clara y Ênio estaban entre los líderes comunitarios luchando por la implantación del instituto federal de educación en Restinga. Y treinta años después del comienzo de las acciones en pro del establecimiento que vendría a ser el Instituto Federal de Educación, Ciencia y Tecnología de Rio Grande do Sul, Campus Restinga, recuerdan el proceso en una entrevista con Tiago, quien grabó declaraciones de los habitantes anteriormente citados.

En estos fragmentos, Maria Clara expone la movilización política de la comunidad:

Tiago: Como a implantação do campus virou prioridade para vocês?

Maria Clara: Então, foi através da luta. Com o aumento da população da Restinga, nós começamos a pensar no futuro. Segundo grau, faculdade, a coisa toda. O que a gente pensava? População jovem da Restinga está crescendo muito, onde vamos colocar essa juventude pra estudar? Nós vamos partir pra uma luta maior. Pode ser até que fique no caminho o nosso sonho, mas a gente teve que criar coragem pra lutar. O que

vamos fazer? Nós começamos a se inteirar das notícias da construção de institutos federais. Quem sabe a Restinga tem condições de trazer o Instituto Federal? A participação política foi forte pra construção do Instituto Federal. Não foram os políticos, fomos nós, moradores da Restinga.

Isso já virando os anos 2000. Foi muita luta. Bati boca, foi muito interesse político. Só que o nosso interesse é uma política conjunta, política comunitária. E nós sofremos muito por causa disso, porque sempre tem alguém que monta em cima da política comunitária pra poder crescer. Aí nós começamos a fazer a campanha pra reivindicar o nosso anseio, o desejo que era a vinda do Instituto Federal. Batemos aqui de porta em porta, fizemos muitos encontros, muitas reuniões, muitos convites pra as pessoas se engajarem na causa, muitos líderes da redondeza aqui da Restinga. A Restinga já estava com uma quantidade de líderes comunitários que também desejavam o campus. Foi aí que a nossa força cresceu. Não era uma nem duas pessoas, eram centenas a bater de porta em porta.

Sobre a participação da comunidade na organização inicial do Instituto:

Tiago: Quando o campus foi construído, como aconteceu a decisão sobre os cursos? Vocês participaram também?

Maria Clara: Ah, participamos, a gente achava assim, num primeiro momento, que o curso técnico teria que começar pela informática. Notamos uma revolução muito grande. A informática estava dominando todos os campos de trabalho, então nós queríamos avançar também. Então vamos começar pelo começo, informática. Que daí, depois da informática, vem o próximo curso. Eu vi a maior explosão de interessados.

Sobre el significado retrospectivo y actual del Instituto:

Tiago: Hoje, olhando o campus, o que ele significa para vocês?

Ênio: Revolução e uma grande evolução.

Maria Clara: Essa revolução, como é que eu vou dizer? É uma revolução do bem. Porque o que não se tinha lá nos anos 70, o que não se acreditava até meados dos 80, aconteceu. E tudo que não se acreditou de repente acontece, é uma revolução. Mas é uma revolução do bem. Junto com essa revolução vem uma evolução muito benéfica pra uma comunidade que necessita mesmo, uma população pobre que não tem condições de ingressar numa faculdade particular, até mesmo não tem condições de conseguir vaga na faculdade pública. Ela agora tem aquilo ali, essa base, tem esse escoro.



Sobre los sentimientos personales:

Tiago: E hoje, qual o sentimento pelo campus?

Maria Clara: Olha, como minha casa. Esse é o verdadeiro sentimento, minha casa porque eu gosto de onde tem educação, onde tem rede de ensino, uma construção de ensino bem organizada, bem dirigida.

Tiago: A senhora caracteriza como, esse campus que é resultado de trabalho seu e de várias pessoas? A senhora disse que sente como se fosse sua casa. Pode explicar mais o sentimento?

Maria Clara: Olha, porque leva anos e anos pra construir uma casa. Então, tudo que tu coloca na construção da casa, tu valoriza. Até um prego colocado na madeira precisa de cuidado pra que não se deteriore. Tem que fazer manutenção da casa pra ela não se deteriorar. E assim é o Instituto. Eu vou lá até hoje. Eu vou e me sinto no dever de continuar. Dessa história eu faço parte. É uma conquista da nega velha aqui, de outros velhos que estão aí, uns que já partiram. Outros, que ainda estão aí, têm o mesmo sentimento.

Nelson da Silva está entre los habitantes más antiguos del barrio Restinga, junto con Maria Clara y Ênio. En una entrevista para Tiago, él se refiere al estigma que sufrieron los primeros habitantes:

O pessoal dizia morou na restinga, é marginal. Porque era absolutamente impossível sem uma condução, um posto de saúde não tinha aqui. Se desse qualquer coisa com a tua família, tu tinha que ir até o Pronto Socorro ou até a Santa Casa. Não tinha recurso nenhum, nada. Mas essa situação foi se modificando.

Recordemos que los autobuses tardaban demasiado en pasar por el barrio. Ello, sumado a la distancia hasta el Servicio de Urgencia y el hospital Santa Casa en el centro, sitúa la hipótesis “se desse qualquer coisa...”, mencionada por Nelson. O sea, nadie viviría en Restinga si no fuera marginal, que en el estereotipo internalizado en el sentido común no significa al margen, puesto a un lado por el proceso social, sino bandido. La comprensión del peso de este estereotipo muestra el sentido decisivo incluido en el simple hecho de decir “mas essa situação foi se modificando”, que atestigua la lucha de la población para mejorar sus condiciones de vida.

Puesto que la territorialidad es la expresión de un modo de vivir, que, para existir, necesita disputar y conquistar al menos un parcial nivel de posesión sobre determinada porción del espacio, esta porción de espacio, menor o mayor, puede ser entendida como territorio – menos o más consolidado – del contingente poblacional con algún grado de unión societaria y que allí ejerce el modo de vivir en cuestión.

Eje fundamental que debe ser pensado en este enunciado que formulamos se relaciona exactamente con este “menos o más consolidado”, principalmente con el “menos”. ¿Se trata, realmente, de territorio bajo esas condiciones denotativas del relativis-

mo expresado por el “nivel parcial de posesión”?

En sus declaraciones, podemos observar que existe un esfuerzo en conquistar territorialidad, o sea, conquistar expresión para un modo de vivir mejor que, para tal, necesita crecer en su capacidad de injerencia sobre una parte del espacio. Y se observa que esa lucha fomenta tanto cuanto es alimentada por: 1) sentimiento topofílico, 2) consciencia de que los dramas del mundo tienen influencia sobre el lugar, y también sus posibilidades.

Hay esfuerzos cotidianos por apropiaciones. Ello nos remite a la formulación de Haesbaert (2004) cuanto a no reducir la noción de territorio a un binarismo expresado meramente en términos de tener, o no, la hegemonía. Más que sí o no congelados: existe el movimiento. Haesbaert se refiere a posesiones – en mucho, simbólicas – que marcan lo diverso y lo complejo que desestabiliza lo establecido y engendra nuevas estabilidades asociadas a parciales y provisionales territorializaciones.

Zambrano (2001) sintetiza: un territorio se conquista. Más que la estrechez del binarismo del “sí, allí existe un territorio” o “no, allí no existe un territorio”, Zambrano propone atención a un sentido de pertenencia a una comunidad que se opone a la orden de otros y se organiza de acuerdo con estándares de diferenciación frente a esa orden confrontada: hay un territorio en proceso.

Sea dada atención a cómo esta frase de Djanira da Conceição corporifica lo que comentan Haesbaert y Zambrano:

Às vezes a gente marcava reunião pra sábado, a gente chegava lá e o Centro Administrativo da Restinga estava fechado. Daí, muitas reuniões a gente fazia na rua, a gente se sentava na calçada e a gente fazia. Às vezes o cara do barzinho era parceiro. Vocês sentem aqui, ele dizia pra nós. A gente comprava uma garrafa de café, ficava ali fazendo as reuniões. Teve uma época que os guris da resistência tiveram que ocupar o Centro Administrativo.

A gente fez inúmeras lutas pela Restinga. Quando a gente faz a gente nem se dá conta, né? Agora a gente olha e pensa. Bá, mas não é que a gente foi corajoso? Como é que a gente enfrentou isso? E a gente não tinha medo, a gente ia e fazia. Como tantas lutas também que teve pelos ônibus. A gente deitava no chão. O único jeito que eles arrumaram pra tirar as pessoas de lá foi dando serviço pra quem não tinha.

Então teve essas histórias e eu fico muito feliz hoje. É a concretização de um sonho, que foi a Restinga sair das páginas policiais pra as páginas da educação.

El testimonio de Maria Salete da Silveira Pinto amplía la exposición hecha por Djanira sobre el crescendo ocurrido en la organización de la comunidad:

Para estudar era uma dificuldade, eram dias e dias indo na Secretaria de



Educação rezando para conseguir uma vaga e as escolas não davam. (Maria Salete refere-se à busca de vagas para seus filhos.)

A gente fez um levantamento superficial e encontramos mais de 700 crianças e adolescentes que estavam fora da escola. Os governos diziam que não, que dentro da Restinga tinha escola pra todo mundo. Nós conseguimos provar que não era verdade. Fizemos três dias de inscrição dentro da escola pra quem estava fora da escola. Fizemos uma vaquinha, pagamos carro de som pra passar na Restinga toda e incentivar as pessoas a ir lá e dizer quem não tinha escola.

Este otro fragmento del testimonio de Maria Salete muestra la complejidad que alcanzó el movimiento:

Nós fizemos acho que uns três grandes seminários, assim com mais de 150 pessoas participando. Grandes seminários pra decidir que escola nós queríamos pra nossa comunidade. Porque ela tinha que ser diferente. Nós fizemos um levantamento de cursos, pra ver quais eram os cursos mais apropriados pra comunidade. Nós discutimos muito a questão da Restinga ser quase que uma área rural. Então nós temos que atingir esse público que mora em sítios ao redor, com a questão da agroecologia. Cursos que começassem a dar suporte pra comunidade se desenvolver. Então os primeiros cursos saíram desses seminários.

E a construção também. Ela tinha que ser uma construção que não gastasse muita luz, que tivesse luminosidade, que tivesse aquela entrada de ar, sabe? Foi construído de uma forma que gasta quase nada de luz porque recebe luz de todos os lados. Todas essas características foram coisas que se discutiui muito, sabe?

Los testimonios de Djanira y Maria Salete ejemplifican formas diferentes y complementarias de posesión. Cada una, a su manera y en su momento, por cierto, necesaria. Convergentes en el objetivo en común.

Haesbaert y Zambrano enfatizan lo simbólico que existe en la posesión. La posesión vehicula lo simbólico y es vehiculada por lo simbólico. La posesión no se reduce a lo simbólico y no hay posesión sin lo simbólico. En todas las hablas que se reprodujeron, la expresión de lo simbólico en el largo proceso de posesión engloba desde la selección de palabras para caracterizar relaciones de solidaridad y confrontación hasta lo que podría ser señalado con la constitución de cursos que establecieran tanto oportunidades frente al trabajo como puentes entre sujetos urbanos y rurales, entre vecinos y otros que, en el sentimiento ampliado, también comienzan a ser próximos. La construcción del gran edificio está llena de simbolismos, donde técnica, cuidado ambiental y el dialógico de los seminarios se encuentran, y el recibir “luz de todos los lados” se abre a una multiplicidad de significados. ¿Qué decir del acto de hacer el censo de los

que están fuera de la escuela dentro de la escuela y con ello probar que el discurso oficial era falso y el discurso de la comunidad, verdadero?

“Então tá, nós vamos procurar bica mais próxima da sua casa.” “Não era uma nem duas pessoas, eram centenas a bater de porta em porta.” “O pessoal dizia morou na restinga, é marginal.” “Muitas reuniões a gente fazia na rua, a gente se sentava na calçada e a gente fazia.” “Os guris da resistência tiveram que ocupar.” “A gente deitava no chão.” “Nós conseguimos provar que não era verdade.” “Grandes seminários pra decidir que escola nós queríamos pra nossa comunidade. Porque ela tinha que ser diferente.” “É a concretização de um sonho, que foi a Restinga sair das páginas policiais para as páginas da educação.” Entendemos que estos son ejemplos de lo empírico guardado en memorias que se manifiestan como narrativas de la saga comunitaria y pueden ser identificados con la idea: la posesión no se reduce a lo simbólico y no hay posesión sin lo simbólico.

El sentirse perteneciente genera perspectivas de destino compartido que se extienden en el tiempo y en el espacio. Se manifiestan vínculos entre presente, memoria y proyecto de futuro en estos tres diálogos, respectivamente, de Maria Guaneci Marques de Ávila, José Luiz Ventura y Cláudia Maria da Cruz:

Eu não consigo mensurar a satisfação que tenho, de ter lutado muito, de ter apanhado muito, porque a sociedade não entendia. O poder público não entendia a importância dessa escola no nosso bairro.

Uma coisa bem importante pra comunidade sentir assim, ah, eu sou um exemplo, eu entrei, eu não teria curso superior se não tivesse entrado no IF. Então isso aí mostra que, além de ter uma força de vontade, tu ter o espaço que te aceita abre muitas portas. Isso serve de incentivo pros jovens e pros mais velhos.

Para isso que foi pensado, para isso que foi defendido com unhas e dentes. Por isso que eu digo que, depois da conquista do Campus, veio uma nova luta. Veio a destinação das verbas, o projeto da continuação. Mas tudo teve etapas, não foi estalar os dedos e estava tudo pronto, a gente sabe disso.

¿Habrà mejor demostración de sentimiento de pertenencia, destino compartido, que preparar el futuro para los próximos y reconocer herencias recibidas en los vínculos entre generaciones?

Para Haesbaert (2004), reconocer el carácter inmanente del esfuerzo de territorialización en la vida de individuos y grupos sociales abre para otro reconocimiento: el del potencial de este carácter inmanente para perspectivas políticas.

El largo proceso de posesión que las declaraciones narran, des/continuo y complejo, con toda su carga en búsqueda de legitimación simbólica, busca producirse como algún contrapoder ya que confronta la estructura social que marginaliza sus sujetos y



más marginalizaría si, por estos, en un crescendo de organización, no fuera confrontada. La diferencia de destinos entre las poblaciones de Ilhota y de Restinga evidencia el cambio al que puede llegar este crescendo de territorialización del contrapoder de los periféricos en la arena de las negociaciones con el poder.

Existe el poder del capital, que, si no se lo confronta, reduce personas a recursos y, por extensión, recursos inferiores y que no considera como recursos, y las puede llevar al desarraigo absoluto, pues recursos existen para ser puestos en algún lugar y retirados de allí. Está el poder del Estado en niveles variados y contradictoriamente articulados, que puede reducirse, o no, a aparato del capital, como también puede volverse, el Estado, la razón de sí mismo al servicio de la reproducción de su poder separado de la sociedad. Está el poder del narcotráfico, que crece en las heridas del tejido social y explicita la violencia como posibilidad siempre latente en la constitución del poder.

La producción de su territorialidad, expresión del modo de vivir en un territorio en proceso, viene conduciendo a la comunidad de Restinga al sentimiento de lugar en doble sentido: topofílico y consciencia crítica del mundo a partir del lugar. El sentimiento de lugar en doble sentido viene guiando a la comunidad de Restinga a producir su territorialidad.

Existe miseria, barbarie, alienación. Existe un proceso.

Existe un conjunto de cuestiones de lucha: existe una misma/múltiple lucha y, en esta, la conquista y producción continuada del Instituto Federal, Campus Restinga, se volvió catalizadora de la autoconstrucción de la comunidad.

LUGAR TERRITORIALIZADO, TERRITORIO LUGARIZADO

Ante el cariño por el lugar y la discriminación que sufre, se podría plantear una cuestión: ¿amor o indignación? Pero, la pregunta estaría suponiendo que el amor y la indignación se excluyen entre sí, y la suposición es tonta. El amor se indignará cuando personas, unidas por un sentimiento de pertenencia, concienticen unas a las otras sobre las agresiones a su destino compartido. Amor indignado. Indignación amorosa.

Lugar territorializado: amor por el lugar forma perspectivas para la consciencia del mundo, consciencia del mundo forma perspectivas para el amor por el lugar, consciencia y amor se realizan en la defensa y, por lo tanto, posesión del lugar como territorio que será producido por consciencia y amor en proceso por sujetos que, en grados variados, comparten un destino asociado con el lugar y el desdoblamiento del lugar en territorio.

Territorio lugarizado: aposarse o estar en movimiento de posesión de un territorio es condición para la territorialidad como expresión de un vivir posibilitado por este territorio y, dependiendo de los sujetos de este vivir, el territorio puede pasar a significar lugar de referencia para sentimiento de pertenencia y de destino compartido,

lugar en el mundo y frente al mundo para el que los sujetos afirman simultáneamente su diferencia e identidad.

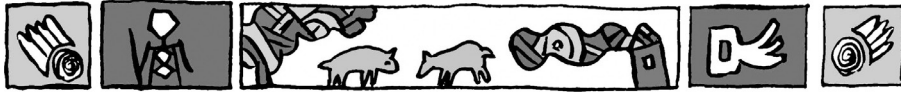
Diciéndolo de forma más simple y no menos verdadera. Porque necesita ser protegido, el lugar de amores y de consciencia del mundo necesita afirmarse posesión y diferencia en confronto, territorio. Porque permite la vida en amores y consciencia del mundo, el territorio de lucha significa también lugar de amores, lugar de consciencia del mundo. Lugar y territorio al mismo tiempo.

Las concepciones de lugar territorializado y territorio lugarizado, a partir de la experiencia de Restinga, no indican el intento de demarcar una línea rígida alrededor de un área. Las declaraciones muestran que no se trata de establecer un muro entre un dentro y un fuera: la lucha que confronta es también reivindicación por la educación como uno de los factores –factor fundamental – para la inserción ciudadana de la comunidad en la ciudad, en el país, en el mundo. Existe la afirmación de su diferencia frente a la historia y a la geografía que, desde mucho antes del tiempo y del espacio en el que existió Ilhota, producen diáspora y marginalidad. Pero esta afirmación de la diferencia es al mismo tiempo reivindicación por lo que los podrá incluir (ellos piensan) de otro modo – digno – en la sociedad que confrontan. ¿Cuánta ilusión tal vez llevan consigo? Los autores de este texto evalúan que ilusorio y arrogante sería creer que esta pregunta pueda ser respondida a priori en relación con la historia y la geografía del mundo, del país, de la ciudad en movimiento.

Lo que destacamos es que, al reivindicar inclusión ciudadana para sí (y, en movimiento de ampliación, para otros), en alguna pequeña medida, los residentes de la Restinga modifican la sociedad que confrontan. Y ¿cuál es la medida para predecir hasta dónde lo que es pequeño podrá crecer?

Nuestro objetivo no ha sido comparar diversos conceptos acerca de lugar y territorio –traíamos definidas dos perspectivas de lugar y una de territorio desde el diálogo situado en la investigación continuada, practicada in/formalmente todos los días por varios que observan prácticas, discuten conceptos y teorías, intercambian ideas y propuestas, y así lo hacen dentro y fuera de las salas de clase, de las reuniones de consejos escolares, de gabinetes docentes, dentro y fuera de los horarios de los contratos de trabajo.

Si la operación de identificar particulares a enunciados generales interfiere en la existencia del objeto cuando este nada sabe acerca de conceptos, ¿qué sucede cuando el “objeto”, es decir, el sujeto responde conscientemente a los conceptos, discute los conceptos, se apropia él mismo de la operación de discernir con cuales enunciados generales identifica sus eventos particulares y asimila esa reflexión a su práctica?



NOTAS

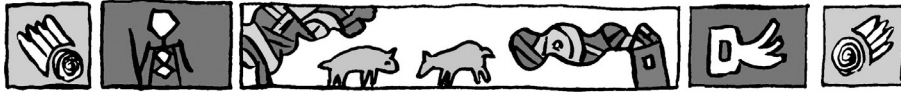
1. Nelson Rego, Licenciado en Geografía, Maestre en Sociología, Doctor en Educación, profesor del Programa de Posgrado en Geografía de la Universidad Federal de Rio Grande do Sul.
nelson.rego@ufrgs.br
2. Tiago Bassani Rech, Licenciado en Geografía, Maestre en Geografía, estudiante de doctorado en Geografía, maestro del Instituto Federal de Ciencia y Tecnología de Rio Grande do Sul, Campus Restinga.
tiago.rech@restinga.ifrs.edu.br
3. Para la elaboración del Mapa da Renda Per cápita (2010), localização da Restinga e da Ilhota na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil, se llevó a cabo una adaptación del mapa Renda Per cápita, presente en la publicación Mapa dos Direitos Humanos, do Direito à Cidade e da Segurança Pública de Porto Alegre 2015, elaborado por la Municipalidad de Porto Alegre. Así, los índices de ingreso per cápita fueron ingresados y representados en una nueva base cartográfica, que utilizó los datos del shapefile del IBGE para ubicar los mapas auxiliares y el municipio de Porto Alegre dentro del estado de Rio Grande do Sul, así como los shapefiles de Barrios y Regiones del Presupuesto Participativo de Porto Alegre. El diseño final se realizó con una simple organización de datos.

REFERENCIAS

- Aigner, C. (2003). Educação Popular em Porto Alegre, geografia e cidadania. En: REGO, N.; AIGNER, C.; PIRES, C.; LINDAU, H. (org.). *Um Pouco do Mundo Cabe nas Mãos, geografizando em educação o local e o global*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Aigner, C. (2006). Geografia e Educação Ambiental: construindo a cidadania a partir da valorização do lugar na Escola de Municipal Professor Larry Ribeiro Alves. En: REGO, N.; MOLL, J.; AIGNER, C. (org.). *Saberes e Práticas na Construção de Sujeitos e Espaços Sociais*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Araujo, N. (2019). *Origens do Bairro Restinga, entre versões, a inversão do olhar sobre a memória: uma história autocentrada no discurso do sujeito subalterno sobre o processo de ocupação da comunidade entre 1967-1971*. Disertación (Maestría en Historia). Instituto de Filosofía y Ciencias Humanas, Universidad Federal de Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- BRASIL (2021). *Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, Campus Restinga*. Porto Alegre: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, Campus Restinga, 2021. Disponible en: <https://ifrs.edu.br/pdi-2019-2023/missao-visao-valores-e-prioridades/> Fecha de acceso:

30/03/2021.

- Brunel, C. (2006). Os “Estranhos” na Escola e na Cidade: reflexo de um fenômeno estigmatizante que afeta os jovens que habitam a periferia das grandes cidades. En: REGO, N.; MOLL, J.; AIGNER, C. (org.). *Saberes e Práticas na Construção de Sujeitos e Espaços Sociais*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Gadotti, Moacir (2010). *Qualidade na Educação: uma nova abordagem*. São Paulo: Instituto Paulo Freire.
- Gamallo, Nola Patrícia (2009). *A Produção da Periferia: das representações do espaço ao espaço de representação no Bairro Restinga – Porto Alegre/RS*. Dissertação (Maestría en Geografía). Instituto de Geociencias, Universidad Federal de Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Haesbaert, R. (2004). *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- IBGE (2011). *Censo Demográfico - 2010: Características da população e dos domicílios. Resultados do universo*. Rio de Janeiro: IBGE. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/resultados.html> Fecha de acceso: 30/03/2021.
- Laitano, G. (2003). O Movimento Hip-Hop no Bairro Restinga: da prática profissional à descrição fenomenológica. En: REGO, Nelson; AIGNER, Carlos; PIRES, Cláudia; LINDAU, Heloísa (org.). *Um Pouco do Mundo Cabe nas Mãos, geografizando em educação o local e o global*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Moll, J. (2006) Cidade, Poder Local e Juventude: novos itinerários educativos. En: REGO, Nelson; MOLL, Jaqueline; AIGNER, Carlos (org.). *Saberes e Práticas na Construção de Sujeitos e Espaços Sociais*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Ribeiro, W. (org.) (2003). *Patrimônio Ambiental Brasileiro*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Santos, M. [(1996) 2017]. *A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Santos, M. (2005) *Da Totalidade ao Lugar*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Soster, A. (2021) *Porto Alegre: a cidade se reconfigura com as transformações dos bairros*. Dissertação (Maestría en Historia). Escuela de Humanidades, Pontificia Universidad Católica de Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Pontificia Universidade Católica.
- UNESCO (2005). *Década das Nações Unidas da Educação para o Desenvolvimento Sustentável (2005-2014)*. Brasília: Unesco.
- Tuan, Y. [(1977) 2015]. *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. Londrina: Edi-



tora da Universidade Estadual de Londrina.

Tuan, Y. [(1974) 2015]. *Topofilia, um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina.

Zamboni, V. (2009). *Construção Social do Espaço, Identidade e Territórios em Processos de Remoção: O Caso do Bairro Restinga - Porto Alegre/ RS*. Dissertação (Maestría en Arquitectura y Planificación). Facultad de Arquitectura, Universidad Federal de Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Zambrano, C. (2001). Territorios plurales, cambio sociopolítico y gobernabilidad cultural. En: *Boletim Goiano de Geografia*, n. 21. Goiânia: Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás.

REFERENCIAS CARTOGRÁFICAS

CÂMARA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. Mapa dos Direitos Humanos, do Direito à Cidade e da Segurança Pública de Porto Alegre, 2015. MELCHIONNA, Fernanda; BECKER, Nina (org.). Porto Alegre: Stampa Comunicação, 2015. Disponible en: http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/observatorio/usu_doc/mapa_seguranca_2015.pdf Fecha de acceso: 10/07/2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Geociências. Brasília: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2021. Disponible en: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/todos-os-produtos-geociencias.html>. Fecha de acceso: 10/07/2021.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. Mapas digitais da Secretaria Municipal de Meio Ambiente, Urbanismo e Sustentabilidade. Porto Alegre: Prefeitura de Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://prefeitura.poa.br/carta-de-servicos/mapas-digitais-da-smamus>. Fecha de acceso: 10/07/2021.

6

Cartografias da solidariedade pandêmica

Anna La Marca

Arquiteta e urbanista graduada na Universidade Federal do Rio de Janeiro (FAU-UFRJ) com intercâmbio acadêmico na Universidade de Groningen, Países Baixos. Cursa o mestrado em Spatial Design pela Konstfack University em Estocolmo, Suécia onde trabalha com projetos entre arte, arquitetura e território.

Lai Bronzi Rocha

Graduando em Geografia pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Bolsista no Programa de Educação Tutorial (PET) Geografia UFF/Niterói. Participa do núcleo de estudos do NUREG/UFF. Se inspira nos movimentos e nas tensões entre as realidades de suas resistências e do conhecimento geográfico.

Leila de Oliveira Lima Araujo

Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Pesquisadora nos Grupos de Pesquisa NUREG, NEURB e ETHOS da Universidade Federal Fluminense, com interesse em temas da Geografia Humana e Educação. Docente na Educação Básica no Município de São Gonçalo, RJ. Foi membro da Comissão de Avaliação dos Livros Didáticos de Geografia - Ensino Médio – PNLD/MEC, 2018.

Marina Amaral

Arquiteta e urbanista graduada pela UFRJ e realizou intercâmbio acadêmico na Università degli Studi Roma Tre com bolsa da CAPES. Explorando as fronteiras entre arte, arquitetura e urbanismo se formou com grande distinção no programa de mestrado em urban design da Académie Royale des Beaux-Arts de Bruxelles.

Thais Matos

Formanda em Licenciatura em Geografia pela Universidade Federal Fluminense. Integrou durante a graduação o Programa de Educação Tutorial (PET) no Núcleo de Estudos em Geografia, Racismo, Opressões e Resistências desenvolvendo pesquisas em torno das relações étnico-raciais e estudos afro-brasileiros. É artista e ativista de movimentos culturais da diáspora africana. Participa do NUREG/UFF.

Timo Bartholl

Professor do Departamento de Geografia da Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói/Brasil onde coordena, junto a Rogério Haesbaert, o NUREG/UFF. Membro fundador do Coletivo Roça! - Maré/Rio de Janeiro. Trabalha na interface movimento social-universidade por meio de processos de pesquisa-ação em prol de uma Geografia em movimento(s).

Paul Schweizer

Geógrafo e educador popular. Como membro do kollektiv orangotango, co-conduz projetos de arte coletiva no espaço público. Tendo co-editado 'This Is Not an Atlas', uma coleção global de contra-cartografias, atualmente participa de processos de mapeamento coletivo na Europa e América Latina para facilitar um diálogo global de cartógrafes militantes.

Yago Evangelista

Graduado em Geografia pela Universidade Federal Fluminense (UFF), mestrando em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Pesquisador do AUÊ! - Grupo de Estudos em Agricultura Urbana do Instituto de Geociências (IGC/UFMG) e do Museu das Remoções, na Vila Autódromo - Rio de Janeiro. Participa do núcleo de estudos do NUREG/UFF.

Contato com autorxs via: contato.nureg.uff@gmail.com



O CONTEXTO GLOBAL DOS MOVIMENTOS SOCIAIS NA PANDEMIA E AS FRENTES DE SOLIDARIEDADE EM FAVELAS DE RIO DE JANEIRO E NITERÓI¹

2019 permanecerá como um dos anos mais agitados em termos de movimentos sociais e protestos cidadãos em todo o mundo. Oito anos após as revoluções árabes e as ocupações de praças em todo o mundo, os protestos de 2019 tomaram a forma de manifestações regulares de massa que duraram meses. Cidadãos de origens muito diversas tomaram as ruas junto com ativistas de diferentes gerações (...). Por toda parte, eles exigiam mais democracia, dignidade, sociedade menos desigual e denunciavam elites corruptas, repressão e controle da mídia dominante. A pandemia da COVID-19 quebrou esta onda global de protestos² (PLEYERS 2020, p. 2).

Se a América Latina, em sintonia com o contexto de um mundo em agitação, viveu no ano de 2019, amplas mobilizações em diversos países (Chile, Bolívia, Equador, entre outros), no ano de 2020, a pandemia diminuiu os protestos de rua e fez uma diversidade de movimentos sociais organizados interiorizarem seus esforços num sentido comunitário e de autocuidado (ZIBECHI 2020a), ao mesmo tempo em que novas formas de mobilização social surgiram diante das múltiplas emergências - sanitárias, sociais, econômicas – agravadas com a pandemia.

Em debate recente, Raúl Zibechi, Casé Angatu Xukuru Tupinambá³ e Joelson Ferreira⁴, discutiu-se que diante dos profundos problemas a pandemia agravou problemas sociais na América Latina. No Brasil, especificamente, os movimentos sociais não deixaram de seguir suas lutas, reforçando seus trabalhos para dentro do autocuidado (ZIBECHI, 2020c), e defendendo a importância do horizonte na autonomia dessas lutas⁵.

A forma que estados-nações vêm enfrentando a pandemia - como se fosse possível superá-la olhando apenas para si - as lutas comunitárias, territorializadas, aumentam suas escalas através das articulações em rede, negando o Estado-Nação moderno/colonial (MIGNOLO 2003), enquanto o quadro de referência ou escala chave. Breno Bringel (2020, p. 49) traz a perspectiva da “desconexão”, num contexto geopolítico sul-norte, discutida por Samir Amin, e reforça:

Na atualidade, estamos frente a iniciativas de desconexão que deslocam e transbordam as unidades “nação”, “economias nacionais” e “Estado” para dar centralidade às localidades, aos territórios e às experiências localizadas. (...)

As propostas de “desconexão” emergentes na atualidade são na verdade nucleadas ao redor do autonomismo e do ecologismo social, com uma força especial na América Latina e em algumas coletividades europeias, embora

também sigam vivas no continente africano (BRINGEL, 2020, p. 49).

A importância dos territórios em tempos de pandemia é destacada por Haesbaert (2020, s.p.) ao afirmar que “O território e os processos de des-reterritorialização nunca foram tão relevantes como agora, no combate à expansão do vírus”. Nexos entre lutas territorializadas e o horizonte da autonomia, sobretudo em diálogo com experiências da América Latina, são refletidos em trabalhos de Raúl Zibechi compilados nos livros “Tiempos de colapso: los pueblos en movimiento” (2020b) e “Tiempos de colapso II: los pueblos rompen el cerco” (2020c). Nas obras o autor estaca a importância das “autonomias para enfrentar las pandemias” (ZIBECHI 2020b, p. 68) e da “infinita solidaridad entre los de abajo” (ibid., p. 72) e enxerga na luta pela autonomia alimentar (agricultura urbana) (ibid., p. 100-105) e em formas outras de se fazer economia, anti-patriarcais e anticapitalistas (ibid., p. 116-121), fundamentos de enfrentar a crise pandêmica desde abaixo e, no caso de movimentos de caráter rural, indígenas e camponeses, o autocontrole de quem entra e sai em seus territórios para conter contágios (ibid., p. 76).

A partir de experiências de resistência zapatista, mapuche, de indígenas colombianos e/ou bolivianos ou lutas camponesas e negras como as da Teia dos Povos no Brasil, Zibechi (2020c, p. 195) aponta para a importância dos saberes que emergem em meio a essas lutas, e que a agência de pensar está com quem faz em movimento: “Ahora quienes emiten el pensamiento crítico no son ya ‘personalidades’ sino pueblos, colectivos, comunidades, organizaciones y movimientos”.

Raúl Zibechi também acompanhou sujeitos desde abaixo nos meses iniciais da pandemia, em uma série de vídeo-entrevistas nas quais dialoga com movimentos sociais de base atuantes em periferias. Apontou, através do exemplo da experiência do trabalho de base em Los Bañados, uma periferia urbana de Assunção, a importância da solidariedade e do apoio mútuo intraclasse e territorial, diante dos impactos do lockdown e da queda de possibilidades de geração de renda em trabalhos informais por moradoras e moradores de periferias urbanas. “El Estado no nos cuida... los pobres nos cuidamos entre pobres”, um dos lemas que se traduz em ação através de restaurantes populares autogeridos: “Ni pandemia del virus, ni pandemia del hambre. Vivan las ollas populares. Viva la solidaridad!”⁶

Em outro episódio, Raúl Zibechi entrevistou a Frente de Mobilização da Maré e o Movimento das Comunidades Populares (MCP), no qual Inessa Barbosa do MCP destaca a importância da auto-organização pré-pandemia como fundamento para o enfrentamento dos impactos da pandemia a nível comunitário de forma contundente e solidária. As formas de como garantir o autocuidado possível e necessário na favela, não pode seguir lemas simplistas, como esse que todos devem se isolar em suas casas, mas precisam ser elaborados a nível comunitário e colocados em prática com base nas condições em que se encontram as famílias (e seus domicílios), das quais muitos continuaram a trabalhar fora de casa durante toda a pandemia. No mesmo episódio, Gizele Martins, da Frente de Mo-



bilização da Maré, destaca a importância da comunicação comunitária no enfrentamento da pandemia. A solidariedade e o apoio mútuo tornaram-se necessários para superar os desafios de moradoras e moradores da Maré diante do atual momento, sendo um esforço tamanho que, segundo ela, “depois da pandemia, só nos resta fazer a revolução”⁷.

Diante do impacto que a pandemia teve sobre as mobilizações e protestos a nível global, esse efeito pode ser traduzido em uma metamorfose das formas de se movimentar e auto-organizar os movimentos num sentido de encontrar as formas adequadas de resistência no novo contexto pandêmico. Geoffrey Pleyers (2020, p. 2) identifica cinco áreas chave de mobilização social nesse contexto: protestos, defesa de direitos trabalhistas, ajuda mútua e solidariedade, monitoramento das instâncias de tomada de decisões (governos na pandemia), educação popular.

Em diálogo com Pleyers, é importante destacar que protestos retomaram as ruas e emergiram com novas performances em 2020, como o movimento Black Lives Matter, seguido da morte brutal pela polícia de George Floyd, nos Estados Unidos, e também protestos de rua em diversos países do leste europeu e países da América Latina, como no Perú, Equador ou no Chile. Esses protestos caracterizam-se por não terem sido direcionados, especificamente, contra medidas restritivas para controle do avanço da pandemia, eles seguem lógicas diferenciadas e mobilizam setores mais conservadores e de direita, na maioria dos casos, razão pela qual não nos conectamos ou refletimos suas dinâmicas aqui.

A área-chave que talvez mais tenha concentrado energias e na qual movimentos construíram novas sinergias desde 2020, tenha sido aquela que Pleyers identifica, em diálogo com Donatella Della Porta (2020), como “ajuda mútua e solidariedade”:

Neste período de crise, os movimentos populares, as organizações de base e os cidadãos assumiram um papel de liderança no engajamento em apoio mútuo, fornecendo necessidades básicas e solidariedade em sua comunidade e além dela. Neste período de distanciamento e isolamento social, os movimentos sociais constroem laços⁸ (PLEYERS 2020, p. 6).

No Rio de Janeiro e Niterói, a crise pandêmica colocou as favelas numa situação gravíssima, na qual a crescente falta de renda e cada vez maior iminência da fome vêm assombrando muitas famílias diante da ausência de assistência estatal para atenuar os problemas. Mas, com a chegada da pandemia, também houve uma multiplicidade de mobilizações e campanhas, organizadas por uma diversidade de entidades como coletivos, igrejas, empresas, ONG’s, entre outras, arrecadando verbas e doando alimentos ou kits de higiene e de prevenção sanitária (álcool em gel, máscaras) para apoiar as muitas pessoas em situação de vulnerabilidade. Apesar de incidirem sobre um problema comum, as iniciativas apresentavam dinâmicas bem diferentes entre si, ora exercidas por agentes internos da comunidade, ora por agentes externos e na maioria das vezes numa combinação de ambos⁹.

Em termos gerais, a maioria das mobilizações nas favelas a partir de março de 2020, concentraram-se ao redor de três eixos de desafios, cada um correspondendo a um conjunto específico de problemas e concomitantes ações e práticas (espaciais) específicas:

1) Comunicação e contra-informação desde abaixo: campanhas de comunicação comunitária para sensibilização dos moradores de favelas sobre os riscos e cuidados necessários frente à pandemia diante de um governo federal negacionista;

2) Auto-ajuda econômica emergencial: campanhas de doações e de crowdfunding para apoio alimentar e material de famílias em situação de maior vulnerabilidade nas favelas;

3) Autocuidado sanitário: distribuição de quites de higiene sanitária e de máscaras, iniciativas como apoio para pessoas contagiadas encontrarem uma oportunidade de tratamento, pesquisas comunitárias sobre a situação da população local.

As frentes de solidariedade nas favelas conectaram-se com setores mais privilegiados da sociedade numa perspectiva de ajuda emergencial (alimentos, produtos de higiene e sanitária, etc.), ao mesmo tempo em que se organizaram para exercer solidariedade intraclasse e inter- e intra-territórios, baseando-se em redes existentes, conectando-as e multiplicando-as (PORTA 2020), construindo potentes territórios-de-resistência-rede (BARTHOLL & VRADIS et al, 2021). Dedicamos nosso olhar a essa dinâmica e nos conectamos com o campo de práticas, vivências e experiências das mobilizações e frentes de solidariedade que surgiram desde março de 2020, em favelas da região metropolitana do Rio de Janeiro, como em muitas periferias de outras metrópoles do Brasil.

Em diálogo com a diversidade de trabalhos para compreender dos horizontes de luta e dos movimentos sociais na pandemia, como as contribuições das publicações na revista “Interface: a journal for and about social movements” (volume 12, número 1, Julho 2020¹⁰; Interface: um jornal para e sobre movimentos sociais), que traz um olhar rico para uma multiplicidade de experiências de “organizing amidst Covid-19: sharing stories of struggle” (organização em meio à Covid-19: compartilhando histórias de luta) numa perspectiva internacional, ou os textos reunidos em torno de um “Alerta global” (BRINGEL & GEFFREYS (orgs). 2020), buscamos aqui jogar luz sobre formas de cartografar a “solidariedade pandêmica”, inspirado em reflexões da Coletiva Sembrar & SITRIN (2020)¹¹.

Há algo profundo aqui, ligado ao que é a verdade real sobre quem realmente somos, não o que nos é dito sobre nós mesmos. Sim, nós temos medo. Sim, sentimos dor e vulnerabilidade, e o que fazemos com isso, repetidamente, ao longo da história e agora mais do que nunca, é estender a mão uns aos outros e encontrar maneiras de cuidar uns dos outros¹² (SITRIN 2020).

Ser solidário é colocar-se no lugar do outro, é perceber a falta de acesso aos



meios de sobrevivência, é ter em mente as desigualdades sociais¹³ (Claudia Cambraia do Projeto Nzinga, apud DUARTE & LIMA 2020, p. 126).

Consideramos que salvas as muitas particularidades e singularidades de cada experiência em sul e norte global, a emergência e o conjunto de necessidades trazidas pela pandemia fizeram surgir formas de auto-organização popular e militância comunitária que, ainda levarão tempo para decifrar e compreender em toda a sua magnitude, a “solidariedade pandêmica” num horizonte em comum. É nesse contexto maior dos movimentos sociais na pandemia, numa perspectiva global, com foco na dimensão da solidariedade nas mobilizações de enfrentamento, que mergulhamos nas experiências locais e territorializadas para conhecer, buscar, compreender e interpretar, junto aos sujeitos em movimento, a magnitude, formas, dinâmicas, desafios e perspectivas da “solidariedade pandêmica” em favelas dos municípios do Rio de Janeiro e de Niterói.

Dialogamos com as experiências de frentes de solidariedade em favelas num espírito de uma pesquisa como ato solidário. No entanto, gostaríamos de debater com quem reflete a temática a nível internacional. As formas como a “solidariedade pandêmica” vêm sendo cartografadas, quanto com quem atua nas linhas de frente das Frentes.

Se em outros eixos de reflexão e trabalhos focamos, entre outros, nas contradições que envolvem a instituição dos complexos territórios-de-resistência-rede de solidariedade e caridade pandêmica, com relações que se tecem entre horizontalidades e verticalidades intra-/inter- e extra-favelas (ARAUJO et al. 2021), nas reflexões aqui nosso foco é debater as cartografias da solidariedade pandêmica. Compartilhamos nossa abordagem, conectamo-nos com o multiverso de “Outras cartografias” para apresentar, discutir “Mapas de solidariedade na pandemia”, e compartilhar nossa experiência de “Mapear e contar a história das frentes de solidariedade: o StoryMap ‘Favelas contra a Covid-19’”.

A PESQUISA COMO ATO SOLIDÁRIO

Creo que es posible interactuar de forma horizontal y en redes de comunidades de vida, para lograr mayor irradicación a la propuesta de desprivatizar e desenajenar; al deseo de salir del sonambulismo consumista, de la competitividad y del individualismo, para liberar energías cognitivas y creativas a través de prácticas en comun. En definitiva, pienso que las estrategias comunales indígenas son snorememente ricas em enseñanzas; de igual forma lo son las estrategias populares urbanas. Tenemos mucho que aprender en los caminos; en las plazas y mercados. Las universidades y los libros nos motivan, pero no nos darán las respuestas, y no nos ayudarán en lo más esencial, que es formular as preguntas (CUSICANQUI 2018, p. 74-75).

No espírito de Geografia(s) em movimento(s) (BARTHOLL 2018), e do “uso contra-hegemônico” da pesquisa em Geografia (SANTOS 2007 apud PERUZZO 2016, p 6), a pesquisa “Geografar em movimento e pesquisar em ação contra os impactos da pandemia: práticas, dinâmicas e perspectivas de frentes e ações de solidariedade em favelas de Niterói e Rio de Janeiro”, em meio à qual nascem as reflexões deste texto, entende-se como uma investigação militante que se compromete com os movimentos sociais e xs sujeitos/as/es em movimento, em um diálogo sujeitx-sujeitx onde a pesquisa se constrói e desenvolve para ativar a “ciência como ferramenta de luta do[s] e para o[s] movimento[s] social[is]” (grifos no original, BARTHOLL 2018, p 56).

Nesta pesquisa nos articulamos com(o) pesquisadoras e pesquisadores, estudantes, militantes, professoras e professores, situados em diferentes lugares, instituições, dinâmicas, territórios e movimento(s) de resistências, em colaboração Sul-Norte global, para estudar e analisar as dinâmicas socioterritoriais da diversidade de frentes e ações de solidariedade, que vêm atuando coligado aos impactos negativos da pandemia da COVID-19, nas favelas, com recorte espacial de favelas nos municípios do Rio de Janeiro e Niterói. Com isso, esperamos poder fortalecer e agir junto às frentes de solidariedade.

As diversas identificações citadas são multifacetadas e compõem os sujeitos que somos, cada um/uma com dispares ensejos e contribuições à pesquisa, em prol de um objetivo em comum. A coletividade das várias mãos que escrevem esse texto, fazem ouvir as várias vozes em uníssono, mas que se dão por burburinhos das conversas por intermédio da internet (configurando nossas redes), discussões incessantes que não se esgotam, já que no/em movimento não podemos congelar aprendizados que estão em diálogo contínuo com os saberes-fazer das frentes de solidariedade nas favelas.

No decorrer do mapeamento de frentes e ações de solidariedade em favelas do Rio de Janeiro e Niterói, estivemos em contato com os/as/es sujeitos/as/es através de entrevistas, principalmente, por dois integrantes do nosso grupo de pesquisa, que são sujeitos nos/dos movimentos em seus respectivos territórios. Timo Bartholl na Maré - RJ, integrante do Coletivo Roça! Que apoia a Frente de Mobilização da Maré, e Thais Matos, moradora do Morro do Palácio, em Niterói - RJ, onde iniciou e compõe a Frente do Morro do Palácio Contra a COVID-19.

Nossa pesquisa compreende tanto uma dimensão objetiva, em que planejamos a obtenção de resultados em prol de alcançar as metas mais gerais, na geração de conhecimento, na dimensão afetiva de pesquisa-militância. A base para o desenvolvimento da pesquisa foram os laços subjetivos de ser/pertencer nos territórios e a interação com a rede de sujeitos das mobilizações. Assim, as pesquisadoras e pesquisadores do grupo são afetados pelas mesmas a partir de laços afetivos e de amizade. Diante disso, não se trata de uma pesquisa solidária guiada apenas por emoções, mas pelo comprometimento com as lutas e resistências nas periferias urbanas, em busca de compreensão e cons-



trução de um sentimento/pensamento compartilhado solidariamente (BORDA 2009), visando interpretações pautadas em saberes-fazeres e saberes-com auto-emancipatórios (BARTHOLL 2018, p. 139). Saberes esses, que no momento de pandemia voltam-se para o autocuidado, no território e comunitário.

No projeto formou-se o Grupo de Trabalho Mapas que é formado por pesquisadoras e pesquisadores, estudantes e militantes em articulação Sul-Norte. A colaboração em rede, literalmente, pela internet com encontros virtuais, proporcionou trocas cruciais que ajudaram a todos/as/es envolvidos/as/es. As experiências do desenvolvimento de entrevistas, do contato com as frentes de solidariedade, de visitas virtuais e presenciais aos territórios – pelas pesquisadoras e pesquisadores e militantes, situados no Rio de Janeiro e Niterói foram levadas e discutidas, no GT Mapas e o presente texto é um reflexo desse encontro Sul-Norte de saberes e fazeres.

Ao discutir métodos de pesquisa-ação, Peruzzo recorre a Thiollent e aponta:

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa empírica que é concebida e realizada com estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT 2003, p.14 apud PERUZZO 2016, p 9).

Nesse sentido, nossa pesquisa-ação ocorre no espírito de um ato solidário que busca fortalecer as frentes e ações de solidariedade auto-organizadas nos territórios favelados. Os derivados da pesquisa são materiais a serem estruturados em um cartilha de boas práticas no enfrentamento da COVID-19, um Storymap¹⁴ que apresenta de forma mais direta os grupos com os quais estivemos em contato, o site¹⁵ Favelas contra a COVID-19 e matérias jornalísticas a partir das entrevistas. Com isso os resultados são voltados para disseminação das práticas auto-emancipatórias e disponibilização de ferramentas para a auto-organização comunitária solidária, para que as experiências que conhecemos, cartografamos e refletimos possam ser divulgadas e, quem sabe, inspirar práticas em outros momentos/territórios de luta.

OUTRAS CARTOGRAFIAS

Enquanto as práticas críticas utilizando mapas surgiram no ativismo e nas artes europeias no início do século XX, nos movimentos surrealistas e situacionistas (MESQUITA 2018), o que hoje em dia é referido como cartografia crítica, no debate acadêmico surgiu principalmente, no final dos anos 80. Desde o início, essas discussões em grande parte são uma crítica às práticas cartográficas institucionalizadas pelo Estado e pelo capital. Os mapas tradicionais implicam, inerentemente, uma perspectiva de cima para baixo, uma abordagem “abstráida, mental e totalizante” (MORRIS & VOYCE 2015) - “uma visão do mundo como visto por aqueles que o governam - um mundo de cima”

como Escobar o coloca (ESCOBAR 2018, p. 82). Nesse sentido, o mapa é uma ferramenta do Estado ou dos proprietários das terras e do mundo para se darem “legibilidade” através da “simplificação” (SCOTT 1998, p. 9).

A crítica resultante dessas observações revela como os mapas foram cúmplices na história do colonialismo e do nacionalismo e como eles contribuíram para a sua estabilização e legitimação. A análise traz à tona como os mapas fazem com que as condições sociais pareçam naturais ao conectá-las e fixá-las e congelá-las no espaço. A cartografia não existe fora das estruturas de poder e os mapas podem ser dispositivos poderosos numa sociedade de classes. Eles não apenas localizam e assim espacializam o ambiente natural, mas, também colocam em seu lugar a propriedade, os direitos e as normas sociais. Portanto, cartógrafos críticos examinam os mapas criticamente de várias maneiras - metodológica e teoricamente - usando semiótica, análise do discurso ou desconstrutivismo (HARLEY 1989; WOOD 1992).

A partir da crítica à disciplina científica da cartografia, esse debate desenvolveu a questão das condições de elaboração de mapas. Por exemplo, em “Deconstructing the map”, Brian Harley (1989) defende o abandono do “dualismo arbitrário” de mapas “artísticos” e “científicos” (PERKINS 2008, p. 156). As primeiras respostas ao trabalho de Harley nos anos 90, demonstram o exame do processo de produção de mapas e seu papel na construção social da realidade (WOOD 1993). Os debates dos anos 2000, diferenciaram ainda mais essa perspectiva. Kitchin e Dodge (2007) descrevem o mapeamento como um processo de reterritorialização constante e os mapas, portanto, como nunca totalmente formados e completados. Ao invés disso, discutem mapas como práticas espaciais utilizadas para resolver problemas relacionais, permanecendo sempre contingentes, relacionais e contextuais. Já Crampton e Krygier (2006) referem-se à cartografia crítica como o duplo movimento de crítica teórica e prática crítica.

Enquanto práticas explicitamente comprometidas com a transformação social a partir de baixo, surgem com o início do século XX, uma diversidade de coletivos que transcendem as fronteiras disciplinares da cartografia/geografia e das artes/design, bem como a separação entre pesquisa e militância, como o Counter Cartographies Collective¹⁶, Hackitectura¹⁷, Iconoclasistas¹⁸, Bureau d’Études¹⁹, o Beehive Collective²⁰ e o kollektiv orangotango²¹. Uma ampla coleção diversificada e inspiradora dessas experiências pode ser encontrada no “This is not an atlas” (KOLLEKTIV ORANGOTANGO+ 2018)²².

Os contra-mapas também crescem a partir de uma longa tradição de práticas pós-coloniais de mapeamento como parte das lutas das comunidades indígenas. Conforme Nietschmann (1994, p. 37):

Mais território indígena tem sido reivindicado por mapas do que por armas. Esta afirmação tem seu corolário: mais território indígena pode ser reivindicado e defendido por mapas do que por armas²³.

No contexto brasileiro, o trabalho do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia



(ALMEIDA 2013), é um dos exemplos mais conhecidos de mapeamento de lutas por territórios indígenas. De fato, o próprio termo “contra-mapeamento” foi cunhado por Nancy Lee Peluso (1995) trabalhando com o Dayak na Indonésia, utilizando mapas para (re)reivindicar suas terras.

Uma fonte crucial de inspiração, tanto no uso de mapas como numa abordagem de pesquisa de ação na Geografia, é o trabalho de William Bunge (1971). Sua Geografia desde abaixo, surgiu na periferia de Detroit e visava a construção de ferramentas cartográficas para comunidades marginalizadas. Este tipo de cultura contracartográfica utiliza uma linguagem cartográfica clara e vívida, a fim de promover uma alfabetização geográfica e a autodeterminação das comunidades locais.

Entendemos, mapeamentos coletivos, num sentido freireano (FREIRE, 2008), como um processo comum de reflexão territorial de conscientização e auto-organização. Um processo no qual a própria relação com o espaço é refletida, em diferentes perspectivas intersubjetivas, bem como, diferentes tipos de conhecimento (por exemplo, o cotidiano, tradicional, encarnado ou científico) podem fluir juntos e abrir espaço para a ação. Para conseguir isto, sentimos que é crucial integrar uma noção de sentipensar (sentir/pensar) (ESCOBAR 2020, p. 67, BORDA 2009) no que, com referência a Bell Hooks pode ser chamado de “cartografia engajada”, ou seja, uma cartografia baseada no diálogo que engaja tanto “coração quanto mente” (HOOKS 2010, p. 22). Isso acontece ao lançar uma perspectiva espacial sobre a relação dialética entre nós humanos e nosso meio (do qual fazemos parte). Assim, entendemos o mapeamento coletivo como o processo de alfabetização geográfica da vida cotidiana e espaços de ação - através do diálogo, “mediado pelo mundo” (FREIRE 2008).

Entendida como tal, a contracartografia também se torna um meio de representação de realidades subrepresentadas, marginalizadas e complexas, assim como, de auto-organização de comunidades e de facilitação de ações. Para que a cartografia faça sua humilde contribuição para uma “construção do pluriverso” (REITER 2018), ela precisa abraçar “múltiplas formas de conhecimento, incluindo o afetivo, encarnado, oral, cognitivo e cultural” (MOTTA 2015, p. 178) e encontrar meios adequados para dar voz a esta pluralidade de conhecimentos. Envolve o uso de mapas e processos de mapeamento como uma entre muitas ferramentas para desenvolver uma imaginação diferente do mundo e de nossas relações com ele e dentro dele. Como Ângela Massumi Katuta²⁴ colocou em uma recente palestra sobre mapeamento como ferramenta de emancipação, a fim de satisfazer a demanda para representar outras formas de estar no mundo, é preciso realizar uma ruptura a respeito da linguagem visual cartográfica que construímos.

Em seus elementos gráficos tradicionais, a cartografia, mesmo quando praticada com uma aspiração crítica, muitas vezes, reproduz uma lógica colonial de simplificação da divisão e da segregação. Assim, embora reconhecendo a importância da demarcação de territórios próprios para as lutas emancipatórias (ZIBECHI 2011), sugerimos que uma

abordagem descolonial, na cartografia se concentre nas interconexões múltiplas dos territórios em movimento (OSLENDER 2019, p. 12). Mapas, poderiam então tornar-se uma ferramenta para representar o que Escobar (2018, p. 83), denominava de “zonas de contato e pontos comuns parciais”. Isto converge com o que podemos aprender da ontologia territorial Mapuche, para a qual a ideia de fronteiras ou limites não existe. O conceito mapuche de Xawümen é usado para identificar os pontos e linhas de demarcação territorial entre Lofs, que correspondem às menores unidades que dividem o território mapuche. Xawümen se baseia na ideia de unificar e unir partes (MANSILLA et al. 2019, p. 42). Compreender Xawümen, como um conceito territorial de união e unificação, abre uma outra perspectiva sobre o mundo e eventualmente, oferece possibilidades de construir uma alteridade positiva, permitindo que as pessoas se coloquem no lugar umas das outras, promovendo um diálogo respeitoso, e criem um encontro de mundos. A contracartografia, comprometida com a criação de relações entre diversas experiências (territoriais), identidades e imaginações, precisa se engajar no desenvolvimento de novas expressões gráficas para representar zonas de encontro de fronteiras.

Diante dos múltiplos desafios que sujeitos/as/es em luta se encontraram no Sul e Norte global, na crise pandêmica, a cartografia colaborativa apresentou-se como potente ferramenta para articular iniciativas e ações de solidariedade nos territórios, e mapear para intervir, colaborar e agir em solidariedade tornou-se uma experiência rica e viva em uma diversidade de mapas de solidariedade pandêmica.

MAPAS DE SOLIDARIEDADE PANDÊMICA

Desde o início da pandemia do novo Coronavírus, ações e redes de solidariedade foram documentadas em vários locais do mundo. Da mesma forma que uma grande diversidade de mapas são utilizados para demonstrar dados relativos à progressão da pandemia, como número de infecções, de casos, de pessoas curadas ou de leitos de UTI disponíveis. Mapear práticas solidárias durante esse período tem permitido a visualização de tais ações no território, contribuindo para a organização de projetos solidários e a facilitação do acesso de pessoas que queiram contribuir e se engajar. Diferentes organizações se propuseram a mapear essas iniciativas, como no caso da “COVID-19 Solidarity Maps”, desenvolvido pelo kollektiv orangotango e NotAnAtlas, que reúne práticas solidárias em diversos continentes²⁵.

Países e cidades são impactados de formas diferentes e possuem demandas próprias na situação atual de pandemia. No contexto latino-americano, comunidades informais que já apresentam vulnerabilidades sociais e de infraestrutura experienciam de forma grave os efeitos da COVID-19 e das restrições ocasionadas por ela (FRANCO & ORTIZ et al, 2020). Nesse contexto, a campanha “Synergies for Solidarity”²⁶ mapeou as ações de enfrentamento da pandemia lideradas pela sociedade civil, na América Latina



e buscou traçar relação entre as esferas da informalidade e as iniciativas sociais envolvidas em áreas de ocupações informais. No Brasil, a pandemia evidenciou ainda mais as já profundas desigualdades sociais e as periferias urbanas apresentaram desde o início da pandemia grandes dificuldades para a realização do distanciamento social, necessário em seus territórios. Apesar disso, um dos fatores decisivos para que os impactos nessas áreas não tenham sido ainda mais graves, foram as inúmeras iniciativas, mobilizações e campanhas de solidariedade que surgiram desde a confirmação dos primeiros casos no país. A rápida resposta e articulação para o enfrentamento da pandemia está diretamente relacionada ao fato de que muitas das associações e organizações atuantes, já estavam organizadas antes da pandemia, especialmente em territórios favelados (FRANCO & ORTIZ et al, 2020).

Surgiram nesse contexto, mapas de solidariedade como uma maneira de tornar esses esforços e articulações visíveis e acessíveis, com a intenção de facilitar a distribuição de recursos e alcançar mais pessoas que pudessem contribuir com as mobilizações e campanhas. Embora existam diversas formas de cartografia da solidariedade, os processos de mapeamento possuem muitas similaridades. Em geral, nos mapas do contexto latino-americano e brasileiro que analisamos, as ações mapeadas buscavam e/ou continuam buscar responder às necessidades urgentes que se apresentam nos territórios, onde surgem primeiro, para a partir daí poderem ser cartografadas e/ou registradas em mapas colaborativos. As redes sociais virtuais se mostraram uma ferramenta de compartilhamento e divulgação de iniciativas de grande alcance, no entanto o acesso à internet é por vezes restrito em comunidades mais vulneráveis onde métodos de comunicação mais tradicionais (Duque Franco, Ortiz et al, 2020) e in situ são empregados, como a utilização de banners ou de carros de som com mensagens para a comunidade.

Uma dinâmica colaborativa permeia os projetos que se dedicam a mapear essas iniciativas, a partir de algum tipo de canal (formulários online, e-mail ou mensagem, por exemplo), onde qualquer pessoa ou entidade pode enviar/sugerir iniciativas a serem representadas no mapa. Visualmente, os mapas compartilham algumas características principais: um mapa digital com pano de fundo, o georreferenciamento dos pontos que são marcados no mapa e a interatividade (muitas vezes qualquer pessoa pode acrescentar novas iniciativas no mapa). É interessante notar, como o georreferenciar das ações no mapa permite que usuários em geral ou também pesquisadoras e pesquisadores estabeleçam relações entre a quantidade e o tipo das iniciativas e sua localização, trazendo à tona diferentes níveis de vulnerabilidade de certos espaços, território com maior densidade de ações tanto quanto territórios negligenciados e/ou invisibilizados.

Um dos primeiros e mais importantes mapas que surgiram para cartografar de forma colaborativa as campanhas de solidariedade foi o mapa elaborado pelo do Instituto Marielle Franco²⁷, em parceria com o coletivo de jornalistas Favela em Pauta²⁸ e contou com o apoio da plataforma Twitter e de uma startup mineira, a *Take*²⁹. O #MapaCoro-

naNasPeriferias³⁰ foi publicado pela primeira vez no dia 20 de abril de 2020, e hoje tem alcance em todo o Brasil. Em um primeiro momento, os grupos que gostariam de fazer parte dele preenchiam um formulário no próprio site e eram adicionados ao mapa, mas quando a Take entrou em conjunto na iniciativa, a adição de novos grupos começou a ser feita também por mensagens no aplicativo WhatsApp.³¹

A intenção do mapa é conectar possíveis apoiadoras e apoiadores e doadoras e doadores às ações solidárias, mas para a diretora do Instituto Marielle Franco, Anielle Franco (em entrevista ao Jornal virtual Favela em Pauta³²), o mapa vai além, apresentando uma tentativa de contribuir com a conexão entre frentes e iniciativas de solidariedade. O mapa em si, como outros similares, se baseia em pontos georreferenciados na plataforma Google MyMaps. A grande diferença que se deu nesse mapa foi o alcance que teve, principalmente por ser impulsionado pelo Twitter. Então, apesar de não ser um mapeamento muito elaborado visualmente, talvez seja o mais abrangente e o que de longe mais teve acessos e ganhou visibilidade.

Se o #MapaCoronaNasPeriferias tem projeção nacional, muitos mapas solidários foram construídos em escalas de alcance menor e em contextos regionais ou locais mais específicos como no caso do mapa “Solidariedade e assistência social (Covid-19) – Litoral Norte/RS”³³, elaborado pela UFRGS Litoral e o kollektiv orangotango/NotAnAtlas, que focou numa região do litoral do Rio Grande do Sul, próximo e ao norte de Porto Alegre. A metodologia de montagem do mapa foi dividida em 3 etapas:

Primeiramente, foi realizada uma articulação com as redes de solidariedade.

Foram levantados dados primários das instituições, tais como endereço, telefone, horário de atendimento e o tipo de doação/assistência.

Finalmente, foi elaborado um projeto cartográfico por Sinthia Cristina Batista, Paul Schweizer e Gabriel Amoretti Franco no Carto.³⁴

Em um primeiro momento, foram usados formulários online para receber o contato e localização das ações ou se articular às redes dos membros do grupo que fizeram o mapeamento, elaborando-se assim o mapa em conjunto com um membro do coletivo orangotango. O mapa teve um alcance muito menor que o #MapaCoronaNasPeriferias, mas teve grande relevância regionalmente e demonstrou formas da universidade e pesquisadoras e pesquisadores apoiarem iniciativas de solidariedade pandêmica na interface universidade-movimentos sociais³⁵.

No caso da nossa pesquisa, como fomos um grupo pequeno e iniciamos o nosso processo em meados do ano passado, em um momento em que campanhas e mobilizações estavam em uma primeira fase de redução de suas dinâmicas e de seu alcance, e mapas de solidariedade já tinham sido construídas, decidimos buscar uma forma cartográfica diferente para contribuir mais com a construção de uma memória viva e num contexto local de solidariedade pandêmica em algumas favelas do que no sentido de



interagir com o trabalho cotidiano das campanhas. Nasceu assim a proposta de mapear e contar a história das frentes de solidariedade através do StoryMap “Favelas contra a Covid-19”, uma experiência ainda não concluída, e que gostaríamos de compartilhar aqui.

MAPEAR E CONTAR A HISTÓRIA DAS FRENTES DE SOLIDARIEDADE: O STORYMAP “FAVELAS CONTRA A COVID-19”

Quando a pandemia chegou às favelas a partir de março de 2020, imediatamente surgiram preocupações referentes às condições das periferias urbanas e como suas moradoras e moradores pudessem lidar com os desafios postos pela crise sanitária, econômica e social que estava se apresentando. As características habitacionais e sanitárias das favelas, tais quais a alta densidade populacional, precariedade construtiva, abastecimento irregular de água e precariedade ou inexistência dos sistemas de esgoto ou de coleta de lixo, insuficiência do sistema público de saúde, entre outros, são resultados da dívida histórica do poder público e dos prestadores de serviços – públicos e privada(tiza)dos com essas populações. Indubitavelmente, no contexto pandêmico, esse conjunto de problemas exporia os moradores a maiores riscos diante da ameaça do coronavírus.

Quando a Organização Mundial de Saúde (OMS) divulgou as medidas básicas para evitar a proliferação do vírus³⁶ ficou evidente que as favelas não tinham condições de seguir as orientações mais básicas devido a sua organização socioespacial própria. Nesse momento ganharam destaque as organizações e movimentos sociais nas periferias ao denunciar as vulnerabilidades das favelas, elaborar medidas coerentes com a realidade dos territórios e reivindicar medidas de apoio aos moradores pelo lado do poder público.

A crise pandêmica colocou as favelas numa situação gravíssima na qual a crescente falta de renda e cada vez maior iminência da fome vêm assombrando muitas famílias. Diante da ausência de assistência estatal para atenuar os problemas, surgiram mobilizações e campanhas organizadas por uma diversidade de entidades como coletivos, igrejas, empresas, ONG’s, entre outras, arrecadando verbas e doando alimentos ou kits de higiene e de prevenção sanitária (álcool em gel, máscaras) para apoiar as pessoas em situação vulnerável.

Diante [dos impactos da pandemia] e de toda a experiência de ausência que os moradores de favela vivem há décadas, emergem de dentro das próprias comunidades agentes capazes de realizar coalizões importantes. (...) De certa forma, esse momento é capaz de ativar um senso de responsabilidade social e comunitária no interior das favelas e na sociedade

que vive alheia a sua existência, criando um sentimento de empatia que é fundamental para construção de uma sociedade mais justa. Torna-se muito importante que esse ímpeto não se esvaia, pois, as desigualdades não deixarão de existir com o fim da pandemia, talvez se agravem, e o combate a elas é mais que urgente (MATOS 2020, p. 106).

Temos caracterizado as frentes de solidariedade (no contexto de pandemia especificamente) como grupos e/ou indivíduos, previamente organizados em coletivos ou não, que se unem para combater e minimizar os efeitos da pandemia em seus territórios que são as periferias urbanas, como as favelas. A rede de apoio e solidariedade que se desenvolve dentro das favelas tem formas horizontais de organização, e com elo de pertencimento a um território comum e mobilização de (auto-)cuidado, explicita bem essa afirmação o lema da Frente CDD da Cidade de Deus: “[é] nós por nós”.

Como nossa pesquisa ocorreu na interface universidade-movimentos sociais - organicamente dois integrantes do nosso grupo participaram diretamente em ações e mobilizações de solidariedade nos territórios onde vivemos (Favela do Palácio/Niterói e Maré/Rio de Janeiro) – o processo de pesquisa-ação conectou-se com ações no território, como apoio a frentes de solidariedade através da doação de livros em uma campanha³⁷ realizada pelo Instituto de Estudos Libertários³⁸ (IEL), pela Consequência Editora³⁹ e pela Frente de Mobilização da Maré⁴⁰, visitas aos territórios para entrevistas e, na maioria dos casos, encontros virtuais com integrantes de frentes de solidariedade e encontros virtuais de autorreflexão. Nisso, nosso objetivo tem sido, além de contribuir com os processos através do diálogo, apoio das campanhas, e a reflexão crítica, construir um diálogo de saberes e compartilhar reflexões e dar visibilidade às experiências através de um site⁴¹, uma cartilha e um StoryMap.

Na Cartilha “Solidariedade Pandêmica nas Favelas”, que está em fase de elaboração, abordaremos práticas de combate aos impactos da pandemia e relataremos as reflexões construídas junto às frentes. A cartilha apresentará o que podemos aprender com a experiência de cada favela/periferia no enfrentamento da pandemia com a qual nos conectamos e será publicada de modo digital para ampliar ao máximo sua difusão e esperamos que as práticas relatadas possam servir como propostas vivas para outros territórios.

O StoryMap⁴² é uma plataforma aberta para possibilitar a contagem de histórias a partir de mapas. Optamos por esta plataforma para poder registrar a resistência solidária das periferias urbanas durante a pandemia. Além de trazer as práticas desenvolvidas pelos grupos, relatamos de forma breve o processo de formação das Frentes a partir de coletivos pré existentes ou de sujeitos movidos pela ameaça iminente. Ao visitar o StoryMap online o visitante se vê diante um mapa da região metropolitana do Rio de Janeiro na qual pontos de localização onde atuam frentes de solidariedade são conectadas de forma dinâmica com fotos e textos que apresentam cada experiência. A



proposta é apresentada na página inicial:

Este StoryMap tem como objetivo registrar dinâmicas socioterritoriais das diversas frentes de solidariedade que vêm atuando no enfrentamento da pandemia da COVID-19 nas favelas do Rio de Janeiro e Niterói. Aqui estamos construindo uma memória viva, uma álbum das experiências, das práticas e das relações dos sujeitos com os territórios, além de relatar reflexões acerca das contradições e desafios impostos pela realidade pandêmica. (...)

Esta plataforma se torna um meio de identificação dos grupos, incentivando o reconhecimento dessas atuações tão relevantes e importantes de solidariedade pandêmica em diversas escalas. Essa representação demarca territorialidades situadas, abrindo um panorama de frentes solidárias que desenvolvem trabalhos de apoio mútuo nas comunidades. Tal reconhecimento nutre a percepção de que as frentes não estão isoladas, e que configuram redes conscientes de si, conectadas, ativas e consolidadas.

Para conhecer cada experiência, basta folhear entre abas e cada aba significa “pular” de um nó da rede das frentes para um outro nó, trazendo uma sensação da teia que é tecida entre os territórios e suas resistências. E mesmo que somente sejamos capazes de capturar algumas das muitas experiências, esperamos poder criar uma forma (virtual-)espacial- sensorial de apresentar a solidariedade pandêmica nas favelas que seja inspiradora para quem for visitar o StoryMap. Cada experiência é acompanhada por um contato ou endereço nas redes sociais para que qualquer um/a possa se conectar com os grupos que mais despertam o interesse.

Assim, o StoryMap torna-se uma memória viva da luta contra os impactos da pandemia e um registro de ações solidárias, horizontalmente construídas pelos movimentos (de) militantes em favelas e periferias urbanas das cidades do Rio de Janeiro e Niterói. A plataforma se torna também um meio de auto-identificação dos grupos, contribuindo com o reconhecimento da relevância da sua atuação em escalas diversas. A representação demarca a atuação territorialmente situada e abre um panorama de outras frentes que desenvolvem um trabalho semelhante. Tal reconhecimento fortalece a percepção de que as frentes não estão isoladas, e que muito mais fazem parte de redes de solidariedade. Para aqueles que tecem esses territórios-de-resistência-rede ativamente isso não apresenta uma novidade. Mas na interface com pessoas que “estão chegando” e começam a se interessar por ou querem se engajar de forma solidária nas mobilizações de resistência nas favelas, esperamos que o StoryMap “Favelas contra a Covid-19”⁴³ possa ser uma pequena contribuição ao fortalecimento da solidariedade pandêmica nas favelas ao apresentar as frentes e suas ações, mostrar aonde e como atuam as resistências-redes.

CARTOGRAFIAS (D)E FUTUROS COMUNITÁRIOS SOLIDÁRIOS POSSÍVEIS

As geografias insurgentes da crise pandêmica expressam-se através de complexas formas de (auto-/hetero-)organização das mobilizações. Nas entrevistas com integrantes de frentes de solidariedade conhecemos dinâmicas de mobilização, refletimos juntos aos grupos acerca da construção de suas campanhas, das formas de comunicação com a comunidade, dos problemas específicos de cada realidade territorial e da relação das frentes com outros coletivos/favelas/instituições, as estratégias para arrecadar verbas e montar cestas de alimentos – que foram diversas (como financiamentos coletivos online, parcerias com movimentos sociais ou instituições, arrecadação de doativos, entre outras).

Se por um lado as frentes de solidariedade foram capazes de ganhar visibilidade e mobilizar recursos e dar conta de grandes desafios logísticos, e apresentam somente uma pequena parcela de todas as mobilizações que ocorreram e, em menor grau, continuam ocorrendo, não podemos deixar de lado a realidade de pouca mobilização em uma parte de favelas, onde a organicidade comunitária é baixa e enfrenta múltiplos desafios (domínio territorial como as milícias dificultam formação e trabalho de movimentos sociais). Nisso, nosso olhar específico para frentes de solidariedade também tem a ver com um posicionamento político-epistemológico no sentido de uma pesquisa militante: reconhecemos a multiplicidade das formas organizacionais presentes nas favelas e como cada forma foi acionada para e teve seu papel ao enfrentar os impactos da pandemia, mas focamos em iniciativas que dialogam com um horizonte de luta (auto-)emancipatória que caracteriza o trabalho de movimentos sociais de base.

Entendemos como movimento social de base formas de auto-organização comunitária cujo trabalho “na base, da base, pela base e para a base” está inserido em e contribui na construção de territórios-de-resistência-rede intra- e inter-favelas tendo na auto-emanipação e na autonomia importantes horizontes de sua luta. Relações com entidades e apoio externos ocorrem com o cuidado da não-perda de auto-determinação em forma e conteúdo do trabalho realizado. Procuram organizar-se de forma horizontal internamente e em relação a terceiros (grupos e indivíduos) e “base” portanto não é entendida como um nível inferior em uma hierarquia, mas como ente fundamental numa articulação em redes baseadas em apoio mútuo e solidariedade (confira Bartholl, 2015).

Nisso observamos que as frentes desdobram-se em uma tensão constante entre estruturas verticais de dependência de apoio e caridade extra-favelas e da realização das ações em estruturas mais horizontais e de fato solidárias intra-favelas. Dean Spades (2020) ao clamar: “Solidarity no charity!” (Solidariedade, não caridade!), nos provoca a andarmos por dois caminhos reflexivos, para compreender as frentes de solidariedade, que se cruzam em diversos pontos: o primeiro nos leva à compreensão de que sem apoio de natureza mais vertical (caridade) os sujeitos em movimento (que praticaram solida-



riedade horizontal) não teriam, de forma alguma, estrutura e recursos para ter ajudado tantas famílias em situação de emergência. O segundo leva à reflexão de que seja, por conta disso, crucial, para poder identificar e fortalecer o horizonte da autonomia de base comunitária nas mobilizações das frentes, diferenciar entre as verticalidades e horizontalidades de ação emergencial para compreender quais formas fortalecer e quais formas buscar superar (diferenciando entre curto, médio e longo prazo).

Momentos constitutivos de dinâmicas coletivas são importantes para a formação de horizontes no interior dos movimentos (sociais) (ACCOSSATTO 2017). Sujeitas/os/es que compunham as frentes e que colaboraram com nosso trabalho de cartografar afirmam (através de suas ações e em suas reflexões) que existe uma solidariedade territorial que se mostra de forma mais acentuada em momentos críticos nas periferias urbanas. Ainda, no momento pandêmico, notamos que a juventude protagonizou um papel importante nesses movimentos, engenhando recursos digitais com agilidade para auxiliar nas arrecadações e distribuição das cestas. O StoryMap é, neste sentido, uma cartografia que procurar co-construir uma memória viva de uma solidariedade que surge num passado próximo e da qual depende a força também da resistência nas favelas, nossa resistência, nas favelas, no futuro.

Accossatto (2017) analisa os elementos que interagem como marco teórico do colonialismo interno nas análises de dinâmicas de dominação/insurreição anti-/coloniais multi-temporais na obra de Silvia Rivera Cusicanqui. Essa identifica três principais horizontes que reatualizam as práticas de dominação no contexto da Bolívia: o horizonte colonial (mentalidades e práticas sociais que organizam modos de convivência e sociabilidade, pautados na dominação); o liberal (com os ideais de uma igualdade fictícia); e, por fim, o populista (onde maiorias sociais constituíram redes clientelistas estatais, partidárias e sindicais); todos horizontes de dominação que se afastam da ou se opõem à vida comunitária (ACCOSSATTO 2017, p. 170-171) e que formam parte dos projetos de sociedade heterônomas, baseados em sistemas de crenças e valores. Diante desses horizontes de dominação, Cusicanqui identifica múltiplos planos da consciência histórica do campesinato indígena boliviano.

La concepción de Rivera Cusicanqui de una memoria colectiva como elemento constitutivo, tanto de los procesos de identificación de los movimientos sociales como de las prácticas políticas y horizontes de lucha, se presenta como una mirada peculiar y atenta a las particularidades que supone la emergencia y re-emergencia de sujetos políticos em América Latina (ibid., p. 179).

Salvas as muitas diferenças entre e respeitando as singularidades de cada experiência, ao compreender a favela como território no qual se urbanizam resistências negras-indígenas-camponesas-operárias, as memórias longas e curtas que formam a base da identificação da resistência favelada, de seus sujeitos e(m) seus territórios foram decisivas para

a potência com que a solidariedade toma forma nas periferias frente à crise pandêmica e(m) suas múltiplas faces (sanitária, econômica, social, entre outras). Uma solidariedade de base comunitária que tem suas raízes em terras indígenas, quilombos, em mutirões e na experiência do comum no convívio não explorador entre corpos, naturezas, terra e territórios. A experiência de resistências periféricas na pandemia, que tem suas raízes no tempo longo, na memória longa, e foi capturada nas e fortalecidas pelas múltiplas cartografias de solidariedade na pandemia, apresenta-se, nisso como fonte inspiradora que se alimentou de vivências solidárias passadas para ser vivência solidária no presente e base para um futuro comunitário solidário possível, em permanente construção.

NOTAS

1. O presente texto é fruto de um processo de pesquisa-ação no projeto “Geografar em movimento e pesquisar em ação contra os impactos da pandemia: práticas, dinâmicas e perspectivas de frentes e ações de solidariedade em favelas de Niterói e Rio de Janeiro” (<https://favelascontra-covid.wixsite.com/home>), realizado em 2020/2021 no âmbito do Núcleo de Estudos Território e Resistência na Globalização da Universidade Federal Fluminense (NUREG/UFF). O projeto contou com o financiamento de duas bolsas de curta duração da PROPPI/UFF além do engajamento voluntário da maior parte do grupo, sem o qual a pesquisa não teria sido possível. O grupo de pesquisa local contou com apoio transatlântico no “Grupo de Trabalho Mapas”, onde refletimos juntxs formas de cartografar as experiências de solidariedade pandêmica com as quais nos conectamos na pesquisa, reflexões que compartilhamos neste texto.
2. Tradução livre. No original: “2019 will remain as one of the most active years in terms of social movements and citizens’ protests around the world. Eight years after the Arab revolutions and square occupations all over the world, the 2019 protests took the form of regular mass demonstrations that lasted for months. Citizens from very diverse backgrounds took the streets along with activists from different generations (...). Everywhere, they demanded more democracy, dignity, less unequal society, and denounced corrupt elites, repression, and mainstream media control. The COVID-19 pandemic broke this global wave of protests.”
3. Casé Angatu Xukuru Tupinambá compartilha saberes-fazeres a partir de uma vivência e luta de retomadas de territórios de grupos tupinambá no sul da Bahia Confirma a entrevista “Nós não somos donos da terra, nós somos a terra” em <http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/582140-nos-nao-somos-donos-da-terra-nos-somos-a-terra-entrevista-especial-com-case-angatu-xukuru-tupinamba>
4. Mestre Joelson também é da Bahia e da Teia dos Povos, uma articulação de movimentos que lutam por terra e território)Confira mais informações sobre a Teia dos Povos em <https://teiadospovos.org/>
5. O debate da série “Terra, território, autonomia” foi organizado em colaboração dos núcleos de pesquisa NEPES/Universidade Federal do Oeste do Pará e NUREG/Universidade Federal Flu-



- minense. O vídeo do debate “O horizonte da autonomia nas lutas contemporâneas da América Latina” está disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Z6gvxEDcWOI&t=276s>
6. Vídeo-debate mediado por Raúl Zibechi Una historia de lucha barrial, Los Bañados, Asunción (Paraguay). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=BDJ0lSpRY70&t=108s>
 7. Vídeo-debate mediado por Raúl Zibechi Brasil y sus favelas: experiencias comunitarias durante la pandemia com Gizele Martins e Timo Bartholl da Frente de Mobilização Maré e Inessa Lopes do Movimentos das Comunidades Populares (MCP) no canal do Youtube Periódico desdeabajo, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2iP0g5zNdpk&t=292s>
 8. Tradução livre. No original: “In this period of crisis, popular movements, grassroots organizations, and citizens have taken a leading role in engaging in mutual support, providing basic needs and solidarity in their community and beyond. In this period of social distancing and isolation, social movements build ties.”
 9. Um amplo e inspirador acervo das mobilizações nas favelas frente a pandemia encontra-se no Dicionário de Favelas Marielle Franco, disponível em https://wikifavelas.com.br/index.php?title=Coronav%C3%ADrus_nas_favelas#Not.C3.ADcias_sobre_coronav.C3.ADrus_nas_favelas
 10. Disponível em <https://www.interfacejournal.net/interface-volume-12-issue-1/>
 11. Um encontro de diálogo relacionado ao livro e quem o construiu, do qual participamos, ocorreu no “Roundtable: Pandemic Solidarity” no âmbito do Ray Warren Symposium on Race & Ethnos Studies do Lewis & Clark College, Portland/EUA no 13/11/2020. Outro encontro de troca inspiradora referente ao trabalho do livro está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KGE5dFHjh6Y&t=133s>
 12. Tradução livre. No original: “There is something deep here connected to what is the real truth about who we really are, not what we are told about ourselves. Yes, we are afraid. Yes, we feel pain and vulnerability, and what we do with that, again and again, throughout history and now more than ever, is to reach out to one another and find ways to care for each other.”
 13. Tradução livre. No original: “To be in solidarity is to place oneself in the shoes of another, it’s to perceive one’s lack of access to the means of survival, it’s to keep in mind social inequities.”
 14. Disponível em <https://uploads.knightlab.com/storymapjs/b5c68369e171e8d415ae87a03d2e-dc03/favelas-contra-covid-19/draft.html>
 15. Disponível em <https://favelascontracovid.wixsite.com/home>
 16. Confira <https://www.counter-cartographies.org/>
 17. Confira <https://hackitectura.net/>
 18. Confira <https://iconoclasistas.net/>
 19. Confira <https://bureaudetudes.org/>
 20. Confira <https://beehivecollective.org/>
 21. Confira <https://orangotango.info/>
 22. Acesso livre do “Not An Atlas” online em <https://notanatlans.org/>
 23. Tradução livre. No original: “More indigenous territory has been claimed by maps than by guns. This assertion has its corollary: more indigenous territory can be reclaimed and defended

by maps than by guns.”

24. Disponível em: <https://notanatlas.org/cartography-as-emancipation/>
25. Confira reflexões e mapas em “Mapping solidarity in times of the Covid-19”, disponível em <https://notanatlas.org/mapping-solidarity-in-times-of-the-covid-19/>
26. Disponível em: <https://www.synergiesforsolidarity.org/?lang=pt>
27. Sobre o instituto Marielle Franco: www.institutomariellefranco.org/#4
28. Sobre o Coletivo Favela em Pauta: <https://favelaempauta.com/quem-somos/>
29. Sobe a startup Take: <https://www.take.net/quem-somos/>
30. <https://www.institutomariellefranco.org/mapacoronanasperiferias>
31. Disponível em <https://favelaempauta.com/mapa-corona-periferias-zap/>
32. trecho da entrevista disponível em <https://favelaempauta.com/mapa-da-solidariedade-e-mobilizacao/>
33. Disponível em <https://www.ufrgs.br/sig/mapas/solidariedade-covid19/>
34. Citamos da página citada na nota de rodapé 29.
35. Outros mapas interessantes que não podemos apresentar mais a fundo aqui são o “Mapa de iniciativas solidárias de São Paulo”, acessível em <https://jornal.usp.br/universidade/plataforma-mapeia-acoes-solidarias-para-atenuar-efeitos-da-covid-19/>; o mapa da “Rede Solidária”, disponível em <https://www.redesolidaria.org.br/>; ou o “Mapeamento de redes colaborativas Rio de Janeiro”, disponível em https://www.google.com/maps/d/u/0/viewer?mid=1Mp6hCJXvS4e-bO_H0Agyb_-w-qIDWC_GT&ll=-22.865595271496666%2C-43.2686269323809&z=14
36. Disponível em: <https://www.who.int/westernpacific/emergencies/covid-19/information/transmission-protective-measures>
37. Veja o relato da primeira de três entregas de livros da campanha em <https://blogdaconsequencia.wordpress.com/2020/09/06/relato-da-primeira-entrega-das-cestas-de-leitura-editora-consequencia-e-instituto-de-estudos-libertarios/>
38. Confira <https://ielibertarios.wordpress.com/>
39. Confira o blog da editora em <https://blogdaconsequencia.com/> Sobre a campanha “Cestas de livros mais informações em
40. Confira <https://www.frentemare.com/>
41. O site está disponível em <https://favelascontracovid.wixsite.com/home>
42. StoryMap: “Maps that tell stories”. Mais informação disponível em https://storymap.knightlab.com/?utm_source=syndicate&utm_campaign=onextrapixel-oct2016&utm_medium=post
43. Disponível em <https://uploads.knightlab.com/storymapjs/b5c68369e171e8d415ae87a03d2e-dc03/favelas-contra-covid-19/draft.html>

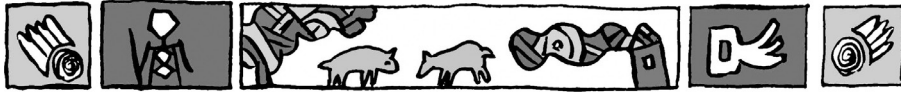
REFERÊNCIAS

Accossatto, R. (2017). Colonialismo interno y memoria colectiva. Aportes de Silvia Ri-



- vera Cusicanqui al estudio de los movimientos sociales y las identificaciones políticas. In: *Economía y sociedad*, vol. XXI, n° 36, January-July, 2017, 167-181.
- Almeida, A. Wagner Berno de. Nova Cartografia Social: Territorialidades Específicas e Politização Da Consciência Das Fronteiras. In: *Povos e Comunidades Tradicionais. Nova Cartografia Social* (pp. 157–73). Manaus: UEA Edições,
- Araujo, L. de Oliveira Lima, Matos, T., Rocha, L. B., Souza, Y. Evangelista Tavares de & Barthol, T. (2022). Between solidarity and charity: mobilizing in pandemic times in favelas of Rio de Janeiro and Niterói. Artigo submetido para publicação de um livro do projeto “*Urban Struggles for the Right to the City and Urban Commons in Brazil and Europe*”, parceria entre o Instituto para Pesquisa Urbana e em Habitação, Universidade de Uppsala/Suécia e a Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) de Belo Horizonte/Brasil. No prelo.
- Bartholl, T. (2015). *Movimentos sociais de base e territórios de resistência: uma investigação militante em favelas cariocas*. Tese de doutorado. Niterói: Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense.
- Bartholl, T. (2018) *Por uma Geografia em movimento: a ciência como ferramenta de luta*. Rio de Janeiro: Consequência.
- Bartholl, T.; Filippidis, C.; Vradis, A. & Minhocas Urbanas (2021). *Favela, resistência e a luta pela soberania alimentar*. Rio de Janeiro: Consequência.
- Borda, O. F. (2009). *Una sociología sentipensante para América Latina*. Bogotá: Siglo del Hombres/CLACSO.
- Bringel, B. (2020) Geopolítica da pandemia, escalas da crise e cenários em disputa. *REALIS*, v.10, n° 01, Janeiro-Junho, 33-51.
- Bringel, B. & Pleyers, G. (orgs.). (2020) *Alerta global. Políticas, movimientos sociales y futuros em disputa em tiempos de pandemia*. Buenos Aires: CLACSO; Lima: ALAS.
- Bunge, W. (1971) *Fitzgerald: Geography of a Revolution*. Morristown: General Learning Press, 1971.
- Colectiva Sembrar & Sitrin, M. (orgs.). (2020) *Pandemic solidarity: Mutual aid during the Covid-10 crisis*, London: Pluto Press.
- Crampton, J. & Krygier, J. (2006). An Introduction to Critical Cartography. In: *ACME: An International Journal for Critical Geographies*, vol. 4, n° 1, 11–33.
- Cusicanqui, S. Rivera (2018). *Un mundo ch'ixi es posible. Ensayos desde un presente en crisis*. Buenos Aires: Tinta Limón.
- Duarte, L. Gomes & Lima, R. On intersectional solidarity in Portugal. In: Colectiva Sembrar & Sitrin, M. (orgs.) *Pandemic solidarity: Mutual aid during the Covid-10 crisis*. (pp. 123-137). London: Pluto Press.
- Escobar, A. (2018). Transition Discourses and the Politics of Relationality: Toward Designs for the Pluriverse. In: Reiter, B. (org.). *Constructing the Pluriverse: The*

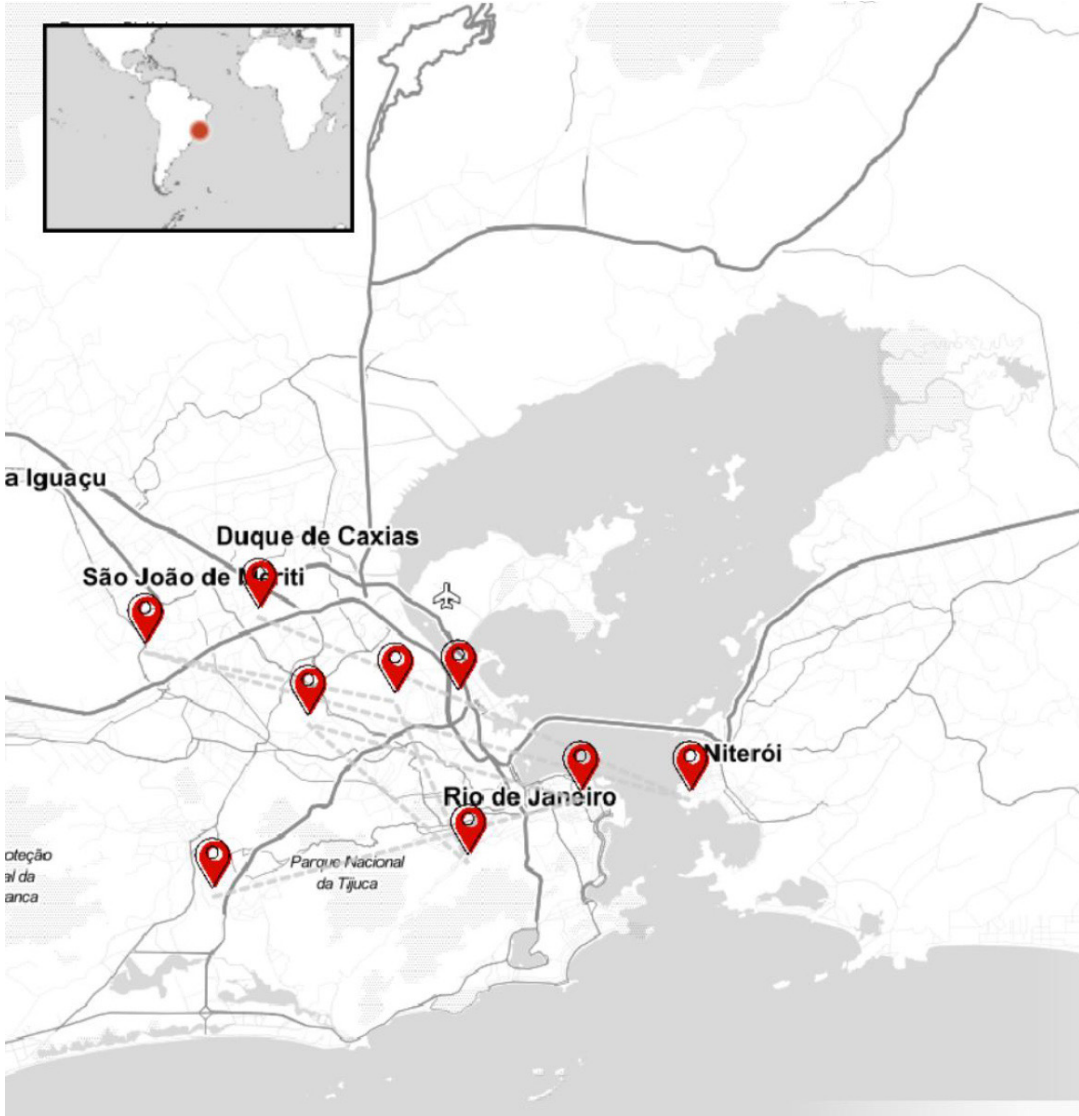
- Geopolitics of Knowledge*. (pp. 63-89). Durham: Duke University Press.
- Escobar, A. (2020). *Pluriversal Politics: The Real and the Possible*. Durham: Duke University Press.
- Franco, I. Duque, Ortiz, C., Sampler, J., & Millan, G. (2020). Mapping repertoires of collective action facing the COVID-19 pandemic in informal settlements in Latin American cities. *Journal of Environment and Urbanization*, vol. 32, n° 2, 523-546.
- Freire, P. (2008). *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra.
- Haesbaert, R. Entre a contenção e o confinamento dos corpos-território: reflexões geográficas em tempos de pandemia (II), do 24/03/2020, texto republicado do facebook do autor na página da Associação de Geógrafos Brasileiros Campinas. Disponível em <http://agbcampinas.com.br/site/2020/rogerio-haesbaert-entre-a-contencao-e-o-confinamento-dos-corpos-territorio-reflexoes-geograficas-em-tempos-de-pandemia-ii/>
- Harley, J. B. (1989). Deconstructing the Map. In: *Cartographica: The International Journal for Geographic Information and Geovisualization*, vol. 26, n° 2, 1–20.
- hooks, b. (2010). *Teaching Critical Thinking: Practical Wisdom*. New York: Routledge.
- Kitchin, R. & Dodge, M. (2007). Rethinking Maps. In: *Progress in Human Geography*, vol. 31, n° 3, 331–44.
- Kollektiv Oranotango+ (orgs.). (2018). *This Is Not an Atlas: A Global Collection of Counter-Cartographies*. Bielefeld: transcript, 26–35.
- Mansilla, P., Pehuén, M. & Letelier, M. (2019). *Cartografía Cultural Del Wallmapu: Elementos Para Descolonizar El Mapa En Territorio Mapuche*. Santiago de Chile: LOM Ediciones.
- Matos, T. da Silva. (2020). COVID-19 nas favelas: desigualdades socioespaciais e as formas de organização comunitária. In: *Revista Ensaios Geográficos*, Niterói, vol. 5, n° 10, julho, 102-108.
- Mesquita, A. (2018). Counter-Cartographies - Politics, Art and the Insurrection of Maps. In: kollektiv orangotango+ (orgs.). *This Is Not an Atlas: A Global Collection of Counter-Cartographies* (pp. 26-35). Bielefeld: transcript.
- Mignolo, W. (2003) *Historias locales/diseños globales. Colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo*. Madrid: Akal.
- Morris, D. & Voyce, S. (2015). Avant-Garde, III: Situationist Maps, Take One. Texto disponível em <https://jacket2.org/commentary/avant-garde-iii-situationist-maps-take-one>
- Motta, S. (2015). 21st Century Emancipation: Pedagogies in and from the Margins. In: Kupfer, A. (org.). *Power and Education: Contexts of Oppression and Opportunity* (pp. 169-193). London: Palgrave Macmillan.
- Nietschmann, B. (1994). Defending the Miskito Reefs with Maps and GPS. Mapping with Sail, Scuba, and Satellite. In: *Cultural Survival Quarterly*, vol. 18, n° 4, 34–37.
- Oslender, U. (2019). Geographies of the Pluriverse: Decolonial Thinking and Ontologi-



- cal Conflict on Colombia's Pacific Coast. In: *Annals of the American Association of Geographers*, vol. 109, n° 6, 1691–1705.
- Peluso, N. L. (1995). Whose Woods Are These? Counter-Mapping Forest Territories in Kalimantan, Indonesia. In: *Antipode*, vol. 27, n° 4, 383–406.
- Perkins, C. (2008) Cultures of Map Use. In: *The Cartographic Journal*, vol. 45, n° 2, 2008, 150–158.
- Peruzzo, C. M. Krohling. (2016). Epistemologia e método da pesquisa-ação. Uma aproximação aos movimentos sociais e à comunicação. In: *XXV Encontro Anual da Compós – Assoc. dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação*, Goiânia, GO. XXV Encontro Anual da Compós. Goiânia: UFG, 1-22.
- Pleyers, G. (2020). The Pandemic is a battlefield. Social movements in the COVID-19 lockdown, *Journal of Civil Society*, 1-19.
- Porta, D. D. (2020). Movimientos sociales en tiempos de Covid-19: otro mundo es necesario. In: BRINGEL, B. & PLEYERS, G. *Alerta global. Políticas, movimientos sociales y futuros en disputa en tiempos de pandemia* (pp. 175-179). Buenos Aires, CLACSO; Lima: ALAS, 2020.
- Reiter, B. (org.). (2018) *Constructing the Pluriverse: The Geopolitics of Knowledge*. Durham: Duke University Press.
- Scott, J. (1998). *Seeing like a State: How Certain Schemes to Improve the Human Condition Have Failed*. New Haven: Yale University Press.
- Spades, D. (2020). *Mutual aid. Building solidarity during this crisis (and the next)*. London/New York: Verso.
- Wood, D. (1992). *The Power of Maps*. Mappings. New York: Guilford Press.
- Wood, D. (1993). The Fine Line between Mapping and Map Making. In: *Cartographica: The International Journal for Geographic Information and Geovisualization*, vol. 30, n° 4, 50–60.
- Zibechi, R. (2011) *Territorios en resistencia : cartografía política de las periferias urbanas latinoamericanas*. Carcaixent: Zambra.
- Zibechi, R. (2020a). *Movimentos sociais na América Latina. O 'mundo outro' em movimento*. Rio de Janeiro: Consequência.
- Zibechi, R. (2020b). *Tiempos de colapso: los pueblos en movimiento*. Bogotá: desde abajo.
- Zibechi, R. (2020c). *Tiempos de colapso II: los pueblos rompen el cerco*. Valência/Málaga: Baladre/Zambra.

ANEXO:

AMOSTRA EM FORMATO PDF DO STORYMAP “FAVELAS CONTRA A COVID-19”





Frente de Mobilização da Maré, disponível em <https://www.frentemare.com/>

Geografia em movimento(s): Favelas contra a COVID-19

Este Storymap tem como objetivo registrar dinâmicas socioterritoriais das diversas frentes de solidariedade que vêm atuando no enfrentamento da pandemia da COVID-19 nas favelas do Rio de Janeiro e Niterói. Aqui estamos construindo uma memória viva, um álbum das experiências, das práticas e das relações dos sujeitos com os territórios, além de relatar reflexões acerca das contradições e desafios impostos pela realidade pandêmica.

A construção desse material foi realizada pelo projeto "Geografar em movimento e pesquisar em ação contra os impactos da pandemia", ligado ao curso de Geografia da Universidade Federal Fluminense. Em uma perspectiva de pesquisa-ação junto aos coletivos e sujeitos (em movimento(s)), realizamos entrevistas com os integrantes das Frentes de solidariedade apresentadas, conhecemos um pouco da organização e da luta contra os efeitos da crise e aqui registramos as ações solidárias horizontalmente construídas pelos movimentos (de) militantes em favelas.

Esta plataforma se torna um meio de identificação dos grupos, incentivando o reconhecimento dessas atuações tão relevantes e importantes de solidariedade pandêmica em diversas escalas. Essa representação demarca territorialidades situadas, abrindo um panorama de frentes solidárias que desenvolvem trabalhos de apoio mútuo em suas comunidades. Tal reconhecimento nutre a percepção de que as frentes não estão isoladas, e que configuram redes conscientes de si, conectadas, ativas e consolidadas.



disponível no instagram do coletivo @coletivofalaakari

Entrega de cestas orgânicas pelo coletivo Fala Akari em parceria com o coletivo Favelas na Luta

Coletivo Fala Akari! - Acari (RJ)

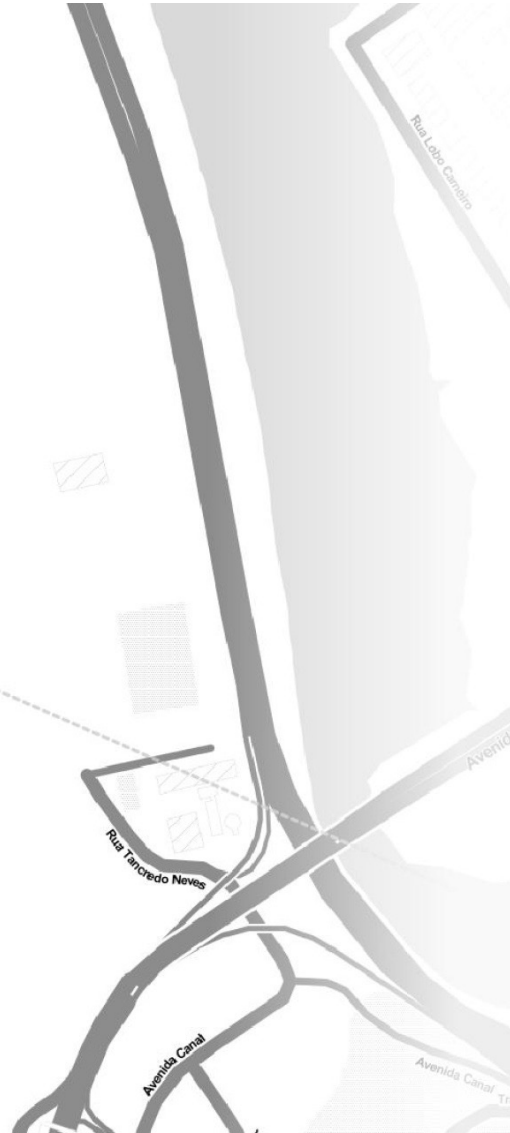
Acari tem uma das histórias de luta mais antigas do Brasil. A favela abriga um movimento pioneiro contra a violência policial, o coletivo Mães de Acari, fundado na década de 1990. Sob essa tradição, a luta continua com a fundação do coletivo fala Akari em 2015, que tem como objetivo promover e disseminar ações culturais e educacionais e combater a opressão do estado na comunidade.

Em 2020 o coletivo se organizou para combater os impactos da COVID-19. Em entrevista, um dos ativistas da Frente Acari que atuou na pandemia, Luis Melo (23), contou sobre a experiência da comunidade. Segundo ele, a mobilização começou a partir da percepção das carências que as famílias passariam diante do desemprego e do isolamento social. A frente atuou através de campanhas de conscientização e prevenção da doença, mas principalmente na distribuição de cestas básicas e de kits de higiene pessoal. Desde o início da pandemia a frente ajudou mais de 5000 famílias na comunidade.

A foto acima registra a entrega de alimentos orgânicos com cerca de 9 quilos de verduras, legumes e frutas. Foram mais de 300 cestas distribuídas em parceria com o coletivo Favelas na Luta.

Conheça o instagram do coletivo Fala Akari: @coletivofalaakari

Acesse também a matéria do The Guardian sobre a atuação da Frente de Acari diante do descaso do governo: <https://www.youtube.com/watch?v=CbQyU-cIUSg>



Entrega das cestas doadas pela Fiocruz - 28/04/2020 video 2



Foto da organização de cestas da Frente de Mobilização da Maré

Frente de Mobilização da Maré - Maré (RJ)

A Frente de Mobilização Maré atuou nos territórios do Conjunto de favelas da Maré na cidade do Rio de Janeiro. A Frente se forma com a emergência da pandemia da COVID-19, em uma articulação de grupos de comunicadores populares que se unem para enfrentar os avanços dos efeitos da pandemia em seus territórios. Foram mais de 50 voluntários engajados na mobilização, entre moradoras e moradores, comunicadores populares, assistentes sociais e profissionais das áreas de Educação e Saúde.

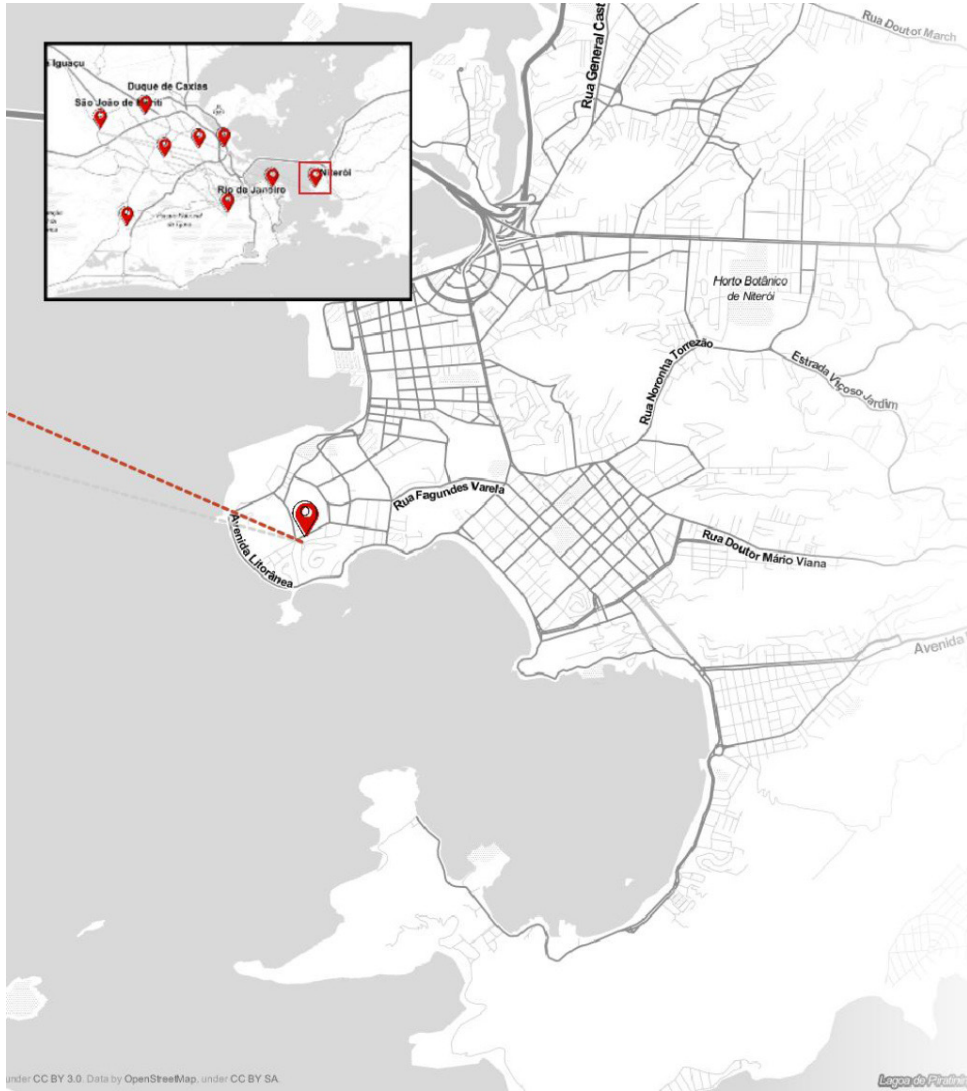
Quando começa a apertar as restrições de circulação, percebem a urgência da entrega de cestas básicas. No prenúncio do caos fazem uma listagem de 700 famílias que precisavam de apoio, em outro momento, foram mais de 3.000 pessoas. Articulados com alguns parceiros conseguiram grandes doações, destaque para Fiocruz que doou 2000 cestas básicas, nos conta Naldinho, um dos integrantes da Frente.

A Frente se organizou em Grupos de Trabalho: financeiro, doações, recepção e entregas, comunicação, representantes etc... A principal ferramenta de comunicação intra e entre GTs foram os grupos de WhatsApp. Destaca-se também a participação do grupo no encontro nacional da rede de comunicadorxs "Favelas em luta" que teve a participação de mais de 100 pessoas. Nessa circunstância, foi criada a hashtag #coronanasperiferias que foi responsável pela ampla divulgação da realidade pandêmica nos espaços mais vulneráveis. A arte da campanha que circulou todo o Brasil, inclusive, foi de autoria de um dos integrantes da Frente de Mobilização da Maré.

Conheça mais do trabalho da Frente de Mobilização da Maré

Site: <https://www.frentemare.com/frente>

Canal do Youtube: https://www.youtube.com/channel/UC3ComDxBqXPRfoR8YQ8_EpQ





Primeira fase da campanha no Morro do Palácio: arrecadação de alimentos

Morro do Palácio Contra a COVID-19 - Morro do Palácio (Niterói)

O Morro do Palácio está localizado no bairro do Ingá em Niterói, região metropolitana do Rio de Janeiro. A campanha começa com a situação emergencial provocada pela pandemia da COVID-19, em março de 2020. A comunidade não contava com a atuação de organizações e a rede de favelas na cidade de Niterói não é tão bem estabelecida como em alguns lugares do Rio, o que se apresentou como um grande desafio para a campanha que se estruturou através da iniciativa de alguns moradores.

Na primeira fase foram arrecadados alimentos não perecíveis que compuseram 20 cestas entregues no mês de Junho/2020. Durante toda a campanha, foi realizado um financiamento coletivo através da plataforma virtual benfeitoria, com uma meta de R\$1.700. A meta foi atingida em Agosto/2020, possibilitando a montagem de mais 24 cestas com 15 itens, investindo mais na qualidade e variedade de produtos.

Foram entregues no total 44 cestas, um número bem pequeno em comparação ao de outras Frentes, porém, a campanha foi um passo inicial muito importante para fomentar a organização comunitária no Morro do Palácio. Através dela moradores/as interessados/as em realizar ações mais diversas e amplas, se conectam e criam laços. Nesse contexto, foi formado o coletivo É O PALÁCIO, para movimentar arte e educação na comunidade, o objetivo é manter o coletivo atuante e estabelecer conexão com outras comunidades de Niterói.

A Frente formada no Morro do Palácio foi um caso bastante singular dentre os grupos que nos conectamos. Além de ser a única favela na cidade de Niterói, foi uma experiência bastante interna, no sentido que não contou com o apoio de outras comunidades ou instituições. Niterói é uma cidade de extrema desigualdade social e o Palácio, localizado no coração de uma das áreas mais nobres, é uma comunidade extremamente ofuscada por esse dinâmica. Mesmo as favelas mais organizadas da cidade não usufruem de uma rede de cooperação ampla e fortalecida mas acreditamos que esse foi um momento que favoreceu bastante a projeção das suas (r)existências. Através da campanha o Morro do Palácio conheceu outras experiências comunitárias e se afirma como um ponto integrante da rede de favelas que vem crescendo em Niterói.

Conheça o Instagram do coletivo É O PALÁCIO: @coletivoopalacio





<http://www.ichunoticias.com.br/2019/10/ichu-mcp-realizara-vi-assembleia.html>

Bandeira do Movimento das Comunidades Populares (MCP)

Movimento das Comunidades Populares (MCP)

Os trabalhos do MCP são diversos. Especificamente na base MCP localizada na Comunidade Chico Mendes (Chapadão), atuam com uma escola/creche, um mercadinho e uma loja. A Escola Jardim da Comunidade (EJC) é onde desenvolvem as variadas atividades de Educação Popular, possuindo cerca de 70 crianças matriculadas. Com o início da Pandemia, houve uma gradual interrupção das atividades da escola/creche, que atua de forma autônoma, quando interrompem seu funcionamento aparece o problema da renda: como ficariam as pessoas que dependem do funcionamento da escola e creche (professores, funcionários...)?

As práticas pré-pandemia proporcionam maturidade para a atuação que se desenrolou meio a pandemia, e colocaram novas reflexões ao grupo. A mobilização para o enfrento da pandemia se deu de forma orgânica e contou com os já parceiros do movimento (outros grupos como o MPA, professores e pesquisadores). Assim, conseguiram se apoiar as pessoas que dependiam das atividades do coletivo, principalmente as pessoas envolvidas com a escola, em torno de 15 pessoas. Posteriormente conseguiram dar apoio a alguns moradores da comunidade que ficaram sem renda.

O grupo não possui páginas virtuais, mas você pode conhecer um pouco mais através dessa matéria do site Teia dos Povos: <https://teiadospovos.org/6-comunidade-chico-mendes-rj-mcp/>





<https://www.facebook.com/Escola-Quilombista-Dandara-de-Palmares-1956425914624411/>

Foto do Facebook da Escola Dandara

Escola Quilombista Dandara dos Palmares - Alemão (RJ)

A Escola Quilombista Dandara dos Palmares fica no Conjunto de Favelas do Alemão. A escola nasceu em 2013, idealizada pela sua mais velha, dona Zilda, junto a outras mulheres que compunham o coletivo Ocupa Alemão. É uma iniciativa que traz uma alternativa a educação colonial, promovendo a educação antirracista e provocando debates importantes como o sistema de cotas e acesso a Universidade Pública, além de oferecer apoio psicológico e reforço escolar para as crianças da comunidade.

Quando os membros da Escola, cerca de 13 pessoas, percebem a gravidade da situação pandêmica se juntam com outros movimentos que atuam no território para combater os impactos da pandemia sobre a comunidade de forma mais efetiva. Esses grupos já tem uma cultura de se articular em prol da comunidade em tempos de crise e em um grupo de WhatsApp chamado Juntos pelo Complexo mobilizaram diversas ações no conjunto de favelas do Alemão.

As parcerias foram muito importantes, mas a Escola decidiu se manter como uma frente mais autônoma mesmo em meio a relações com outros coletivos ou instituições. Sua atuação conseguiu atender muitos moradores do Morro do Alemão, onde fica situada, priorizando as pessoas ligadas a escola de alguma forma. Atuaram na comunicação popular, distribuição de cestas de alimentos, kits de higiene e máscaras. Uma inovação interessante relatada pelo Leo, um dos integrantes da Escola, foi a distribuição de 10 cestas para moradores que ficariam responsáveis por redistribuí-las para pessoas que moravam perto de suas respectivas casas. Essa foi um estratégia interessante para evitar aglomerações num momento tão arriscado. Ainda segundo ele, a frente foi capaz de ajudar cerca de 600 pessoas.

Instagram @escoladandaradepalmares

Facebook: Escola-Quilombista-Dandara-de-Palmares



A background map of the Morro da Formiga area in Rio de Janeiro, showing streets like Rua Frei Caneca, Avenida Paulo de Frontin, Rua São Clemente, and Parque Yitzhak Rabin. A central video player is overlaid on the map.

Ação no morro da Formiga (Rio de Janeiro)



Video de uma ação solidária realizada no Morro da Formiga

FormigAção: Morro da Formiga (RJ)

O Morro da Formiga é uma favela carioca que se situa na Grande Tijuca, na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. A Frente que se forma para conter os avanços e efeitos da(s) crise(s) no território acontece de forma orgânica, principalmente a partir do coletivo FormigAção que já mantinha um trabalho consolidado desde 2013, relatado pelo André, membro fundador do coletivo, como um momento de despertar político entre as pessoas da comunidade. Chegam junto para as ações de combate aos efeitos da pandemia cerca de 15-17 pessoas voluntárias, sendo a maioria moradores mas com uma parcela de parceiras periódicas de outros territórios, tanto de favelas como do asfalto.

A Frente teve recursos para distribuição das doações através de parcerias, dentre instituições públicas e privadas. O apoio da Frente CDD da Cidade de Deus, que se localiza relativamente próximo a Formiga, foi muito importante, quando recebia um grande montante de doações compartilhava com as frentes de menor projeção, entre elas a Formiga. André cita também parcerias com pequenos agricultores e com o MST de Barra do Piraí de cestas de alimentos orgânicos. Nas diversas ações que aconteceram ao longo de 2020 foram entregues mais de 1000 cestas de alimentos.

A organização das distribuições de cestas foi bem espontânea, não se sabe ao certo o número de pessoas apoiadas pela frente.

O grupo não possui páginas virtuais.



<https://www.facebook.com/frentecavalcanti/photos/a.101294338293600/132519825171051/>

Arte da Frente Cavalcanti

Frente Cavalcanti Contra o COVID-19

Com base no bairro de Cavalcanti, Zona Norte do Rio de Janeiro e periferia urbana da cidade, a Frente Cavalcanti se formou por jovens moradores no início da Pandemia preocupados em conter os avanços e efeitos da COVID-19 em seu território. Antes da pandemia já havia o desejo de formar um coletivo atuante, essa vontade foi impulsionada pelo prenúncio da crise.

A frente começa a atuar em Abril-Maio de 2020. Muitos recursos vieram de doações das pequenas empresas locais do bairro e de outras frentes maiores, como Frente de Mobilização Maré, Frente CDD, Rocinha. Os recursos recebidos em dinheiro, foram feitos por meio de financiamentos online e, além disso, a Frente Cavalcanti conquistou um edital de uma empresa privada, através da qual levantaram mais verbas.

Mapeadas as famílias que precisavam de apoio, fizeram com elas um preenchimento de fichas de cadastro, para controlar entregas e recebimento das cestas, organizaram as listas por regiões do bairro. Dessa forma foram capazes de ajudar cerca de 400 pessoas.

A Frente Cavalcanti, que se forma no momento emergencial de de pandemia da COVID-19, tem planos de dali para frente, pensar, elaborar e dar continuidade com os projetos solidários em seu bairro.

Instagram @frentecavalcanti

Facebook: Frente Cavalcanti





Facebook do MLB

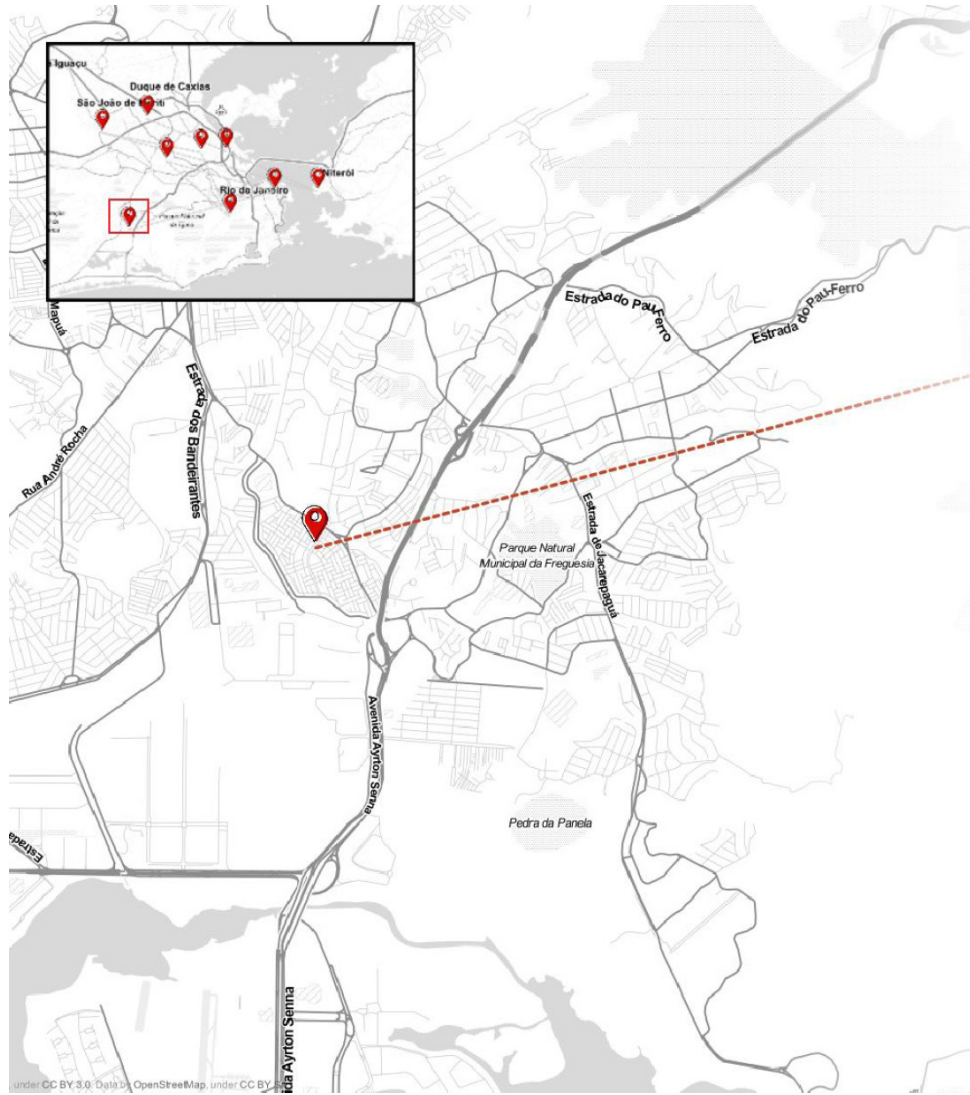
Movimento de Lutas de Bairros, Vilas e Favelas (MLB)

O Movimento de Lutas de Bairros, Vilas e Favelas (MLB) é um movimento em rede, atua em diversos estados brasileiros e bairros cariocas. No Rio, fazem parte do movimento de mulheres Olga Benário, organizando uma creche e algumas ocupações no centro da cidade do Rio e em Duque de Caxias.

Formam uma frente solidária com outros movimentos com os quais há se articulavam, a frente envolvia o MLB, Olga Benário, Unidade Popular, União da Juventude Revolucionária, e alguns outros. Eles tiveram fôlego para organizar mais ou menos 60 cestas por mês no começo da pandemia. Ao final de 2020 as doações caíram e os preços dos produtos que compunham a cesta ficaram mais caros, com isso a frequência e quantidade de entregas foi reduzida.

Inicialmente, a prioridade foram as famílias que já estavam no movimento, como as que moram nas ocupações no centro do Rio de Janeiro. Nos momentos em que conseguiam montar mais cestas do que o necessário para os membros do movimento, distribuíam para conhecidos que necessitavam.

Facebook Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas - MLB / Rio de Janeiro





<https://www.facebook.com/frentecdd>

Foto integrantes da Frente CDD

Frente CDD Contra o COVID-19 - Cidade de Deus(RJ)

A Frente CDD atua na Cidade de Deus, é a junção de vários movimentos sociais que decidiram se unir para fazer algo pela favela quando viram que o que tinha acontecido na Itália devido a COVID-19 poderia acontecer de maneira bem pior em seu território. A ideia de criar a Frente foi para expandir a atuação desses coletivos, que atuavam isoladamente em diversos pontos da Cidade de Deus, para que assim pudessem levar os projetos para toda a favela.

Além das entregas de cestas básicas, uma das principais conquistas da Frente foi a transformação da comunicação dos coletivos da favela. Eles já tinham um trabalho forte com o audiovisual e no decorrer do percurso da pandemia ganharam ainda mais projeção através de suas páginas nas redes sociais, com destaque para o Instagram. A frente tomou uma visibilidade tão ampla que recebeu produtos de grandes empresas, como a P&G e AMBEV. As doações que se acumulavam pela grande quantidade, eram repassadas para frentes de outras favelas. Além disso, com a doação de uma empresa privada conseguiram apoiar as famílias com um cartão quebra galho no valor de R\$100.

A Frente CDD prestava contas das ações nas suas redes sociais. Na última prestação de contas, eles tinham conseguido alcançar 15 mil famílias e apoiar em torno de 60 mil pessoas.

Instagram @frentecdd

Facebook Frente CDD

linktree @doe.frente.cidade.de.deus

Área de Relevante
Interesse Ecológico
de São Conrado

Parque Natural
Municipal do Pterisaco
Dos Irmãos

Avenida Delfim Moreira

7

Invisibilidades na cidade do Rio De Janeiro: pandemia e direito à educação nas favelas

Enio Serra

Professor, Facultad de Educación, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Correo electrónico: enioserra@ufjf.br

Roberto Marques

Professor, Facultad de Educación, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Correo electrónico: robertogeofe@gmail.com

ALGUMAS PALAVRAS SOBRE O CONTEXTO E A PANDEMIA NAS FAVELAS

No Brasil, a pandemia da Covid-19 tomou proporções de enorme tragédia com repercussões dramáticas na vida muitos brasileiros. Durante muitos meses, o país se posicionou no segundo lugar com o maior número de óbitos no mundo (mesmo com subnotificações) e o primeiro em número de óbitos por cada cem mil habitantes¹. A dimensão desses dados pode anunciar uma calamidade generalizada que teria atingido igualmente toda a população. No entanto, diante da extrema desigualdade social que a sociedade brasileira gerou e aprofundou ao longo de sua história, tal fato não passa de meia verdade.

Situação não exclusiva do Brasil, a pandemia, na verdade, agravou as desigualdades já existentes, já que, como lembra Harvey (2020, p. 16), “o impacto econômico e demográfico da disseminação do vírus depende de fissuras e vulnerabilidades preexistentes no modelo econômico hegemônico”. Por essa razão, tem sido comum a análise de que o avanço da Covid-19 expressa, segundo o mesmo autor, uma pandemia de classe, de gênero e de raça, em que os impactos e efeitos da doença são sentidos de forma mais grave e perversa entre as classes sociais subalternizadas e distantes dos direitos básicos de saúde, segurança alimentar e geração de renda.

O caso das favelas brasileiras chama a atenção por esse motivo. Identificadas institucionalmente como áreas urbanas de ocupações irregulares com carência de serviços públicos essenciais (IBGE, 2020), esses territórios abrigam parte significativa da população do país. Nesse contexto socioespacial já bastante difícil, o enfrentamento à pandemia tem se dado de forma quase invisível, tanto para o poder público quanto para boa parte da sociedade, o que faz com que seus moradores tenham que tomar iniciativas de combate aos efeitos da crise sanitária por conta própria e em diversas frentes. Dentre as muitas e graves questões que atingem essa parcela da população da cidade, o acesso à educação parece ser uma das que mais deveriam preocupar as autoridades, uma vez que a continuidade do processo de escolarização na pandemia depende, em larga medida, de condições básicas que estimulem as famílias a manterem as crianças e adolescentes nas escolas e não acentuem o quadro social desfavorável em que muitas se encontram.

Aqui, vale dizer que a escolarização não deve ser entendida de maneira restrita, como o atendimento às demandas *da* escola, mas nas possibilidades de usos sociais e políticos que os moradores das periferias fazem dos espaços das escolas. Essa apropriação é fundamental para compreendermos o papel social que elas desempenham nessas áreas para as populações que as habitam. Lembremos que as escolas públicas muitas vezes são os equipamentos estatais mais presentes nessas áreas, o que faz com que elas sejam, também, importantes espaços para a execução de políticas diversas, como seções eleitorais, distribuição de alimentos, campanhas de vacinação ou cadastramentos para políticas redistribuição de renda. Ou seja, se por um lado as escolas podem ser vistas como espaços de controle, de contenção e de violência simbólica associada a uma cultura específica, por outro e contraditoriamente, elas são os canais pelos quais os moradores das favelas acessam a institucionalidade com possibilidade de se apropriar, e produzir tensões, significações e usos.

Portanto, o presente texto focaliza o que vem acontecendo nas favelas da cidade do Rio de Janeiro, que é segunda metrópole do país e centro urbano onde 19,3% de seus domicílios se encontram em favelas (IBGE, 2020). A maneira com que os moradores desses espaços vêm se organizando e lutando contra as consequências da pandemia, bem como a situação das escolas e do processo de escolarização nesse contexto a partir



da visão de alguns professores que ali atuam é o centro das preocupações e análises desenvolvidas². Cabe ressaltar que quando falamos, por exemplo, em formas de isolamento pautadas quase exclusivamente em isolamento social, esse “comando” tem significados diferentes de acordo com os cortes de classe, lugar e raça. Os moradores das favelas, pobres e majoritariamente negros, já convivem desde o nascimento com isolamentos sociais e restrições de circulação na cidade. Além disso, são eles e elas os trabalhadores e as trabalhadoras que sustentam os serviços básicos para dar suporte ao “isolamento social” sanitário das classes médias e elites. É com base nessas questões que buscamos compreender minimamente o que vem ocorrendo em áreas da cidade cuja população conta com poucas políticas que lhes garantam passar com alguma dignidade por medidas protocolares sociais necessárias para minorar a disseminação do vírus Sars-CoV-2.

SEGREGAÇÃO E PANDEMIA NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO: AS FAVELAS POR ELAS MESMAS

As desigualdades sociais que têm marcado profundamente a formação do território e da sociedade brasileira talvez encontrem na cidade do Rio de Janeiro uma de suas maiores expressões espaciais. Ao longo de sua história, desde a sua fundação, no século XVI, à medida que a cidade ia crescendo e consolidando injustiças sociais em seu espaço geográfico, territórios desiguais foram igualmente produzidos – sendo o direito à moradia o mais imperioso deles e razão primeira de sua existência.

Tais territórios são denominados de diferentes formas em outras cidades brasileiras e em outros países. No Rio de Janeiro são chamados de *favelas* em alusão a uma das primeiras ocupações desse tipo surgida na virada do século XIX para o século XX. Espalhadas pelos morros, encostas, manguezais e margens inundáveis de rios (Figura 1), situadas em terrenos em litígio ou em propriedades públicas (Carlos, 2016), as favelas marcam a paisagem da cidade e ao mesmo tempo exibem e denunciam o processo de segregação socioespacial característico de metrópoles da periferia do capitalismo mundial.

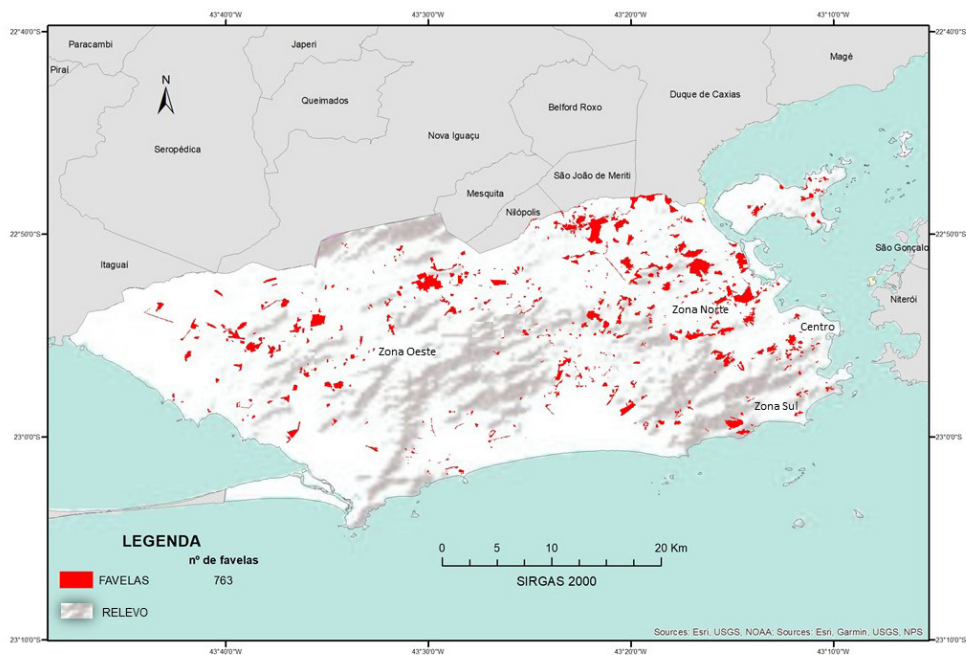


Figura 1: Localização das favelas na cidade do Rio de Janeiro

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010)

Organizado por Emilio Reguera Rua.

Em função do caráter marginal atribuído institucionalmente a elas (com base nas demandas e interesses econômicos, e na visão de mundo próprios das elites e classes médias urbanas), as favelas sempre foram vistas como uma espécie de corpo estranho no espaço urbano, ou mesmo em oposição a ele (VALLADARES, 2005, p. 22-28). A esse “corpo estranho” ou “espaço estranho” se agrega uma imagem socialmente construída e que a identifica com o atraso e a carência, mas, também com a incivilidade. Uma imagem semelhante a que Frantz Fanon (2005) descreveu:

A cidade do colonizado, ou pelo menos a cidade indígena, a aldeia negra, a Medina, a reserva é um lugar mal afamado, povoado de homens mal afamados. Ali nasce-se em qualquer lugar, de qualquer maneira. Morre-se em qualquer lugar, de qualquer coisa. É um mundo sem intervalos, os homens se apertam uns contra os outros, as cabanas umas contra as outras. A cidade do colonizado é uma cidade faminta, esfomeada de pão, de carne, de sapatos, de carvão, de luz. (FANON, 2005, p. 55-56)

Guardadas todas as particularidades, inclusive temporais, da Argélia de Fanon e do Brasil atual, o fato é que há uma construção social e espacial das desigualdades que tem raízes históricas profundas e que produz imagens sobre os espaços e os sujeitos. São imagens das favelas cariocas como locais essencialmente perigosos tanto



em termos de proliferação de doenças como no que se refere à execução de diversos tipos de crimes. A ideia de territórios sem lei e sem ordem permanece ainda hoje e o que se conseguiu de avanço mais recente em relação ao olhar externo às favelas, e com alguma repercussão na sociedade como um todo, é a denúncia das injustiças sociais e da destituição de direitos que nelas prevalecem. Nessa perspectiva, favelas são apenas territórios onde aparentemente o Estado não se faz presente. Ou, então, onde somente o “braço armado” e controlador do aparelho estatal, nas figuras das polícias, aparece levando mais violência e estigmatização aos seus moradores. Na verdade, não existe ausência do Estado, mas formas como este se faz presente, de maneira desigual no espaço urbano.

Acontece que essas leituras sobre as favelas, por mais que não sejam falsas, são incompletas, pois se fazem a partir do que lhe é externo e não dão margem para as falas dos sujeitos, muito menos para as suas razões e ações. Procuramos aqui exercitar um outro olhar sobre as favelas, construído com base na perspectiva de quem nelas vive e cotidianamente as incorpora à cidade não como territórios apartados, mas como territórios de sobrevivência, de solidariedade, de produção cultural e de saberes que compõem a metrópole. É dessa maneira que Barbosa e Silva (2013, p. 125) compreendem o fenômeno ao afirmarem que:

[...] longe de representarem territórios caóticos, sem lei e sem controle, que ameaçam a cidade – como afirmam os discursos mais conservadores – as favelas constituem experiências valiosas para repensar e refazer a cidade como um todo. As favelas são, na verdade, uma das expressões de maior vitalidade da vivência cotidiana dos pobres, em um permanente processo de ressignificar a cidade.

Tendo como perspectiva analítica o conceito de território usado preconizado por Santos (1999), para quem o território é constituído pelo uso social do substrato físico condicionado pela base técnica e pelas práticas sociais, os autores chamam a atenção para os sujeitos sociais que produzem as favelas “em suas práticas de construção do mundo da vida, do território como morada dos afetos, dos trajetos, dos saberes, dos sabores, dos fazeres de homens e de mulheres concreto(a)s em suas paixões, dramas e sonhos” (Barbosa e Silva, 2013, p. 118). Assim, contribuem para a superação de visões hegemônicas que invisibilizam a complexidade, a heterogeneidade, a “maximização das possibilidades econômicas, culturais e sociais, realizada pelos pobres, nos seus mais legítimos esforços para habitar a cidade” (p. 124). Dessa forma, as favelas deixam de ser encaradas como o “avesso da cidade”, locais de precariedades apenas, e passam a ser vistas como soluções encontradas pelos trabalhadores urbanos de baixa renda no enfrentamento das condições desiguais de vida resultantes da lógica privatista de instituir a política urbana, da destituição de direitos e da consequente segregação socioespacial.

O desafio posto a esses territórios pelos impactos da pandemia da Covid-19 só pode ser compreendido quando se permite o desvelar dessa dimensão invisibilizada das favelas, isto é, quando seus habitantes revelam as saídas encontradas para o enfrentamento de uma situação dramática em que, uma vez mais, pouco encontraram amparo nas políticas públicas. A invisibilidade e a incompreensão da favela real, vivida cotidianamente, dificulta, por exemplo, o entendimento de que “ficar em casa”, mote das campanhas de apelo ao distanciamento social com vistas ao estancamento da disseminação do novo coronavírus, tem significado particular para os moradores desses espaços populares. Isso porque, assim como para populações camponesas e povos tradicionais, “casa” tem um sentido diferente para as classes populares quando comparado àquele atribuído pelas classes médias e elites urbanas (Comerford, 2020).

No caso das favelas, “casa” não significa apenas residência. Sua função é alargada e, segundo Barbosa e Silva (2013, p. 123), pode significar oportunidades de geração de renda como “pequenos negócios de origem familiar, que se mantêm graças ao mercado local constituído na própria favela”, já que é assim que muitos trabalhadores conseguem driblar situações de desemprego, salários baixos e racismo estrutural, além de criar o que os autores chamam de mercado socialmente necessário de trabalho, de bens e de consumo. Comerford (2020, p. 139) ainda chama a atenção para outra dimensão da casa em espaços populares, dessa vez mais coletiva. Para o autor:

[...] a “casa” não é o espaço isolado de uma “família nuclear” em sua intimidade, mas um nó de uma configuração mais ampla, uma organização dinâmica onde cada “casa” está sempre em processo mais ou menos coletivo de construção, por onde pessoas circulam e compartilham recursos, oportunidades, espiritualidade, a criação das crianças e o apoio aos jovens e velhos, criando um sentimento de pertencimento e de “sentir-se em casa” que se manifesta em “saudades” quando se está distante. Tudo isso sem que deixem de ser significativos os limites entre as casas e famílias que compõem a configuração, ou as diferenças entre famílias e indivíduos, com suas trajetórias e pesos sociais distintos dentro de cada configuração.

Essas maneiras de ser e viver os espaços das favelas parecem exercer papel importante e crucial na mitigação de situações difíceis por que passam seus moradores. Com a pandemia não seria diferente. E se as características e significados das casas extrapolam o isolamento e a intimidade familiar, gerando preocupações e dificuldades em manter o distanciamento social, foram exatamente esses atributos que contribuíram para que ações organizadas pudessem acontecer em muitos desses territórios e atenuassem os duros efeitos da pandemia. Ainda para Comerford (2020, p. 146), “o conhecimento da situação local através de amplas redes de contatos, a experiência com processos de mobilização e a coragem e disposição de luta são evidentemente recursos



absolutamente fundamentais para situações como a atual, de enfrentamento da Covid-19.” E foi basicamente apenas com esses recursos, sem a ação efetiva do Estado, que os trabalhadores moradores das favelas tiveram que contar para enfrentarem um dos prováveis maiores desafios de suas vidas.

ORGANIZAÇÕES E FORMAS DE ENFRENTAMENTO: AS FAVELAS EM MOVIMENTO

Mobilizados por movimentos comunitários e sociais, tais recursos foram desenvolvidos, segundo Fleury e Menezes (2020), através de diferentes formas de ação que incluíam desde a garantia da subsistência e a comunicação comunitária até a prevenção, a produção de mapeamentos e dados, a veiculação de críticas ao poder público e a produção de planos de ação. Quanto à organização das ações, as autoras identificaram três tipos básicos, sendo uma delas a formação de frentes e gabinetes de crise e as outras duas relacionadas a ações múltiplas, não necessariamente unificadas no mesmo território, e ações pontuais, essas menos institucionalizadas.

Nesse sentido, ações importantes vêm sendo empreendidas por organizações construídas nas próprias favelas, muitas vezes articuladas com instituições e agentes nacionais e internacionais diversos, como é o caso do Observatório de Favelas, uma organização da sociedade civil voltada para a produção de conhecimento e levantamento de dados sobre as favelas e as periferias da cidade do Rio de Janeiro com o objetivo de acompanhar e incidir sobre as políticas públicas direcionadas a esses territórios. Essa organização foi criada em 2001, “[...] como um programa do Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade (IETS), com atividades apoiadas em dois eixos: pesquisa e formação, inicialmente na perspectiva de produzir conhecimentos que permitissem um novo olhar sobre as favelas e outros espaços populares”³. No atual momento da pandemia, as pesquisas desenvolvidas por essa entidade têm sido fundamentais para conhecermos as feições e os desdobramentos do espalhamento do coronavírus nessas áreas, bem como para os seus moradores planejarem ações de enfrentamento da questão sanitária.

Ao quantificar as atuações dos agentes no momento atual, estudo realizado pelo Observatório de Favelas do Rio de Janeiro (Braga et al., 2020) apontou a existência de diferentes coletivos que criaram e desenvolveram ações de enfrentamento à pandemia nas diversas favelas da cidade (Figura 2). Segundo os autores da pesquisa, prevaleceram nessas ações os grupos mobilizados por iniciativas locais de pequeno porte e os coletivos ou gabinetes de crise não formalizados, perfazendo um total de 65% das atividades levantadas. Já as organizações da sociedade civil formalizadas localmente foram responsáveis por 16,4% das iniciativas. Se o dado estatístico não chega a revelar as estratégias, de fato, dos moradores, ele nos indica que (a soma de) 81,4% das inicia-

tivas partem de agentes das próprias favelas – o que nos mostra uma forte organicidade na busca de soluções para as necessidades da população.

Outra importante informação sistematizada pelos pesquisadores se refere ao tempo de existência das organizações atuantes, já que muitas delas, mesmo os pequenos grupos, iniciaram suas ações antes da pandemia para o combate a outros tipos de problema. Em geral, quatro grupos majoritários foram identificados: aqueles com mais de 10 anos de existência (36%), os que foram criados em resposta à pandemia (28%), os que existem entre 4 e 9 anos (25%) e aqueles surgidos entre um e 3 anos (11%). O estudo ainda destaca a escala de abrangência das organizações e grupos, tendo a maior parte atuação restrita a uma favela/espço popular específico (32,1%) ou a um bairro (19,3%).

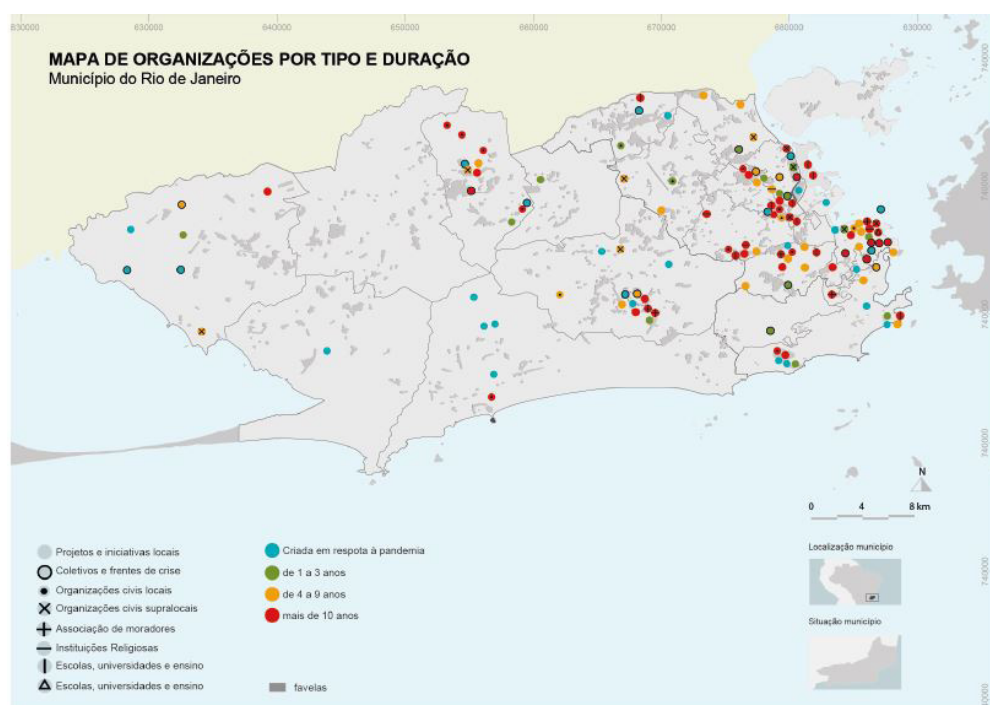


Figura 2: Distribuição das organizações protagonistas de ações de solidariedade na cidade do

Rio de Janeiro por tipo de atuação e tempo de existência.

Fonte: Braga et al. (2020).

Com relação aos recursos financeiros das ações, os autores afirmam que eles provinham quase exclusivamente de doações de pessoas físicas e de campanhas de financiamento com pouca participação do setor privado. Assim, os resultados da pesquisa evidenciam, mais uma vez, que o combate à pandemia nas favelas do Rio de Janeiro dependeu e depende essencialmente de movimentos e grupos de base local circuns-



critos às próprias favelas, muitos dos quais instituídos já no contexto da pandemia, financiados por parte da população através de doações individuais.

É preciso destacar que, entre as ações desenvolvidas, aquelas voltadas para a contagem de casos e óbitos⁴ vêm sendo fundamentais para o acesso à real dimensão das consequências da crise. A subnotificação de casos de covid-19, em geral no país, é alta, pois a testagem em massa não fez parte das políticas nacionais de monitoramento da pandemia⁵. Graças às iniciativas locais e comunitárias, foi possível compreender melhor as diversas formas de vínculo entre a disseminação da doença e as disparidades sociais.

Essas ações pouco têm visibilidade nos espaços externos às favelas. Contudo, existem organizações que se debruçam sobre a produção de notícias e informações, constituindo importantes canais de divulgação das ações dos moradores. Constituem canais que potencializam as falas da população, trazendo pontos de vista que não têm espaço nos meios hegemônicos. É o caso de veículos como o RioOnWatch⁶ e a Agência de Notícias das Favelas⁷ (ANF). O primeiro foi lançado em maio de 2010, pela organização Comunidades Catalisadoras⁸ como “um projeto na época pensado para **ampliar a visibilidade internacional às vozes das favelas** na prévia dos Jogos Olímpicos de 2016, a serem realizados no Rio de Janeiro”⁹ (grifos nossos). Nove anos antes, em 2001, a ANF já havia sido criada para “[...] atender a demanda da imprensa e da sociedade que precisavam obter informações sobre que acontecia no contexto das favelas do Rio de Janeiro”. Em 2005, ela foi “[...] instituída como uma ONG para levar adiante a luta pela democratização da informação da favela para o mundo, **tendo como protagonistas seus próprios moradores**” (grifos nossos). Os dois jornais aqui citados trabalham com pautas referentes a demandas das favelas e contam com a participação e colaboração de moradores na produção das matérias.

No contexto atual, esses veículos nos ajudam a dar nome aos dados sobre a questão das ações de enfrentamento da pandemia, como é o caso da série “Coronavírus no Dia a Dia das Favelas”, na seção “por Correspondentes Comunitários”, do RioOnWatch:

Nós, mobilizadores comunitários, que já estávamos trabalhando juntos para minimizar as questões das enchentes, percebemos que deveríamos estar ainda mais unidos para enfrentar a pandemia. Especialmente diante da falta de ação do poder público e da vulnerabilidade das favelas.

A iniciativa para ajudar os moradores se deu pela união dos grupos da Vila Aliança: o Núcleo Sociocultural Caixa de Surpresa, o grupo de Barbeiros e os times de futebol. Unidos conseguimos recolher doações e auxiliar os moradores de Vila Aliança e de favelas próximas como a Favela do Muquiço. Para enfrentar a pandemia unidos fomos aos bares, campos de futebol e praças, onde a população comentava e conversava sobre o assunto para passarmos informações. Agora, com mais propriedade e sa-

bendo as atitudes que deveríamos tomar para nos proteger desta grande batalha pela vida, a todo momento deixávamos claro para a comunidade que a luta era de todos por todos¹⁰.

No texto do agente comunitário os moradores e os grupos são sujeitos da história, as demandas são reais e os lugares da favela Vila Aliança são citados como espaços de sociabilidade. As estratégias são construídas coletivamente, com uma lógica própria de organização a partir das relações cotidianas. É possível que essa seja uma das ações capturadas nos dados do Observatório de Favelas, mas é possível que tenha escapado ao registro, dada a aparente espontaneidade da forma como foi produzida. A questão é que o relato ao mesmo tempo denuncia a condição e anuncia a força dos sujeitos imbricados na resposta às suas necessidades imediatas como comunidade.

Os veículos de comunicação de base comunitária colocam em evidência a potência das favelas, não apenas para a população externa a elas, mas, sobretudo, aos demais moradores dessas áreas. Talvez o exemplo mais significativo de veículo organicamente construído com essa intenção seja o jornal *A Voz das Comunidades*¹¹. Ele foi criado em 2005, por um menino de onze anos de idade, em uma escola municipal da comunidade do Morro do Adeus, no Conjunto de Favelas do Alemão. Assim o próprio jornal descreve o início da sua história¹²:

Aos 11 anos de idade, Rene Silva dos Santos, quando estudava na Escola Municipal Alcides de Gasperi, no bairro de Higienópolis, próximo da comunidade onde vive até hoje, no Morro do Adeus, criou o jornal *VOZ DA COMUNIDADE* após participar durante 3 meses de um jornal que já existia dentro da escola, criado por alunos do grêmio estudantil para mostrar o que acontecia dentro do ambiente escolar e propondo melhorias na qualidade de educação.

Rene insistiu muito pra participar do jornal escolar, pois geralmente quem entrava eram alunos dos últimos anos e ele ainda estava na 5ª série. Depois que entrou pra equipe do *JORNAL VIP*, nome dado ao folheto bimestral da escola, começou a observar mais os problemas sociais que existiam entre sua comunidade e a escola. “Eram muitos lixos pelas escadas, ruas cheias de buracos e falta de saneamento básico em muitos lugares” – conta Rene, que com apoio das diretoras Talma Romero Suane e das professoras Adelaide, Monica e Ivanise para criar um jornal pra mostrar a realidade dos moradores do Morro do Adeus.

Hoje, Rene é editor-chefe do jornal, que mantém a proposta de apresentar as narrativas e pontos de vista dos moradores das favelas. Em meio à crise sanitária, econômica e política vivida no país e em especial no Rio de Janeiro, o jornal apresenta dados atualizados do coronavírus nas favelas, notícias de ações de enfrentamento e divulgação de moradores vitimados pela doença. Há um elemento na sua história que chama



a atenção: ele foi criado em uma escola pública municipal. Esse fato coloca novamente na discussão a questão do direito à educação como algo que deve ser entendido de maneira ampliada. Estamos falando do direito ao acesso a conhecimentos, a formas de produção de conhecimento, a possibilidades de construção de relações sociais e de condições para que tudo isso aconteça. No momento atual, há uma linha tênue que liga esse direito ao direito à vida.

A NEGAÇÃO E A LUTA PELO DIREITO À EDUCAÇÃO E O DIREITO À VIDA NAS FAVELAS

Algumas análises da taxa de letalidade, por exemplo, revelaram a influência da escolaridade no desfecho de casos de Covid-19. Estudo realizado com base em informações obtidas em diferentes municípios brasileiros, no mês de maio de 2020 (Batista et al., 2020), apontou forte relação entre o número de óbitos e o nível de escolaridade e com a cor ou raça do paciente. Os pesquisadores perceberam que enquanto 71% dos pacientes sem escolaridade faleceram, 23% dos que tiveram esse mesmo desfecho possuíam ensino superior. Isso significa dizer que as chances de sobrevivência dos pacientes estão relacionadas, em grande medida, ao acesso à escolarização e que “[esse] efeito pode ser resultado de diferenças de renda, que geram disparidades no acesso aos serviços básicos sanitários e de saúde” (Batista et al., 2020, p. 5), além das desigualdades na garantia do próprio direito à educação.

Quando se examina o nível de escolaridade das pessoas que vivem nas favelas cariocas, percebe-se que esse direito foi e está sendo negado de maneira contundente há muito tempo. A partir da análise da distribuição espacial da população com 15 anos ou mais de idade sem instrução ou com o Ensino Fundamental¹³ incompleto (Figura 3) é possível concluir que os bairros onde há presença significativa de favelas apresentam indicadores que chegam, nos piores casos, a 87% de pessoas jovens e adultas que não finalizaram o nível elementar da educação brasileira. O quadro revela não só a dificuldade do poder público em garantir a permanência e a conclusão da educação básica pelas crianças e adolescentes das classes populares, como também a falta de políticas que assegurem o direito à educação de jovens e adultos trabalhadores.

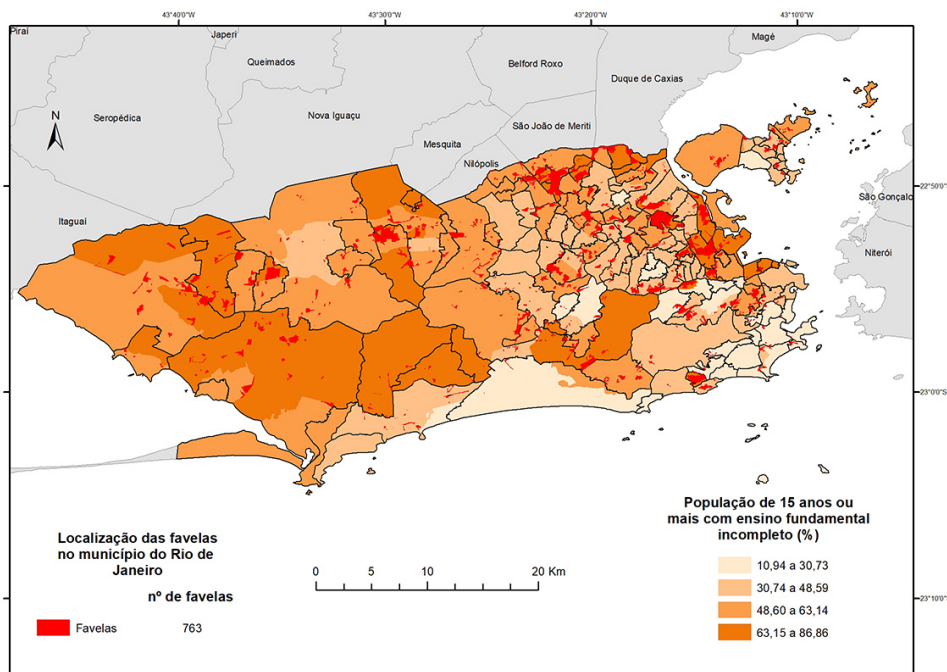


Figura 3: População com 15 ou mais anos sem instrução ou com Ensino Fundamental incompleto na cidade do Rio de Janeiro (2010).

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010).

Organizado por Emilio Reguera Rua.

Como a educação é um direito social e humano que, em muitos sentidos, pode favorecer à luta e à conquista de outros direitos básicos, dentre os quais o direito à saúde, à moradia e ao trabalho digno, julga-se essencial conhecer e compreender a situação das escolas e do processo de escolarização das crianças e jovens dos territórios das favelas no atual contexto de pandemia da covid-19.

Atualmente, a situação de excepcionalidade tem sido pretexto para uma redução do papel da educação e das escolas públicas. O seu caráter de espaço de socialização e os seus sentidos construídos com a comunidade vêm sendo tensionados por agentes empresariais e pelo próprio Estado. O *direito à educação* se converte nos *direitos de aprendizagem*, presentes nos atuais textos e discursos políticos que tentam impor às escolas uma função principal de repasse de conteúdos prescritos. No entanto, as escolas são os prédios onde desabrigados de enchentes e deslizamentos buscavam abrigo, espaços apropriados pelas comunidades em festas e reuniões diversas, espaços onde as mães deixam seus filhos em segurança enquanto trabalham. Neste período, são vários os relatos de diretores e professores sobre mães, pais e avós que os procuram para algum tipo de ajuda, seja por comida ou emprego. Ainda em 2020, professores de escolas da favela Vila Cruzeiro fizeram uma campanha de arrecadação de recursos para a compra de cestas básicas (Figura 4).



apoio: VILA CRUZEIRO RJ [facebook]

ATENÇÃO

PROFESSORES FAZENDO A CHAMADA!

VILA CRUZEIRO URGENTE

PROFESSORES DA REDE PÚBLICA DA VILA
CRUZEIRO CONVOCAM AMIGOS E
COLABORADORES PARA UMA CAMPANHA
DE ARRECADAÇÃO DE FUNDOS
PARA COMPRA DE CESTAS BÁSICAS
PARA FAMÍLIAS EM DIFICULDADE
POR CONTA DA QUARENTENA

ITAU Ag.0312 // Conta 37266-7/500
CPF 026183367-71 Claudia Regina Sacramento de Souza

#FIQUEEMCASA

apoio: www.interiortvrj.com



arte: Marcus Galifa

Figura 4: Material de divulgação de campanha de arrecadação de recursos para as redes sociais.

A iniciativa foi importante, porém, quando observamos nos dados do Observatório de Favelas, vemos que ela está dentro de uma categoria de 5% referentes às ações de escolas e universidades. O fato nos leva a refletir sobre as distâncias entre as instituições e as comunidades e sobre lutas cotidianas dos moradores por direitos básicos constantemente negados. Direitos que, na cartilha do capital, são interpretados como serviços e submetidos a racionalidades de mercado e de consumo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

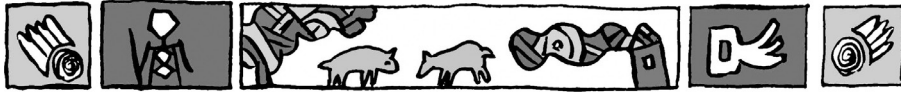
Os movimentos de enfrentamento dos impactos da pandemia em curso nas favelas da cidade do Rio de Janeiro são reveladores dos conflitos inerentes às nossas relações sociais e estruturas políticas. Enquanto no dia 16 de janeiro de 2021, o “Painel Covid-19 nas Favelas¹⁴⁷” anunciou o número acumulado de mil mortos pela doença nas

favelas cariocas, o ano de 2020 teve a marca de 1.245 vítimas fatais por intervenção do agente do Estado¹⁵ – termos institucionais para classificar as mortes em ações e operações policiais. A epidemia é um evento drástico e atinge as favelas do Rio de Janeiro combinada com outros tantos já em curso, que fazem com que ganhem uma configuração própria, em cada favela, ao seu modo. Quer dizer, a pandemia não é a mesma nos bairros de classe média e nas periferias da cidade. A “cidade do colono”, como diria Fanon, não precisa lidar com a ameaça do coronavírus em conjunto com a fome, a violência policial, o desemprego e o somatório de outras tantas doenças socioespacialmente distribuídas.

Mas, a população das favelas tem de enfrentar essa nova ameaça de morte combinada às anteriores; a mesma população se vê agora tensionada também por novos padrões de comportamento protocolares sanitários, e que são rapidamente incorporados aos antigos códigos culturais de distinção. Porém, as denúncias das questões estruturais, das perversidades do sistema e dos processos de reprodução de relações de opressão, porém, não são um retrato definitivo da questão. Em meio às estruturas e as manifestações das políticas, existem os sujeitos que recebem, enfrentam, incorporam, negam, mimetizam, reinventam e se inventam, nas condições historicamente existentes.

A luta das populações das periferias pelo reconhecimento dos seus direitos elementares, hoje, se inscreve nas lutas pela manutenção da vida, uma vez que esses sujeitos estão submetidos às forças de um Estado que assume, em grande medida, pressupostos de soberania pautados na necropolítica (MBEMBE, 2018). Isso nos leva a concluir que o direito à vida passa pelas possibilidades de participação política e de participação nas políticas. Passa, portanto, pelas possibilidades de se apropriar das ações e dos espaços da política. Talvez o direito à saúde e o direito à moradia sejam os mais explícitos, nesse sentido. Mas, entendemos que o direito à educação também se articula de maneira visceral a esse debate. Afinal, não é coincidência que apenas 5% das ações desenvolvidas nesse período sejam oriundas de escolas e universidades, assim como não é coincidência que os dados aqui mostrados indiquem uma relação entre escolaridade e mortalidade.

Em meio a recusas, e negações de direitos, as periferias inventam suas vidas. Por baixo das camadas de notícias, informações e análise *sobre* as favelas, existem os moradores, os sujeitos que habitam esses espaços, produzindo formas próprias de lidar com as adversidades impostas pelo sistema, não apenas resistindo a elas, mas produzindo conhecimentos, fortalecendo relações de pertencimento e construindo suas histórias e seus espaços. Do menino de onze anos do Conjunto de Favelas do Alemão que iniciou a construção de um veículo de comunicação, aos moradores da Vila Aliança que desenvolveram formas solidárias de lidar com o drama da precariedade material para enfrentar os desdobramentos da pandemia, passando pela produção e sistemati-



zação de dados, feita pelo Observatório de Favelas, pulsam as potências das relações construídas nesses espaços, pelos seus habitantes.

NOTAS

1. Fonte: Organização Mundial da Saúde (OMS). Disponível em < <https://covid19.who.int/>>. Acessado em 01 de maio de 2021, às 10h40min.
2. Esclarecemos que o nosso conhecimento sobre as perspectivas dos professores daquelas escolas se dá por dois motivos. O primeiro, informal, pelo fato de os autores deste texto terem sido professores das redes públicas municipal e estadual do Rio de Janeiro e com isso terem contatos e conversas frequentes com professores e as escolas, ainda hoje. Segundo, por ações institucionais formais, como pesquisas com docentes da educação básica, projetos de extensão universitária e atuação em cursos de formação continuada com professores dessas escolas.
3. Fonte: site do Observatório de Favelas, disponível em < <https://of.org.br/nossa-historia/>>, acessado em 10 de maio de 2021, às 17h50min.
4. Dentre os quais, destacam-se, entre outros: Painel Unificador Covid-19 nas Favelas do Rio de Janeiro (<https://experience.arcgis.com/experience/8b055bf091b742bca021221e8ca73cd7>), Voz das Comunidades (<https://painel.vozdascomunidades.com.br>), Corona nas Favelas – Frente Maré (<https://datastudio.google.com/u/0/reporting/ceb26582-afc7-4357-b65f-3727c18b3d5a/page/rYxKB>), Painel Covid-19 Santa Marta (https://wikifavelas.com.br/index.php?title=Painel_Covid-19_Santa_Marta), Painel Covid-19 na Rocinha (<https://falaroca.com/category/coronavirus>).
5. É importante lembrar a postura negacionista da Presidência da República em relação à pandemia. Tal postura causou reflexos negativos em várias políticas necessárias, como a inexistência de testagem em massa, a falta de incentivo ao distanciamento social e uso de máscaras através de publicidade oficial, além do mundialmente conhecido comportamento do próprio presidente do país ao provocar aglomerações e emitir declarações contrárias que desacreditavam os efeitos sanitários da pandemia. Ver reportagens: <<https://www.terra.com.br/noticias/brasil/politica/relembre-as-frases-polemicas-de-bolsonaro-sobre-a-pandemia,61d-222c42a1a30f2cde281a03976f712il3firg8.html>>, <<https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2021/03/4910658-em-recorde-de-mortes-diarias-governo-coleciona-falas-que-minimizam-a-pandemia.html>>.
6. Ver site <<https://rioonwatch.org.br/>>.
7. Ver site <<https://www.anf.org.br/>>.
8. Organização que funciona como uma rede colaborativa de ações internas e outras de origem externa às favelas. Ver site <<https://comcat.org/>>.
9. Disponível em <https://rioonwatch.org.br/?page_id=2>, acessado em 13 de maio de 2021, às 22h15min.
10. Trecho extraído do texto “Coronavírus no Dia a Dia das Favelas, Parte 6: Vila Aliança se

Mobiliza pelo Isolamento Social, de Wilson Correa, articulador comunitário na favela Vila Aliança, disponível em <https://rioonwatch.org.br/?p=46400#prettyPhoto>, acessado em 13 de maio, às 23h40min.

11. Ver site < <https://www.vozdascomunidades.com.br/>>.
12. Disponível em < <https://www.vozdascomunidades.com.br/nossa-historia/>>. Acessado em 13 de maio de 2021, às 17h30min.
13. No sistema educacional brasileiro, o Ensino Fundamental é o nível de escolaridade obrigatório e elementar indicado para crianças e adolescentes entre 6 e 14 anos de idade.
14. Seção do jornal “A Voz das Comunidades”, disponível em <https://www.vozdascomunidades.com.br/destaques/painel-covid-19-nas-favelas-registra-1-000-mortes-em-comunidades-do-rio/>. Acessado em 14 de maio de 2021, às 19h.
15. Dados do Instituto de Segurança Pública (ISP) do Estado do Rio de Janeiro. Ver site <http://www.isp.rj.gov.br/>.

REFERÊNCIAS

- A VOZ DAS COMUNIDADES, (2021). Disponível em: <<https://www.vozdascomunidades.com.br/>>. Acesso em: 13 de maio de 2021, às 17h30min. (Jornal online).
- AGÊNCIA DE NOTÍCIAS DAS FAVELAS (2021), Disponível em <<https://www.anf.org.br/>>. Acesso em: 13 de maio de 2021, às 20h30min (Jornal online).
- BARBOSA, Jorge L.; SILVA, J. S. (2013). As favelas como territórios de reinvenção da cidade. *Cadernos do Desenvolvimento Fluminense*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 115-126, fev. 2013. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/cdf/article/view/9062>. Acesso em: 20 jul. 2018.
- BATISTA, Amanda et al. (2020). Análise socioeconômica da taxa de letalidade da COVID-19 no Brasil. Nota técnica 11/2020. Rio de Janeiro: Núcleo de Operações e Inteligência em Saúde - NOIS/PUC-RJ, Disponível em: <https://sites.google.com/view/nois-pucio/publica%C3%A7%C3%B5es>. Acesso em: 25 jul. 2020.
- BRAGA, A.; BARBOSA, K.; BARBOSA, J. L.; TEIXEIRA, L. (2020). *Ações populares de combate à pandemia no Rio de Janeiro: a favela como referência. Mapa social do Corona*. 11 ed. Rio de Janeiro: Observatório de Favelas, 2020. Disponível em: <http://of.org.br/wp-content/uploads/2020/12/Mapa-Social-do-Corona-11-1.pdf> Acesso em: 10 mai. 2021.
- CARLOS, A. F. A. (2016). A prática espacial urbana como segregação e o “direito à cidade” como horizonte utópico. In: VASCONCELOS, P.; CORRÊA, R. L.; PINTAUDI, S. M. *A cidade contemporânea: segregação espacial*. São Paulo: Contexto.
- COMERFORD, J. (2020). “Fique em casa!” Mobilidade, mobilização e território na pandemia. In: BERNO, A. W.; MARIN, R. E. A.; MELO, E. A. (Orgs.). *Pandemia*



e território. São Luís: UEMA Edições/ PNCSEA.

- FANON, F. (2005). *Os condenados da terra*. Juiz de Fora: Editora UFJF,
- FLEURY, S.; MENEZES, P. (2020). Pandemia nas favelas: entre carências e potências. *Saúde em debate*, Scielo Preprints, out. 2020. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/1319>. Acesso em: 14 de maio de 2021.
- HARVEY, D. (2020). Política anticapitalista em tempos de covid-19. In: DAVIS, M.; HARVEY, D.; BIHR, A.; ZIBECCHI, R.; BADIOU, A.; ZIZEK, S. *Coronavírus e a luta de classes. Terra sem Amos*. Brasil, 2020.
- IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (2020). Aglomerados Subnormais 2019: classificação preliminar e informações de saúde para o enfrentamento à COVID-19. Nota técnica 01/2020. Rio de Janeiro: IBGE.
- MBEMBE, A. (2018). *Necropolítica*. São Paulo: n-1 edições.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE - OMS (2021). WHO coronavirus (COVID-19) Dashboard. Disponível em <https://covid19.who.int/>. Acesso em: 01 de maio de 2021.
- RIOONWATCH (2021). RIOONWATCH - Jornal online. Acesso em: 13 de maio de 2021, às 23h40min
- SANTOS, M. (1994). O retorno do território. In: SANTOS, M., SOUZA, M. A. A. de, SILVEIRA, M. L. *Território: globalização e fragmentação*. São Paulo: Editora HUCITEC.
- VALLADARES, L. do P. (2005). *A invenção da favela – Do mito de origem a favela.com*. Rio de Janeiro: FGV Editora.

Turismo de base comunitária Quilombola Na Bahia – (Brasil): uma práxis educativa decolonial e transmoderna

Tássio Simões Cardoso

Professor de História da Rede Pública do Estado da Bahia.

Membro do Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Representações,
Educação e Sustentabilidade (Gipres- UNEB)

Correio electrónico: tassioeducacao@gmail.com

Natanael Bomfim Reis

Professor, Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEDuc)
Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

Líder do Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Representações, Educação e
Sustentabilidade (Gipres-UNEB)

Correio electrónico: nreisbomfim@gmail.com

Para o Mestre Luciano Santos

INTRODUÇÃO

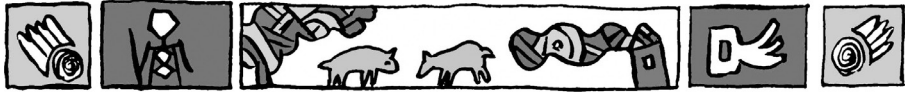
Este estudo, de abordagem qualitativa, originado de uma pesquisa doutoral, financiado pela Fundação de Amparo e Pesquisa da Bahia (FAPESB) e vinculado ao Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), foi realizado no contexto da Comunidade do Quilombo Quingoma, Bahia, Brasil. Teve como objetivo analisar as práticas socioeducativas existentes no território quilombola do Quingoma (BA), a fim de contribuir com o desenvolvimento de um TBC, enquanto práxis decolonial e transmoderna, capaz de promover uma maior

sustentabilidade a partir da valorização das matrizes culturais locais. Noutras palavras, isto implica em apreender elementos das culturas ancestrais existentes nas práticas socioeducativas decoloniais e transmodernas como forma de se pensar um Turismo de Base Comunitária (TBC) na sua contemporaneidade e heterogeneidade.

Esta temática incide sobre os debates social e científico, contemplando fenômenos da educação, políticas públicas por dentro, aquelas que emergem das comunidades autônomas e práticas socioeducativas solidárias e sustentáveis. Por isso, os estudos latino-americanos se inserem em dois eixos: o primeiro contribui para um conhecimento mais amplo acerca do paradigma da decolonialidade, uma vez que “denota práticas epistêmicas de reconhecimento e transgressão da colonialidade, que se produzem na América Latina e outras regiões colonizadas como resposta à situação de dominação” (MOTA NETO, 2016, p. 318). No bojo dessa reflexão decolonial, a noção filosófica dusseliana de transmodernidade é evidenciada como um horizonte utópico possível, no qual o diálogo crítico entre as culturas que foram e ainda são oprimidas pelo eurocentrismo nos oferece novos campos de lucidez para pensar ensaios civilizatórios transgressores, tendo em vista a resolução criativa de problemas complexos e imprevisíveis da contemporaneidade.

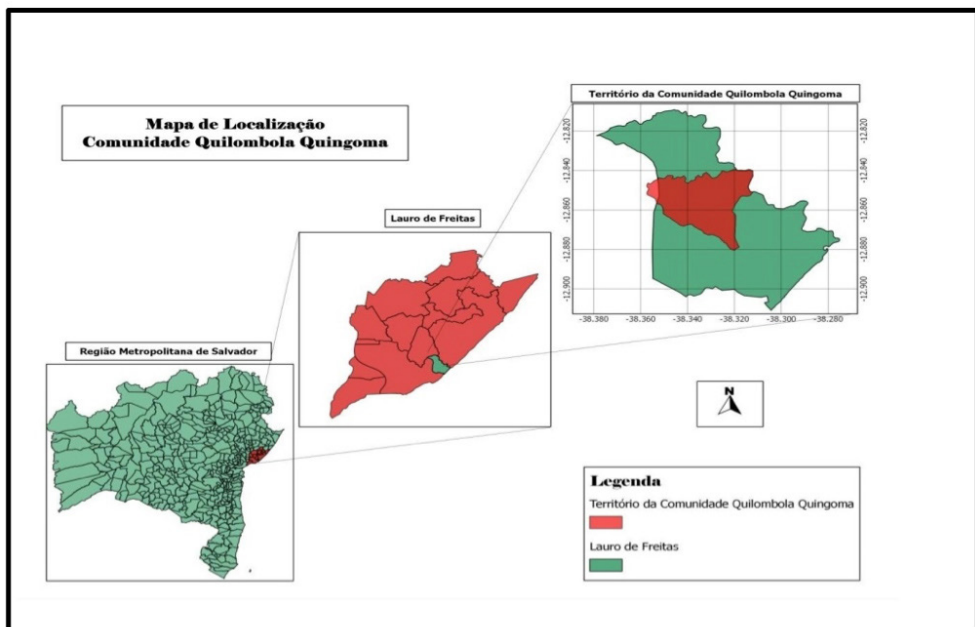
O segundo eixo nos permite refletir criticamente sobre a problemática do TBC no Brasil, ou seja, acerca de um turismo contra-hegemônico, realizado em escala local e ancorado numa prática social complexa. Nessa perspectiva promove o fomento do sentido coletivo de comunidade, além de contribuir com a promoção de uma maior qualidade de vida por meio da adoção de práticas econômicas solidárias e sustentáveis, voltadas para a valorização das matrizes culturais locais (IRVING, 2009).

Pelo exposto, o presente estudo se transversaliza entre os dois eixos, quando enfatiza o conceito de práticas socioeducativas, não como um simples exercício do cotidiano, pois consiste na impossibilidade de práticas de um tempo e um espaço não vividos, mas sim como idealização sobre o devir que se pauta na esperança, na solidariedade, na organização coletiva de uma comunidade que busca, na realização dessas práticas socioeducativas, o fortalecimento identitário nos coletivos de pertencimento. Pimentel, Bomfim e Santana (2021, p. 48) afirmam que as comunidades periféricas, aqui traduzidas como tradicionais, promovem práticas socioeducativas “em espaços educativos não formais considerados espaços sociais”. Para esses autores, tais práticas se apresentam em três dimensões: socioafetivas, ou diferentes linguagens disseminadas pela música, dança, literatura, entre outras; funcional - quando elas fornecem informações significativas para a compreensão dos valores construídos pelos atores sociais, no contexto da família, da escola, dentre outros espaços de formação; finalmente, a atitudinal - que considera valorizar os atos de investimentos desses povos, como experiências formativas em arte e educação capazes de contribuir para a quebra de estigmas modernos e paradigmas eurocentrados, mediante o fortalecimento de redes colaborativas decoloniais e transmodernas.



Nesse contexto se insere a Comunidade quilombola do Quingoma, localizada no município de Lauro de Freitas, região metropolitana de Salvador (Bahia-Brasil), Zona Turística Costa dos Coqueiros. O território do Quingoma foi classificado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010) como “Área urbanizada de cidade”, embora apresente aspectos de ruralidade. Faz parte da Área de Preservação Ambiental Joanes-Ipitanga, (64.463 hectares), que abrange também os municípios de Camaçari, Simões Filho, São Francisco do Conde, Candeias, São Sebastião do Passé, Dias D’Ávila e Salvador.

Figura 1 - Mapa de localização do Quingoma



Fonte: Relatório Antropológico do INCRA (2016).

É importante destacar que a comunidade foi reconhecida pela Fundação Palmares como Quilombola, mas ainda não recebeu a titulação do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). Assim, enquanto não há o reconhecimento legal das fronteiras do território, abre-se espaço para a exploração imobiliária e ação de grileiros.

Diante dessas notas introdutórias, é possível perceber, empiricamente, que existe na problemática que desenha esta linha argumentativa uma relação intrínseca entre as práticas socioeducativas quilombolas e o Turismo de Base Comunitária (TBC). Nesta perspectiva, a percepção sobre o modo de vida ancestral quilombola que atravessa os séculos e guarda práticas, saberes e tecnologias, fundamentais para se pensar numa outra contemporaneidade, é um dos desafios epistemológicos desta pesquisa de natureza qualitativa.

200 Turismo de base comunitária Quilombola Na Bahia

Desse modo, defende-se aqui um fazer científico que atenda às necessidades do espírito humano ao passo que reconheça seus limites e crie campos de transformação da realidade social. Propõe-se, assim, diálogos entre as práticas socioeducativas e suas interfaces com o TBC, reconhecendo o quilombo na condição de um chão epistêmico decolonial e transmoderno de onde insurgem outros modos de ser, viver e aprender. Portanto, uma questão foi formulada e assim se inscreve: como as práticas socioeducativas do Quilombo Quingoma contribuem para o desenvolvimento do TBC, enquanto práxis decolonial e transmoderna, capaz de promover uma maior sustentabilidade e uma valorização das matrizes culturais locais?

Para tal, adotamos a metodologia investigação-ação-participante que busca, por meio da relação dialógica, criar espaços outros para debater, discutir, analisar, intervir e produzir conhecimentos locais e ancestrais fundados numa epistemologia decolonial, alteridade e política (WALSH, 2007; FALS BORDA, 2009), considerando dimensões próprias de cada contexto social.

Estes objetivos se alinham ao presente texto quando buscamos descrever o contexto do processo histórico de formação do Quilombo Quingoma, com suas matrizes identitárias e sua organização social e política. Também quando delineamos uma breve discussão sobre o aporte teórico-conceitual acerca da decolonialidade, transmodernidade e conceitos de TBC enquanto processos civilizatórios insurgentes fecundados nas brechas e fissuras de uma modernidade decadente. Segue a trilha metodológica do estudo, análise e interpretação dos dados empíricos sobre as práticas socioeducativas desenvolvidas pelos quilombolas do Quingoma. A partir dessas práticas, apreendemos os elementos-chave capazes de contribuir para o desenvolvimento de ações educativas que promovam o Turismo de Base Comunitária, enquanto práxis decolonial e transmoderna. Nas considerações finais, apresentamos uma breve proposta de estratégias de planejamento e desenvolvimento de ações para o Turismo de Base Comunitária.

TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA: CONCEITOS E PRÁTICAS

O turismo de base comunitária (TBC), ou turismo comunitário, consiste em uma forma contra-hegemônica de organização social ancorada numa prática turística de dimensão local na qual a comunidade, por meio de dispositivos de autogestão social, define os roteiros, os produtos comercializados e os aspectos do modo de vida tradicional que serão transformados em atrativos turísticos. Neste prisma, nota-se a importância do protagonismo comunitário em todo o plano de gestão do turismo. São os atores comunitários que definem quais, quando, como e para quem os bens e serviços turísticos serão ofertados (FABRINO; NASCIMENTO; COSTA, 2017). Nesta visada, defendemos que esta modelagem social, fruto de práticas socioeducativas populares e



insurgentes, ou seja, decoloniais e transmodernas, pois ela é gestada pela comunidade a partir dos seus próprios recursos e valores, os quais são atravessados por elementos culturais tributários de uma cosmovisão exterior ao eurocentrismo.

Ademais, para sistematizar uma noção conceitual do TBC, tomamos como referência o próprio conceito formulado pelo Ministério de Turismo do Brasil (Mtur, 2010), que aponta um conjunto de princípios e fundamentos norteadores desse turismo insurgente, a saber: i) autogestão; ii) associativismo e cooperativismo; iii) democratização de oportunidades e benefícios; iv) cooperação solidária; v) valorização da cultura local e do patrimônio natural.

O desenvolvimento destas iniciativas de TBC começa a ganhar destaque na contemporaneidade, despertando atenção de pesquisadores, ONGs e instituições oficiais, a partir de um conjunto de mudanças no cenário nacional e internacional. Tais transformações foram didaticamente sistematizadas por Irving (2009) e envolvem: i) interpretação política do turismo como uma alternativa para a superação das desigualdades e injustiças sociais; ii) fortalecimento de temas como economia solidária, participação social e governança democrática; iii) adoção por parte de empresas, ONGs e governos de projetos voltados para a responsabilidade social e desenvolvimento humano; (iv) mudança sutil no perfil dos turistas, sujeitos mais sensíveis às questões socioambientais; (v) exigência de um turismo mais comprometido com o desenvolvimento social das comunidades receptoras; (vi) emergência dos debates sobre o “turismo e sustentabilidade”.

Vale ressaltar, ainda, que no contexto atual, em que a crise sanitária provocada pela Covid 19 afetou drasticamente o turismo¹, bem como desnudou e agravou problemas sociais crônicos como desemprego, fome, déficit educacional, dentre outros, sobretudo na realidade dos países periféricos como o Brasil, as referidas transformações poderão ser ainda mais avivadas diante desse novo cenário pandêmico de múltiplas incertezas, no qual...

o turismo, em bases sustentáveis, não poderia ser orientado apenas pelas prioridades e demandas do mercado. E mesmo que essa leitura possa parecer, a princípio, utópica, o compromisso ético com as questões socioambientais do desenvolvimento e com as gerações futuras no contexto de uma sociedade em crise, tende a ser um caminho sem volta em planejamento turístico, principalmente quando se considera o contexto da Pandemia da Covid-19, a qual parece não deixar dúvidas sobre essa afirmação (IRVING; COELHO; ARRUDA, 2020, p. 86).

Diante do exposto, colocamos em relevo o fato de que a pandemia trouxe múltiplos desafios para o TBC no Brasil, talvez, uma quantidade considerável de iniciativas, sobretudo aquelas que não conseguiram consolidar os processos de autogestão social e planejamento estratégico, tenham dificuldades de retomar suas atividades no proces-

so de reabertura da atividade turística. Desse modo, num contexto de uma sociedade atravessada por múltiplas crises – política, econômica, social e sanitária - faz-se necessário, do ponto de vista acadêmico e social, avançar no conhecimento dessas experiências e das comunidades que as protagonizam.

A maioria das experiências de TBC incorpora, de forma consciente ou não, princípios e valores da economia solidária, da visão agroecológica e da concepção emancipatória da educação. Entende-se aqui a Economia Solidária como um caminho alternativo à economia hegemônica capitalista, ou seja, um conjunto de atividades econômicas - de produção, distribuição, consumo, poupança e crédito - que tem como base a autogestão social, os valores democráticos, a solidariedade e a cooperação. Neste prisma, as práticas de economia solidária estão baseadas na construção utópica de uma sociedade ambientalmente sustentável e socialmente justa, tendo como horizonte a satisfação das necessidades humanas, bem como o desenvolvimento comunitário. (SINGER, 2002). Já a visão agroecológica envolve conhecimentos transdisciplinares - teóricos e empíricos - que visam possibilitar o desenvolvimento de agroecossistemas sustentáveis e, por extensão, a preservação da biodiversidade e o aumento da qualidade de vida da população local (EMBRAPA, 2016).

Do ponto de vista da construção de uma educação emancipatória, as experiências de TBC são atravessadas por processos educacionais críticos, contextuais e libertários, pois é comum nos roteiros comunitários a construção de diálogos e reflexões entre os anfitriões e turistas sobre políticas públicas, cultura, meio ambiente, bem como as problemáticas sociais que afligem o cotidiano da comunidade. Neste sentido, há um alinhamento ou mesmo influência, direta ou indireta, da concepção educacional de Freire (2005) quando tal autor afirma que o processo de humanização dos oprimidos envolve o reconhecimento e a libertação das forças opressoras que os oprimem. Assim, nesta luta constante contra a opressão, o racismo, a necropolítica, o ser humano, no desenvolvimento de uma consciência crítica, se reconhece enquanto um ser de direitos e agente transformador da sua própria realidade.

Vale destacar que no Brasil as iniciativas de Turismo de Base Comunitária são protagonizadas por grupos sociais diversos, a saber: reservas indígenas, comunidades quilombolas, assentados da reforma agrária, ribeirinhos, coletivos periféricos urbanos, caiçaras, dentro outros (MORAES, 2019). Esse mosaico reflete a diversidade de vivências que os roteiros comunitários proporcionam para os excursionistas e turistas, possibilitando, dessa forma, uma imersão autêntica e memorável no modo de vida tradicional destes grupos. No TBC, o turista aprende a aprender a partir do modo de vida tradicional da comunidade que o acolheu. Trata-se, então, de uma prática turística de imersão, uma imersão afetiva, e, por assim dizer, regenerativa.

Estas vivências ensejam práticas socioeducativas decoloniais e transmodernas voltadas para a preservação da cultura tradicional e da biodiversidade local. Assim, en-



volvem a visitação de sítios históricos e sagrados, realização de trilhas, caminhadas, mutirões, plantio simbólico, banho de rio, observação de pássaros, contemplação do pôr do sol, apreciação da culinária local, práticas com o artesanato, contação de histórias e as danças tradicionais, terapias de cura, bem como apresentações artísticas de teatro e poesia, além de uma série de outras práticas que desvelam um Brasil autêntico e profundo.

Não cabe aqui descrever as inúmeras experiências de TBC espalhadas pelos recônditos do Brasil profundo e plural. Entretanto, citaremos, de forma sucinta, algumas destas experiências para convidar o leitor a ter algum marco de referência.

Uma das primeiras iniciativas de TBC no Brasil foi o projeto Prainha do Canto Verde. Este projeto surgiu como uma política de resistência em relação ao Programa de Desenvolvimento do Turismo no Nordeste (PRODETURNE)², cuja implementação na região não levou em consideração os direitos e anseios da comunidade, a qual, por sua vez, via o seu território constantemente sendo ameaçado pela intensa especulação imobiliária e outros fenômenos nocivos ocasionados pelo Turismo de Massa, como a prostituição e o aumento da violência. Desse modo, a comunidade em questão resolveu se organizar para planejar e executar sua própria prática turística, com autonomia e protagonismo, voltada para valorização da cultura local, a defesa do território, a geração de renda e trabalho (MORAES 2019; MENDONÇA, 2004). Neste projeto, é possível o turista fazer passeios da jangada, catamarã, trilhas ecológicas, apreciar a culinária local, dentre outras atividades.

Há, também, como referência de TBC no Brasil o projeto: “Rota da Liberdade”, realizado desde 2009 por comunidades quilombolas da Bacia e Vale do Iguape (Cachoeira - Bahia), sua programação e roteiros são marcados por apresentações culturais, feiras e atividades voltadas para apicultura, artesanato e produção de azeite de dendê. Um exemplo destas atividades culturais é o Festival da Ostra, que mobiliza turistas de várias partes do mundo, favorecendo a geração de renda e trabalho por meio do fortalecimento da produção associada ao turismo. Na comunidade Quilombola Kaonge, principal quilombo responsável por este projeto, há um banco comunitário cuja moeda social se chama “Sururu”. Esta contribui com a circulação do dinheiro na própria localidade, asseverando a fuga de divisas e, por conseguinte, uma maior sustentabilidade social e econômica.

Para além dessas experiências mais antigas, há também iniciativas ainda em fase embrionária, porém já demonstram força e autogestão social. Uma delas é o projeto: “TBC do Quingoma”, realizado pelo Quilombo do Quingoma (Região Metropolitana de Salvador) desde 2018. Tal projeto possibilita ao turista uma imersão nas tradições e ancestralidades quilombolas e indígenas, tais como: vivência com o samba de roda, toré, pintura corporal, trilhas ecológicas, danças circulares, bem como apresentações de música, poesia e dança, práticas que retratam o modo de vida tradicional. Para

construir o lastro empírico desta investigação, consideramos a realidade social deste quilombo, lócus de pesquisa da tese que inspira a escrita deste artigo.

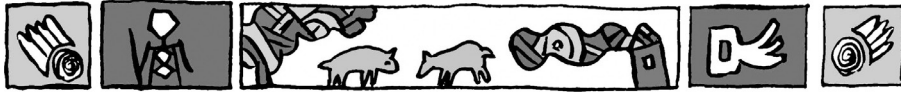
Perfazendo-se esse percurso, questionamos: qual o potencial dessas vivências do TBC no Brasil enquanto práxis socioeducativa decolonial e transmoderna? Antes de buscar pistas para este problema, faz-se necessário refletir sobre o pensamento decolonial e transmoderno num contexto de uma modernidade em crise.

DECOLONIALIDADE E TRANSMODERNIDADE: O TBC ENQUANTO UMA CULTURA POPULAR FECUNDA E INSURGENTE

Muito se discute no campo das ciências humanas e sociais acerca da crise moderna e suas inúmeras facetas. O progresso, a ordem, a felicidade individual e coletiva, promessas desta modernidade não foram alcançadas, ao passo que a desigualdade social, a pobreza, a fome, as novas formas de escravidão, o racismo institucional, as mudanças climáticas, a disrupção tecnológica, a crise migratória, o aumento da deterioração dos recursos naturais e a eclosão de epidemias e pandemias, como a provocada pela Covid 19, são apenas alguns desafios enfrentados pela humanidade nos prelúdios do século XXI. Mas até que ponto estas problemáticas podem ser enfrentadas de forma criativa e resoluta apenas a partir dos postulados da racionalidade moderna?

É importante evidenciar que, para além de uma reflexão teórica, o desenvolvimento de uma crítica à Modernidade envolve também uma práxis política, já que “ultrapassa limites teóricos se impondo enquanto uma atitude revolucionária, uma vez que toma partido dos vencidos e denuncia a história dos vencedores como uma história de sucessão de desastres” (BORGES, 2017, p. 184). Porém, o intuito aqui não é negar os aspectos positivos do paradigma moderno como, por exemplo, as grandes contribuições da ciência moderna europeia para o avanço técnico-científico da humanidade, o desenvolvimento do Estado de Bem Estar Social, a fecundidade de escolas filosóficas ocidentais tributárias de um pensamento crítico, dentre outros. O que se coloca em relevo neste trabalho é o imperativo ético-político de problematizar o lado sombrio da modernidade constituído por aquilo que Quijano (2005) denominou de colonialidade do poder. Para este autor, o declínio da colonização e da escravidão enquanto regimes jurídico-administrativos não significou o fim das relações de dominação/exploração entre países (centro x periferia) e da hierarquização étnico-racial dos povos (branco europeu “superior” x outras raças “inferiores”), pois esse padrão de poder continua conformando as relações sociais, econômicas e culturais até os dias atuais.

Para avançar nessa reflexão, faz-se necessário apresentar uma noção conceitual de modernidade. Entende-se o paradigma moderno como uma visão de mundo construída



pela Europa a partir do renascimento no qual os europeus se autoproclamaram como detentores de uma cultura superior em relação a outros povos. Ou seja, trata-se de uma autonarrativa europeia

construída a partir do Renascimento quando os europeus conceberam-se a si mesmos como o centro do mundo. A Modernidade é uma narrativa originada a partir de uma nova visão do ser humano, uma visão antropocêntrica, racional e impulsionadora do progresso. Sustenta esta autonarração a crença de que condições internas, isto é, essencialmente europeias, teriam permitido à Europa a superação, pela sua racionalidade, de todas as outras culturas (DUSSEL, 2015, p. 51).

A história enquanto filosofia do exemplo é prova cabal do quão esta narrativa de superioridade europeia deixou marcar indelévelis na humanidade. Desse modo, problematizá-la e superá-la, seja, talvez, um dos grandes desafios epistêmicos do século. E é nesse bojo que as letras deste trabalho estão inseridas.

Assim, a partir de uma perspectiva decolonial³, reconhecemos que esta narrativa de superioridade da racionalidade europeia foi o elemento matriz que fomentou a repressão e o silenciamento de outras visões de mundo. Em outras palavras, trata-se de uma específica racionalidade ou perspectiva de conhecimento que se torna mundialmente hegemônica colonizando e sobrepondo-se a todas as demais, prévias ou diferentes e a seus saberes concretos (QUIJANO, 2005).

A utilização dessa racionalidade como o único meio confiável para interpretar a vida, a natureza e as relações levou o “ser moderno” a se colocar como o centro do mundo. Esse antropocentrismo, radicalizado a partir do ideário renascentista e iluminista, evidência um projeto de modernidade no qual o progresso seria indubitavelmente alcançado por meio da ciência e do estado liberal nascente, ambos orientados pelos valores racionais da objetividade, produtividade, técnica e eficácia. Assim, toda cosmovisão de mundo ou conhecimento que estivesse fora desse horizonte de sentidos seria interpretado como algo de menor ou nenhum valor.

Hegemônica nos espaços institucionais da ciência e da academia, a racionalidade moderna passa a confundir-se com a própria vida da razão, longe da qual não restariam senão sombras e incertezas, fanatismos e fantasias. No interior dessa jurisdição hermenêutica, questionar a objetividade como critério de sentido é correr o risco de cair no subjetivismo, questionar eficácia e produtividade como critério de valor é correr o risco de resignar-se ao inútil, questionar o progresso como sentido da história é correr o risco de retroceder ao “arcaico”, questionar a equanimidade normativa como critério de justiça é correr o risco de ceder ao arbítrio, questionar, enfim, a modernidade como critério de civilização é correr o risco de tornar-se “bárbaro” (SANTOS, 2013, p. 208).

Desse modo, a cultura europeia durante a constituição histórica da modernidade, ao se estabelecer enquanto centro de poder no mundo, impõe o seu modelo civilizatório, fazendo da racionalidade moderna o único caminho legítimo de produção do conhecimento. Nesta linha monológica de pensamento, a diversidade de conhecimentos, culturas e tradições, tributária do fértil patrimônio cultural da humanidade e fonte vigorosa e constante de novos núcleos geradores de sentido, foi deslegitimada e reprimida pela expansão global da civilização europeia. Neste trabalho o referido fenômeno é reconhecido como um padrão de poder por meio do qual a racionalidade eurocêntrica, mundialmente hegemônica, ao colonizar indígenas, africanos e outros povos, reprimiu/explorou não apenas seus corpos e territórios, mas também alijou suas culturas, conhecimentos e visões de mundo da história da produção filosófica, científica e cultural da humanidade (QUIJANO, 2005; ARROYO, 2014).

Ao problematizar essa visão, aponta-se para uma perspectiva decolonial e transmoderna onde a “a modernidade não é sinônimo de humanidade, mas apenas uma versão da aventura humana, a racionalidade moderna tampouco é a razão, mas um modo ou modelo desta, a respectiva oferta de sua força e a impossibilidade de seus limites”. (SANTOS, 2013, p. 208).

Santos (2013) apresenta o pensamento fecundo como uma alternativa à racionalidade moderna fechada em si mesma. Nele, outras fontes de sentido são legitimadas enquanto produtoras de conhecimento, ou seja, há uma diversidade de fontes sapienciais que, ao estarem situadas para além dos postulados da razão crítica moderna, desnudam perspectivas potentes e inovadoras sobre os fenômenos complexos da vida.

A alternativa à razão crítica não é, portanto, de modo algum a razão acrítica – contradição nos termos –, mas o pensamento metacrítico ou fecundo. O meta (“além de”), referido no termo “metacrítico”, indica a abertura da razão a instâncias hermenêuticas – tais como tradição, revelação e autoridade –, nas quais surpreende uma potência de sentido que, por seus próprios recursos reflexivos, ela não tem como prover a si mesma. Uma das características diferenciadoras do pensamento fecundo é, pois, a sua radical passividade, uma vez que o sentido não resulta da iniciativa intencional da consciência reflexiva, mas advém-lhe por dom. É encontrado. O pensamento fecundo recebe o logos daquele núcleo gerador de sentido a que pertence, escuta e reverencia. (SANTOS, 2013, p. 209).

Esse autor traz uma perspectiva de leitura dos fenômenos da contemporaneidade a partir de fontes alternativas de sentidos que foram desprezadas pelo paradigma moderno. Estas fontes são oriundas de núcleos sapienciais diversos, cujos saberes relevam uma potência de vida acenando para o cultivo da transcendência, alteridade e tradição.

Núcleos sapienciais são a transcendência ou relação com a gratuidade do mistério; a alteridade ou não indiferença pela diferença do Outro; e a



tradição ou pertença à memória de uma comunidade. Reverenciar o mistério, se responsabilizar pelo Outro ou guardar a memória de um povo são gestos seminais que, por si mesma, a racionalidade moderna jamais teria como produzir (SANTOS, 2013, p. 212).

O pensamento fecundo, ao reconhecer os limites da racionalidade moderna, dialoga com a ideia de transmodernidade. No contexto de uma Filosofia da Libertação, Dussel (2016a) começa a estruturar a noção de transmodernidade. Tal autor, considera, a partir de uma crítica à interpretação eurocêntrica da história universal, que a Europa apenas se estabelece enquanto centro de poder hegemônico mundial depois da revolução industrial⁴ (1750), pois foi o advento desta revolução que possibilitou as potências europeias a produzirem em escala global. Sendo assim, os países europeus, por meio de ações imperialistas⁵, passaram a dominar o mercado mundial. Para Dussel (2016a), o expansionismo marítimo-comercial europeu dos séculos XV e XVI criou as condições históricas para o surgimento de uma economia globalizada, de um sistema mundo, mas isso não implicou na dominação hegemônica europeia do mercado mundial, posto, por exemplo, que a China foi até o século XVIII a maior potência produtora de mercadorias, com destaque para os valiosos utensílios de porcelana e os tecidos de seda.

Assim, Dussel (2016a) chama atenção que foram pouco mais de dois séculos de dominação europeia e não cinco séculos como postulava muitos filósofos europeus. Este período não foi suficiente para que a globalização técnica e econômica protagonizada pela Europa se configurasse enquanto uma globalização cultural da vida cotidiana de toda humanidade. Em outras palavras, Dussel (2016a) apresenta uma suposição filosófica onde ele afirma que a dominação europeia, por ser historicamente recente, não destruiu a diversidade de culturas que caracteriza o rico patrimônio cultural da humanidade. Logo, estas culturas - exteriores a modernidade europeia - continuam vivas, pulsantes, resistentes, com um desenvolvimento dinâmico próprio, capaz de oferecer contribuições inovadoras para se pensar os grandes problemas da humanidade no século XXI.

A centralidade da Europa se reduz agora somente a dois séculos (no máximo 225 anos), e isso nos permite supor que aquilo que não foi subsumido pela Modernidade tem muita possibilidade de emergir de forma pujante e de ser redescoberto; não como um milagre anti-histórico, mas como o ressurgimento de uma potencialidade recente de muitas culturas, só ocultadas pelo “brilho” deslumbrante – em muitos casos aparente – da Cultura Ocidental, da Modernidade, cuja globalidade técnica e econômica está longe de ser uma globalização cultural da vida cotidiana valorativa da maioria da humanidade. É a partir dessa potencialidade não incluída que surge, a partir da “Exterioridade” alternativa, um projeto de “Trans-

modernidade”, um “mais além” transcendente à Modernidade ocidental (mesmo que nunca assumida; mesmo que depreciada e considerada como “nada”), mas que terá uma função criadora de grande significado no século XXI (DUSSEL, 2016, p. 141).

Pode-se, assim, considerar que a transmodernidade é uma afirmação cultural que nasce do diálogo fecundo, crítico e ético entre as múltiplas culturas marginalizadas pela tradição moderna europeia-norte americana, mas que, ao mesmo tempo, considere os avanços positivos da modernidade. Ou seja, “essa Transmodernidade deveria assumir o melhor da revolução tecnológica moderna – descartando o antiecológico – para colocá-la a serviço de mundos valorativos diferenciados, antigos e atualizados, com tradições próprias e criatividade ignorada” (DUSSEL, 2016a, p. 170).

Assim, teríamos uma “Transmodernidade futura polifacética, híbrida, pós-colonial, pluralista, tolerante, democrática (porém, além da democracia e do estado liberal) com esplêndidas tradições milenares, respeitosa da Exterioridade e afirmativa de Identidades heterogêneas. A maioria da humanidade conserva, reorganiza (renovando e incluindo elementos da globalidade e desenvolve criativamente culturas em seu horizonte cotidiano e ilustrado, aprofunda o “sentido comum” valorativo da existência real e concreta de cada participante em tais culturas, perante o processo de globalização excludente, que, por ser excludente, “empurra” inadvertidamente para uma “Transmodernidade”. É o retorno à consciência das grandes maiorias da humanidade de seu inconsciente histórico excluído! (DUSSEL, 2016a, p. 170).

Dussel (2016a) se refere à transmodernidade como um projeto mundial para além da modernidade europeia e norte americana. De acordo com o pensador, a transmodernidade, ao romper com o eurocentrismo, não pode ser considerada pós-moderna, uma vez que o pós-moderno é uma crítica parcial à modernidade, pois baseia-se ainda numa visão eurocêntrica de mundo. Assim sendo, a perspectiva transmoderna nasce do diálogo crítico e ético entre os núcleos ético-míticos⁶ das culturas marginalizadas pela modernidade. Esta passa a ser interpretada nas suas potencialidades e limites, a partir dessa nova consciência transmoderna, refletindo a pluralidade das contribuições históricas de culturas ancestrais. Nas palavras de Dussel, a noção conceitual da transmodernidade aponta para:

Essa novidade radical que significa o surgimento – como se a partir do nada – da exterioridade, da alteridade, do sempre distinto, de culturas universais em desenvolvimento, que assumem os desafios da Modernidade e, até mesmo, da pós-modernidade euro-americana, mas que respondem a partir de outro lugar, other location (Dussel, 2002), do ponto de sua própria experiência cultural, diferente da euro-americana, portanto capaz



de responder com soluções completamente impossíveis para a cultura moderna única. Uma futura cultura transmoderna, que assume os momentos positivos da Modernidade terá uma pluriversalidade rica e será fruto de um autêntico diálogo intercultural, que deverá ter claramente em conta as assimetrias existentes” (DUSSEL, 2016b, p. 60).

Nas bordas do projeto moderno em exaustão, caracterizado sobretudo pela deterioração da natureza e crescimento das desigualdades e injustiças sociais, consta-se essa pluridiversidade rica onde há núcleos humanos que ainda conservam, na sua memória ancestral e práticas sociais, uma sabedoria e criatividade ancoradas em modos de vida sustentáveis. Estes núcleos humanos estão basicamente nas margens dos rios e oceanos, no campo, nas florestas e nas periferias das cidades da América Latina, África e Ásia. Foram invisibilizados, mas não estão apagados, estão ativos, vivos, criando praticas socioeducativas de resistências e (re)existências, ou seja, diante da falta de políticas públicas, do racismo histórico, da necropolítica, do (proto)fascismo, estas comunidades gritam sua dor, mas, ao mesmo tempo, transformam esta dor em fonte de força e beleza espirituais, renovando o mundo com novos sentidos de existência.

Portanto, as iniciativas de TBC, por possibilitarem o contato do turista com esses núcleos humanos, criam condições para a produção, fortalecimento, valorização e difusão de saberes e práticas de resistência criadora e ancestral. Sendo assim, a própria dinâmica de realização do Turismo de Base Comunitária, no Brasil, tem como base a produção de conhecimento a partir de bases epistêmicas decoloniais e transmodernas.

Nessas vivências, os turistas experienciam, junto com os anfitriões, processos educativos diversos que reconhecem a sensibilidade, a intuição, a espiritualidade, o corpo e a tradição como fontes de conhecimento, transgredindo, dessa forma, os postulados do racionalismo eurocêntrico. Esta práxis educativa tecida por uma subjetividade tradicional/ popular é também transmoderna, pois além de produzir conhecimento para além dos valores eurocêntricos sobre os quais a sociedade brasileira foi conformada, ensaia novas possibilidades civilizatórias a partir do diálogo entre culturas distintas.

Defendemos a noção de transmodernidade na perspectiva filosófica de Dussel (2016a), pois consideramos que este autor deixou um legado para filosofia, história e ciências sociais de modo geral. Isso em virtude de ter assinalado a transmodernidade como uma construção de um novo projeto de humanidade, a partir da emergência do diálogo crítico e ético entre núcleos míticos das culturas marginalizadas e subalternizadas pela modernidade eurocentrada e norte-americana. Neste horizonte, concebemos o TBC, portanto, como palco de construção de uma cultura transmoderna, síntese das contribuições históricas de culturas ancestrais que estão vivas e em movimento dinâmico de ressignificação.

TRILHA METODOLÓGICA DO ESTUDO, ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO SOBRE AS PRÁTICAS SOCIOEDUCATIVAS DO QUILOMBO QUINGOMA

A base empírica deste trabalho envolve a complexa realidade social do Quilombo do Quingoma (Bahia-Brasil). Neste sentido, o presente estudo é de natureza qualitativa e de abordagem etnográfica (Quadro 1), pois se insere no campo da Educação na Contemporaneidade, no qual optamos pelos métodos e técnicas qualitativas de investigação-ação-participante dos conhecimentos locais e ancestrais produzidos pelos quilombolas do referido Quingoma.

Quadro 1: Abordagem etnográfica do caminho metodológico da investigação ação participativa

Objetivos	Etapas	Dispositivos de coleta de dados	Métodos de análise e interpretação dos dados
Descrever o processo histórico de formação do Quilombo Quingoma, abordando suas matrizes identitárias e sua organização social e política.	Primeira (2019/2020)	Teses /artigos/ livros/ leis.	Análise Bibliográfica e Documental.
Analisar as práticas socioeducativas desenvolvidas pelos quilombolas do Quingoma.	Segunda (a)	Observação Participante	
Apreender, nas práticas socioculturais quilombolas, elementos-chave que contribuam para o desenvolvimento de ações educativas que promovam o Turismo de Base Comunitária.	(2019/2020)	Entrevista semidirigida em Grupo Focal.	
Propor estratégias de planejamento e desenvolvimento de ações para o Turismo de Base Comunitária.	Segunda (b) (2021)	Grupo Focal	

Fonte: Elaboração dos autores (2021).

a) Lócus da Pesquisa, constituição e características dos sujeitos/participantes

O caminho investigativo aqui pautado envolve o território do Quingoma, localizado no município de Lauro de Freitas, Região Metropolitana de Salvador-Bahia, Zona Turística Costa dos Coqueiros, pois se constitui num espaço de luta e resistência, onde vivem pessoas mobilizadas para discussão de políticas públicas voltadas para uma educação



e práticas socioambientais do bem viver. Para além, encontra-se um coletivo formado por educadores, quilombolas e indígenas (coletivo Quingoma) que fomenta, constantemente, diálogos sobre políticas públicas, racismo, educação quilombola, luta pela terra, entre outros temas. Dentro desse mosaico de temas e ações, há na comunidade a organização do TBC.

Nesse sentido, delimitou-se, para o presente estudo, a metodologia da IAP que visa estudar com aqueles participantes em potencial e que aceitem participar espontaneamente do estudo, nas condições estabelecidas no Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE).

Pelo exposto, os sujeitos partícipes da pesquisa estão distribuídos em dois grupos, a saber: a) Quilombolas e b) Turistas que participaram do Projeto Turismo de Base Comunitária do Quingoma. Em relação aos quilombolas, selecionamos seis quilombolas - atores sociais - que possuem amplo conhecimento sobre a cultura, a memória e o território do Quilombo, os quais se autodeclararam quilombolas, além disso, participaram ativamente do projeto de Turismo de Base Comunitária desenvolvido pela comunidade. Eles foram selecionados, portanto, segundo critérios de conhecimento acerca do Quilombo, autodeclaração e pelo alto grau de envolvimento na organização e realização da prática turística comunitária.

Além dos seis quilombolas, integram-se ao grupo de sujeitos colaboradores da pesquisa, quatro turistas, cuja seleção se deu em virtude do envolvimento ativo deles no projeto TBC do Quingoma, partindo da condição de que eles contribuíram de forma voluntária com a realização dos roteiros, seja por meio de organização de carona solidária ou assessoria na divulgação e publicidade. Outro fator a ser levado em conta, que justifica esta escolha, é a experiência desses turistas no campo do TBC, por entender que todos já tiveram a oportunidade de conhecer e visitar outras comunidades que desenvolvem tal prática.

b) Dispositivos de colheita de dados

Para uma melhor compreensão da aplicabilidade dos dispositivos de busca de colheita de dados no contexto deste trabalho doutoral, temos como elementos norteadores os nossos objetivos específicos, buscando alcançá-los em três etapas.

Na primeira etapa, realizou-se uma análise bibliográfica e documental que possibilitou descrever a formação do Quilombo Quingoma, abordando sua constituição identitária e histórica, com a finalidade também de aprofundar reflexões teóricas acerca das concepções, nuances e controvérsias que envolvem os estudos sobre Educação quilombola e Turismo de Base Comunitária. Esta etapa envolveu a leitura de artigos, teses, além de livros e marcos regulatórios sobre o campo temático em questão.

A segunda etapa foi distribuída em três momentos: no primeiro, cujo o objetivo foi analisar as práticas socioeducativas desenvolvidas pelos quilombolas do Quingoma, utilizamos a técnica da observação participante que tem a finalidade de apreender percepções, sentidos, significados, comportamentos, práticas e saberes dos participantes e como eles atribuem sentido às suas práticas cotidianas.

Complementando essa técnica e esse dispositivo, utilizamos ainda a entrevista semidirigida em grupo focal, junto aos seis participantes quilombolas que foram escolhidos segundo os critérios de inclusão. O desenvolvimento deste grupo focal com os quilombolas é de importância capital para aprofundar a compreensão acerca das práticas socioculturais e suas relações com o desenvolvimento do TBC. Neste sentido, a partir de um diálogo ético e recíproco foram abordados, no grupo focal, os seguintes temas: a) dimensão educativa das práticas socioculturais; b) relação com o território (natureza); b) organização comunitária; c) interação com os turistas; d) visão da comunidade sobre o TBC. Assim, foram utilizadas narrativas dos participantes, baseadas em suas redes de conhecimentos, em suas experiências nos relatos a partir de suas vivências no território quilombola.

As informações recolhidas, a partir da primeira etapa e primeiro momento da segunda etapa, forneceram-nos subsídios para realizar, por fim, a sobreposição das informações produzidas e permitiram-nos analisar, interpretar e apreender nas/das práticas socioeducativas, elementos-chave possíveis de contribuição para o desenvolvimento de ações educativas de um Turismo de Base Comunitária, enquanto práxis decoloniais e transmodernas.

c) Métodos e técnicas de análise de informações

Quanto ao método de análise e interpretação dos dados, utilizamos a análise de conteúdo de Bardin (2009). A apreciação das informações coletadas será desenvolvida por meio do desmembramento do texto em unidades e da construção de categorias concernentes ao objeto de estudo. O objetivo desse procedimento é de identificar, nas narrativas orais dos Quilombolas e dos turistas, sinais e apontamentos para atender a questão de pesquisa.

PRÁTICAS SOCIOEDUCATIVAS DO QUILOMBO QUINGOMA: CONTRIBUIÇÕES DECOLONIAIS E TRANSMODERNAS AO TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA

A partir do desenvolvimento e aplicação da metodologia, identificamos e analisamos as práticas socioeducativas quilombolas materializadas no samba de roda, maculelê, capoeira, danças afro, toré e contação de histórias, além de uma tradicional economia



de subsistência. Toda essa cultura popular fecunda e insurgente faz parte da própria gênese e dinâmica do Turismo de Base Comunitária. Em virtude do limite de páginas deste artigo, iremos focar na análise da prática socioeducativa que se revelou mais forte, a saber: o samba de roda.

O samba de roda foi apontado como uma prática socioeducativa decolonial e transmoderna, além de ser um dos principais atrativos turísticos das experiências de TBC protagonizadas pela comunidade.

O sujeito quilombola, ao vivenciar o rito do samba, transforma-se, relembra a sua história e, portanto, consegue manifestar alegria e força espiritual mesmo diante das dores e dissabores da vida. Ao mesmo tempo, o turista afeta e é afetado por esta prática ancestral, pois ao sambar, não apenas movimenta o corpo, mas também a sua visão de mundo, pois ele, no contato face a face com os quilombolas, é atravessado pelos seus gritos de dor e pelas suas pedagogias de esperança. Ou seja, um turista, ao visitar o quilombo do Quingoma, pode vivenciar um processo de descolonização do pensamento e, por conseguinte, alargamento da sua visão de mundo. Sobre o samba de roda e seu potencial decolonial e turístico, destacamos a fala de umas das lideranças locais que participou do grupo focal:

O samba de roda é a forma que nós temos de contar nossa verdadeira história, através da roda do samba nos conectamos com os nossos ancestrais e fortalecemos a nossa identidade. Assim, sambamos para alegrar o nosso coração e também para alegrar o turista que veio de longe nos visitar (JOANES, 2021).

A fala de “Joanes” revela o quão essa tradição inspira criação e transformação: “O samba de roda é a forma que nós temos de contar nossa verdadeira história, através da roda do samba nos conectamos com os nossos ancestrais e fortalecemos a nossa identidade”. Esse trecho demonstra como o samba de roda é muito mais do que uma dança, é uma práxis política de afirmação identitária, de manutenção do corpo-identidade, mas também do corpo-território. É na roda do samba que o Quilombola conta sua verdadeira história, pois não cabe mais ele aceitar a história dos vencidos, aquela história falaciosa ainda presente em muitos livros didáticos e ensinadas em muitas escolas, faculdades e universidades. Dessa forma, é no samba de roda que o sujeito quilombola se coloca como protagonista da sua própria história e desloca, em sentido ontológico e metafórico, de uma consciência de pelourinho (opressão) para uma consciência de quilombo (libertação). Desta maneira, o samba de roda é, ao mesmo tempo, dança, luta, rito, transcendência e libertação.

A líder quilombola assinala: “assim, sambamos para alegrar o nosso coração e também para alegrar o turista que veio de longe nos visitar”. Ou seja, o samba é também uma terapia de cura, pois é por meio da sua vivência que o quilombola cura suas dores e desnuda suas sombras e sonhos. Nesse processo ritualístico, o turista é

convidado também para entrar na roda e aprender. Mas aprender o quê? Não seria melhor dizer desaprender?

No samba, o turista é convidado a descolonizar o pensamento ...ele desloca seu pensamento de uma paisagem cultural moderna, caracterizada pelo individualismo, pela competição, pela exploração da natureza, pelo racismo, dentre outros, e é levado para uma outra paisagem cultural, que pode ser distinta da dele, uma paisagem cultural quilombola, notadamente decolonial e transmoderna, pois os valores são outros.....ele aprende o valor do comunitário, da solidariedade, ele aprende não apenas a tolerar os diferentes, mas também aprende a reverenciá-los. Além disso, o turista, nesta imersão ao mundo simbólico quilombola, aprende a ouvir os segredos e mistérios da natureza.

Portanto, no contexto desta pesquisa, elementos decoloniais e transmodernos das práticas socioeducativas quilombolas foram identificados e problematizados para pensar um desenvolvimento mais autêntico e enraizado de um turismo outro, de um turismo de afeto, humanístico, marcado pelo diálogo ético, crítico e simétrico entre o turista e o anfitrião. Outrossim é que os dispositivos metodológicos revelaram também que no Quilombo do Quingoma há um turismo enquanto política de resistência comunitária, decolonial e transmoderna, mobilizadora de outras políticas, as quais são capazes de criar uma sustentabilidade local econômica, mas, ao mesmo tempo, ambiental, social e espiritual.

Esta ética do cuidado (consigo, com o outro e com a natureza) na interface de culturas ancestrais insurgentes e o sagrado atemporal sempre presente, motiva-nos a pensar num turismo profundo e regenerativo, baseado na espiritualidade decolonial viva, na afetividade criativa, na interculturalidade crítica e no engajamento sociopolítico.

Estes valores ensejam agenciamentos afetivos para a construção de ações efetivas numa economia quilombola, solidária, periférica e circulante. Assim, o turismo produzido por este quilombo enseja, na sua potência, um novo ensaio civilizatório, isto é, uma nova sociedade regida pela ética solidária e alterativa, por uma ecologia profunda e trabalho decente, com produção e distribuição de riqueza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados que emergiram desse estudo atendem aos nossos objetivos. Além disso, possibilitaram-nos apresentar algumas propostas que contribuam para o planejamento estratégico e desenvolvimento de ações para um Turismo de Base Comunitária centrado no enfoque teórico-conceitual de uma práxis decolonial e transmoderna. Sendo assim, buscamos sustentar o argumento de que o TBC é uma práxis decolonial e transmoderna, pois os processos socioeducativos que o constituem, além de serem distintos e antagônicos em relação à hegemonia da matriz colonial, posto que estão baseados numa cosmogonia ancestral afro e indígena, ao possibilitarem a interação crítica e



ética entre culturas diferentes (do turista e da comunidade receptora), favorecem o diálogo intercultural crítico fundamental para a construção de uma visão transmoderna da contemporaneidade, capaz de ofertar criativas reflexões/soluções para os velhos e novos problemas de uma modernidade em crise.

Aqui, buscamos também ampliar o conceito de TBC, a partir das vozes dos próprios quilombolas, nesta artesanaria poético-filosófica... floresceu até um poema fecundado na interação com estas vozes. O poema epifânico se faz verbo criador (palavra viva) ao dizer que o “Turismo comunitário é grito e sementeira, é conhecimento em movimento. É Riso. É Rio. É acolher a dor do outro num sentimento de comum-pertencimento. É tomar banho de lagoa e descobrir o amor. Mas é também cortar o pé na Ostra”.

NOTAS

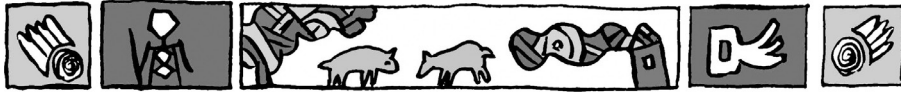
1. Estimativas recentes da OMT (UNWTO, 2020), baseadas em projeções globais apoiadas na dinâmica de fechamento de fronteiras e nos inúmeros riscos associados às dinâmicas das viagens, em função da Pandemia, indicam, globalmente, a perda de mais de 100 milhões de empregos e 1 trilhão de dólares em termos de impacto econômico, uma vez que, segundo esse documento, 1 bilhão de turistas deixarão de circular pelo mundo. E, com as inúmeras incertezas que permeiam esse novo cotidiano e considerando ainda o agravamento provável da crise sanitária nos próximos meses, essas estimativas podem ser ainda superiores àquelas anteriormente previstas. Reconhecendo uma redução de 80% na dinâmica de viagens, com relação ao período anterior à Pandemia, a sua recuperação dependerá, certamente, de uma série de acordos internacionais e protocolos a serem estabelecidos por governos nacionais e subnacionais. (IRVING; COELHO; ARRUDA, 2020, p. 89).
2. Programa implantado pelo governo federal em 1992, através do Ministério dos Esportes e Turismo e elaborado em parceria com o BNDES, o Banco do Nordeste do Brasil (BNB), o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), além dos governos dos estados do Nordeste. Teve como enfoque a ampliação da infraestrutura regional para ampliar e atrair a superestrutura do setor turístico. (MORAES, 2019, p. 79).
3. Com uma crítica a hegemonia da cultura europeia, o pensamento decolonial pode ser compreendido como uma construção epistemológica e teórica, basicamente defendida por intelectuais latino americanos (Aníbal Quijano, Edgardo Lander, Ramón Grosfoguel, Agustín Lao-Montes; Enrique Dussel, Santiago Castro-Gómez, María Lugones, Nelson Maldonado-Torres; Walter Dignolo; a Catherine Walsh; Arturo Escobar, Fernando Coronil, Eduardo Restrepo) que objetiva romper com uma produção do conhecimento alicerçado no eurocentrismo, defendendo, desta forma, uma pluralidade de conhecimentos, práticas e saberes que foram e são silenciados ou ocultados.
4. O processo de Revolução Industrial teve início no século XVIII, na Inglaterra, com a mecanização dos sistemas de produção. A elite burguesa industrial, ávida por maiores lucros, menores

custos e produção acelerada, apostou na modernização do sistema produtivo como uma alternativa para ampliar a produção de mercadorias e conquistar novos mercados.

5. O imperialismo precisa ser compreendido como uma política de dominação política, econômica e cultural de um Estado sobre outros povos. No texto, tal fenômeno histórico refere-se ao imperialismo europeu que se desenvolveu a partir da segunda metade do século XIX, onde potências europeias industriais como a Inglaterra, França, Alemanha, Bélgica etc. formaram grandes impérios econômicos. A formação destes impérios implicou na exploração da mão de obra, matéria prima e domínio do mercado consumidor de vastas regiões do continente africano, asiático e da América Latina.
6. Utiliza-se nesse documento a expressão núcleo ético-mítico no sentido que Dussel (2016) atribui ao termo no seu livro: “Paulo de Tarso na filosofia política atual e outros ensaios” quando resgata as ideias de Paul Ricoeur: “as culturas, no dizer de Paul Ricoeur, têm, por sua vez, um núcleo ético-mítico, ou seja, uma visão de mundo que interpreta os momentos significativos da existência humana e que os guia eticamente”. (DUSSEL, 2016. p. 176).

REFERÊNCIAS

- ARROYO, M. G. *Outros Sujeitos, Outras Pedagogias*. 2. ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- DUSSEL, E. *Filosofia da libertação - na América Latina*. São Paulo: Loyola, 1977.
- DUSSEL, E. *Europa, modernidade e eurocentrismo*. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/gsd/collect/clacso/index/assoc/D1200>. > Acesso em: 16 nov. 2015.
- DUSSEL, E. *Paulo de Tarso na filosofia política atual e outros ensaios*/ Enrique Dussel. Tradução Luis Alexandre Solano Rossi- São Paulo: Paulus, 2016a. – Coleção novos caminhos da teologia.
- DUSSEL, E. Transmodernidade e interculturalidade. Interpretação a partir da filosofia da libertação. *Revista Sociedade e Estado* – Volume 31 Número 1 Janeiro/Abril 2016b.
- EMBRAPA. *Marco Referencial em Agroecologia*. Brasília: Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária), 2006, 70 p.
- FABRINO, N. H.; NASCIMENTO, E. P. DO; COSTA, H. A. Turismo de Base Comunitária: uma reflexão sobre seus conceitos e práticas. *Caderno Virtual de Turismo*, v. 16, n. 3, p. 172–190, 2017.
- IRVING, M. D. A.; COELHO, A. M.; ARRUDA, T. O. Turismos, sustentabilidades e pandemias: incertezas e caminhos possíveis para planejamento turístico no horizonte da Agenda 2030. *Revista Acadêmica Observatório De Inovação Do Turismo*, v. 14, n. 4, p. 73–105, 2020.
- IRVING, M. A. Reinventando a reflexão sobre turismo de base comunitária - inovar é possível?, BARTHOLO, R.; SAN SOLO, D.G.; BURSZTYN, I. (Orgs.). *Turismo*



- de base comunitária: Diversidade de olhares e experiências brasileiras*. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009, pp. 108-119.
- QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas*. Buenos Aires, Colección Sur Sur, 2005a, pp.118-142.
- MORAES, E. A. de. *Siga os atores e as suas próprias ações: nos rastros das controvérsias sociotécnicas do Turismo de Base Comunitária na Rede TUCUM – Ceará*. 2019. 348f. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Programa de Pós Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, 2019.
- PIMENTEL, G. S. R.; BOMFIM, Natanael Reis; SANTANA, Jeanne Lopes. Redes de Coletivos de Jovens Periféricos e Práticas Socioeducativas. *Sisyphus Journal of Education*, n. 3. v. 9, p. 30-55, 2021.
- SANTOS, C. L. O Pensamento fecundo. Elementos para uma racionalidade transmoderna. *Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v. 22, n. 39, p. 205-213, jan./jun. 2013.
- SINGER, P. *Introdução à economia solidária*. 2002. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fpabramo.org.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/22/Introducao-economia-solidaria-WEB-1.pdf?sequence=1>. Acesso: 04. outubro 2020.

R-existindo à pandemia: um olhar a partir das mulheres quilombolas na Paraíba

Iany Elizabeth da Costa

Doutoranda em Geografia, Programa de Pós-Graduação em Geografia – POSGEO,
Universidade Federal Fluminense UFF, bolsista PROEX, professora e pesquisadora
Correio electrónico: ianyelizabethufpb@gmail.com

INTRODUÇÃO

A pandemia da Covid-19 apresenta-se como um desafio à humanidade, e tem seus efeitos socioeconômicos e humanitários intensificados nos territórios tradicionais no Brasil, em especial nas comunidades quilombolas. Segundo o Observatório da COVID nos quilombos da Coordenação Nacional de Articulação de Quilombos (CONAQ, 2020) as comunidades quilombolas vêm resistindo e sofrendo com o avanço da pandemia que tem vitimado muitos (as) quilombolas no Brasil. O que mostra a face da política neoliberal e da necropolítica (MBEMBE, 2016) do governo Bolsonaro que na morosidade da tomada de ações emergenciais de prevenção e na falta de cuidado com a saúde do povo quilombola contribui para que a pandemia venha devastando os territórios aquilombados.

Na Paraíba, as 43 comunidades quilombolas de acordo com a Associação de Apoio

aos Assentamentos e Comunidades Afro-descendentes (AACADE, 2020) vêm de diferentes modos atuando para barrar o avanço da doença. As mulheres quilombolas estão à frente destas ações de prevenção e cuidado em seus territórios na luta pelo bem-viver (QUIJANO, 2014) e pelo direito à saúde, porque, os efeitos da pandemia impactam diretamente na manutenção do direito a vida em plenitude das suas comunidades. Por essa razão, trazer as lutas invisíveis destas mulheres em um momento de crise sanitária e humanitária constitui-se como objetivo desse artigo, pois, suas diferentes estratégias de resistir para continuar existindo, nos dizem muito das lutas cotidianas destas mulheres frente ao racismo estrutural (ALMEIDA, 2018) do Estado.

Para isso, realizamos uma pesquisa qualitativa em diferentes espaços cibervirtuais de emancipação e protagonismo como *lives*, entrevistas, blogs, sites e redes sociais em busca de evidenciar as falas das mulheres lideranças quilombolas na Paraíba. Tendo em vista que, na pandemia as redes sociais tornaram-se espaços de enfrentamento ao racismo e da negação de direitos humanos, como bem evidencia Joice Berth (2020) ao dizer: “por que ali nós existimos”. Ao tomarem estes espaços virtuais como arenas públicas (CEFAÏ, MELLO, MOTA & VEIGA, 2011) de poder, estas mulheres lideranças quilombolas colocam suas questões e seus anseios buscando não somente a denúncia das violações de direitos, mas também, trazer as vistas da sociedade como elas tem se articulado para enfrentar os desafios que o momento enseja, também analisamos qualitativamente o processo da Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) 742 (2020) no Superior Tribunal Federal (STF) movimento pela CONAQ em busca da manutenção dos direitos sociais quilombolas no Brasil.

Deste modo, para compreender esse processo de resistência realizamos também uma análise de conteúdo (BARDIN, 2006 [1977]) a partir da transcrição das falas destas mulheres, buscando grafar os fatores da interseccionalidade (CRENSHAW, 2002) que às colocam como “o outro do outro”, logo, vidas que não importam. A partir da relação entre gênero (BUTLER, 2008a; 2015b) e território (BONNEMAISON, 2002) na perspectiva do feminismo decolonial (LERNA, 2014) e do feminismo negro (DAVIS, 2013a); (GONZALEZ, 1984a) trazemos as escre (vivências) (EVARISTO, 2005) das mulheres quilombolas paraibanas na luta contra a COVID-19 em seus territórios. Nesse momento de pandemia buscamos com esse artigo contribuir na denúncia das violações de direitos que tem ocorrido nos quilombos paraibanos a partir das falas destas mulheres quilombolas que ao se movimentarem, remexem as estruturas.

A PANDEMIA DA COVID-19 E O RACISMO ESTRUTURAL CONTRA QUILOMBOLAS NO BRASIL

Os quilombos no Brasil, historicamente constituíram-se como territórios de resistência negra, assim como em outras localidades onde a escravidão foi fundamento do siste-



ma econômico e social baseado no plantation (REIS; GOMES et.al, 2012). Segundo Carvalho (2012, p. 465) os quilombos enquanto fenômeno histórico “são parte de um conjunto mais amplo de estratégias de sobrevivência e resistência escrava. Por essa razão eles são dinâmicos, mudando no tempo e no espaço”. O dinamismo dos quilombos brasileiros vem não só da resistência negra à escravidão, mas das múltiplas formas de reconfiguração territorial a partir da ocupação negra. Para Ratts (2012, p. 220) os quilombos são entendidos como “**lugar de negro** ou **lugares negros**, os locais com os quais indivíduos e grupos negros se identificam, nos quais se reconhecem e são reconhecidos”, por isso são territórios multiculturais e denotam as grafias dos saberes e fazeres quilombolas na Diáspora.

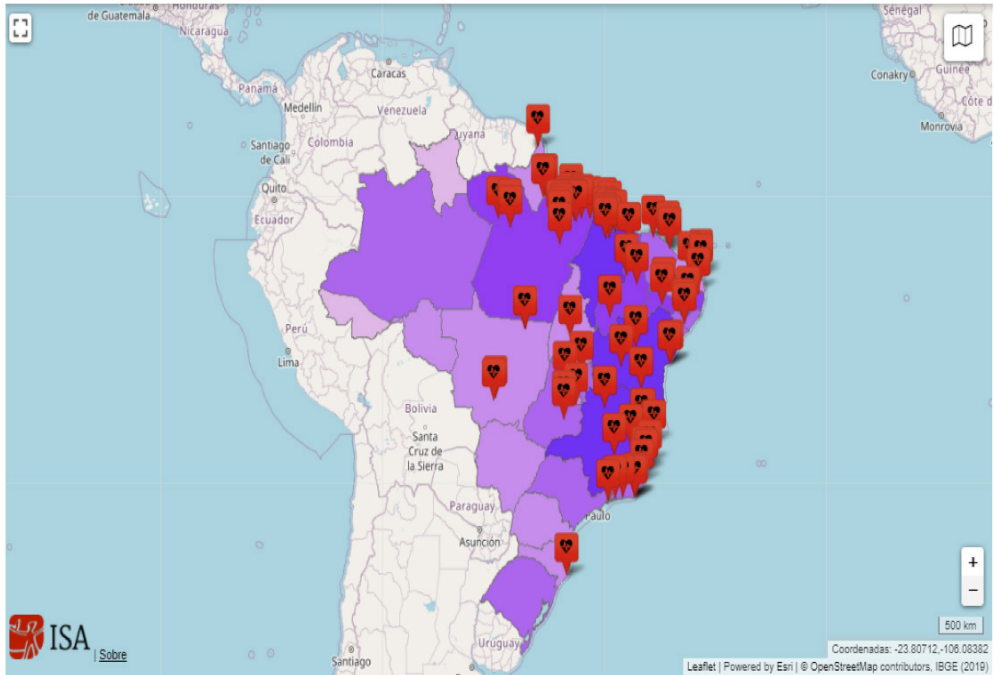
Nesse sentido, os remanescentes quilombolas no Brasil no pós-88, por meio da mobilização do Movimento Negro na Constituinte (PEREIRA, 2010), emergem como outros sujeitos em luta por direitos e reconhecimento do Estado do processo de exclusão e expropriação a que foram legados. Estes “novos” sujeitos passaram a cobra do Estado uma “nova cidadania [...] e direitos também de novo tipo” (DAGNINO, 2004, p.203). Ao compartilharem a cidadania insurgente¹ (HOLSTON, 2013) com outros movimentos sociais (MST, Indígenas, etc.) os quilombolas territorializam seus processos de r-existência afirmando que não são “novos” sujeitos, mas sim “outros” sujeitos, que segundo Porto-Gonçalves (2005, p. 220) “mais do que resistir, R-Existiram, se reinventaram na sua diferença”. Ao reinventarem-se na diferença os quilombolas brasileiros marcam outras formas de resistir e construir outras territorialidades possíveis.

Com isso, o modo como o estado brasileiro tem agido na pandemia da COVID que já vitimou 204 quilombolas (CONAQ, 2021) em quase todos os 27 estados da federação e no distrito federal (Mapa 01), é um reflexo da política neoliberal e da necropolítica do governo Bolsonaro que desde os primeiros casos de COVID ainda em Março de 2020, tem agenciado ações negacionistas e preterido o direito a saúde e a dignidade dos povos quilombolas, indígenas e de outras comunidades tradicionais. Os vetos da PL 1142, de autoria da deputada federal Rosa Neide (PT/MT) em dialogo com outros parlamentares da Câmara Federal e do Senado, impactam diretamente nos territórios tradicionais por que nega acesso a itens básicos de prevenção a COVID (água potável, prioridade de acesso ao auxílio emergencial, primazia na vacinação, distribuição de alimentos e Equipamentos de Proteção Individual- EPI etc.).

Arruti et al (2021) no boletim informativo sobre o avanço da pandemia nos territórios quilombolas brasileiros (Jan/2021) aponta que a inação do Governo Bolsonaro, somada a crise econômica e social gerada pela pandemia no Brasil, tem evidenciado a fragilidade dos territórios quilombolas. O desserviço que a Fundação Cultural Palmares vem prestando a essas comunidades, com a diminuição da distribuição de cestas básicas nos territórios, e a desestruturação das políticas públicas são uma das faces da política genocida orquestrada pelo Governo Federal que tem contribuído no aprofun-

damento das desigualdades sociais e da negação de direitos humanos aos quilombolas.

Mapa 01: Estados brasileiros com óbito de quilombolas (2021).

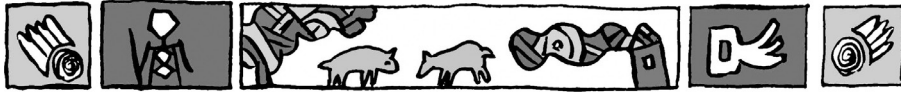


Fonte: CONAQ/ISA (2021)

Tal situação levou a Conaq a impetrar a Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) 742 (2020) no Superior Tribunal Federal (STF) no intuito de forçar via jurisdicional que o Estado brasileiro exerça sua função. A ADPF 742 começou a ser julgada no último dia 12/02/2021 pela Corte do STF no qual o Ministro Marco Aurélio relator do processo deu voto parcial favorável aos quilombolas, enfatizando a obrigatoriedade do Estado brasileiro em dar prioridade e primazia às comunidades quilombolas no combate a COVID-19, determinando que:

Voto: Julgo parcialmente procedente o pedido, para determinar, à União, que:

- (i) formule, no prazo de 30 dias, plano nacional de enfrentamento da pandemia covid-19 no que concerne à população quilombola, versando providências e protocolos sanitários voltados a assegurar a eficácia da vacinação na fase prioritária, com a participação de representantes da Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas — Conaq;
- (ii) constitua, em até 72 horas, grupo de trabalho interdisciplinar e paritário, com a finalidade de debater, aprovar e monitorar a execução do



Plano, dele participando integrantes, pelo menos, do Ministério da Saúde, Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Fundação Cultural Palmares, Defensoria Pública da União, Ministério Público Federal, Conselho Nacional de Direitos Humanos, Associação Brasileira de Saúde Coletiva e representantes das comunidades quilombolas a serem indicadas pela Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas;

(iii) providencie, no máximo em 72 horas, a inclusão, no registro dos casos de covid-19, do quesito raça/cor/etnia, asseguradas a notificação compulsória dos confirmados e ampla e periódica publicidade;

(iv) restabeleça, no prazo de 72 horas, o conteúdo das plataformas públicas de acesso à informação <http://monitoramento.seppir.gov.br/> e <https://www.gov.br/mdh/pt-br/comunidadestradicionais/programa-brasil-quilombola>, abstendo-se de proceder à exclusão de dados públicos relativos à população. (Voto do Relator Ministro Marco Aurélio, STF, 12/02/2021)

De acordo com a CONAQ (2021, p. 01) o voto parcial do relator Ministro Marco Aurélio: “apesar de se tratar de uma decisão favorável aos quilombolas, deixa de fora parte de demandas importantes, a exemplo da proteção possessória ao território tradicional das comunidades ameaçadas de despejos” o que em tese mantém a insegurança dos territórios quilombolas, tendo em vista o alto contágio da COVID associado à tensa situação da seguridade dos territórios quilombolas frente ao problema da questão regulamentação fundiária no Brasil.

Vercilene Francisco Dias advogada da CONAQ nesse processo avaliou que o voto do relator:

Não foi uma decisão ruim, mas deixou de fora pontos importantes para eficácia da determinação judicial, a exemplo de medidas de acompanhamento da elaboração e implantação por poder judiciário, sem isso a decisão pode se tornar apenas mais uma decisão a não ser cumprida pelo poder executivo. (CONAQ, 2021).

Embora o julgamento esteja apenas no começo, essas questões são importantes, pois, a seguridade dos territórios quilombolas e a manutenção do bem-viver têm sido cada vez mais ameaçadas mediante a um desgoverno que nega a pandemia e os direitos desses povos, assim como, a preocupação com os conflitos fundiários em territórios quilombolas evidenciam uma violação de direitos humanos que é a execução de despejo em plena pandemia. Com isso, neste julgamento o Ministro Alexandre de Moraes acompanhou o voto do relator, e o Ministro Edson Fachin (STF, 17/02/2021) manifestou voto contrário ao relator adicionando as seguintes propositivas:

Voto pela procedência também do pedido de suspensão dos “processos judiciais, notadamente ações possessórias, reivindicatórias de proprieda-

de, imissões na posse, anulatórias de processos administrativos de titulação, bem como os recursos vinculados a essas ações, sem prejuízo dos direitos territoriais das comunidades quilombola” até o término da pandemia. (Ministro Edson Fachin, STF, 17/02/2021)

Em linhas gerais a situação atual brasileira na execução e promoção das políticas públicas e nas ações judiciais de caráter fundiário tem sido recorrente a intervenção do Judiciário no ordenamento destas ações. Tornando-se única via de agência na defesa dos direitos sociais, aos quais, os movimentos sociais, neste caso, o movimento quilombola vem recorrendo frente aos desmandos de um governo ultraliberal e de extrema direita que cotidianamente vem destruindo as bases do estado democrático e social de direito, assim como, atuando contra a garantia da seguridade social das comunidades indígenas e quilombolas.

Neste sentido, as comunidades quilombolas brasileiras vivenciam uma realidade muito difícil no que tange a prevenção a COVID, e ao acesso a políticas sociais tendo o Governo Federal como principal agente de negação desses direitos. Em *live* no canal do *Youtube* e no perfil do *Instagram* da Mídia Ninja - Papo Ninja Especial aniversário CONAQ 24 anos, realizada no dia 31/05/2020, tendo como debateras a filósofa Djamila Ribeiro e liderança quilombola da CONAQ Selma Dealdina (Espírito Santo/ES) com o tema: “Toda mulher negra é um quilombo”. Selma Dealdina (2020) expressa bem à ineficiência do discurso do isolamento social nos territórios quilombolas dizendo:

Fica em casa quem? Fica em casa como? Nós corpos pretos como? Fica em casa não tem água pra lavar a mão a cada 20 minutos, né.

Vamos ser bem sinceros, vamos falar de isolamento social, isolamento social pra quem? Sendo que a realidade das nossas moradias brasileiras, são 8, 10, 12 pessoas morando no mesmo espaço.

Se uma dessas pessoas contrai o COVID nós não temos o PRI-VI-LÉ-GI-O de ficar isolado no nosso quarto, numa casa de 02 cômodos com 01 banheiro que é dividido para 10 pessoas.

A gente ta falando de coerência e de uma realidade que não é desenhada e tão fácil como falam, como dizem, nas comunidades quilombolas é uma dificuldade viver em isolamento.

Bispo falou esses dias uma coisa muito sábia: “o isolamento social não é uma realidade para as comunidades tradicionais e nem das periferias”.

Não tem água nas torneiras, em muitos quilombos no Brasil não tem água pra beber, não tem água pra lavar a mão, então assim vamos lavar a mão como? (SELMA DEALDINA, 31/05/2020)

A falta de água, as moradias superpopulosas, mostram a grafia das desigualdades sociais enfrentadas nos territórios quilombolas e negros no Brasil, como bem evidencia Selma (2020) o isolamento social é um PRI-VI-LÉ-GI-O e a segurança de um



ambiente salubre, não condizem com a vivência na insalubridade que é uma realidade nesses territórios. A fragilidade dessas comunidades frente à pandemia é um dos aspectos do racismo brasileiro um “racismo disfarçado” (GONZALEZ, 1988b) que busca colocar o povo negro na condição de não sujeito subordinado, Mbembe (2016) dialoga nesse sentido ao reforçar que o racismo é a deturpação real da condição do sujeito negro que a partir de um não-lugar tem a racialidade marcada na forma como a sociedade Ocidental o vê. Deste modo, o racismo no Brasil é estrutural e institucional conforme Almeida (2018, p. 36) por que:

As instituições são apenas a materialização de uma estrutura social ou de um modo de socialização que tem o racismo como um de seus componentes orgânicos. Dito de modo mais direto: as instituições são racistas porque a sociedade é racista.

Sendo assim, o sistema judiciário que muitas vezes age de modo punitivista e racista (BORGES, 2018) acaba na questão do acesso aos direitos quilombolas tendo que intervir no ordenamento na esfera política brasileira, por que esta tem se colocado extremamente racista, principalmente, com os povos tradicionais. Conforme Selma Dealldina (2020):

O estado brasileiro hoje ele é o maior violador de direitos dos quilombolas no Brasil, se você for conversar com Soninha Guajajara, com Dnamam, com a Célia, com qualquer liderança indígena eles vão dizer a mesma coisa.

Se for conversar com os companheiros de terreiro como Anagi, também com Mãe Bernadete também vão reafirmar tudo isso.

Se você conversar com Claudia Pinho com outros companheiros dos territórios tradicionais também vão reafirmar a mesma coisa.

Então as nossas terras elas tão na mira dos estrangeiros, na mira do governo brasileiro, pra aumento do “desenvolvimento”, da expansão pecuária e agrícola nesse país.

Então você tem ampliação de BR em meio à pandemia, o governo brasileiro não se dá o trabalho nem de respeita os tratados que ele é signatário, o OIT e nada é a mesma coisa.

Então não tá preocupado, como é que tá a imagem fora do país, se viola, se violenta, se expulsa, se tira, se grila terra, a gente tava com uma MP que virou lei a 2633/20 pra legalização da grilagem de terra, descaradamente, a luz do dia.

Eles não tão nem escondendo mais, estão fazendo de forma legalizada, contra todos os tipos de direitos. [...]

Ai minha irmã a gente luta contra um vírus invisível que é o Covid e contra um governo visível que é o governo Bolsonaro.

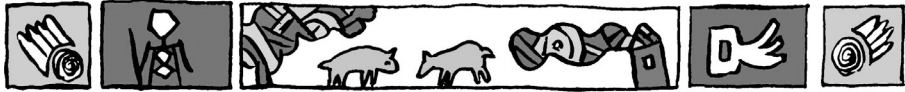
Então a gente tem essas duas frentes pra lutar, sobreviver a essas duas ameaças, dois momentos ao mesmo tempo. (SELMA DEALDINA, 31/05/2020)

R-existir no Brasil, sendo mulher, negra e quilombola em um contexto pandêmico e no desenrolar do Governo Bolsonaro ocupando e denunciando o retrocesso desse tempo em espaços virtuais como a *Live* do canal Mídia Ninja (2020) e em ações Judiciais no STF como a ADPF 742 (2020) mostra a luta da mulher quilombola brasileira em um cenário de retrocesso e negação dos direitos humanos. Selma Dealdina (2020) ao trazer a conjuntura da situação dos territórios quilombolas coloca bem o fato que a luta e a resistência dessas comunidades tem dois inimigos proeminentes o vírus da COVID e o Governo Bolsonaro que em face da subserviência ao capitalismo e ao neoliberalismo propicia violações de direitos humanos.

“Resistir para continuar existindo” é mais que um lema das mulheres quilombolas da CONAQ (2020) é a única escolha do povo quilombola que persiste e enfrenta o racismo e a naturalização da negação da condição de sujeito que tem na falsa democracia racial brasileira o prisma para balizar todo tipo de violação de direitos humanos. A pandemia é um dos atos do cenário de falta de agência do Estado brasileiro no que compete à garantia de direitos sociais aos quilombolas, e são as mulheres quilombolas que se colocam em diferentes frentes de luta por direitos e mostram a força ancestral que tem no corpo negro a marca de uma gente “que não vive, apenas aguenta” (NASCIMENTO, M; BRANT, F.).

MULHERES QUILOMBOLAS NA PARAÍBA EM R-EXISTÊNCIA À COVID

As comunidades quilombolas na Paraíba, assim como em todo o Brasil, configuram-se como territórios de resistência e força negra (COSTA, 2016a). Atualmente, segundo dados da AACADE (2021) são reconhecidos na Paraíba 45 territórios aquilombados estando presentes nas quatro mesorregiões geográficas: Zona da Mata, Agreste, Sertão e Borborema (Mapa 02). De acordo com Banal & Fortes et. al (2013) estas famílias quilombolas tem historicamente reorganizado o espaço agrário e urbano paraibano, configurando outras formas de espacialidade negra onde a ligação com a terra e a coletividade das vivências marcam o modo como essas comunidades constroem a relação de pertencimento, sendo territórios de resistência junto a outros povos em marcha na luta por direitos (indígenas, camponeses, ribeirinhos, pescadores etc.).



Mapa 02 – Comunidades quilombolas na Paraíba (AACADE, 2021).



Fonte: <http://quilombosdoparaiba.blogspot.com/p/mapas.html> (2021)

As mulheres nesse contexto são à força de representação política e de luta por outra forma de produção do espaço, sendo maioria nas diretorias das associações e despontando como presença majoritária como representantes comunitárias (MONTEIRO, 2013). Segundo Luis Zadra (2014, p. 24) por serem “guardiãs da vida do quilombo”, estas mulheres assume o lugar de protagonistas nas arenas públicas² de poder dentro e fora de seus territórios onde trazem a grafia da luta social pelos direitos humanos e na defesa de seus territórios. Ao somarem forças através da união enquanto movimento social a partir da Coordenação Estadual de Comunidades Negras Quilombolas na Paraíba – CECNEQ e de outras entidades de mulheres negras dentro e fora da Paraíba estas mulheres lutam em diferentes frentes para assegurar o bem viver³ de suas famílias, utilizando do seu lugar de fala (RIBEIRO, 2017) para trazer questões importantes sobre a morosidade na implementação das políticas públicas em seus territórios e quais são seus instrumentos de ação na desconstrução da sociedade ainda marcada pelo racismo e o machismo a partir de uma perspectiva decolonial (COSTA, 2020b).

Deste modo, o cenário da pandemia na Paraíba, traz consigo mais um desafio aos territórios quilombolas, principalmente, pela já mencionada inércia do Governo Federal

que na obrigação de garantir o bem estar social não o faz, dificultando a situação nos territórios quilombolas. Nesse sentido, a atuação das mulheres quilombolas paraibanas tem se desenvolvido de diferentes modos, citamos neste texto duas frentes de atuação destacando o movimento de emponderamento delas. Sendo a primeira, a participação em *lives* como a de Luciene Tavares professora e quilombola da Comunidade de Caiana dos Crioulos, município de Alagoa Grande, Paraíba na Live “quilombolas no contexto de Pandemia” da ONG Bamidelê no dia 01/06/2020 sob a mediação da arqueóloga Ana Dindara. Luciene Tavares descreve como tem sido a realidade em seu território dizendo:

Sou professora fincada na liderança, desde de criança eu sou envolvida com os movimentos sociais, dentro e fora da comunidade. Dentro da comunidade eu sou membro da organização de mulheres negras de Caiana que têm parceria com a bamidelê coordeno o projeto de vivencia comunitária ‘vivenciando caiana’. [...]

A pandemia da Covid-19 não escolheu etnia, classe social, preto, branco, mas a gente sabe quando se trata das populações, das comunidades quilombolas, indígenas, das comunidades tradicionais, das periféricas, isso afeta num patamar bem maior.

E ai pra nos enquanto comunidade quilombola não difere muito das outras realidades, dos outros quilombos nos temos no Brasil segundo a Conaq quase 3 mil comunidades quilombolas, e a realidade dessas comunidades difere muito dos centros urbanos. E cada uma tem suas especificidades mesmo sendo comunidade quilombola a nossa, por exemplo, difere da realidade da comunidade do Gurugi. A luta é diária, nos temos um contexto e uma especificidade diferenciada.

E quando chegou a noticia agente pensou fique em casa quem puder, mas a gente sabe, que as comunidades fazem parte do centro urbano. As pessoas tem esse convívio nos temos esse convívio à gente vive dentro de um município, e querendo ou não as pessoas precisam sair, ir pra cidade, por que muitos vivem de vender na feira agrícola e isso mexeu com a estrutura de todo mundo.[..]

A comunidade oferece o mínimo para a sobrevivência, então se você quer ter mais oportunidade com a sua família, você vai para outros lugares, então tem essas idas e vindas, Caiana nunca tem uma população certa, por que estamos sempre em movimento. E isso na pandemia piorou a situação de possibilidade do contágio da Covid. Por isso o cuidado com o outro aumentou. [..]

Por isso a gente tem que ta sempre atenta, cobrando do poder público que eles se sinta no direito, aliás no dever de está também buscando saber como é que tá a comunidade. (LUCIENE TAVARES, 01/06/2020).



Ao iniciar sua fala territorializando sua vivência como liderança Luciene traz muita da força da mulher quilombola que desde cedo começa a participar da articulação social e política da sua comunidade. Enfatizar que a Covid-19 tem impacto maior nos quilombos e outros territórios segregados é reafirmar que o racismo no Brasil tem cor e classe, principalmente, no que tange a garantia da seguridade social e o bem estar, com isso, Luciene (2020) ao afirmar que a falta de uma condição boa de vida na comunidade obriga seus habitantes a estarem sempre em um ciclo de idas e vindas na luta pela sobrevivência, destacando que isso em um contexto pandêmico piora a possibilidade de isolamento social o que mostra a fragilidade que a manutenção da vida no quilombo enseja.

Luciene (2020) em outro momento coloca que os primeiros casos de Corona vírus na comunidade foram duas mulheres que estavam uma no trabalho como empregada doméstica e outra sendo estudante universitária, pois, estavam na cidade em busca de melhores oportunidades e acabaram sendo contaminadas. Ao analisar essa situação na visão da liderança associando ao primeiro caso de morte por Covid-19 no Brasil, são os corpos pretos e as mulheres negras que tem mais sofrido com a pandemia, pois, muitas ficaram doentes e não puderam retornar aos seus territórios e outras retornaram doentes trazendo a doença para comunidade. Outro fato evidenciado por ela é a morosidade no acesso a saúde do povo quilombola em relação à testagem em massa e a distribuição de EPIs, sendo um privilégio está em casa com saúde e seguridade social.

Joseane Pereira dos Santos, liderança do quilombo de Paratibe, do município de João Pessoa, Paraíba, em entrevista concedida para nossa pesquisa doutoral⁴ (05/02/2021), destacou as dificuldades que sua comunidade tem vivenciado no enfrentamento à Covid- 19. Pois, o quilombo de Paratibe vem desde a década de 1980 sofrendo um processo de urbanização com o crescimento demográfico da capital paraibana, o que incidiu sobre o território quilombola na perda de diversas áreas verdes, além, da mudança da paisagem rural, para um contexto rururbano (GONÇALVES, 2011).

Essa urbanização vinda de fora, em um contexto pandêmico trás uma série de problemas com o perigo do contágio na comunidade, principalmente, por Paratibe vive a mesma situação de Caiana dos Crioulos no que compete está inserida dentro da relação com a cidade e nela muitos quilombolas transitam em busca do bem viver. Joseane (2021) nos relata que:

Sou ACS (agente comunitária de saúde) e liderança comunitária e desde o início da pandemia sempre foi uma preocupação pra mim evitar o contágio da doença aqui no quilombo, já que a gente não vive mas a situação de antigamente, não estamos mais isolados da cidade. Não que a gente não tivesse uma relação com ela, digo muitas pessoas da comunidade sobrevivem de vender frutas no mercado público e da pesca de peixes, camarões, mariscos etc. Mas que com o avanço da cidade em nosso território trouxe junto coisas ruins: violência, problema das drogas, etc.

Nisso a pandemia é mais uma preocupação da gente, eu sempre busco modos de nos resguardar, graças a Deus ninguém aqui adoeceu, mas é uma luta diária, por exemplo, nós já conseguimos doações de cestas básicas, eu fiz muitas máscaras de pano pra distribuir na comunidade, inclusive pras crianças, mas é difícil a questão do isolamento, por que aqui todo mundo é família. Eu sempre foco na questão dos de fora, o pessoal que faz entrega dos aplicativos sem máscara, mas é difícil conscientizar. (JOSEANE PEREIRA DOS SANTOS, 05/02/2021).

O fato de ser agente de saúde, trás para Joseane (2021) uma dupla responsabilidade, pois, é ela que faz o acompanhamento da saúde de sua comunidade e encaminha para o Posto de Saúde municipal em que trabalha, além da sua atuação como liderança quilombola na busca por políticas públicas e auxílios em um momento tão difícil como esse. Com isso, para além da questão da prevenção à Covid no âmbito da saúde, a liderança vem se preocupando com a questão da ludicidade e ensino das crianças e jovens quilombolas, pois, com as escolas públicas fechadas desde março de 2020, surgiu também essa demanda de contribuir na educação comunitária desse seguimento que tem sentido falta da vivência escolar.

De acordo com Joseane (2021) estão sendo realizadas ações pontuais visando o fomento da ludicidade infanto-juvenil com oficinas de desenho, de produção de artesanato (fuxicos) e reforço escolar com o intuito de não deixar que a juventude quilombola perca momentos de interação social e de aprendizagem que tem feito falta com a ausência do espaço escolar. Para a liderança movimentar a juventude é muito importante, pois, eles sentem falta dessa interação e as oficinas são o espaço de convivência e aprendizagem educativo sendo fomentada pelas mulheres mães da comunidade.

Diante do exposto, essas lideranças quilombolas têm atuando em seus territórios de diferentes modos, seja pela denúncia das violações de direitos sociais, seja pelo fomento in loco de ações para o bem estar comunitário, movimentando suas comunidades no processo de resistência ao contexto pandêmico. Como bem fala Ângela Davis “quando as mulheres negras se movem, toda a estrutura política e social se movimenta na sociedade” (DAVIS, 2017b). E é esse empoderamento⁵ das mulheres quilombolas paraibanas que têm trazido outras perspectivas de vivências em seus territórios apesar do Governo Bolsonaro e da sua política genocida. Ao arregaçarem as mangas e irem à luta essas mulheres grafam que resistir é a palavra de primeira ordem e é na luta que se constitui o povo quilombola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto percebemos que a situação das comunidades quilombolas brasileiras, em especial, no estado da Paraíba, é difícil, pois, o Governo Bolsonaro que no âmbito Federal tem a competência de gerir as políticas públicas para quilombolas não



o faz, sendo agravada a problemática em face da pandemia que assola o Brasil e o mundo. A necropolítica como bem evidencia Mbembe (2016) no ato de deixar morrer os corpos negros e marginalizados, no caso do povo quilombola já são 204 vítimas desta doença, diz muito da inércia proposital do Governo Bolsonaro, que aliado a uma política econômica neoliberalista e ao capital privado vê nos territórios quilombolas a possibilidade de “passar a boiada”, por isso, vetar ações de assistência social é intencional para o projeto de poder da ultradireita conservadora.

Frente a essa situação as mulheres quilombolas no Brasil e na Paraíba r-existem ocupando os espaços de luta política, na pandemia, as redes sociais transformaram-se em um espaço importante de visibilidade e as *lives* nesse contexto são outros lugares de fala dessas mulheres. Além disso, é importante frisar o protagonismo das mulheres quilombolas na Conaq em face da mobilização do ente judiciário para o julgamento da ADPF 742 (2020) visando pressionar o estado brasileiro a fazer seu papel de assistir as comunidades quilombolas no combate a Covid. Na Paraíba, as mulheres quilombolas vêm atuando quer seja no relato de vivência e resistência no âmbito virtual, denunciando as negações de direitos humanos, quer seja na atuação no chão da comunidade com a busca de diferentes modos de assistir as famílias mostrando que a força da mulher quilombola tem como principal base à defesa do bem viver de sua comunidade.

A pandemia não acabou e no Brasil, segundo Selma Dealdina (2020), existem dois vírus perigosos: a Covid e o Governo Bolsonaro. Por isso, a luta do povo quilombola é uma luta urgente, na defesa dos seus territórios, da manutenção da segurança social e no direito a vida. Sendo as mulheres quilombolas os corpos protagonistas da resistência às formas de opressão que fundamentadas no racismo estrutural visam desarticular as conquistas sociais e políticas do povo quilombola, elas continuam em marcha atuando em seus territórios na promoção de ações afirmativas como as que estão sendo realizadas por Joseane Santos (2021). Sendo assim, textos como esse vêm com papel de trazer suas falas para levar a outros espaços a importância da defesa dos territórios quilombolas.

NOTAS

1. Segundo Holston (2013, p. 22) possuímos: “uma cidadania que administra as diferenças sociais legalizando-as de maneira que legitima e reproduzem as desigualdades”, sendo a articulação dos movimentos sociais frente a uma cidadania desigual caracterizada como uma cidadania insurgente que visa à conquista de direitos negados e a desestabilização desse sistema excludente.
2. Para CEFAÏ, VEIGA, MOTA (2011, p. 39-40) “uma arena pública não é um espaço-tempo uniforme e homogêneo. Ela se apoia em uma multiplicidade de cenas e seus bastidores todas sob a alçada de análises de situação. Uma perspectiva mi-

crossociológica e pragmática abandona uma visão objetiva, de sobrevoo, sobre o espaço-tempo público. Ela tenta recuperá-lo fazendo, no trabalho de sua configuração, a sua unificação e sua legitimação por feixes de atividades e interações. Os teatros de operação e os campos de manobra são múltiplos. Podemos ordená-los em torno do processo de emergência, de estabilização, de institucionalização e de resolução de problemas públicos – e de todas as formas de transações que operam em paralelo nos bastidores, mais ou menos escondidos do olhar do público. Uma arena pública se articula, assim, por intermédio das formas de mobilização coletiva (3.3.1), dos estados da opinião pública (3.3.2) e dos dispositivos de ação pública (3.3.3)”.

3. O conceito de bem viver para Quijano (2014, p.52) é a forma mais antiga indígena de resistência a coloniedade: [...] “porque la vasta población implicada percibe, con intensidad creciente, que lo que está en juego ahora no es sólo su pobreza, como su sempiterna experiencia, sino, nada menos que su propia sobrevivencia. Tal descubrimiento entraña, necesariamente, que no se puede defender la vida humana en la tierra sin defender, al mismo tiempo, en el mismo movimiento, las condiciones de la vida misma en esta tierra” Ao relacionarmos esse conceito com a luta das mulheres quilombolas, o fazemos entendendo que é uma luta cotidiana e histórica pelo direito de existir e da manutenção de seus territórios, nos quais os problemas de ordem econômica, social e política incidem diretamente na vida dessas mulheres, pois, são elas que gerem a vida no quilombo.
4. Atualmente realizamos pesquisa doutoral sobre a relação de gênero e território na Paraíba junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia do PosGeo-UFF, sob a orientação do prof. Dr. Carlos Walter Porto-Gonçalves.
5. Segundo Batliwala (1994, p.130): “o termo empoderamento se refere a uma gama de atividades, da assertividade individual até a resistência, protesto e mobilização coletivas, que dimensionam as bases das relações de poder. No caso de indivíduos e grupos cujo acesso aos recursos e poder são determinados por classe, casta, etnicidade e gênero, o empoderamento começa quando eles, não apenas reconhecem as forças sistêmicas que os oprimem, como também atuam no sentido de mudar as relações de poder existentes. Portanto, o empoderamento é um processo dirigido para a transformação da natureza e direção das forças sistêmicas que marginalizam as mulheres e outros setores excluídos em determinados contextos”. Trad.: SAR-DENBERG (2018, p. 6).

REFERÊNCIAS

- AACADE, (2020). Associação de Apoio aos Assentamentos e Comunidades Afro-descendentes. (<http://quilombosdoparaiba.blogspot.com/>). Acesso em: [14/12/2020].
- ALMEIDA, S. L de (2018). O que é o racismo estrutural? Belo Horizonte: Letramento.



- ARRUTI, J. M. et. al. (2021). O impacto da Covid-19 sobre as comunidades quilombolas. In: Afro: Informativo Desigualdades raciais e Covid-19 | Janeiro #6 (pp. 1-58). Disponível em: (https://www.socioambiental.org/sites/blog.socioambiental.org/files/nsa/arquivos/informativo-6-o-impacto-da-covid-19-sobre-as-comunidades-quilombolas_1.pdf). Acesso em: [15/02/2021].
- BANAL, A; FORTES, M. E. P. (orgs). (2013). Quilombos da Paraíba: a realidade de hoje e os desafios para o futuro. João Pessoa: Imprell Gráfica e Editora.
- BARDIN, L, (2006 (1977)). Análise de Conteúdo. Trad. REGO, L. de A; PINHEIRO, A. Lisboa: Edições 70.
- BERTH, J. (2020). Entrevista a Hélio Menezes no documentário “Viva Nossa Voz”, IGTV, Canal Brasil.
- BORGES, J. (2018). O que é encarceramento em massa? Belo Horizonte: Letramento.
- BUTLER, J. (2008a). Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade, 2, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro.
- BUTLER, J. (2015b). *Corpos que importam/Bodies That Matter*. Trad. SANTOS, M.G; RODRIGUES, S.M. Revista Sapere Aude: Belo Horizonte, v. 6, n. 11, (pp.12-16). Disponível em: (https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1740575/mod_resource/content/2/BUTLER.%20Judith.%20Bodies%20that%20matter_introdu%C3%A7%C3%A3o%20em%20port.pdf). Acesso em: [10/10/2020].
- BONNEMAISON, J. (2002) Viagem em torno do território. In: CORRÊA, R. e ROSENDAHAL, Z. (org). Geografia Cultural: Um século (3) RJ: EDUERJ.
- CARTA CAPITAL. (2020). Bolsonaro veta obrigação do governo de fornecer água potável, materiais de higiene e leitos hospitalares a índios. Disponível em: (https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-veta-obrigacao-do-governo-em-forneceraguapotavelhigieneeleitoshospitalaresaindios/?utm_campaign=novo_layout_newsletter_0872020&utm_medium=email&utm_source=RD+Station). Acesso: [12/02/2021].
- CARVALHO, M. J. M. de. (2012). O quilombo do Malunquinho, o rei das matas de Pernambuco. In: REIS, J. J; GOMES, F. dos S (org). Liberdade por um fio: História dos Quilombos no Brasil. 1ª ed. São Paulo: Claro Enigma. (pp. 465-493).
- CEFAÏ, D; MELLO, M. A. da S; MOTA, F. R; VEIGA, F. B. (orgs) (2011). Arenas Públicas: por uma etnografia da vida associativa. Niterói: Ed. da UFF.
- CRENSHAW, K. W. (2002). “Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero,” Revista Estudos Feministas 10.
- CONAQ (2021). Observatório da COVID nos quilombos da Coordenação Nacional de Articulação de Quilombos. Disponível em: (<http://conaq.org.br/>). Acesso em: [15/12/2020].
- CONAQ. (2021). STF inclui adpf quilombola em pauta para julgamento em 12 de fevereiro. Disponível em: (<http://conaq.org.br/noticias/covid-19-stf-in>

- clui-adpf-quilombola-em-pauta-para-julgamento-em-12-de-fevereiro/). Acesso em: [13/02/2021].
- CONAQ. (2021). ADPF 742 em Julgamento. Disponível em: (<http://conaq.org.br/noticias/adpf-742-em-julgamento/>). Acesso em: [13/02/2021].
- COSTA, I. E. (2016a). A resignificação da Identidade Quilombola na Comunidade de Paratibe: uma análise a partir dos processos de resistência. 176f. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB.
- COSTA, I. E. (2020b) O que dizem as mulheres quilombolas na Paraíba: Uma análise decolonial das falas das mulheres quilombolas no 25 de Julho na Comunidade Quilombola de Paratibe, João Pessoa – PB. In: DA ROCHA, P. H. et. al. Decolonialidade a partir do Brasil. Vol. III, Editora Dialética.
- DAGNINO, E. (2004) Sociedade civil, participação e cidadania: de que estamos falando? In: MATO, Daniel (Coord.). Políticas de ciudadanía y sociedade civil em tempos de globalización. Caracas:FACES, Univ. Central de Venezuela. (pp.95-110).
- DAVIS, A. (2013a). Mulher, raça e classe. Trad Livre, Plataforma Gueto.
- DAVIS, A.. (2017b). Conferência de abertura da Escola de Pensamento Feminista Negro, em 17 de julho de 2017, na cidade de Cachoeira-BA.
- EVARISTO, C. (2005). Gênero e etnia: uma escr(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, N. M. B; SCHNEIDER, L. (org). Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora. João Pessoa: Ed. Universitária, (pp. 201-212).
- GONZALEZ, L. (1984a). Racismo e sexismo na cultura brasileira. Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, (p. 225).
- GONZALEZ, L. (1988b). “A categoria político-cultural de amefricanidade”. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, jan./jun.
- GONÇALVES, R. M. P. (2011). Relatório antropológico de identificação e delimitação da comunidade negra de Paratibe. João Pessoa: Inkra.
- HOLSTON, J. (2013). Cidadania insurgente: disjunções da democracia e da modernidade no Brasil. 1 ed. São Paulo Companhia das Letras.
- INSTITUTO CONECTAS. (2021). STF julga garantia de proteção a quilombolas na pandemia. Disponível em: (<https://www.conectas.org/noticias/stf-julga-garantia-de-protecao-a-quilombolas-na-pandemia>). Acesso em: [13/02/2021].
- LERMA, B. R. L. (2014) El feminismo no puede ser uno porque las mujeres somos diversas. Aportes a um feminismo negro decolonial desde la experiencia de las mujeres negras del Pacífico colombiano. In: MIÑOSO, Y, E; CORREAL, D. G; MUÑOZ-POPAYÁN, K, O. Tejiendo de outro modo: Feminismo, epistemologia y apuestas Decoloniales em Abya Yala. Ed. Universidad del Cauca.
- MONTEIRO, K. dos S. (2013). As mulheres quilombolas na Paraíba: terra, trabalho e território. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal da Paraíba.



- ba – UFPB, João Pessoa. Disponível em: (<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/5834>). Acesso em: [12/10/2020].
- MBEMBE, A. (2016). Necropolítica. *Arte & Ensaios | revista do ppgav/eba/ufrij* | n. 32 | dezembro. Disponível em: (<https://revistas.ufrij.br/index.php/ae/article/view/8993/7169>). Acesso em: [12/12/2020].
- NASCIMENTO, M; BRANT, F. (s/d). canção Maria, Maria. Disponível em: (<https://www.letras.mus.br/milton-nascimento/47431/>). Acesso em: [12/02/2020].
- PEREIRA, A. A. (2010). “O Mundo Negro”: a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil (1970-1995). (Tese de Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense.
- PORTO-GONÇALVES, C. W. (2005). De saberes e de territórios: diversidade e emancipação a partir da experiência latino-americana. Disponível em: (<http://www.mstemdados.org/sites/default/files/Carlos%20Walter%20PortoGon%C3%A7alve-%20De%20saberes%20e%20de%20territ%C3%B3rios.pdf>). Acesso em: [06/12/2020].
- QUINJANO, A. (2014). “Bien Vivir” Entre El “desarrollo” y la Des/Colonialidade del poder. 2014. Disponível em: (http://www.mapuche.info/wps_pdf/quijano%202014.pdf). Acesso em: [20/08/2020].
- RATTS, A. (2012). Os lugares da gente negra: temas geográficos no pensamento de Beatriz Nascimento e Lélia Gonzalez. In: SANTOS, R. E. dos. (org). *Questões urbanas e racismo*. Petrópolis, RJ: DP et Alii; Brasília, DF: ABPN.
- REIS, J. J; GOMES, F. dos S. (2012). Uma História da Liderdade. In: REIS, J. J; GOMES, F. dos S. (org). *Liberdade por um fio: História dos Quilombos no Brasil*. 1ª ed. São Paulo: Claro Enigma. 2012.
- RIBEIRO, D. (2017) *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte (MG): Letramento. Justificando, 2017.
- SARDENBERG, C. M. B. (2001). Da crítica feminista a ciência a uma ciência feminista. X Encontro da REDOR. UFBA, Salvador, 2001. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/6875/1/Vers%C3%A3o%20Final%20Da%20Cr%C3%ADtica%20Feminista.pdf>. Acesso em: 18/10/2020.
- SARDENBERG, C. M. B. (2018). Conceituando “empoderamento” na perspectiva feminista. In: I Seminário Internacional: Trilhas do empoderamento de mulheres. Projeto Tempo, NEIM/UFBA, Salvador.
- SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL. (2021) Processo ADPF742. Disponível em: (<http://portal.stf.jus.br/processos/detalhe.asp?incidente=6001379>). Acesso em: [20/02/2021].
- TERRA DE DIREITOS (2020). Vetos ao PL1142 negação da política de combate a covid19 para quilombolas, indígenas e povos tradicionais. Disponível em: (<https://terradedireitos.org.br/acervo/artigos/vetos-ao-pl-1142-negacao-da-po>

litica-de-combate-a-covid19-para-quilombolas-indigenas-e-povos-tradicio-
nais/23429). Acesso em: [10/02/2021].

ZADRA, L. (2014) Mulher quilombola que terce a vida. In: AACADE;CECNEQ. Ca-
tálogo Feminino Quilombola. Produção Fotógrafos de Rua, 2014, (p. 24).

Entrevistas e Lives (Transcrições)

Joseane Pereira dos Santos, (2021) agente comunitária de saúde e liderança do quilom-
bo de Paratibe, João Pessoa – PB, entrevista para tese.

BAMIDELÊ, (2020). Live “quilombolas no contexto de Pandemia”, dia 01/06/2020.
IGTV-Instagran. Disponível em: ([https://www.instagram.com/tv/CA6IROUjRc-
q/?hl=pt-br](https://www.instagram.com/tv/CA6IROUjRc-q/?hl=pt-br)). Acesso em: [20/02/2021].

MIDIA NINJA, (2020). live Papo Ninja Especial aniversário CONAQ 24 anos, dia
31/05/2020, com o tema: “Toda mulher negra é um quilombo”. Disponível em:
(<https://youtu.be/bOgTdxnpNZs>). Acesso em: [15/02/2021].

II.

**Derecho a la ciudad y autogestión.
Diálogos entre México, Argentina,
Chile y Colombia**

Tierra para vivir: las luchas por vivienda digna en Argentina durante la pandemia

Hernán Ouviaña

Profesor e Investigador, Instituto de Estudios de América Latina y el Caribe
Universidad de Buenos Aires
Correo electrónico: hermanou@hotmail.com

Francisco L'Huillier

Investigador en formación, Instituto de Estudios de América Latina y el Caribe
Universidad de Buenos Aires
Correo electrónico: franciscolhuillier@hotmail.com

INTRODUCCIÓN

El presente artículo propone examinar algunas de las dinámicas de lucha y autoorganización popular ensayadas en Argentina en el marco de la pandemia del Covid-19, para garantizar la reproducción de la vida en común en el entorno urbano de la Provincia de Buenos Aires. En este sentido, el objetivo es poner de manifiesto que, frente a un contexto de agudización de la crisis sanitaria, económica, socio-ambiental y habitacional como la acontecida a nivel global a lo largo del año 2020, y ante una insuficiente -e ineficiente- respuesta por parte de las instituciones estatales, toman fuerza una serie de prácticas autogestivas que tienen como protagonista a un conjunto de actores sociales que se movilizan activamente para reducir el impacto de esta crisis, en particular entre los sectores de la clase trabajadora que más se han visto afectados por ella.

En el caso de Argentina, se destacan numerosos ejemplos de procesos organizativos que apuestan a recrear el tejido comunitario, las prácticas colaborativas y de autocuidado colectivo, a contramano de las lógicas que pretenden imponer el mercado y el Estado, y que atraviesan las diferentes tramas de la reproducción social -hábitat y vivienda, salud, educación, alimentación, etc.- Como ejemplo paradigmático de estas experiencias, y como expresión cabal de la problemática habitacional de carácter estructural que desde hace décadas se condensa en los grandes centros urbanos del país -indudablemente agravada por la crisis sanitaria y la exacerbación de la precariedad de la vida que impuso la coyuntura de pandemia-, el 20 de julio de 2020 miles de familias recuperaron un predio desocupado de alrededor de 100 hectáreas en la localidad de Guernica, perteneciente al tercer cordón del conurbano bonaerense.

Si bien no fue un hecho aislado, ya que la dinámica de ocupación y recuperación de tierras se multiplicó tanto en Buenos Aires como en otras provincias del país, lo cierto es que por su magnitud, capacidad de resistencia, organización interna y resonancia, devino con el correr de las semanas una experiencia emblemática a nivel nacional. Esta experiencia supo cobrar una enorme visibilidad mediática, y la consigna “Tierra para vivir” se estructuró como un significante que cristalizó las necesidades habitacionales de un sector mayoritario de la población, al cual ni el Estado ni el mercado daban respuesta efectiva. A pesar de ser desalojada con un alto costo para el gobierno provincial, durante el tiempo que duró -más de tres meses- resultó de gran significación y actualmente puede ser leída como un punto de condensación de las contradicciones fundamentales que configuran a la sociedad capitalista y patriarcal.

La propuesta del artículo es por lo tanto reconstruir el contexto más amplio en el que se inscribe esta lucha, donde la reproducción de la vida emerge como eje estructurador de resistencia ante la pandemia, e indagar en las enseñanzas que brinda para el análisis de las luchas en defensa de lo común en contextos y territorios de periferias urbanas.

CAPITALOCENO, NECROPOLÍTICA Y REPRODUCCIÓN DE LA VIDA EN TIEMPOS DE PANDEMIA

Partimos de asumir que la pandemia no inaugura la crisis civilizatoria que estamos viviendo a escala global, sino que más bien ésta ya existía de antemano, y en tal caso lo que sí hizo fue revelar e intensificar de manera descarnada las lógicas más perversas del Capitaloceno y la necropolítica. En el primer caso, recuperamos la caracterización que formulan Jason Moore (2020) y Renan Vega Cantor (2019), para quienes el capitalismo da inicio a una fase de la historia moderna que involucra formas de estructurar las relaciones de dominio entre los seres humanos y el resto de la naturaleza que, por su velocidad y escala de destrucción y explotación desmedida, no tiene parangón con



otras situaciones o épocas precedentes. Por su parte, la necropolítica puede ser definida, junto con Achille Mbembe (2011), como aquella que habilita una política de gestión de la muerte tal como la que vivimos actualmente, donde lo que se torna predominante es una modalidad de intervención estatal que ejerce control sobre la mortalidad, masacra poblaciones o sacrifica a ciertos sectores de la sociedad para favorecer a otros, al amparo de un régimen de excepción que deviene permanente.

Al mismo tiempo, y de manera complementaria, postulamos una definición amplia y de mayor complejidad del neoliberalismo, no acotando su dinámica y radio de acción meramente a un conjunto de políticas económicas ni tampoco a un menor grado de intervencionismo estatal vis a vis el mercado. Estas interpretaciones, creemos, oscurecen más de lo que clarifican. Optamos por retomar la tesis formulada por Christian Laval y Pierre Dardot (2013), para quienes el neoliberalismo es la razón global del capitalismo contemporáneo, por lo que requiere ser asumido como “construcción histórica y norma general de la vida”, mediante su poder de integración de todas las dimensiones de la existencia humana. No es, por tanto, solo destructor de reglas ni puro mercantilismo, sino también -en clave gramsciana- productor de un cierto “conformismo”, de determinadas maneras de vivir, subjetivar y reproducir un sentido de orden.

Este último punto es fundamental para entender lo que tendió a cruzir al calor de la pandemia de manera forzada, y que en parte llevó a que miles de personas cuestionen la propiedad privada y decidan recuperar tierras para vivir desde una perspectiva comunitaria. El concepto de momento constitutivo, propuesto por el marxista boliviano René Zavaleta, nos parece pertinente justamente para caracterizar la situación abierta con la pandemia a nivel global. De acuerdo a su lectura, este tipo de coyunturas álgidas remiten a un episodio epocal -entendido por cierto de manera procesual- en donde el conjunto de la población vive, como “efecto de la concentración del tiempo histórico (...) una instancia de vaciamiento o disponibilidad universal y otra de interpelación o penetración hegemónica” (Zavaleta 1990b: 183). Con un claro lenguaje gramsciano, Zavaleta intenta dotar de centralidad a aquellos momentos en los que se produce “la transformación ideológico-moral o sea la imposición del nuevo sentido histórico de la temporalidad”, esto es, “una suerte de vacancia o gratuidad ideológica y la consiguiente anuencia a un relevo de las creencias y las lealtades” (Zavaleta 1990a: 132).

Si bien no lo explicita, resulta evidente que está aludiendo a situaciones que, al decir de Gramsci, se identifican con las crisis orgánicas en el seno de un bloque histórico: aquellos contextos críticos de una sociedad donde la hegemonía, hasta ese entonces arraigada en las masas, se resquebraja y deja de oficiar como concepción predominante del mundo para ellas, desestabilizando también las diferentes formas de autoridad predominantes, en particular la referida al orden público-estatal como contracara de la lógica mercantil asentada en la propiedad privada. Los momentos constitutivos remiten por lo tanto a crisis generales, en las que se plasman o bien se refundan las característi-

cas y rasgos más destacados de una determinada sociedad por un tiempo relativamente prolongado, es decir, la configuración o genealogía profunda de un bloque histórico, en su específica articulación entre Estado y sociedad.

Como veremos, este resquebrajamiento, si bien no emerge de manera exclusiva con la pandemia, cobra una dimensión dramática con ella y resulta un rasgo distintivo de la coyuntura abierta producto de la irradiación del COVID-19 a escala planetaria, aunque tiene como antecedente una situación habitacional y de precariedad de la vida trágica para un porcentaje importante de los sectores populares, que a continuación describiremos con mayor detalle.

LA PROBLEMÁTICA HABITACIONAL EN ARGENTINA Y EN EL AMBA

“La ciudad se nos escapa de entre las manos; se nos va hacia arriba y hacia la pampa. Por eso es menos nuestra. Quienes la habitaron antes de que diera el gran salto hacia las nubes y hacia el suburbio debieron quererla como a un animal doméstico, al cual se podía acariciar sin que huyera, espantadizo”

Manuel Mujica Láinez

En Argentina, al igual que en el resto de América Latina, el acceso al hábitat -tierra y vivienda- por parte de la clase trabajadora se ha convertido, a lo largo de las últimas décadas, en un problema estructural que tiende a agravarse año tras año. Esta problemática se agudiza particularmente en el espacio urbano de mayor densidad poblacional del país: el Área Metropolitana de Buenos Aires¹ (en adelante AMBA), como consecuencia de una multiplicidad de factores en los que se conjugan aspectos geográficos, políticos, socioeconómicos y socioterritoriales.

De un informe del Instituto Nacional de Estadísticas y Censos de la Argentina realizado el primer semestre del año 2020 (INDEC, 2020) se desprenden una serie de indicadores que ilustran la deficiente situación habitacional que transita un sector relevante de la población²:

- Un 18,9% sobre el total de hogares evidencia una total o parcialmente **insuficiente calidad de materiales en su construcción**.
- Un 21,1% de la población se encuentra en situación de **hacinamiento moderado** (más de 2 personas de por cuarto), y un 4,7% en **hacinamiento crítico** (más de 3 personas por cuarto).
- Un 6,2% de los hogares y un 7,2% de la población habitan cerca de **basurales**, mientras que un 11,7% y un 13,5% respectivamente lo hacen en **zonas inundables**.
- Un 30% de los hogares no accede al desagüe **cloacal**.



- Un 32% de los hogares no accede a la red de **gas natural**.
- Un 10,5% de los hogares no accede a la red de **agua potable**.
- En relación al **régimen de tenencia** apenas el 62,2% de los hogares y el 63,8% de las personas es propietaria tanto del terreno como de la vivienda.

Si nos circunscribimos al AMBA, aunque los datos disponibles (CEM, 2017) corresponden al último censo poblacional del año 2010, revelan un panorama similar (que durante la última década no ha hecho sino agravarse) :

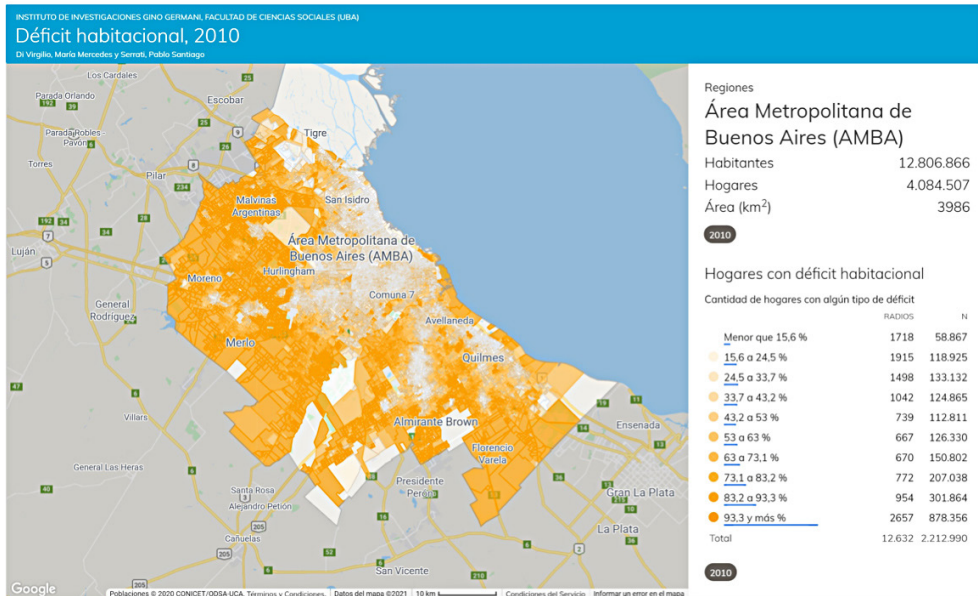
- Un 5,7% y un 15,2% de los hogares poseen una calidad de conexión a los **servicios básicos de saneamiento** parcialmente deficitaria y deficitaria, respectivamente.
- Un 10% de los hogares evidencia situaciones de **hacinamiento moderado**, mientras que un 4,5% de hogares se encuentra en condición de **hacinamiento crítico**.
- En relación al **régimen de tenencia**, un 68,7% es propietario/a de la vivienda. El porcentaje restante se encuentra repartido en inquilinos/as, subinquilinos/as, residentes en viviendas prestadas, u otras situaciones no determinadas.
- Un 17,2% de los hogares presenta una situación parcialmente deficitaria en relación a la **calidad de materiales** de la vivienda, mientras que en un 10,4% de hogares esta situación es directamente deficitaria.
- Un 24% de los hogares del conglomerado no accede a la red de **gas natural**.

En la Figura 1 se puede observar la distribución geográfica de los hogares que muestran algún tipo de déficit habitacional, así como la variación porcentual por regiones, a lo largo de todo el conglomerado del AMBA para el año 2010. Se trata de un total de 2.212.990 hogares, de los cuales 1.357.258 evidencia un porcentaje de déficit mayor al 70%, es decir, atraviesan una situación ciertamente crítica en relación al acceso al hábitat.

Según Rubén Pascolini, secretario de Acceso al Hábitat de la provincia de Buenos Aires:

“El déficit habitacional proyectado en la provincia es de aproximadamente 1.240.000 familias que tienen problemas de vivienda. De ese total se calcula que el 50 por ciento es déficit cuantitativo, es decir que necesita una vivienda nueva; y el otro 50 por ciento es déficit cualitativo, es decir familias que necesitan mejoramientos o ampliaciones de vivienda. En lo que hace a villas y asentamientos, hay registrados en la Subsecretaría de Hábitat de la Comunidad, 1.807 de los que se denominan barrios populares, con graves déficit urbanísticos, sociales, ambientales y de servicios públicos” (Edipo, 2020: 15)

Figura 1: Déficit habitacional en el AMBA. Año 2010



Fuente: Di Virgilio y Serrati (2019)

Además de las condiciones deficitarias en términos de acceso a servicios sanitarios y de infraestructura, otro fenómeno nodal que revela la problemática habitacional, tanto en Argentina como en latinoamérica, es la expansión creciente de dinámicas e iniciativas autogestionarias, o bien vinculadas con la autoconstrucción de viviendas y la ayuda mutua, que por lo general la literatura especializada ha definido desde la categoría de *informalidad* en relación al acceso al hábitat. Es preciso interpretar a estos procesos desde una perspectiva *multidimensional*, la cual remite no sólo a la inadecuación respecto la normativa jurídica que institucionaliza la propiedad privada sobre la tierra; sino también a la presencia de un conjunto de irregularidades o inequidades en el acceso a los servicios básicos de infraestructura y saneamiento urbano³. Estas particularidades ponen de manifiesto que los denominados *hábitats informales* son espacios en los cuales sus habitantes se encuentran expuestos a una vulnerabilidad que se expresa no sólo en el plano jurídico, en el sentido de el siempre latente riesgo de ser desalojados, sino también a partir de su dimensión ambiental y socioterritorial.

Al estar emplazados en las periferias urbanas, en territorios intersticiales que por falta de rentabilidad inmobiliaria han sido desechados por el mercado, o simplemente en terrenos fiscales en desuso, estos hábitats se han visto históricamente expuestos a condiciones ambientales que suponen un notable riesgo sanitario para sus habitantes -cercanía a basurales, a riberas contaminadas, terrenos inundables, cavas, etc.-.

Estas dinámicas de autoconstrucción de vivienda presentan una gran variedad de formatos territoriales y organizativos, en función del contexto geográfico, socioeconómico



mico y político en el cual se producen. En la Argentina y en el AMBA distinguimos fundamentalmente dos: las *villas de emergencia* y los *asentamientos informales*⁴.

En la región del AMBA, la mayor concentración de villas se observa en espacios con relativa cercanía a la centralidad urbana⁵, mientras que los asentamientos se distribuyen mayormente en zonas periurbanas tales como la segunda y tercera corona de la región metropolitana. Esta diferencia en términos de ubicación geográfica se refleja en la mayor antigüedad de las villas como modalidad de autoproducción social del hábitat -las primeras villas surgen en la década del 40 de siglo XX, en el marco de un proceso de sustitución de importaciones y florecimiento de la actividad industrial en los centros urbanos-, frente a una más reciente consolidación de los asentamientos -la primera gran oleada de ocupaciones en la periferia urbana del AMBA se produce en la década de los '80-.

Si el proceso de formación de villas a lo largo del segundo tercio del siglo XX (décadas del 40 al 70), expresa la expectativa de las clases populares de ser protagonistas de un mecanismo de inserción en el mercado laboral que habilitaría dinámicas de movilidad social ascendente en el contexto de una fase expansiva de acumulación del capital, las masivas ocupaciones de tierras y la consiguiente conformación de asentamientos informales que se inicia en la década del 80 pone de manifiesto el agotamiento de ese mismo ciclo, así como el comienzo de un acelerado proceso de pauperización estructural de un sector de la clase trabajadora que va minando aquellas expectativas. Es decir, mientras en el primer caso la producción del hábitat informal aparecía como un fenómeno que se manifestaba como una etapa transicional de asimilación de contingentes migratorios internos (campo-ciudad) o externos (migrantes europeos o de países limítrofes) a la estructura urbana metropolitana; en el segundo caso, asume un carácter permanente y estructural⁶.

Según el Registro Nacional de Barrios Populares (RENABAP) actualmente existen en Argentina 4416 hábitats informales o autoproducidos a lo largo del país, concentrándose 1709 en la Provincia de Buenos Aires (Ministerio de Salud y Desarrollo Social, 2019).

La expansión de la informalidad como forma de producción del espacio tiene también su contracara: la proliferación -desde la década del 80 en adelante- de los denominados barrios cerrados o *countries*. Son emprendimientos inmobiliarios de gran extensión territorial y sumamente lucrativos construidos en zonas suburbanas donde gracias a la reestructuración urbana de las últimas décadas se ha desarrollado un vasto sistema de autopistas interurbanas. Se trata de formatos inmobiliarios destinados a los sectores de mayor solvencia del mercado (burguesía y fracciones de la clase trabajadora con mayor poder adquisitivo), y replican de alguna forma el paradigma clásico de la suburbanización americana: ofrecen un entorno amigable con la naturaleza⁷, aislamiento del caos urbano pero relativa proximidad a la centralidad, un amplio repertorio de

actividades recreativas, la posibilidad de conformar redes de sociabilidad que brindan status y capital social, etc.

Como veremos más adelante, cuando analicemos el conflicto por la ocupación de tierras en la localidad de Guernica, el desarrollo inmobiliario de barrios cerrados en las periferias urbanas se encuentra íntimamente relacionado con la -no tan- reciente acentuación de la problemática habitacional de los sectores populares. Si históricamente la periferia de lo que denominamos AMBA (primer, segundo y tercer cordón del conurbano bonaerense) se había conformado como el espacio urbano donde la clase obrera industrial establecía sus asentamientos a través de la práctica facilitadora de los loteos populares (la venta de lotes no urbanizados a muy bajo costo), el proceso de reestructuración urbana traccionado a partir de mediados de la década del 70 del siglo XX por la conjunción de políticas públicas de desregulación inmobiliaria y reordenamiento territorial -especialmente las implementadas por la última dictadura militar (Oszlak, 2017)- así como el marcado redireccionamiento de la oferta inmobiliaria hacia los sectores de mayores recursos, dejarán progresiva y definitivamente fuera del mercado del suelo a una vasta franja de la población.

Al mismo tiempo, el proceso de remercantilización de servicios públicos, el desfinanciamiento del gasto público y el desmantelamiento de las instituciones que, con sus limitaciones evidentes, supieron condensar ciertas conquistas parciales por parte de las clases subalternas en el marco del Estado, irán convirtiendo en un recuerdo pretérito el acceso a la casa propia vía créditos hipotecarios o a través de la radicación de complejos de vivienda de interés social con financiamiento público.

Todo ello -junto con el deterioro del poder adquisitivo, la intensificación de la precarización e inestabilidad laboral, y el descenso significativo de un conjunto de indicadores socioeconómicos entre grandes franjas de la población económicamente activa- redundará en la creciente dificultad para un sector cada vez mayor de la clase trabajadora de acceder a una vivienda por medio del mercado formal.

¿Cuál es entonces la estrategia que queda a disposición de estos sectores para garantizarse el acceso a algo tan básico y fundamental que permita el desarrollo de su vida en condiciones humanitarias mínimas? Proveerse ellos mismos de tierra, vivienda y hábitat.

En la siguiente sección profundizaremos en las implicancias de esta dinámica de autoproducción del hábitat. Por ahora basta con mencionar que en América Latina, siguiendo a Abramo (2011), han existido tres grandes lógicas de acceso al hábitat al alcance de los sectores populares.

La primera de ellas, ya mencionada, es **la lógica del mercado**. El acceso a la vivienda a través de la compraventa de tierra o bienes inmuebles en el mercado inmobiliario formal. En función de las grandes transformaciones urbanas y socioeconómicas de las últimas décadas, esta posibilidad aparece como una instancia cada vez más prohibitiva para amplios sectores de la clase asalariada.



La segunda es la **lógica del Estado**, y se produce por la intermediación de las agencias estatales en la facilitación del acceso a la tierra y a la vivienda ya sea a través de créditos blandos, o mediante la provisión directa de soluciones habitacionales financiadas con gasto público. En la Argentina esta lógica ha tenido cierta incidencia a lo largo de las décadas del 40 al 70, bajo el paraguas de una trama política-institucional que privilegiaba la intervención estatal en la provisión de vivienda, desde una concepción más amplia de seguridad social ciudadana.

Por último, la **lógica de la necesidad**, que consiste concretamente en la autoprovisión de un hábitat por fuera de las otras dos lógicas mencionadas. Esto no excluye la posibilidad de que en este proceso de autoconstrucción del hábitat ensayado por las clases populares emerjan prácticas mercantiles. De hecho, el arrendamiento de viviendas o la compraventa de las mismas de manera informal -o sea sin contratos avalados por autoridades formales o existencia alguna de títulos de propiedad- es una práctica bastante frecuente, tanto en villas como en asentamientos informales. Al mismo tiempo, el Estado posee herramientas para intervenir -muchas veces se ve obligado a ello por la presión de los propios habitantes- una vez que estos hábitats se han consolidado, a fin de incorporarlos a la trama urbana mediante procesos de (re)urbanización, regularización dominial, provisión de infraestructura, relocalización de familias, etc.

Como bien señala Sigal:

“Se trata, por lo tanto, de acciones racionales en los límites puestos por la restricción de los recursos disponibles: ante la penuria de viviendas, los individuos invaden los terrenos libres. La apertura más o menos grande del sistema los llevará a realizar acciones en masa o, al contrario, «moleculares»; negociarán con los poderes públicos, utilizando -cuando lo pueden- el voto como moneda de cambio, o bien servicios personales, o bien aún la amenaza de desestabilizar el orden” (Sigal, 1981: 1568).

Si esta lógica de la necesidad se ha venido imponiendo como la predominante en relación la forma en la que los sectores más precarizados de la clase trabajadora han accedido al hábitat en las últimas décadas, la pandemia del Covid-19 y la consecuente crisis de reproducción de la vida en un sentido amplio, se convierte en la principal -sino la única- estrategia habitacional para miles de familias que han visto menguar significativamente sus ingresos por la paralización de la actividad económica, lo cual se traduce en la imposibilidad de seguir pagando el alquiler de una vivienda⁸. Por otro lado, la imposición de la cuarentena obligatoria ha tendido a agudizar las condiciones habitacionales de aquellos hogares que se encuentran en contexto de hacinamiento, así como de las mujeres o niños/as que atraviesan situaciones de violencia doméstica.

La combinación de todas estas realidades -colectivas e individuales- en una región como el AMBA que, como hemos analizado anteriormente, ya evidenciaba síntomas de un marcado deterioro en las condiciones habitacionales de los sectores populares,

desató, en el segundo semestre del año 2020, una oleada de ocupaciones de tierras -más o menos organizadas y más o menos improvisadas- que se fueron replicando en otras provincias del país (Santa Fé, Río Negro, etc.). La lógica de la necesidad, la autoorganización colectiva y los tejidos comunitarios forjados para garantizar el sostenimiento de la vida, pasan a primer plano allí donde ni el Estado ni el mercado son capaces de dar una respuesta adecuada a las situaciones de emergencia alimentaria, sanitaria y habitacional de los sectores desposeídos.

LA RECUPERACIÓN DE TIERRAS COMO ESTRATEGIA DE ACCESO A LA VIVIENDA. BREVE RECORRIDO HISTÓRICO

“Yo crecí en un barrio privado de Buenos Aires... Privado de agua, de luz,
y de teléfono”

Diego Armando Maradona

Partiendo de la sociología y la geografía urbana críticas entendemos que el espacio, a diferencia de otras visiones que podemos denominar *reificantes*, no puede ser considerado un mero receptáculo que contiene a los objetos y a los sujetos, o a los fenómenos que despliega la interacción entre ambos. Estas perspectivas absolutizan el espacio, abstrayéndolo de todo indicio de materialidad y de historicidad (Smith, 2020), y bloquean la comprensión de los procesos urbanos y las dinámicas de transformación que acontecen allí, ya sea estructural o coyunturalmente. Un claro ejemplo de los límites de esta comprensión instrumentalizada del espacio es la asumida por el urbanismo funcionalista europeo y latinoamericano a lo largo de la primera mitad del siglo XX⁹.

Lo que pone de manifiesto el conflicto de Guernica que nos proponemos analizar, así como las distintas formas de *hacer ciudad*, tanto en Argentina como en el resto de América Latina, es que el espacio no sólo no es un epifenómeno de los procesos sociales, políticos y económicos, mucho menos un receptáculo vacío exterior a los mismos, sino que es fundamentalmente el resultado de la acción creativa del ser humano. En otras palabras, entendemos al espacio como un *producto histórico de la sociedad*. En este sentido, el espacio es social.

La producción del espacio, tal como fue teorizado por el sociólogo y filósofo Henri Lefebvre (2013), reconoce las más variadas formas en función de cada momento histórico en particular. La sociedad capitalista, cuya razón de ser reside en la producción de valor que se valoriza, interioriza su propia lógica de producción del espacio. El espacio social deviene mercancía, pero a su vez, se convierte en el soporte fundamental de las relaciones de producción y reproducción social al interior de este tipo de sociedad.

¿Qué es la ciudad sino el espacio donde el proceso de producción y circulación de mercancías -a través de la planificación urbana, el complejo sistema de transporte, el



equipamiento colectivo, etc.- alcanza su punto de mayor desenvolvimiento? ¿No es la ciudad el territorio por antonomasia donde la clase obrera reproduce su propia fuerza de trabajo que luego deberá vender al capitalista en los distritos industriales, comerciales, o de servicios?¹⁰

Al mismo tiempo, la ciudad es, siguiendo a Christian Topalov (1979), el lugar donde la contradicción fundamental de la sociedad capitalista alcanza su máxima expresión: por una lado, la creciente *socialización* del trabajo social y de las fuerzas productivas cristaliza en las infinitas posibilidades de interacciones colectivas que habilita el espacio público y la cartografía de las grandes urbes, así como en la inmensa simplificación del circuito de realización del valor por parte de los capitales privados; por otro lado, la *apropiación privada* del producto social que se pone de manifiesto no sólo en la especulación capitalista en torno al uso del suelo urbano abocada a la captación de plusvalías al tiempo que desestima las necesidades habitacionales de gran parte de la población, sino en dinámicas de segregación traccionadas por la producción mercantilizada del espacio urbano, que desplaza - o directamente expulsa- a los sectores de menor solvencia económica a los márgenes y periferias, y levanta muros y torres infranqueables en los barrios de la burguesía.

Pero esta no es la única contradicción que revela la producción del espacio urbano bajo capitalismo. La desigualdad urbana, como hemos comprobado en el apartado anterior, es una realidad indiscutible que un observador perspicaz y ávido de transitar las periferias puede corroborar al recorrer cualquiera de las grandes ciudades de latinoamérica y del mundo. Esta desigualdad se expresa en la contradictoria convivencia de majestuosos e hipermodernos enclaves metropolitanos *vis a vis* áreas hiperdegradadas y segregadas donde la accesibilidad en materia de transporte, así como el desarrollo territorial e inmobiliario brillan por su ausencia.

Podemos decir entonces, parafraseando a Marx al referirse al desenvolvimiento de los sujetos en el proceso histórico, que los hombres y mujeres producen su propio espacio, pero no en las circunstancias que ellos y ellas eligen, sino bajo aquellas circunstancias con las que se encuentran. Y esto lo saben mejor que nadie las clases subalternas de la ciudad capitalista.

Las tomas de tierras han sido una estrategia recurrente en términos de autoconstrucción del hábitat entre las clases populares, muy especialmente desde la década del '80. Para entender el origen de este proceso es preciso remontarse décadas atrás, especialmente al período que comprende las décadas del '40 al '70. Durante esta etapa, en un contexto marcado por el desarrollo de un régimen de acumulación centrado en la industrialización por sustitución de importaciones, el proceso de (con)urbanización del AMBA se aceleró notablemente.

El crecimiento estructural de la clase obrera industrial -impulsado por una creciente incidencia de ciclos migratorios internos y externos- operó en este sentido como un di-

namizador del proceso de urbanización de la periferia metropolitana de Buenos Aires. En este escenario, fue preciso implementar políticas públicas que facilitaran el acceso al hábitat de las clases populares en proceso de proletarización.

Sin embargo, como afirma Oscar Oszlak, el proceso de planificación y ordenamiento del hábitat de los sectores populares quedó librado al arbitrio de la lógica mercantil de producción de espacio:

“En un contexto de fuertes migraciones hacia la región, de generalizada expansión de las actividades industriales y los servicios, y de crecimiento en los ingresos de los asalariados, la habilitación urbana del suelo y el auge de los negocios vinculados a este proceso hallaron escasos límites en la acción reguladora del Estado. La adquisición del lote individual se convirtió en la modalidad habitual para resolver la necesidad de alojamiento de los sectores asalariados, pero el funcionamiento del mercado de tierras quedó prácticamente lirado a la iniciativa de las empresas” (Oszlak, 2017: 85).

Imperó así, una modalidad de acceso al hábitat que se denominó loteamiento popular (Clichevsky, 2012). Muchos barrios obreros del Gran Buenos Aires se consolidaron a partir de la venta de lotes económicos en zonas con insuficiente provisión de equipamiento urbano y servicios de infraestructura.

En definitiva, si por un lado se facilitaba el acceso a las clases populares a un terreno propio y la autoproducción de vivienda, por el otro, la desregulación en el mercado inmobiliario incidía negativamente en la optimización del entorno urbano en el cual se producían las viviendas obreras, acentuado por la ausencia de un esquema coherente, en términos de política pública, de articulación de las distintas dimensiones del hábitat (transporte, vivienda, etc.). Al mismo tiempo, la distancia geográfica entre las regiones suburbanas y la centralidad metropolitana -y el desgaste físico de la fuerza de trabajo que implica el traslado desde la vivienda a los lugares de trabajo- favorecerá el crecimiento de la estrategia de autoproducción social de hábitat en la centralidad de la Ciudad de Buenos Aires bajo el formato de villas de emergencia.

Este esquema se mantiene con leves modificaciones hasta el golpe de Estado de 1976. Se inaugura así un período marcado por una reestructuración general de la producción del espacio urbano en el AMBA, motorizada a nivel local por las autoridades municipales de la dictadura cívico-militar, que actúa en complementariedad con la política económica global que llevó a cabo el gobierno de facto, consistente en la desarticulación -por medio de la represión institucional más tenebrosa que haya vivido la historia de nuestro país- del modelo de acumulación que sustentaba la alianza entre la burguesía nacional y un proletariado urbano con creciente capacidad de presión en términos de sus intereses de clase.

La conjunción de una serie de políticas territoriales junto con la modificación de la



normativa que regulaba la actividad inmobiliaria, tendrán consecuencias cruciales en las prácticas de producción del hábitat de las clases populares.

En primer lugar, se implementará un proceso de erradicación de villas de la Ciudad de Buenos Aires¹¹, que a través de la represión abierta, la extorsión, el amedrentamiento, y la desarticulación del entramado organizativo de los y las habitantes de esos barrios, logró la expulsión mayoritaria de sus pobladores a la periferia metropolitana (Oszlak, 2017). En segundo término, mediante la Ley de locaciones urbanas n° 21342 se produce el descongelamiento de los contratos de alquiler, favoreciendo la indexación de los mismos. Por último, a través del decreto-ley 8912/77 de Ordenamiento Territorial se pone un límite a la modalidad de loteamiento popular en el Gran Buenos Aires, estableciéndose mayores requerimientos en materia de provisión de infraestructura y equipamiento urbano como condición para la venta de lotes destinados a uso residencial. Esto conducirá inevitablemente, como consecuencia del aumento del valor del suelo urbanizable, a una mayor restricción en el acceso al terreno propio por parte de las clases populares.

Estas medidas en su conjunto, sumadas a la promulgación del Código de Planeamiento Urbano (Oszlak, 2017), generaron la combinación explosiva de dos dinámicas que marcarán un antes y un después en la trayectoria habitacional de las clases populares del AMBA: un progresivo proceso de expulsión -compulsivo y por goteo- de los sectores de menores recursos hacia la periferia metropolitana, y una barrera cada vez más restrictiva para el acceso de los mismos al mercado formal de suelo y vivienda.

Entre los meses de septiembre y noviembre de 1981, en un contexto político y social en el que comienza a resquebrajarse el aparato de dominación impuesto a sangre y fuego por la dictadura cívico-militar, en el sur del conurbano bonaerense, en los partidos de Quilmes y Almirante Brown, tendrá lugar un hecho inédito en la estrategia de autoproducción del hábitat de las clases populares de Buenos Aires: aproximadamente unas 4.600 familias ocuparán de forma pacífica y organizada un conjunto de tierras no urbanizadas que abarcan un total de 211 hectáreas.

Estas tomas destacan no sólo por su masividad, sino por sus altos niveles de organización y una fuerte homogeneidad en las metas perseguidas: la autoproducción de barrios que se integren paulatinamente a la ciudad formal. Para ello, se dispuso de un plan ordenado de parcelamiento, respetando los espacios para el trazado de calles y la estructura de damero, la reserva de espacios para la construcción de equipamiento colectivo como escuelas y centros de salud comunitaria, etc. (Merklen, 1997).

Las mismas contaron desde el primer momento con el apoyo de las Comunidades Eclesiales de Base, instituciones territoriales vinculadas con la Iglesia Católica con relativa autonomía de la cúpula clerical, que durante la época de la dictadura fungieron de espacio organizativo para un sector de las clases subalternas, en un contexto donde las formas partidarias y sindicales tradicionales se encontraban proscritas.

Lo interesante de este proceso de recuperación de tierras colectivo es que la organización interna de los asentamientos replicará el formato de las comisiones internas fabriles. Esta estructura se conformaba de la siguiente manera: a) delegados/as por manzana; b) Comisión Interna del barrio; c) Comisión Coordinadora de los asentamientos (Aristizabal, 1988). La misma permitía un ejercicio democrático de las funciones organizativas de los asentamientos, ya sea para la ejecución de las tareas más simples de la cotidianeidad, o para lograr los objetivos de mediano y largo plazo del proceso de urbanización. Al mismo tiempo, unificaba las reivindicaciones individuales y fortalecía la capacidad de negociación de los/as ocupantes frente a las autoridades estatales.

Los asentamientos logran resistir los últimos años de la dictadura militar, a pesar de los intentos de desalojo y los amedrentamientos policiales que padecen cotidianamente. Con el regreso de la democracia en diciembre de 1983 se abre una etapa de mayor permisividad, lo que conduce a una consolidación paulatina de los mismos en la trama urbana motorizada por la dinámica de autoconstrucción, aunque el gobierno provincial lejos estará de brindar soluciones habitacionales definitivas para sus habitantes. En total se formarán seis barrios que sobreviven hasta la actualidad: La Paz, Santa Rosa, Santa Lucía, El Tala, San Martín, y 2 de Abril. Asimismo, entre 1985 y 1986 se produce un nuevo ciclo masivo de ocupaciones de tierras, esta vez en partidos de la zona oeste mayoritariamente, como La Matanza, Morón y Merlo.

Merklen distingue dos momentos en la organización interna de los asentamientos del conurbano bonaerense. En las primeras tomas predomina un espíritu más democrático que logra ser institucionalizado a través de las instancias electivas de representantes en las que participa el conjunto de los/as habitantes del barrio. Sin embargo, con el cambio de política respecto al hábitat popular que habilita el retorno de la democracia, es decir, la combinación de un paradigma del “dejar hacer” y la posibilidad de obtener un reconocimiento parcial de las demandas de los/as ocupantes por parte de los municipios, comienza a operar una dinámica de sobredeterminación entre los intereses colectivos que articulan los/as referentes de los asentamientos y la política partidaria, guiada esta última por la lógica de construcción de poder territorial. En pocas palabras, se “iniciaría un camino de cooptación e incorporación de los dirigentes barriales al juego de la competencia política” (Merklen, 1997: 7).

Hacer hincapié en este temprano formato de organización interna de las tomas de la década del ‘80 en el Gran Buenos Aires nos resulta pertinente, en la medida en que en que consideramos que la toma del año 2020 en la localidad de Guernica, estuvo guiada por el espíritu democrático y autogestivo que caracterizaba al primer modelo mencionado por Merklen, aún cuando hayan operado ciertamente dinámicas que pretendieron fragmentar y subsumir a las estructuras clientelares la genuina construcción de territorialidad comunitaria de parte de las familias.

Durante la década del ‘90, disminuirán marcadamente las ocupaciones de tierras



y la conformación de nuevos asentamientos en el conurbano bonaerense, aunque se asiste en paralelo a un proceso de mayor densificación e inquilinización de las villas en la CABA (Rodríguez, 2013). Al mismo tiempo, otro factor explicativo de este retroceso está dado según Merklen (1997), por la densa estructura de poder territorial que construye el peronismo en el conurbano bonaerense, y el reforzamiento de las políticas asistenciales focalizadas, que mantuvieron a raya las acciones espontáneas que pudieran encarar los sectores más afectados por las políticas de liberalización económica del gobierno de Carlos Menem (1989-1999).

Sin embargo, en muchas barriadas populares cobra forma el *movimiento piquetero*, denominado así por uno de sus principales repertorios de acción, centrado en la realización de cortes de ruta y bloqueos de las principales arterias de las grandes ciudades. Compuesto mayoritariamente por desocupados/as y con uno de sus epicentros en el sur del conurbano bonaerense, tendrá un rol cada vez más relevante en la recomposición del tejido comunitario, la autoorganización y la lucha antagonista en contra del neoliberalismo en villas, asentamientos y barrios, a partir de la creación de cooperativas de trabajo, ollas, comedores y merenderos populares e iniciativas vinculadas con el trueque, la economía autogestiva y la dinámica asamblearia a nivel territorial.

Tras la gran crisis orgánica y la rebelión popular de diciembre de 2001, y consumada una brutal transferencia de ingresos a los grupos económicos más concentrados traccionada por la devaluación de la moneda argentina en 2002¹², se inicia un período de acelerada recuperación económica. La activación y el descontento popular vivió ese mismo año su punto más álgido, e implicó que se produzcan alrededor de 1.100 cortes de rutas y piquetes en todo el país, a los que desde el poder estatal se responderá en un primer momento con represión, estigmatización mediática e intento de aislamiento, para luego ceder paso a una lógica de parcial integración subalternizada de determinadas organizaciones y movimientos populares dentro de la gestión gubernamental o bien reconocimiento de ciertas exigencias y contención mediante el otorgamiento de recursos y planes de empleo, en su mayoría de carácter precario. La segunda mitad de la década del 2000 estará atravesada por un crecimiento de las estrategias habitacionales de autoproducción del hábitat, en un contexto de fuerte crecimiento de los valores del suelo en el AMBA y políticas habitacionales erráticas, fragmentarias e insuficientes para el conjunto de las clases populares.

En el año 2010 se produce un nuevo ciclo de recuperaciones de tierras, que comienza en la CABA con la ocupación por parte de miles de familias del Parque Indoamericano en el barrio de Soldati, y se replica rápidamente a otras zonas de la capital y del conurbano bonaerense, así como a otras provincias del país (Clarín, 18 de diciembre de 2010).

Si bien estas ocupaciones no logran consolidarse, y muchas de ellas finalizan con una violenta represión por parte de las fuerzas de (in)seguridad estatal, pusieron una vez más de manifiesto que la problemática habitacional de los sectores populares es un

fenómeno estructural de larga data, el cual subsiste aún en los ciclos expansivos de la economía, y también habilitaron la creación de instancias de articulación transversal entre organizaciones territoriales y villeras, que permitieron dotar de mayor visibilidad y contundencia a sus reclamos, e instalar con fuerza en la agenda pública la existencia y centralidad de esta ciudad otra invisibilizada.

Al mismo tiempo, frente a la nula respuesta en materia de políticas habitacionales de parte del Estado nacional y los Estados locales, o ante la recurrente criminalización de los procesos de autoproducción del hábitat que acometen los aparatos estatales en su defensa irrestricta de la propiedad privada, persiste y se actualiza una memoria histórica de los sectores subalternos, en su lucha por el acceso al suelo y a un hábitat digno que no puede ser erradicada.

GUERNICA Y LA RECUPERACIÓN DE TIERRAS PARA LA VIDA DIGNA

“Para mi *Tierra para Vivir* significa habitar espacios libres de violencia y poder construirlos colectivamente”
Yamila, delegada de Guernica

En Argentina se detectaron los primeros casos de coronavirus a comienzos de marzo de 2020. A las pocas semanas, el gobierno nacional encabezado por Alberto Fernández declaró el aislamiento social y preventivo obligatorio (ASPO) en todo el territorio nacional, una medida excepcional que implicó el confinamiento de la mayoría de la población y exacerbó una situación de precariedad ya padecida por millones de personas, por el contexto de crisis socio-económica y de enorme endeudamiento vivido en el país.

El 20 de julio de 2020, tras varios meses de persistencia del ASPO impuesto por el Estado ante la primera ola del Covid-19, cientos de familias decidieron recuperar un terreno de alrededor de 100 hectáreas, ubicado en la localidad de Guernica (municipio de Presidente Perón, en el sur de la provincia de Buenos Aires), que se encontraba en desuso y abandonado hacía varios años. La acción, realizada en el pico de la pandemia, si bien no constituyó una excepción -ya que tanto antes como a posteriori hubo otras tomas e intentos de recuperación en diferentes puntos del país, destacándose por su visibilidad las realizadas por comunidades mapuches en la Patagonia- devino con el correr de los días una experiencia emblemática, logrando instalarse con fuerza en la agenda pública y en los medios de comunicación.

Por las características particulares que asumió este proceso, y por la envergadura que implicó en términos cuantitativos -más de 10 mil personas fueron parte de él, contabilizando alrededor de 2.5000 familias y casi 3.000 niñas/os y adolescentes, de acuerdo a censo realizados por el propio Estado- en este apartado nos interesa recons-



truir brevemente su devenir y rasgos más relevantes, así como su trágico desenlace, ya que brinda enseñanzas de cara a un balance provisorio respecto de la problemática de la vivienda y de la reproducción de la vida en el actual contexto pandémico.

Un primer rasgo relevante de estas experiencias fue que, aun cuando no pueda descartarse su carácter espontáneo -como ocurre la mayoría de los casos- contó desde un comienzo con familias y allegados a ellas que disponían de cierta experiencia militante, de participación en movimientos piqueteros y de trabajadores/as desocupados/as o bien de la economía popular. De acuerdo al testimonio de una de las vecinas que estuvo presente desde el inicio del proceso de la recuperación,

“la situación de la pandemia y la cuarentena obligatoria aceleró un proceso que se vive hace mucho tiempo, que es la situación habitacional de miles y miles de familias en la Argentina. La falta de laburo [trabajo], el quedarse sin laburo -así sea precario o de manera informal, changueando-, el incremento de situaciones de violencia de género que sufrimos las mujeres y las identidades disidentes, hizo que el contexto se agravara por la pandemia y la cuarentena. Y nos vimos forzadas muchas familias, muchas personas, sobre todo la juventud que no tiene otras posibilidades de acceder a la vivienda propia que no sea por medio de una toma en algún lugar del conurbano -ya que los créditos son imposibles para quienes nos vemos imposibilitados todos los días para acceder a los mismos por falta de laburo en blanco, por sueldos que no alcanzan para sostener alquileres. Viendo que un par de vecinos empezaron a ver en esos terrenos una situación que es que eran terrenos en desuso, terrenos que durante años y años acá en Guernica no tuvieron ningún uso más que la apropiación de unos pocos e ilegítimos ‘dueños’; nos llevó la situación, a partir de organizarnos por whatsapp, a ver que era posible una toma en ese lugar” (Vanina, participante de la recuperación de tierras de Guernica).

La situación de precariedad laboral y de la vida que ya se vivía con anterioridad a la irrupción de la pandemia y la declaración de la cuarentena, se exacerbó abruptamente debido a la imposibilidad de salir a trabajar y, en el caso de un sector importante de habitantes de las barriadas periféricas del conurbano, la interrupción o bien el cierre total de los ámbitos donde lograban obtener algún tipo de ingreso monetario, en particular en actividades vinculadas con la economía popular, la venta ambulante o el comercio informal. Otra vecina también participante desde el comienzo de la toma de tierras, lo describe de la siguiente manera:

“yo estoy acá con mis hijos y mi marido, somos vendedores ambulantes independientes y por el tema de la pandemia no estamos pudiendo trabajar más, vivíamos en un espacio alquilado y no pudimos pagarlo más, nos echaron, y mi hermana, que vive en Longchamps nos avisó que estaban

haciendo lo de la toma y nos vinimos. Nos trajimos un par de cosas y unos colchones que metimos a la madrugada. Estamos así, en la carpita con los colchones y nada más” (Labriola y Álvarez, 2020).

La recuperación de tierras combinó por lo tanto situaciones y recorridos disímiles en términos de experiencia política, aunque signados todos ellos por la extrema precariedad y el impulso a la *acción directa* para paliar una cuestión clave en la reproducción de la vida en común, como es la habitacional. Podríamos decir que *cuando la necesidad deviene política, la política se torna una necesidad*. Esta mixtura que habilitó prácticas de solidaridad, apoyo mutuo y confianza entre las y los vecinos integrantes de la toma, permitió que en el terreno recuperado, durante todo el proceso de resistencia a los intentos de desalojo, así como en la interlocución y disputa con el Estado, se contara con niveles de organización mayores a los que tienden a predominar en este tipo de luchas.

Tal como en las primeras experiencias de recuperación de tierras de los años ‘80, rápidamente se fue conformando un sólido entramado organizativo entre el colectivo de las familias ocupantes, que incluyó la elección democrática de delegados/as por manzanas y sectores. En las 100 hectáreas ocupadas, y a lo largo de los primeros cuatro días, se fraccionaron los distintos lotes unifamiliares en un total cuatro barrios, bautizados con los nombres *20 de Julio, San Martín, La Lucha y La Unión*. Integrantes de organizaciones populares y los movimientos sociales con arraigo en la localidad y en las zonas aledañas, cumplieron un papel de suma relevancia en el acompañamiento de este proceso. En palabras de una de vecinas y activista territorial,

“lo que caracterizó a la toma de Guernica fue que varios compañeros y compañeras de diferentes organizaciones empezaron a ocupar el predio, y luego llamaron a los referentes contando que estaban en esa situación. Y fuimos varias las organizaciones que decidimos acompañar el proceso, que decidimos ser parte acompañando con diferentes características. Acompañando con ollas populares, acompañando e instalando salitas de primeros auxilios, y sobretodo empezando a visibilizar que eso era una posibilidad concreta, y empezando a motivar la organización que ya se estaba dando en el lugar naturalmente. Acompañamos los proceso de asambleas vecinales que se daban en ese momento, acompañamos a las compañeras que veían la posibilidad de salir de la violencia de género a partir de eso, y que no querían que en el territorio se den situaciones de violencia, entonces los machos violentos fueron echados del territorio producto de la organización del barrio. También queríamos un espacio libre de venta de droga -más allá del consumo personal que puede suceder en cualquier barrio-; eso también se acompañó. Para mí fue, como organización, un proceso muy importante del cual decidimos ser parte porque vivíamos ahí, porque estábamos



organizando el barrio cercano, y porque además nuestros compañeros y nuestras compañeras, a pesar del hostigamiento y de la vergüenza que muchas veces da ocupar un territorio, empezamos a ponernos a disposición de la lucha que se venía dando en ese momento” (Vanina, participante de la recuperación de tierras de Guernica).

Cuando aún no se había cumplido una semana de la toma, el conflicto se judicializó, a partir de una denuncia penal presentada por los supuestos/as propietarios/as de los terrenos. Entre éstos, destaca la firma *El Bellaco S.A.*, una desarrolladora inmobiliaria que se adjudicaba la propiedad de 60 de las 100 hectáreas ocupadas. Entre las tierras de su propiedad -un total de 360 hectáreas- se encuentra emplazado el barrio cerrado *San Cirano* (ver Figura 2), emprendimiento del cual adeudaba el pago de impuestos municipales por un monto cercano al millón de pesos (Edipo, 2020). La Gremial de Abogados, colectivo que desde el inicio asumió la defensa ante la justicia de las familias, supo denunciar que El Bellaco S.A. “lo único que acompañó en el expediente judicial fue un plano que lo saca un nenito de 5 años por internet. Un plano del lugar. Con esos elementos armaron la causa”. Por su parte, otra de las denunciantes de la ocupación fue Nidia Edith Desplats, presidenta de la empresa *LIORSEL S.A.*, y propietaria de 350 hectáreas linderas a la toma, en las que se encuentra la finca El Trebol. Su hijo, concejal [legislador local] del municipio Presidente Perón, fue uno de los funcionarios que más activamente promovió el desalojo de los terrenos recuperados.

Esta situación puso en evidencia de manera descarnada el desigual proceso de producción del espacio que describimos en apartados anteriores, así como la creciente dinámica de segregación socioespacial que éste trae aparejado - y que no ha hecho más que agudizarse en el contexto de pandemia-. Frente a la urgente necesidad de tierra y vivienda de miles de familias, en un municipio con enormes cantidades de suelo vacante, tendió a primar sin embargo la avidez de ganancia de unos pocos promotores inmobiliarios. La retención de suelo en espera de su eventual valorización, y la proliferación de barrios privados destinados a sectores de altos ingresos se refuerza por Estados locales que amparan el *laissez faire, laissez passer*, percibiendo en estos procesos tentadores instrumentos de recaudación impositiva, y un dudoso impulso al “desarrollo territorial” de los municipios. En Presidente Perón, por caso, en las últimas décadas se han construido las siguientes urbanizaciones cerradas: *San Eliseo; Malibú; Lagos de San Eliseo; La Alameda; Horizontes al Sur; El Rebenque; El Paraíso de Guernica; Casuarinas; Parque de las Naciones; Santo Domingo; Cruz del Sur; El candil;* y el mentado country *San Cirano* (Edipo, 2020).

Por su parte, el Estado tuvo una actitud hostil hacia las familias ocupantes, en particular desde sus aparatos represivos y judiciales. La policía hizo del amedrentamiento una constante en los alrededores de la toma, buscando quebrar la solidaridad y los puentes que con el afuera se fueron construyendo. Noe, otra vecina de Guernica entrevistada durante las primeras semanas de la ocupación, lo describió con crudeza: “es muy difícil pasar el

día a día en la toma teniendo en cuenta todos los aprietes policiales que se dieron desde el primer día, de ver cómo la policía nos rompía mercadería que era para las ollas populares, de cómo dejaban entrar patotas para que lastimen a los vecinos, recordando que hay un vecino herido con bala de plomo en su cabeza, y otro vecino que recibió un golpe que le dejó una pérdida parcial en la audición de su oído izquierdo” (Labriola y Álvarez, 2020). Este tipo de situaciones implicó que también se detenga a profesionales de la salud que se acercaron al predio a brindar ayuda, como la organización no gubernamental *Médicos del Mundo*, cuyos integrantes fueron llevados por la policía hasta la comisaría de la zona, tras haber participado de un Festival de solidaridad realizado el sábado 19 de septiembre de 2020 dentro de la toma (La Nación, 19 de septiembre 2020).

Figura 2: Imagen satelital de los predios recuperados en Guernica



Fuente: Edipo (2020).



Una particularidad adicional de esta experiencia fue el ejercicio de una democracia participativa y directa en la organización interna de la recuperación y el sostenimiento de tramas comunitarias y de convivencialidad entre las y los vecinos. Cuando ya habían transcurrido varias semanas del ingreso al predio, Yamila lo describió de la siguiente manera: “Con las familias nos vamos organizando a partir de asambleas. Los delegados y delegadas que estamos dentro del predio somos elegidos y elegidas democráticamente. Hay delegados generales y delegados de cada manzana. Eso simplifica la distribución de las tareas y la circulación de la información. Y también sirvió para que tomemos una decisión conjunta. El consenso fue lo que más primó en todos estos meses” (Yamila, participante y delegada de la recuperación de tierras de Guernica).

Asimismo, otro rasgo singular ha sido el enorme protagonismo que tuvieron en este proceso organizativo desde un comienzo las mujeres. Dentro del terreno se logró conformar una Asamblea de Mujeres y Disidencias y se generaron instancias de reflexión, debate colectivo y puesta en práctica de iniciativas vinculadas con el autocuidado y la lucha contra todo tipo de violencia machista, así como proyectos de contención y recreación para infancias libres. Yanina agrega en este sentido que “la presencia de las mujeres y disidencias dentro del predio llevó a poder organizarnos de una manera muy distinta. La sororidad entre compañeras fue bastante grande, sobre todo porque en muchos casos son madres solteras o víctimas de violencia de género y era más que necesario. Eso activó un montón de protocolos y de decisiones conjuntas, que implicaron la intervención y acompañamiento a mujeres y disidencias a lo largo de todo este tiempo” (Idem).

Además de las acciones impulsadas para visibilizar y defender la ocupación del predio, esta experiencia se destaca por la propuesta de un proyecto integral de urbanización confeccionado colectivamente por vecinos/as, organizaciones sociales, así como estudiantes y profesionales de distintas disciplinas que brindaron asesoramiento:

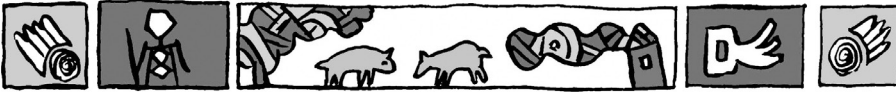
“Se ha probado la capacidad de elaborar un producto de calidad urbanística, que contempla la integración del nuevo barrio con la trama urbana existente, medidas de lotes adecuadas por zona, espacios apropiados de circulación para transporte público, preservación de las riberas, dotación de equipamientos colectivos, etc. Así, se logró elaborar una propuesta técnica de urbanización totalmente factible mediante la cual se pueda destrabar el conflicto.

La propuesta contempla, ni más ni menos, que se cumpla la ley, ya que está basada principalmente en los postulados de la Ley 14.449 de Acceso Justo al Hábitat. Mediante este instrumento legal se puede exigir que la firma el Bellaco S.A. ceda el 10 % de las tierras que destinaría a la construcción del complejo de barrios cerrados. Es decir, la propuesta presentada ni siquiera está negando la realización de ese proyecto inmobiliario.

Además, también la Ley permite exigir que el resto de los terrenos en conflicto, vacantes hace décadas, sean declarados de utilidad pública y se urbanicen” (La Izquierda Diario, 30 de septiembre de 2020).

Transcurridos casi 100 días desde el inicio de la recuperación, y luego de varias suspensiones de intentos desalojos, el 29 de octubre de 2020 se concretó el desalojo del predio de 100 hectáreas, a partir de un operativo comandado por el Ministro de Seguridad del gobierno de la provincia de Buenos Aires, Sergio Berni, y que involucró a más de 4.000 policías. Hasta últimas horas de la noche del día anterior, las familias estuvieron planteando alternativas concretas para evitar este desenlace, incluido un nuevo pedido de prórroga que fue apoyado con ambigüedades por un sector minoritario de las autoridades del Estado provincial. El operativo se realizó por la madrugada y previamente, alrededor de las 4.30 horas, se cortó la luz en todo el predio, sin siquiera notificar de ello a sus habitantes. Se derribaron todas las casillas construidas en el terreno y se dispararon balas de goma y gases lacrimógenos contra quienes durante horas resistieron la medida.

Según el testimonio de una de las delegadas de las y los vecinos, “simplemente hubo un desalojo violento, donde se ha perdido en la mayoría de los casos las pertenencias. Desde materiales, hasta han habido situaciones de salud mental que no se han tenido en cuenta” (Yamila, participante y delegada de la recuperación de tierras de Guernica). Por su parte, el Ministro de Seguridad del gobierno de la provincia de Buenos Aires, Sergio Berni, quien encabezó personalmente el operativo, manifestó el mismo día del desalojo en diversos medios de comunicación el haber “logrado que se respete la propiedad privada”, al tiempo que apuntó contra grupos de izquierda, a quienes acusó sin prueba alguna de incluso de incendiar intencionalmente las casillas construidas dentro del predio (Perfil, 30 de octubre de 2020).




Figuras 3 y 4: Propuesta de urbanización integral diseñada por vecinxs de Guernica y organizaciones


Este podría ser nuestro barrio

Vamos por un proyecto integral!


1. INTEGRACIÓN URBANA



Terrenos accesibles para todas las familias, acorde al amanzamiento y calles existentes
PROGRAMA LOTES CON SERVICIOS




Continuidad de las redes de agua, cloacas y electricidad, mediante convenios con prestatarios.
Agua + Trabajo (A+T) y Cloacas + Trabajo (C+T)




Espacios libres públicos y paseo ribereño para garantizar el buen funcionamiento de los cauces de agua que circulan por el predio.

2. INTEGRACIÓN SOCIAL


Construcción de equipamientos socio-comunitarios para la realización de actividades educativas, culturales, recreativas y de atención primaria de la salud




Fortalecimiento de los comedores comunitarios (mejorar espacios y abastecimiento) e implementación de programas de atención pública a los grupos vulnerables



3. INTEGRACIÓN PRODUCTIVA



Cooperativas de trabajo para la urbanización del predio (conexión de servicios, construcción de calles, pozos y zanjas, trabajos de suelo, etc.)



Capacitación, acompañamiento técnico y puestos de trabajo para los y las vecinas del barrio, en el mismo barrio

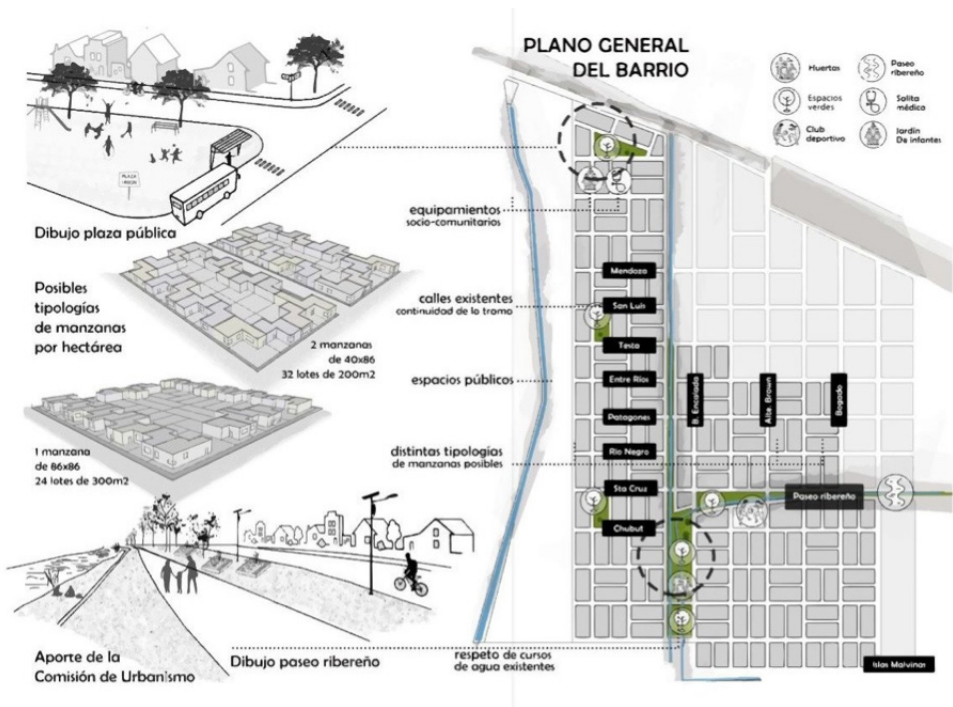


Figura 5. Represión brutal y desalojo de la recuperación de tierras en Guernica



Fotografía: Agustina Salinas.



EL ESTATISMO AUTORITARIO Y LA MERCANTILIZACIÓN DE LA VIDA COMO RESPUESTAS FRENTE A LA ORGANIZACIÓN POPULAR

Tal como ocurrió en la experiencia de Guernica, la pandemia habilitó e hizo visibles modalidades de reproducción de la vida centradas en lo común, pero al mismo tiempo generó un reforzamiento del *estatismo autoritario* (Poulantzas, 1979), combinado con una intensificación del neofascismo y conservadurismo societal. Si ya antes de la irradiación del Covid-19 se vislumbraba esta tendencia a partir de procesos políticos como el vivido en Brasil con el bolsonarismo y en otras latitudes del sur global, actualmente el contexto pandémico abona a que las clases dominantes, la ultraderecha vernácula y el imperialismo vean como viable el fortalecimiento de esta opción, que incluso puede llegar a articular un cierto “negacionismo” que reste relevancia al flagelo del Covid-19, haciendo referencia al contexto de excepcionalidad que éste impone a escala regional y mundial, para -bajo este pretexto- vulnerar determinados derechos, restringir libertades democráticas, robustecer valores tradicionales (de carácter patriarcal, misógino, nacionalista y/o meritocrático), militarizar territorios, ejercer la contrainsurgencia o incrementar la utilización del aparato coercitivo del Estado.

Tengamos en cuenta que la apelación a la coerción no ha dejado de ser la punta de lanza del discurso punitivista en auge a nivel continental, desde la construcción de un “enemigo interno” (con contornos específicos de acuerdo a cada realidad concreta) que legitime la escalada represiva vivida en gran parte de la región. La pandemia requirió, según esta gramática, entrar en “guerra” contra un “enemigo invisible” (la metáfora bélica, por cierto, ha sido transversal a los gobiernos latinoamericanos más allá de su tinte ideológico), pero también redoblar esfuerzos y amplificar las iniciativas destinadas al llamado combate del narcotráfico y la inseguridad delictiva. Para ello, se busca interpelar al imaginario social autoritario y conectar con cierta necesidad de protección, respeto de la ley y deseo de restablecimiento del “orden”, que el sentido común dominante exige de parte del Estado.

La defensa enconada del accionar de las fuerzas represivas, incluso en situaciones de abierta flagrancia (detenciones y torturas, realización de desalojos que violan los derechos más elementales, apología abierta de casos de “gatillo fácil” y asesinatos) se complementa con el reforzamiento mediático de prejuicios y estigmas que tienden a asociar juventud pobre o habitantes de barriadas humildes con delincuencia, protesta social o recuperación de tierras *con* desestabilización e “ilegalidad” y accionar de pueblos indígenas con terrorismo, buscando así fortalecer una visión de mundo que avale -e incluso demande- una intensificación del poder estatal despótico. La modalidad de resolución del conflicto acaecido en Guernica es un trágico ejemplo de este peligroso horizonte en ciernes a nivel continental y global.

Cabe por lo tanto preguntarse si no estamos en presencia de un fenómeno que se asemeja a lo que René Zavaleta denominó *hegemonía negativa*, es decir, “una construcción autoritaria de las creencias”, asentada en este caso en una delicada combinación de apelación al miedo y a la autopreservación individual, con “tolerancia cero” y castigo ejemplificador de quienes azuzan el “caos”, cuestionan la propiedad privada o quebrantan la legalidad, que redundaría en una aceptación acrítica de la creciente militarización de territorios populares, ya desplegada en casi toda la región al calor -y bajo el argumento- de la pandemia (Ouvina, 2020).

Quizás la novedad está dada por la mixtura de ciertos dispositivos de despotismo estatal que cobran mayor relevancia para controlar las poblaciones, gestionar la inseguridad y regular la circulación de los cuerpos, con un “emprededurismo” de raigambre societal, que incita a participar activamente en la garantía misma de este orden cada vez más autoritario (construcción vecinal de “mapas del delito”, grupos de wasap de “alertas barriales”, defensa de valores tradicionales como los de la familia ante el avance de los feminismos), desde lo que Esteban Rodríguez (2014) caracteriza como *vigilantismo* o giro policialista, enfocado a estigmatizar y combatir a las y los *otros* que no comparten, o parecen amenazar, las formas de vida compatibles con este sistema de dominación múltiple tan injusto y perverso.

CONCLUSIONES PARA UN FINAL ABIERTO

Como vimos, la proliferación tanto de asentamientos, barrios populares y villas, como de barrios privados y countries en la periferia de la región metropolitana de Buenos Aires -conformada por la Ciudad Autónoma y el conurbano de la provincia- mixtura y fragmenta en un sentido negativo la espacialidad periurbana, permitiendo que convivan uno al lado del otro, enclaves de opulencia y de miseria, separados por los muros de concreto y los modernos sistemas de vigilancia. Es la expresión cabal de la disputa socioterritorial por el codiciado suelo urbano vacante, donde se enfrentan la necesidad inmediata y la avidez de ganancia; la espacialización descarnada del antagonismo entre capital y trabajo.

La pandemia agudizó esta condición de desigualdad estructural y de precariedad habitacional que, por cierto, es constitutiva del capitalismo, más aún en los territorios periféricos del sur global. Rosa Luxemburgo supo definir a este rasgo invariante propio del sistema como la *inseguridad de la existencia social* (Luxemburgo, 1972). Pero también, por ello mismo, esta crisis civilizatoria global puso en evidencia el fracaso socio-económico del neoliberalismo y la inviabilidad de las lógicas mercantiles en materia de salud, educación, servicios públicos, trabajo y vivienda digna. Por ello, en palabras de María Maneiro,



“la característica de este momento [...] es la puesta en crisis de los derechos adquiridos de los trabajadores. No tener un trabajo con determinados derechos que fortalezcan sus seguridades sociales ha puesto también en crisis la posibilidad de generar un proyecto de largo plazo en otras esferas de la vida: en la producción de la salud y la protección a partir de obras sociales, en relación a poder prever un desarrollo educativo de las siguientes generaciones, y por supuesto, de tener una vivienda propia, tal como lo habían hecho las generaciones anteriores” (La Izquierda Diario, 29 de Septiembre de 2020).

A partir de esta crisis de carácter *orgánico* que cobra un carácter dramático con la pandemia y particularmente al calor de una lógica de confinamiento que impide garantizar la reproducción de la vida (y frente a la cual los Estados no parecen brindar respuestas sustanciales ni de fondo para paliar esta situación de vulnerabilidad extrema), los sentidos comunes y prácticas subalternas fueron trastocados, lo cual habilitó, en ciertos casos, a romper con la inercia y un habitus basado en la defensa irrestricta de la propiedad privada, así como en una cultura del desvínculo, priorizando por el contrario las tramas comunitarias, de ayuda mutua y de cuidado colectivo en los territorios y barriadas populares, preexistentes a la irrupción del Covid-19 y que sientan sus bases en procesos de lucha, resistencia desde abajo y construcción de tejidos organizativos con potencialidad anti-sistémica, sostenidos por movimientos socio-territoriales durante las últimas décadas a pulmón¹³.

Tal como vimos, experiencias de recuperación de tierras como la llevada adelante en la localidad de Guernica, muestran la posibilidad real de reproducir la vida en común afrontando de manera mancomunada los padecimientos y carencias impuestas por el Capitaloceno, la necropolítica y la pandemia, a contramano de las lógicas burocráticas, instrumentalistas y mercantiles que tienden a ser hegemónicas a nuestras sociedades. Nos hemos detenido en su análisis porque consideramos que constituye un ejemplo emblemático de *la confrontación entre dos racionalidades antagónicas en la configuración y el ordenamiento territorial*: “una que asume el territorio como abrigo y que se apoya en construcciones públicas y comunitarias, y otra que asume el territorio como recurso económico que debe ser ordenado bajo la lógica imperativa de la acumulación de capital” (Jiménez y Novoa, 2014: 59).

En palabras de Yamila, delegada de este proceso de recuperación de tierras, “poder habitar espacios libres de violencia y que sean construidos colectivamente” es una de las mayores enseñanzas del proceso vivido por ella y por las cientos de familias partícipes de la experiencia en Guernica, que resistieron con tesón y potenciaron un tejido organizativo sumamente original durante las semanas que duró esta apuesta comunitaria tan sugerente.

Cabe esperar que estas irrupciones subalternas se multipliquen al calor de la crisis orgánica que atraviesa el capitalismo, no sólo en el Sur global, sino también en los

países centrales del sistema-mundo. Las revueltas afroamericanas en Estados Unidos a mitad del año 2020, las protestas en Francia y Reino Unido contra las leyes de seguridad que sus respectivos gobiernos están tratando imponer, las manifestaciones mundiales contra el cambio climático, son sólo algunos ejemplos que sugieren la apertura de un ciclo de impugnación global a las formas de dominación del capitalismo tardío.

Se trata de acciones espontáneas que confrontan las múltiples violencias que expresa la resquebrajada hegemonía de una clase dominante que va perdiendo su capacidad de dirección y apela cada vez más de manera explícita a la coerción y al disciplinamiento social: la violencia policial, la violencia racista y patriarcal, la violencia económica, la violencia climática, la violencia espacial, etc.

Pero por otro lado, y como ya nos supo advertir Antonio Gramsci¹⁴, esta crisis epocal está habilitando, en algunas regiones, dinámicas de radicalización derechista y un renacimiento de alternativas (proto)fascistas con cierto margen de movilización de masas que es preciso combatir.

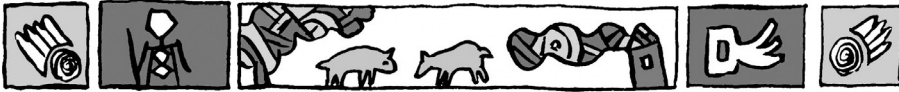
Frente a este escenario, procesos como el de Guernica se vuelven cruciales para ensayar alternativas contrahegemónicas que oficien de trinchera ante la violencia sistémica que irradia la crisis de acumulación capitalista. El *derecho a la ciudad*, y las luchas urbanas que se gestan en torno a su reivindicación, son elementos de primer orden en un mundo en el cual el grueso de la clase trabajadora habita ya en grandes metrópolis.

Y en un sentido amplio, es la crisis global del capitalismo la que pone en entredicho la legitimidad de las instituciones que regulan la dinámica de acumulación del capital, y dinamita la noción tradicional de *ciudadanía*, con su repertorio de derechos humanos *universales*. Este debilitamiento de las instituciones tradicionales que han dotado de estabilidad al capitalismo de posguerra se revela de manera mucho más patente en las periferias del sistema-mundo. De ahí la urgencia con la que los movimientos populares han tenido que hacer frente a la crisis de la reproducción de la vida que la pandemia puso dramáticamente en primer plano. Será entonces, siguiendo a David Harvey, el momento oportuno para concentrar las luchas actuales en

“esos momentos de destrucción creativa en que la economía de acumulación de riqueza se transfigura violentamente en economía de desposesión, reivindicando abiertamente el derecho de los desposeídos a su ciudad, su derecho a cambiar el mundo, a cambiar la vida y a reinventar la ciudad de acuerdo con sus propios deseos” (Harvey, 2014: 49).

NOTAS

1. El AMBA es una región conformada por dos jurisdicciones administrativas: la Ciudad Autónoma de Buenos Aires y 24 Partidos que pertenecen a la Provincia de Buenos Aires. Concentra



alrededor de un 30% de la población total del país (Observatorio Metropolitano, s/f).

2. Datos relevados a partir de la Encuesta Permanente de Hogares del año 2021 a partir de 31 conglomerados urbanos a nivel nacional (INDEC, 2020).
3. Es menester aclarar que la informalidad en relación al hábitat no es un fenómeno que remite únicamente a las clases populares. Muchas de las urbanizaciones cerradas destinadas a sectores de altos ingresos tampoco se ajustan a la normativa urbanística y catastral de sus respectivas jurisdicciones, aunque en este caso las causas obedecen más bien a una suerte de tráfico de influencia entre los promotores inmobiliarios y las autoridades gubernamentales que a la imposibilidad económica de acceder a la formalidad como sucede en el caso de los sectores de menores recursos.
4. Las villas son “ocupaciones no organizadas de una o varias familias, a las cuales se van agregando, en un tiempo más o menos largo, otras, hasta configurar algunas de más de 50.000 habitantes; sus densidades son muy altas; producen tramas urbanas muy irregulares, con intrincados pasillos, donde por lo general no pueden pasar vehículos [...], los pobladores las consideraban en sus orígenes un hábitat transitorio hacia un «posible» y anhelado ascenso social, expectativa que no logró concretarse para la mayoría de sus habitantes” (Clichevsky, 2003: 351). En contraposición, los asentamientos se conceptualizan como “ocupaciones organizadas de tierra de propiedad del Estado o privada, con asesoramiento técnico (...); [que] poseen un trazado regular de terreno y se desarrollan con un patrón urbano similar a los barrios de loteos legales; pueden llegar a poseer 20.000 habitantes” (Clichevsky, 2003: 351).
5. Un ejemplo paradigmático es el caso de las villas 31 y 31 bis, ubicadas en el barrio de Retiro, uno de los barrios con el valor por m² de suelo más alto de toda la región metropolitana, y emplazada a pocos minutos del microcentro porteño.
6. Este proceso también afectó indudablemente a las villas de emergencia, que comienzan a densificarse aceleradamente y a crecer en altura, evidenciándose también la utilización de materiales más duraderos en la construcción y el mejoramiento de las viviendas, así como la consolidación de un mercado inmobiliario informal de compra-venta y arrendamiento (Cravino, 2018).
7. A pesar de ello, está sobradamente probado que en la construcción de los mismos se violentan ecosistemas que representan una garantía de sustentabilidad ambiental, como son los humedales: “La belleza que ofrece esta tipología urbanística, sin embargo, se basa en una exotización y homogeneización de la biodiversidad original, en detrimento de la calidad ambiental general. [...] al elevar y construir sobre el humedal se bloquea la filtración de agua por crecidas y lluvias, derivando los excedentes a barrios aledaños -en general, de menores recursos- que no han elevado su cota, lo que genera inundaciones donde antes no se producían” (Pereira y Wertheimer. 2020).
8. Si bien en Argentina, mediante un decreto presidencial (Decreto 320/20), se prohibieron los desalojos en contexto de cuarentena obligatoria, la práctica extendida de contratos de arrendamiento informales -especialmente en villas y asentamientos- no evita que muchas familias queden en la calle al no contar con las garantías jurídicas que brinda la formalidad. A su vez,

desde el propio gobierno nacional han aclarado que no extenderán la vigencia de este Decreto más allá del 1 de abril, con lo cual se prevé una situación de extrema vulnerabilidad en materia habitacional, de endeudamiento creciente, actualización de contratos de alquiler y concreción de desalojos en los próximos meses de 2021.

9. Para una crítica de los límites del urbanismo funcionalista recomendamos los trabajos del sociólogo francés Henri Lefebvre (1973, 2013, 2017).
10. Sin embargo, la garantía de esta reproducción se pone cada vez más en tela de juicio. Lo que evidencia la crisis habitacional en las ciudades latinoamericanas -así como el avance del paradigma neoliberal en las últimas décadas- es justamente que el proceso de reproducción de la fuerza de trabajo (en un sentido amplio, es decir, la conformación de un hábitat que sea adecuado a tal efecto, pero también la garantía de acceso universal a servicios sanitarios y educativos dignos) se ha venido deteriorando sistemáticamente, alcanzando pisos cada vez más bajos y a capas más extensas de la clase trabajadora (Kornblihtt, Seiffer y Villanova, 2014; Seiffer y Arakaki, 2019).
11. En gobiernos anteriores como el del dictador Juan Carlos Onganía (1966-1970), se intentó implementar políticas de erradicación similares, pero la poca disponibilidad de terrenos para la relocalización y un funcionamiento desarticulado entre los distintos los organismos públicos, sumado a la resistencia de las organizaciones villeras, hicieron que dichos proyectos naufragaran (Rodríguez, 2013).
12. Ese año la población por debajo de la línea de pobreza llegó al máximo histórico del 54,3% y la indigencia alcanzó un pavoroso 24,7% (Rodríguez, 2013).
13. En este sentido, coincidimos con el filósofo Byung-Chul Han al referirse al conatus vital que moviliza a los sujetos en el contexto de pandemia que atravesamos como humanidad: “El virus es un espejo, muestra en qué sociedad vivimos. Y vivimos en una sociedad de supervivencia que se basa en última instancia en el miedo a la muerte. Ahora sobrevivir se convertirá en algo absoluto, como si estuviéramos en un estado de guerra permanente. Todas las fuerzas vitales se emplearán para prolongar la vida” (La Vanguardia, 12 de mayo de 2020).
14. “El viejo mundo se muere. El nuevo tarda en aparecer. Y en ese claroscuro surgen los monstruos” (Gramsci, 1999).

BIBLIOGRAFÍA

- Abramo, P. (2011) *La producción de las ciudades latinoamericanas: mercado inmobiliario y estructura urbana*, OLACCHI, Quito
- Aristizabal, Z. (1988) *Las tomas de tierra en la zona sur del Gran Buenos Aires: un ejercicio de formación de poder en el campo popular*, Centro Editor de América Latina, Buenos Aires.
- Auyero, J.(2013) *Pacientes del Estado*, Editorial Eudeba, Buenos Aires.
- Bautista, C., Durand, A. y Ouviaña, H. (edit.) (2021) *Estados alterados. Reconfigu-*



- raciones estatales, luchas políticas y crisis orgánica en tiempos de pandemia*, Muchos Mundos Ediciones/CLACSO, Buenos Aires.
- CEM (Centro de Estudios Metropolitanos) (2017) La problemática habitacional en el AMBA (2011-2015), *Radiografías Metropolitanas* N° 2.
- Clichevsky, Nora (2003) “Territorios en pugna: las villas de Buenos Aires”, en *CIUDAD Y TERRITORIO* Estudios Territoriales, XXXV (136-137).
- Clichevsky, N. (2012) “Acceso a la tierra urbana y políticas de suelo en el Buenos Aires metropolitano: apuntes para la reflexión”, en *Revista Iberoamericana de Urbanismo*, núm. 8, pp. 59-72.
- Cravino, M. C. (2018) “Evolución cuantitativa y transformaciones cualitativas de los asentamientos populares del Área Metropolitana de Buenos Aires (1980-2015)”, en Cravino, M.C. (org.) *La ciudad (re)negada: Aproximaciones al estudio de asentamientos populares en nueve ciudades argentinas*, Ediciones UNGS, Universidad General Sarmiento, Buenos Aires.
- Di Virgilio, M. M. y Serrati, P. S. (2019) “Déficit habitacional, 2010”, disponible en <https://mapa.poblaciones.org/map/980>, consultado el 27/02/2021.
- Edipo (Equipo de investigación política) (2020) El conflicto por la tierra en Guernica, disponible en https://revistacrisis.com.ar/sites/default/files/notas/adjuntos/el_conflicto_por_la_tierra_en_guernica.pdf consultado el 15/03/2021.
- Gramsci, A. (1999) *Cuadernos de la Cárcel*, México: Editorial Era.
- Jiménez, C. y Novoa, E. (2014) *Producción social del espacio: el capital y las luchas sociales en la disputa territorial*, Ediciones Desde Abajo, Bogotá.
- Harvey, D. (2014) *Ciudades rebeldes. Del derecho de la ciudad a la revolución urbana*, Editorial Akal, Buenos Aires
- INDEC (Instituto Nacional de Estadísticas y Censos) (2020) Indicadores de condiciones de vida de los hogares en 31 aglomerados urbanos, *Informes técnicos*. Vol. 4, n° 201, Ministerio de Economía.
- Kornblihtt, J., Seiffer, T. y Villanova, N. (2014) “De la caída relativa a la caída absoluta del salario real”, en *Revista Científica Guillermo de Ockham*, 12(2), 41-50
- Laval, Christian y Dardot, Pierre (2013) *La nueva razón del mundo. Ensayo sobre la sociedad neoliberal*, Editorial Gedisa, Buenos Aires.
- L’Huillier, F. y Ouviaña, H. (2016) “Del Indoamericano a la Carpa Villera. Derecho a la ciudad y luchas por la urbanización de las villas”, en QUID 16. *Revista del Área de Estudios Urbanos* Número 6, Instituto de Investigaciones Gino Germani, Universidad de Buenos Aires.
- Lefebvre, H.(1973) *De lo rural a lo urbano*, Ediciones Península, Madrid.
- Lefebvre, H.(2013) *La producción del espacio*, Capitán Swing, Madrid.
- Lefebvre, H.(2017) *El derecho a la ciudad*, Capitán Swing, Madrid.
- Luxemburgo, R. (1972) *Introducción a la Economía Política*, Cuadernos de Pasado y

- Presente 35, Córdoba.
- Marabunta (2020) *Guernica: dossier tierras*, Buenos Aires.
- Mbembe, A. (2011) *Necropolítica*, Editorial Melusina, Madrid.
- Melón, D. y Relli, M. (edit.) (2021) *Geografías del conflicto. Crisis civilizatoria, resistencia y construcciones populares en la periferia capitalista*, Muchos Mundos Ediciones, Centro de Investigaciones Geográficas y Fundación Rosa Luxemburgo, Buenos Aires.
- Merklen, D. (1997) “Organización comunitaria y práctica política: Las ocupaciones de tierras en el conurbano de Buenos Aires”, en *Nueva Sociedad* Nro. 149 Mayo-Junio 1997, pp. 162-177.
- Ministerio de Salud y Desarrollo Social (2019) Integración Socio Urbana de Barrios Populares, Registro Nacional de Barrios Populares, disponible en https://www.argentina.gob.ar/sites/default/files/integracion_socio_urbana_de_barrios_populares.pdf consultado el 18/02/2021.
- Moore, J.(2020) *El capitalismo en la trama de la vida. Ecología y acumulación de capital*, Editorial Traficantes de Sueños, Madrid.
- Navarro, M. L. (2016) *Hacer común contra la fragmentación en la ciudad*, BUAP, México.
- Observatorio Metropolitano (s/f) “Datos Ciudad Autónoma de Buenos Aires (CABA)”, disponible en <http://www.observatorioamba.org/planes-y-proyectos/caba#datos> consultado el 18/02/2020
- Oszlak, O. (2017) *Merecer la ciudad: los pobres y el derecho al espacio urbano*, EDUNTREF, Buenos Aires.
- Ouviña, H. y Thwaites R., M. (edit.) (2018) *Estados en disputa. Auge y fractura del ciclo de impugnación al neoliberalismo en América Latina*, Editorial El Colectivo/CLACSO, Buenos Aires.
- Ouviña, H.(2020) “El Estado y la reactivación del ciclo de impugnación al neoliberalismo en América Latina”, en Bautista, Carolina; Durand, Anahí y Ouviña, Hernán (edit.) *Estados Alterados. Reconfiguraciones estatales, luchas políticas y crisis orgánica en tiempos de pandemia*, Muchos Mundos Ediciones/CLACSO, Buenos Aires.
- Pereira, P. y Wertheimer, M.(2020) La toma de Guernica y la justicia ambiental: la dimensión oculta del debate, en *Revista Ignorantes*, Especiales IV “Guernica: hay cosas que no se piden, se toman”, disponible en <https://reeditorial.com.ar/revisitaignorantes/especial-guernica/> consultado el 15/03/2021.
- Poulantzas, N. (1979) *Estado, poder y socialismo*, Editorial Siglo XXI, México.
- Rodríguez, M.F.(2013) *Las formas “pobres” de hacer ciudad: un recorrido histórico sobre las modalidades de hábitat popular y su incidencia en la agenda estatal*, Centro Cultural de la Cooperación Floreal Gorini, disponible en <https://www.cen->



- troccultural.coop/revista/13/las-formas-pobres-de-hacer-ciudad-un-recorrido-historico-sobre-las-modalidades-de-habitat, consultado el 15/03/2021.
- Seiffer, T. y Arakaki, A. (2019) “Pobreza”, en Llovet, Ignacio y Scarponetti, Patricia (coords.) *Estudios sobre condiciones de vida en la Argentina contemporánea*, CLACSO. PISAC, Buenos Aires, disponible en https://www.clacso.org.ar/libreria-latinoamericana/libro_detalle.php?orden=&id_libro=1518&pageNum_rs_libros=0&totalRows_rs_libros=1419 consultado el 15/03/2021.
- Sigal, S. (1981) Marginalidad espacial, Estado y ciudadanía, en *Revista Mexicana de Sociología*, Vol. 43, No. 4, pp. 1547-1577, Universidad Nacional Autónoma de México.
- Smith, N. (2020) *Desarrollo desigual: Naturaleza, capital, y la producción del espacio*, Traficantes de Sueños, Madrid.
- Topalov, C. (1979) *La urbanización capitalista: Algunos elementos para su análisis*, Edicol, México.
- Zibechi, R. (2008) *Territorios en resistencia. Cartografía de las periferias urbanas latinoamericanas*, Editorial La Vaca, Buenos Aires.

Fuentes periodísticas y testimonios

- Clarín (2010) “En la última semana hubo 30 tomas de terrenos en todo el país”, https://www.clarin.com/politica/ultima-semana-tomas-terrenos-pais_0_S1YSC6O6PXL.html, consultado el 15/03/2021.
- Labriola, S. y Álvarez, A. (2020) “Tierra para vivir: se posterga el desalojo en Guernica”, en Portal Revoluciones.net, www.revoluciones.net, consultado el 18/02/2021.
- La Nación (2020) “Guernica. Denuncian *hostigamiento policial* hacia Médicos del Mundo que hicieron tareas sanitarias en la toma”, <https://www.lanacion.com.ar/politica/guernica-denuncian-hostigamiento-policial-medicos-del-mundo-nid2455308/>, consultado el 12/04/2021.
- La Izquierda Diario (2020a) “Maria Maneiro: «La demanda sería pensar soluciones en la cual los propios habitantes sean partícipes de su destino»”, disponible en <http://www.laizquierdadiario.com/Maria-Maneiro-La-demanda-seria-pensar-soluciones-en-la-cual-los-propios-habitantes-sean-participes>, consultado el 12/04/2021.
- La Izquierda Diario (2020b) “Guernica y la ciudad que se pierde: autopistas, countries y desalojos”, disponible en <http://www.laizquierdadiario.com/Guernica-y-la-ciudad-que-se-pierde-autopistas-countries-y-desalojos>, consultado el 12/04/2021.
- La Vanguardia (2020) “Byung-Chul Han: Viviremos como en un estado de guerra permanente”, disponible en <https://www.lavanguardia.com/cultura/20200512/481122883308/byung-chul-han-viviremos-como-en-un-estado-de-guerra-permanente.html>, consultado el 12/04/2021.

Perfil (2020) “Berni: en Guernica hubo gente *sin problemas habitacionales* que se enfrentó con la policía”, disponible en <https://www.perfil.com/noticias/politica/sergio-berni-guernica-hubo-gente-sin-problemas-habitacionales-enfrento-con-policia.phtml>, consultado el 11/04/2021.

Revoluciones.net (2020) “Guernica: tenemos un proyecto para evitar que esto llegue al peor escenario”, en Portal Revoluciones.net, www.revoluciones.net, consultado el 18/02/2021.

Entrevista realizada a Vanina, vecina de la recuperación de Guernica e integrante del Movimiento Teresa Rodríguez (MTR) Votamos Luchar, 12 de abril de 2021, Buenos Aires.

Entrevista realizada a Yamila, vecina y delegada de la recuperación de tierras de Guernica e integrante del Frente de Organizaciones en Lucha (FOL), 13 de abril de 2021, Buenos Aires.

II

Entramados comunitarios de los residuos para la reproducción de la vida

Luisa Fernanda Tovar Cortés

Investigadora del Grupo de Socioeconomía, Instituciones y Desarrollo (GSEID)

Correo electrónico: lftovarc@unal.edu.co

INTRODUCCIÓN

El inicio de esta década sorprendió a la humanidad con una pandemia. Un fenómeno social con consecuencias inéditas a nivel mundial, que ha impactado fuertemente a las economías, a la sociedad y al medio ambiente. Algunos consideran este momento histórico como la oportunidad de reflexionar, tomar los aprendizajes y reinventarse. Otros preocupados por el efecto de la economía, ruegan para que la vacuna aparezca lo antes posible y volver a la normalidad.

Sin embargo, en la tan anhelada normalidad la situación no era favorable para el 99% de la población. Antes de la llegada del Covid-19, los niveles de pobreza, desigualdad y daño ambiental llegaban a un punto tal se vaticinaba la agudización de las crisis producto del sistema capitalista y su sed insaciable de acumulación (Harvey, 2014). Poblaciones en todo el mundo luchaban por sobrevivir y garantizar sus condiciones de vida. La llegada del virus y el confinamiento para estas poblaciones significó un cambio abrupto, sobre todo teniendo en cuenta que para poder quedarse en casa, se requieren condiciones mínimas como tener un techo y con qué alimentarse.

Según datos de la CEPAL (2020), en América Latina la pobreza alcanzará el 34,7% de la población y se proyectan incrementos del índice de Gini de entre el 0,5% y el 6,0%. A pesar del panorama negativo, existen experiencias de lucha en donde las comunidades construyen alternativas en medio de las adversidades. Se mantiene la capacidad de resiliencia, de reinventarse, de ser solidarios, a pesar del esfuerzo del discurso neoliberal por desacreditar lo comunitario e imponer el individualismo.

Este artículo examina las implicaciones que ha tenido la pandemia para la población recicladora de Bogotá. Un ejemplo de lucha por ser reconocidos y reivindicar sus derechos que cuenta ya con varias décadas. Con la llegada de la pandemia se ratificó la importancia de su labor, como un trabajo esencial, sin el cual la sociedad no podría funcionar. Así como las actividades del cuidado, en cabeza de los médicos, enfermeros y enfermeras, fueron visibilizadas como fundamentales para afrontar la crisis sanitaria, otras actividades del cuidado, en este caso, las referidas al servicio de aseo y saneamiento ratificaron su predominancia para garantizar la vida. Más allá del falso dilema entre la necesidad de salvar la economía frente al cuidado de la vida, y la intención del capitalismo de monetizarlo todo, la salud y la vida están por encima del mercado.

Nuestras reflexiones surgen del trabajo de apoyo y acompañamiento basado en el diálogo de saberes que como grupo de investigación hemos realizado por más de cinco años con algunas organizaciones de recicladores en Bogotá. Este tiempo nos ha permitido entender, de la mano con la población recicladora, la importancia de su labor históricamente invisibilizada, pero que gracias a su lucha hoy en día cuenta con un mayor reconocimiento. La llegada de la pandemia tomó a los recicladores en el medio de un proceso de formalización, con sus pros y sus contras, estos últimos agudizados por el impacto general de la crisis. Sin embargo, las dificultades a las que la población recicladora puede estar acostumbrada y sobre la cual ha forjado su capacidad de lucha y defensa de sus derechos, ha sido una interesante fuente de inspiración para replantearse y explorar formas de resistencia y de articulación, hoy en día aún en construcción.

Alimentamos nuestras reflexiones gracias a los aportes de las luchas feministas y en especial, los aportes de la economía feminista, que permiten ampliar la perspectiva para comprender la totalidad social y superar las suposiciones arbitrarias de la economía convencional. La primera parte del artículo aborda las reflexiones feministas centradas en los elementos y estrategias que utiliza el sistema económico para invisibilizar a gran parte de la población, considerándolos como improductivos, por lo que son marginados y explotados. En la segunda parte contextualizaremos la situación de los recicladores antes de la llegada de la pandemia. Ubicamos sus luchas por ser reconocidos y el proceso de formalización que estaban desarrollando en diálogo con la estrategia de invisibilidad estudiada desde las reflexiones feministas.

Posteriormente, examinaremos qué ocurrió con la llegada de la pandemia, las principales afectaciones y las respuestas de los recicladores para luego presentar los pro-



cesos de articulación entorno a los residuos. Para el caso de los recicladores la “nueva normalidad”, es decir, las condiciones para convivir con el virus, ha implicado un mayor acercamiento al manejo de los residuos orgánicos, la creación de alianzas con otros actores y la reafirmación de la necesidad de seguir abonado el camino de la transformación de materiales para mejorar sus condiciones de autonomía y continuar su lucha no solo por evitar ser invisibilizados, sino para no ser excluidos y afectados por los conflictos e intereses que se encuentran detrás del mercado de los residuos.

Las reflexiones finales remarcan los aspectos de (in)visibilidad y la necesidad de continuar tejiendo las redes de apoyo y entramados comunitarios (Gutiérrez & Navarro, 2019) para sostener la vida colectivamente y hacer frente a los desafíos de esta pandemia y de las que nos seguirán acompañando, porque en definitiva nadie se salva solo.

REFLEXIONES FEMINISTAS PARA COMPRENDER LA (IN)VISIBILIDAD

Las reflexiones feministas representan un aporte significativo para entender las dificultades que impiden una transformación social. Uno de los aportes feministas más importantes ha sido la denuncia de la invisibilización de la reproducción y la reivindicación del valor que este proceso tiene para el sistema capitalista (Bhattacharya, 2017).

En la ciencia económica el aporte ha sido valioso para expandir la esencia de la economía centrada en los mercados (masculinos), al cuestionar y buscar deconstruir esta doctrina e intentar recuperar a los otros femeninos (Pérez Orozco, 2004). De hecho, el feminismo transformador no se limita a los problemas de las mujeres, sino que defiende las necesidades y los derechos de la mayoría, sean mujeres pobres y de la clase trabajadora, de los indígenas, de las comunidades afro, campesinos, migrantes, población queer, trans y discapacitada, sectores populares; todo un gran conjunto de los otros feminizados, dominados, oprimidos y explotados por el capital (Arruzza, Bhattacharya, & Fraser, 2019).

En medio de esta crisis estas reflexiones son más potentes y ayudan a comprender que no es simplemente una crisis de producción, como tradicionalmente la teoría económica lo estudia, sino que estamos inmersos en un crisis de reproducción. Estas crisis hacen referencia a la exclusión sistemática de amplios sectores de la población, que no pueden acceder a los recursos indispensables para satisfacer sus necesidades reproductivas, biológicas y sociales (Quiroga Diaz, 2009).

Al reconocer la crisis de reproducción, emerge la parte del iceberg que se mantuvo oculta. Sale a flote todo el trabajo socialmente necesario para la reproducción de la vida y de la sociedad, sobre el cual se apoya el funcionamiento del sistema económico dominante (Gibson-Graham, Cameron, & Healy, 2013; Pérez Orozco, 2014). La invi

sibilización del trabajo reproductivo es el resultado de un proceso de exclusión, colonización y opresión transcurrido durante los últimos cinco siglos, en el cual las mujeres subordinadas, la naturaleza, las poblaciones explotadas y los pueblos de color fueron situados en la periferia de la sociedad eurocéntrica civilizada (Moore, 2016) y condenados a la parte sumergida de la sociedad.

Para Amaia Pérez Orozco (2014) la noción de (in)visibilidad es primordial para comprender el sistema socioeconómico dominante, puesto que la parte visible recoge el proceso de acumulación y la invisible es la que se encarga de sostener la vida y el sistema capitalista en una compleja red de procesos sociales y relaciones humanas (Federici, 2019; Ferguson, 2016). Es así como las principales actividades, funciones y tareas que reproducen a la clase trabajadora ocurren fuera del lugar de trabajo y son invisibles (Bhattacharya, 2018).

La economía feminista sitúa el trabajo, no solo vinculado al proceso de producción en términos de acumulación de capital y de relación salarial, sino en un sentido amplio, como elemento indispensable para el funcionamiento de las sociedades. El imaginario de una sociedad automatizada, que funciona solo con robots, se desdibuja cuando un respirador no es útil sin la persona que se encargue de instalarlo y de verificar su funcionamiento. Se reconoce que los trabajos reproductivos y del cuidado son esenciales para la reproducción, no solo en el ámbito doméstico, sino para garantizar la vida en sociedad. Estos trabajos que estuvieron invisibilizados y considerados como residuales, condenando a las poblaciones que los ejercen a un trato despectivo y peyorativo, son la base para superar la crisis.

Ubicados en la periferia, en la zona improductiva, estas actividades son catalogadas como de subsistencia, es decir que apenas alcanzan para no morir y no representan un medio para vivir dignamente. El feminismo cuestiona el concepto de subsistencia, y reivindica la noción de sostenibilidad de la vida (Carrasco, 2001) entendida como la forma en que cada sociedad resuelve sus problemas de sostén de la vida humana, poniendo de manifiesto los intereses prioritarios de una sociedad, para precisamente garantizar el cuidado y la reproducción de la vida.

En esta nueva perspectiva de organización social se visibiliza la parte del proceso que se sobreentendía, no se nombraba y se colocaba en la sombra. En términos metodológicos, los aportes de la economía feminista proponen la observación de los trabajos no visibilizados tradicionalmente, así como las poblaciones que los realizan, trascendiendo el ámbito “productivo” y reconociendo las experiencias de sus actores y el proceso social e histórico. Además, se busca entender las transformaciones del trabajo en un contexto capitalista que insiste en invisibilizar los trabajos reproductivos y del cuidado. El enfoque feminista amplía la comprensión de las nuevas formas de producción de valor y su explotación en función de la acumulación de capital (Cielo, Bermúdez, Almeida Guerrero, & Moya, 2016).



En vez de considerar estas poblaciones como informales excluyéndolas y negándolas como interlocutores legítimos para la construcción e implementación de políticas públicas, la economía feminista denuncia la estrategia de dualización de las economías y los mercados como método por el cual el capital corporativo occidental divide la economía en sectores ‘visibles’ e ‘invisibles’ para garantizar la acumulación capitalista (Mies, 2014). Por el contrario, se propone una lectura desde la economía popular (Gago, 2016; Quiroga Diaz & Gago, 2014) que valore y reconozca las articulaciones populares de producción y reproducción, organizadas mediante redes de intercambio y reciprocidad que solventan la vida de millones de personas.

Al no ser reconocidos, la sociedad tiene una deuda de vida con estas poblaciones cuya labor no solo es menospreciada, sino que además estas poblaciones están asumiendo una gran parte de los costos (Roig, 2013). Este es el caso de la población recicladora en el mundo que durante años ha vivido de la recuperación de los materiales que la sociedad desecha, y que son considerados como una molestia; ignorados por las políticas públicas, amenazados y perseguidos por las autoridades (Demaria, 2017; Samson, 2009).

Hasta hace unas décadas, en Colombia la situación no era diferente. Los recicladores eran denominados como “desechables” e indigentes hasta el punto de ser víctimas de grupos de limpieza social, es decir, grupos al margen de la ley dedicados al asesinato de habitantes de calle, consumidores de droga, prostitutas y opositores políticos. En 1992 se descubrió una red criminal de tráfico de órganos que asesinaban recicladores para comercializar sus órganos vitales y utilizar sus cuerpos para realizar prácticas de medicina en una universidad (Semana, 1992). Este caso fue denunciando ante la Corte Interamericana de Derechos Humanos (CIDH) por líderes y lideresas de organizaciones de recicladores y gracias a sus exigencias en 1999 el Estado expidió la Ley 511 que estableció el 1 de marzo como el Día Nacional del Reciclador y del Reciclaje. Esta acción de reparación simbólica fue “un importante precedente en la introducción de la población recicladora como actor productivo dentro de la comprensión del problema público de los residuos y sus soluciones públicas” (Parra, 2016, p. 112).

A continuación, examinaremos la gestión de residuos desde las reflexiones feminista para entender la situación en la que se encontraban los recicladores en Colombia, y particularmente en Bogotá, antes de la llegada del virus.

FORMALIZAR LA GESTIÓN DE RESIDUOS

Los crecientes niveles de producción y consumo convierten la gestión de residuos en un gran desafío. En 2018, alrededor de 2.01 billones de toneladas de desechos sólidos urbanos se produjeron en el mundo, y el Banco Mundial estima que la gene

ración de desechos aumentará en un 70% para 2050. Aproximadamente el 13.5% de los desechos se recicla y el 5.5% se convierte en abono, mientras que entre un tercio y 40% de los residuos generados no se gestiona correctamente y, en cambio, se quema o depositan en rellenos (Kaza, Yao, Bhada-Tata, & Van Woerden, 2018). Ante la necesidad de mitigar los efectos del cambio climático, la sociedad debe restringir la cantidad de residuos producidos.

En el norte global, la gestión de residuos ha logrado grandes avances al pasar de una disposición basada en el enterramiento a una gestión de residuos, que considera los residuos como recursos en un esquema de economía circular (Ellen MacArthur Foundation, 2010) ; mientras tanto, el sur global se enfrenta a importantes desafíos para garantizar el acceso universal a los servicios de recolección de residuos y erradicar la disposición descontrolada (Wilson & Velis, 2015).

Por tanto, sin la gestión de los residuos, la vida en un contexto urbano es imposible. Así, la ciudad depende del trabajo de miles de personas no reconocidas por la sociedad. El reciclaje no solo es rentable para los recicladores en términos de asegurar sus medios de vida (Scheinberg, 2012), sino que también tiene beneficios comunitarios. El trabajo de los recicladores permite extender la vida útil de los vertederos, reducir el costo de uso de materias primas para la producción y crear nuevos circuitos de un modo de producción resiliente, sostenible y ecológicamente favorable. Sin embargo, el velo que invisibiliza estas formas de reproducción de la vida no permite unas mejores condiciones laborales para los recicladores.

Para mejorar la gestión de residuos en América Latina, una conclusión apresurada podría llevarnos a pensar que se deben seguir los modelos de países desarrollados con fuerte mecanización. Sin embargo, se pasarían por alto dos elementos centrales. Primero, la inversión necesaria para la mecanización, que en muchos casos incluye procesos de incineración que no son en absoluto amigables con el medio ambiente. En segundo lugar, ignora a gran parte de la población que vive del trabajo del reciclaje.

No solo es una cuestión financiera, sino se trata de una cuestión medioambiental, económica, social y política. Ambiental y económica debido a la capacidad de los recicladores para trabajar a un nivel muy pequeño, eliminando los detalles para que el material sea utilizable y así evitar la disposición en los rellenos. Se requiere de una maquinaria de alta tecnología para tratar de quitar la etiqueta o el anillo de las botellas de plástico. Sin embargo, el grado de precisión de un reciclador difícilmente se puede tecnificar. Es como el trabajo de un artesano. Social porque si se mecaniza esta actividad, una parte significativa de esta población perderá sus ingresos y sus familias estarán en peligro. Además, no todo el mundo está dispuesto a trabajar con lo que consideran basura. Y político, por una fuerte movilización de recicladores, forjada durante décadas de luchas por no ser excluidos (Rosaldo, 2019). Además,



una de las estrategias más efectivas para aumentar los niveles de reciclaje es asociar precisamente a los recicladores (Linzner & Lange, 2013). Por el contrario, excluirlos puede ser altamente contraproducente, ya que se perdería el potencial de sus prácticas y experiencia (Wilson, Velis, & Cheeseman, 2006).

En Colombia, las víctimas de la violencia rural llegaron a las ciudades a principios de la década de 1950 y se convirtieron en los primeros recicladores. Ante la falta de empleo, comenzaron a recuperar y valorizar lo que la sociedad descartaba. En contraste con la creencia generalizada de que las actividades informales son temporales, existen familias de recicladores de cuarta generación.

Luego de un largo proceso de lucha por el reconocimiento y defensa de sus derechos al trabajo y a la vida (Parra, 2015), en 2016 el gobierno nacional promulgó el proceso de formalización de recicladores. La formalización fue la respuesta a los mandatos de la Corte Constitucional para incluir y mejorar las condiciones de vulnerabilidad de esta población. En Colombia, la formalización consiste en vincular a las organizaciones de recicladores como operadores del servicio público de aseo¹ en la actividad de aprovechamiento (Decreto 596 de 2016). Esta actividad incluye: (i) recolección de residuos reciclables, (ii) transporte y (iii) clasificación y pesaje de materiales (Decreto 1077 de 2015 / MVCT). Su trabajo es reconocido con un pago, pero deben cumplir con los requisitos establecidos en el proceso de transición (ocho fases a terminar en cinco años). La siguiente tabla presenta las fases clasificadas por las obligaciones técnicas, comerciales, administrativas y financieras a cumplir:

Tabla 1. Fases y requisitos del proceso de formalización

FASE	Técnico	Comercial	Administrativo	Financiero
Fase 1 Primer mes	Registro Único de Prestadores (RUPS)			
Fase 2 Segundo Mes	Definir el área de prestación			
	Registro de toneladas transportadas y por área de prestación	Registro Toneladas aprovechadas y de las facturas por el material comercializado		
	Registro de Estaciones de Clasificación y Aprovechamiento (ECAS)			
	Registro vehículos para el transporte			
Fase 3 Segundo Mes		Contrato de Condiciones Uniformes del servicio público de aprovechamiento (CCU)		
Fase 4 Primer Año		Portafolio de servicios		
		Base de datos de usuarios	Plan de Fortalecimiento Empresarial	
		Página web		
Fase 5 Segundo Año	Registro de calibración de básculas			
	Supervisores y sistemas de control operativo			
	Programa de prestación del servicio			
Fase 6 Tercer Año	Microrutas de recolección		Personal por categoría de empleo	
			Certificación de competencias laborales	
Fase 7 Cuarto Año	Planes de emergencia y contingencia	Registro de peticiones, quejas y recursos (PQR)		
Fase 8 Quinto Año	Mapa del área de prestación en sistema de referencia MAGNA-SIRGAS			Información financiera

Fuente: Elaboración propia a partir del Decreto 596 de 2016, Ministerio de Vivienda, Ciudad y Territorio

La mayor parte de los requisitos son técnicos y comerciales. No hay requisitos o seguimiento en términos ambientales, y en términos de seguridad social tampoco hay una obligatoriedad de vincular a los recicladores formalmente mediante un contrato laboral que garantice sus derechos laborales. Cada fase con sus respectivos requisitos implica nuevos costos que dificultan el cierre financiero, puesto que la tarifa a los recicladores se les paga por material comercializado y no por material recolectado (Tovar, 2018). Existen muy pocas organizaciones que han optado por un esquema de pago igualitario, remplazando el esquema tradicional de pago por destajo, sin embargo, logran su cierre financiero porque tienen convenios con entidades o reciben donaciones.

Además, el requisito de información financiera se exige en la última fase, a la que muy difícilmente las organizaciones podrán llegar si desde un principio no cuentan con el apoyo y el fortalecimiento financiero. En conclusión, las fases y sus respectivas obligaciones fueron planteadas teniendo en cuenta la operación de operadores privados, desconociendo las condiciones y diversidad de formas de trabajo de los recicladores.



Bogotá es una ciudad con más de 7 millones de habitantes que produce aproximadamente 6.300 toneladas de residuos sólidos al día, el 70% de los cuales podrían reciclarse, sin embargo, solo se recupera el 10% de estos residuos (SSPD & DNP, 2018b). Los residuos que no son recuperados se disponen en el relleno sanitario de Doña Juana, cuya vida útil se prevé hasta el 2023. Los hogares, la industria y otros productores de residuos deben clasificarlos en material orgánico y reciclable. Cinco empresas privadas operan en cinco áreas recolectando y transportando residuos hasta el relleno sanitario de Doña Juana, mientras que más de 180 organizaciones (SSPD, 2020) recolectan y preparan material reciclable en libre competencia. No todas las organizaciones que recolectan material reciclado pertenecen a recicladores. La UAESP (Unidad Administrativa Especial de Servicios Públicos), que es la entidad municipal encargada de monitorear a los recicladores en Bogotá, reconoce 127 organizaciones de recicladores (UAESP, 2019), con condiciones operativas y financieras desiguales.

La política pública elaborada a partir de una lectura parcial de la realidad valoró la informalidad de los recicladores como una enfermedad a atacar. Sin embargo, el problema no es que se trate de una actividad informal, ineficiente o improductiva, sino que la gestión de residuos debe ser considerada como un trabajo esencial para el funcionamiento de la ciudad, que debe desarrollarse en las mejores condiciones laborales.

En lugar de garantizar estas condiciones, la formalización se ha convertido en un trámite burocrático, un proceso forzado al que las organizaciones de recicladores deben adherirse como condición para no ser procesadas por la ley o la policía. Con ello la política pública de formalización no cumple con su objetivo inicial de incluir a los recicladores, y en lugar de mejorar sus condiciones de vida, pone en riesgo su trabajo y perjudica las condiciones de vida del resto de la sociedad.

LA LABOR ESENCIAL DE LOS RECICLADORES REAFIRMADA POR LA PANDEMIA

El 25 de marzo de 2020 se decretó oficialmente el inicio del confinamiento en Colombia y se estableció una lista de las actividades necesarias para garantizar la vida y la salud, dentro de ellas la prestación de los servicios públicos, incluido el de aseo (Decreto 457 del 2020). De esta manera los recicladores fueron autorizados a continuar ejerciendo su actividad como prestadores esenciales del servicio público de aprovechamiento.

Los recicladores pueden salir a la calle y realizar sus labores, pero deben cumplir con los protocolos de bioseguridad. Las organizaciones de recicladores han jugado un papel fundamental en materia de sensibilización y divulgación de las medidas que se deben implementar. Así mismo, las instituciones públicas y algunas empresas privadas han gestionado donaciones de implementos de bioseguridad como tapabocas, guantes,

gafas y trajes antifluido.

Además de reafirmar lo esencial de la labor de los recicladores, a pesar de la paradoja de los procesos invisibles que consiste en la tendencia de los servicios públicos a volverse invisibles antes los ojos de quienes los disfrutan, cuando funcionan adecuadamente (Gutiérrez-Cuevas, 2004), la llegada de la pandemia evidenció otros elementos. Primero, que a pesar de las ayudas y donaciones que ha recibido la población recicladora, la ausencia de seguridad social, en términos de protección en riesgos laborales y de una pensión, dificulta que los recicladores puedan recibir los ingresos necesarios para subsistir y mantener a sus familias, principalmente los adultos mayores. Bogotá tiene registrados 21.335 recicladores de los cuales el 30% pertenecen a una organización (UAESP, 2019), 3.800 son mayores de 60 años y deben permanecer en aislamiento obligatorio.

En términos de salud, en Colombia existe una amplia cobertura resultado del proceso de aseguramiento a través de los regímenes contributivo y subsidiado. Sin embargo, la cobertura en afiliación no significa un servicio de calidad ni que la salud sea considerada como un derecho. De acuerdo con el último censo realizado a los recicladores en Bogotá en 2012, 62% estaba cubierto por el régimen subsidiado en salud, 5% pertenecía al régimen contributivo, 7% eran beneficiarios y 26% no tenía acceso a la salud; solo el 2,1% tenían una afiliación a pensión y en términos de afiliación a administradoras de riesgos laborales (ARL) solo 1,5% de los recicladores se encontraban vinculados (Castro, 2014).

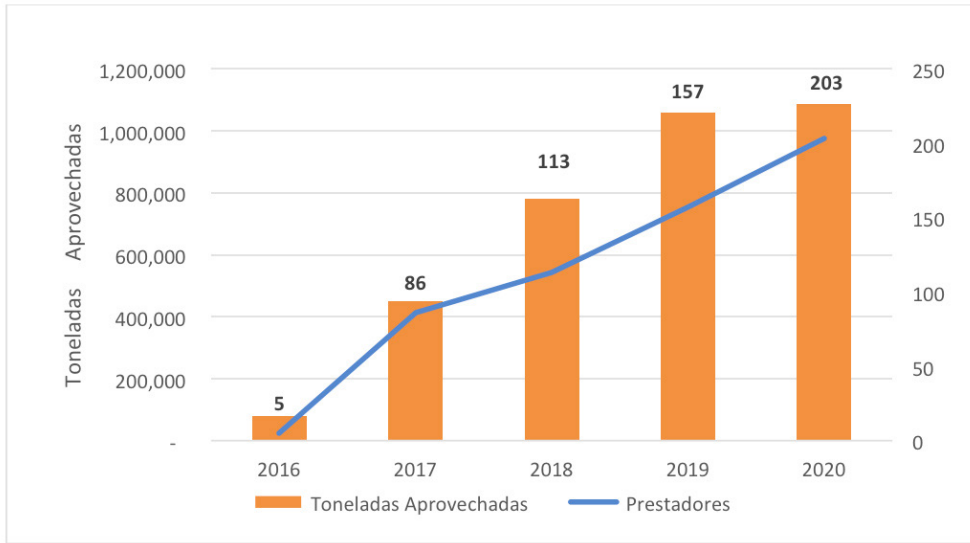
La ausencia de una seguridad social ha puesto en evidencia la preocupación de los recicladores que aún no son adultos mayores y que pueden salir a trabajar, pero que ven en sus antecesores un espejo de las dificultades futuras para garantizar una vejez digna. Es así como la llegada del Covid-19 ratificó que el proceso de formalización consistió en el ingreso de las organizaciones como prestadores del servicio público de aseo, pero no garantizó una mejora en las condiciones laborales y de seguridad social de los recicladores.

En segundo lugar, la crisis económica también tiene repercusiones en las condiciones de la población recicladora. Antes de la llegada de la pandemia, las organizaciones de recicladores se encontraban en el cumplimiento de las fases del decreto 596, gran parte de ellas con dificultades financieras, debido a los costos de la formalización. Según un informe realizado en 2018, el 63% de los prestadores que se encontraban en fase 3 cumplían con los requerimientos de su fase, pero ninguno de los prestadores que se encontraban en fase 4 y 5 cumplían con la totalidad de la documentación solicitada (SSPD & DNP, 2018a). Surge la inquietud sobre lo que va a suceder con las organizaciones de recicladores que no alcancen a cumplir con el proceso de formalización y cuya situación se agrave con la crisis económica. La siguiente gráfica presenta la cantidad de toneladas aprovechadas en Bogotá, desde la expedición del decreto 596 de



2016 junto con el número de prestadores del servicio de aprovechamiento:

Gráfica 1. Toneladas aprovechadas y registro de prestadores de aprovechamiento en Bogotá (abril 2016 – octubre 2020)



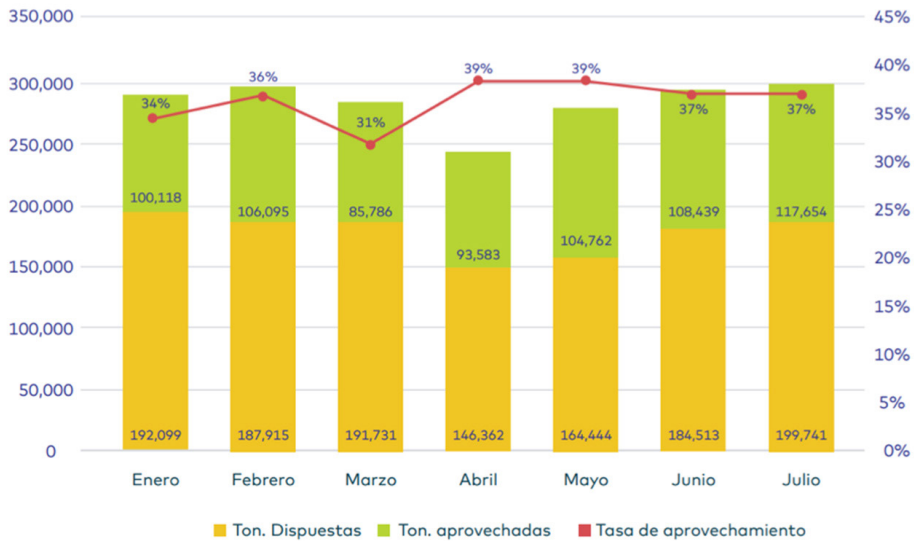
Fuente: Elaboración propia a partir del Sistema único de información (SUI)

La anterior información evidencia el aumento continuo de prestadores del servicio de aprovechamiento, de los cuales el 87,6% manifiestan ser organizaciones de recicladores de oficio, a pesar de que el 65% de los prestadores que se acogen a la progresividad no pueden demostrar estar conformadas por recicladores de oficio (SSPD & DNP, 2018a). El servicio de aseo, como el resto de los servicios públicos en Colombia, funciona bajo un esquema de libre competencia (Ley 142 de 1994), en el que cualquier empresa puede participar.

La formalización incorporó la idea de convertir a los recicladores en empresarios del reciclaje, de manera que ellos asumieran el costo de la formalización y se sometieran a las reglas de la libre competencia. Junto con el aumento de los prestadores de aprovechamiento y la dificultad de comprobar que sean organizaciones de recicladores, un tercer elemento evidenciado durante la pandemia es la inconsistencia entre los niveles de aprovechamientos y las toneladas dispuestas en el relleno sanitario. Como lo alertó la Superintendencia de servicios públicos, Bogotá registra una tasa de aprovechamiento que no se observa a nivel internacional, con un promedio mensual de 36,14% para el primer semestre 2020. La siguiente gráfica presenta el comportamiento de la cantidad de residuos generados frente a las toneladas aprovechadas. Es de resaltar los niveles de aprovechamiento de los meses de abril y mayo de 2020 que fueron los

momentos en los que el confinamiento fue más estricto.

Gráfica 2. Residuos Generados Primer Semestre 2020 y Tasa de Aprovechamiento - Bogotá



Fuente: Superintendencia de Servicios Públicos Domiciliarios (2020)

A partir de los análisis de la información registrada, la Superintendencia (2020) detectó anomalías como el doble reporte del material aprovechado, transacciones ficticias, reporte de material que no hace parte del servicio público domiciliario como el producido por las empresas, los escombros y los residuos electrónicos y especiales. El problema en el reporte de la información, junto con las denuncias sobre la prestación del servicio, representa una amenaza para las organizaciones de recicladores de oficio que intentan cumplir con el proceso de formalización. Igualmente, las inconsistencias en el reporte de la información son trasladadas y asumidas por los usuarios mediante la factura del servicio de aseo.

Es importante mencionar que en medio de la pandemia ocurrió un tercer derrumbe en el relleno. El 28 de abril de 2020 se produjo un nuevo deslizamiento de 80.000 toneladas en el Relleno de Doña Juana que, aunque fue menor que los anteriores ocurridos en 1997 (1.200.000 toneladas) y en 2015 (600.000 toneladas) (Semana, 2020), recordó la urgencia de mejorar la gestión de residuos, considerando el aumento de desechos utilizados como medida de protección (guantes, tapabocas), así como el aumento de los residuos generados por las entregas a domicilio. A pesar del confinamiento la ciudad sigue produciendo residuos y se visibiliza una problemática que compete a toda la sociedad.

Un último elemento que resaltar es la reducción drástica de la actividad económi-



ca que tuvo un efecto determinante en los precios del petróleo, llegando inclusive a registrarse precios negativos (Bermúdez, 2020). Este hecho implica que los precios de los plásticos reciclados también se reduzcan, secuela que los recicladores conocen bien y que los motivó, junto con la preocupación ambiental, a explorar otras fuentes de ingresos y alternativas en la gestión de los residuos, con el propósito de no depender de los mercados externos de los materiales. Algunas de las alternativas exploradas por los recicladores y las alianzas que han ido tejiendo para materializarlas se exponen a continuación.

REDES Y ENTRAMADOS COMUNITARIOS ALREDEDOR DE LOS RESIDUOS

La situación de emergencia sanitaria y económica provocada por la pandemia puso de manifiesto una problemática estructural en el manejo de los residuos. La alta concentración del mercado del material reciclable en la industria que es su eslabón más alto, provoca que el esfuerzo de las políticas públicas y la valorización del trabajo de los recicladores continúe supeditado a los “caprichosos movimientos de demanda interna de material reciclable” (Parra, 2010, p. 144). Ante esta situación y con la agudización de los problemas económicos, algunas organizaciones han optado por incursionar en los procesos de transformación de los materiales, agregando valor y buscando reducir la dependencia al mercado.

Antes de la pandemia algunas organizaciones con mayor capacidad financiera y apoyo privado habían comenzado a trabajar con madera plásticas (ARB, 2019). Nos interesa visibilizar en este apartado tres ejercicios de articulación entre los recicladores y otros actores surgidos en el marco de la pandemia, para afrontar los problemas económicos y además para tejer formas de resistencia y producción de lo común (Gago et al., 2019). La pandemia ha reiterado la capacidad humana de generación de vínculos sociales más allá de las relaciones mercantiles, que a través de ejercicios de reconexión, recomposición y reapropiación a partir del sentido compartido de afectación, permiten la organización y producción de esfuerzos colectivos para garantizar la reproducción de la vida (Gutiérrez & Navarro, 2019).

A partir del reconocimiento de ampliar la gestión de los residuos más allá de los materiales históricamente recuperados por los recicladores como el cartón y plástico, sumado al tercer derrumbe en el relleno en pleno confinamiento, se percibe una mayor conciencia de la necesidad de mejorar el manejo de los residuos, principalmente los orgánicos. De hecho, de las 6.300 toneladas de residuos sólidos producidas en Bogotá diariamente, 55,22 % son de tipo orgánico biodegradable (UAESP, 2018).

De acuerdo con algunos recicladores consultados, la pandemia evidenció la importancia de mejorar la separación de la fuente para aumentar la cantidad y calidad

de los residuos recuperados. También se manifestó una preocupación por la soberanía alimentaria. Uno de los requerimientos esenciales para soportar el confinamiento era tener garantizado el suministro de alimentos.

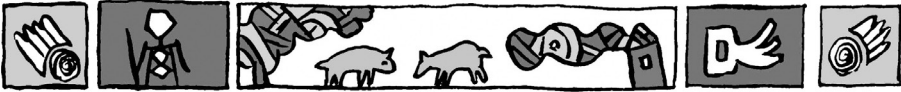
Para ello, una de las estrategias de las organizaciones de recicladores fue la articulación con la Red de Huertas Urbanas de Bogotá (IDPAC, 2020), para realizar campañas de sensibilización conjunta. De esta manera, los recicladores de la mano con los ciudadanos que manejan huertas explican a las comunidades cómo debe realizarse la separación de los residuos, la importancia de que los usuarios tomen consciencia de ello para facilitar la labor de los recicladores y para evitar que el relleno colapse. Así mismo, se explica que una buena gestión de los residuos disminuye el costo del servicio de aseo y reduce el impacto de los lixiviados, es decir, el líquido producto de la descomposición de la basura en los terrenos aledaños al relleno que pertenecen a comunidades campesinas (Foto 1).

Foto 1. Cultivos aledaños al Relleno Sanitario de Doña Juana



Fuente: (El Espectador, 2019)

Otra estrategia relacionada con el manejo de los residuos orgánicos es la articulación con la experiencia de las pacas digestoras Silva. Esta alternativa para el aprovechamiento de residuos orgánicos consiste en un bloque de basura orgánica prensada en un metro cúbico, que se fabrica con 250 kg de basura de cocina, vegetal, cruda y cocida, intercalada por capas con 250 kg de residuos de jardín y de poda (Silva, 2018). En Bogotá, durante la pandemia se han incrementado significativamente esta práctica



gracias al trabajo de divulgación de diversos colectivos ambientales, en un ejercicio de recuperación de la calle y del espacio público, no exento de oposiciones de algunos habitantes e inclusive persecuciones policiales producto de la errada concepción de los residuos que aún predomina. Cada paca no es un cumulo de basura; por el contrario es un microecosistema vivo en él que se desarrolla procesos bioquímicos de la descomposición que no produce malos olores ni contamina (Ossa, 2016).

De manera sencilla y económica, las comunidades se han ido sumando a esta experiencia de las pacas digestoras (Foto 2), reconciliándose con sus residuos, pero también con sus comunidades. Este elemento es crucial porque las pacas se han convertido en un lugar de encuentro y de compartir las percepciones del momento histórico que estamos viviendo. Así mismo ha sido un espacio para alimentar los vínculos y crear nuevas alianzas con el propósito de tejer otras posibilidades de existencia.

Foto 2. Paca digestora Silva ubicada en el Parque Brasil (Bogotá)



Fuente: Luisa Fernanda Tovar (2020)

En ese camino de redes de intercambio vinculadas a la gestión de los residuos, durante la pandemia se potencializaron relaciones construidas previamente mediante la comercialización de los materiales reciclados, pero con un enfoque social y solidario. El vidrio es una material altamente reciclable, pero debido a que su mercado es un monoposonio (IDEXUD, 2016), los recicladores no lo recolectan por su bajo precio que

no compensa el esfuerzo de transportarlo. En 1998 se le pagaba a los recicladores 80 pesos por kilo de vidrio, en 2010, 30 o 20 pesos (Parra, 2010), hoy pagan 100 pesos. Para tratar de darle usos alternativos al vidrio y evitar su desperdicio los recicladores exploraron la fabricación de baldosas con vidrio molido. De esta manera se organizó una prueba piloto para mejorar las condiciones de vivienda rural. Junto con la motivación y la solidaridad de la comunidad se logró una transformación del piso de la vivienda intervenida, y una adecuación con elementos reciclados como por ejemplo el platero para la cocina (Tovar, 2020).

Estos son algunos ejemplos y experiencias que han surgido durante la pandemia y que evidencian la recursividad de las comunidades por garantizar sus condiciones de vida, frente a un estado ausente. Frente a la directriz de aislarse y encerrarse, desconociendo que gran parte de la población no tiene las condiciones para un confinamiento digno, las comunidades han optado por la autoorganización y el cuidado colectivo porque son conscientes que nadie se salva solo.

A MANERA DE CONCLUSIÓN

En este artículo exploramos cómo la labor de los recicladores de oficio en Bogotá se ratificó como una actividad esencial en medio de la pandemia y cómo las reflexiones en torno a la sostenibilidad de la vida produjeron una serie de articulaciones y alianzas de los recicladores con otros actores, en lo que denominamos entramados comunitarios de los residuos.

En Colombia la lucha de los recicladores por el reconocimiento de su labor ha sido histórica, en un proceso de politización para derrumbar los procesos de invisibilización en los cuales el cuestionamiento al funcionamiento del sistema de aseo los ha llevado a generar una ciudadanía económica y política. El reciclaje pasó de ser una labor que muy pocas personas en la sociedad estaban dispuestas a realizar a convertirse en un atractivo negocio basado en la explotación de los invisibles.

En momentos de crisis es más “hipervisible el conflicto capital-vida como una tensión estructural entre la acumulación de capital y la sostenibilidad de la vida que es irresoluble, aunque se intente acallar” (Pérez Orozco, 2014, p. 102). En esos momentos, los residuos se convierten no solo en una fuente de ingresos, sino en una posibilidad para articular comunidades. Además, emerge una conciencia de que la gestión de residuos no es una responsabilidad individual de los recicladores, sino un compromiso comunitario que debe entenderse desde el consumo y la separación en la fuente en donde debe realizarse una sensibilización comprometida, pero también reestructurar el esquema de aseo que sigue favoreciendo el enterramiento.

Así mismo, la pandemia nos ha recordado que la vida es más importante que el mercado y que el proceso de formalización de los recicladores no puede estar en fun-



ción solamente de aspectos técnicos y comerciales, ni en función de los precios ni de los productos que el mercado quiera priorizar, sino que debe tener como elemento principal el brindar las condiciones de trabajo dignas y garantizar la seguridad de los recicladores no solo en el presente sino en su futuro, porque sin su labor la sociedad no puede funcionar. En este sentido el reconocimiento del trabajo de los recicladores debe ser coherente con un ingreso digno y justo.

Es así como el caso de los recicladores de oficio es un claro ejemplo de cómo se producen los proceso de (in)visibilidad y ofrece pistas de qué elementos se deben considerar para luchar contra estas formas de exclusión. Según los aspectos de la (in)visibilidad propuestos por Amaia Pérez-Orozco (2014), podemos considerar que en el caso de la población recicladora se ha avanzado en términos de las estructuras políticas que han creado para defender sus reivindicaciones. En Colombia, las organizaciones de base de recicladores se estructuran en un primer nivel, que se agrupan en un segundo nivel con un alcance local y llegan a un tercer nivel con una cobertura nacional. Esa capacidad organizativa, no exenta de conflictos, les ha permitido ser reconocidos como interlocutores legítimos por parte de las instituciones con capacidad de negociación, a pesar de que aún siguen existiendo puntos pendientes de la agenda política como la regulación colectiva para definir mejoras en las condiciones laborales y controles a la industria productora de plásticos. Así mismo, se ha avanzado en el registro de datos y mediciones cuantitativas que permiten hacer un seguimiento de los procesos a través de los censos y el reporte de la cantidad de material aprovechado.

En menor medida se ha evidenciado un progreso en términos de la remuneración asociada a su actividad y la calidad de dicha remuneración. Aunque actualmente los recicladores reciben una tarifa por la prestación de sus servicios, este pago no compensa los esfuerzos que la población realiza. El reconocimiento de la contribución a la sociedad ha progresado significativamente, sin embargo no se ha materializado en derechos sociales ni un trabajo digno con las garantías de protección laboral y de seguridad social correspondientes.

La experiencia de los recicladores enseña que no es la mano invisible del mercado la que garantiza la reproducción de la vida. Por el contrario, son millones de manos que ahora más que nunca deben tejer redes de apoyo para sostener la vida colectivamente. Es tarea de la sociedad reconocer este principio y replantear el rumbo hacia una sociedad donde prevalezca la vida y no los intereses del capital.

NOTAS

1. El servicio de aseo en Colombia se compone de varias actividades como el barrido y limpieza de vías y áreas públicas, el corte de césped y poda de árboles ubicados en las vías y áreas públicas, el lavado de estas áreas, y tres grandes actividades:

- Recolección Barrido y Limpieza (RBL)
- Aprovechamiento (labor de reciclaje)
- Disposición final (enterramiento de las basuras en los rellenos sanitarios)

REFERENCIAS

- ARB. (2019). Contando la experiencia de la madera plástica en la Feria internacional de la Havana. Recuperado Nov 25, 2020, de <https://asociacionrecicladores-bogota.org/contando-la-experiencia-de-la-madera-plastica-en-la-feria-internacional-de-la-havana/>
- Arruzza, C., Bhattacharya, T., & Fraser, N. (2019). *Feminism for the 99% A Manifesto*. London: Verso.
- Bermúdez, Á. (2020, April 21). Caída del precio del petróleo: 3 razones por las que el crudo estadounidense WTI se vendió a precio negativo y cómo afecta a América Latina. BBC. Recuperado de <https://www.bbc.com/mundo/noticias-52362340>
- Bhattacharya, T. (2017). *Social reproduction theory: Remapping class, recentering oppression*. (T. Bhattacharya, Ed.). London: Pluto Press.
- Bhattacharya, T. (2018). ¿Qué es la teoría de la reproducción social? Recuperado Sep 18, 2019, de <https://marxismocritico.com/2018/09/18/que-es-la-teoria-de-la-reproduccion-social/>
- Castro, F. (2014). *Informe Caracterización población recicladora de oficio*. Censo 2012. Bogotá.
- CEPAL. (2020). El desafío social en tiempos del COVID-19. Recuperado de https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/45527/5/S2000325_es.pdf
- Cielo, C., Bermúdez, H. F., Almeida Guerrero, A., & Moya, M. (2016). Aportes de la Economía Feminista para el análisis del capitalismo contemporáneo. *Revista de La Academia*, 21, 157–175. <https://doi.org/10.1002/fld>
- Demaria, F. (2017). *The struggles and services of informal waste recyclers in India*. Universitat Autònoma e Barcelona.
- Ellen MacArthur Foundation. (2010). Hacia una economía circular: motivos económicos para una transición acelerada.
- El Espectador. (2019). Avanza reparación a víctimas del derrumbe en Doña Juana. Recuperado May 3, 2020, de <https://www.elespectador.com/noticias/bogota/avanza-reparacion-a-victimas-del-derrumbe-en-dona-juana/>
- Federici, S. (2019). Social reproduction theory: History, issues and present challenges. *Radical Philosophy*, 2019(2.04), 55–57.
- Ferguson, S. (2016). Intersectionality and social-reproduction feminisms: Toward an integrative ontology. *Historical Materialism*, 24(2), 38–60. <https://doi.org/>



g/10.1163/1569206X-12341471

- Gago, V. (2016). Diez hipótesis sobre las economías populares (Desde la crítica a la economía política). *Revista de Filosofía*, 25(30), 181–200.
- Gago, V., Sztulwark, D., Navarro, M. L., Linsalata, L., Gutiérrez, R. A., Salazar Lohman, H., ... Tzul, G. T. (2019). *Producir lo común: entramados comunitarios y luchas por la vida. el Apantle*. *Revista de Estudios Comunitarios*. Madrid: Traficantes de sueños.
- Gibson-Graham, J. K., Cameron, J., & Healy, S. (2013). *Take back the economy: An ethical guide for transforming our communities*. University of Minnesota Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9781107415324.004>
- Gutiérrez-Cuevas, C. (2004). *Al ritmo de Bogotá. Evolución de los servicios públicos*. Bogotá D.C.
- Gutiérrez, R. A., & Navarro, M. L. (2019). Producir lo común para sostener y transformar la vida: algunas reflexiones desde la clave de la interdependencia. *Confluencias. Revista Interdisciplinaria de Sociología e Direito*, 21(2), 298–324.
- Harvey, D. (2014). *Diecisiete contradicciones y el fin del capitalismo*. Quito: IAEN - Traficantes de Sueños.
- IDEXUD. (2016). *Informe estudio de costos y beneficios del modelo de aprovechamiento con inclusión social como política pública para la gestión de residuos sólidos en Bogotá*. Bogotá.
- IDPAC. (2020). Las huertas urbanas, una opción de participación que reverdece a Bogotá. Recuperado October 15, 2020, de <https://www.participacionbogota.gov.co/las-huertas-urbanas-una-opcion-de-participacion-que-reverdece-bogota>
- Kaza, S., Yao, L. C., Bhada-Tata, P., & Van Woerden, F. (2018). *What a Waste 2.0 : A Global Snapshot of Solid Waste Management to 2050*. Washington, DC.: World Bank.
- Linzner, R., & Lange, U. (2013). Role and size of informal sector in waste management – a review. *Proceedings of the Institution of Civil Engineers - Waste and Resource Management*, 166(WR2), 69–83. <https://doi.org/10.1680/warm.12.00012>
- Mies, M. (2014). *Patriarchy and Accumulation on a World Scale. Women in the International Division of Labour*. Zed Books Ltd.
- Moore, J. W. (2016). *Anthropocene or Capitalocene?: Nature, History, and the Crisis of Capitalism*. PM Press.
- Ossa, L. (2016). Pacas biodigestoras: de los residuos al abono orgánico. *Experimenta*, 25, 26–29. Recuperado de <https://ci.nii.ac.jp/naid/110009734418>
- Parra, F. (2010). Propuesta de análisis de la política pública afin al manejo integral de residuos sólidos y su impacto en la población recicladora en Bogotá. In C. Toro & B. Marquardt (Eds.), *Quince Años de la Política Ambiental en Colombia* (pp. 133–162). Bogotá: Universidad Nacional de Colombia.

- Parra, F. (2015). Reciclaje: ¡Sí, pero con recicladores! Gestión pública del aprovechamiento con inclusión de recicladores: Un nuevo paradigma en el manejo de los residuos en Bogotá (Nota técnica de WIEGO (Políticas urbanas) No. 9).
- Parra, F. (2016). De la dominación a la inclusión: La población recicladora organizada como sujeto político. Universidad Nacional de Colombia. Recuperado de <http://www.bdigital.unal.edu.co/57188/1/79687436.2016.pdf>
- Pérez Orozco, A. (2004). Estrategias feministas de deconstrucción del objeto de estudio de la economía. *Foro Interno*, 4, 87–117.
- Pérez Orozco, A. (2014). *Subversión feminista de la economía. Aportes para un debate sobre el conflicto capital-vida*. Madrid: Traficantes de Sueños.
- Quiroga Diaz, N. (2009). Economías feminista, social y solidaria. Respuestas heterodoxas a la crisis de reproducción en América Latina. *Iconos*, (33), 77–89.
- Quiroga Diaz, N., & Gago, V. (2014). Los comunes en femenino. Cuerpo y poder ante la expropiación de las economías para la vida. *Economía y Sociedad*, 19(45), 1–18. <https://doi.org/10.15359/eyes.19-45.1>
- Roig, A. (2013). Las deudas de la economía popular. In *Economía Popular ¿Qué es y para dónde va en Bogotá? Memorias* (pp. 36–46). Bogotá: Alcaldía Mayor de Bogotá.
- Rosaldo, M. (2019). The Antinomies of Successful Mobilization: Colombian Recyclers Manoeuvre between Dispossession and Exploitation. *Development and Change*, dech.12536. <https://doi.org/10.1111/dech.12536>
- Samson, M. (2009). Rechazando a Ser Excluidos : La Organización de los Recicladores en el Mundo. Recuperado de http://wiego.org/sites/wiego.org/files/publications/files/Samson_Rechazando_a_ser_Excluidos_es.pdf
- Scheinberg, A. (2012). Informal sector integration and high performance recycling : Evidence from 20 cities (Vol. 23). Manchester: *WIEGO Working Paper (Urban Policies)*. [https://doi.org/ISBN 978-92-95095-15-1](https://doi.org/ISBN%20978-92-95095-15-1)
- Semana. (1992, June 4). El carnaval de la muerte. *Semana*. Recuperado de <https://www.semana.com/nacion/articulo/el-carnaval-muerte/17157-3/>
- Semana. (2020, April 28). Investigan deslizamiento en relleno sanitario Doña Juana, en el sur de Bogotá. *Semana*. Recuperado de <https://www.semana.com/nacion/articulo/investigan-deslizamiento-en-relleno-sanitario-dona-juana-en-el-sur-de-bogota/666801/>
- Silva, G. (2018). ¿Qué es la paca digestora Silva? Un reciclaje orgánico limpio y saludable. *TECSISTECATL*, 10(23). Recuperado de <https://www.eumed.net/rev/tec-sistecat/n23/paca-digestora-silva.html>
- SSPD. (2020). *Reporte SUI Octubre*. Bogotá.
- SSPD, & DNP. (2018a). Informe diagnóstico de la actividad de aprovechamiento. Recuperado de <https://www.superservicios.gov.co/sites/default/archivos/Acue->



ducto%2C alcantarillado y aseo/Aseo/informe_diagnostico_de_la_actividad_de_ aprovechamiento.pdf

SSPD, & DNP. (2018b). *Informe Nacional de Disposición Final de Residuos Sólidos*. Bogotá.

Tovar, L. F. (2018). Formalización de las organizaciones de recicladores de oficio en Bogotá : Reflexiones desde la economía popular. *Iconos*, 62(Septiembre), 39–63. <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.17141/iconos.62.2018.3230>

Tovar, L. F. (2020, November 3). Reciclaje para vivir: Mejoras a la casa de Don Luis Antonio y Doña Alicia. Periódico El Sirirí. Recuperado de <http://periodicoelsiriri.blogspot.com/2020/11/reciclaje-para-vivir-mejoras-la-casa-de.html>

UAESP. (2018). *Guía técnica para el aprovechamiento de residuos orgánicos a través de metodologías de compostaje y lombricultura*. Bogotá.

UAESP. (2019). *Plan de Inclusión I Trimestre 2019*. Bogotá.

Wilson, D. C., & Velis, C. A. (2015). Waste management – still a global challenge in the 21st century: An evidence-based call for action. *Waste Management & Research*, 33(12), 1049–1051. <https://doi.org/10.1177/0734242X15616055>

Wilson, D. C., Velis, C. A., & Cheeseman, C. (2006). Role of informal sector recycling in waste management in developing countries. *Habitat International*, 30(4), 797–808. <https://doi.org/10.1016/j.habitatint.2005.09.005>

DOCUMENTOS LEGALES

Congreso de la República de Colombia. Ley 511 de 1999, por la cual se establece el Día Nacional del Reciclador y del Reciclaje. 4 de agosto de 1999.

Ministerio del Interior. Decreto 457 del 2020. Por el cual se imparten instrucciones en virtud de la emergencia sanitaria generada por la pandemia del Coronavirus COVID-19 y el mantenimiento del orden público. 22 de marzo de 2020.

Ministerio de Vivienda, Ciudad y Territorio. Decreto 596 de 2016. Por el cual se modifica y adiciona el Decreto 1077 de 2015 en lo relativo con el esquema de la actividad de aprovechamiento del servicio público de aseo y el régimen transitorio para la formalización de los recicladores de oficio, y se dictan otras disposiciones. 11 de abril de 2016.

República de Colombia. Decreto 1077 de 2015. Por medio del cual se expide el Decreto Único Reglamentario del Sector Vivienda, Ciudad y Territorio. Diario Oficial 49523 del 26 de mayo de 2015.

Superintendencia de Servicios Públicos Domiciliarios – SSPD, Resolución de aprovechamiento 20201000046075. Por la cual se establecen los aspectos para aplazar la publicación en el SUI de las toneladas efectivamente aprovechadas cuando se presenten inconsistencias en la calidad de la información reportada por los presta

dores de la actividad de aprovechamiento. 19 de octubre de 2020.

Congreso de la República de Colombia. Ley 142 de 1994. Por la cual se establece el régimen de los servicios públicos domiciliarios y se dictan otras disposiciones.

Diario Oficial 41433 del 11 de julio de 1994.

Chile, pandemia y la vida en la calle: habitando la ciudad desde el olvido

César A. Cisneros Puebla

Profesor Asociado, Escuela de Trabajo Social. Universidad de Tarapacá. Arica. Chile,
Dr. en Ciencia Política
Correo electrónico: ccisnerosp@academicos.uta.cl

Vanessa Jara Labarthé

Profesora Asistente, Escuela de Trabajo Social. Universidad de Tarapacá. Arica. Chile,
Dr. en Estudios Internacionales
Correo electrónico: vjaral@academicos.uta.cl

INTRODUCCIÓN

Somos las abejas de lo invisible.

Rilke

2020 es ya un número muy significativo. Es un año que combina, como nunca antes lo habíamos presenciado, visiones apocalípticas, teorías de conspiración, noticias falsas y escenas horribles para el futuro mundial después de la pandemia del coronavirus. Desde el principio la noticia fue tan alarmante que “necropolítica” (Mbembe, 2003) se convirtió desde entonces en una palabra popular en medio de cualquier preocupación colectiva por las políticas de salud creadas en todo el mundo. Las ideas teóricas en tor-

no a las crisis cíclicas del capitalismo también se pusieron en boca de todos al recordar comparativamente el inicio de la recesión de 1929 y el total de muertes causadas por la gripe española desde 1918. 2020 es – por tanto - un número muy significativo y 2021 va en la misma dirección. Más allá de las crisis cíclicas o no del capitalismo global, no podemos simplemente observar cómo las nuevas formas de acumulación por desposesión crean nuevas pobrezas y miserias en todo el mundo (Harvey, 2003), hemos de generar nuevas formas de intervención y participación políticas.

Independientemente de los datos de Europa, Asia y Norteamérica, países como México, Brasil, Ecuador y Chile han estado en períodos críticos debido a la cantidad de infecciones y muertes provocadas por el coronavirus. Desde 2020 la alarma mundial giró en torno a las personas vulnerables en cualquier país debido a las enfermedades, la edad y el hecho de estar fuera del alcance de los sistemas de salud. Sin duda, todos los miserables, sin hogar, vagabundos, habitantes pobres de las calles de las grandes ciudades, los pobres del campo, campesinos sin tierra, vecinos alejados de los centros de atención médica, desocupados y migrantes serían los primeros en morir como consecuencia de la pandemia.

Chile tiene un lugar muy específico en el mundo: es el país en el que se han implementado las políticas económicas más liberales, llevándose a cabo el experimento de libre mercado más espectacular, junto con el Reino Unido. Tal experimento comenzó con la masacre que puso fin al régimen socialista del presidente Salvador Allende, quien fue elegido democráticamente en 1970. El 11 de septiembre de 1973, con un golpe criminal, Pinochet inició una de las dictaduras más terroríficas y sanguinarias de la historia de la humanidad. Dictadura militar que terminó en 1990 para dar paso a una “democracia concertada” que en realidad es una dictadura civil que ha tenido como presidentes a Aylwin, Frei, Lagos y Bachelet. Hoy en día esta dictadura civil la encabeza Sebastián Piñera.

En los últimos 30 años – entre 1990 y 2020 aproximadamente – Chile se ha convertido en un destino de migración para habitantes de numerosos países de la región, bajo la idea de un supuesto “estilo de vida chileno” en referencia al “estilo de vida estadounidense”, llegando incluso a referirse a Chile como un “oasis” en medio de la convulsa América del Sur. Sin embargo, como han escrito Gaete, et al (2019) entre otras voces: en Chile “... solo el 1% de la población ha terminado concentrando el 33% de la riqueza nacional, mientras que el 80% ha sufrido la indolencia de un Estado que no actúa como garante de la seguridad social ni de los servicios esenciales...” (p.1). Durante el tiempo de la dictadura militar (1973-1990) el miedo se instaló por todos los rincones del Chile de la Unidad Popular, liderado por el Ejército de Chile y durante la dictadura civil (1990-2020) el terror lo han manejado los medios de comunicación, bajo el mando de un Estado ficticiamente “democrático” y en momentos excepcionales es el Ejército que vuelve a las calles escenificando de nuevo



imágenes que permanecen incólumes en la memoria colectiva de los ciudadanos desde los tiempos de Pinochet. ¿Cuáles son esos momentos excepcionales? Cuando las rebeliones y / o protestas populares y / o civiles, básicamente pacíficas, exigen atención. 2005, 2011, 2018 y 2019 son algunos de esos momentos o períodos en los que todos los ciudadanos, por las vivencias de las calles y los espacios públicos y la represión, tenían recuerdos de los viejos tiempos cuando la dictadura militar lideraba el destino nacional.

En Chile, la pandemia de COVID-19 fue declarada oficialmente el 3 de marzo de 2020 luego de la confirmación del primer caso. Poco después, el virus se propagó lenta pero inexorablemente por todo el país. El 18 de marzo, el presidente de Chile, Sebastián Piñera, declaró por segunda vez el Estado Constitucional de Excepción por 90 días, seguido de varias medidas preventivas para enfrentar la pandemia en áreas como educación, salud, transporte, fronteras, entre otras. Independientemente del origen nacionalsocialista del término “Estado de Excepción”, en Chile está consagrado constitucionalmente como el derecho del Presidente a declarar que las libertades individuales están restringidas por la calamidad pública. La primera vez que promulgó el Estado de Excepción fue el 19 de octubre de 2019 por la mayor y más espléndida manifestación de descontento popular en la historia reciente de Chile la cual puede ser vista desde la perspectiva crítica de la subversión creativa (Cisneros-Puebla, 2020).

En relación con la educación, se cerraron todas las instituciones educativas y preescolares para evitar cualquier posible aumento de infecciones. Para el caso de fronteras, al inicio de la pandemia, las acciones establecieron que todas las personas provenientes de países clasificados como de alto riesgo por la Organización Mundial de la Salud, debían estar en cuarentena de 14 días al ingresar al país. Sin embargo, para el 18 de marzo de 2020 todas las fronteras terrestres, marítimas y aéreas de Chile estaban cerradas para el tránsito de personas extranjeras.

Una de las medidas más importantes fue el establecimiento de cuarentenas dinámicas en todo el país que limitaban la libertad de movimiento: sólo se permitía que las empresas esenciales como tiendas de comestibles y farmacias permanecieran abiertas, y se esperaba que la mayoría de las personas, excepto los trabajadores esenciales, se quedaran en casa. Sin embargo, estas medidas destacaron la precariedad, el hacinamiento y la pobreza de las poblaciones vulnerables a lo largo del país, en particular, de aquellos que no tienen un lugar donde habitar. La fragilidad de la condición de quienes habitan la calle, sumada a la discriminación y exclusión que caracteriza la vida de los pobres “sin techo” se agudiza en el contexto actual de la pandemia, en particular cuando la principal medida gubernamental para hacer frente al coronavirus supone la disminución de personas circulando en las calles y el confinamiento de la población en sus viviendas.

Debemos recordar, junto con Swanson (2001), que los ataques a los pobres, al igual que el racismo y el sexismo, se usan para justificar la desigualdad social. Los ataques a los pobres (poor-bashing) representan el odio ignorante a ellos por medio de estereotipos y, sin duda, durante la pandemia la exclusión de los desposeídos marginados de la ciudad, sin derecho a habitarla, fue notablemente excesivo. Tener un lugar donde vivir se ha convertido entonces en una nueva línea divisoria entre los que deben – y pueden – confinarse en sus hogares, y los que se vuelven invisibles para el Estado y sus instituciones. No sólo se trata de estar “bajo un techo”, sino que incluye todas las posibilidades de cuidado que se supone posee una vivienda como, por ejemplo, agua potable y acceso a medidas sanitarias básicas. Las personas que habitan la calle no cuentan con la posibilidad de mantener estas medidas sanitarias. Si le sumamos a esto las enfermedades preexistentes y no diagnosticadas o no tratadas adecuadamente, y que podrían empeorar ante un eventual contagio, se vuelve evidente el permanente riesgo en que se encuentran las personas que habitan la calle. Durante estas dos primeras décadas del siglo XXI, con la catastrófica situación mundial, las políticas neoliberales se resisten a abandonar sus sitios de presencia a niveles nacionales y regionales. Así, según Harvey (2004, p.75), en pocas palabras, además de la clásica acumulación primitiva de capital analizada por Marx, al pensar precisamente en nuestros tiempos actuales, “...tenemos que mirar las incursiones especulativas llevadas a cabo por los fondos de cobertura y otras instituciones importantes del capital financiero como la vanguardia de la acumulación por desposesión en los últimos tiempos...”.

En lo que sigue brindaremos una interpretación particular de la experiencia de vivir en la calle desde el olvido. Nuestra interpretación se nutre principalmente de pensamiento crítico sobre el proceso de descolonización del conocimiento (Grosfoguel, 2011) desde nuestros países y se articula con la propuesta de pensar desde la subversión creativa (Cisneros-Puebla, 2021) las acciones individuales y colectivas presentes en el acontecer social cotidiano.

¿QUIENES HABITAN LA CALLE?

Cuando hablamos de personas en situación de calle nos referimos a los sujetos que son vulnerados en uno o más derechos, tales como salud, educación, vivienda, trabajo o justicia, que se ven enfrentados a tener que resolver sus temas de habitabilidad en lugares que no constituyen una vivienda (Fundación Gente de la Calle, 2020). Junto con la diversidad de espacios que son ocupados por estas personas, no existe tampoco una única forma de “vivir la calle”.

La mirada tradicional sobre la “situación de calle” se asocia en un primer momento con la sola falta de vivienda o techo donde albergarse. Sin embargo, se ha ido



avanzando en ampliar la mirada sobre la vida en la calle más allá de la visión tradicional asociada a la pobreza, y ha vuelto necesaria la incorporación de elementos tales como la pérdida de vínculos afectivos, escasas redes de apoyo y vínculos institucionales tales como el acceso al sistema de salud, educacional o laboral. O dicho de otro modo, la no participación en el conjunto de la sociedad.

En Chile, de acuerdo con el Segundo Catastro Nacional de Personas en Situación Calle realizado el año 2011 por el Ministerio de Desarrollo Social (2012), Chile contaba con 12.255 personas en dicha situación y la región de Arica y Parinacota contaba con 395 personas en esta misma situación

De acuerdo con el Informe Final del Estudio de factibilidad de la implementación de un Contrato de Impacto Social para la Superación de la Situación de Calle llevado a cabo por Impacta Consultores SpA., presentado en 2019, se estiman en 17.722 las personas en situación de calle, las cuales en promedio llevan 5.8 años en tal situación y su promedio de edad es de 44 años, y el 40% no ha completado la educación básica.

En 2015 se calculaba que 7,254 eran las personas que vivían en las calles. Y las estadísticas afirmaban en 2014 que el 20% de la población callejera consumía drogas y el 84% del total eran hombres. Aunque de acuerdo con información periodística del diario chileno “El Mercurio” de junio de 2020, el Gobierno de Chile en 2020 estimaba que más de 15.000 personas vivían en situación de calle afirmando que la gran mayoría, para el contexto de la pandemia, tenía más de 50 años y sufría enfermedades crónicas, además de sobrevivir en situación de calle. Y en ese último catastro hecho en abril de 2020 por el Ministerio de Desarrollo Social se calculaba que el 44% de esas más de 15.000 personas en situación de calle se ubica en la Región Metropolitana y en Arica tendríamos que de un total de 650, están sanas 377 y 273 padecen alguna enfermedad.

En el estudio de 2019 se reporta que el 6.4% de la población callejera está formado por niños, niñas y adolescentes. De igual forma, se calcula que el 15% son mujeres.

Nuevamente, de acuerdo con Impacta (2019) la cadena de acontecimientos que conducen a la situación de calle es la siguiente, en el contexto de ausencia de apoyo familiar y afectivo, reportado en el Catastro de 2011: muerte de un ser querido, divorcio o separación, pérdida del trabajo, falta de recursos, sin casa, sin amigos. Siguiendo con este reporte, los problemas familiares que causan la situación de la calle en orden decreciente son expulsión por parte de un familiar, ruptura amorosa, muerte de un familiar, maltrato familiar, mala relación con los padres, otros, discriminación familiar, infidelidad de pareja, abuso familiar, crianza en una institución y abandono del colegio, de acuerdo con lo reportado en el Catastro de 2011. Y, finalmente de acuerdo con la misma fuente los problemas de salud que causan la situación de calle son, en orden decreciente de importancia: discapacidad o enfermedad física

permanente 36%, discapacidad o enfermedad mental permanente 29% y enfermedad crónica 26%.

En Arica son 7 los alberges que se reconocen para atender a esa población:

1. Programa Hospedería Noche digna
2. Plan Calle
3. Programa Centro Día
4. Albergue Plan de Invierno
5. Albergue Hacienda Emaús (Plan Protege Calle COVID- 19)
6. Ruta Protege Calle Arica
7. Albergue esporádico por la pandemia ubicado en la Iglesia Nuestra Señora del

Carmen

En particular para el caso de Arica, sobre el total de 466 personas en situación de calle, hay un cupo de atención en los albergues para 150, de tal manera que el 67.8% queda sin cupo, convirtiéndose en una de las ciudades con cifras más altas en incapacidad de atención, sólo superada por la región metropolitana que no tiene cupo para el 79.6% y la región del Bío-Bío que no tiene capacidad para el 72.8% (Impacta, 2019)

A nivel nacional existen cinco programas en Chile que abordan la situación de calle (Impacta, 2019):

1. Programa Calle
2. Noche Digna
 - a. Centros Temporales para la Superación
 - b. Plan de Invierno
3. Código Azul
4. Apoyo a la Salud Mental
5. Tratamiento y Rehabilitación Adulta con Consumo Problemático de Alcohol y

Drogas

El Programa Calle ofrece apoyo psicosocial. El Programa Noche Digna entrega alternativas de alojamiento. El Código Azul complementa la oferta de Noche Digna en situaciones climáticas extremas. Los Programas de Apoyo a la Salud Mental y de Tratamiento de Consumo Problemático entregan servicios complementarios.

TAMBIÉN HAY MIGRANTES QUE HABITAN LA CALLE

En los últimos años, Chile se convirtió en un destino principal para los migrantes que



buscan mejorar sus condiciones de vida. Según el Instituto Nacional de Estadística (INE 2019, p. 4) “en los últimos 5 años, el número de extranjeros en Chile casi se ha triplicado, aumentando la presencia de dos países no fronterizos: Venezuela y Haití”. El aumento de la población migrante implica no solo el aumento de la población residente en el país, sino también desafíos para la dinámica de las ciudades y las condiciones de vida de las personas.

A diciembre de 2018 había un total de 1.251.225 extranjeros viviendo en Chile, siendo el 51,6% hombres y el 48,4% mujeres (INE 2019, p. 29). La comunidad más prevalente fue la venezolana con 288.233 personas, cargo que ocupó la población peruana durante décadas. La segunda comunidad más grande fue Perú con 223,923 personas; luego Haití con 179,338; Colombia, 146.582 y Bolivia con 107.346 habitantes (INE 2019, p. 31). Siguiendo el mismo informe, casi el 60% de la población migrante estimada se concentra entre las edades de 20 y 39 años, lo que puede indicar que forman parte de la población potencialmente económicamente activa.

Sin embargo, existe un número de migrantes que no son parte de las estadísticas oficiales, debido a que el ingreso a Chile lo han realizado por pasos no habilitados. Si se considera que desde el inicio de la pandemia todos los servicios de regularización migratoria se han visto detenidos o enlentecidos, estas personas se encuentran en una situación de desprotección, riesgo y vulnerabilidad al no poder regularizar su condición migratoria, debiendo buscar diversas formas de sobrevivencia como por ejemplo acceso a trabajos precarizados, informales y sin protección social, con todos los riesgos que eso implica en el contexto de la pandemia. En relación con el acceso a vivienda, la población migrante se enfrenta a condiciones precarias caracterizadas en su mayoría por el hacinamiento, y en no pocos casos, a vivir en la calle. En ciudades como Santiago, Antofagasta, Arica y otras que cuentan con un número importante de población migrante, es posible ver a familias acampando en parques y playas, sin acceso a medidas de higiene permanente, y sin una intervención por parte del Estado.

Es difícil saber con exactitud cuántos migrantes se encuentran viviendo en las calles, puesto que la misma condición de vulnerabilidad en la que se encuentran, en particular de aquellos en situación irregular, los obliga a moverse por la ciudad buscando lugares seguros para pernoctar lejos de los ojos de las autoridades que fiscalizan la ciudad en cuarentena. Jara y Cisneros (2021) han propuesto una visión breve sobre migración en Chile y pandemia de covid19.

En Chile que recuerda y entona la melodía de la canción de Víctor Jara “El derecho de vivir en paz” compuesta en 1969, la confrontación de Lefebvre y Harvey (Garnier, 2012) en torno al derecho a la ciudad se torna relevante en el contexto de la pandemia y los invisibles que habitan sus espacios urbanos, de sur a norte y de oriente a poniente, pues no se trata solamente de un debate académico sobre el derecho humano a la ciudad “... como forma superior de los derechos...” (Lefebvre, 1969,

p.159) y a una vivienda digna ni de la participación popular en el diseño de la ciudad: las ciudades chilenas son como siempre escenarios de profundas desigualdades e injusticias.

Más que testimonios provenientes de entrevistas, lo que a continuación se expone multivocalmente como si se tratase de un moderno antihéroe, una especie de crítica cultural (Denzin, 2003), recoge experiencias de amigos, habitantes de las calles de Arica, ciudad pequeña del norte de Chile.

LA EXPERIENCIA DE LA CALLE: VIVIR, SOBREVIVIR, SOLEDAD, OLVIDO

Mi historia del Oso

Leo es un hombre corpulento cuyo atlético cuerpo se nota desgastado por la vida. Lo observé por primera vez en una esquina, de la cual no se ha separado y no he dejado de asociarlo durante los dos años que han transcurrido desde que llegué a esta ciudad. A veces, desde que iniciaron los toques de queda y las cuarentenas, al pasar por allí y buscarlo con la mirada, cierta preocupación por él se me hacía presente pues no podía imaginar que pudiera haber pasado con mi amigo al que cariñosamente empecé a nombrarlo para mí como “el Oso” por las características físicas que ya mencioné.

Cuando inicié mis conversaciones con él noté mucha cosa negra en sus manos y en su rostro, en ocasiones en sus piernas cuando vestía pantalón corto, que atribuí a mugre acumulada por no haber realizado aseo personal en semanas. Pero al acercarme un poco más, para escucharnos, pude observar que se trataba de las heridas y costuras características de la psoriasis, enfermedad crónica no atendida cuya apariencia siempre trata de ser ocultada por quien la padece. Poco a poco, mientras acontecían nuestros encuentros fortuitos el Oso y yo fuimos conversando cada vez más y más de diversos temas, pasando de las condiciones del tiempo al clima político, las protestas en la calle, la limpieza de autos, la sobrevivencia, la vida familiar, los retos de vivir en la esquina y muchos otros.

En la esquina donde inicialmente solo vivía el Oso antes de la pandemia, además de un par de sillas a la vista de todos, él pasaba las noches al interior de un pequeño mercado de cuatro o cinco locales en el que le facilitaban el acceso para protegerse del frío de las noches desérticas de Arica ciudad en la que nunca llueve. La población callejera debe pernoctar en sitios que al menos les permitan protegerse de vientos helados que, sobre todo en invierno, no fallan. En tanto fueron pasando los meses de la pandemia y los controles a negocios de venta de productos no necesarios, horarios y permisos para ir de compras o al médico o incluso para llevar a las mascotas a rea-



lizar sus necesidades, este pequeño mercado de cuatro o cinco locales que le permitía al Oso dormir en su patio de acceso, cerró sus puertas. Las dos sillas se vieron permanentemente acompañadas de una lona en el piso cubierta por mantas para constituir la cama y así pude saber que la soledad del Oso había estado desde hace tiempo reducida por la compañía siempre fiel de Duque, el perro con el que han transcurrido ya años de amistad. El Oso, sus lonas para dormir, alguna ropa más arrumbada a un lado y su perro se constituyeron así en parte del paisaje de ese espacio de la calle.

Antes de vivir en esa esquina de la zona noroeste de Arica, el Oso conducía un camión de carga que le había viajar por carretera a diferentes ciudades y poblaciones del norte de Chile. Hasta que hace casi 15 años tuvo un accidente y su licencia de conducir fue suspendida y eso lo llevó a permanecer en esta ciudad de no más de 250 mil habitantes. Poco a poco fue perdiendo contacto con su madre y hermanas, que viven en otra ciudad a cuatro horas y media de distancia por carretera. La última vez que visitó a su madre fue con motivo de un asalto del que fue víctima ella, pues es dueña de un pequeño almacén en el que vende abarrotes, dulces, bebidas y otros productos de consumo cotidiano. Oso viajó para amedrentar y pelear con los asaltantes pues al vivir su madre en una población pequeña él sintió necesidad de ir a ese territorio donde él creció para hacer saber a los delincuentes y a otros cualesquiera posibles asaltantes que aún vive para defender a su madre.

Sus hermanas no desean saber más de él por motivo de su conocida adicción a las drogas. Él me ha comentado que al menos una vez por semana se comunica por medio de celular con su madre.

Durante estos meses de la pandemia, he dejado de ver al Oso pues a veces cuando he ido a buscarle, no lo he encontrado. En 2020 él me había contado que quería ponerse en una calle con un amigo de él a lavar autos: un sitio en el que ellos pudieran tener acceso a agua para hacerlo tranquilamente. Ese plan no prosperó y la forma en que obtiene algún dinero es limpiando parabrisas a los autos que se detienen por las luces rojas de los semáforos cercanos al lugar donde pernoctan. A veces se les encuentra charlando alrededor de un fogón que han colocado a un lado de sus lonas para dormir. Ya no es solo él y su fiel perro pues se le suman un par de amigos más jóvenes con quienes comparte el espacio del cual ya me ha comentado le han solicitado desalojar. De hecho, a veces sus lonas para dormir y sus cosas arrumbadas junto al fogón, desaparecen y no se ven por unos días y luego aparecen de nuevo.

He preguntado varias veces al Oso sobre sus motivos para aferrarse a vivir y pernoctar en esa esquina y me ha comentado que los diferentes albergues que existen en Arica no lo aceptan pues no permiten que ingrese acompañado del Duque, y él no está dispuesto a separarse de él, y expresa el afecto inconmensurable que lo une a éste su amigo fiel. Siguiendo esta línea de pensamiento, asumiendo que las estadísticas locales sobre las personas en situación de calle se nutren de datos recogidos

en todos y cada uno de los albergues de la localidad, podemos afirmar que nuestro amigo el Oso, no es un número más en estas estadísticas. Ni siquiera eso.

Los servicios médicos también están totalmente fuera de su ámbito de preocupación e interés. Cuando él enferma acude a farmacias a comprar Paracetamol para calmar el dolor y Viadil si se trata de algún problema estomacal. La atención a su psoriasis no es prioridad en su mundo de vida. El Oso no tiene 40 años de aún, cumplirá 39 en 2021.

El compadre de Cantinflas

Lo encontré casualmente pues vive en la calle, en un rincón en el que un pequeño muro perpendicular hace de protección al ingreso de un estacionamiento privado en una de las calles principales de Arica. Nunca hubiera yo pensado que mi solo acento de mexicano al hablar me abriera una puerta de comunicación con este ariqueño habitante de la calle que se mantiene del dinero que obtiene al indicar a los conductores como estacionarse en esa calle en la que él vive a los ojos de todos, pues solo protege su vivienda con algunos cartones estratégicamente colocados.

Yo no conduzco auto pues por mi condición de extranjero no he podido obtenerla al no poder demostrar mediante certificado de educación básica que sé leer y escribir. Cuando conocí al compadre de Cantinflas acompañaba a mi pareja como copiloto.

La biografía del compadre de Cantinflas no resulta extraordinaria: él narra, quizás no solo a mí, que vive en la calle como resultado de un despojo del que fue víctima realizado por la hermosa mujer boliviana con la que había decidido compartir su vida y, al fracasar como pareja, lo despojó de su parcela en la que ella vive y él se quedó literalmente “en la calle”. Las rupturas amorosas, en tanto proceso fracasado de proyecto familiar, se encuentra como una de las causas de la vida callejera. No hay comunicación posible entre ellos, no tienen hijos, pero él no se siente derrotado y su conversación conmigo sucede por la admiración y reconocimiento a la figura del popular cómico mexicano Cantinflas, del cual no se cansa de afirmar es compadre. Con mucha alegría realiza sus labores. No hay quejas ni pesadumbre en su forma de hablar. Tampoco le escuché rencorosa. Se ha conformado con la vida en ese pequeño lugar del espacio público que ya hizo suyo. Se refiere a su rincón como el lugar en que están sus cosas, su vida, su hogar.

Don Humberto el hurgador en la basura y el Ejército

A don Humberto lo vi por primera vez en los tachos (depósitos de basura ubicados en las calles) cercanos al lugar donde viven unos amigos. Mis primeras charlas con él estuvieron llenas de la desconfianza primera que le emana al escuchar que se quiere



hablar con él. Fui obteniendo su confianza a fuerza de mi insistencia. Con el paso del tiempo y los encuentros ocasionales que tuvimos cuando lo encontraba hurgando en los tachos de esa calle que visitaba yo, pudo comentarme sobre su vida y familia.

Hombre de baja estatura, sin dientes y flaco casi en los huesos, don Humberto no ha rebasado los 50 años de vida. Me comentó tiene dos hijas menores de 6 años. Además de buscar cualquier cosa que pueda serle útil, a veces encuentra objetos que él intenta vender, y a veces logra hacerlo, a personas que venden objetos usados en las ferias dominicales de la ciudad. Ciertamente, él no vive pidiendo limosna, no es pordiosero, pero todo lo que él comunica por su apariencia y su lento andar es esa sobrevivencia marginal de aquellos seres humanos que son expresiones permanentes, como solía decir Walter Benjamín¹, de las ciudades modernas. Sean pequeñas, medias o grandes ciudades esas criaturas silenciosas, taciturnas, tristes, sin ambiciones, con la mirada de la muerte casi próxima como gesto permanente en el rostro, son quizás los seres humanos que no son visibles ni siquiera en los tiempos “normales” de la vida urbana, sin distanciamiento social ni cuarentenas. Los miserables que viven de la basura, entre basura, buscando tesoros en los escombros y desechos cotidianos de las familias que tienen alimento diario y techo digno.

Don Humberto me contó un día que una hermana menor suya vivía muy bien, casada con un militar y ella le ayudaba de alguna manera proveyendo de vez en cuando algo de utilidad. Sin embargo, un deseo que por años ha tenido él es la de juntar dinero para comprar una usada bicicleta de carga para poder transportar a su casa los objetos que encuentra en la basura. A pesar de la poca o mucha ayuda que le he podido brindar, su deseo no se ha podido cumplir, a pesar de que me ha contado que se trata de adquirir una bicicleta muy barata. Lo he vuelto a ver llevando lo que encuentra en bolsas de papel o de plástico. En Arica no está aún instalado el reciclaje de basura, de tal manera que una persona como don Humberto no puede conseguir dinero al reunir vidrio, papel, aluminio, envases de plástico o cualquier otra de las muchas materias para reciclar y llevarlas a los centros de acopio a cambio de algunas monedas como sucede en México, Paraguay o muchos otros países del mundo. Evidentemente, para él, su hermana aparece como una figura estable, aunque lejana, cuya ayuda no es para nada suficiente. Ella con un esposo que tiene salario como soldado raso en el Ejército chileno se le aparece como el familiar que tiene una posición social inalcanzable por él. Sin atención médica ni servicios escolares para sus hijas, don Humberto seguirá siendo uno más de los millones de seres invisibles que habitan las ciudades modernas de nuestro sistema-mundo.

Juan y el mercado

Transitar las calles durante la pandemia se volvió realmente una odisea: primero, es-

cuchar las definiciones que de cada región dan las autoridades con relación a las políticas de restricción de movimientos, es decir, las decisiones sobre las restricciones a la movilidad en función de los contagios y fallecimientos. Luego, entender que por esas definiciones, se podría individualmente salir una o dos veces por semana a realizar trámites bancarios, médicos, ir de compras para abastecer a la familia, etc. Una vez establecido si se puede o no salir, tramitar en línea el permiso correspondiente en el sitio web de Gendarmería para obtenerlo pues habrá de mostrarte a las fuerzas militares que nos lo solicitarán cuantas veces estén presentes sus puestos de control en tu trayecto de movimiento. Fue en el contexto de todos esos pasos para poder salir a comprar tus alimentos que me encontré por primera vez a Juan, otro habitante de la calle que durante el día se coloca junto a otros habitantes de la calle en un punto estratégico para ayudar a los conductores a estacionar su auto en las cercanías de un mercado local, a la vez que ofrecen sus servicios de lavado. Don Juan era un hombre taciturno, callado, pero simpático. Pude hablar con él en varias oportunidades sobre su vida y otras cosas mundanas. Junto con sus amigos, compañeros de la calle que siempre estaban sentados a la sombra de un árbol esperando conductores en busca de sitios libres para estacionar sus vehículos. Mi interacción con ellos fue también de índole amistosa y fue interesante pues luego pude constatar lo que me decían y contaban sobre sus vidas y otros acontecimientos, con habitantes de esa área cercana al mercado cuyas vidas todas, por más de 50 años, han ocurrido allí.

La vida de habitantes de la calle en ciudades pequeñas, con menos de un cuarto de millón de habitantes, puede ser patrimonio cultural invisible de áreas pequeñas como los mercados públicos, los hospitales, las escuelas y colegios, las iglesias y otras instituciones locales. Es así como se construyen las anécdotas de los loquitos, el alcohólico, el perturbado, el excéntrico, el matón, los cornudos y muchos otros tipos sociales del barrio. Y esas anécdotas pueden incluso formar mitos y leyendas, como aquellas de una novia que no pudo casarse pues el día de su boda sufrió un accidente y falleció. Luego se aparecerá como un fantasma en el camino aquel en el que sucedió el accidente. O la del poder de encantamiento que tiene el árbol del ahorcado, en el que el alcohólico decidió quitarse la vida una noche de delirio.

Los días que íbamos a abastecernos de frutas y legumbres se transformaron también en el día de mis encuentros con don Juan y sus amigos durante todo el tiempo de control sanitario desde marzo de 2020. Hace unos meses, ya en 2021, dejé de observarlo en el lugar de siempre. Empecé a preguntar a los vecinos y comencé a sospechar que algo le había sucedido. Esto, que primero fue una intuición, fue confirmado por algunos de sus amigos, cuando aparecieron nuevamente en su sitio del paisaje urbano del cual eran ya, para mí inseparables: el cuerpo de don Juan había sido encontrado sin vida en una calle cercana. Había fallecido como consecuencia de un paro cardíaco fulminante, como toda su vida sin atención médica, cuando no



había alcanzado siquiera los 45 años. No fui a su funeral, pues ya había transcurrido una semana y no supe de su entierro. Cuando vuelvo al mercado, ya nada es igual. Sus amigos también ya no aparecen más por el lugar.

El abandonado por la Iglesia

Conocí a don Gonzalo en una tarde muy triste en julio de 2019 en una iglesia católica local, cuando acudí al funeral de un ser querido. Además de cuidar los autos que los parroquianos de esa iglesia quieren estacionar al acudir a los servicios religiosos o funerarios, ofrecía también servicios de lavado. Quizás como producto de la tristeza que embargaba mi corazón conversé con él en situación conmovedora por primera vez. Seguí encontrándolo por diversas calles en situaciones diferentes y charlábamos ligeramente sobre sus necesidades y forma de vida. El vínculo con él fue intenso pues me habló del trato despótico del cura responsable de la iglesia en cuyos alrededores lo encontré por primera vez, y realmente intercambiamos experiencias e ideas sobre esos eventos que él relataba: prohibición de entrar a la parroquia, siquiera pasar por enfrente de ella cuando se realiza la misa, no hablar con los feligreses, no usar el agua de las llaves de los patios de la iglesia y muchas otras cosas más. Como ateo hablé de mis propias experiencias y mis pensamientos sobre los ministros del culto católico. Creo que don Gonzalo, cuya edad no puedo precisar con exactitud, pero calculo no rebasaba los 35 años, a veces no tenía para comer o beber y me pedía dinero. Le ayudé varias ocasiones hasta que desapareció. Lo vi por última vez ya en tiempos de pandemia y control sanitario a mediados de 2020. Aunque me pregunté varias veces que podría haber pasado con él no teníamos redes de apoyo o de contacto que pudieran informarme sobre él.

Más allá de que por mis creencias no acudo a la iglesia católica por ningún motivo, sólo por el caso excepcional que me llevó en julio de 2019 a la que ahora refiero, fue que entré en contacto con don Gonzalo a quien puedo pensar como personaje tangencial pero visible para todos los feligreses de esa iglesia que acudían ya fuese entre semana a los servicios religiosos o a los servicios dominicales. Con esa visibilidad que el párroco responsable de la iglesia dictaminó debía desaparecer mediante las prohibiciones impuestas a don Gonzalo, a pesar de que él me confesó creer en ese Dios.

¿Qué habrá sido de este amigo? ¿Cuál ha sido su destino como habitante hambriento de la calle que buscaba su sustento al lado de una iglesia que le cerró sus puertas y materialmente lo abandonó a su suerte? ¿De cuántos otros seres humanos como él podremos hablar como desatendidos por invisibles durante la pandemia del covid19 en el Chile contemporáneo?

UNA CONCLUSIÓN INCONCLUSA

Las luchas de los invisibles de los cuales quisimos hablar en este breve trabajo son, indiscutiblemente, las luchas mundanas por la sobrevivencia en circunstancias locales, tan inmediatas como la vida misma, que se estructuran por la emergencia mundial de una pandemia como problema de salud pública que debe ser atendido por los Estados nacionales a partir de sus propios recursos y políticas. Arica no es Chile, de la misma forma que nuestros cinco amigos a los cuales quisimos hacer hablar para ofrecer sus testimonios no son la totalidad de lo invisible. Ellos no pueden representar la experiencia mundial de los miserables y desposeídos que habitan muriendo cada día diferentes rincones de nuestro planeta. Pero tenemos confianza que este esfuerzo por socializar sentimientos, temores, experiencias, vidas y muertes puede contribuir, aunque sea en una minúscula parte, a nuestras tareas por transformar este mundo de injusticia que parece no acabar nunca. Nuestros condenados de la tierra adoptan diferentes nombres alrededor del mundo e incorporarlos desde su actual invisibilidad a las luchas de los indignados del mundo (Santos, 2015) es una vocación nada romántica ni utópica: es una vocación humanitaria desde nuestra ética de rebeldía y nuestra poética de la rabia. Colaboremos para que con la comunicación entre ellos establezca puentes que posibiliten la creación de nuevas identidades y solidaridades para que el mundo de la postpandemia sea totalmente diferente.

NOTAS

1. Sobre la contribución de Walter Benjamín en torno al concepto de hogar, desamparo y vagabundos miserables como la imagen permanente de las ciudades modernas, en debate con ideas similares de Heidegger, Nietzsche, Tönnies, Simmel, Weber, Spengler, entre otros, puede consultarse en <https://crosspollenblog.wordpress.com/2014/06/15/thinking-outside-the-box-walter-benjamins-critique-of-dwelling/>

REFERENCIAS

- Cisneros-Puebla, C. (2020) Poetics of Rage as Performative Creative Subversion: Autoethnography and Social Drama. En Denzin, N & Salvo, J (Eds) *New Directions in Theorizing Qualitative Research: Performance as Resistance*. pp. 103- 113. Myers Education Press: Gorham, ME
- Cisneros-Puebla, C. (2021) Creative Subversion: Staking a Claim for Critical Qualitative Inquiry. *Qualitative Inquiry* 27(3-4) 455-464
- Denzin, N. (2003). "Performing [auto] ethnography politically". *The Review of Education, Pedagogy, and Cultural Studies*, 25, 257-78



- EMOL Más de 15.000 personas en Chile viven en situación de calle: Cuántos son por región y las características de esta población. Disponible en: <https://www.emol.com/noticias/Nacional/2020/06/13/988915/Chile2020-Personas-situacion-calle.html>
- Fundación Gente de la Calle. (2020) *Documento de Trabajo. Evaluación Anexo Calle*
- Disponible en: https://www.gentedelacalle.cl/wp-content/uploads/2021/01/Documentos-de-trabajo_RSC_FGC.pdf
- Gaete, A., Iturrieta, P., Peña, C. Soto, H., Valenzuela, C., Veliz, V., Vera, F. (2019) *The 2019 Social Outbreak in Chile: Evidence of a Delusional Oasis*. Disponible en: <https://ciperchile.cl/wp-content/uploads/en-ingl%C3%A9s.pdf>
- Garnier, J.P. (2012) El derecho a la ciudad desde Henri Lefebvre hasta David Harvey. *Entre teorizaciones y realización. ciudades* 15 (1): 217-225
- Grosfoguel, R. (2011) “La descolonización del conocimiento: diálogo crítico entre la visión descolonial de Frantz Fanon y la sociología descolonial de Boaventura de Sousa Santos” en *Formas-Otras: Saber, nombrar, narrar, hacer* (IV Training Seminar for Young Researchers in Intercultural Dynamics), (Barcelona: Fundación CIDOB pp. 97-108) Disponible en: http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/Formas-Otras_Dec2011.pdf
- Harvey, D. (2003) *The New Imperialism*. Oxford and New York: Oxford University Press.
- Harvey, D. (2004) The “new” imperialism: Accumulation by dispossession. *Socialist Register*, 40, 63–87. Disponible en: <http://www.socialistregister.com/index.php/srv/article/view/5811/2707#.WhG9E0ribIU>,
- Impacta C. SpA. (2019) *Estudio de factibilidad de la implementación de un Contrato de Impacto Social para la Superación de la Situación de Calle*. Disponible en: <https://www.economia.gob.cl/wp-content/uploads/2019/08/Informe-de-Factibilidad-CIS-Situaci%C3%B3n-Calle.pdf>
- INE (2019). *Instituto Nacional de Estadística*. Disponible en: <https://www.extranjeria.gob.cl/media/2019/07/Estimación-Población-Extranjera-en-Chile.pdf>
- Jara, V., Cisneros, C. (2021) Migrants in Chile: Social crisis and the pandemic (or sailing over troubled water...). *Qualitative Social Work* 20 (1.2) 284-288
- Lefebvre, H. (1969) *El derecho a la ciudad*. Barcelona: Península
- Mbembe, A. (2003). Necropolitics. *Public Culture*. 15 (1): 11–40
- Ministerio de Desarrollo Social. (2012). *En Chile todos contamos. Segundo Catastro Nacional de Personas en Situación de Calle*. Disponible en: http://www.noche-digna.cl/wp-content/uploads/2017/03/Resultados_Catastro_Sole_Arellano.pdf
- Santos, B. de Sousa. (2015) *Revueltas de indignación y otras conversas*. Bolivia: Alice/CES.

Swanson, J. (2001) *Poor "Bashing". The Politics of Exclusion*. Toronto: Between the lines

Lo urbano revisitado en pandemia: primeras reflexiones en torno a las escalas espaciales del capital, de las resistencias y del r-existir desde México y Argentina

Aritz Tutor Anton

Investigador posdoctoral

Universidad del País Vasco - Euskal Herriko Unibertsitatea y Universidad Autónoma Metropolitana (Xochimilco).

Correo electrónico: alsumak@gmail.com

Carla Eleonora Pedrazzani

Docente, investigadora y extensionista

Departamento de Geografía de la Facultad de Filosofía y Humanidades (FFyH),
Universidad Nacional de Córdoba.

Integrante

Departamento de Ciencias Sociales del Instituto Superior de Estudios Pedagógicos (ISEP)
Ministerio de Educación provincia de Córdoba (Argentina).

Miembro

Instituto de Geografía para la Paz A. C.

Correo electrónico: carla.pedrazzani@unc.edu.ar

REVISITAR LO URBANO EN PANDEMIA¹

El año 2020 nos situó en un contexto de aislamiento social, preventivo y obligatorio (ASPO) y, medidas sanitarias enfocadas en el distanciamiento social como políticas para frenar la propagación y contagio del Covid-19. Consideramos este hecho como un punto de inflexión para revisar lo urbano, dado que se presentó como un contexto disruptivo que generó ciertos quiebres en los paisajes cotidianos de lo urbano. En este

sentido, nos interesa adentrarnos en las incertidumbres que abre el contexto de pandemia a través de dos vías: una, vinculada a las *escalas espaciales del capital*, en donde retomamos parte de la propuesta de Neil Smith (2020) en su obra “Desarrollo desigual. Naturaleza, capital y la producción del espacio” y, otra, entretrejida con la anterior, las escalas espaciales de las resistencias y del *r-existir*. En ambas vías, nos situamos en Latinoamérica de forma general y de manera particular en dos países: Argentina y México, concretamente en la Ciudad de Córdoba y Ciudad de México. Para ello, nos basamos en revisiones bibliográficas de diversas fuentes, así como reflexiones de experiencias y recorridos previos vinculados a investigaciones y trabajos extensionistas de tipo colaborativo.

La forma en la que suceden estas dos escalas, las del capital y las del r-existir, implica diferentes estrategias y casi siempre son antagónicas una con la otra, aunque no por ello dejan de tener puntos de encuentro y tensión.

Las escalas espaciales del capital

Las estrategias a partir de las cuales se producen escalas del capital pasan inevitablemente por crear las condiciones adecuadas para que pueda continuar el proceso de re-producción y acumulación capitalista. En base al enfoque teórico de Smith (2020), para comprender el desarrollo desigual en el marco del capitalismo hay una serie de escalas espaciales del capital que se conjugan y están vinculadas a procesos de igualación y diferenciación según necesidades del capital; es decir, “que organizan el desarrollo desigual del capitalismo” (p.184). El autor reconoce tres escalas primarias vinculadas con la producción del espacio:

a) El espacio urbano o la escala urbana: en esta escala, el desarrollo urbano es clave ya que allí reconoce que es donde se presenta de manera más completa la expresión geográfica de la centralización del capital, particularmente el capital productivo. Aquí el mercado de trabajo local, el trabajo concreto y relación espacial en cuanto a los espacios de producción y reproducción es parte de lo que permite comprender el desarrollo desigual, en especial su expresión espacial. En lo que abordamos en este trabajo, esta escala espacial del capital nos posibilita entender algunas de las transformaciones que están sucediendo con el contexto de la pandemia. Cabe destacar, que como afirma Smith, los momentos de crisis ponen en jaque las economías de los espacios urbanos. El contexto de pandemia y el impacto producido por las medidas sanitarias de suspensión de actividades que se adoptaron durante el 2020 y de diversas maneras en lo que vamos del 2021 ha tenido un fuerte impacto en la economía mundial, en las economías nacionales y en las economías locales y, con mucha mayor fuerza en las economías populares. Todo ello, está afectando las economías de los espacios urbanos y sobre todo las formas de uso y circulación en estos espacios. Los procesos de privatización



y apropiación diferenciada de los espacios públicos es un fenómeno que está tomando fuerza y potencia en este contexto que estamos viviendo.

b) La escala de Estado nación: en este caso, esta escala es la que permite la circulación del capital. La creación de infraestructura, leyes comerciales, regulaciones permiten ese movimiento de capitales. Esta escala es también aquella en la que el capitalismo siembra sus imaginarios de pertenencia y en las que generalmente se encuadra la población como sujeto autopercebido (a pesar de una explotación global, los lazos estatales y nacionales son particulares y peculiares de cada conjunto de población y así se identifican).

Según Smith, subsume a la región, concepto tradicionalmente autónomo que desarrollaron diferentes escuelas geográficas, como la francesa de finales del siglo XIX o la geografía cuantitativa que reformuló la región bajo el prisma del positivismo y los modelos matemáticos y estadísticos (Ramírez y López, 2015). Bajo la pandemia, esta escala ha sido también el ámbito de actuación soberana de los diferentes gobiernos, sin que las distintas entidades supranacionales hayan podido transmitir una gestión compartida de manera totalmente eficaz. Esta escala es, asimismo, una pieza clave para las maniobras geopolíticas que a un nivel de gobernanza toman esta escala como irreductible.

c) La escala global o internacional: en esta escala se posibilita el desarrollo del capitalismo a través del mercado mundial. Allí la tendencia a la igualación de las condiciones de producción y de las fuerzas productivas le dan impulso al capital. Smith plantea que hay una tendencia en esta escala a intentos constantes de reducción de la fuerza laboral a nivel mundial a una mera mercancía. Aquí es clave cómo se conjuga la relación trabajo-salario y las relaciones de producción. Hay una escala geográfica global que define estas relaciones y es definida por ellas. En sus palabras, “la definición de la escala global es en esencia política, ella es el producto de las relaciones de clase capitalistas” (p. 189).

La integración espacial al mercado mundial está atravesada por contenido político y económico que lleva a una diferenciación interna en cada región, país, ciudad. Mientras que en junio de 2020 el Banco Mundial² estima que el impacto en la economía mundial llevará a millones de personas a la pobreza extrema, se produce una ampliación de las desigualdades y de las brechas entre ricos y pobres a nivel mundial. Los más ricos incrementan sus ganancias. En nueve meses las pérdidas que tuvieron al comienzo del 2020 se vieron saldadas e incrementaron aún más sus patrimonios³. Zusman (2020) plantea que “la expansión espacial del virus COVID-19 reflejó las dificultades que encontraron los organismos internacionales para ofrecer una respuesta global ante una emergencia sanitaria que se extendió por casi todo el planeta. A través de su trayectoria, gran parte de estas instituciones desarrollaron estrategias para garantizar la fluidez financiera en detrimento del cuidado de la población mundial” (s/p).

El contexto de pandemia nos vuelve más visible como las escalas espaciales del capital están entrelazadas y repercuten unas en otras. Aquello que sucede en una escala global tiene repercusiones en una dimensión local y está atravesado por las decisiones políticas y económicas del Estado-nación. Pensemos en la declaratoria de la Organización Mundial de la Salud (OMS) a nivel mundial y cómo ha impactado en los países y las ciudades. En lo que aquí abordamos, consideramos que desde Ciudad de México a Córdoba hay semejanzas en la forma dominante de producción del espacio, que en los espacios urbanos podemos reconocerla como una constante (re)producción de ciudades neoliberales, en donde prima una estructura urbana y patrón de desarrollo desigual que posibilita la acumulación y circulación del capital. A la inversa, haciendo foco en cómo ha sucedido la propagación del virus que da origen a la pandemia, la transmisión local ha impactado biológicamente y socialmente a escala global.

Ante esta situación, es necesario preguntarnos por los procesos de resistencia y r-existencia que se generan. En palabras de Smith,

“Lo importante de este ejemplo está en destacar el papel de la escala de la lucha por el control del espacio. Esta empezó como una lucha por el parque, pero su escala se expandió geográficamente hasta llegar a comprender a todo el barrio como parte de la expansión política de la lucha, incluyendo a diferentes grupos y tipos de organizaciones y lugares (...) De ahí la importancia de entender la producción del espacio como la producción de una jerarquía de escalas anidadas dentro de la escala global, y de entender cómo se construyen estas jerarquías” (Smith, 2020: 230)

La jerarquía de escalas concatenadas nos demuestra la interrelación directa entre todas las escalas expuestas. No obstante, la experiencia sensorial y cotidiana más intuitiva es la urbana. Al mismo tiempo, lo urbano es la arena en la cual se vislumbran y acontecen los hechos más abstractos del cuerpo social, tales como la economía o la cultura, y se dilucidan y concretizan dinámicas originadas en otras escalas (Petropoulou, Vitopoulou y Tsavdaroglou, 2016), como la estatal o la global. Además de sentirse con especial intensidad los efectos de la pandemia, la ciudad es también la escala en que “los procesos asociados con el neoliberalismo ocurren con particular intensidad” (Theodore, Peck y Brenner, 2009). La selección de una escala como punto de partida determina la relevancia de los fenómenos, su impacto y significado (Valenzuela, 2006), y por eso es de especial relevancia la elección de la escala urbana para estudiar los efectos sociales y espaciales de la pandemia.

Si nos situamos en el contexto de pandemia, comprender cómo están actuando las escalas del capital en la producción del espacio nos permite adentrarnos a aquello que el ASPO volvió más evidente: el desarrollo desigual y las desigualdades sociales. Ambos fruto de un proceso de hegemonización de un patrón económico mundial, que cuenta números y no personas. Las vinculaciones y articulaciones entre las tres escalas



nos permiten revisitarse el acontecer de este contexto en lo urbano. Cómo se estructura y reestructura el capital, cómo se organiza y reorganiza el desarrollo desigual y cuáles expresiones geográficas afloran. Cabe preguntarnos en este contexto de incertidumbre, si los Estado-nación no están cumpliendo una función clave de no dejar colapsar el sistema, invirtiendo en políticas públicas salvavidas mayoritariamente hacia las empresas y bancos, dejando de lado acciones que se focalicen más en una mayor inversión en políticas públicas de fomento a los comercios locales como a la población.

Escalas espaciales de las resistencias y del r-existir

Ante un panorama en donde las medidas sanitarias repercutieron en el mercado laboral y en los espacios de producción y reproducción, en donde se profundizaron situaciones de desigualdad, por ejemplo en términos de quienes quedaron desempleados, sin auxilios de emergencia o con auxilios que terminaron siendo insuficientes y generando condiciones para un mayor endeudamiento, o expuestos a condiciones aún más peligrosas de contagio por mantener “viva” la producción y acumulación del capital; la población en cada uno de sus territorios de vida tuvo que reorganizarse, resistir y, sobre todo, r-existir ante esta acción estatal.

Consideramos que las escalas espaciales de las resistencias y del r-existir, en este caso, refieren a estas otras formas de actuar, sentir y hacer política, vinculada a lo colectivo, a los cuidados y a las tramas comunitarias, en donde se generan estrategias de autoorganización y autogestión desde los barrios y movimientos/organizaciones sociales. La propia pulsión que generan las estrategias y acciones, por ejemplo al buscar mantener la renta básica de las familias, la canasta básica de alimentos hasta la simple acción de entrega de reunir productos de limpieza y cuidado para quienes se les dificulta el acceso, movilizan otras espacialidades.

Si bien este actuar puede estar más en el orden de una micropolítica que un gran movimiento emancipatorio unificado, las diversas estrategias que surgieron o que más bien se potenciaron, dado de que existen desde antes de la pandemia, son una forma de r-existir en tanto se entreteje una acción/reacción de resistencia que implica a algo que pre-existe. Como expresa Porto-Gonçalves (2009), en el hecho de existir se resiste. Los saberes propios desde los territorios y el hacer cotidiano no sólo forman parte de esa existencia sino que hacen a las variadas formas de resistir. El r-existir tiene una pulsión de vida, de cuidado, de defensa de los territorios, de los cuerpos, del lugar que se habita. Sostenemos ambas categorías (resistir y r-existir) como forma de dar cuenta de la diversidad de procesos y trayectorias de lucha. Consideramos que aquellas estrategias que efectivamente surgieron en el contexto de pandemia, quizás están más en el plano de una primera reacción que en sí también conjuga una existencia, pero que al estar cubriendo una urgencia no se han logrado dar un espaciotiempo de potenciar el

r-existir más allá de una reacción en defensa, en este caso, de la vida.

En este sentido, en las escalas espaciales de las resistencias y del r-existir las redes y lazos de solidaridad afloran en un entramado de actuar en colectivo. Generan formas de acción y reacción que implican el reconocimiento de diversidad de lógicas y matrices otras de racionalidad.

Si el escenario dominante de la pandemia genera un distanciamiento social, desde las r-existencias se lo pone en jaque, se cuestiona su significado, se lo problematiza y se buscan formas y estrategias otras de generar cercanías, apoyo mutuo y acompañamiento. El r-existir tiene una potencia creadora que tensiona las lógicas dominantes en la producción del espacio urbano. Estas existencias que con su presencia ya cometen un primer acto de resistencia, se multiplicaron de diferentes maneras, perspectivas e intensidades en diversas ciudades.

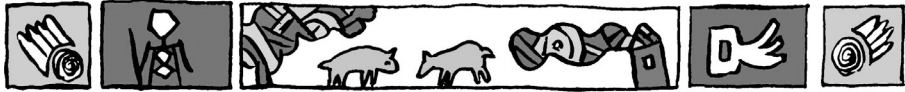
EMBATES DE LA PANDEMIA ¿HACIA UNA CRISIS DEL SISTEMA O HACIA NUEVOS PATRONES DE LA ACUMULACIÓN DE CAPITAL?

Tras el parón obligado por la pandemia, en el que el Estado se erigió como garante de la salud y la vida de la población, el reinicio de las actividades económicas es un imperativo necesario para que el engranaje del capital pueda seguir funcionando. Algunas de estas estrategias son evidentes: cierre de empresas, despido de los trabajadores, recorte del gasto público o aumento de la precariedad. Una de las tendencias que Smith anunció, la concentración y acumulación de capital, parece confirmarse tras esta larga crisis en que muchas empresas pequeñas y medianas no han podido resistir el embate de la caída de ingresos y han dejado el camino expedito a las grandes compañías. Esto se ha hecho especialmente patente en el caso de las empresas proveedoras de servicios tecnológicos y soluciones logísticas globales (Ceceña, 2020). En tiempos de encerramiento, el uso de las redes y la demanda de productos en línea se ha multiplicado. Así, gigantes como Amazon han despedazado a otros distribuidores más pequeños, y compañías como Google o Facebook han asentado su dominio. La prueba más evidente es que la agencia reguladora estadounidense ha demandado a Google (BBC, 2020) y Facebook (Sánchez-Vallejo, 2020) por sus prácticas monopolísticas.

Sin embargo, otras estrategias pueden no ser tan evidentes, como el nuevo uso intensivo del espacio público (con las lógicas restricciones sociales y espaciales), lo que nos sitúa en la escala urbana y barrial.

Ciudad de México, el consumo como salida

La situación pandémica de la Ciudad de México es complicada y se agravó desde fina-



les del año 2020. Según datos del 15 de enero, la ocupación hospitalaria rozaba el 90 % de su capacidad total. Hacía semanas que la ciudad se encontraba en semáforo rojo (relajado al nivel naranja en febrero), y pese a que en la capital y en el país no hubiera habido confinamiento obligatorio u otras medidas coercitivas, las actividades comerciales se habían limitado muy drásticamente. Ello había provocado grandes perjuicios a muchas personas y sus familiares, que se habían visto privados de una entrada de dinero primordial.

Con tal de aliviar la falta de ingresos, el Gobierno de la Ciudad de México anunció que a partir del lunes 18 de enero, se implementaría el programa “Reactivar sin arriesgar”, para estimular la economía de diversas actividades. Según esta nueva normativa, se habilitaron al aire libre el servicio de restaurantes, clases deportivas y gimnasios. En concreto, se abrió la posibilidad a instalar terrazas y mesas en el exterior (colocadas en zig-zag, a una distancia de 1.5 metros entre ellas y no más de cuatro personas por cada una). En una urbe como Ciudad de México, donde no hay tradición de terrazas ni de *terraceo* y la propia morfología impide su extensión, este programa ha supuesto que, de facto, se dejen de ocupar las banquetas y para colocar las terrazas se quiten plazas de aparcamiento de los coches⁴.



Imagen: colonia Santa María la Ribera, Ciudad de México, 24 de enero de 2021. Fuente: fotografía propia.

En cierto modo, este proceso de *terracificación* (más allá de que quizá no perdure en el tiempo) es diferente al ocurrido en otras ciudades como Barcelona, en los que

este tipo de instalaciones colonizan el espacio público y privan de zonas de esparcimiento libre. El hecho de pacificar la calle y establecer otras actividades puede resultar positivo porque es una manera de ganar más calle.

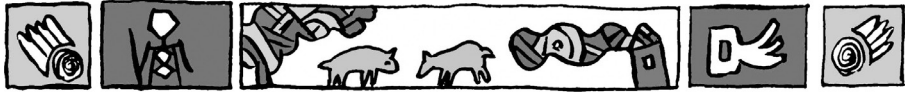
Pero no deja de ser una calle que se gana para una actividad comercial. Poblar de personas la calle y ayudar a los pequeños comerciantes en apuros es muy loable, pero debemos hilar críticamente para ver todas las aristas del problema. Estas estrategias se amparan en el consumo y en el imperativo de reactivar el maltrecho tercer sector, en particular la restauración, una receta casi canónica que muchas ciudades están aplicando para salir de la crisis pandémica y postpandémica que se avecina.

Tradicionalmente, el comercio y el consumo han tenido un papel central en la organización de la ciudad moderna y posmoderna. Del mismo modo, los espacios de comercio y consumo influyeron en el carácter de la vida social, las prácticas cotidianas, en los comportamientos y en los estilos de vida del consumidor. En las últimas décadas, la democratización del consumo ha propiciado que el consumo y sus políticas hayan centrado mayor atención y recursos.



Imagen: colonia Santa María la Ribera, Ciudad de México, 24 de enero de 2021. Fuente: fotografía propia.

El tipo de consumo que se impulsa conlleva también que un espacio que antes era ocupado por carros ahora sea ocupado por una terraza, que a la vez que pacifica también coloniza y ofrece una posibilidad de ocio privatizado. Si ese pedazo de calle/carretera se hubiera ganado para un improvisado parque y/o espacio de acceso colec-



tivo, no estaríamos en el marco de un consumo en términos de clientes sino más bien en una apropiación que referiría a una mayor multiplicidad de personas. En una ciudad golpeada por unos índices muy altos de precariedad e informalidad, el sentarse en una terraza a consumir es algo a lo que no todas las personas pueden acceder⁵. Hay una exclusividad y una exclusión en juego. Por lo cual, es preciso preguntarnos ¿Qué tipos de espacios y para quiénes se abren con esta nueva normativa? Además, esta manera de hacer ciudad y de buscar soluciones prefiguran la ciudad que finalmente va a consolidarse como postpandemia, entre el esfuerzo institucional, privado y popular.

La atención a los comercios formales contrasta con el trato que reciben muchos de los empresarios emprendedores que, carrito en mano, recorren las calles de la ciudad. El mismo día que se publicaba esta iniciativa, la policía reprimió y requisó material de los vendedores ambulantes en el centro de la ciudad. Aunque la retórica del Gobierno de la ciudad es no confrontar las actividades informales, en diversas colonias ha habido diferentes actuaciones contra este tipo de actividades durante el año pasado y el inicio de este. De nuevo, hay que tener presente hacia qué escenario urbano nos encaminan este tipo de acciones.



Imagen: colonia Santa María la Ribera, Ciudad de México, 24 de enero de 2021. Fuente: fotografía propia.

La adaptación de los espacios públicos no se está haciendo únicamente de acuerdo a parámetros de consumo. En una perspectiva más global, tanto de la ciudad como del

panorama urbano en el mundo, se están llevando a cabo remodelaciones para adecuar los espacios abiertos a las nuevas necesidades sanitarias. Todo ello también nos permite vislumbrar cómo se va produciendo la nueva ciudad que la pandemia ha alumbrado. El urbanismo táctico ha sido rescatado como técnica para acomodar las nuevas visiones urbanas a las calles, plazas y parques ya existentes. Así, se busca más espacio para peatones y ciclistas y que estas nuevas zonas, ganadas al coche generalmente, sean más verdes, sostenibles y agradables. La ampliación de aceras y la conversión de partes o segmentos completos de calzadas en calles peatonales consiguen que, en apariencia, la ciudad se convierta en más caminable y a una escala más humana (sin la mediación brusca y veloz del automóvil). Sin embargo, e igual que ocurre en la reflexión en torno a las terrazas, cabe inquirir sobre qué zonas de la ciudad son proclives y se priorizan para este tipo de intervenciones y quién(es) se van a beneficiar (qué personas pueden desocuparse durante el día para disfrutar de esos lugares, si efectivamente son habitables y accesibles, etc.), ya que, en definitiva, solamente cambiando formas y volúmenes no se consigue ningún cambio duradero (y, de hecho, se reproducen las dinámicas ya existentes).

En la Ciudad de México, es habitual que sean los lugares de gran centralidad y nodos turísticos los que se fijan como objetivos en estas remodelaciones.



Imagen: el zócalo de Ciudad de México, 2 de febrero de 2021. Fuente: fotografía propia.



Tanto la iniciativa de expandir las terrazas como de intervenir el espacio público sugieren que el gobierno de la ciudad ha tomado los espacios abiertos como uno de los terrenos privilegiados para pensar una nueva ciudad. Esta senda es muy beneficiosa en muchos aspectos, porque es justamente en estos espacios abiertos (en cuanto libres de entrada y de agregación de multitudes) en las cuales la posibilidad de reunión de personas exigirá aplicar las normas de contención y distancia recomendadas como seguras para frenar los contagios. Pero del mismo modo, vuelve a poner el acento de las actuaciones en cuestiones urbanísticas-morfológicas que entiende la ciudad como el lugar del concurrir equitativo de las personas. Dicho de otro modo, estas modificaciones no atacan las desigualdades ya existentes entre los habitantes de la metrópolis y que la emergencia sanitaria ha agravado. Mejorar el acceso a los servicios de restauración y al espacio público, y hacer más amena la estancia en estos sitios, no impedirá que muchas personas no puedan acceder a ellas por diferentes motivos. Diseñar la ciudad que salga de esta coyuntura y configurar la urbe ‘post-pandémica’, debe pasar, sobre todo, por reformar su contenido inherentemente desigual, y no únicamente limitándose al plano de arreglos formales. Siempre debemos tener muy presente que el espacio público es necesario para todos los habitantes, pero que lo es aún más para aquellas personas que viven en un entorno opresivo y para quienes el espacio público es una extensión imprescindible a un espacio privado reducido y asfixiante⁶.

Ciudad de Córdoba y los pliegues de la pandemia

De modo semejante a lo vivido en México, en la ciudad de Córdoba en los meses de ASPO como medida sanitaria, el aislamiento o cuarentena anunciado el 19 de marzo y con inicio el 20 de marzo de 2020 llevó a paralizar el movimiento y circulación en la ciudad, en la provincia y en el país. El “Quédate en casa” afectó de manera desigual, de hecho puso de relieve y profundizó las diversas situaciones de desigualdad que se vivían antes de la pandemia y que aún se viven a diario. Desde personas en situación de calle que no tienen una casa en donde quedarse a diversidad de condiciones que se vivieron y se viven por ejemplo en los casos de personas que su trabajo está considerado informal, como changas⁷, venta ambulante y otros que requieren sí o sí de la circulación en las calles y que la pausa obligada por el contexto puso en jaque la economía familiar y la propia subsistencia.

La incertidumbre de lo que se estaba y está viviendo desencadenó medidas sanitarias, políticas públicas, en especial sociales y diversas estrategias de índole económicas. Si bien se implementaron políticas estatales como el Ingreso Familiar de Emergencia (IFE)⁸, como una medida del gobierno nacional, de carácter excepcional con el fin de ofrecer un sostén en relación a la pérdida o disminución de ingresos sufridos por la situación de emergencia sanitaria; en el caso de quienes viven en barrios y asen-

tamientos populares, la situación de desigualdad se tornó crítica⁹. La precariedad de las condiciones de vida en vinculación al acceso de alimentos, productos de limpieza necesarios para la prevención de los contagios y a medicamentos en caso de requerirlos, puso en evidencia el patrón espacial del desarrollo desigual. La espacialidad de la pandemia a nivel local, dió cuenta de marcadas situaciones de desigualdad social y de la gravedad de las situaciones en las que se vive. El Colectivo El Llano en Llamas en “La foto revelada. Informe sobre la situación social, conflictividad y medidas gubernamentales en la Córdoba de la pandemia”¹⁰, afirman que “la gravedad y urgencia de las situaciones que vive la población cordobesa es laboral, habitacional, alimentaria y de alta violencia y vulnerabilidad ambiental. Esta complejidad trasciende la simple discusión que nos fuerza a decidir la explicación -y por lo tanto, los modos de intervención- de la crisis dentro de los polos “salud” vs. “economía”. Este escenario crítico de multi-emergencia no nació en marzo de 2020: se viene mostrando evidente y con alta nitidez desde hace al menos 5 años” (p. 7).

La Bolsa de Comercio de Córdoba, en un informe¹¹ del mes de mayo de 2020, da cuenta de cómo este contexto produjo un fuerte deterioro en el plano laboral. Los puestos de trabajo durante mayo del 2020 tuvieron un deterioro marcado. Evaluaron que en ese mes “se destruyeron 193.644 puestos de trabajo y 5.927 empleadores”, siendo los sectores más afectados “la construcción, restaurantes, hoteles y comercio” ya que juntos representaron más de la mitad de dicha caída y deterioro. A su vez, el informe “La foto revelada...” da cuenta que “desde marzo y hasta julio de 2020, se contabilizan más de 13.000 trabajadores despedidos, casi 3.500 suspensiones y casi 32.000 con reducciones salariales” (p.22) y expresan que ese valor puede ser aún más alto dado que fue tomado a través de medios de comunicación y denuncias individuales. Esta situación se puede visualizar también en los paisajes de la ciudad que se encuentran inundados de locales vacíos, negocios en alquiler y/o en venta.





Imágenes: área peatonal del Centro de la Ciudad de Córdoba, 28 de febrero de 2021.
Fuente: fotografías propias.

En términos sanitarios¹², el estado de situación y medidas tomadas que expresa en sus informes el Centro de Operaciones de Emergencias (COE), refiere a que en Córdoba, al 20 de marzo de 2021 hay 133.512 casos confirmados de contagio de Covid-19, 93% de personas recuperadas, 2541 personas fallecidas y 502 con tratamiento en hospitales (internadas). Entre los diarios¹³ y otros medios masivos de comunicación, se afirma que esta ocupación hospitalaria no representa más del 20,6% del total de camas disponibles para tratamientos tanto en hospitales públicos como privados en la provincia. Aunque este panorama ha mutado con una nueva ola de contagios que se está produciendo. Si bien en comparación a la situación en otros lugares, dicha ocupación representa cierto alivio a nivel sanitario, por el contrario se continúa en situación de alerta y más ahora con la nueva ola de contagios masivos en abril de 2021.

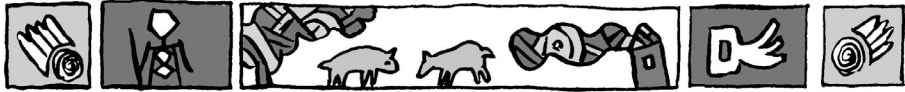
Si pensamos la situación en clave de las *escalas espaciales del capital* podemos preguntarnos si aún en este contexto de pandemia, los patrones espaciales no siguen sucediendo al son del movimiento y circulación del capital. En forma semejante a lo que acontece en México, en Córdoba, particularmente en la ciudad con la reactivación de la circulación y la economía en el caso del comercio y otras actividades, bares y restaurantes han hecho uso del espacio público, apropiándose de calles, veredas y partes peatonales. Así las nuevas necesidades, por un lado de reactivar la economía en especial para sectores de la economía formal fuertemente afectados, por el otro de que existan protocolos para prevenir contagios, hacen que el consumo y apropiación del espacio se intensifique en términos mercantiles y, con ello, que el espacio público sea cooptado para generar ganancias y circulación del capital.



Imagen: área peatonal de la Ciudad de Córdoba, 28 de febrero 2021.



Imagen: Centro de la Ciudad de Córdoba, 13 de octubre de 2020. Fuente: fotografías propias.



Aquí se conjugan dos situaciones: una, referida a protocolos y medidas específicas del gobierno para posibilitar que algunos de los sectores y actividades más afectadas puedan reactivarse en términos económicos; y otra, que de alguna manera se encuentra invisibilizada dado el contexto que estamos viviendo y que tiene relación con cómo se están alterando las formas de uso y apropiación del espacio público, a quienes incluyen y excluyen las nuevas medidas, que sucede con aquellas actividades laborales que se consideran informales o con aquellas que no están comprendidas en la categoría de esenciales como por ejemplo las actividades culturales. Cabe preguntarnos ante este panorama ¿Pueden apropiarse del mismo modo los diversos sectores de la economía y la propia gente del espacio público? ¿Se piensan/proponen políticas, protocolos y medidas para los sectores con menores posibilidades y acceso?

LAZOS SOLIDARIOS, UNA LUCHA POR UN DISTANCIAMIENTO FÍSICO NO SOCIAL

Así como el embate de la pandemia crea un contexto en donde las escalas espaciales del capital se reconfiguran en pos de su reproducción e incrementando brechas en la desigualdad social; como plantea Smith (2020), el propio capital en el marco del capitalismo engendra semillas de emancipación.



Imagen: área peatonal de la Ciudad de Córdoba, 28 de febrero 2021. Fuente: fotografías propias.

Si las medidas sanitarias propenden a normalizar el distanciamiento social, brota necesariamente la reivindicar y gritar bien fuerte que el distanciamiento físico no quiere decir el distanciamiento social y el desentendimiento de aquellas vidas vulneradas. Al contrario, manifestaban y evidenciaban la necesaria visión colectiva para entender y atajar este tipo de contextos y desde las cuales se generan estrategias no caer en un real distanciamiento.

El resistir y r-existir en la Ciudad de México

En Ciudad de México las resistencias se plantearon desde los ámbitos cotidianos y contra el aparentemente neutral curso de los acontecimientos, que al final resultaba muy dañino para los colectivos más vulnerables.

La venta ambulante, por su constitución informal, sobrevivió muy desprotegida, tanto sanitaria como institucionalmente. El miedo al contagio se extendió y en algunas zonas de la capital, este tipo de actividad comenzó a ser blanco de un estigma y su denuncia correspondiente¹⁴. Un ejemplo que ilustra bien esta histeria clasista (pues no se tuvo la misma reacción contra los restaurantes), fue la confiscación de 140 triciclos en la Alcaldía Miguel Hidalgo (Rodríguez y Lambertucci, 2020). Estos triciclos son una inversión muy grande y son la infraestructura básica para conseguir ingresos. La Alcaldía retiró los puestos de venta bajo el pretexto de respetar las medidas sanitaria, pero no podemos pasar por alto que la zona de la Alcaldía en que se realizó el operativo fue la colonia Polanco, una de las zonas más exclusivas de la ciudad y en la que el contraste entre vendedores ambulantes y personas adineradas es casi insultante. El mantenimiento de su actividad se puede leer tanto como una estrategia de supervivencia como un desafío a unas normas que no les tienen en cuenta.

El derecho a la vivienda y al agua también se vio golpeado. La falta de suministro de agua derivó en graves problemas sanitarios, al no existir la posibilidad de mantener unos hábitos mínimos de higiene. Los desahucios que siguieron produciéndose en la ciudad mostraron la cara inclemente de los mecanismos de mercado, que obviando cualquier atenuante, continuaban aplicando la fría lógica del rendimiento. Ante esta situación, la movilización de varios colectivos¹⁵ que denunciaban esta problemática y no aceptaban la deriva acrítica de las consecuencias sociales derivadas de la pandemia, puso el acento en la solidaridad que siempre debe existir y que la pandemia no segó. En las crisis, el criterio ético y humano debe prevalecer.

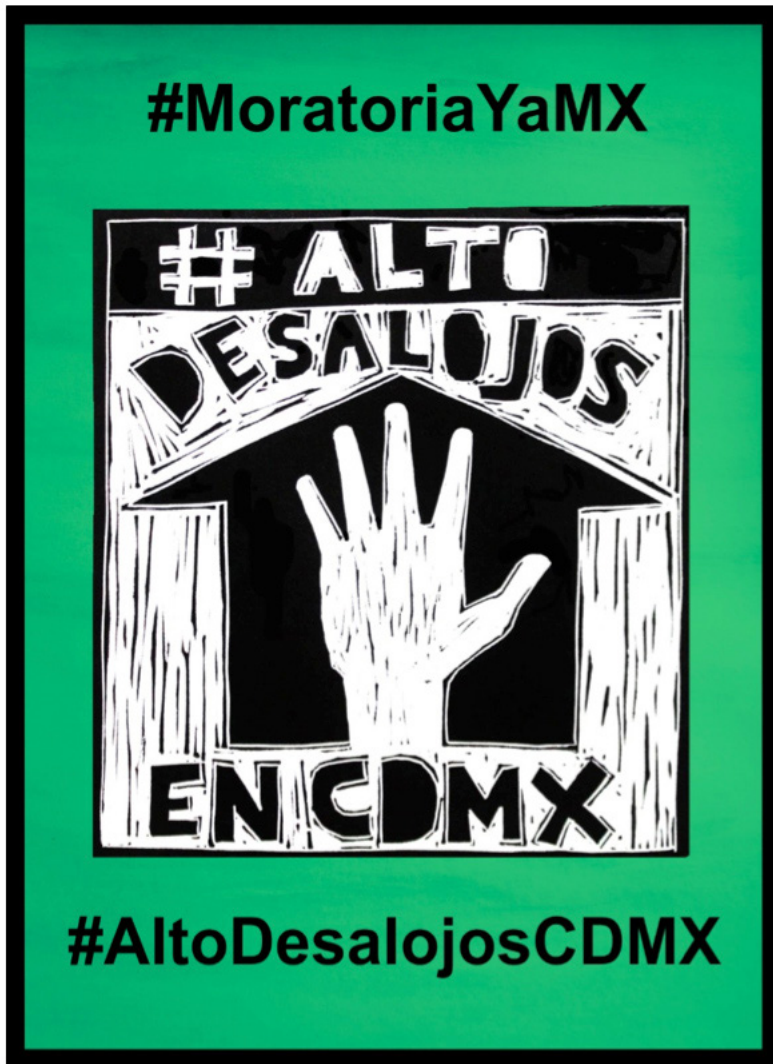


Imagen: cartel contra los desalojos y por su moratoria. Fuente: Red de Conflictos Urbanos

De igual manera, se articuló una organización en contra de los desalojos, integrada, entre otros, por el Movimiento Urbano Popular, la Oficina para América Latina de la Coalición Internacional para el Hábitat (HIC-AL) o la Red de desalojos. La Fiscalía General de Justicia de la Ciudad de México reportó que en 2020 hubo de promedio nueve desalojos diarios. Entre ellos destaca el caso de Puebla 261, en que el 30 de noviembre de 2020 y pese a que la ciudad se hallaba en alerta por el alto número de contagios, se desalojó a habitantes del edificio (ubicado en la colonia Roma de la Alcaldía Cuauhtémoc). Las familias denunciaron la falta de una notificación previa y la falta de medidas de higiene de los cargadores y de los más de 100 policías que se personaron, lo cual ocasionó que varias personas se enfermaran y una de ellas falleciera (Rea y Ruiz, 2020). Como las organizaciones hicieron hincapié, en marzo de 2020, Leilani Farha,

Relatora Especial sobre el derecho a la vivienda de la ONU, había instado a los estados a asegurar el derecho humano a la vivienda, explicitando la necesidad de prohibir los desalojos (algo que, en el papel, se aplicó en otras ciudades como Barcelona, por caso).

Los entramados colectivos y solidarios, en la Ciudad de Córdoba

Las escalas espaciales de las resistencias y r-existencias en la Ciudad de Córdoba recuperaron y fortalecieron acciones y estrategias que tienen una trayectoria de existencia anterior a la pandemia. Los lazos solidarios que se activaron entran toda una red reticular de organizaciones comunitarias, instituciones, grupos, colectivos y personas cuyo actuar es desde los territorios y con la gente.

Quienes viven en barrios populares, el contexto de pandemia y la fuerza de la crisis económica que se ha generado les golpea fuertemente. Ante ello, como sostiene Reinoso (Lobos y Alonso, 2020), el sostenimiento de la vida lo han hecho en estos espacios las organizaciones sociales y comunitarias. Desde el comienzo del ASPO, la trama comunitaria y los lazos solidarios han generado una multiplicidad de estrategias para garantizar el acceso a la comida, a productos de limpieza necesarios para reducir la posibilidad de contagios y a variadas formas de sostén. Campañas para recaudar fondos¹⁶ y que sean redistribuidos desde las organizaciones, campañas de donaciones¹⁷, ampliación y creación de comedores comunitarios¹⁸, cenas calientes o posibilidad de viandas de comida para quienes no tienen acceso, recaudación de fondos para traslados en caso de necesidad de atención médica especializada, entre muchas otras son las maneras en que se ha potenciado la autoorganización y el r-existir.

En este campo de pulsión vital¹⁹ que generan las resistencias y el r-existir, es preciso reconocer cómo se anudan prácticas y acompañamientos en los cuales suceden un confluir de conocimientos variados que se entran, se fortalecen y complementan. Por ejemplo, en los barrios Villa Paez, Alberdi y Marechal, en una zona pericentral de la ciudad, quienes viven allí, se convocan y de manera autogestiva se organizan para ofrecer de forma gratuita un plato de comida caliente que cubre entre 80 y 100 familias. Allí uno de los clubes (Club Deportivo Alberdi) abre las puertas para ser el espacio de concreción de este actuar en colectivo en donde se articula, a su vez, una Multisectorial en defensa del barrio. Desde la universidad, particularmente desde el Departamento de Geografía y la Secretaría de Extensión²⁰ de la Facultad de Filosofía y Humanidades (FFyH), también se activan lazos solidarios y ejercicios de prácticas de “retaguardia” (Santos, 2018).

Desde la Mesa de Organizaciones de Argüello²¹, se crearon diversas estrategias que tienen vinculación con la propia trama territorial que se gesta desde la Mesa y que actúa de forma reticular. En el contexto de la pandemia, se generó la Campaña “IPV de Argüello. El cuidado es colectivo”²² que fue tomando singularidades acorde a las situaciones que fueron surgiendo. En su comienzo se enfocó en reunir fondos para alimen-



tos y productos de limpieza para quienes no tenían acceso y las medidas del ASPO no le permitían contar con ingresos que les posibilite el sostén y la propia reproducción; luego, en fondos para colaborar con el Centro de Salud N° 57 para aquellas personas que no podían costear un traslado fuera del barrio para atención médica especializada o medicamentos; y culminó recaudando fondos para crear bitácoras para las infancias como una forma de cuidado y acompañamiento. Esta campaña se activó desde el entretejido que acontece desde años previos a la pandemia entre la Mesa, docentes y estudiantes del Departamento de Geografía y la Escuela de Ciencias de la Educación en torno a una Práctica Sociocomunitaria desde la Secretaría de la FFyH²³, de la Universidad Nacional de Córdoba. De este modo, el r-existir en la pandemia se plantea desde el construir un nosotros en movimiento, que genera diversas espacialidades desde el diálogo de saberes y que implica un posicionarse: una práctica política de estar y ser parte de los territorios y la defensa de la vida.

Aquí hemos recuperado sólo algunas experiencias, pero han sido y son múltiples las que afloraron desde distintos colectivos, organizaciones e instituciones.

ABONAR LAS SEMILLAS DEL R-EXISTIR, POR GEO-GRAFÍAS OTRAS DE LAS CIUDADES

“(…) hay muertes que generan debate
otras no
corazones reducidos a una estadística
sometidos a la jerarquía nupcial
el mercado de la morgue
hasta en los gusanos de tu cuerpo
está la lucha de clases...”
(César González)

La pandemia ha transformado nuestras vidas y eso significa que ha transformado también la vida en las ciudades. El capital sigue buscando nuevas estrategias de acumulación y el contexto pandémico es visto, por lo que se viene observando, únicamente como la oportunidad de labrar nuevos campos y nichos de mercado. En esta senda, los poderes públicos han seguido la misma retórica de recuperación en la que mayoritariamente se privilegian las necesidades del crecimiento económico sin reparar en las agravadas fracturas socioespaciales.

Abonar las semillas del r-existir es también abordar esas semillas, cómo se están articulando y cómo están enfrentando esta nueva realidad. Significa, a su vez, ser parte de esas semillas, sumar y entretejer saberes y espaciostiempos desde los cuales crear un nosotros situado en cada lugar y en articulación con otros lugares.

En este trabajo nos dedicamos solo a compartir unas primeras aproximaciones y reflexiones, posicionados desde una mirada crítica espacial en la que hemos tratado de ligar la experiencia de dos ciudades latinoamericanas en vinculación a categorías teóricas que consideramos nos permitieron adentrarnos en torno las escalas y las expresiones de acumulación de capital y de resistencias -a partir de las r-existencias- que se dan en ellas.

En base a los planteamientos de Smith (2002), nos abrimos a sumar y/o complementar otras cuestiones para seguir apostando a la comprensión de las realidades y a las posibilidades de transformación. Por eso nos preguntamos:

¿Desde la escala -en- y -de- la vida cotidiana, qué resistencias y r-existencias se construyen y emergen como semillas de emancipación? ¿Qué fricciones y vinculaciones se suceden entre las escalas espaciales del capital y de r-existencias cuando el mundo está en crisis? ¿Qué *formas y fuerzas*²⁴ se (re)crean cuando el patrón espacial de desarrollo desigual se despliega y abre nuevas brechas profundas contra la vida? ¿Cómo estos procesos atraviesan los cuerpos y las vidas desde la *interseccionalidad*? ¿De qué manera la pandemia abre otro ritmo en la vida y en la generación de nuevos y viejos mecanismos de acumulación del capital?

Como toda conclusión sobre un proceso que sigue en marcha, sería prematuro asegurar las tendencias que se van a dar en el futuro. El futuro de las ciudades y las ciudades del futuro se están constituyendo en estos momentos y, serán el resultado de las tensiones entre quienes quieren seguir en el camino de la acumulación privativa y quienes aboguen por replantear nuestros vínculos y relaciones de poder, sociales, espaciales e incluso escalares. Esta correlación de fuerzas será la que determine los tipos de ciudad y las espacialidades que se crearán. El shock urbano generado por el coronavirus ha conmocionado a las ciudades y uno de sus ejes ha sido poner en la palestra la problematización de la dicotomía espacio público/espacio privado (Carrión y Cepeda, 2021). El espacio privado se ha convertido en refugio pero también en prisión lo cual remite directa y dialógicamente al espacio público como provisión y extensión de esa vida confinada, para desconfinarla y dignificar la calidad de los tiempos en espacios abiertos. Sin embargo, se corre el peligro de que las salidas a la nueva normalidad pasen por una elitización de ese espacio público, desconsiderando otros aspectos fundamentales como la permanencia, la pertenencia o la representación.

En estas primeras aproximaciones lo que surge con fuerza es aquello que las escalas de las resistencias y r-existencias visibilizan: el cuidado es colectivo. A la par, las consecuencias de la pandemia no se pueden entender sin las causas que, en gran parte, la han originado. Causas que surgen, precisamente, de una manera individual y segmentada de entender la sociedad, los espacios y, en este caso, la ciudad.

Las ciudades en las que vivimos, gobernadas en su mayoría por el interés privado



y el accionar desde y para el mercado, son espacios donde se ejercen relaciones de poder asimétricas y, también, de intereses contrapuestos. En ellas, los fenómenos de fragmentación, precarización, vulnerabilización y segregación urbana se han ido acrecentando. El planeamiento centralizado, que tomaba la ciudad en su conjunto y trataba de atajar las desigualdades, ha mutado a un urbanismo enfocado mayoritariamente en programas y proyectos donde el capital puede reproducirse y acumularse con mayor intensidad. Las ciudades contemporáneas, a pesar de la pretensión de un único orden urbano, son espacios donde se sucede la coexistencia de diferentes órdenes (económicos, culturales, de sentido, entre otros). La fábrica urbana ha estallado en unidades fraccionadas que operan de forma aislada según la experiencia que tienen los habitantes de la ciudad, formando un tejido urbano social, cultural, simbólico y espacialmente fragmentado.

Las escalas que el capital produce, condicionan las escalas de las resistencias y r-existencias. La mayoría de las veces, hacen que éstas tengan que luchar en los términos que establece el capital. Sin embargo, más allá de estas divisiones escalares, sociales y espaciales impuestas, algunos de los proyectos aquí reseñados muestran el ímpetu que desde abajo muchos colectivos y personas crean por re-unirse y defender la vida en otros términos y racionalidades que no siempre son los del capital. Todo ello, no únicamente en el espacio público, si no como una conciencia colectiva que (se) asume interdependiente y no quiere dejar a nadie atrás. Algo que nos está dejando la experiencia de esta pandemia es que la salida y la creación de otros mundos son posibles cuando se es en colectivo. Lo que requiere de seguir problematizando y revisando todo aquello que seguimos sosteniendo como la única forma válida de ser y actuar. Las crisis pueden afrontarse y resolverse de forma injusta y autoritaria o pueden provocar estallidos de creatividad, resistencia y apoyo mutuo (Herrero, 2018).

Si pensamos la ciudad como destino común, cabe interrogarnos sobre esas si hay ciudades invisibles por mostrar o si, por contra, son visibles pero no somos capaces de verlas. Lo que muestran no sólo son los embates del capital y su poder de destrucción, sino también -a pesar de las propias contradicciones y negociaciones, corriéndose de una idea romantizada o ideal- las semillas de emancipación, en tanto crean en sus propias maneras de r-existir, en sus líneas de fuga y/o errancia que generan otras formas de actuar, sentir y hacer política, vinculada a lo colectivo, a los cuidados y a las tramas comunitarias.

NOTAS

1. Agradecemos a Ginno Pérez Salas de la Universidad Federal Fluminense (UFF - Brasil), por las reflexiones compartidas y algunos aportes a este escrito.
2. Para ampliar, ver comunicado de prensa “La COVID-19 (coronavirus) hunde a la economía

mundial en la peor recesión desde la Segunda Guerra Mundial”. Acceso en: <https://www.bancomundial.org/es/news/press-release/2020/06/08/covid-19-to-plunge-global-economy-into-worst-recession-since-world-war-ii> , <https://www.pagina12.com.ar/319574-las-ganancias-de-las-10-personas-mas-ricas-durante-la-pandem>

3. Para ampliar, ver: <https://www.infobae.com/economia/2021/01/26/los-ricos-mas-ricos-las-1000-mayores-fortunas-necesitaron-solo-9-meses-para-recuperarse-y-terminaron-2020-con-mas-patrimonio-que-antes/> ,
4. Una iniciativa que también han adoptado otras ciudades como Nueva York (EEUU), bajo el programa ‘Open Streets’ -calles abiertas- (Sánchez-Vallejo, 2021) o Barcelona (Estado español) que eliminó más de 4000 plazas de aparcamiento (Medina y Blanco, 2021).
5. Se trata de una preocupación compartida en otras ciudades (Maus, 2020), que nos invita a analizar estos procesos con ojos de usuarios críticos.
6. En parte, eso es lo que explica la vitalidad de las calles en los barrios obreros y populares.
7. Este término se refiere a trabajos de tipo ocasional, algunas tareas consideradas menores dada su envergadura, y cuya retribución económica sólo cubre la subsistencia. Por lo general, es un tipo de actividad laboral que se realiza mientras se está en la búsqueda de uno que tenga carácter fijo y/o formal. Cabe destacar, que en muchos casos, las changas terminan siendo la única forma de acceso a una retribución económica que permita la subsistencia.
8. Ver: <https://www.anses.gov.ar/informacion/ingreso-familiar-de-emergencia>
9. Para profundizar sobre la situación, ver: <https://ffyh.unc.edu.ar/alfilo/el-cuidado-es-colectivo/>, https://latinta.com.ar/2020/08/la-foto-revelada-cordoba-pandemia/?fbclid=IwAR2GTTBM-KIHjpbtAWbVmXeSah3oI2EyTBYULtWcQjcUB77_4FAi7A8tx5JI
10. Acceso al informe: <https://www.llanocordoba.com.ar/wp-content/uploads/2020/08/LA-FOTO-REVELADA.-Informe-completo-ok.pdf>
11. Acceso al informe: <https://www.bolsacba.com.ar/instituto-de-investigaciones-economicas/informes-economicos/18/>
12. Se puede acceder a los informes diarios de casos y medidas desde la página: <https://www.cba.gov.ar/informe-diario-de-casos-y-medidas/> Allí se sistematiza la información desde marzo de 2020.
13. Ver: <https://www.lavoz.com.ar/ciudadanos/covid-19-hay-casi-500-internados-en-camas-criticas-en-cordoba>, <https://www.telam.com.ar/notas/202103/546175-murieron-116-personas-y-6653-fueron-diagnosticadas-con-coronavirus-en-la-argentina.html>
14. Una persecución y criminalización que también ocurre en otros lugares de la República como Toluca (González, 2020)
15. El comunicado “Superar la pandemia: Garantizar el Derecho Constitucional a la Vivienda Adecuada y al Acceso al Agua Potable” fue presentado por 52 organizaciones y 64 entre académicos/as y activistas. Más información en: <https://hic-al.org/2020/04/02/vivienda-y-agua-frente-al-covid19/>
16. Para ampliar, ver: <https://ffyh.unc.edu.ar/alfilo/el-cuidado-es-colectivo/>



17. Para ampliar, ver: <https://agencia.farco.org.ar/noticias/cordoba-ammam-lanzo-campana-de-donaciones-para-las-trabajadoras-sexuales/>
18. Para ampliar, ver: <https://latinta.com.ar/2020/05/pandemia-y-espacios-de-cuidado-en-los-barrios-populares-de-cordoba/>
19. La idea de campo pulsional o pulsión que es siempre “de vida” la recuperamos de la propuesta de Rolnik, S. (2019).
20. Para ampliar, revisar Llorens, S. y Pedrazzani, C. (2020) (Re)pensar la extensión desde lo comunitario. Espacios abigarrados en el diálogo de saberes.
21. Mesa que nuclea tanto a organizaciones de base territorial, comunitarias como instituciones de barrios y asentamientos populares de la zona noroeste de Argüello (Granja de Funes II, Hermana Sierra, entre otros).
22. Para ampliar, se sugiere la nota El cuidado es colectivo. Acceso en: <https://ffyh.unc.edu.ar/alfilo/el-cuidado-es-colectivo/>
23. Para ampliar, ver Basel, P. y Pedrazzani, C. (2020) Geo-grafías de las infancias. Memorias visuales, poéticas y cartográficas desde la experiencia de una práctica sociocomunitaria.
24. Rolnik (2019) nos invita a reflexionar sobre la relación paradójica entre las formas y las fuerzas, considerando que ambas son distintas, que no tienen la mismas capacidades y registro de señales; pero que operan simultánea y conjuntamente en la trama relacional de las “subjetividades”, de los cuerpos, de las elecciones y acciones. Para profundizar sobre ello, en su libre *Esfemas de la insurrección*. Apuntes para descolonizar el inconsciente, lo aborda en profundidad.

BIBLIOGRAFÍA

- Basel, P. y Pedrazzani, C. (2020). Geo-grafías de las infancias. Memorias visuales, poéticas y cartográficas desde la experiencia de una práctica sociocomunitaria. IX Jornadas sobre Etnografía y Métodos Cualitativos. Simposio “Los “quiénes” y “cómo” de la extensión universitaria. Experiencias y desafíos de la extensión como diálogo de saberes”. IDES.
- BBC (2020). Google: por qué el gigante de internet es objeto de la mayor demanda antimonopolio del gobierno de EE.UU. en décadas. BBC News. Disponible en <https://www.bbc.com/mundo/noticias-54622857> [09/04/2021]
- Carrión, F. y Cepeda, P. (2021). La ciudad pospandemia: del urbanismo al “civitismo”. *Desacatos. Revista De Ciencias Sociales*, 65, 66–85.
- Ceceña, A. E. (2020). Los entramados bajo la pandemia. *América Latina en movimiento*, 44 (549), 1-5.
- González, L. F. (2020). Gobiernos estatal y municipales arremeten contra comerciantes, pese a crisis de empleo. Buzos. Disponible en <https://buzos.com.mx/index.php/nota/index/5134> [11/10/2021]
- Herrero, Y. (2018). “Prólogo. Vivimos un momento excepcional en la historia”, en

- (VV.AA.) Ciudades sin miedo. Guía del Movimiento Municipalista Global. Barcelona: Icaria.
- Llorens, S. y Pedrazzani, C. (2020). (Re)pensar la extensión desde lo comunitario. Espacios abigarrados en el diálogo de saberes. IX Jornadas sobre Etnografía y Métodos Cualitativos. Simposio “Los “quiénes” y “cómo” de la extensión universitaria. Experiencias y desafíos de la extensión como diálogo de saberes”. Publicaciones del IDES. Acceso en: <https://publicaciones.ides.org.ar/sites/default/files/docs/2020/jemc-2020-pedrazzani-llorens.pdf>
- Lobos, P. y Alonso, O. (2020). “Fueron las organizaciones sociales las que se hicieron cargo del sostenimiento de la vida”. Disponible en <https://amargassales.blogspot.com/2020/12/fueron-las-organizaciones-sociales-y.html?m=1> [09/04/2021]
- Maus, J. (2020). Portlanders Celebrate (And Question) New Cafes. Streets Blog USA. Disponible en <https://usa.streetsblog.org/2020/06/26/portlanders-celebrate-and-question-new-outdoor-cafes/> [11/10/2021]
- Medina, M. A. y Blanco, P. R. (2021). El ‘shock’ de las ciudades en 15 gráficos. El País. Disponible en <https://elpais.com/eps/2021-05-30/el-shock-de-las-ciudades-en-numeros-y-graficos.html> [11/10/2021]
- Petropoulou, C.; Vitopoulou, A. y Tsavdaroglou, C. (eds.) (2016). *Urban and Regional Social Movements*. Thessaloniki: Invisible Cities.
- Porto-Gonçalves, CW. (2009). De saberes y de Territorios: diversidad y emancipación a partir de la experiencia latino-americana. *Polis, Revista de la Universidad Bolivariana*, Volumen 8, N° 22, p. 121-136. Acceso en: <https://scielo.conicyt.cl/pdf/polis/v8n22/art08.pdf>
- Ramírez, B. y López, L. (2015). *Espacio, paisaje, región, territorio y lugar: la diversidad en el pensamiento contemporáneo*. Ciudad de México: Instituto de Geografía, Universidad Nacional Autónoma de México.
- Rea, D. y Ruiz, M. (2020). Familias acusan desalojo ilegal en predio Puebla 261. Pie de Página. Disponible en <https://piedepagina.mx/familias-acusan-desalojo-ilegal-en-predio-puebla-261/> [11/10/2021]
- Rodríguez, D. y Lambertucci, C. (2020). Los ambulantes en Ciudad de México, entre la informalidad, el clasismo y la intolerancia de los vecinos. *El País*. Disponible en <https://elpais.com/mexico/2020-08-22/los-vendedores-ambulantes-en-ciudad-de-mexico-acorralados-entre-la-pandemia-y-la-arbitrariedad-administrativa.html> [09/04/2021]
- Rolnik, S. (2019). *Esféras de la insurrección. Apuntes para descolonizar el inconsciente*. Edición Tinta Limón.
- Sánchez-Vallejo, M. A. (2020). Estados Unidos demanda a Facebook por monopolio. *El País*. Disponible en <https://elpais.com/economia/2020-12-09/estados-unidos-demanda-a-facebook-por-monopolio.html> [09/04/2021]



- Sánchez-Vallejo, M. A. (2021). Nueva York reinventa la vida en sus calles. El País. Disponible en <https://elpais.com/eps/2021-05-30/nueva-york-se-reinventa.html> [11/10/2021]
- Santos, B. (2018). “Introducción a las epistemologías del sur”, en *Construyendo las Epistemologías del Sur - Para un pensamiento alternativo de alternativas*. Buenos Aires: CLACSO.
- Smith, N. (2002). Geografía, diferencia y las políticas de escala. *Terra Livre*, 18 (19), 127-146.
- Smith, N. (2020). *Desarrollo desigual. Naturaleza, capital y la producción del espacio*. Madrid: Traficantes de Sueños.
- Theodore, N.; Peck, J. y Brenner, N. (2009). Urbanismo neoliberal: la ciudad y el imperio de los mercados, *Temas sociales*, 66, 1-11.
- Valenzuela, C. O. (2006). Contribuciones al análisis del concepto de escala como instrumento clave en el contexto multiparadigmático de la Geografía contemporánea. *Investigaciones Geográficas*, 59, 123-134.
- Zusman, P. (2020). La pandemia de la COVID-19, el Estado Nación y las desigualdades socio-territoriales en Argentina. *Crítica Urbana*, 15. Disponible en <https://criticaurbana.com/la-pandemia-de-la-covid-19-el-estado-nacion-y-las-desigualdades-socio-territoriales-en-argentina> [09/04/2021]

III.

Segregaciones urbanas socio-espaciales e invisibilidades en el contexto europeo

Can't #StayAtHome without a home: politics of housing precarity in Greece in the time of pandemic¹

Christina Sakali

Postdoctoral Researcher, Department of Conflict and Development Studies, Faculty of Political and Social Sciences, Ghent University, Belgium
e-mail: christina.sakali@ugent.be

Theodoros Karyotis

Doctoral Researcher, Department of Conflict and Development Studies, Faculty of Political and Social Sciences, Ghent University, Belgium
e-mail: theodoros.karyotis@ugent.be

To be injured means that one has the chance to reflect upon injury, to find out the mechanisms of its distribution, to find out who else suffers from permeable borders, unexpected violence, dispossession, and fear, and in what ways.

Judith Butler (2004: xii)

As soon as the Covid-19 pandemic began affecting European populations, it became clear that the home would assume a central role in the state's response to the pandemic, in its effort to minimize exposure to the deadly virus and contain its consequences. Government and health care officials were not only urging healthy citizens to stay at home to minimize transmission and infection but also advising people with mild

Covid-19 symptoms to stay at the security of their homes and monitor their symptoms there, in an effort to regulate the number of patients reaching public hospitals. To a large extent, this was a response chosen by national governments out of pure necessity, because national health care systems were not sufficiently equipped to face a mass influx of Covid-19 patients, many of whom in need of intensive care. In Greece, the public health care system had suffered the consequences of austerity policies and a ten-year-long recession, which has led to the closing of entire hospitals, the privatization of health care services and the precarization of health care professionals, with many of them currently in temporary, underpaid and precarious employment.²

However, the possibility of collapse of a frail health care system is only part of the reason why the home has become the epicenter of the biopolitical response to the health crisis. Equally important is the fact that homes, as the bricks and walls that materially separate us from what rests outside, are crucial for protecting our bodies from exposure to injury and disease, as well as for providing shelter and access to resources such as water and heating, necessary to all life. Through manifold national #StayAtHome campaigns, national governments have been urging their citizens to stay inside the security of their homes, in order to minimize not only their own exposure to the deadly virus but also, most importantly, the potential of transmission to others. And as the people of Europe were secluding at home to protect themselves and others, it was becoming clear that housing would acquire a renewed importance as a basic need and resource, both for those staying at a home, and, even more crucially, for the rest of society around them (Sakali 2020). The home as a biopolitical instrument that provides necessary shelter and resources to protect the population from a global health crisis, has highlighted our primary vulnerability and interdependence, the basis of a shared precariousness (Butler 2004). At the same time, housing and property relations have emerged as a crucial aspect of the social relations and structures of support necessary for minimizing precariousness in circumstances when the risk of injury and death is heightened.

Importantly, by highlighting the salience of adequate housing for public health, the Covid-19 pandemic has also exposed the great housing challenges that people in Europe and globally face today as a result of highly unequal provision and distribution of housing. Rising housing costs, unaffordable rents, evictions, privatization or lack of social housing, non-performing mortgages, auctions and foreclosures, homelessness, overcrowding of refugees, migrants and minorities in camps and other temporary and unsafe housing arrangements, poverty energy, inadequate access to water and other facilities, are but some of the housing challenges that European populations have been facing since before the breakout of Covid-19; these challenges have acquired increased urgency ever since housing became the epicenter of the fight against the virus. The importance of shelter and housing and the dramatic impact of housing insecurity



and inequalities have come once again to the forefront as a tragic irony, at a time when a growing proportion of the population is facing difficulties to access adequate and affordable housing or is under threat of losing their homes (Sakali 2020).

This chapter draws on a politics of precarity theoretical framework (Butler, 2004, 2009; Lorey, 2015) to reflect on property and housing relations in Greece in the time of pandemic. To situate housing precarity against the backdrop of generalized precarization, the following section introduces the concepts of precarity and governmental precarization and proposes a conceptualization of housing precarity that takes into account the structural forces that operate to produce multiple insecurities and inequalities. The discussion then unfolds in three dynamically interrelated parts. First, we offer a brief account of the Greek property regime and the housing restructuring currently underway, whereby precarisation, traditionally afflicting marginalized populations, is now invading the social majority. Then, we discuss the politics of housing precarity in the time of pandemic, focusing on the governmental biopolitical response and the role of housing and property relations in structuring experiences of the pandemic, while housing precarization deepens for an ever-increasing part of the population. Finally, we assess the responses and resistances to the above dynamics by outlining the main strands of housing mobilization in Greece. The last section summarizes the main conclusions.

CONCEPTUALIZING PRECARITY

Precarity against the backdrop of generalized precarization

For Butler (2004, 2009) *precariousness* refers to an existential condition shared by all sentient beings, which stems from dependency on others and the ontological vulnerability of bodies against external threats. “That the body invariably comes up against the outside world is a sign of the general predicament of unwilled proximity to others and circumstances beyond one’s control. This ‘coming up against’ is one modality that defines the body” (Butler 2009: 34). Precariousness as a generalized condition, then, entails that life is contingent on social and political organization, institutions and norms, in other words, on wider political and social structures necessary for precarious lives to persist and flourish. In this way, Butler (2009) links the existential conception of precariousness with the political economic notion of *precarity*, which she conceptualizes as the politically-induced condition when failing social and political structures of support expose populations differentially to disease, violence and threat, maximizing precariousness for those lives. Precarity thus designates the outcome of political, social, legal and economic arrangements whereby precariousness and vulnerability are unequally distributed among social groups and populations (Lorey 2015: 12).

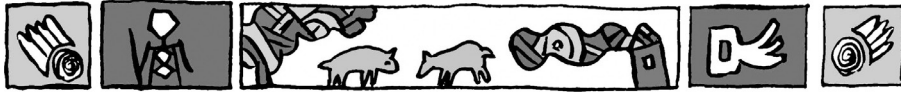
However, *precarity* is not simply an unfortunate side-effect of the asymmetric exposure to *precariousness* arising out of a radically unequal distribution of wealth and structures of support; instead, it is the product of intentional processes of governmental precarization, whereby insecurity is instrumentalized to render the population governable (Lorey 2015: 13). In contrast to welfare capitalism, this mode of governance does not draw its legitimation from the promise of protection and security. Rather, insecurity is rendered systemic and normalized; generalized anxiety and fear of insecurity, along with the valorization of self-initiative and individual responsibility, is what keeps the population acquiescent and docile. The art of governing today, then, involves the continuous negotiation and readjustment of the threshold between insecurity and insurrection (Lorey 2015: 2).

Under welfare capitalism, a core social group was “immunized” against many types of insecurity, such as illness, unemployment and destitution. At the same time, a frontier was reinforced between the secure core and a dangerous and precarious margin, which permanently threatened to destabilize the system. This process of othering had a disciplining and normalizing effect. With neoliberalism, precarity once again shifts to the center of society, as institutional safeguards are lifted for the core population, even if the dividing lines separating it from marginalized others are not. “Whereas the precarity of the marginalized retains its threatening and dangerous potential, precarization is transformed in neoliberalism into a normalized political-economic instrument” (Lorey 2015: 39). Insecurity becomes the central concern and demand of the subject, and the state steps in to meet this demand by establishing securitarian forms of power and minimum thresholds of support.

In effect, part and parcel of this process of generalized precarization is the experience of immanent danger, the idea that society is permanently under threat by forces that are outside its control. All of society’s desires and energies are thus channeled towards containing and minimizing this risk, which, however, cannot be entirely eliminated (Butler 2004). Modern securitized societies are premised on the idea that danger is not anymore (only) external, but it is lurking below the surface of everyday social interactions. This constant endangerment justifies exceptional measures, such as the suspension of democratic guarantees and the transgression of individual rights, in what Agamben (2005) terms the state of exception. While we refrain from claiming, as Agamben (2020) hastily did, that the coronavirus is inconsequential, arguably the management of the Covid-19 pandemic worldwide conforms to a model of governance through precarization and a permanent state of exception.

Situating housing precarity

In contrast to the notion of work-related precarity, which emerged in French socio-



logical discourse in the 1990s, housing precarity has only recently received attention in the literature. This is partly attributed to the conceptual challenges in demarcating and defining housing precarity and the related notions of housing precariousness, insecurity, instability or deprivation (Clair et al. 2019). Despite the recent efforts to better understand, measure and define housing precarity,³ it remains an elusive concept, understood and delimited differently by different authors, while carrying multiple but often interrelated dimensions. It is important to stress that in contemporary settings of neoliberal restructuring and structural inequalities housing precarity is often intertwined with multiple precarities and vulnerabilities. As a result, housing precarity often co-exists with employment insecurity – coined as “double precarity”⁴ – and other forms of vulnerability or general lack of opportunity – such as financial, educational or health-related. In line with the above, Greenop (2017) reminds us that more than access to a shelter, housing is essential to a decent life, and stresses the role that housing precarity can have in creating intergenerational disadvantage and entrenching poverty across generations.

In neoliberalized contexts, housing is increasingly seen as an investment opportunity and an instrument of wealth accumulation, rather than as a means of shelter provision within a community (Greenop 2017). Housing is being treated as a financial and investment asset, subjected to the operation of diverse market actors, such as the Real Estate Investment Trusts⁵, as well as to the securitization of mortgages, loans and rental incomes, a process recognized globally as the “financialization of housing” (Aalbers 2008, 2016; Rolnik 2013). The dynamics just described are the effect of housing and financial markets increasingly interconnected and intertwined. Importantly, however, these dynamics are not simply brought about by the unfettered operation of markets, efficient or otherwise. They are the product of careful policy accommodation, designed to engender new market processes and mechanisms catering to the financialization of housing, which were largely inexistent until recently. The establishment of a “secondary market” for the commodification, exchange and securitization of non-performing mortgages or other types of collateralized loans is an obvious example. Certainly, these dynamics are politically induced and hence institutionally embedded and perpetuated.

Based on the above, we believe that an adequate conceptualization of housing precarity cannot ignore the structural dynamics that operate to put safe and adequate housing out of reach for many and to create highly insecure financial and housing circumstances and experiences. In this paper, we conceptualize housing precarity as rooted in the tension that arises between housing as use-value and housing as exchange-value, or, in other words, in the fact that those in need of housing as a safe, life-nurturing place to live, cannot afford to access housing as a financialized commodity and as a wealth or investment asset. Marcuse summarizes the above in a simple but striking observation: “From a global perspective, the simple fact is that *nowhere in the world* are

the poor able to pay for decent housing on the private housing market” (Marcuse 2004: 2–3, emphasis added). In their research, which compares precarious housing across Europe, Clair et al. (2019: 20–21) find that more than 50% of the European population is affected by precarious housing circumstances, facing one or more dimensions of housing precariousness. Greece is among the countries with high rates, especially among those experiencing multiple dimensions of precarious housing. Across Europe, housing unaffordability appears to be the most prevalent dimension of housing precarity⁶, with inadequate housing quality and facilities following closely.

HOUSING AND PROPERTY RELATIONS IN GREECE LEADING UP TO THE PANDEMIC

Homeownership and the Greek housing regime

In contrast to northern European states and given the inadequacy of formal state welfare arrangements, the mechanisms through which the core population has been “immunized” against insecurity in Greece have largely been informal; clientelism, the submerged economy, and familialism have historically been important mechanisms of redistribution (Allen et al. 2004: 95–116). Importantly, through state-sponsored informal urbanism and a framework of land-for-flats swap called *antiparochi*,⁷ homeownership was promoted in the second half of the twentieth century as a pillar of welfare. The Greek housing regime developed within a southern European housing model, which stands out for its elevated rate of homeownership, very limited housing welfare and the important role of the extended family in securing access to housing (Allen et al. 2004: 190; see also Emmanuel 2014: 168). In the absence of alternative means of access to housing, the right to a home has historically been conflated with the right to homeownership: market acquisition and intergenerational transfer of property have been idealized as the epitome of housing security and overall welfare for Greek people.

The flip side of this system, where market acquisition and self-provision of housing are dominant, is the insecurity of those unable to access the housing ladder. According to the latest data by the organization Housing Europe, Greece is the only country in the EU with zero share of public and social housing in the total housing stock, and zero spending on public housing development; it is also among the countries with the lowest spending on housing welfare, currently in the form of a limited rent allowance⁸. Historically, this has led to a disadvantaged rental sector at the margins of the secure homeowner majority, as well as the existence of invisible homeless or precariously housed populations with no recourse to any meaningful safety net, among them prominently migrants and ethnic minorities such as the Roma (Emmanuel 2006; Kourachanis 2015).



Housing precarization through restructuring

The foundations for the destabilization of this system of housing security for the social majority were laid in the 1997-2007 period, when, in the face of a widening gap between wages and real estate prices and abetted by the deregulation of the banking sector, many households turned to mortgages and other types of loans, using their primary homes as collaterals (Balampanidis et al. 2013: 31-33). Lending in general surged in the 1990s and the 2000s, with mortgage lending more than quadrupling in the decade prior to the breakout of the global financial crisis.⁹ This rise in over-indebtedness and the increasing dependence on financialized homeownership may have been a common trend across Europe, however its consequences have not affected European populations equally. European countries subjected to bailout programs and neoliberal restructuring after the breakout of the global financial crisis have been particularly harshly hit, and are among those with the highest percentages of non-performing loans (NPLs or commonly known in Greece as “red loans”).¹⁰ Among them, Greece has consistently occupied the first place, with the NPL ratio reaching almost 50% in 2016 and 2017. Non-performing mortgages in particular amounted to almost 45% of mortgage loans.¹¹ In other words, over-indebted households did not have the means to continue servicing their debts, facing an imminent danger of property foreclosure and repossession. Consequently, a new category of people facing precarious housing circumstances emerged, those under the risk of losing their primary homes.

Unlike in other countries subjected to structural adjustment plans, such as Spain and Ireland, in Greece a mass wave of homeowner evictions was largely prevented in the first few years of the crisis. This was due to a legal framework adopted in 2010,¹² which was giving over-indebted debtors the possibility to exempt their primary residence from liquidation in case of bankruptcy, as long as they paid a total amount that could not exceed a percentage of the residence’s value (Tsiafoutis 2016). Its protective provisions were replaced by a weaker framework in April 2019,¹³ which was finally abolished in the summer of 2020. Ironically, the Greek Minister of Development declared that the institutional protection of primary residence was harmful to the economy and should be lifted, just a few weeks before the Covid-19 pandemic hit Greece and the #StayAtHome campaign became the central dogma of the governmental bi-political response against the virus¹⁴.

While these legal changes were being introduced, the Greek government was also adopting policies to introduce new markets and market mechanisms for the commodification and securitization of private debt, creating new opportunities for the entrance of institutional investors into the Greek real estate sector and deepening the financialization of real estate property and housing. Law 4354/2015 established a “secondary market” for the commodification of loan and property packages, through which

international investment funds were able to enter the Greek market and speculate on distressed debt and assets. Only a few months before the breakout of the pandemic, the Greek government introduced a new securitization scheme known as Hercules plan, which provided banks with state guarantees for the conversion of mortgages into investment assets to be traded in the financial market.

The shockwaves of housing restructuring extended further than the previously secure core of homeowners and exacerbated the chronic insecurity in the rental sector. The entrance of institutional investors in the distressed real estate market of austerity-ridden Greece was precipitated not only by the aforementioned institutionalization of new markets and new investment opportunities but also by market dynamics which made the Greek real estate sector particularly lucrative, in the wake of a ten-year recession and the internal devaluation of the Greek economy. The global trend of increasing touristification and the growth of new tourist sectors such as the short term rental platforms, in addition to state policies such as the golden visa program, motivated an influx of institutional and individual investors, who saw an opportunity to invest and possibly speculate in cheap property, at the same time that many small landlords and house owners were forced to sell their property owing to ongoing austerity and decreasing incomes. These developments have led to a significant increase in rents, especially in large urban centers and the islands. High rents, compounded by low incomes due to austerity restructuring and a generalized precarization of labor, have made housing costs escalate, with the housing cost overburden for Greek households currently being the highest in Europe.¹⁵ This has forced an increasing number of tenants, already among the most vulnerable and precarious tenure categories in Greece, to further housing precarization. According to the latest data, four out of five tenant households in Greece are facing housing cost overburden, meaning that they spend over 40% of their income on housing.¹⁶

It is not difficult to imagine that in a context of zero social housing, limited housing welfare and the ongoing pressures of actually existing austerity, the Greek society has no adequate safety nets, collective or individual, to contain or offset the effects of the rampant precarization of housing, a result of the abolition of the primary home protection, growing housing financialization and cumulative recession due to the Covid-19 pandemic lockdown. Furthermore, over-indebted homeowners who risk losing their home and people with no access to mortgage lending due to financial weakness or the dry-up of bank credit will have to face an unaffordable and insecure private rental market. The memory of the mass wave of neo-homeless populations flooding Greece's large urban centers, especially Athens, in the wake of the 2010 economic crisis and austerity restructuring, should offer a cautionary tale about the structural causes of housing precarity and the threat of a spiraling precarization of housing, as Finnerty and O'Connell (2017) remind us with the metaphor of the "snakes and ladders" game.



Invisible and voiceless populations

If the anxiety about social exclusion and loss of security creeps into the lives of those core groups previously considered worthy of protection, the degradation of living conditions is much more intense for chronically excluded populations, such as non-citizens and ethnic minorities.

Even long before the massive influx of refugees in 2015, migrants were treated as superfluous populations and were much more likely to be dehumanized, presented as a threat to public health, and physically abused by the police (Kotouza 2020: 152) while they were underrepresented among homeowners and suffering chronic housing insecurity (Maloutas et al. 2020). However, the plight of the migrants intensified in 2015, when about a million people are calculated to have crossed the Greek-Turkish border, fleeing from armed conflicts and poverty, and on their way to northern European destinations. It is important to note that Greece is neither an origin nor an important destination country for migrants; its immigration policies can only be understood in the context of the European Union's ongoing effort to discipline those who dare to cross its borders. Migration is treated not as a humanitarian emergency, but as a security issue; this is the spirit of the 2016 EU-Turkey treaty, which established Turkey as a safe country for the deportation of migrants and turned five islands of the eastern Aegean – Lesbos, Chios, Samos, Kos and Leros – into militarized detention zones for those crossing over by sea. The camps set up to accommodate refugees and asylum seekers offer dehumanizing conditions, with overcrowding and lack of basic necessities (Galinos 2020).

Among the locals, housing conditions for ethnic minorities are also dire. Ethnically Roma Greeks represent about 2.5% of the population,¹⁷ while 100.000 live in Roma communities dispersed around the country. Even though Roma people have been living in this geographic area long before the founding of the Greek state, they have historically been the object of institutional racism. Up until the late twentieth century, they were not recognized as a minority, and they lacked basic rights and protections enjoyed by the rest of the population. Today, the Roma are among the poorest and most marginalized parts of the population, and about 20.000 live in makeshift huts, without access to necessities such as electricity, running water, sanitation and garbage collection. Attempts to provide facilities and integrate the Roma in social life frequently come up against reluctant municipal authorities and deferring government officials (Bourikos 2020).

HOUSING PRECARIETY IN THE TIME OF PANDEMIC

Structural inequalities, housing precarity and the new divides

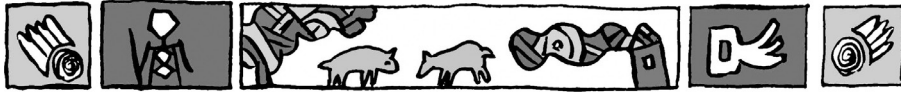
The outbreak of the Covid-19 pandemic has exposed the structural inequalities that

set the stage for the unequal distribution of vulnerability to global health crises. Indeed, the pandemic is not taking place in a political vacuum, but in a global context of ongoing neoliberal transformation. For Butler (2004), times of heightened exposure to conditions that threaten our bodily integrity provide an opportunity to apprehend precariousness as a generalized condition and to discern more clearly the structures, either existing or in the making, that produce an unequal distribution of vulnerability. The pandemic is one such moment. Whilst the threat coming from a deadly virus can potentially affect all life, which is vulnerable and finite, nonetheless both exposure to the virus and the effects of contagion are differentially distributed, experienced and acted upon, minimizing precariousness for some while maximizing precariousness for others (Butler 2009). Experiences of the pandemic are being structured by social and property relations, resulting in some bodies and lives being exposed to a greater extent than others, as well as to differential access to resources necessary for prevention and cure, since vulnerability cannot be fully eliminated.

Structural inequalities and poor access to resources such as adequate housing, food and energy are among the underlying causes that render populations more vulnerable and susceptible to illnesses, not only by increasing the risk of transmission due to inadequate structures of protection, but importantly by making bodies and immune systems generally weaker due to the possible concurrence of chronic health conditions. Housing in particular has been a central aspect of the above dynamics. Insecure and poor quality of housing and neighborhood surroundings – such as the absence of direct sunlight, dust and mold, air pollution and limited access to green spaces – have been linked to cardiovascular disease and diabetes outcomes, as well as respiratory issues, all of which increase the risk both of contracting the coronavirus and of developing serious complications or dying from an infection (Egan et al. 2020).

In addition, populations subject to structural inequalities are less likely to be adequately protected from transmission and contagion because of both their working and housing arrangements, as they have fewer resources and opportunities to apply social distancing. At work, the generalization of teleworking has created a new digital divide, coagulating in two new forms of coordinating and exploiting labor. On the one side are those white-collar workers who can isolate and work from home, on the other the essential workers in primary production, logistics, care and service sectors, who risk exposure to the virus to keep society's critical infrastructures operational. This division is structured by class, race and gender, with the vast majority of essential jobs being performed by low-paid workers, migrants and women.¹⁸ What links the two categories are the powerful online communication and distribution platforms coordinating production and consumption, through which the prevalent model of capital accumulation is maintained despite physical distancing (Paul 2020).

Alongside this new digital divide, a further divide has emerged based on housing



circumstances and property relations, with the home acquiring a new, dichotomous importance as both a place of protection and a place of contagion from the virus. On the one hand, for those able to isolate and telecommute, the home is a lot more than a shelter from the virus: it has become the place where all activities related to production and social reproduction are now taking place. To fulfill that function, it must possess an extensive range of adequate infrastructure and facilities. For populations who can afford these, the home has become the place where they lavish in conveniences that improve the quality of living, working, caring and entertainment, now happening in the domestic sphere. On the other hand, for people facing a wide array of precarious housing conditions, the home has become a place of contagion and threat. Poor housing quality, lack of access to basic facilities, shared or intergenerational housing arrangements and overcrowding have all been major risk factors for contagion. Among them, those in the most precarious housing arrangements such as refugee camps, hot-spots, prisons, shacks and slums, often lacking adequate access to resources as basic as water, have been living under a continuous exorbitant threat.

Individual responsibility and the home as the centerpiece of the biopolitical response to the pandemic

The home has been playing a central role in the biopolitical response to the pandemic, as it constitutes an indispensable instrument of a politics that idealizes individual responsibility while it renounces the state's role in providing or reinforcing the social structures of support necessary to ensure social reproduction and protection in the context of multiple health, social and economic crises. Despite the Greek national health system being decimated after multiple years of austerity, the government has not stepped in to adequately invest in public institutions, infrastructure and services in order to strengthen essential sectors such as health care, education, transport and housing. Rather, it has resorted to a politics of individual responsibility, and the #Stay-AtHome campaign has become the new dogma in the effort to contain transmission of the deadly virus (Sakali 2020).

The processes by which individual responsibility is internalized and naturalized are in fact embedded in capitalist modernity and liberal modes of governing. Indeed, since the early days of liberal governmentality, one was to hedge against the precariousness of life through self-discipline, by adapting to the principles of possessive individualism. Property in particular played a key role in such modes of biopolitical self-governance: through possession of oneself – i.e. one's own labor – and of one's property, one could reach the maximum security possible within the confines of one's race, gender and class. In this respect, the politics of individual responsibility operates within the tradition of liberal self-government (Lorey 2015: 30–31).

However, “today’s appeal to individual responsibility appears to repeat something that had already failed to function in the nineteenth century, namely the primacy of property and the construction of security on this basis” (Lorey 2015: 31). Indeed, the politics of individual responsibility as a central element of liberal governmentality has been increasingly stumbling upon a fundamental paradox and deadlock under neoliberalism: that of generalized precarity. Namely, while subjects are expected to manage their own precariousness by controlling and adjusting the vulnerability of their bodies and lives, the retirement of the welfare state coupled with deepening and generalized precarization deprives them of the resources and opportunities to do so.

This paradox and deadlock has become particularly acute during the Covid-19 pandemic. Even though the home is being used as a key biopolitical instrument in the management of one’s own precariousness and the protection from the virus, access to housing has become increasingly insecure for an ever-larger section of the population, as processes of exclusion, commercialization and financialization of housing are going on unabated or even intensifying. In other words, the pandemic has revealed the inherent conflict that exists between two distinct but contradictory modes of self-governing: The appeal to individual responsibility in response to the pandemic stands in conflict with individualized access to housing through financialized and for-profit markets, while institutional protections and housing welfare are either being abolished or kept at a basic minimum. As a matter of fact, despite the health emergency, in October 2020 the Greek government adopted a new legal framework of household insolvency¹⁹, which abolishes institutional protection of the primary residence and, in a context of generalized over-indebtedness, is expected to accelerate housing financialization and dispossession.

The politics of individual responsibility has been strategically implemented through the mobilization of massive, nationwide media campaigns, for which the Greek government splashed the exorbitant amount of 40 million euros in consecutive rounds of funding to the mainstream media. Through these media campaigns, simplistic messages about individual responsibility were being broadcasted daily, urging Greek people to #StayAtHome and #StaySafe, at the same time that hospitals, schools, public transport, supermarkets, warehouses and other essential services and industries became places of hyper-transmission, lacking adequate personnel and infrastructure to implement appropriate social distancing and the strict monitoring of public health through sufficient testing, tracing and isolating of Covid-19 cases.²⁰ The Greek government decided to invest millions of euros in order to control and disseminate both the narrative of “success story” of the state response to the pandemic and the narrative of individual responsibility. Through moral discourses of worthiness and guilt, citizens were being urged to be more responsible and careful not to spoil the government’s success or called out as reckless and irresponsible for violating the restrictions and disseminating the virus.



The biopolitical response to the pandemic, thus, can be seen as an acceleration of the neoliberal transformation of the state. On the one hand, precarization as a mode of governance ushers in a permanent state of exception that erodes democratic safeguards and justifies extraordinary powers that would be unimaginable a few years ago. On the other hand, the generalization of individual responsibility signals the renunciation of most state welfare provision apart from minimal safety nets designed to avoid social collapse.

Management and redistribution of vulnerability leading to further precarization

Along with the politics of individual responsibility, the biopolitical response to the pandemic also included official interventions under the narrative of support for employees and businesses, which comprised measures such as income allowances, various types of small business loans, rent discounts, suspension of debt payments and a controversial program of loan subsidies, all of them temporary and of limited duration. Even if – given the lengthy consecutive lockdowns and the lack of adequate social support structures – many of these measures were at the time of implementation vital for containing the most direct effects of the crisis, it is nonetheless important to acknowledge their limited, duplicitous and controversial character (The RHJ Editorial Collective 2020).

Importantly, far from disrupting previously established dynamics of commodification and financialization of housing and other necessities, these measures have sought to ensure the continuation of capital circulation and accumulation, which was to a certain extent disrupted by the Covid-19 pandemic. In doing so, they help perpetuate the mechanisms that have long rendered housing precarity a lived condition for the many (The RHJ Editorial Collective 2020). In particular, these measures are reinforcing the individualization of responsibility and accentuating existing inequality and precarity, by a) being selectively targeted, leaving out the most precarious and invisible sections of the population, b) shifting and projecting vulnerability and risk into the future, when the relevant measures will eventually be lifted, and c) categorizing sections of the population as amenable and worthy of protection, at the same time as establishing new institutions and market processes for the catering of new categories of precarious populations.

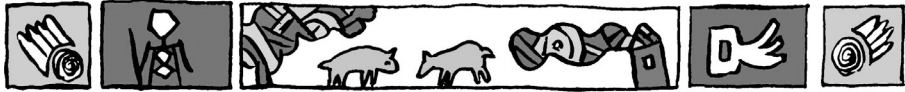
A crucial aspect of these interventions and measures is that they are targeting specific sections of the population, prioritizing formal wage labor and entrepreneurship. As Greece has one of the largest informal sectors in Europe – as high as 25% of all economic activity, or even 40% in specific regions,²¹ this response is shutting out a significant part of the population, which is already excluded from official social protections. Tenants coming from these groups of workers have faced a grave risk of eviction

or have indeed been evicted during the Covid-19 pandemic, because of a complete loss of access to any incomes and means of subsistence. A significant majority of these jobs are furthermore performed by migrants and women. These informal and precariously employed workers have been left to fend for themselves, in conditions that are further deepening inequality and precarization of their work and housing situations.

Moreover, in a market where four out of five tenants are already overburdened with housing costs, measures such as income allowances and rent discounts, rather than addressing the structural causes of precarity, further shift responsibility and risk to households themselves, who still need to respond to highly challenging market dynamics and whose financial fragility can become unbearable in the face of a crisis. Similarly, moratoriums on debt payments and payment suspensions in general operate by converting current liabilities into future debt. In doing so, they lead to debt accumulation – which further exacerbates precarity and vulnerability – while they shield financial institutions from a new unmanageable mass wave of non-performing loans, which would negatively impact their capital adequacy and profitability. As expressed by Prof. P. Liargovas during a public event on private debt and the pandemic crisis, “the post-pandemic landscape will look like one of post-war. The problem of private debt will become highly acute after the suspension of payments ends”.²²

Support measures with a limited or specific scope, such as the ones mobilized in response to the Covid-19 pandemic, operate by categorizing subjects into those eligible for protection and those excluded from such provisions. The criteria for such divisions are not always devised on the basis of the real needs of those affected but on the basis of discourses of worthiness and the context constructed around the needs in question. At the same time as those considered worthy of protection are offered support, new categories of poor and precarious subjects are engendered as a result of new or existing mechanisms for the marketization and financialization of access to resources that were previously institutionally protected. This is the case with the abolition of institutional protection of primary residence and the introduction of a new corporate landlord who will acquire and manage the repossessed homes of the most precarious, under market criteria.

The categorization of subjects is reflected clearly in the adoption of a temporary policy of loan subsidies by the state, named the “Bridge Program”.²³ The program has been widely promoted and advertised as a measure that rewards consistent borrowers affected by the Covid-19 crisis, but a careful reading reveals that it differentiates between borrowers affected by the pandemic and those facing payment difficulties for different reasons, and financially supports only the first category. The level of the subsidy is furthermore defined by the consistency of borrowers, rather than the extent of the pandemic’s impact on their financial situation. By constructing a rhetoric of worthiness and reward of consistent borrowers affected by the pandemic, the narrative of



individual responsibility is mobilized to the detriment of over-indebted borrowers with NPLs, who are framed as irresponsible and to blame for their financial vulnerability, therefore not worthy of support or protection of their homes.

From vulnerability to disposability

In addition to the state of exception through which governments have attempted to control and restrict populations in the name of containing the spread of the virus, there has been an exception within the exception for chronically excluded populations. The biopolitical apparatus that governs and divides non-citizens according to country of origin, international protection status, vulnerability, etc., has been complemented with a necropolitical apparatus that treats parts of the migrant population as disposable (Loick 2020). In mid-2020, while the Covid-19 pandemic was spreading and the population was advised to socially distance and remain at home, the responsibility for refugee aid programs was transferred from the United Nations High Commissioner for Refugees to the Greek government. This signaled the immediate downgrading of ESTIA, the program aimed to support recognized refugees and aid them in their social integration. By the new terms, refugees would be guaranteed support and housing for only one month after receiving international protection status, rather than six months as previously. This punitive arrangement effectively condemned nearly 10,000 refugees to homelessness and destitution, as most were unemployed and had not had the opportunity to learn the language and integrate (Galinos 2020).

Furthermore, by mid-2020, as a result of the EU-Turkey treaty, nearly 13,000 asylum seekers were cramped at the Moria camp, a place designed to accommodate 3,000, lacking adequate facilities such as water, electricity, sanitation and medical care.²⁴ When, predictably, a Covid-19 contagion broke out at the camp, the authorities took no other measure than place the entire overpopulated camp on quarantine. Riots broke out and the Moria camp burned to the ground on September 8th, 2020. The government saw this as an attempt at “blackmail”, and quickly built another makeshift camp nearby to house the refugees and asylum seekers in even worse conditions (Loick 2020). Similarly, Covid-19 outbreaks at Roma settlements have been accompanied by racist moral panics in the media, and exceptional and unprecedented measures by the state, such as the cordoning off of entire settlements, even though the dissemination of the virus was not found to be higher than in other parts of the country.²⁵

Regrettably, the acquiescence of a part of the population to the above humanitarian violations that render entire groups of people disposable is guaranteed by the very mechanism of precarization, whereby previously secure groups are led to resent any degree of security afforded to chronically excluded populations, as the overall level of security is perceived to be constant, and only its distribution among different groups

can be the object of political debate. This xenophobic effect of precarization has been abetted by constant criticism in the conservative media of the terms of the international protection of refugees, whereby the temporary accommodation and monthly allowance given to recognized refugees was framed as an insult to similarly impoverished and homeless Greeks.²⁶ Even if with neoliberal flexibilization precarity is “democratized”, degrees of security to one group are always promised at the expense of others, as the “privilege of protection is based on a differential distribution of the precarity of all those who are perceived as other and considered less worthy of protection” (Lorey 2015: 22).

The effect of governance through precarization is precisely that individual responsibility, subjectively experienced as freedom, makes the critique of the structural causes of malaise difficult, while the permanent state of anxiety pits different social groups against each other, entrenching long-standing divisions along class, gender and race lines. This voluntary servility is, for Lorey (2015: 5), what makes resistance to precarization so “difficult and rare”. In the next section, we will examine such resistances in Greece, in particular mobilizations around housing precarity in the times of the pandemic, and we will attempt to identify the hurdles they run into.

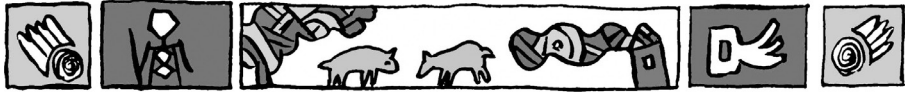
HOUSING MOVEMENTS IN THE FACE OF GENERALIZED PRECARIZATION

The Greek property regime and its discontents

In Greece, any kind of mobilization around housing comes up against the ingrained ideology of property, particularly the wholehearted adoption of individual and familial responsibility for access to homeownership, historically fomented by the state as a means of generating security, consent and legitimacy.

Even in the face of housing precarization for ever-wider parts of the population from 2010 onwards with the onset of the crisis, the very dynamics of housing self-provision have been placing important hurdles in the articulation of housing movements and demands. On the one hand, housing security is associated with homeownership and the notion of social housing of any kind is extraneous and carries a stigma, as in most residualist welfare systems (Siatitsa 2014: 103). On the other hand, use value cannot easily be disentangled from exchange value, as petty landlordism is more widespread than in most European countries, and homeownership is intricately linked with the family unit's investment strategies and revenue expectations (Siatitsa 2014: 296).

Unsurprisingly, then, a central response to rising housing pressures has been market oriented and individualistic: Airbnb listings grew exponentially between 2012 and 2015, as homeowners saw in short-term rentals an opportunity for informal urban re-



generation and valorization of their underutilized properties, to compensate for the incomes lost due to austerity policies. This, however, has come at a great cost for underprivileged populations in major cities and other popular locations, as it has intensified processes of touristification, gentrification and urban exclusion (Balampanidis et al. 2019).

Housing mobilization has emerged prominently to address threats to homeownership, namely overtaxation and foreclosures. On the one hand, citizens rebelled against the imposition in 2011 of a regressive “special property tax”, which was initially charged through the electricity bill. On the other hand, starting in 2013, “anti-auction” movements formed in Athens, Thessaloniki and other major cities to intercept foreclosure processes through direct action. The anti-auction movement grew and obtained significant victories, until the Syriza-led government reformed the law in 2017 to allow electronic auctions, thus depriving the movement of its physical field of intervention.

The effect of the “ideology of property” on housing struggles is more evident in the case of tenants. Even though in Greece the housing cost overburden rate for private tenants – that is, for a fifth of all households²⁷ – is the highest in the EU, militant tenants’ organizations are scarce across the country. In contrast, landlord organizations form powerful pressure groups and their federal body POMIDA campaigns very successfully against rent control policies and any legal fetters to the utilization of real estate property. The entrenched ideology of property, which posits homeownership as the pinnacle of individual liberty and delegitimizes all state intervention in matters of housing, precludes the formulation of meaningful demands on the part of tenants. This is evidenced by the scarcity of demands for rent control or rent subsidy among social movements and political parties alike.

The most sustained and profound critique of the Greek model of property and urbanization has come from the squatters’ movement. Squatters reject the commercialization of housing and claim that the housing crisis is an effect of the state-sanctioned drive for real estate speculation. Rather than demanding policy interventions, squatters propose direct action and occupation of empty buildings (Siatitsa 2014: 275–278). The squatters’ movement has been identified as a primary adversary by the current conservative government. Despite squatters’ mobilization, widespread criticism of police violence and the advent of the pandemic, forceful evictions of squats have been a common occurrence (Karyotis 2020).

Housing mobilizations during the pandemic

The declaration of the Covid-19 pandemic in March 2020 and its attendant restrictive measures have exacerbated work and housing precarity, but at the same time have disrupted the traditional repertoires of action of social movements, such as rallies and assemblies. Nevertheless, a host of struggles and demands has emerged amidst the cli-

mate of uncertainty and fear. Movements have kept organizing despite strict physical distancing measures, using social media as an important instrument of campaigning and coordination.

Housing struggles during the pandemic have been unfolding along three main strands:

First, struggles centered on homeownership. The temporary moratorium on debt payments and liquidations notwithstanding, an increase in private debt and a new wave of debt arrears due to pandemic-related economic hardship are expected to exacerbate the severe problem of non-performing mortgages and loans. Anti-auction groups have remained active and often coordinated mobilizations during the pandemic, while criticizing the content and form of the October 2020 insolvency law as an attempt at accelerating dispossession of the popular classes by funds and banks. Examples of such collectives include the “Unitary Initiative against Auctions” in Athens and the “Coordination of Collectives of Thessaloniki” in Thessaloniki. Both are coordinating bodies uniting neighborhood assemblies, grassroots collectives and local committees. Their repertoire of action includes demonstrations, emergency aid for families and individuals in dire need, legal and financial information for over-indebted homeowners, and, importantly, direct action at the headquarters of utility companies against the disconnection of impoverished households due to arrears. Their demands include protection of primary residences from liquidation, cancellation of all debts for the unemployed and the vulnerable, rent control and eviction freeze, and the establishment of rent and mortgage subsidies. Activists of the above groups have been regularly indicted for their participation in direct action and brought to trial, even during the pandemic, although they have always been acquitted.²⁸

Second, struggles around rent and generalized precarity. Aggravated living conditions due to the pandemic have stimulated mobilization for new and pre-existing collectives that we name “movements of the precarious”, as they attempt to link the issue of housing unaffordability with wider themes of urban exclusion, labor precarity, unemployment, exploitation and state repression.

Notable among them is the “Assembly against the Blackmail of Rent” which, supported by several collectives, squats, social centers and other groups, has carried out information and action campaigns promoting rent strike, rent controls and the occupation of vacant properties.²⁹ Their criticism focuses on the widening gap between incomes and rents during the pandemic, which makes housing unaffordable for working people. To better understand the social and geographical dimensions of the unaffordability crisis, the collective has devised its own online survey.³⁰ Similar campaigns in direct response to precarious urban housing conditions have been carried out by the “Initiative for Housing Action and Solidarity”,³¹ which was formed in April 2020, and in Thessaloniki by the “Loupa” collective, which ties housing with wider social repro-



duction issues such as transport, food and labor precarity.³² Furthermore, the “Action against Regeneration and Gentrification” (AARG) collective focuses especially on the touristification and gentrification of popular central Athens neighborhoods, denouncing the expansion of short-term rentals and the deployment of real estate investment companies, which are precipitating rent hikes, housing unaffordability and the consequent displacement of low-income residents.³³

Certainly, there is a great amount of overlap in demands and repertoires of action between these first two strands of housing movements, as well as some limited common mobilization. Nevertheless, they remain largely distinct, since they depart from different analyses of the role of property, and draw different dividing lines between the exploiters and the exploited.

The anti-auction movements mainly encompass parts of the population that previously enjoyed a certain level of housing security, and are now rapidly precarized and dispossessed. They defend homeownership as a factor of resilience, and identify repossession of mortgaged homes by banks and investment funds as a major threat to social well-being. Their main matter of contention is *debt* as an extractive relation. The line is drawn between, on the one hand, “households with mortgages or consumer loans, along with farmers and petty entrepreneurs with business loans” and, on the other hand, “speculative funds”, “banks with loan shark practices” and “austerity policies causing recession and making repayment impossible”.³⁴

For the movements of the precarious, homeownership and the Greek property regime lie at the root of housing problems, as they foment speculation and thus perpetuate commercialization of housing and exploitation of the poor. While some criticize the current wave of housing foreclosures, others go as far as rejecting housing movements that “speak about people’s homes indiscriminately, including workers and employers, landlords and tenants, to the exclusion of the homeless and migrants”.³⁵ The movements of the precarious claim to speak in the name of chronically excluded and exploited populations, whose living conditions are being further precarized. In their framing, wage and rent are the most important forms of exploitation, and a clear line is drawn between those who profit from these relationships – employers and landlords, including banks and investors – and those who lose out – workers and tenants, as well as the undocumented, the unemployed and the homeless.

This analytical tension between the two strands is evidenced in their treatment of the issues of squatting and rent strike, two practices that directly transgress established property rights. While the movements of the precarious promote squatting and rent strike as a solution to housing exclusion,³⁶ anti-auction movements do not openly condone those practices; in the stead of squatting and rent strike, they demand respectively the “ceding” or “utilization” of vacant homes and rent “subsidies” or “reductions”.³⁷

The third strand in housing mobilization during the pandemic, which however part-

ly overlaps with the other two, is tied to the refugee solidarity movement. The emergency of the pandemic marks a shift in EU immigration policies – of which the Greek state is a proxy – whereby parts of the migrant populations are treated as largely superfluous and disposable. Willful underfunding and a change in the terms of the UNHCR ESTIA program has left tens of thousands of recognized refugees homeless. Amidst the pandemic, entire families have been forced to sleep rough in squares and parks. Supported by local solidarity movements such as “Solidarity with Migrants” in Athens and “Stop War on Migrants” in Thessaloniki, refugees were organized in a campaign called “I am not leaving my home” to denounce the government’s inhumane reforms. Their manifesto reads: “The New Democracy government decided to evict migrants during Corona while it’s state slogan is ‘STAY HOME’. [...] The war against migrants began on the seas and at the borders, it continued in the jails, detention centers, overcrowded camps and through ID checks on the streets. Now this war takes place inside our homes. WE ARE NOT LEAVING OUR HOMES!” (sic).³⁸

To be sure, migrants are rarely passive and individualized in front of aggressive bordering and securitization. While mobile and precarious, they constantly produce and share knowledge, affective cooperation, networks of support and care, which extend through time and space along borders and important stops. These precarious infrastructures, which Papadopoulos and Tsianos (2013) describe as “mobile commons”, have been interwoven with those produced by contentious movements in Greece to form migrant solidarity squats in abandoned buildings, where through joint assemblies and collective processes, migrants and activists establish “political infrastructures of care” and social reproduction, where “newcomers and locals [produce] their own geographies of collective care: spaces and times to think and play, to protest and cook, to share and disagree” (Kapsali 2020: 29). Migrant solidarity squats thus form “corridors of solidarity” throughout Europe, where anti-racist and anti-authoritarian movements rehearse grassroots responses to housing exclusion and repressive immigration policies, while at the same time questioning the model of humanitarian refugee housing provision by NGOs and the state. In migrant squats, supporters and migrants relate to each other as equals, and externally imposed hierarchies between locals and foreigners, migrants and refugees, are annulled. A new form of citizenship is thus performed and prefigured, despite exclusion from formal citizenship (Dadusc et al. 2019: 5–6). For their questioning of private property rights, but also for their affront to state immigration policies, refugee solidarity squats are systematically targeted and evacuated; even amid the pandemic, they were raided by special police battalions and their residents were left in the street or were transported to hazardous overcrowded camps (Galinos 2020). In Exarchia, the last extant migrant squat is that of Notara 26, located at an occupied building that has been housing about 100 migrants since 2015 (Richen 2020).



The three strands of housing mobilization in Greece, those of anti-auction initiatives, the movements of the precarious and refugee solidarity movements, are products of the galloping precarization of the previously secure homeowners, the marginalized propertyless, and the invisible outsider populations of migrants respectively. Despite some divergent framings, they share a common ground in their critique of state-induced housing insecurity. Their mobilization, which sidesteps traditional means of protest and centers on direct action and relations of solidarity and care among equals, indicates that the precarious can break through the securitarian discourse of the Greek state and escape the individualization that fear and social isolation are breeding during the pandemic. This becomes possible, as Lorey (2015: 6) reminds us, when “precarization is not perceived and combated solely as a threat, but the entire ensemble of the precarious is taken into consideration and the current domination-securing functions and subjective experiences of precarization are taken as a starting-point for political struggles”.

CONCLUSIONS

The Covid-19 pandemic hit global populations at a time of ongoing neoliberal restructuring which engenders multiple forms of insecurity for an ever-increasing majority of people. Housing as one of life’s basic support structures has not been left unaffected by these dynamics. Housing precarity, rooted in the tension that exists between the use value and exchange value of housing, has been alarmingly increasing everywhere in the world. In Greece, rising housing challenges and precarity are embedded in the Greek property regime, which has traditionally offered housing security to the large homeownership majority, alongside a smaller disadvantaged rental sector and invisible populations – among them prominently migrants and the Roma minority – who have no recourse to any housing safety nets. In the last ten years, however, housing precarization has been spreading to the previously secure core of the population and a new category of precarious have emerged: homeowners under the risk of foreclosure and loss of their primary homes. Along with market dynamics and austerity politics that have increased housing cost overburden for tenants, housing precarity has become normalized and generalized for the social majority.

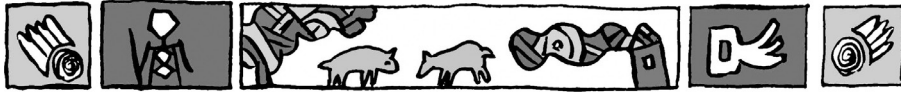
With the outbreak of the pandemic, and owing to the ten-year-long austerity that has left the Greek health care system debilitated, the home became a key biopolitical instrument in shielding public health against the deadly virus, amidst a landscape of changing property relations and housing restructuring. However, rather than safeguarding housing as a social right, reinforcing social infrastructure and protections, or addressing the structural dynamics of housing precarity, governments in Greece and worldwide have mobilized a politics of individual responsibility. Aided by media

campaigns disseminating discourses of responsibility or recklessness of citizens in containing the virus, they have demanded that citizens #StayAtHome and #StaySafe while providing only minimal and temporary safety nets for specific sections of the population and leaving out the most precarious. Individualization of responsibility as a central response to the pandemic has revealed the inherent conflict between mutually contradicting modes of self-governing. Namely, while subjects are expected to manage their own precariousness and vulnerability by confining themselves at home and applying social distancing, the continued reliance on individual strategies of housing provision through profit-driven and financialized markets excludes a rising share of the population from access to secure housing.

All the while, a mode of governance that Lorey calls governmental precarization is implemented, whereby insecurity is rendered systemic and generalized anxiety is used as an instrument of social control, with the government only managing a minimum of safety nets. “The art of governing currently consists of balancing a maximum of precarization [...] with a minimum of safeguarding to ensure that the minimum is secured [at a tolerable threshold]” (Lorey, 2015: 65). While authoritarianism and police repression are on the increase, government policy is geared towards managing and redistributing vulnerability by creating new subdivisions among the precarious through discourses of worthiness and blame, by shifting risk from the present to the future and by conditioning the temporary protection of some groups on the neglect of others, while rendering parts of the invisible populations disposable. At the same time, new categories of poor and precarious subjects are engendered as a result of new mechanisms for the commercialization and financialization of housing, introduced by recently adopted insolvency legislation, which, among other provisions, establishes a corporate actor that will buy and manage the repossessed homes of the most precarious, under market criteria.

In this context of generalized precarization, housing struggles during the Covid-19 pandemic have been following three main strands, reflecting the fragmentation of the precarious and the diversity of housing challenges currently in Greece: Anti-auction groups addressing increasingly precarized homeownership; mobilizations around rent and general precarity, which we call “movements of the precarious”; and a migrant solidarity movement promoting joint struggles of locals and foreigners against homelessness and destitution. The main hurdles for these housing movements in Greece today are effects of the deeply ingrained ideology of property: on the one hand, the continuing centrality of a real-estate rent-seeking imaginary among the rapidly precarized social majority; on the other hand, the absence of meaningful housing demands in the public debate, a product of a long history of housing self-provision.

Insofar as subjects remain isolated and pursue their individual demands for security vis-à-vis the state, collective resistance to the ongoing precarization continues



to be rare and difficult. However, the changing landscape of the housing restructuring currently underway, coupled with the normalization and generalization of housing precarity and the advent of the Covid-19 pandemic, adumbrate an opportunity for empowerment and resistance. Despite neoliberal conditions of social fragmentation, housing movements during the pandemic are resisting individualizing and securitarian discourses, denouncing state-induced insecurity, and experimenting with new forms of political agency that take insecure working and living conditions as the springboard for inclusive struggles around solidarity and mutual care.

NOTES

1. This chapter is based on research conducted as part of the Property and Democratic Citizenship project, which has received funding from the European Research Council (ERC) under the European Union's Horizon 2020 research and innovation programme (Grant agreement No. 771795).
2. According to Amnesty International's report "Resuscitation required: The Greek health system after a decade of austerity" published in April 2020, austerity measures have eroded the accessibility and affordability of healthcare in Greece and increased the burden on health workers. Accessed from: <https://www.amnesty.org/en/documents/eur25/2176/2020/en/>. See also: https://www.europarl.europa.eu/doceo/document/E-7-2013-010811_EN.html
3. See, e.g., Finnerty and O'Connell (2017); Greenop (2017); Bentley et al. (2019); Clair et al. (2019); Egan et al. (2020)
4. See, e.g., Desmond and Gershenson (2016); Bentley et al. (2019)
5. REITs; in Greece this type of institutional investor is known by the acronym AEEAΠ (AEEAP) – Ανώνυμες Εταιρείες Επενδύσεων σε Ακίνητη Περιουσία
6. Clair et al. (2019) refer to these dimensions as "housing precariousness"
7. The antiparochi, or land-for-flats swap, involved a private agreement between a small plot owner and a private contractor, whereby the contractor built a multistory building in the owner's land, and ownership of the resulting apartments was divided between the two parties.
8. Housing Europe, <https://drive.google.com/file/d/119-zbYnIWsbDNHQtGYvQWRIZ1BYhlz79/view>
9. Bank of Greece, <https://www.bankofgreece.gr/statistika/ekseliksh-daneiwn-kai-kathysterhsewn>
10. Eurostat, <https://ec.europa.eu/eurostat/web/macroeconomic-imbances-procedure/data/main-tables>, <https://ec.europa.eu/eurostat/databrowser/view/tipsbd10/default/table?lang=en>
11. Bank of Greece, <https://www.bankofgreece.gr/statistika/ekseliksh-daneiwn-kai-kathysterhsewn>, https://www.bankofgreece.gr/RelatedDocuments/NPLS_TIMESERIES_BoG_GR.xlsx. See also Alexandri and Janoschka (2018: 17).
12. Law 3869/2010 Article 9, commonly known as "Katseli law"

13. Law 4605/2019
14. https://www.efsyn.gr/politiki/kybernisi/229541_kynismos-adoni-epizimiamia-gia-tin-oikonomia-i-prostasia-tis-protis
15. Housing Europe, <https://drive.google.com/file/d/119-zbYnIWsbDnHQtGYvQWRIZ1BY-hlz79/view>
16. Eurostat, https://ec.europa.eu/eurostat/databrowser/view/ILC_LVHO07C__custom_1271197/default/table?lang=en
17. https://ec.europa.eu/info/policies/justice-and-fundamental-rights/combatting-discrimination/roma-eu/roma-inclusion-eu-country/roma-inclusion-greece_en#factsandfigures
18. See, e.g., this New York Times analysis about the structure of essential jobs during the Covid-19 pandemic: <https://www.nytimes.com/2020/04/18/us/coronavirus-women-essential-workers.html>
19. Law 4738/2020
20. In their paper titled “Assessing COVID-19 through the lens of health systems’ preparedness: time for a change” El Bcheraoui et al. (2020) highlight the limitations and delays in monitoring public health in most European countries during the Covid-19 pandemic.
21. See, e.g.: <https://www.inegsee.gr/wp-content/uploads/2015/06/Meleti-43-INE.pdf>, https://www.ethnos.gr/oikonomia/51912_boreia-ellada-mayri-ergasia-gia-1-stoys-4-ergazomenoys-protathlites-ta-kafe-mpar, <https://bit.ly/3cfqE4t>
22. <https://esee.gr/enteinontai-oi-pieseis-stis-mme-apo-tin-pandimia-kai-to-idiotiko-chreos/>
23. Law 4714/2020
24. Reportedly, in parts of Moria there was one water tap per 1,300 people, one toilet per 167 people and one shower per 242 people: <https://www.theguardian.com/global-development/2020/mar/21/fears-catastrophe-greece-migrant-camps-lockdown-coronavirus>
25. https://www.efsyn.gr/ellada/koinonia/239060_sto-keno-i-apopeira-stohopoiisis-ton-roma; <https://www.voanews.com/science-health/coronavirus-outbreak/greek-roma-camp-quarantined-limit-spread-covid-19>
26. See, e.g., articles by “To Proto Thema”, <https://www.protothema.gr/greece/article/469153/etoimazoun-diamerismata-gia-tous-lathrometanastes/> and Makeleio <https://bit.ly/2Odl3Cv>
27. Eurostat, https://ec.europa.eu/eurostat/databrowser/view/ILC_LVHO02__custom_1271294/default/table?lang=en
28. Parts of the above information comes from participant observation and interviews by the authors. See also the web pages of “Unitary Initiative against Auctions” (Enotikí Protovoulia katá ton Plistiriamón) at <http://noauctionsgr.blogspot.com/> and of the “Coordination of Collectives of Thessaloniki” (Sintonismós Silloyikótíton Thessaloníkis) at <https://syntonsyllogthes.blogspot.com/>.
29. Assembly against the Blackmail of Rent <https://bit.ly/39tiiEv>
30. <https://www.facebook.com/UnrealEstateAthens/posts/231990908440108>
31. Initiative for Housing Action and Solidarity <https://www.facebook.com/RENT->

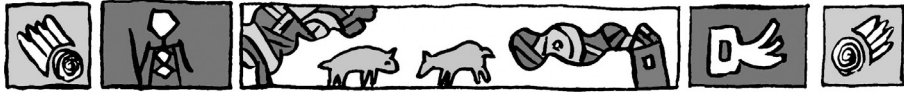


- STRIKE2020GR/photos/a.107029697610023/133956494917343/
32. <https://bit.ly/3sHMS40>
33. <https://www.facebook.com/aargathens/>
34. Unitary Initiative against Auctions, <http://noauctionsgr.blogspot.com/2017/06/blog-post.html>
35. Loupa, <https://loupa.espivblogs.net/2019/06/23/syzitisi-gia-ti-stegasi-eisigisi/>
36. Initiative for Housing Action and Solidarity, <https://www.facebook.com/RENT-STRIKE2020GR/photos/a.107029697610023/133956494917343/>; Assembly against the Blackmail of Rent, <https://unrealestate.noblogs.org/files/2020/04/UnReal-Estate-2-gia-site.pdf>; Loupa <https://bit.ly/3cH9LQs>
37. Unitary Initiative against Auctions, <https://syntonsyllogthes.blogspot.com/>; Coordination of Collectives of Thessaloniki, <https://www.facebook.com/groups/546934182356684/permalink/1153548141695282>
38. <http://infomobile.w2eu.net/2020/05/31/thousands-of-refugees-will-be-made-homeless-and-left-without-support-from-tomorrow/>

BIBLIOGRAPHY

- Aalbers, M.B. (2008). The Financialization of Home and the Mortgage Market Crisis. *Competition & Change*. 12(2), 148–166.
- Aalbers, M.B. (2016). *The Financialization of Housing: A Political Economy Approach*. Routledge.
- Agamben, G. (2005). *State of Exception*. Chicago: University of Chicago Press.
- Agamben, G. (2020). Lo stato d’eccezione provocato da un’emergenza immotivata. *Il manifesto*. Available at: <https://ilmanifesto.it/lo-stato-deccezione-provocato-da-unemergenza-immotivata/> [accessed 2 Mar 2021].
- Alexandri, G. and Janoschka, M. (2018). Who Loses and Who Wins in a Housing Crisis? Lessons From Spain and Greece for a Nuanced Understanding of Dispossession. *Housing Policy Debate*. 28(1), 117–134.
- Allen, J., Barlow, J., Leal, J., Maloutas, T. and Padovani, L. (2004). *Housing and Welfare in Southern Europe*. Oxford ; Malden, MA: Blackwell Publishing.
- Balampanidis, D., Maloutas, T., Papatzani, E. and Pettas, D. (2019). Informal urban regeneration as a way out of the crisis? Airbnb in Athens and its effects on space and society. *Urban Research & Practice*. 0(0), 1–20.
- Balampanidis, D., Patatouka, E. and Siatitsa, D. (2013). Το δικαίωμα στην κατοικία την περίοδο της κρίσης στην Ελλάδα [The right to housing in the time of crisis in Greece]. *Γεωγραφίες*. 22. Available at: <http://geographies.gr/old/wp-content/uploads/2014/07/GEO22-031-042.pdf> [accessed 6 May 2019].
- Bentley, R., Baker, E. and Aitken, Z. (2019). The ‘double precarity’ of employment insecurity and unaffordable housing and its impact on mental health. *Social Sci-*

- ence & Medicine*. 225, 9–16.
- Bourikos, D. (2020). Έκτακτη υγειονομική κατάσταση και καταυλισμοί Τσιγγάνων/Ρομά: δράση τώρα! [Health emergency and Roma settlements: Time for action!]. *SocialPolicy.gr* Available at: <https://bit.ly/3mrchgW> [accessed 25 Feb 2021].
- Butler, J. (2004). *Precarious Life: The Powers of Mourning and Violence*. London; New York: Verso.
- Butler, J. (2009). *Frames of War: When Is Life Grievable?* London; New York: Verso.
- Clair, A., Reeves, A., McKee, M. and Stuckler, D. (2019). Constructing a housing precariousness measure for Europe. *Journal of European Social Policy*. 29(1), 13–28.
- Dadusc, D., Grazioli, M. and Martínez, M.A. (2019). Introduction: citizenship as inhabitation? Migrant housing squats versus institutional accommodation. *Citizenship Studies*. 1–19.
- Desmond, M. and Gershenson, C. (2016). Housing and Employment Insecurity among the Working Poor. *Social Problems*. 63(1), 46–67.
- Egan, Z., Grabowski, Z. and Olivotto, V. (2020). Covid-19 and housing precarity: from systemic failure towards a just recovery. *Medium*. 15 May. Available at: <https://medium.com/resilience/covid-19-and-housing-precarity-from-systemic-failure-towards-a-just-recovery-4083b48535a5> [accessed 31 Mar 2021].
- El Bcheraoui, C., Weishaar, H., Pozo-Martin, F. and Hanefeld, J. (2020). Assessing COVID-19 through the lens of health systems' preparedness: time for a change. *Globalization and Health*. 16. Available at: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7675393/> [accessed 22 Mar 2021].
- Emmanuel, D. (2006). Η κοινωνική πολιτική κατοικίας στην Ελλάδα: οι διαστάσεις μιας απουσίας [The social housing policy in Greece: Dimensions of an absence]. *Επιθεώρηση Κοινωνικών Ερευνών* [The Greek Review of Social Research]. (120), 3–35.
- Emmanuel, D. (2014). The Greek system of home ownership and the post-2008 crisis in Athens. *Région et Développement*. 34, 167–181.
- Finnerty, J. and O'Connell, C. (2017). Changing precariousities in the Irish housing system: supplier-generated changes in security of tenure for domiciled households. *Global Discourse*. 7(4), 473–488.
- Galinos, S. (2020). As the world battles COVID-19, Greece's war on migrants rages on. *ROAR Magazine*. Available at: <https://roarmag.org/essays/as-the-world-battles-covid-19-greeces-war-on-migrants-wages-on/> [accessed 16 Feb 2021].
- Greenop, K. (2017). Understanding housing precarity: more than access to a shelter, housing is essential for a decent life. *Global Discourse*. 7(4), 489–495.
- Kapsali, M. (2020). Political infrastructures of care: Collective home making in refugee solidarity squats. *Radical Housing Journal*. 2(2), 13–34.
- Karyotis, T. (2020). Repression, eviction and dispossession in New Democracy's



- Greece. *ROAR Magazine*. Available at: <https://roarmag.org/essays/squat-eviction-house-dispossession-greece/> [accessed 1 Apr 2021].
- Kotouza, D. (2020). Whose Lives Matter? Nationalism, Anti-Fascism and the Relationship with Immigrants. in Holloway, J., Nasioka, K. and Doulos, P., eds., *Beyond Crisis: After the Collapse of Institutional Hope in Greece, What?* Oakland, CA: PM Press.
- Kourachanis, N., (2015). Confronting homelessness in Greece during at time of crisis. *Social Cohesion and Development*. 10(2). 113-119.
- Loick, D. (2020). Europe's necropolitics sparked the fire at Moria camp. *ROAR Magazine*. Available at: <https://roarmag.org/essays/europe-necropolitics-moria-camp/> [accessed 17 Feb 2021].
- Lorey, I. (2015). *State of Insecurity: Government of the Precarious*. London; New York: Verso Books.
- Maloutas, T., Siatitsa, D. and Balampanidis, D. (2020). Access to Housing and Social Inclusion in a Post-Crisis Era: Contextualizing Recent Trends in the City of Athens. *Social Inclusion*. 8(3), 5–15.
- Marcuse, P. (2004). The Future of Housing Advocacy and Research, *Research Bulletin #25*. Centre for Urban and Community Studies, University of Toronto, Toronto.
- Papadopoulos, D. and Tsianos, V.S. (2013). After citizenship: autonomy of migration, organisational ontology and mobile commons. *Citizenship Studies*. 17(2), 178–196.
- Paul, I.A. (2020). *The Corona Reboot*. Available at: <https://www.ianalanpaul.com/the-corona-reboot/> [accessed 2 Mar 2021].
- Richen, N. (2020). *Face Au Capitalisme et à l'État, Comment Fait-on Groupe Pour Protester, Habiter et Vivre Autrement Dans La Ville ? L'exemple Du Quartier Athénien d'Exarcheia (Εξάρχεια)*. Master's Thesis. Aix-Marseille Université
- Rolnik, R. (2013). Late Neoliberalism: The Financialization of Homeownership and Housing Rights. *International Journal of Urban and Regional Research*. 37(3), 1058–1066.
- Sakali, C. (2020). «Μένουμε σπίτι» και στεγαστική κρίση: Οξύμωρα, προκλήσεις και ευκαιρίες [#StayAtHome and the housing crisis: Paradoxes, challenges and opportunities]. *Η Εφημερίδα των Συντακτών*. Available at: https://www.efsyn.gr/stiles/apopseis/236937_menoyme-spiti-kai-stegastiki-krisi-oxymora-prokliseis-kai-eykairies [accessed 17 Dec 2020].
- Siatitsa, D. (2014). Αιτήματα για το δικαίωμα στην κατοικία στις πόλεις της νότιας Ευρώπης: ο λόγος και ο ρόλος των κοινωνικών κινημάτων. Διδακτορική Διατριβή [Claims for the right to housing in cities of southern Europe: discourse and role of social movements. Doctoral Thesis]. Available at: <http://hdl.handle.net/10442/hedi/35495> [accessed 3 May 2019].

- The RHJ Editorial Collective (2020). *Covid-19 and housing struggles: The (re)makings of austerity, disaster capitalism, and the no return to normal*. 2(1), 19.
- Tsiafoutis, V. (2016). Private insolvency legislation and the protection of the principal residence. in Ferretti, F., ed., *Comparative Perspectives of Consumer Over-Indebtedness: A View from the UK, Germany, Greece, and Italy*. The Hague: Eleven International Publishing.

Barrios cerrados y pandemia: motivo para una reflexión crítica del límite

Charikleia Pantelidou

Profesora asistente adjunta

Universidad Internacional de Grecia

Correo electrónico: lilapante@gmail.com

INTRODUCCIÓN

En el último año experimentamos unas condiciones sin precedentes que han cambiado las necesidades, las preferencias y hábitos de nuestra vida cotidiana y tiende a cambiar las formas en que vivimos amenazando importantes logros de nuestra civilización. De hecho en el contexto de la contención de la pandemia y la situación de emergencia en la que han caído países y ciudades se están perdiendo los derechos y libertades adquiridos en la historia y la civilización moderna. El contacto humano y la aglomeración de personas representan la principal condición de riesgo para la salud, por lo que se propone el aislamiento en áreas protegidas para afrontar el peligro. En este contexto el espacio público se enfrenta a las condiciones de una reducción adicional dado que ya en las últimas décadas se está produciendo una clara tendencia a reducir el espacio público a escala global.

En esta condición de retroceso del espacio público, encuentran lugar nuevas formas de espacio colectivo así como modificaciones del concepto de colectividad en una concurrencia más amplia de las formas de creación y acción con los dictados de la actual condición socio-política. El barrio cerrado introduce una nueva forma de organización de la ciudad con el desplazamiento de la vida urbana a espacios cerrados o abiertos, interiores o exteriores, siempre protegidos y controlados. Los barrios cerrados - gated neighbourhoods, gated communities - se proponen como tipos de comunidad, lo que necesariamente indica un mayor o menor grado de interconexión entre los residentes. Se han dado más interpretaciones del contenido específico de la comunidad constituida por los barrios cerrados y, en cualquier caso, parece que los terminos de su formación componen un concepto modernizado y redefinido de la idea de espacio colectivo. Sobre esta base las comunidades cerradas son una propuesta de vivienda exclusiva que se ha ido extendiendo en las últimas décadas, proyectando la protección frente a peligros urbanos como la delincuencia, los indocumentados, la soledad, la desvalorización de la propiedad; peligros que en gran medida reflejan, a nivel social, el miedo existencial frente a lo diferente. El tema de este estudio se refiere concretamente al hecho de que después del impacto de la pandemia, se puede esperar la proliferación de los barrios cerrados donde en la búsqueda de un entorno saludable surgen todo tipo de formaciones residenciales exclusivas. Entonces el espacio público y la vida pública se entienden como el sacrificio necesario para la supervivencia del hombre, y al mismo tiempo surge más agudamente la necesidad de una visión crítica de los problemas de espacio.

ARQUITECTURA Y RIESGO

El concepto de riesgo revela el contexto moderno de vida como una condición unificadora, estableciendo como objetivo común la seguridad de las personas contra las amenazas ubicuas de la vida cotidiana (Beck 1992). En este contexto el concepto de colectivo fue revisado y ampliado adaptándose en la medida adecuada a los valores de la época y lejos de las cualidades de solidaridad y fraternidad surgidas en el siglo anterior. Así, el espacio colectivo, por un lado consolidó cualidades de libertad y tolerancia de lo diferente haciendo realidad una versión del espacio vacío del deseo en el contexto de una traducción lacaniana de la reivindicación social (Stavrakakis 1999), por otro lado, sin embargo, el surgimiento del espacio colectivo en lugar del espacio público requiere espacios exclusivos para el establecimiento de grupos sociales estrictamente identificados, basados en criterios de eficiencia económica y una racionalización positivista de la ciudad.

En particular, las dinámicas normativas del miedo han tenido un pacto significativo en la orientación contemporánea del diseño urbano y arquitectónico. Las tendencias individuales de un enfoque arquitectónico que se conceptualizó como espacio defen-



sivo (Newman 1996) se sincronizaron con el cambio más amplio de la planificación urbana hacia la escala urbana flexible y las pequeñas intervenciones en el espacio, una opción que se ajusta a la preferencia general de la época en la regulación de lo parcial y en la gestión de lo emergente. Dejando a un lado el axioma básico del método sociológico según el cual un evento social se explica con otro evento social, la violencia y las amenazas urbanas se han grabado en el carácter innato a la ciudad, como cualidades naturales de un lugar de encuentro de desconocidos. Al mismo tiempo, una visión radical de la ciudad como lugar de una democracia de lo diferente (Madanipur 2010), ‘el otro’ pasa a ser el tema principal del diseño defensivo indicándonos la formación de espacios a evitar. En particular, en el contexto por un esfuerzo en abordar el miedo a través de la planificación, por un lado se presentan propuestas para una ciudad abierta y extrovertida, un lugar a veces intacto y a veces de una diversidad convergente, y por otro lado, se forman corrientes que reclaman formas de cierre espacial, introversión y homogeneidad. En oposición al primer enfoque, en el que el componente central lo establecen lo político, lo extranjero y el espacio público, el segundo enfoque se orienta hacia conceptos como el dominio territorial, el habitante y la supervisión conjunta del espacio formando una nueva forma de espacio colectivo el cual se diferencia del público.

BARRIOS CERRADOS: ESPACIOS PUROS Y CONTRASTE DEL INTERIOR Y DEL EXTERIOR

El barrio cerrado pertenece a las transformaciones espaciales introducidas en todo el mundo por la globalización (Sassen 2015) al instrumentalizar el espacio y la arquitectura a nivel económico, social y político. Los barrios cerrados son producto de este proceso y, a pesar de las bases comunes dadas que las identifican como un fenómeno global moderno, es un hecho que dependiendo de la situación geográfica aparecen con diferenciaciones visibles. En el contexto de este trabajo, nuestra referencia a este particular fenómeno espacio-social se refiere principalmente al mundo anglosajón basado, por una parte en la literatura relevante y por otra al estudio de un ejemplo de una comunidad cerrada en California como se describe en la novela *Tortilla Curtain* de T. C. Boyle en el que aplicamos análisis de contenido.

Los barrios cerrados constituyen unidades locales de participación en la unificación ecuménica de una autoridad omnipotente de las élites (Sassen 2009). Al desarrollar dentro de los espacios cerrados los mecanismos administrativos y de gestión locales en forma de gobiernos privados, se anexan a la red global como *unidades político-espaciales*, en el lugar que una vez ocuparon los esquemas públicos, los estados, las ciudades, los municipios, cuyo vacío de desmantelamiento vienen a llenar. Además, la organización de la ciudad en más clubes urbanos, en lugar del espacio público común

a todos, se considera más eficiente en términos del equilibrio de uso-coste (Webster 2002) y las comunidades cerradas activan un mecanismo moderno de división de clases en el espacio y formación de los precios de la tierra. Esto no quita el hecho de que los límites materiales y el control del acceso a estos lugares aparecen en respuesta al creciente temor de la clase media frente a la diversidad, el crimen y la pérdida de su privilegio social (Low 2004).

La proliferación de los barrios cerrados a través de la fragmentación urbana en urbanizaciones exclusivas que están conectadas a su vez a otras redes de urbanizaciones exclusivas, cubren todos los usos urbanos formando “órbitas espacio-temporales de separación” (Atkinson y Flint 2004). En este contexto, el concepto de urbano se identifica con la exclusividad y la *ciudad se desplaza al islote*. El espacio público libre constituye las partes vacías del espacio urbano, lo que queda de las zonas cerradas, y está excluido de la ciudad organizada que se ha trasladado a las zonas puras, de control y vigilancia. O en otros casos también adquiere el carácter de un límite de identificación ya que acoge con satisfacción la aplicación de sistemas de vigilancia, la prohibición de uso nocturno y el acceso selectivo. La puerta urbanística vislumbra una ciudad de discriminación espacio-social donde el significado de residencia se encuentra en el carácter prohibitivo de la puerta de entrada y la vivienda se define como un estado de seguridad a través del aislamiento, privacidad y encierro (Pantelidou 2019).

El espacio dentro de un gated community, por la parte interior de sus sólidos límites, aparece como espacio de la comunidad, como un espacio común de reclamo y vida colectiva de los vecinos. Dado que el carácter comunitario del gated community se limita a las cualidades de una *colectividad espacial*, parece ser el encierro el que se introduce como principio y como término de colectivo. El colectivo es una categoría intermedia entre lo individual y lo social, lo privado y lo público, y como tal constituye un campo de intersección, de encuentro con las cualidades opuestas, que pueden complementarse o chocar o absorverse entre sí e incluso rechazarse: en cualquier caso, el colectivo se define a través de la forma en que se relacionan entre sí individuo y sociedad, privacidad y publicidad, interioridad y exterioridad.

En nuestra cultura, la vivienda tiene el significado de refugio, en el sentido de proteger al individuo tanto del peligro de la naturaleza como de la amenaza humana. En la ciudad moderna, esta seguridad estaba garantizada por la preservación del límite de la casa, el giro de la llave en la cerradura y la posibilidad de aislamiento en el espacio privado. En la ciudad moderna, el límite divisorio entre lo público y lo privado, extranjero y residente, se desplaza de la residencia a la escala del vecindario y el carácter de lo privado se extiende y legitima como una característica del espacio urbano. El barrio forma ahora un *espacio colectivo privado* que se separa de lo público y está determinado por la relación entre seguridad, exclusión y control. En este contexto, los límites cerrados del sitio dan al espacio colectivo privado de la comunidad cerrada un signo



positivo, en contraste con el espacio público y la publicidad que se traducen como una condición de negatividad.

El cierre del asentamiento intensifica el carácter del colectivo privado, asegurando en su interior una calidad de pureza basada en la uniformidad social y espacial y la exclusión de posibles elementos malévolos. Slavoj Žižek (1989) se refiere a las patologías de nuestra sociedad y al hecho de que las construcciones imaginarias de su curación no son más que intentos de soldar la grieta social competitiva. El otro simboliza el robo del placer, el peligro, la amenaza. Es una construcción ideológica que da coherencia a una sociedad radicalmente incoherente. La fantasía radica en el hecho de que si el otro no existiera, la sociedad podría ser *Perfecta* sin grietas. Hoy en día, como refugio privado, el barrio cerrado responde a un deseo de vida armoniosa, sin deficiencias, grietas, conflictos o enfrentamientos.

De hecho, las comunidades cerradas buscan la homogeneidad de los habitantes. El permiso de entrada presupone un filtrado de los posibles habitantes sobre la base de rasgos sociales como la clase, la ocupación, la edad, la raza. Además, dentro de los asentamientos existe una supervisión electrónica a través de sistemas de monitoreo remoto, una táctica que ya se está consolidando en el área urbana pública, lo que plantea la cuestión de la compatibilidad entre la normalización, por un lado, y la disciplina de la población en estereotipos específicos de comportamiento y por otro lado, el concepto de democracia (Paraskevopoulos 2020). La pureza de la comunidad cerrada se refiere a la formación de un espacio-social *Perfecto*, intachable y no afectado por una realidad externa deteriorada, parte de la cual en todo caso lo es. En este sentido, las comunidades cerradas se constituyen como formaciones urbanas limpias de los síntomas nocivos de la ciudad y esta purificación se debe a la formación del asentamiento como una *internalidad* a una distancia aislada del mundo exterior. En particular, en el caso de las comunidades cerradas, la importancia está en el concepto de aislamiento -no de distancia- donde el límite material en el espacio yuxtapone un espacio interno a un espacio externo. Este contrapunto del interior y el exterior corresponde a la comprensión antitética de la relación entre el individuo/social y lo privado/público, a una distancia de las consideraciones topológicas post-construidas del espacio y del sujeto. El concepto matemático de la banda de moebius introducido en el psicoanálisis por Lacan (1992), expresa precisamente este cuestionamiento en términos del contraste entre el interior y el exterior, la trágica verdad de un *extimité*, proclamando que el inconsciente está fuera.

CONSIDERARANDO LOS LÍMITES, LA CONVIVENCIA, LA APERTURA

La pandemia ha golpeado el concepto de ciudad, sometiendo a notables porcentajes

de la población urbana la idea de huir de los males urbanos (Reuters Fundación 2020). El debate sobre la organización de las ciudades tras la pandemia está en curso y las propuestas relevantes incluyen el fortalecimiento de las localidades urbanas con la proximidad de todos los servicios urbanos a la vivienda (Moreno y al 2021), el enfoque en las ciudades verdes y edificios sostenibles (Foster 2020), la democratización de la ciudad a través de una socialización de nuestra cultura digital (Ghosh 2020), mientras abundan en las redes los anuncios de las comunidades cerradas como lugares de protección efectiva contra la pandemia. Otros enfoques insisten en que el ‘retorno a la normalidad’ no es suficiente, lo que se necesita es un cambio social transformador que se centre en abordar las desigualdades y crear espacios de acceso abierto (UN HABITAT 2021).

La pandemia ha puesto en primer plano una verdad olvidada sobre las formas en que nos conectamos entre nosotros con relaciones de dependencia. Bajo la amenaza del virus contagioso, la convivencia y el contacto humanos, características fundamentales, tanto de la organización de nuestras urbes como de nuestra humanidad, se reducen y se hacen más problemáticos, mientras al mismo tiempo la libertad se desvela de la manera más clara como empresa colectiva. La organización de la ciudad en islotes controlados emerge como una versión de la nueva normalidad y la transformación privada de la vida urbana, se intensifica en forma de episodios grupales o individuales los cuales tienen lugar en interiores, donde se redefinen los conceptos de interior y de exterior respecto a la amenaza de peligro. Aunque el barrio cerrado constituye de una manera muy clara y absoluta qué es el interior y qué el exterior en lo que respecta a la relación entre la comunidad cerrada y la ciudad, no garantiza la misma claridad para todo el espacio que se encuentra dentro de sus límites. El espacio colectivo al aire libre del vecindario cerrado no deja de ser un espacio exterior bajo términos técnicos, sin embargo es un espacio interior si se tiene en cuenta que está rodeado de límites prohibitivos compactos. Y de hecho en una condición espacial donde lo interior se identifica con el espacio cerrado, la exclusividad y la exclusión.

Quizás la difícil condición de la pandemia pueda servir de excusa para entender la necesidad de preservar el espacio colectivo como un lugar abierto a la alteridad y al pluralismo, a través de una visión del límite en la perspectiva de un espacio carnavalesco como el-privado-dentro-de-lo-público (Pantelidou 2021). En cada enfoque la comprensión Bahitiniiana se reconoce como la presencia simultánea de mi propia voz y la voz del otro, el carácter constitutivo mutuo y perpetuo entre el individuo y la sociedad a distancia de toda verdad completa (Bakhtin 1984/1968, 1984/1963). Dado que las ideas no tienen sentido si no están de acuerdo con la parte material de la vida, o sea en un espacio abierto y colectivo distante de todo concepto de franjas de prohibiciones y exclusiones, es crucial desde esta perspectiva, la reflexión sobre la conceptualización y la materialidad del límite entre el espacio interior y exterior.



Los límites en el espacio pueden tener variedad de funciones y significados, distinguir y excluir o unir, provocar la comunicación o la coexistencia neutral paralela. Peter Marcuse (1995) considera que los límites en sí mismos son un término neutral y no significan nada, adquieren significado de las relaciones de las partes en ambos lados y dependiendo de ellos pueden significar cualquier cosa. Además, es un hecho que las tradiciones orales a lo largo del tiempo crean lugares y transforman el concepto de espacio, creando códigos de comunicación en la vida cotidiana y alterando el habitus (Petropoulou 2020). Según Blakely y Snyder (1997) el límite en sí mismo no determina el tipo de relación que conecta a las partes en ambos lados, simplemente actúa como un término para un proceso de correlación y en este sentido el límite es un acto político. En el caso de los límites de exclusividad lo que se quiere decir es pertenencia, ser miembro, alguien que tiene que estar dentro y alguien fuera, aclaran.

Los límites materiales de los barrios cerrados, la puerta y la valla, marcan la prohibición de entrada a los no residentes. Esta función se lleva a cabo tanto a nivel físico como simbólico, e independientemente de la eficacia real de los límites en términos de prevención del peligro que representan los excluidos (Atkinson, Flint, Blandy y Lister 2003, Lemanski 2004). Además, la forma de los límites, puede, gradualmente, alcanzar hasta muros completos y compactos de gran altura y una caseta de vigilancia con un guardia armado, mientras que excepcionalmente puede limitarse a puertas simbólicas sin cercas (Grant 2005, Grant y Mittelsteadt 2004). Dadas sus variaciones y escaladas funcionales y mórficas, los límites de las comunidades cerradas ejercen una función *distintiva* (distinctive) en el espacio, que a veces se traduce como prohibición y exclusión y a veces, más sutilmente, como acceso controlado (Pantelidou 2019).

En una visión general de los límites, el vallado separa un espacio de otro, en cambio la entrada es la ruptura del vallado y la eliminación de la separación y en este sentido, constituye un límite negativo. En las comunidades cerradas, donde el vallado existe en su plena función, pero la entrada es controlada y selectiva y, por lo tanto, adulterada en cuanto a su función natural -es decir, la eliminación de la separación-, los límites tienden a su expresión absoluta como elementos distintivos del espacio. Además, el enclave material de la comunidad cerrada, determina el carácter limitado del asentamiento como semejante a la inviabilidad del espacio, pero solo desde el exterior, mientras que, por el contrario, desde el interior el límite del asentamiento se suaviza y tiene intercambios con la ciudad. De hecho, es característica en la novela la función de los límites en las comunidades cerradas: los límites aparecen como inviolables y de afuera hacia adentro, no obstante, esta situación se entiende como ilegal o inesperada o irregular; más específicamente, los límites materiales parecen elásticos de adentro hacia afuera y permiten la salida-entrada de la comunidad cerrada en el entorno, mientras que por el contrario, se representan duros y rígidos en cuanto a la entrada desde el exterior dentro de la comunidad cerrada, consolidando de manera unidireccional y

dominante el límite del espacio y asegurando de esta manera la *interioridad autorreferente* de la comunidad cerrada.

La cuestión de la gestión de límites en el diseño arquitectónico no es nueva. A pesar de sus zonas funcionales a escala urbana, el espacio arquitectónico del movimiento moderno propuso su interpenetración de adentro y afuera sin negar la presencia ontológica del límite, ni la distinción cualitativa entre lo privado y lo público: el espacio interior y exterior conservaron sus cualidades identitéticas, pero las manipulaciones arquitectónicas componían la realidad de una continuidad espacial entre adentro y afuera. La preferencia de la arquitectura posmoderna en las formas figurativas proponía un espacio interno delimitado y finito en contraste con la visión roica de los límites en el espacio moderno. El movimiento del neourbanismo y su orientación en las tipologías del pasado, restituyó las significaciones bipolares en las demarcaciones del paisaje urbano, buscando así la cohesión de la comunidad. Además, las propuestas para la complementariedad de los opuestos, en el contexto del enfoque arquitectónico estructuralista, han marcado una versión adicional de la gestión del límite y las cualidades espaciales en ambos lados, enfatizando los espacios de transición. La teoría moderna propone la flexibilidad, la ambigüedad y la fluidez del espacio, la ambigüedad o la difuminación de los límites, las cualidades y los usos, como términos de una arquitectura radical que libera el deseo de los individuos en un horizonte de libertad para todos.

Es un hecho que el relativismo posmoderno ha emancipado la teoría del dogmatismo y la instrumentalidad de los conceptos provocados por el enfoque positivista de la ciencia, la sociedad y el hombre. La contribución del psicoanálisis ha sido catalítica en esta dirección ya a mediados del siglo XX con la Escuela de Frankfurt. Todo tipo de identidad ha constituido un impedimento en el desarrollo libre del individuo, es más, su derrocamiento ha contribuido a fortalecer las relaciones de poder en formas múltiples (Bauman 2000). Mientras la Razón ha sido ineficaz en salvaguardar al ser humano de las penas de cada época, otro tanto la rendición incondicional del hombre a los imperativos del deseo lo ha despojado de la perspectiva dinámica de la resistencia. El relativismo es necesario en la medida en que nos impide el dogmatismo, mientras que la crítica es igualmente necesaria en la medida en que es un requisito previo para la elección consciente de la actitud frente a las cosas. Una condición previa para la crítica es la salvaguardia de la mínima certeza consistente con el reconocimiento de límites (Sennett 2013).

En contraste con la claridad moderna, la relativización de los conceptos hoy introduce, por un lado, la liberación de los valores vinculantes compartidos y, por otro lado, una neutralidad generalizada en la que toda crítica y cada reflexión pierden su sentido. Aunque, por un lado, la confrontación contemporánea en todo tipo de límites y contradicciones bipolares dio paso a espacios colectivos cerrados de tipo neoliberal donde el colectivo se desconecta de cada calidad pública, o a veces se producían



otros espacios cuyas perspectivas de libertad y emancipación fueron asimiladas por las tendencias dominantes, alentando, al mismo tiempo, enfoques radicales de espacios colectivos abiertos a lo diferente. La crítica de la identidad y su afinidad con las divisiones propone espacios umbrales, espacios de paso, en el contexto de una cultura emancipadora que introduce el riesgo de lo diferente como elemento formativo de identidad (Stavridis 2010). Además, es un hecho que los dispositivos de poder creadores de identidad están entrelazados con la creación de reglas y la aplicación de su cumplimiento (Foucault 1999/1975). De hecho, el concepto de normalidad tiene un papel importante en la reflexión del concepto de límite en la arquitectura moderna. Es esta función dominante de la normalidad que constituye el argumento de las teorías transformacionales, las cuales proponen la eliminación de los límites y la liberación de nuestras funciones mentales de los dipolos conceptuales, buscando espacios internos de nuevas perspectivas y comprensión del mundo (Hays 2000, Eisenman 2000).

En el sentido de una arquitectura orientada hacia la creación de espacios de convivencia de los diferentes, nuestra propuesta aquí se refiere a una interpretación dilatada del concepto de límite que desconecta éste del concepto de normalidad: sendas partes no corresponden a algo normal o anormal. Esta visión tiene el significado de un punto de partida para una función *crítica* del límite en el espacio que, a una distancia clara de cualquier versión de exclusión, puede introducir una condición de posibilidad para la coexistencia y la comunicación de los diferentes. A tal punto, el límite teje cualidades de espacialidades intermedias donde tanto la convergencia como el conflicto encuentran lugar. En particular, la comprensión del límite en el sentido anterior intenta dar sentido al límite *como abierto*. En esta dirección se da por sentado el carácter finito del espacio construido, pero al mismo tiempo el límite no se refiere a la declaración material del mismo sino a esta *interrupción* y, en este sentido, la continuación, la conexión, la comunicación con el espacio vecino y el paisaje circundante: el límite se entiende como anástrofe del final arquitectónico.

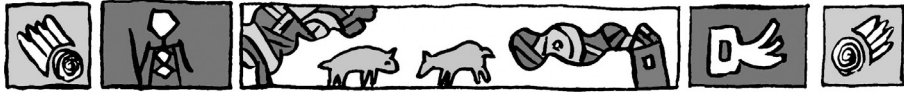
Se antepone la referencia al *espacio intermedio* y su conexión con el significado de límite. Es precisamente esta definición del límite como abierto la que establece el límite como el área de encuentro del interior y del exterior, de lo de aquí y de lo de allí: ahí donde termina uno, ahí exactamente - en ese punto- comienza el otro. Aquí es importante determinar mejor este espacio intermedio y su relación con las zonas a ambos lados. Si tuviéramos que considerar el espacio intermedio como un área distinta entre partes finitas, le reconoceríamos autonomía y cualidades particulares distintas de las partes a ambos lados, incluso si fueran las mismas cualidades de las partes de ambos lados que se encuentran en el espacio intermedio; éste, en este sentido también constituiría una parte entre segmentos. Sin embargo, si consideramos el espacio intermedio como un área de contigüidad de un espacio a otro entonces reconocemos una transformación creativa de cualidades, un proceso de flujo sin esfuerzo ya que entonces el

espacio intermedio integra cada evento en el espacio y el tiempo correspondiente. El espacio intermedio en este caso no es una parte finita entre secciones finitas cerradas, sino que materializa la contigüidad, la unidad de las diferentes cualidades, sin confundirlas y sin hibridarse él mismo: cada punto lleva las huellas de su transformación en el respectivo momento.

La pandemia ha sacado a relucir condiciones de vida desconocidas y novedosas, afectando la salud pública a escala mundial, intensificando el problema social y sometiendo a revisión lo que el hombre moderno da por sentado. Tanto las comunicaciones por internet como el nuevo uso del espacio privado y público reinterpreta el interior y el exterior y la relación entre ellos, en un momento en que, en cualquier caso, el fenómeno del cierre y la exclusividad tiende a extenderse por todo el espacio urbano, transformándolo en su conjunto. Considerando insuperable la trágica pérdida de tantas personas, tarde o temprano se tratará la pandemia. Lo que dejará más atrás y en qué horizonte habrá convertido la vida moderna es principalmente una cuestión de elección y decisión. La gente volverá a salir de sus hogares buscando el hilo de sus visiones y aspiraciones y en ese sentido las ciudades reencontrarán ritmos de funcionamiento, creación, compañerismo. La pregunta es en qué formas y *dónde fuera*. Un enfoque crítico del límite en el espacio en este contexto introduce un término influyente en el espectro de misiones en los tiempos venideros. Ante la amenaza de la generalización de una ciudad de urbanizaciones exclusivas, el problema del límite brinda la ocasión para una reflexión en la dirección opuesta, de coexistencia, de colectividad, de apertura.

BIBLIOGRAFÍA

- Atkinson, Rowland, Flint, John, Blandy, Sarah και Lister, Diane (2003). *Gated Communities in England*. Final Report of the Gated Communities in England 'New Horizons' Project. <https://www.communities.gov.uk/publications/corporate/gatedcommunities> (23-6-2021)
- Atkinson, R., Flint, J. (2004). Fortress UK? Gated Communities, the Spatial Revolt of the Elites and Time-Space Trajectories of Segregation. *Housing Studies* 19(6):875-892
- Bakhtin, Mikhail (1984/1968). *Rabelais and his World*, transl. by H. Iswolsky. Bloomington: Indiana University Press.
- Bakhtin, Mikhail (1984/1963). *Problems on Dostoevsky's Poetics*, transl. and ed. by C. Emerson. Minnesota: University of Minnesota Press.
- Bauman, Z. (2000). *Liquid Modernity*. Cambridge: Polity
- Beck, U. (1992). *Risk Society: Towards a New Modernity*. London: Sage
- Blakely, E., Snyder, M.G. (1997). Divided We Fall. Gated Communities in the United States. In N. Ellin, E.J. Blakely (eds), *Architecture of Fear*, pp. 85-99. New York,



- NY: Princeton Architectural Press.
- Eisenman, P. (2000). Autonomy and the Will to the Critical. *Assemblage*, 41: 90-91
- Foster, N. (2020). *The Pandemic Will Accelerate the Evolution of Our Cities*. <https://www.theguardian.com/commentisfree/2020/sep/24/pandemic-accelerate-evolution-cities-covid-19-norman-foster> (1/7/2021)
- Foucault, M. (1999/1975). *Les Anormaux Cours au collège de France, 1974-1975*. Paris: Le Seuil
- Ghosh, R. (2020). *Rethinking the City: Urban Experience and the Covid-19 Pandemic*. Brooklyn, NY: Verso
- Grant, J. (2005). Planning Responses to Gated communities in Canada. *Housing Studies*, 20(2): 273-285.
- Grant, J., Mittelsteadt, L. (2004). Types of gated communities. *Environment and Planning B: Planning and Design*, 31(6): 913-930.
- Hays, M. (ed.) (2000). *Architecture Theory since 1968*. Cambridge, MA: MIT
- Lacan, J. (1992). *The Ethics of Psychoanalysis 1959-60: The Seminar of Jacques Lacan, Book VII*, ed. by J. A. Miller. London: Routledge
- Lemanski, Ch. (2004). A New Apartheid? The Spatial Implications of Fear of Crime in Cape Town, South Africa. *Environment and Urbanization*, 16(2): 101-111.
- Low, S. (2004). *Behind the Gates: Life, Security, and the Pursuit of Happiness in Fortress America*. London: Routledge
- Madanipour, A. (ed.) (2010). *Whose Public Space? International Case Studies in Urban Design and Development*. London: Routledge.
- Marcuse, P. (1995). Not Chaos, but Walls: Postmodernism and the Partitioned City. S. Watson, K. Gibson (επιμ.), *Postmodern Cities and Spaces*, pp. 243-53. Oxford, UK: Blackwell.
- Moreno C., Allam Z., Chabaud D, Gall C., Pratlong F. (2021), Introducing the “15-Minute City”: Sustainability, Resilience and Place Identity in Future Post-Pandemic Cities. *Smart Cities 2021*, 4(1), 93-111, <https://doi.org/10.3390/smartcities4010006>
- Newman, O. (1996). *Creating Defensible Space*. Collingdale, PA: Diane Publishing Co
- Pantelidou, Ch. (2021). The Spatial Ethos of the Carnavalesque: Urban Space as “the-private-within-the public”, In R. Lastman (ed.), *AMPS Proceedings Series 19.1. The City and Complexity - Life, Design and Commerce in the Built Environment*. University of London, UK. 17 – 19 June 2020, pp. 180-187
- Pantelidou, Ch. (2019). *Gated Communities and Spatial-Social Exclusion: Form and Meaning Transformations in the Contemporary Urban Space*. Athens: Nissos (in Greek)
- Paraskevopoulos, N. (2020). *Democracy: Democracy and its Justice*. Athens: ENA (in

- Greek).
- Petropoulou Ch., 2020. Ciudades invisibles y cambio de habitus: narrativas cartográficas, poéticas y rebeldes. Ejemplos de Ciudad Bolívar (Bogotá) y Comuna 13 – San Javier (Medellín). In: N. Rego y S. Kozel, en colaboración con Ana Francisca de Azevedo. “*Narrativas, Geografías, Cartografías - para viver, é preciso espaço e tempo*”. Universidade do Minho, UFPR, UFRGS. Porto Alegre: Editora Compasso Lugar Cultura e Editora IGEO, Vol. 2, pp.669-723
- Reuters Foundation (2020). *Escape from the city? Londoners lead Europe in COVID-inspired dreams of flight*. <https://www.reuters.com/article/europe-cities-coronavirus-idINL8N2I41HK> (1/7/2021)
- Sassen, S. (2009). Foreword: Urban Gating - One Instance of A Larger Development? In S. Bagaeen and O. Uduku (eds), *Gated Communities: Social Sustainability in Contemporary and Historical Gated Developments*. London: Routledge
- Sassen, S. (2015). Foreword: Gating as a Variable. In Bagaeen and O. Uduku (eds), *Beyond Gated Communities*. London: Routledge
- Sennett, R. (2013). *Together: The Rituals, Pleasures and Politics of Cooperation*. London: Penguin
- Stavrakakis, G. (1999). *Lacan and the Political*. London: Routledge
- Stavrides, S. (2010). *Towards the City of Thresholds*. Trento: Professionaldreamers
- UN HABITAT (2021). *Cities and Pandemics: Towards a More Just, Green and Healthy Future*. www.unhabitat.org (1/7/2021)
- Webster, Ch. (2002). Property Rights and the Public Realm: Gates, Green Belts, and Gemeinschaft. *Environment and Planning B: Planning and Design*, 29:397-412.
- Zizek, S. (1989). *The Sublime Object of Ideology*. Brooklyn, NY: Verso

Cracking housing financialisation in Barcelona

Georgia Alexandri

Postdoctoral Marie Curie Fellow,
School of Geography, University of Leeds
email: g.alexandri@leeds.ac.uk

INTRODUCTION

Barcelona is a city with international reputation. Beyond the well-planned strategies to attract tourism (Marsilla and Milano, 2018), urban regeneration projects and place marketing strategies (Martí and Miquel, 2012); in the aftermath of the 2007 global financial crisis real estate and finance capital placed the city at the interest of financier attraction (Garcia Lamarca.,2020; Lopez Gay et al, 2020). While housing property was grasped by international investors, inhabitants were pushed into tenancy agreements. The housing pressures that are provoked since today are driven by insatiably rising rents (Charnock et al, 2014). In the Spanish context, rising rents are related to the process of housing financialisation (Coq-Huelva, 2013; Palomera 2016; Alexandri and Janoschka, 2018; Vives, 2018a). This process pinpoints how financial logics have penetrated housing systems accentuating the economic superiority of exchange values

of homes as assets, by-stepping the use value of home as a shelter (Rolnik, 2012); influencing irreversibly agents such as governments and residents (Aalbers, 2017); and challenging the right to affordable housing alongside other democratic principles of urban governance (Janoschka and Mota, 2020).

In Spain, housing financialisation is rooted on the real estate crisis management. By mid 2010s the accumulated mortgage debt of construction companies, developers and households was eventually captured by transnational investors (Lopez and Rodriguez, 2011). This shift in property ownership was facilitated by strong state intervention experimenting on new forms of financial architecture (Vives, 2018a). Initially the defaulted bank sector was rescued with national and European funds, as the Fund for Orderly Bank Restructuring (FROB) that was established to manage bank merges and guarantee property stability, finally achieved financial instability. Then, a Memorandum of Understanding was signed with the European Union and the IMF imposing austerity in 2012. State intervention was also expressed with the establishment of Sareb, an Asset Management Fund (ie a bad bank) with main task to relieve banks' balance sheets by acquiring toxic assets and return them to the market. As property prices were plummeting at that time, with housing having lost almost 40% of its pre-crisis value, vulture funds and transnational investors following the mantra "buy cheap, sell high" (Wijburg et al, 2018) bought housing portfolios either directly from Sareb, from banks or acquired social housing stock from regional and local governments (Janoschka et al, 2020). The amendment of Juridical requirements of Real Estate Investment Trusts (REITs or Socimis in Spanish) in 2012 provided new stimuli in private rental housing operations as properties could remain in investors' portfolios for a period of three years and activities were corporate tax free. Interestingly enough, by the same period the Urban Rent Law (*Lay de Arrendamientos Urbanos-LAU*) changed so that the maximum period of tenancy offered was that of three years of lease. Investors, after acquiring the tax friendly REIT form or the form of Servicer, ie serving assets occurred from repossessions, developed strategies that finally elevate rents (Janoschka et al, 2020; Garcia-Lamarca 2020).

In social and spatial terms, housing financialisation relates to housing pressures expressed via the process of displacement. The change in property ownership was either translated into evictions for mortgaged homeowners in default or as rent increases for tenants. Until 2015 Spain was roughly counting 500.000 household evictions (Nassare-Aznar, 2020), besides displacement pressures from rent increases. As Kaika and Garcia-Lamarca (2017) explained the lived experience of debt and the stigma of eviction developed into a struggle of emancipation by housing campaigns such as the *Plataforma de Afectados por la Hipoteca* (Platform of the mortgage affected the PAH) amongst others, who prioritise the use value of home against dispossession by housing financialisation. Moreover, to safeguard tenants' rights against unreasonable rent in-



creases and displacement, since 2017 El Sindicato de Inquilinas (The Tenant's Union) has developed into a rightful negotiator between tenants and landlords to convey rent affordability. With vibrant action discourse, housing struggles in Barcelona call for re-housing of the evicted in social housing, squatting of inactive (foreclosed) assets owned by transnational investors and rent negotiations to prevent evictions, housing precarity and homelessness. As housing entered drastically in the political agenda (mainly from the Left), housing mobilisations facilitated the election of progressive coalitions at the local, and recently at the central level. In Barcelona, Ada Colau, a charismatic campaigner, symbol of housing struggles against financial business power, became in 2013 one of the seven Mayors of a municipal progressive shift; re-elected in 2019 to serve for housing rights.

While the literature on housing financialisation underlines how financial logics have entered housing by reversing regulations for the sake of rapid capital turnover, the limits and constrains to such power remain underexplored. This paper will embark from this point onwards to explore the business logics in housing financialisation in Barcelona and the challenges posed by social policies and housing campaigns. I aim to shed light on: (i) the importance of rent flows in maintaining the power of business in housing financialisation; and (ii) the market repercussion against consolidated housing claims, to finally explore whether housing business power can be challenged or even cracked. In addressing these questions, I look into the political economy of rent and the way profitability is produced, maintained and curtailed by housing policies and housing struggles. I suggest that the banality of neoliberal economic logics in Spanish housing has actually contributed to housing “disobedience” that has emerged as a rational reaction in safeguarding the right to housing; a kind of activism that is often negatively illustrated as immoral by market players, as it is prone to curtail profitability. Hence it becomes financially dangerous.

To address these questions this paper develops into five sections. The first section reflects on the way financial power in housing is performed, the role of the state and the economic challenges posed by instrumental powers. The following section scrutinises the market logics in Barcelona's housing structures and the role of rents. The third section discusses the essential need for governmental intervention, while the last sections reflect on the market reactions to housing policies and democratic acceleration for housing rights.

This research is based on qualitative methods. Policy analysis, research on financial journalism and corporate investors' chain mapping were enriched with twenty-five in depth interviews with real estate experts, journalists, notaries, housing academics, activists, investors and policy makers, as well as attendance of real estate fairs and in situ observation at the Tenant Union's weekly meetings in Barcelona from September to November 2019. While fieldwork was completed before the outbreak of COVID

-19 we will update the discussion as appropriate with findings related to this research.

THE BANALITY OF HOUSING BUSINESS POWER

Since 1999 Naomi Klein has suggested that businesses have developed into actual rulers of states and societies. By exercising territorial structural power, ie expanding economic and financial activities, and instrumental power, ie influencing governments, she appreciates business power as a consolidated front that jeopardises democracy, putting social (and environmental) justice at stake. Although there is strong evidence that business power is reconstructed alongside the normativism of each economic cycle, it is also employed through different means. Moving then from a rigid dichotomy that detains business power Vs state and society, Fuchs and Lederer (2007) suggest a discursive approach that considers the economic, social and political links to power as procedures of authority and legitimacy amongst actors.

When referring to housing financialisation, political economy theories of rent provide key insights on the way structural powers develop. According to Adam Smith rent is an unjust, unearned income attributed to the owner of land from the sole fact of ownership of a land title; while Marx defined rent as the sum of money the user pays the owner of land (Haila, 2016). The peculiarity of land is that its total supply is relatively fixed by nature and cannot be changed for higher or lower rents. To achieve higher rents, interest-bearing capital will promote investments and activities on land that conform to highest and best uses; while in seeking to maximize rents, allocations of capital to less productive land and uses will be forced (Harvey, 2018). Landowners will not offer free access to land, nor will they give up ownership without considerable compensation even for the most unproductive parcel (Swyngedouw 2012). Beyond expansion to less productive parcels of land, in search for higher yields, investors will express coercive powers by raising rents or creating new ground rents, allowing speculation to appear (Haila, 2016). As property titles are captured by few and monopoly powers expand (Christophers, 2018), an induced state of artificial scarcity appears; the more prices rise, the more incentive for hoarding to further monopolise and the more housing unaffordability push basic needs not to be met. It is interesting to note that according to Foucault (2007) monopolistic attitudes are inscribed to man's evil nature as the greed to earn and the egotistic desire to earn even more causes the phenomena of hoarding.

In understanding territorial expansion as chief characteristic of the capitalist market Aredth (2017) emphasised that although in times of economic stability it works as *prima facie* in the process of accumulation, in times of stagnation it becomes a merely a political decision. In times of crisis, inherent antagonisms between investors push towards a credit-based expansion and the market equilibrium is subverted (Harvey, 2018). This is due to the fact that fictitious values (prices) as produced in the credit system are di-



sentangled from actual ones. Moreover, when competition amongst business powers is not pushed by invisible hands, crisis is inevitable unless political powers and institutions “prevent competitors from using revolvers” (Arendth, 2017: 163). The more territorial expansion is facilitated by the state (Harvey, 2018), the more accumulation of land certifies also an accumulation of power that is prone to disregard ethics and established laws (Arendth, 2017). Hence, the limitless process of capital accumulation needs the political structure to protect property accumulation “based on a never ending accumulation of power” (Arendth, 2017: 185).

For this, the state cherishes a system of law based primarily on the right of individual property (Douzinas, 2007); ie patronaging the moral of the social relations of exchange under capitalism (Harvey, 2018), carrying out codified techniques of normalisation and control (Foucault, 2007). Moreover, law is a rule of conduct that if violated leads to the punishment of another, “delinquent” party. This perception is based on the system violence that presupposes a subject (the perpetrator), an act (the violent crime) and a victim (person, object or property) (Douzinas, 2007). Property law is crucial for the regulation of space as a means of accumulation, but also for market expansion. In detailing the rights of the owner the law poses territorial borders against a cognitive outsider who has no access or claims to property (Blomley, 2016); though only penalties as trespasser and duties as a tenant. Hence intrinsic to the formation of property law becomes the structural violence that stems from the exclusive logics of the market. While the landlord acquires a superior positionality by claiming honourable property rights, space gets differentiated, divided and re-produced through legal violence. In mediating the terms of inclusion, access to and exclusion from land, landownership confers the very power to shape the social economic and political life. Then the expansion of such power can be only supported by violence, as violence has been the *ultima ratio* in political action, a “destructive principle that will not stop until there is nothing to violate” (Arendth, 2017: 178).

States readjust policies and regulatory frameworks to attract investors and create friendly environments that lure investments. Competition for investments in a phase of rapid shifts towards flexible patterns of accumulation generate all kinds of ferments on how to best capture and stimulate development under particular local conditions (Harvey, 1989). Although the state may smoothen operations for desirable capital turnover, however, it should not be considered as a consolidated apparatus but rather as an arena of diverse and often conflicting fractions supporting (or not) interests of ruling and business elites (Poulantzas, 1979). The state is both controlled and controlling in its relation to capital circulation. Which force dominates depends upon circumstance (Harvey, 1982), as the nature of the state depends on the dynamics of capitalist reproduction, thus to ongoing socio-political struggles (Jessop, 1990).

This leads to consider that in housing, financial powers, also strongly depend on future income capacity of the labourer. Then a multitude of socio-political relations con-

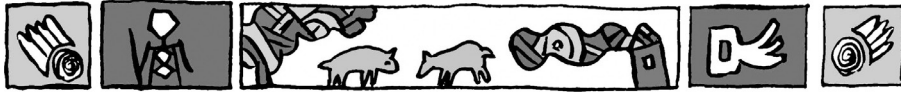
cern investors' reactions, such as the social impact and economic reverberations labour unions and grassroots can succeed (Bieling, 2007). Movements express how collective struggles dynamics can transform into instrumental powers, keen enough to challenge the status quo of the market, thus transform legal relations. When entering the terrain of politics, institutions and social media, the movements' representation power is acute to change dominant patterns and pose new ethics (Routledge, 2017). Such sources of political power akin to instrumental power can also challenge business power through building up an economic power that curtail financial profits and tender a policy change based upon new ethics of civil disobedience (Douzinas, 2007). Such social powers are also prone to influence state affairs, destabilize normative equilibriums and reshape the rationale of investors. For this we will now shift attention to the housing dynamics in Spain and more specifically in Barcelona.

BARCELONA'S HOUSING CRISIS AND THE EVER-EVOLVING HOUSING MARKET

From a homeownership society to the rise of corporate landlords

The Spanish model of growth was based on extensive construction of private homes (also as political orientation during the Franco regime) (Lopes and Rodriguez, 2011; Vives and Guittierez 2017; Vives, 2018b) and the promotion of homeownership. Social housing (VPO- *Vivienda de protección oficial*) eventually engaged with buying options; and VPO for rent currently counting around 1% of the housing stock (Janoschka, 2016; Nassare, 2020). However, with the outbreak of the financial crisis, many mortgage households were no longer able to service their debts; their mortgages got securitised and sold to international investors (*ibid*). Within a decade (2008-2018) tenancy rates have increased by 4% (from 20 to 24%) challenging traditionally celebrated high homeownership rates (reaching 80% in 2008) (INE, 2019).

The shift to tenancy is due to the tightening of mortgage financing criteria and to labour precarisation. Labour precarisation takes the form of fixed term or temporal contracts, intense labour mobility and high temporal employment rates (56.3% in 2018), low salary levels (€950 minimum wage) and high youth unemployment rates (35.8%) (INE, 2019). This inclines towards a lack of saving capacity. And as lending criteria are tightened due to restrictive criteria followed by banks to compensate for the failures of the financial crisis, mortgage down payment for households become unfeasible, and access to homeownership transforms into an elusion. However, as the wish to move out of the family nest remains strong, private renting emerges as chief option. Amongst precarious employees, flat sharing or co-living appear as favourable alternatives. Moreover, the elderly, besides low tenancy rates of 7%, are also considered as new niche for private



rental market; since pension cuts downgrade living standards, the sale of the home to an investor may generate the necessary cash daily expenses while the elderly transform into tenants until death takes them apart from home. Hence austerity and the rise of private rental housing go hand in hand. While 95% of rental properties is owned by small private landlords, 5% is by now managed by financial or institutional transnational investors active in Spain since 2012; i.e. since the transfer of property ownership to international funds was allowed.

Transnational investors seek to maximise yield and distribute property earnings to shareholders around the world (Haila, 2016). Listed investors in the Spanish Stock Exchange own 42.000 apartments Spain, and non-listed around 100.000 (Savills, 2019). Most of the REITs in Spain have joined the Stock Exchange the last couple of years to enjoy corporate tax exception and ascribe to international interests as major shareholders are US or Israeli funds (see table 1 and 2). From the 99 listed REITs; 16 are active in Barcelona's rental housing. While most are active in long-term leases, some engage in niche markets of elderly, student or medium-term rentals for professionals.

Most prominent investors (Blackstone via REITs and servicers controlling 30,000 homes; Lazora 6,000 homes; Vivenio 3,200 homes; and Casa Cibeles 3000 homes) are mainly interested in the urban areas of Madrid and Barcelona, ie where housing demand is high. As job opportunities, mainly in services and tourist sector, are concentrated in these two cities, people are attracted from the rest of the country.

Because housing is a necessity, especially in a city like Barcelona [...] people need a place to live [...] Housing then is a very secure and easy investment.

[interview 4/11/2019]

In 2012, when transnational investors invested in Spain, house prices were historically low. Acquiring foreclosed assets from banks allowed them to capture ownership in the periphery of Barcelona, as it was there that predatory clauses promised mortgaged ownership to lower income families (see Gutiérrez and Domenech (2017) and Garcia-Lamarca (2020)). As housing fulfils the elementary necessity of a shelter for reproduction, housing demand is infinite and this makes housing a secure investment. This demand also acts as an indicator of profitability. In the city centre, increasing investment interest by tourism and Airbnb activities (Mansilla y Milano, 2018; Morell, 2018; Lopez Gay et al, 2020; Cocola-Gant and Lopez-Gay 2020), have attracted less prominent REITs that invest mainly in building renovations for medium term rentals.

Making business out of rents

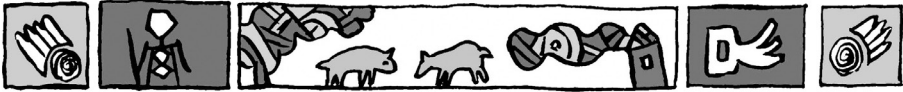
When assets are placed in private renting housing, a monthly business plan, as set by managerial committees and monitored by committees in London or New York, has to be

served demonstrating specific targets of profitability. According to interviews, first assets need to be demarcated between those with potential or not. If the condition of the asset is good enough to generate rents through private rental, then the asset is maintained and reformed. If the asset is acquired without tenants or squatters, then renovation of “only some thousands” (interview with investor 30/10/2019) allows assets to return to the market, in augmented rents. If the condition of the asset is detrimental, or in alienated location, then the asset is sold.

This market intelligence, claimed in interviews with REIT agents, for improving asset efficiency is related to a normalisation of a practice that focuses on rent extraction. Normalisation consists in posing an optimal model that is constructed in terms of a certain operation of disciplinary norms in trying to get people to conform to it (Foucault, 2007). In extracting higher rents from space and creating housing scarcity, transnational actors suggest that rent increase is a normal practice of economic management, normalising the act of speculation. Residents need to obey as rent increases adhere to natural market evolution. From a neoclassical perspective, speculation is useful for reducing swings in market equilibrium, but as this equilibrium is fiction (Arendt, 2017), what it does is to inflate prices (Haila, 2016). Hence augmenting profitability as a practice of market intelligence has two dynamic components: speculation and continuous dispossession. Speculation relies on the margin of potentiality which exists between a present low price and the future price, what Neil Smith (1996) would discuss as the rent gap. But since the rent gap is constructed socially and spatially, so does the potentiality of the market. And the higher house prices are driven by the logics of financialisation, the greater the margin to extract further values from higher rents (Alexandri and Janoschka, 2020). In Barcelona, schematically speaking, the motor of rent extraction in the city centre is run by speculation produced by the tourist industry and in the periphery by the housing financialisation logics of transnational landlords. These tendencies are orchestrating a race between private landlords and transnational ones over who will manage to bid higher rents from tenants.

Moreover, profitability needs to be dynamically maintained beyond rent extraction, through the use of new technologies that bypass intermediaries (such as local realtors) and lower production costs. The digitalisation of the economy, as also accelerated by the Pandemic, supports greater velocities and captures data in real estate transactions that effectively boost profitability. New technologies enable investors to develop a consolidated approach in rent extraction and methods of conveying income flows to capital markets. Digital platforms standardize the operation of portfolios so as to secure the flow of rental income (Fields, 2019). Moreover, digital data extraction fortifies the power position of investors in the housing market, as access to prime information allows the development of leadership patterns that manoeuvre market psychology and relevant (ir)rationalities.

The Covid-19 pandemic has favoured real estate. In chief real estate Venues, such as the influential SIMA organised every year in Madrid to bring together real estate agents,



investors, and policy makers, the pandemic was recognised as opportunity to redesign buildings and promoting options that allow distancing, home-office, gyms and outdoor spaces. It is interesting to note that housing real estate was fortified from the pandemic. On the one hand it enthused towards the potential of new market expansion through impairments facilitated by architectural design renovations. On the other hand, state intervention, as exercised from March 2020, procured as emergency schemes income benefits for employees whose work was interrupted due to lockdowns. Moreover, housing support was also expressed with rent moratoriums and prevention of evictions from rent defaults for a year for the vulnerable. The measures were welcomed by financial investors, as the income benefits to the locked-down population lured away any risk of rent default and maintained flows of rent throughout the pandemic, certifying the revenues for their financial activities.

Rents in Barcelona

In June 2019 private housing rental prices hit all-time records with rents in Barcelona on average of €14 per sqm/month (see table 3), while gross yields, ie the turnover from investing in rental housing, reached 19% (Bank of Spain). Tables 3 and 4 show rent increases in the metropolitan area of Barcelona. Table 3 is based on contractual data collected by the local government, while table 4 is based on real estate data of rent levels as requested by landlords, mirroring the speculative tendency of the market. Data from both tables coordinate to sharp rent increases since 2015.

Table 3: Rent levels in Barcelona as settled in tenancy contracts

Year	Average Monthly Rent	Euros per sq.m.
2013	681.56	10,29
2014	688.23	10,16
2015	734.94	11,09
2016	801.28	12,22
2017	877.28	13,36
2018	929.57	13,4
2019	978.81	13,98
2020	n/a	14,01

Source: Incasol: <https://ajuntament.barcelona.cat/barcelonaeconomia/ca/mercat-immobiliari/mercat-de-lloguer/evolucio-del-mercat-de-lloguer>

Table 4: Rent levels in Barcelona as requested by landlords

Metropolitan Area of Barcelona	Rent in Euros per sq.m.	Annual Variation
2013	9,6	-6.6%
2014	9.1	-4.7%
2015	10.2	+11.4
2016	11.2	+10.2%
2017	13,7	+21.8%
2018	14,8	+8%
2019	14,7	-0.7%
2020	15,1	+3.1%

Source: Idealista <https://www.idealista.com/sala-de-prensa/informes-precio-vivienda/alquiler/cataluna/barcelona-provincia/historico/>

For the majority of the interviewees (policy makers, investors and realtors) high rents are due to restricted supply due to the physical geography of the city surrounded by mountains, rivers and constrained by its coastline; and rising domestic and international demand. This rationale seems to admit the power of the market's invisible hand that equilibrates where supply meets demand. However, rents adjust to the level of speculation provoked by professionals far beyond supply and demand restrictions. As Haila (2016: 151) explains landowners may demand prices that differ substantially from tenants' capacities. Landlords' behaviour "*can be affected by subjective motives, they can make decisions by feel or stomach, follow a herd instinct, share common beliefs or believe that prices can only go up*".

Tourist pressures in the city centre in combination with transnational landlords' intelligence in the periphery have developed into an explosive rental cocktail. The constructed fictitious euphoria of rapid capital turnover persuades landlords to ask for exorbitant rent increases. The many affected tenants tendering for support at the Tenants' Union weekly meetings, repeatedly reported rent increases up to €500 or more once leases expired (fieldwork memos). Small investors tend to follow leading businessmen, as they are suspicious that information is hidden and decisions are taken inside closed doors (Haila, 2016). If then institutional investors request a modest rent increase, their market influence is strong enough to produce a relevant market psychology and induce private landlords into higher rent claims. And as Haila (2016) argues, such irrationality is inflating prices until a loss of confidence in the market or governmental intervention.



From pro-market housing policies to housing struggles and progressive policies

In relation to housing policies, interviewed market agents stress the economic damage of the political tolerance of housing squats in Barcelona, underpinning that housing policies are part of a “*post-soviet*” dream (interview with bank officer 1/7/2020) pursued by a “*communist*” municipality (interview with realtor 24/11/2020). Although neither squatters nor the municipality expropriate nor claim the ownership of assets, their instrumental power curtails profitability and challenges market norms.

For more than a decade housing movements’ instrumental power is developing into representational forms. Arising with the 15M movement of the indignant in 2011, consolidating since 2012 with the PAH movement as negotiator with banks against repossessions and evictions, and extending by 2017 with the Tenants’ Union as formal discussant in rent negotiations, housing as a human right has been claimed persistently. The more bureau fax letters about rent increases or evictions are sent, the more the rise of awareness in social media and the public scene. Neighbourhood assemblies and other local initiatives share vibrant posts in social media against financial greed often accompanied by photos of activists confronting the police on defence of households threatened by eviction from (transnational) landlords. And as exclusion from private rental housing becomes a fact, housing squats becomes a rational practice of disobedience that contradicts market irrationality.

Since 2007 housing policies in Catalunya are enacted to meet housing emergencies, intersecting with financial, planning, monetary and fiscal policies approved by central state. Hence by great extent the success of housing policies depends on political relations to the national government. Until the recent change to the central left government coalition of the socialist (PSOE) and the left (PODEMOS), laws related to housing proactively supported the market. Beyond fiscal incentives offered to REITs; the Urban Rent Law (LAU) allowed every three years the leveraging of tenants and facilitated unjustifiable rent increases. In 2019 the new government amended the LAU to cap annual rent hikes at the rate of inflation and extended leases to 7 years; also prohibiting tenant evictions for landlords holding more than 10 rental homes. Additionally, in March 2020 amid COVID emergency, the central government provisioned extensive income support and rent moratoriums to prevent evictions from rent defaults.

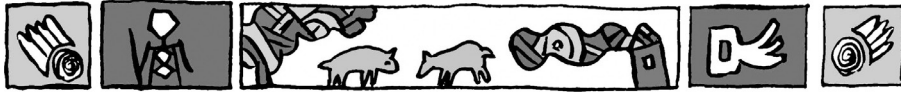
At the regional level, the specific political geography of the Catalan independency, accentuated the need to differentiate symbolically to the central government of Madrid, by developing a progressive framework for housing emergencies. Already by 2007, foreseeing the social challenges posed by speculative house price increases that led to the financial meltdown, passed Law 18/2007 on the Right to Housing (*Derecho a la Vivienda*) provisioning access to affordable housing for households excluded from private housing market. Based on this framework in 2015, the PAH, after gathering 1.5

million signatures and following the relevant legal procedures, presented at the national parliament a legal framework for halting evictions and procuring energy poverty. Although the law was revoked by the Central Tribunal Court of Madrid on the grounds of territorial inequality, the Catalan government adopted it partially.

At the local level, the election of Ada Colau as mayor symbolised a shift to housing democracy where housing decisions are mediated amongst involved partners and pro-market state policies are attenuated in favour of social policies tendering for vulnerable and dispossessed middle-class households. In terms of housing the city of Barcelona focused on promoting policies that produce space for social housing units mainly attributed from rent, also pushing for affordable housing. The measures adapted may be summarised in:

- New developments dedicating 30% of units as affordable, social housing.
- Right of first refusal for the Municipality to bid in real estate transactions on a preferential basis
- Rent allowance for vulnerable households
- Rent guarantees for private landlords to rent inactive assets to vulnerable households
- New social housing construction
- Rehabilitation of derelict buildings while securing tenant maintenance
- Moratorium on new hotel and Airbnb leases (BEAT)
- Further support of housing cooperatives with 75 years of lease
- Mediating in evictions enacted by financial actors to guarantee housing solution for the evicted
- Supporting families under eviction and squatters to access social services and social housing

Beyond the extensive measures adopted, Barcelona still experiences high eviction numbers (3000 per year according to Burón, 2019). However, the significant success inscribed relies on the dense networking with housing movements. Open channels of communication with agents such as the PAH, the Tenants' Union, the Association against the Touristification of the city, the Housing Observatory and the Federation of Neighbourhood Associations better address pending issues, scrutinise sources of evictions and filter criticisms into planning actions. Moreover, grassroots' pressure to pro-market parties of the opposition becomes more effective due to the ample flow of information from progressive allies from within the government. This is especially crystallised in the latest rent freeze Law promulgated by the Regional Government in Catalonia in September 2020 to contain rental increases in new leases. According to this law, crafted with consultancy by Tenant's Union, rents cannot increase with respect to the previous contract nor exceed



the price index indications published by the Regional Government. Nonetheless, as these measures challenge profitability, they are not quite welcome by the world of business.

Democratic acceleration for housing justice

We are fighting to win the right to negotiate in the housing market.

[Interview with activist, 8/11/2019]

What seems to have cracked the business world in Barcelona is the public exposure of rent speculation, the social outcry and the housing struggles' influence on local, regional and national politics. Instead of conforming to market normalisations and to act on the will of real estate, civil disobedience appears as a rational reaction to an insatiable housing market. Civil disobedience becomes the externalization of a political faith in the principles of justice and democracy; as a high moral and political act prone to change laws and constitutions (Douzinas, 2007). In Barcelona, the legal framework that supports international investors and housing financialisation is considered as unjust, unethical and immoral, losing any kind of legitimisation. When the ethics of policy clearly oppose to the scope of democracy then the right to disobedience arises as the battle for housing rights. It is this the moment when existing legal framework lose their legitimacy and reality constructs its own normality (Douzinas, 2007).

Tendering negotiations with funds and greedy landlords, eluding evictions and mediating rents on affordable basis become means for claiming access to reasonable rent and access to affordable housing. For the vulnerable and the dispossessed, housing movements have challenged the dominant discourse of proprietors, changed the norms of property ownership; constructed and offered the new ethics on housing rights. Housing then has nothing to do with metrics, yields and exchange values. Housing is about satisfying basic needs, alongside tranquility and serene reproduction. Housing becomes the ultimate shelter of survivor in a capitalist market jungle, where the winner appears to be taking it all. As long as housing scarcity is created by means of real estate speculation, then disobedience is only rational. This is symbolically crystallized in the ultimate act of squatting to circumvent homelessness. Beyond resolving the stealth of an essential necessity, squatting declares a conscious political praxis of resistance to capitalist logics. Symbolically squatting becomes the means for damaging profitability, cutting down yields to powerful investors as well as defying market's norms. Moreover, rent strikes and housing activism become means for accelerating the movements' structural power, heightening negotitative capacities most importantly inspiring just legal frameworks for affordable housing for all. As long as there is market irrationality, housing campaigns prove in practice that business power in housing financialisation can be negotiated, challenged, and cracked.

CONCLUSIONS

The local specificity in Barcelona has driven housing to the margins. By 2011 defaults and financial restructuring allowed the capturing of housing debt by transnational landlords. Mortgages, as guaranteed future promises of repayment, transform the owner of debt into the owner of the asset. The accumulation of defaulted assets in conditions of financial restructuring has a strong speculative element as debt is acquired in plummeting prices while the value of the land remains equal. Hence the potentiality in profits from emerging rent gaps and economic activity in real estate market becomes attractive. Moreover, the accumulation of property simultaneously translates into accumulation of territorial power with significant political, economic and social dimensions of coercion and control. This is especially restored in the case of Barcelona where transnational investors expand their strategy from capturing debt into capturing rents. Moreover, as high exchange values generated by economic activities that push for further speculation in real estate, investors and private landlords enter a race over who will manage to milk assets better and faster out. The norms that support such speculation are rooted in the violence of the property law of property that relies on economic violence of ground rent maximisation and expansion of monopoly control.

The logics of the real estate market then become insatiable as competition amongst investors and landlords for rent increases disregard the lived experience of unhoming for the rent-affected. As unsettling the relation to the home has brought hundreds of families at the verge of homelessness, the societal morale has shifted to better understand the need for homing than the need for profits. Disobedience to housing rules becomes the ultimate means for proving the inherent injustice of the market. The power of housing disobedience is changing societal ethics, culminating into representative forms that push policies for housing dignity. Popular power then is keen to disregard laws, change policies and governments with quite unpredictable manners for the status quo. This seems to terrorise financial powers, as housing struggles are keen to influence the social base and the government apparatus. By transforming legal relations housing grassroots are positioning themselves as legitimised partners in law making, pushing for housing inclusiveness and affordability. Then the power of business and the logics of the market are not consolidated and power relations are not static but an arena of liquid and contested processes.

ACKNOWLEDGMENTS

This research received funding from the European Commission Horizon 2020 Framework Programme, H2020, Excellent Science, H2020 Marie Skłodowska-Curie Actions (grant agreement number 795611).



REFERENCES

- Aalbers, M.B. (2017). The variegated financialization of housing. *International Journal of Urban and Regional Research*, 41(4), 542-554.
- Alexandri, G. and Janoschka, M. (2020). 'Post-pandemic' transnational gentrifications: A critical outlook. *Urban Studies*, 57(15), 3202-3214.
- Alexandri, G. and Janoschka, M. (2018). Who loses and who wins in a housing crisis? Lessons from Spain and Greece for a nuanced understanding of dispossession. *Housing Policy Debate*, 28(1), 117-134.
- Arendt, H. (2017). *The Origins of Totalitarianism*. London: Penguin Random House.
- Bank of Spain (2019). *Housing market Index*. Available at: <https://www.bde.es/webbde/es/estadis/infoest/htmls/s15-nm.pdf>
- Bernt M, Colini L, Förste D. (2017) Privatization, financialization and state restructuring in eastern Germany: the case of Am Südpark. *International Journal of Urban and Regional Research*. 41.(4), 555-71.
- Bieling, H.J. (2007). The other side of the coin: Conceptualizing the relationship between business and the State in the Age of globalisation. *Business and Politics*, 9(3), 1-20.
- Blomley, N. (2016). The territory of property. *Progress in Human Geography*, 40(5), 593-609.
- Blomley, N. (2008). Enclosure, common right and the property of the poor. *Social and Legal Studies*, 17(3), 311-331.
- Burón, J. (2019) *Barcelona Housing Policies. Trapped between the welfare state tardiness and globalisation externalities*. Presentation to Vienna City Council. November 2019
- Charnock, G., Purcell, T. and Ribera-Fumaz, R. (2014). *The limits to capital in Spain. Crisis and Revolt in the European South*. Basingstoke.
- Cocola-Gant, A. and Lopez-Gay, A. (2020). Transnational gentrification, tourism and the formation of 'foreign only' enclaves in Barcelona. *Urban Studies*, doi: 0042098020916111.
- CoqHuelva, D. (2013). Urbanisation and financialisation in the context of a rescaling state: The case of Spain. *Antipode*, 45(5), 1213-1231.
- Christophers, B. (2018). *The new enclosure: The appropriation of public land in neo-liberal Britain*. London: Verso Trade.
- Douzinas, C. (2007). *Human rights and empire: the political philosophy of cosmopolitanism*. London: Routledge.
- Fernandez, R. and Aalbers, M.B. (2016). Financialization and housing: Between globalization and varieties of capitalism. *Competition & Change*, 20(2), 71-88.
- Fields, D. (2019). Automated landlord: Digital technologies and post-crisis fi-

- nancial accumulation. *Environment and Planning A: Economy and Space*, p.0308518X19846514.
- Fields, D. (2018). Constructing a new asset class: Property-led financial accumulation after the crisis. *Economic Geography*, 94(2), 118-140.
- Foucault, M. (2007). *Security, Territory, Population, Lectures at the College de France 1977-1978*. New York: Picador.
- Fuchs, D. and Lederer, M.M. (2007). The power of business. *Business and Politics*, 9(3), 1-17.
- García-Lamarca, M. (2020). Real estate crisis resolution regimes and residential RE-ITs: emerging socio-spatial impacts in Barcelona. *Housing Studies*, pp.1-20.
- García Lamarca, M. and Kaika, M. (2016). ‘Mortgaged lives’: the biopolitics of debt and housing financialisation. *Transactions of the Institute of British Geographers*, 41(3), 313-327.
- Gutiérrez, A. and Domènech, A. (2017). The Spanish mortgage crisis: Evidence of the concentration of foreclosures in the most deprived neighbourhoods. *Die Erde—Journal of the Geographical Society of Berlin*, 148(1), 39-57.
- Harvey, D. (2018). *The limits to capital*. London: Verso books.
- Haila, A. (2016). *Urban Land Rent: Singapore as a Property State*, Malden, Oxford and West Sussex: Wiley Blackwell.
- Idealista 19/10/2019. *El Sindicato de Inquilinos de Barcelona orquesta la cacería contra una propietaria particular*. Available at <https://www.idealista.com/news/inmobiliario/vivienda/2019/10/24/778104-el-sindicato-de-inquilinos-de-barcelona-orquesta-la-caceria-contra-un-propietario> [retrieved on 22/10/2019]
- Instituto Nacional de Estadísticas (INE)(2019). *National Index of rented housing*. Available at: <https://www.ine.es/jaxiT3/Tabla.htm?t=2643>
- Instituto Nacional de Estadísticas (INE) (2019). *Index on activity, employment and unemployment*. Available at: https://www.ine.es/dyngs/INEbase/es/categoria.htm?c=Estadistica_P&cid=1254735976595
- Janoschka, M., and Mota, F. (2020). New municipalism in action or urban neo-liberalisation reloaded? An analysis of governance change, stability and path dependence in Madrid (2015–2019). *Urban Studies*, DOI: <https://doi.org/10.1177/0042098020925345>.
- Janoschka, M., Alexandri, G., Ramos, H.O. and Vives-Miró, S. (2020). Tracing the socio-spatial logics of transnational landlords’ real estate investment: Blackstone in Madrid. *European Urban and Regional Studies*, 27(2), 125-141.
- Janoschka, M. (2015). Politics, citizenship and disobedience in the city of crisis: a critical analysis of contemporary housing struggles in Madrid. *DIE ERDE—Journal of the Geographical Society of Berlin*, 146(2-3), 100-112.
- Jessop, B. (1990). *State Theory: Putting the Capitalist State in its Place*. Cambridge:



Polity Press

- Klein, N. (1999). *No logo*. Canada: Knopf Canada.
- Lopez Gay, A., Cocola Gant, A. and Paolo Russo, A. (2020). Urban tourism and population change: gentrification in the age of mobilities, *Population, Place and Space*, DOI: 10.1002/psp.2380
- López, I., and Rodríguez, E. (2011). The Spanish model. *New Left Review*, 69(3), 5-29.
- Martí-Costa, M. and Miquel, M.P.I., (2012). The knowledge city against urban creativity? Artists' workshops and urban regeneration in Barcelona. *European Urban and Regional Studies*, 19(1), 92-108.
- Marsilla, J. and Milano, C. (2018). Introducción a la ciudad de vacaciones. Apuntes sobre el turismo y malestar social en Barcelona, in Mansilla J. and Milano, C (eds) *Ciudad de vacaciones, conflictos urbanos en espacios turísticos*, Barcelona: POL-LEN, 19-79.
- Morell, M. (2018) Urban tourism via dispossession of the oevres; Labour as a common denominator. *Focaal Journal of Historical and Social Anthropology*, 82, 35-48.
- Nasarre-Aznar, S. (2020). *Los años de la crisis de la Vivienda. De las hipotecas subprime a la Vivienda colaborativa*. Valencia: Tirant lo Blanch.
- Palomera, J. (2014). How did finance capital infiltrate the world of the urban poor? Homeownership and social fragmentation in a Spanish neighbourhood. *International Journal of Urban and Regional Research*, 38(1), 218-235.
- Poulantzas, N. (1978). *State, Power, Socialism*. London: New Left Books
- Routledge, P. (2017). *Space invaders: Radical geographies of protest*. London: Pluto Press.
- Rolnik, R. (2013) Late neoliberalism: the financialization of homeownership and housing right, *International Journal of Urban and Regional Research* 37.3, 1058–66.
- Savills (2019) *Rental Housing Report, Research Spain*. Available at: <https://pdf.euro.savills.co.uk/global-research/spain-residential-report-2019.pdf>, retrieved on 20/3/2020
- Smith, N. (1996). *The new urban frontier: Gentrification and the revanchist city*. New York: Psychology Press
- Soederberg, S. (2018). The rental housing question: Exploitation, eviction and erasures, *Geoforum*, 89, 114-123.
- Soederberg, S. (2014). *Debtfare states and the poverty industry: Money, discipline and the surplus population*. London and New York: Routledge
- Swyngedouw, E. (2012). Rent and landed property. In: *The Elgar companion to Marxist economics*: Edward Elgar Publishing.
- Vives-Miró, S. (2018a). New rent seeking strategies in housing in Spain after the bubble burst, *European Planning Studies*, 26(10), 1920-1938.
- Vives-Miró, S. (2018b). *Understanding geographies of home dispossession through*

the crisis: evictions Palma: Icaria.

Vives-Miró, S. and Gutiérrez, A. (2017). Extracting rents through foreclosures: The rescue of Catalunya Banc as a new urban strategy following the burst of the Spanish bubble *Miscellanea Geographica*, 21(4), 151-159.

Wijburg, G., Aalbers, M.B. and Heeg, S. (2018). The financialisation of rental housing 2.0: Releasing housing into the privatised mainstream of capital accumulation, *Antipode*, 50 (4),1098-1119.

Αστικά πάρκα ως κοινά και κοινωνικο-χωρικές ανισότητες εντός του αστικού πρασίνου εν καιρώ πανδημίας

Ιωάννης Σωτηρίου

Υποψήφιος Διδάκτορας

Πανεπιστημίου Αιγαίου Τμήμα Γεωγραφίας

email: giannisotiriou15@gmail.com

ΕΙΣΑΓΩΓΗ

Η εποχή που διανύουμε χαρακτηρίζεται από ένα πλέγμα κοινωνικών – πολιτικών – πολιτιστικών και οικονομικών σχέσεων μέσα από τις οποίες επικρατεί η κυρίαρχη θεώρηση που υποστηρίζει ότι ο ατομικισμός και η αποξένωση συνιστούν μία αναπόφευκτη «κανονικότητα». Προκύπτει αποδυνάμωση των κοινωνικών σχέσεων, ελάττωση των τυχαίων συναντήσεων και υπονόμηση της συμμετοχής στα κοινά και στον δημόσιο χώρο. Όπως υποστηρίζει η Αθανασίου (2015), ο σύγχρονος χαρακτήρας του δημόσιου χώρου περιορίζεται λόγω της εξυπηρέτησης ιδιωτικών δραστηριοτήτων σε συνδυασμό με τον ψηφιακό χώρο, που περιθωριοποιεί τη φύση, και έτσι χάνεται όλο και πιο πολύ το στοιχείο του δημόσιου από αυτόν. Συχνή είναι η αναζήτηση νέων κατευθύνσεων σχεδιασμού, ώστε να αποθαρρύνουν ή να απαγορεύουν τους «ανεπιθύμητους» χρήστες των δημόσιων χώρων και ιδιαίτερα των αστικών πάρκων. Τέτοιοι χρήστες μπορεί να είναι άστεγοι, χρήστες ναρκωτικών ουσιών, διαμαρτυρόμενοι και

διαδηλωτές, που υπονομεύουν με την φυσική τους παρουσία την ασφάλεια και την ελκυστικότητα του χώρου. Χάνεται με αυτόν τον τρόπο η ελευθερία στην πρόσβαση και την συνύπαρξη και έτσι το δικαίωμα στην πόλη περιορίζεται μόνο σε αυτούς που δεν είναι «ανεπιθύμητοι», αναγνωρίζοντας κυρίως το δικαίωμα στην αναψυχή και την κατανάλωση (Αθανασίου 2015).

Τα φαινόμενα του ατομικισμού, της αποξένωσης και της απουσίας συμμετοχής στα κοινά παρατηρούνται σε μεγάλο βαθμό σε σχέση με τη χρήση των δημόσιων πάρκων πρασίνου στις πόλεις και ενισχύονται από συγκεκριμένες πολιτικές επιλογές. Αναλυτικότερα, μέσα από την ερευνητική και βιβλιογραφική μελέτη που πραγματοποιήσα διαπίστωσα ότι στα πλαίσια ενός βιοπολιτικού καπιταλιστικού σχεδιασμού, εφαρμόζονται πολιτικές εμπορευματοποίησης, περίφραξης, ιδιωτικοποίησης και έντονης επιτήρησης εντός των δημόσιων πάρκων. Πολιτικές, που εμποδίζουν την ένταξη του δημόσιου χώρου πρασίνου στην καθημερινότητα των κατοίκων και την ενεργή συμμετοχή τους στις αποφάσεις που αφορούν τις πράσινες προεκτάσεις της γειτονιάς τους. Με αυτό τον τρόπο στερείται ένα μέρος της κοινωνίας η δυνατότητα να συντηρεί μία συνεχόμενη επαφή με την φύση. Και μάλιστα σε μια χρονική περίοδο όπου οι πράσινοι ελεύθεροι χώροι σε μεγάλο αριθμό πόλεων είναι περιορισμένοι και ελάχιστοι.

Στις σύγχρονες μητροπόλεις παρουσιάζονται όλο και πιο έντονες κοινωνικο-χωρικές διαφοροποιήσεις - ανισότητες εντός των πόλεων και εντείνονται οι κοινωνικο-χωρικοί διαχωρισμοί. Ειδικότερα, έχουν διαμορφωθεί εκτενείς πλέον αστικές περιοχές που κατοικούνται από χαμηλόμισθα άτομα, οικογένειες με χαμηλά εισοδήματα, μετανάστες, ανέργους και άλλες ευάλωτες κοινωνικές ομάδες που αντιμετωπίζουν αποκλεισμό από τη φύση και επίταση της έκθεσης σε ανθυγιεινές και μολυσματικές συνθήκες διαβίωσης. Συνδυαστικά με τον προβληματικό σχεδιασμό των πόλεων και την έλλειψη αστικού πρασίνου, δημιουργείται ιδανικό “έδαφος” διάδοσης πανδημιών. Μία τέτοια περίπτωση αποτελεί και η ασθένεια COVID-19, γνωστή και ως οξεία αναπνευστική νόσος 2019-nCoV, που προκαλείται από τον κορονοϊό SARS-CoV-2. Η νέα αυτή πανδημία εισέβαλε για τα καλά στις κοινωνίες ανά τον κόσμο, καθώς οι ζωές όλων επηρεάστηκαν είτε λόγω των προβλημάτων υγείας και θανάτων που προκλήθηκαν, είτε λόγω των σκληρών και πρωτοεμφανιζόμενων μέτρων αντιμετώπισής της.

Διανύοντας την πρωτόγνωρη αυτή περίοδο για την ανθρωπότητα, καθοριστικός ήταν ο ρόλος των δημόσιων πάρκων πρασίνου στον τρόπο με τον οποίο οι πολίτες προσαρμόστηκαν στα μέτρα περιορισμού της πανδημίας. Το γεγονός αυτό οφείλεται στα τεράστια οφέλη του πρασίνου στην υγεία και την ψυχολογία των κατοίκων. Όπως υποστηρίζουν και οι Venter et al. (2020), ο προσβάσιμος μεγάλος ανοιχτός πράσινος χώρος σε συνδυασμό με την τήρηση της κοινωνικής απόστασης στον πληθυσμό μετριάξει τις αρνητικές επιπτώσεις στην υγεία και τους περιορισμούς σωματικής κινητικότητας, μειώνοντας παράλληλα τον κίνδυνο μετάδοσης ασθενειών. Επιπλέον, διευκολύνεται η τήρηση της απόστασης που είναι σύμφωνη με τις οδηγίες για κοινω-



νικές αποστάσεις, ακόμη και για αυτο-απομόνωση. Οι Cole κ.α. (2020) αναφέρουν ότι οι λιγότερο προνομιούχοι κάτοικοι χαμηλού εισοδήματος διατρέχουν μεγαλύτερο κίνδυνο μόλυνσης, καθώς ζουν σε πολυσύχναστες περιοχές με ανεπαρκείς υποδομές, χωρίς καμία πρόσβαση σε χώρους πρασίνου και με περιορισμένη πρόσβαση στην υγειονομική περίθαλψη.

Σε μια τέτοια κατεύθυνση βρίσκονται και τα πρώτα αποτελέσματα από την ερευνητική εργασία που πραγματοποιήσα στην περιοχή της Αθήνας, μέρος της οποίας θα παρουσιαστεί και στο παρόν κείμενο. Η μελέτη αφορά το αστικό πάρκο «Λόφος Φιλοπάππου» το οποίο αποτελεί ένα από τα σημαντικότερα πάρκα της πόλης, καθώς είναι από τους μεγαλύτερους πράσινους χώρους σε έκταση στην περιοχή του κέντρου και περιέχει μερικά από τα σημαντικότερα αρχαία μνημεία. Στα πλαίσια αυτής της μελέτης, έγινε διερεύνηση των στάσεων και δράσεων των επισκεπτών και των ομάδων και κοινωνικών κινημάτων που δραστηριοποιούνται στον χώρο του δημόσιου πάρκου πρασίνου και επίσης διερευνήθηκε η συμμετοχή στα κοινά σε αυτό. Συνδυαστικά με την υπάρχουσα βιβλιογραφία, την ανάλυση των ευρημάτων και παρατηρώντας τα ζητήματα με τα οποία ήρθαν αντιμέτωπα τα κοινωνικά κινήματα και οι συλλογικότητες και σε άλλες περιπτώσεις πάρκων, έγιναν αντιληπτές μία σειρά πολιτικών που αφορούν τα πάρκα πρασίνου στις πόλεις πριν και κατά την διάρκεια της πανδημίας.

ΚΟΙΝΩΝΙΚΟ-ΧΩΡΙΚΕΣ ΑΝΙΣΟΤΗΤΕΣ ΚΑΙ ΔΙΚΑΙΟΣΥΝΗ ΣΤΗΝ ΧΡΗΣΗ ΑΣΤΙΚΩΝ ΠΑΡΚΩΝ

Οι πόλεις στον Παγκόσμιο Βορρά υιοθετούν ολοένα και περισσότερες πράσινες παρεμβάσεις που αποσκοπούν στην ενίσχυση της ικανότητάς τους να προσαρμόζονται στις κλιματικές και περιβαλλοντικές συνθήκες. Τέτοια σχέδια και παρεμβάσεις σηματοδοτούν την εμφάνιση ενός νέου τύπου κλιματικού σχεδιασμού: την ανθεκτικότητα στο πράσινο. Όπως υποστηρίζουν οι Anguelovski et al. (2019), στις σημερινές πόλεις οι κοινότητες χαμηλού εισοδήματος και μεταναστών αντιμετωπίζουν καλά τεκμηριωμένες μορφές αδικίας λόγω πολιτικών για το κλίμα. Συνήθως, αυτοί οι πληθυσμοί έχουν συμβάλει λιγότερο στην κλιματική αλλαγή, είχαν τη λιγότερη πρόσβαση σε περιβαλλοντικές ανέσεις όπως οι χώροι πρασίνου, είναι οι πιο εκτεθειμένοι σε κλιματικούς κινδύνους και επιπτώσεις και έχουν την λιγότερη πρόσβαση σε πόρους. Έτσι, σύμφωνα και με τους Anguelovski et al. (2019), προκύπτει ο όρος πράσινος εξευγενισμός ο οποίος εξετάζει την παραγωγή αστικών ανισοτήτων μέσω πράσινων οραμάτων και παρεμβάσεων όπως πράσινοι ανοιχτοί χώροι, πάρκα ή κοινοτικοί κήποι. Το έργο τους καταδεικνύει ότι η νέα πράσινη αξία δεν μπορεί να αξιοποιηθεί χωρίς τον καθορισμό και την επανεκτίμηση της γης, την απόσυρση και τη συσσώρευση και τον εκτοπισμό κοινωνικά και φυλετικά εύάλωτων ομάδων. Είναι γεγονός, ότι οι φυλετικές ή εθνοτικές μειονότητες και οι άνθρωποι με χαμηλή κοινωνικοοικονομική κατάσταση

εντάσσονται σε ευάλωτες ομάδες, έχοντας σημαντικά μικρότερο προσδόκιμο ζωής και μεγαλύτερη εμφάνιση σε χρόνια νοσήματα, από τους λιγότερο ευάλωτους κατοίκους των πόλεων (Cole et al., 2019).

Ένας πολύ σημαντικός όρος που αποτελεί την σύνδεση των κοινών με τα δημόσια αστικά πάρκα πρασίνου είναι η «Αστική πολιτική οικολογία», μέσω της οποίας προκύπτει ανάδειξη των πολιτικών διαστάσεων των αστικών περιβαλλοντικών διαδικασιών. Είναι μία έννοια που προβάλλει το πάρκο ως ένα πεδίο οικο-πολιτικής δράσης, ιδανικό για ενεργή συμμετοχή στα κοινά από τους κατοίκους και από κοινωνικά κινήματα ή συλλογικότητες. Με τον όρο «κοινά» νοείται η επίλυση πραγματικών προβλημάτων, προσπαθώντας να ανταποκριθούν στις ανάγκες των ανθρώπων και να παρέχουν αποτελεσματική αυτοδιακυβέρνηση για έναν πόρο ή χώρο που μοιράζονται μεταξύ τους (Χέλφριχ & Μπόλιερ 2016). Όπως, υποστηρίζει και ο Harvey (2012), η σχέση μεταξύ της κοινωνικής ομάδας και του περιβάλλοντος, που απειλείται ως κοινό, θα πρέπει να επιτυγχάνεται συλλογικά και μη εμπορευματικά, μια διαδικασία που έχει στόχο την απομάκρυνση από την λογική των ανταλλαγών και των αξιών υπερεκτίμησης της αγοράς. Τελικός στόχος της «πολιτικής οικολογίας» είναι να δοθούν κατευθύνσεις προς την παραγωγή, όχι μόνο βιώσιμων, αλλά δίκαιων και δημοκρατικών πόλεων για τους ίδιους τους πολίτες που τις κατοικούν (Heynen κ.ά. 2006).

Τα τελευταία χρόνια, διερευνάται η περιβαλλοντική υγεία η οποία συνδέεται άμεσα με τις συνθήκες διαβίωσης των ανθρώπων σε καθημερινή βάση. Πιο συγκεκριμένα, συμπεριλαμβάνει το δομημένο περιβάλλον, τις ανθρωπογενείς δομές όπου ζουν οι άνθρωποι, εργάζονται και χρησιμοποιούν τακτικά (Sallis et al., 2006). Όπως αναφέρουν οι Hughey et al. (2006), βασικά στοιχεία του δομημένου περιβάλλοντος, όπως στέγαση, μέσα μαζικής μεταφοράς και πάρκα και χώροι πρασίνου αποτελούν απαραίτητη προϋπόθεση για την δημιουργία υγιέστερων κοινοτήτων, τη μείωση του καθημερινού άγχους, την προώθηση κοινωνικών πόρων και την πρόληψη χρόνιων παθήσεων. Ειδικότερα όταν περισσότερο από το ήμισυ του παγκόσμιου πληθυσμού σήμερα ζει σε πόλεις και ο αριθμός των αστικών πληθυσμών συνεχίζει όλο ένα και να αυξάνεται (Kabisch & Haase, 2014). Επομένως, για να είναι εφικτή και βιώσιμη η αστική διαχείριση της νέας αυτής πρόκλησης, πρέπει να ενσωματωθούν βελτιώσεις της ποιότητας ζωής μέσω δίκαιης παροχής αστικών χώρων πρασίνου σε όλους.

Έρευνες σε Ευρώπη, ΗΠΑ και Κίνα έδειξαν ότι λόγω διαφορετικών παραγόντων, κοινότητες μεταναστών ή ατόμων με χαμηλά εισοδήματα έχουν λιγότερη πρόσβαση στους αστικούς πράσινους χώρους της περιοχής τους. Φαινόμενο που οφείλεται συνήθως είτε στην έλλειψη πρασίνου σε αυτού του τύπου περιοχές, είτε στις προβληματικές συνθήκες στους χώρους πρασίνου που εμποδίζουν την προσβασιμότητα. Η ανισότητα ειδικότερα στο αστικό πράσινο, μπορεί να εξαρτάται από πολλούς παράγοντες όπως το φύλο, η ηλικία, η εθνικότητα, η κοινωνικοοικονομική κατάσταση, όλα τα παραπάνω συνδυαστικά με την επίδραση του χώρου. Στη συνέχεια ακολουθούν



περιπτώσεις κοινωνικοχωρικών διαχωρισμών και περιορισμένης προσβασιμότητας σε αστικά πάρκα και χώρους πρασίνου ανά τον κόσμο, αλλά και τα κριτήρια που οφείλουν οι υπεύθυνοι αστικού σχεδιασμού να λαμβάνουν υπόψη τους για την αποφυγή τέτοιων φαινομένων.

Οι Jones, Brainard, Bateman, & Lovett (2009) εξέτασαν την κατανομή της πρόσβασης σε πάρκα μεταξύ των κατοίκων του Μπέρμιγχαμ της Αγγλίας και διαπίστωσαν την ύπαρξη ανισοτήτων σε χαμηλά κοινωνικοοικονομικά γειτονιές. Οι Wolch, Wilson, & Fehrenbach (2005) και Sister, Wolch, and Wilson (2010) διαπίστωσαν επίσης ότι κοινότητες με λατίνους, μη λευκούς ή χαμηλού εισοδήματος ομάδες έχουν λιγότερη πρόσβαση σε πάρκα των ΗΠΑ. Οι Landry και Chakraborty (2009) που διερεύνησαν την ύπαρξη περιβαλλοντικής δικαιοσύνης στην Τάμπα της Φλόριντα διαπίστωσαν και αυτοί ότι η χωρική κατανομή των πράσινων χώρων είναι άνιση όσον αφορά τη φυλή και την εθνικότητα, το εισόδημα και τη διάρκεια στέγασης. Στην πόλη Γιοκοχάμα της Ιαπωνίας όπως αναφέρουν οι Yasumoto et al. (2014), μέσω έρευνας προέκυψε ότι τα νέα πάρκα που κατασκευάζονται βρίσκονται σε πιο εύπορες περιοχές. Η μελέτη του Talen (1997) σχετικά με την προσβασιμότητα σε πάρκα στις πόλεις Pueblo στο Colorado και Macon στην Georgia έδειξε ότι οι εθνοτικές μειονότητες ήταν πιο πιθανό να ζουν σε περιοχές με χαμηλότερα επίπεδα πρόσβασης στο πάρκο. Τέλος, όσον αφορά τη φτώχεια στην περιοχή της Άγκυρας, ο Erkip (1997) αναφέρει ότι η πρόσβαση σε πάρκα και εγκαταστάσεις αναψυχής στην πόλη εξαρτάται κυρίως από το επίπεδο εισοδήματος του ατόμου.

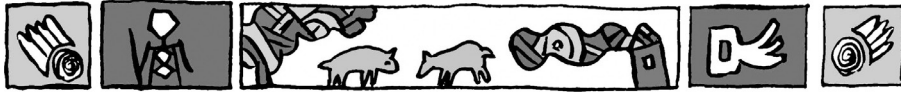
Ευρωπαϊκές μελέτες έχουν εντοπίσει, ότι το πολιτιστικό υπόβαθρο επηρεάζει τον τρόπο χρήσης των αστικών χώρων πρασίνου. Για παράδειγμα, μια ολλανδική (Peters, Elands, & Buijs, 2010) και μια γερμανική μελέτη (Jay & Schraml, 2009) έδειξαν ότι για τους τούρκους επισκέπτες σε πολλά πάρκα του Βερολίνου οι ομαδικές δραστηριότητες όπως μπάρμπεκιου και συνάντηση φίλων και συγγενών παίζουν σημαντικότερο ρόλο παρά για του ντόπιους κατοίκους. Διαπιστώθηκε ότι οι μετανάστες στο Βερολίνο προτιμούν χώρους και ζώνες επικοινωνίας για πικνίκ, ενώ οι ντόπιοι Γερμανοί προτιμούν χώρους για αθλητισμό και παιχνίδι (Kabisch & Haase, 2014). Επίσης, σε πολλά πάρκα το μεγαλύτερο μέρος της έκτασής τους καλύπτεται από χαμηλή βλάστηση και γρασίδι. Αποτέλεσμα αυτού είναι να μην μπορούν οι μουσουλμάνες γυναίκες να χρησιμοποιήσουν το πάρκο επειδή δεν υπάρχει επαρκής χώρος για αυτές, δηλαδή ημι-απομονωμένες περιοχές όπου μπορούν να μείνουν με τα παιδιά τους μακριά από τους άνδρες (Low, 2013). Το Tempelhof Park του Βερολίνου αποτελεί ένα από τα σημαντικότερα πάρκα της πόλης το οποίο επισκέπτεται καθημερινά μεγάλο μέρος του πληθυσμού της. Σύμφωνα με έρευνα που πραγματοποιήθηκε εκεί (Kabisch & Haase, 2014), η τρέχουσα σχεδίαση του πάρκου δίνει προτεραιότητα σε μεγάλους ανοιχτούς χώρους για ενεργές αθλητικές ασκήσεις, ενώ λίγος είναι ο επαρκής χώρος που προορίζεται για μπάρμπεκιου, ανάπαυση ή παιχνίδι.

ΕΜΦΑΝΙΣΗ ΠΑΝΔΗΜΙΑΣ ΚΑΙ ΣΥΝΘΗΚΕΣ ΠΑΡΚΩΝ

Με την εμφάνιση της πανδημίας του COVID-19 επηρεάστηκαν οι ζωές όλων είτε λόγω των προβλημάτων υγείας και θανάτων που προκλήθηκαν, είτε λόγω των σκληρών και πρωτοεμφανιζόμενων μέτρων αντιμετώπισής της. Αναλυτικότερα, η κυβέρνηση κάθε χώρας ανακοίνωνε και εφαρμόζε μία σειρά μέτρων μέσω νέων αυστηρών κανόνων και ελέγχων για την αποφυγή του συνωστισμού των πολιτών. Αποτέλεσμα ήταν, όπως αναφέρει και η Λεοντίδου (2020), η εμφάνιση μίας νέας «κανονικότητας» κοινωνικής απομόνωσης με αστυνομική επιβολή σκορπώντας σε όλους έναν φόβο και έναν άγχος, μην τυχόν νοσήσουν, μη τυχόν βγουν εκτός σπιτιού χωρίς αιτία, μη λοξοδρομήσουν και μη τους δοθεί κάποιο πρόστιμο από την αστυνομία.

Κατά τη διάρκεια του “lockdown” για την αντιμετώπιση της πανδημίας, οι κυβερνήσεις θέσπισαν βασικά μέτρα πολιτικής για τη μείωση της μετάδοσης του ιού και την προστασία της δημόσιας υγείας. Πιο συγκεκριμένα, ένα πρωταρχικό μέτρο ήταν ο περιορισμός των μεταφορών και της δημόσιας κινητικότητας (Musselwhite et al 2020), με αποτέλεσμα ο μισός πληθυσμός του κόσμου να βρίσκεται υπό περιορισμό (Sanford 2020). Εκτός από ορισμένες χώρες όπως η Νορβηγία όπου το “lockdown” ήταν λιγότερο σοβαρό και οι πολίτες είχαν το δικαίωμα να περνούν χρόνο σε εξωτερικούς χώρους. Σύμφωνα και με τους Cole et al. (2020), σε πολλές πόλεις, άνθρωποι μεγάλων ή μεσαίων εισοδημάτων φεύγουν σε δεύτερες κατοικίες σε αγροτικές ή παράκτιες περιοχές ή απολαμβάνουν την άνεση του ιδιωτικού εξωτερικού χώρου. Ενώ από την άλλη, οι κάτοικοι χαμηλότερου εισοδήματος συχνά περιορίζονται σε μικρά ή πολυσύχναστα διαμερίσματα, καθώς δεν μπορούν να αντέξουν οικονομικά μεγαλύτερα και ασφαλέστερα σπίτια. Αυτή η αναδυόμενη τάση γνωστοποιεί το προνόμιο και την περιθωριοποίηση μεταξύ των κατοίκων των πόλεων, χωρίζοντας αυτούς με την ελευθερία να εγκαταλείψουν ή να ζήσουν σε υψηλότερης ποιότητας κατοικίες από εκείνους που δεν έχουν άλλη επιλογή από το να παραμείνουν σε συνθήκες που ακόμη και στις καλύτερες στιγμές οδηγούν σε κακή υγεία.

Όπως αναφέρουν και διάφορα δημοσιεύματα (EPT 2021, TVXS 2021, Καθημερινή 2021, ThePressProject 2021 και Efsyn 2021), συχνά ήταν στην Ελλάδα κατά τη διάρκεια της πανδημίας τα φαινόμενα αστυνομοκρατίας, αυταρχισμού και καταστολής στις πλατείες των μεγάλων πόλεων, ειδικότερα από τον Μάρτιο του 2021 και μετά. Αναλυτικότερα, παρατηρήθηκε μεγάλος αριθμός παρεμβάσεων της αστυνομίας ιδιαίτερα σε κεντρικές πλατείες της Αθήνας με πρόστιμα και προσαγωγές σε πολίτες, ακόμη και εκφοβισμούς, με στόχο να αποτραπεί ο συνωστισμός. Καλλιεργήθηκε έτσι ένα κλίμα διχασμού και επίθεσης στον κόσμο που βρισκόταν στις πλατείες. Αποκορύφωμα της πολιτικής αυτής κατεύθυνσης, ήταν τα επεισόδια στην κεντρική πλατεία της Νέας Σμύρνης της Αθήνας μεταξύ αστυνομικών και πολιτών. Πιο συγκεκριμένα, άνδρες της ομάδας ΔΙΑΣ καταγγέλλεται ότι πραγματοποίησαν



έφοδο στην πλατεία με πρόσχημα τους ελέγχους για χρήση μάσκας και παράνομες μετακινήσεις και επιδόθηκαν σε βιαιοπραγίες με θύματα κατοίκους της περιοχής. Μετά και από το συγκεκριμένο γεγονός ο κόσμος σε όλη την Ελλάδα αγανάκτησε με την κυβερνητική αυταρχικότητα και τα τελευταία συνεχόμενα περιστατικά βίας. Έτσι, οργανώσεις, λαϊκές συνελεύσεις και συλλογικότητες κάλεσαν σε διαμαρτυρία ενάντια στην καταστολή για να φωνάξουν, όπως αναφέρουν, ένα μεγάλο “ως εδώ” και να διεκδικήσουν την ελευθερία και τα δικαιώματά σε όλες τις γειτονιές. Σε 50 πόλεις της Ελλάδας χιλιάδες άνθρωποι έδωσαν το παρόν σε δρόμους και πλατείες.

Με την συνεχόμενη επιτήρηση και αστυνόμευση σε καθημερινή βάση στοχοποιούνται οι «αसυνείδητοι» που δεν συμμορφώθηκαν προς τις απαγορεύσεις, κατονομάζοντας μόνο ορισμένες δραστηριότητες ως «νόμιμες», και μάλιστα, «κατά τη διακριτική ευχέρεια του κάθε αστυνομικού που θα ελέγξει τα «απαραίτητα έγγραφα» (Λεοντίδου 2020). Επιπλέον, οι Cole κ.α. (2020) συμπεραίνουν ότι οι κάτοικοι χαμηλού εισοδήματος περιορίζονται στο σπίτι, τα μειονεκτήματα επιδεινώνονται από την προσπάθεια να πληρώσουν ενοίκια και συχνά υποφέρουν από χαμένο εισόδημα. Αυτοί οι λιγότερο προνομιούχοι κάτοικοι διατρέχουν μεγαλύτερο κίνδυνο μόλυνσης, ζώντας σε πιο πολυσύχναστες και ανεπαρκείς συνθήκες, χωρίς καμία πρόσβαση σε χώρους πρασίνου και με περιορισμένη πρόσβαση στην υγειονομική περίθαλψη.

Καθοριστικός ήταν ο ρόλος του αστικού πράσινου χώρου, συμπεριλαμβανομένων των δέντρων δρόμου, των πάρκων, της φυσικής βλάστησης και των περιαστικών δασών που έχει πρόσβαση το κοινό, στον τρόπο με τον οποίο οι πολίτες προσαρμόστηκαν στα μέτρα περιορισμού της πανδημίας. Η κατάσταση που υπερίσχυσε στις περισσότερες πόλεις ήταν άδειοι δρόμοι και πλατείες, επίσης απαγορεύτηκε η είσοδος σε χώρους αστικού πρασίνου για την χρονική περίοδο από Μάρτιο μέχρι Ιούνιο του 2020, ειδικότερα στις πόλεις του Νότου όπως η Αθήνα και η Βαρκελώνη. Αντίθετα, στο Λονδίνο πολλά πάρκα παρέμειναν ανοιχτά, ενώ στο Όσλο δεν έκλεισε κανένα με συστάσεις να τα αξιοποιούν οι πολίτες προσέχοντας τις αποστάσεις μεταξύ τους και χωρίς επιβολή προστίμων. Στις Βρυξέλες παρέμειναν επίσης ανοικτά τα αστικά πάρκα και στο Βερολίνο θεωρήθηκε παράλογος ο αποκλεισμός από τους χώρους πρασίνου, που επιβλήθηκε στην Ελλάδα (Kalandides 2020).

Στην Ελλάδα και πιο συγκεκριμένα στην μητροπολιτική περιοχή της Αθήνας εφαρμόστηκαν αυστηρά μέτρα περιορισμού όπως η απαγόρευση της εισόδου σε όλα τα αστικά πάρκα, εκτός από αυτά που δεν περιφράσσονται (πχ. Λόφος Φιλοπάππου). Παρόλα αυτά όμως τα μέτρα, για τον κόσμο της Αθήνας με χαμηλά εισοδήματα που κατοικεί σε περιοχές με σχεδόν ανύπαρκτους πράσινους ανοιχτούς χώρους και σε πολύ μικρά διαμερίσματα, όπως στα δυτικά προάστια, υπήρξε η ανάγκη για επαφή με την φύση. Σε μία πόλη όπου το αστικό πράσινο σε έρευνα του 2014 αναλογούσε σε 0,96 m² ανά κάτοικο (WWF από ΟΟΣΑ 2014), οι συνθήκες διαβίωσης εν μέσω πανδημίας μοιάζουν απάνθρωπες. Την στιγμή που ο Παγκόσμι-

ος Οργανισμός Υγείας τοποθετεί την ελάχιστη αναλογία στα 9 m² ανά κάτοικο.

Όπως υποστηρίζουν οι Honey-Rosés et al. (2020), η πανδημία μπορεί να αλλάξει τον τύπο και τη διανομή των χώρων πρασίνου, μαζί και τις προσδοκίες μας σχετικά με το τι πρέπει να παρέχουν. Οι νέες προσδοκίες σχετικά με την κοινωνική αποστασιοποίηση χρήζουν επανεκτίμηση για την χρήση των χώρων πρασίνου από τα άτομα, δεδομένου ότι οι υπάρχοντες χώροι πρασίνου ενδέχεται να μην είναι σε θέση να απορροφήσουν την εισροή ανθρώπων. Παρατηρώντας τις πόλεις που παρουσίαζαν ήδη ένα αποκεντρωμένο δίκτυο πρασίνων χώρων, όπως η Βαλένθια και η Ναντ, ήταν καλύτερα προετοιμασμένες να παρέχουν εύκολα προσβάσιμες ευκαιρίες για απόλαυση της φύσης.

Σε παγκόσμιο επίπεδο, τα πάρκα στις περισσότερες επιλεγμένες χώρες και περιοχές έχουν δεχτεί περισσότερους επισκέπτες από την έναρξη της πανδημίας COVID-19. Τα αποτελέσματα συνάδουν με τα ευρήματα τριών ερευνών στις Ηνωμένες Πολιτείες και τη Γερμανία, υποδεικνύοντας ότι τα αστικά πάρκα δέχθηκαν πολύ συχνότερες επισκέψεις κατά τη διάρκεια της πανδημίας COVID-19 (Derks et al. 2020, Fisher and Grima 2020, Rice and Pan 2020). Οι περισσότερες κυβερνητικές πολιτικές σε πολλές χώρες, όπως το κλείσιμο των χώρων εργασίας, οι περιορισμοί στις κοινωνικές συγκεντρώσεις και οι ακυρώσεις δημόσιων εκδηλώσεων συσχετίστηκαν με την αύξηση του αριθμού επισκεπτών των πάρκων (Geng et al., 2021). Ωστόσο, οι τάσεις και τα επίπεδα επισκέψεων στο πάρκο διέφεραν μεταξύ των χωρών. Όπως αναφέρουν οι (Geng et al., 2021) και τα στοιχεία της “Google COVID-19 Community Mobility Reports”, η αύξηση των επισκεπτών σε πάρκο στην Ιταλία, την Ισπανία, τη Νότια Κορέα, τη Σουηδία και την Ιαπωνία ήταν μεταξύ 0-50% σε σύγκριση με την αρχική τιμή, ενώ η αύξηση των επισκεπτών στο πάρκο στο Ηνωμένο Βασίλειο, τη Δανία και τον Καναδά ήταν πάνω από 100%.

Σύμφωνα με τους Geng et al. 2021, λόγω του ψυχολογικού στρες και της μειωμένης κοινωνικής επαφής με άλλους, σε συνδυασμό με τις αυξανόμενες ανησυχίες για την ψυχική υγεία, οι άνθρωποι τείνουν να χρησιμοποιούν κοντινά πάρκα και χώρους πρασίνου για να αναζητήσουν συνδέσεις με τη φύση και να μειώσουν τις αρνητικές επιπτώσεις που προκαλεί ο αυτο-περιορισμός. Ένας επιπλέον πιθανός λόγος για την αυξανόμενη επίσκεψη στο πάρκο μπορεί να σχετίζεται με την πολιτική κλεισίματος στο χώρο εργασίας. Με τις νέες συνθήκες εργασίας από το σπίτι αλλάζει σημαντικά η καθημερινή ρουτίνα των ανθρώπων. Με βάση προηγούμενες έρευνες σχετικά με τον ψυχολογικό αντίκτυπο της εμπειρίας της καραντίνας του SARS, η απώλεια ρουτίνας μπορεί να επιδεινώσει το άγχος και την απογοήτευση των ανθρώπων και να αυξήσει την ανάγκη τους να επισκεφτούν εξωτερικούς χώρους (Hawryluck et al. 2004, Reynolds et al. 2008.). Εάν και άλλοι δημόσιοι χώροι, όπως εμπορικά κέντρα και εστιατόρια είναι επίσης κλειστά, τα πάρκα αποτελούν ένα από τα ελάχιστα μέρη που μπορούν να χρησιμοποιήσουν για υπαίθριες δραστηριότητες (Fisher and Grima 2020).

Οι μεγαλύτερες χρονικές περιόδους του αυτό-περιορισμού μπορούν να οδηγήσουν σε κακή ψυχική υγεία, συμπτώματα μετατραυματικού στρες και άλλες αρνητικές



ψυχολογικές επιπτώσεις (Bavel et al. 2020, de Bell et al. 2020, Brooks et al.2020, Hossain et al. 2020, Reynolds et al. 2008, Wilken et al. 2017). Πιο συγκεκριμένα, με βάση την έρευνα των Hawtyluck et al. (2004), άτομα που βρέθηκαν σε καραντίνα άνω των 10 ημερών έχουν δείξει σημαντικά υψηλότερα συμπτώματα άγχους σε σύγκριση με αυτά που βρίσκονται σε καραντίνα για λιγότερο από 10 ημέρες. Τα πάρκα παρέχουν ιδιότητες όπως ηρεμία, χώρο, άγρια φύση, πολιτισμό και ένα καταπράσινο περιβάλλον, που μπορούν όλοι να μειώσουν τον κίνδυνο κακής ψυχικής υγείας (Annerstedt et al. 2012). Πολλές μελέτες έχουν επιβεβαιώσει ότι η παραμονή για σημαντικό χρονικό διάστημα σε φυσικές περιοχές, όπως πάρκα και χώρους πρασίνου, μπορεί να βοηθήσει τους ανθρώπους να αποφύγουν την αίσθηση της απομόνωσης, να μειώσουν το ψυχικό στρες, να βελτιώσουν την ποιότητα του ύπνου και, ως εκ τούτου, να μειώσουν τον κίνδυνο κατάθλιψης και άγχους, και να βελτιώσουν την ανθεκτικότητα και τη διαχείριση των καθημερινών υποχρεώσεων (Bratman et al. 2019, Cox et al. 2017, Fong et al. 2018, Hammen 2005, Rasmussen και Laumann 2013, Roe and Aspinall 2011).

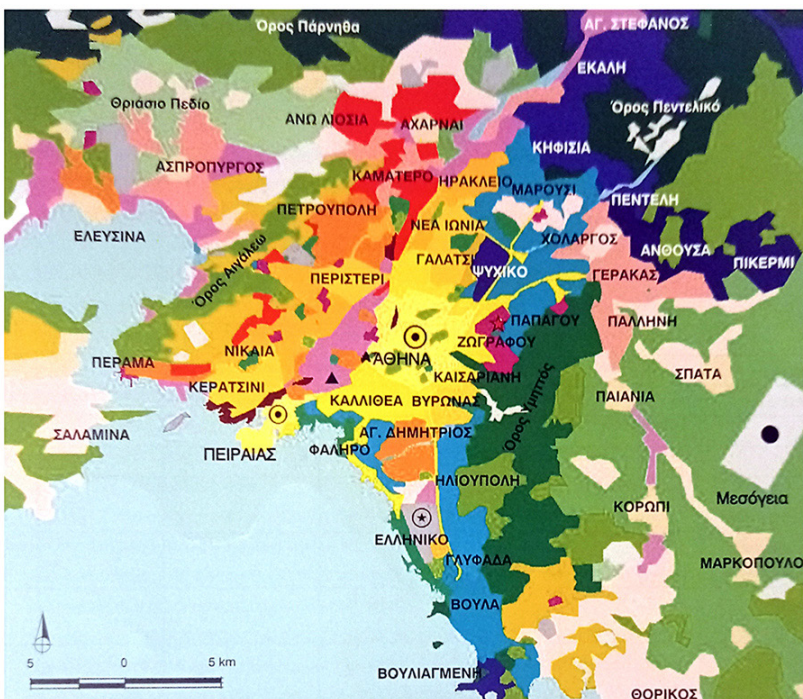
Επιπρόσθετα, τα πάρκα, ιδίως τα κοινοτικά, μπορούν να βελτιώσουν την κοινωνική συνοχή και να βοηθήσουν στην οικοδόμηση μιας αίσθησης ένταξης μεταξύ των κατοίκων στις κοινότητές τους. Η αυξημένη κοινωνική και κοινοτική συνοχή και τα συναισθήματα ένταξης και συμμετοχής μπορούν να μειώσουν τον κίνδυνο αντικοινωνικής συμπεριφοράς ειδικά κατά τη διάρκεια κρίσεων δημόσιας υγείας (Seaman et al. 2010). Πολλά πάρκα παρέχουν την ευκαιρία στους ανθρώπους να είναι έξω χωρίς να παραβιάζουν τους κοινωνικούς περιορισμούς (Eagles 2020), και επιπλέον να παρέχουν οφέλη που βοηθούν τους ανθρώπους να αντιμετωπίσουν τις σωματικές και διανοητικές προκλήσεις που δημιουργεί η πανδημία.

ΥΦΙΣΤΑΜΕΝΗ ΚΑΤΑΣΤΑΣΗ ΑΣΤΙΚΟΥ ΠΡΑΣΙΝΟΥ ΚΑΙ ΠΑΡΚΩΝ ΑΘΗΝΑΣ

Βάσει του οικοτοπιακού χάρτη 1 που ακολουθεί της Μητροπολιτικής Περιοχής της Αθήνας σύμφωνα με την Πετροπούλου (1995[2016]), παρατηρούμε ότι το αστικό πράσινο παρουσιάζεται εξαιρετικά ελλειπές στο σύνολο της πόλης εκτός από τις βορειοανατολικές συνοικίες όπου τοποθετούνται μεγάλες κατοικίες με κήπους (μπλε χρώμα), αλλά και κοντά σε δασικές εκτάσεις. Στο κέντρο της πόλης, όπως φαίνεται και με ανοικτό και έντονο κίτρινο στο χάρτη, παρατηρείται μία μικτή χρήση μεταξύ κτηρίων που αποδεικνύουν την επιρροή διαφορετικών τύπων αρχιτεκτονικής ανά τον χρόνο. Πιο συγκεκριμένα, το ιστορικό κέντρο «αναμιγνύεται» με τις μεταπολεμικές σχεδιαστικές τάσεις, μέχρι και την πιο σύγχρονη αρχιτεκτονική. Επίσης, στις κεντρικές περιοχές της Αθήνας ενώ η δόμηση είναι πυκνή υπάρχουν αρκετά αστικά πάρκα ή πράσινοι χώροι σημαντικής έκτασης όπως ο Εθνικός Κήπος, ο Λόφος Φιλοπάππου, ο Λυκαβηττός, το Πεδίον του Άρεως κ.α. Στα δυτικά, βόρεια και νότια, είναι αισθητή η διαφορά σε σχέση με το ανατολικό τμήμα της πόλης. Αναλυτικότερα,

σε όλη την έκταση παρουσιάζεται πολύ πυκνή δόμηση χωρίς την ύπαρξη πράσινου εκτός κάποιων εξαιρέσεων όπως το Πάρκο «Αντώνης Τρίτσης». Κατοικίες λαϊκής αυτοστέγασης παρατηρούνται στα βορειοδυτικά στις περιοχές με κόκκινο χρώμα, όπως και περιοχές που παρουσιάζουν ύπαρξη χώρων βιομηχανικής και βαριάς χρήσης. Ενώ, έντονα πυκνοκατοικημένες είναι οι περιοχές στα δυτικά (κυρίως με πορτοκαλί και λιγότερο με κόκκινο), παρουσιάζοντας μεικτή δόμηση η οποία συνδυάζει πολυώροφες πολυκατοικίες, συγκροτήματα εργατικών πολυκατοικιών, μονοκατοικίες και κατοικίες αυτοστέγασης.

Χάρτης 1. Αστικό Οικοτοπίο Μητροπολιτικής Περιοχής της Αθήνας, 1995



Ερμηνεία σε εικόνας SPOT XS 1.100.000, 19-7-1995 και SPOT-P 1/50.000, 19/9/1995. Πηγή δεδομένων: Υπουργείο Χωροταξίας και Περιβάλλοντος. Συγγραφέας: Κριστίη Πετροπούλου.

- A1. Κεντρικές περιοχές**
 - 1.1.1 Ιστορικό κέντρο
 - 1.1.2 Σύγχρονο κέντρο
 - 1.2.1 Πυκνές μικτές περιοχές
 - 1.2.2 Πυκνές χωρίς πράσινο
 - 1.2.3 Πυκνές με πράσινο
 - 1.3 Άλλοι ιστορικοί αστικοί πυρήνες
 - 1.4 Κοινωνική κατοικία (στο χαρτί εντάσσεται στο 1.2.2 και 1.2.3)
- A2. Μικτές περιοχές**
 - 2.1 Βιομηχανία και κατοικία
- A3. Περιοχές ιστορικής λαϊκής αυτοκατασκευής**
 - 3.1.1 Πολύ πυκνές μικτές
 - 3.1.2 Πυκνές χωρίς πράσινο
 - 3.2.1 Πυκνές υπό κατασκευή
 - 3.3.1 Υπό κατασκευή σε γυμνό έδαφος
 - 3.3.2 Υπό κατασκευή σε βλάστηση
- A4. Περιοχές κατοικίας με πράσινο**
 - 4.1.1 Πυκνοδομημένες με πράσινο
 - 4.2.1 Μεσαία πυκνότητα με πράσινο
 - 4.3.1 Κατοικίες με πολύ πράσινο
 - 4.3.2 Κατοικίες σε δάσος
 - 4.4 Κατοικίες σε καμένο δάσος
- A5. Κοινοότητες**
 - 5.1 Κοινοότητες και επέκτασες
- A6. Μεγάλες κατασκευές**
 - 6.1, 6.2 Βιομηχανικές ζώνες, Κεντρική αγορά
 - 6.3 Σύνολα μεγάλων ειδικών κτηρίων
 - 6.4, 6.5 Λιμάνια, σταθμοί
 - 6.6, 6.7 Αεροδρόμια, στρατοπέδο
- A7. Χώροι εκκαθάρισης και εναπόθεσης υλικών**
 - 7.1 Λατομεία, ΧΥΤΑ, κ.ά.
- A8. Ανοικτοί αθλητικοί και πράσινοι χώροι**
 - 8.1 Σταδία, γκολφ, αθλητικοί χώροι
 - 8.2 Μεγάλα πάρκα και πράσινοι χώροι
- A9. και A10. Υγρές ζώνες σε αστικό χώρο**
 - 9 Υγροβιότοποι
 - 10 Υγροί πλωτοί κηποι (μόνο στο Μεξικό)
- B. Αγροτικές περιστατικές περιοχές**
 - B1 και B2 Μόνιμες καλλιέργειες
 - B3 και B4 Ανάμικτες αγροτικές περιοχές
- Γ. Δασικές και βραχώδεις περιοχές**
 - G1 Δάση
 - G2 Ανάμικτα δάση με φρύγανα
 - G3 Βραχώδεις και αμμώδεις περιοχές
 - G4 Καμένα δάση σε αναγέννηση
- Δ. και Ε. Περιοχές με υδατικό στοιχείο**
 - Δ.1 Υγροβιότοποι, άλλες υγρές περιοχές
 - Ε.1 και Ε.2 Ποτάμια, χείμαροι, λιμένες
 - Ε.3 Θάλασσα
- Χρήσεις**
 - ★ Πανεπιστημιακό
 - Αεροδρόμιο (από το 2002)
 - ⊙ Αεροδρόμιο
 - Οδικό δίκτυο (Μεξικό)

Πηγή: Πετροπούλου & Ραμαντιέ (2016)



Όπως παρατηρείται από των χάρτη 1 και από τις σχετικές έρευνες των Pafi et al. (2016) και Πανταζή και Ψυχάρη (2016), το αστικό πράσινο, ιδιαίτερα τα αστικά πάρκα, απουσιάζουν από περιοχές της Αθήνας όπου οι κάτοικοι παρουσιάζουν χαμηλά εισοδήματα. Γεγονός, που εντάσσεται στο φαινόμενο του χωρικού αποκλεισμού και που εν μέσω των πρωτόγνωρων συνθηκών λόγω της πανδημίας, θέτει σε απεριορίστο κίνδυνο τους ανθρώπους αυτούς που βρίσκονται αποκωμένοι από την φύση και το πράσινο. Διαδικασία που συνδυαστικά με των σύνολο των προβλημάτων που αντιμετωπίζουν λόγω της οικονομικής τους κατάστασης, με σημαντικότερο την σχεδόν ανύπαρκτη πρόσβαση σε δομές και υπηρεσίες υγείας, καθιστά την καθημερινή τους διαβίωση πολύ δύσκολη. Επομένως επιβάλλεται, ο αστικός σχεδιασμός, ειδικότερα με τα νέα δεδομένα του Covid-19, να μεριμνά για τα μέλη της κοινωνίας που αντιμετωπίζουν προβλήματα αποκλεισμού και που είναι θύματα πολιτικών και πρακτικών πράσινου εξευγενισμού εδώ και χρόνια.

Κατά την διάρκεια της πανδημίας ανακοινώθηκαν από τους αρμόδιους φορείς, αποφάσεις για μελλοντικές ιδιωτικές επενδύσεις με στόχο την διαχείριση και το σχεδιασμό πολλών δημόσιων πάρκων πρασίνου. Μια τόσο κρίσιμη περίοδο για την χώρα και τον κόσμο είναι φανερή η ανάγκη να ενισχυθεί ο δημόσιος χώρος αστικού πρασίνου και να γίνει πιο προσβάσιμος για οποιονδήποτε άνθρωπο και από όποιο κοινωνικό στρώμα και αν προέρχεται. Αντί όμως να κινηθούν προς αυτή την κατεύθυνση τα δημοτικά συμβούλια και οι περιφέρειες, έχουν ψηφιστεί προτάσεις που εμπεριέχουν τις περιφράξεις, την εφαρμογή εισιτηρίου για χώρους ενδιαφέροντος και γενικότερα την διαμόρφωση του χώρου με τρόπο ώστε να αποφέρει οικονομικό κέρδος σε λίγους. Με αυτό τον τρόπο αποκόβονται άνθρωποι, ιδιαίτερα κοινωνικά ευπαθών ομάδων, που έχουν εντάξει στην καθημερινότητά τους τα πάρκα αδυνατώντας να συμμετέχουν σε αποφάσεις που αφορούν τμήμα της γειτονιάς τους. Παρακάτω αναφέρονται μερικές από αυτές τις αποφάσεις που ανακοινώθηκαν και πως αντέδρασαν οι κάτοικοι ή οι συλλογικότητες και τα κινήματα.

Λόφος Στρέφη

Η πρώτη περίπτωση αφορά την πρόταση για ιδιωτική επένδυση στο Λόφο του Στρέφη που πέρασε από το δημοτικό συμβούλιο Αθηναίων. Να σημειωθεί ότι ο δήμος Αθηναίων σε προγενέστερο χρόνο είχε ανακοινώσει τροπολογία βάσει νόμου η οποία δίνει το δικαίωμα στον Δήμο Αθηναίων να συντονίσει ιδιωτικό φορέα διαχείρισης του λόφου Φιλοπάππου και του Εθνικού κήπου, ζήτημα που θα αναλυθεί παρακάτω στο κεφάλαιο που αφορά τον λόφο Φιλοπάππου. Αναλυτικότερα σχετικά με το Λόφο Στρέφη, αποφασίστηκε η έγκριση εκπόνησης των απαιτούμενων μελετών για το σύνολο των κατασκευαστικών εργασιών συντήρησης και αναβάθμισης υποδομών, για τον Λόφο, από ιδιωτική εταιρεία. Σύμφωνα με το επίσημο έγγραφο της απόφασης

(97/14.01.2021) του δημοτικού συμβουλίου (Απόφαση Δημοτικού Συμβουλίου για Λόφο Στρέφη, 2021) αναφέρονται τα παρακάτω: Μία από τις μεγαλύτερες εταιρείες επενδύσεων σε real estate στην Ελλάδα «έχει την πρόθεση να καλύψει τα κόστη για τις απαιτούμενες επεμβάσεις αρχιτεκτονικής τοπίου, ηλεκτρομηχανολογικές εγκαταστάσεις, επεμβάσεις προστασίας φυσικού περιβάλλοντος, γεωτεχνικές επεμβάσεις, στατικές ενισχύσεις υφιστάμενων κτιρίων και αποκατάσταση ορόφου και κελύφους φυλακίου και σύνταξη τοπογραφικού διαγράμματος, καταβάλλοντας μέρος της απαιτούμενης συνολικής δαπάνης μέχρι του ποσού του ενός εκατομμυρίου Ευρώ». Συμπερασματικά, ο Λόφος Στρέφη «υιοθετείται» από μεγάλη εταιρεία επενδύσεων σε ακίνητα σε μια περίοδο που επιχειρείται η αλλαγή της φυσιογνωμίας των Εξαρχείων μέσω του real estate, όπως είναι κοινά παραδεκτό.

Με την ανακοίνωση της ιδιωτικής επένδυσης στο Λόφο, παρόλο που υπήρχε υγειονομική κρίση, ενεργοποιήθηκαν οι κάτοικοι και τα κινήματα της περιοχής του κέντρου αλλά και άλλων περιοχών. Η “Πρωτοβουλία Κατοίκων Εξαρχείων” σε συνεργασία με άλλες συλλογικότητες ξεκίνησε μία σειρά δράσεων όπως εκδηλώσεις ενημέρωσης, συγκεντρώσεις και πορείες όπου συμμετείχαν άτομα, ομάδες και συνελεύσεις που δρουν για την υπεράσπιση των ανοιχτών και δημόσιων χώρων.

Οι πρωτοβουλίες και οι δράσεις που αναφέρθηκαν συντέλεσαν στην διαμόρφωση ενός πιο ευρέους “κινήματος υπεράσπισης του λόφου του Στρέφη” που είναι σε ετοιμότητα για θέματα που αφορούν τον Λόφο. Επίσης, παρατηρήθηκε συσπείρωση και διάθεση για συνεργασία μεταξύ διαφορετικών ομάδων και συλλογικοτήτων της πόλης όταν υπάρχει κοινός σκοπός, μια εποχή που υπερισχύει ο ατομικισμός ιδιαίτερα λόγω των συνθηκών πανδημίας.

Πάρκο Ακαδημίας Πλάτωνος

Στην συνέχεια ακολουθεί η περίπτωση του πάρκου «Ακαδημίας Πλάτωνος», όπως αναφέρει και η Πρωτοβουλία Αγώνα για το Πάρκο, (Κίνημα Ακαδημίας Πλάτωνος, 2021) η υπουργός πολιτισμού και ο δήμαρχος Αθηναίων υπέγραψαν “μνημόνιο συνεργασίας”, με το οποίο η πρώτη παραχωρεί όλες τις αρμοδιότητες της Εφορείας Αρχαιοτήτων Αθηνών στον δήμο. Με αυτόν το τρόπο παραχωρείται η «Ακαδημία Πλάτωνος» σε έναν δήμο, που αδυνατεί να διαχειριστεί οικονομικά αυτόνομα τους δημόσιους χώρους και συναλλάσσεται με ιδιωτικές εταιρείες (βλ. Λόφο Στρέφη, Φιλοπάππου, Εθνικός Κήπος), παραχωρώντας τους στη συνέχεια πλήρη εξουσία στις χρήσεις και τη λειτουργία τους. Πιο συγκεκριμένα, ο Δήμος Αθηναίων όρισε την ηγεσία και τα μέλη αρμοδιότητας του, που θα στελεχώσουν το νέο Διοικητικό Συμβούλιο της εταιρίας «Ανάπλαση Αθήνα ΑΕ», τα δικαιώματα της οποίας κατέχει ο ίδιος. Σύμφωνα με την Προγραμματική Σύμβαση στα σχέδια είναι η εφαρμογή των παρακάτω (Κίνημα Ακαδημίας Πλάτωνος, 2021):



- Κοπή 580 δέντρων.
- Χωροθέτηση μουσείου εντός του πάρκου αφαιρώντας 30 στρέμματα ζωτικού χώρου ελεύθερης χρήσης του πάρκου.
- Περίφραξη αρχαιολογικών σκαμμάτων αποκόπτοντας από την καθημερινότητα κατοίκων και επισκεπτών επιπλέον 15 στρέμματα πάρκου.
- Απουσία πρόβλεψης για διασύνδεση του αρχαιολογικού πάρκου με το λόφο Κολωνού και το μετρό.

Εδώ και πολλά χρόνια, συλλογικότητες και πρωτοβουλίες έχουν πραγματοποιήσει μια σειρά δράσεων και αγώνων αντίστασης στο χώρο της Ακαδημίας Πλάτωνος ώστε να μην αφαιρεθούν μεγάλα τμήματα από καταπατήτρια ιδιωτική εταιρεία real estate, να μην γίνει ο χώρος για κατασκευή Mall, να βγει το πάρκο από την αφάνεια όπου το είχαν καταδικασμένο δημοτικές διοικήσεις και κυβερνήσεις. Όπως δηλώνει η «Πρωτοβουλία Αγώνα για το Πάρκο» και η «Λαϊκή Συνέλευση Κολωνού – Ακ. Πλάτωνα – Σεπολίων», και σήμερα και αύριο και κάτω από οποιοδήποτε επιβαλλόμενο καθεστώς έκτακτης ανάγκης, θα υπερασπίζονται τους ελεύθερους χώρους και δε θα επιτρέπουν την ιδιωτικοποίηση, την εμπορευματοποίηση και την περιφραξή τους. Στόχος τους είναι ελεύθεροι χώροι προσβάσιμοι και ανοιχτοί για όλες και όλους και όχι εμπόρευμα για λίγες/λίγους. Επιπρόσθετα, ο σύλλογος εργαζομένων στην Εφορεία Αρχαιοτήτων, όπως και άλλα σωματεία εργαζομένων στο υπουργείο, είναι και αυτά αντίθετα και θα δώσουν αγώνες για την υπεράσπιση του κοινού αγαθού του Πολιτισμού. Αναλυτικότερα, οι κάτοικοι και η «Πρωτοβουλία Αγώνα για το πάρκο της Ακαδημίας Πλάτωνα» μέσω του αγώνα και των δράσεων τους παραθέτουν τα παρακάτω αιτήματα και προτάσεις (όπως αναφέρονται στην ιστοσελίδα τους):

- Ακύρωση κοπής δέντρων και εμπλουτισμός βλάστησης.
- Επαναχωροθέτηση του μουσείου στο πρώην οικόπεδο Reds. Οικόπεδο που εντάχθηκε στον αρχαιολογικό χώρο μετά από αγώνες των κατοίκων το 2010.
- Αντισταθμιστικές απαλλοτριώσεις των εκτάσεων προς απόσπαση από την ελεύθερη χρήση του πάρκου, προκαταβολικά.
- Ελεύθερη πρόσβαση στα αρχαιολογικά ευρήματα.
- Κυκλοφοριακή και συγκοινωνιακή μελέτη με άμεση κατάργηση της οδού Δράκοντος και τμημάτων της Μοναστηρίου.
- Προσάρτηση του ΒΙΟΠΑ δυτικά του πάρκου στον αρχαιολογικό χώρο και άμεση απομάκρυνση της μεταλλικής περίφραξης από τις αποθήκες της αρχαιολογίας.
- Συνολική αναβάθμιση των βασικών υποδομών για εύκολη προσβασιμότητα προς όλους.
- Χώροι άθλησης και μεγαλύτερη και συμπεριληπτική παιδική χαρά για όλα τα παιδιά, ανάπηρα και μη.
- Ένταξη στο νέο σχεδιασμό πεζοδρόμηση της οδού Τριπόλεως για την απρόσκο-

πτη και ασφαλή διασύνδεση των δύο αρχαιολογικών χώρων και τη μετατροπή της οδού Αμφιαράου σε ήπιας κυκλοφορίας, με ποδηλατόδρομο.

ΕΡΕΥΝΗΤΙΚΗ ΜΕΛΕΤΗ ΠΑΡΚΟΥ “ΛΟΦΟΣ ΦΙΛΟΠΑΠΠΟΥ”

Πάρκο «Λόφος Φιλοπάππου»



Πηγή: Προσωπικό αρχείο

Γενικά χαρακτηριστικά

Ο λόφος Φιλοπάππου ή λόφος Μουσών είναι λόφος της Αθήνας που βρίσκεται απέναντι και νοτιοδυτικά από την Ακρόπολη και συνδέεται με τους παρακείμενους λόφους του Αστεροσκοπείου (λόφος Νυμφών) και της Πνύκας. Με τον όρο πάρκο «Λόφος Φιλοπάππου» νοούνται και οι τρεις Λόφοι. Η ανακάλυψη των λόφων και των αρχαιολογικών ευρημάτων και οι ανασκαφές από τους αρχαιολόγους, υποδηλώνουν την ύπαρξη αρχαίας κατοίκησης στην περιοχή. Το Πάρκο βρίσκεται στο κέντρο των συνοικιών Μακρυγιάννη, Κουκάκι, Πετράλωνα και Θησείο και αποτελεί έναν ενοποιημένο αρχαιολογικό χώρο που καλύπτει συνολική έκταση 700 στρεμμάτων (Stefanoroulou 2019). Στην νότια πλευρά του πάρκου υπάρχει επίσης το θέατρο Δόρα Στράτου.

Όπως αναφέρει η Stefanoroulou (2019), η τοποθεσία της Πνύκας αναγνωρίστηκε για πρώτη φορά ως αρχαίος χώρος συνελεύσεων από τον μελετητή αρχαιοτήτων Ρίτσαρντ Τσάντλερ το 1765. Ο λόφος αυτός αποτελεί σημείο σύμβολο, καθώς εκεί πραγματοποιούνταν η δημοκρατική συνέλευση της Αθηναίας για σημαντικά πολιτικά ζητήματα μεταξύ του τέλους του 6ου και του 4ου αιώνα π.Χ. Ένα μέρος όπου είχαν δώσει το παρόν κάποιοι από τους σημαντικότερους πολιτικούς ρήτορες της εποχής, όπως ο Δημοσθένης και ο Περικλής, μαζί με ελεύθερους (άντρες) πολίτες, οι οποίοι έλαβαν κρίσιμες αποφάσεις που αφορούσαν σημαντικά που αργότερα εξελίχθηκαν σε ιστορικά γεγονότα.

Ο καθοριστικότερος σταθμός στην πιο σύγχρονη ιστορία του Λόφου Φιλοπάππου,



είναι οι αρχιτεκτονικές παρεμβάσεις του παγκόσμιας φήμης αρχιτέκτονα, Δημήτρη Πικιώνη (1954-1958). Αναλυτικότερα, οι παρεμβάσεις περιλαμβάνουν μονοπάτια περιπάτου δίνοντας έμφαση ώστε να συνάδουν με τα αρχαία της περιοχής αλλά μέσω μίας όσο πιο ομαλής μετάβασης με το φυσικό στοιχείο. Επιπλέον, περιλάμβαναν «βεράντες θέασης» και χώρους ανάπαυσης, την αποκατάσταση της βυζαντινής εκκλησίας στους πρόποδες του λόφου και τη σύνδεση του λόφου με την Ακρόπολη. Με την πάροδο των χρόνων όμως, πραγματοποιήθηκαν πολλές λάθος επεμβάσεις και σε συνδυασμό με την ελλιπή συντήρηση των μονοπατιών, των κτιρίων και του ευρύτερου χώρου, σήμερα παρουσιάζονται πολλά προβλήματα.

Φωτογραφία τραβηγμένη μέσα από τον Λόφο Φιλοπάππου



Πηγή: Προσωπικό αρχείο

Μονοπάτι αρχιτεκτονικών παρεμβάσεων Δημήτριου Πικιώνη

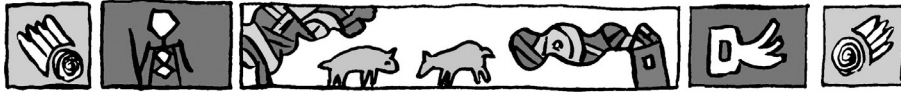


Πηγή: Προσωπικό αρχείο

Σήμερα η βλάστηση του λόφου αποτελείται κυρίως από πεύκα, κυπαρίσσια και ελιές, ενώ στα ξέφωτα κυριαρχούν οι δενδρομηδικές. Οι κλιματολογικές και εδαφικές συνθήκες είναι ιδιαίτερα δυσμενείς για την ανάπτυξη δενδρώδους και θαμνώδους βλάστησης καθώς ο χειμώνας είναι ήπιος και το καλοκαίρι ζεστό και ξηρό (Ζορμπά 2006). Σημαντικό στοιχείο του Λόφου αποτελεί η ορνιθοπανίδα, καθώς παρουσιάζει πλήθος πτηνών αλλά και μεγάλη ποικιλία αυτών, περίπου 60 είδη συμπεριλαμβανομένης της κουκουβάγιας. Επιπλέον, παρατηρούνται χελώνες και σαύρες.

Πολιτικές διαχείρισης και κοινωνικά κινήματα

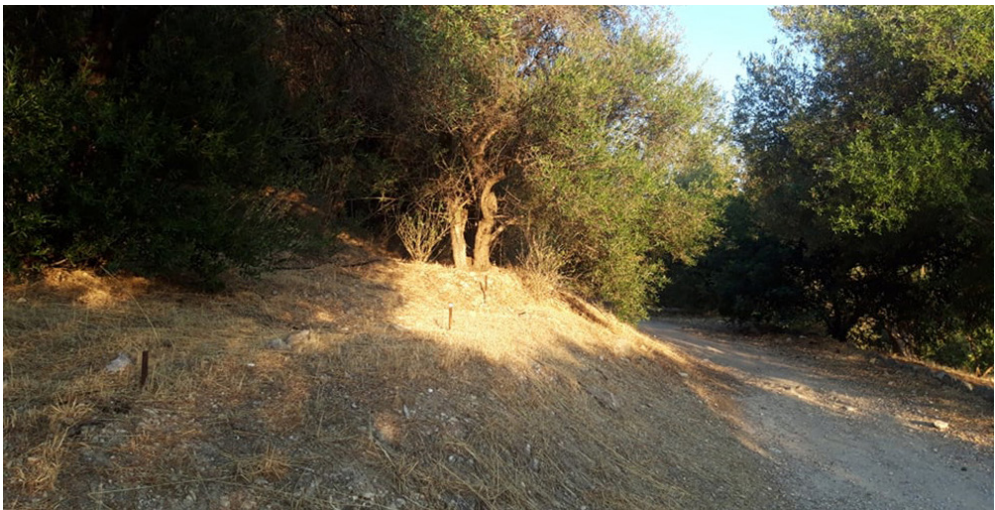
Καθοριστικής σημασίας για την ιστορία και την εξέλιξη του πάρκου «Λόφου Φιλοπάππου», ήταν οι κινητοποιήσεις που πραγματοποιήθηκαν στις 3 Νοεμβρίου του 2002 ενάντια στην περίφραξή του και έκτοτε συνεχίζονται μέχρι σήμερα. Οι πληροφορίες για αυτές αντλήθηκαν από τις συζητήσεις με δύο ομάδες που δραστηριοποιούνται στο χώρο του Λόφου. Πιο συγκεκριμένα, οι ομάδες που αποτέλεσαν και κομμάτι της παρούσας έρευνας, είναι η Ανοιχτή Συνέλευση Κατοίκων Πετραλώνων, Θησειού, Κουκάκι και η ομάδα «Φιλοπάππου». Αναλυτικότερα, ενώ μέχρι εκείνη την περίοδο ο Λόφος αποτελούσε έναν ελεύθερο δημόσιο χώρο, η Ανώνυμη Εταιρεία Ενοποίησης Αρχαιολογικών Χώρων Αθή-



νας (ΕΑΧΑ ΑΕ), το Υπουργείο Πολιτισμού και ο Δήμος Αθηναίων αποφάσισαν να περιφράξουν μέσω κάγκελων την συνολική έκταση και να επιβάλουν εισιτήριο. Έχοντας ήδη πραγματοποιηθεί καταπάτηση του χώρου του Λόφου, με την κατασκευή του εστιατορίου “Διόνυσος” δεκαετίες πριν. Μία επιχείρηση που στήθηκε με την υφαρπαγή και καταπάτηση 5 στρεμμάτων από τα 13 που είχε απαλλοτριώσει ο δήμος Αθηναίων και είχαν χαρακτηριστεί ως «άλσος και πλατεία». Ο στόχος ήταν η ιδιωτικοποίηση του χώρου και η ενίσχυση εμπορικής δραστηριότητας σε αυτόν με ενέργειες όπως υπαίθριες εκθέσεις γλυπτικής, αναψυκτήρια, θέατρα και μαγαζιά με σουβενίρ. Όλα αυτά τα γεγονότα την εποχή που η Ελλάδα προετοιμαζόταν για την διοργάνωση των Ολυμπιακών Αγώνων του 2004. Έτσι, από το 2002 πραγματοποιούνται τεράστιες συγκεντρώσεις και κινητοποιήσεις των κατοίκων αλλά και ανθρώπων από διαφορετικούς δήμους. Σε τακτική βάση διοργανώνονταν Λαϊκές Συνελεύσεις προκειμένου να εμποδιστούν οι προσπάθειες περιφράξης από τους αρμόδιους φορείς και να παραμείνει ο Λόφος ελεύθερος για όλους.

Περισσότεροι από 400 πολίτες διαδήλωσαν και κατεδάφισαν τμήματα του φράχτη, γεγονός που συνεχίστηκε για περίπου 6 χρόνια όταν και το Υπουργείο χαρακτήρισε τον Λόφο «οργανωμένο αρχαιολογικό χώρο». Οι πολίτες έφεραν την υπόθεση στο Συμβούλιο της Επικρατείας. Το 2015 το Συμβούλιο ανακήρυξε τον Λόφο αρχαιολογικό χώρο και δημόσιο χώρο περιπάτου και αναψυχής. Όλα τα μέρη του λόφου παρέμειναν προσβάσιμα όλο το εικοσιτετράωρο χωρίς χρέωση. Όλα αυτά τα χρόνια οι κάτοικοι μέσα από συνελεύσεις, διαμαρτυρίες, συζητήσεις, πορείες, ημερίδες, δικαστικές μάχες, δένδροφυτεύσεις, πότισμα και συντήρηση φυτών και προστασία από φωτιές που προέκυψαν, κατάφεραν να παραμείνει ο λόφος προσβάσιμος 24 ώρες, προστάτησαν το Λόφο από ιδιωτικοποίησή του και διεκδίκησαν, όπως και κάνουν ακόμα, την πυροπροστασία, την άρδευση και τον σεβασμό στην βιοποικιλότητα.

Πασαλάκια σήμανσης που είχαν τοποθετηθεί προκειμένου να κατασκευαστούν τα κάγκελα περιφράξης



Πηγή: Προσωπικό αρχείο

Οι προσπάθειες όμως των υπεύθυνων λήψης αποφάσεων για παρέμβαση και ιδιωτικοποίηση τμημάτων του πάρκου συνεχίζεται. Έτσι, το 2017 πραγματοποιήθηκε προσπάθεια ένταξης 13 στρεμμάτων στο ΤΑΙΠΕΔ (Ταμείο Αξιοποίησης Ιδιωτικής Περιουσίας του Δημοσίου). Όμως και πάλι μέσα από τον αγώνα των κατοίκων δεν προχώρησαν τα σχέδια. Το 2018 με αφορμή την δολοφονία ενός 25χρονου, που έπεσε από ύψος 20 μέτρων, επανήλθαν τα σχέδια και περιφράξεις και επεμβάσεις από την αρχαιολογική υπηρεσία και τον Δήμο. Αποτέλεσμα αυτών ήταν η προσπάθεια περιφράξης της Πνύκας, κάτι που για άλλη μια φορά δεν πραγματοποιήθηκε χάρις την αντίσταση των κατοίκων που κατάφεραν να αποτρέψουν την περιφράξη.

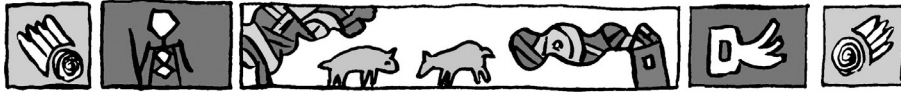
Το 2020 πέρασε μία τροπολογία βάσει νόμου (άρθρο 100 Ν. 4674/2020, ΦΕΚ Α53/11-3-2020) του Υπουργείου Εσωτερικών, η οποία δίνει το δικαίωμα στον Δήμο Αθηναίων να συντονίσει φορέα διαχείρισης του λόφου Φιλοπάππου και του Εθνικού κήπου (με δυνατότητα να συμπεριλάβει και άλλους χώρους στο μέλλον). Ο φορέας αυτός θα λειτουργεί στην βάση των κανόνων της ιδιωτικής οικονομίας. Πολλές συλλογικότητες, κινήματα και κάτοικοι έχουν εκφράσει την αντίθεση τους με την απόφαση αυτή. Έτσι οργανώθηκαν δράσεις ενημέρωσης και συνελεύσεις στο πάρκο ή σε άλλους δημόσιους χώρους. Αναλυτικότερα, η «Ανοιχτή Συνέλευση Κατοίκων Πετραλώνων, Θησειού, Κουκάκι» αναφέρει σε κείμενο που μοιράστηκε τα παρακάτω:

«Είναι ξεκάθαρο σε όλους/ες μας ότι πρόκειται για μια ακόμα προσπάθεια ιδιωτικοποίησης και εμπορευματοποίησης των δύο χώρων. Για μια ακόμα φορά, επιχειρείται η ιδιωτικοποίηση του λόφου Φιλοπάππου. Αυτή τη φορά, τη σκυτάλη παίρνει το Υπουργείο Εσωτερικών μαζί με τον Δήμο Αθηναίων. Τα κάγκελα, η ελεγχόμενη είσοδος με εισιτήριο, τα τουριστικά μαγαζάκια, οι καφετέριες, οι εμπορικές εκδηλώσεις εντός των χώρων είναι προ των πυλών.

Δράση και προβολή του “αγώνα για την υπεράσπιση του λόφου Φιλοπάππου”



Πηγή: Ιστοσελίδα «Ανοιχτής Συνέλευσης Κατοίκων Πετραλώνων, Θησειού, Κουκάκι» <https://askphtk.espivblogs.net/2021/04/24/filopappoy-merkoyri-23-4/>



Την Κυριακή 15 Μάρτη 2020 πραγματοποιείται μαζική Λαϊκή Συνέλευση που διαμηνύει σε όλους τους τόνους ότι θα υπερασπιστεί το λόφο με κάθε μέσο. Όλο το διάστημα από τον Μάιο του 2020 η Ανοιχτή Συνέλευση Κατοίκων Πετραλώνων-Θησειού-Κουκακίου πραγματοποιεί παρεμβάσεις στις γειτονίες μας και μαζί και με άλλες/άλλους κατοίκους των περιοχών γύρω από τον λόφο, γίνονται ανά τακτά χρονικά διαστήματα περιηγήσεις μέσα στο Φιλοπάππου, μάζεμα σκουπιδιών, συζητήσεις με κόσμο που κάνει βόλτα ή αράζει στο λόφο, σε μια προσπάθεια να κατανοήσει ο κόσμος ότι η φροντίδα των ελεύθερων χώρων είναι και δική μας υπόθεση. Διότι δεν έχουμε μονάχα δικαίωμα στην πρόσβαση στον λόφο, μα και μεγάλη υποχρέωση να τον διαφυλάξουμε και να τον προασπίσουμε. Οφείλουμε να τον προστατεύουμε, να τον φροντίζουμε και να τον διατηρούμε καθαρό. Οι δημόσιοι χώροι αποτέλεσαν και συνεχίζουν να αποτελούν ένα πεδίο όπου από τη μία συγκρούονται τα σχέδια του κράτους και των επιχειρηματιών και από την άλλη οι ανάγκες και οι επιθυμίες της κοινωνίας.

Από όλα τα παραπάνω είναι ξεκάθαρο σε όλους/ες μας ότι οι δημόσιοι χώροι βρίσκονται σε πολιορκία. Τα επιχειρηματικά σχέδια, κρατικά και ιδιωτικά, προωθούν σε πρώτο χρόνο την απαξίωση και σε δεύτερο χρόνο τον έλεγχο, την ιδιωτικοποίηση, την τσιμεντοποίηση και την εμπορευματοποίησή τους. Ο Φιλοπάππου, ο Εθνικός Κήπος και κάθε δημόσιος χώρος δεν είναι εμπόρευμα, είναι όαση στην ασφυκτική ατμόσφαιρα της τσιμεντούπολης, όπως αποδεικνύεται περίτρανα εν μέσω πανδημίας και lockdown. Οφείλουμε να υπερασπιστούμε τον δημόσιο χαρακτήρα και την ελεύθερη πρόσβαση για όλες-ους στους λόφους, τα πάρκα και τις πλατείες και να αντιτάξουμε τη συλλογική διαχείριση για τη φροντίδα και την προστασία τους.

Όπως εχθές, έτσι και σήμερα και αύριο και κάτω από οποιοδήποτε επιβαλλόμενο καθεστώς έκτακτης ανάγκης να υπερασπιστούμε τους ελεύθερους χώρους και να μην επιτρέψουμε την ιδιωτικοποίηση, την εμπορευματοποίηση και την περιφραξή τους».

Σύμφωνα με άτομα που δραστηριοποιούνται στην «Ανοιχτή Συνέλευση Κατοίκων Πετραλώνων-Θησειού-Κουκάκι», η ομάδα λειτουργεί ως συλλογικότητα με συμμετοχική δράση όπου μέσα από τις διάφορες λαϊκές συνελεύσεις στις γειτονίες εντάσσονται οι παρακάτω συλλογικές παρεμβάσεις και διεκδικήσεις: Ενάντια στην περιφραξή και εμπορευματοποίηση του λόφου Φιλοπάππου, στις κεραίες κινητής τηλεφωνίας, στην εμπορική ανάπτυξη του Θησειού και των Α. Πετραλώνων, στις κάμερες παρακολούθησης, στην ελεγχόμενη στάθμευση στη γειτονία του Θησειού -η οποία υπόκρυπτε μια ελεγχόμενη ζωή-, ενάντια στην αύξηση στα εισιτήρια των Μέσων Μαζικής Μετα-

φοράς απαιτώντας την ελεύθερη μετακίνηση, ενάντια στο κλείσιμο του εργοστασίου της Σίσσερ-Πάλκο. Την άνοιξη του 2009 καταλήφθηκε το εγκαταλελειμμένο ΠΙΚΠΑ (όπου σήμερα στεγάζονται ο κοινωνικός χώρος υγείας, το παιδικό στέκι καθώς και διάφορες δραστηριότητες της συνέλευσης). Ακόμα, αναπτύχθηκαν μια σειρά δράσεις για να γίνει το πάρκο στη Κορεάτικη Αγορά και για να ξαναφτιαχτεί το Σεράφειο κολυμβητήριο.

Κάποιες επιπλέον δράσεις της ομάδας είναι, αρχικά η αυτό-οργανωμένη δομή αλληλεγγύης και συλλογής-προσφοράς ειδών πρώτης ανάγκης «Το Ντουλάπι». Στόχος είναι η κάλυψη των βασικών αναγκών και της καλλιέργειας της αλληλεγγύης στις γειτονιές, μέσω δράσεων συλλογής ειδών πρώτης ανάγκης και τροφίμων και προσφοράς τους σε όσους/ες έχουν ανάγκη. Έτσι δημιουργήθηκε ένας χώρος, μέσα στην κατάληψη πρώην ΠΙΚΠΑ στον οποίο και στεγάζεται η συνέλευση, που πραγματοποιείται η συλλογή- προσφορά σε μία πιο σταθερή βάση. Παράλληλα με δράσεις και εκδηλώσεις για την συλλογή και προσφορά ειδών και τροφίμων, σε κεντρικά σημεία των γειτονιών. Ο χώρος είναι ανοιχτός μία φορά την εβδομάδα (εν μέσω της πανδημίας δύο) έτσι ώστε όποιος/α θέλει, να μπορεί να προσφέρει ή να πάρει ότι χρειάζεται. Βασικός στόχος της ομάδας μέσω αυτή της διαδικασίας είναι η δημιουργία σταδιακά, μιας δομής αλληλεγγύης και ενδυνάμωσης της γειτονιάς, έτσι ώστε να γνωριστούν, να επικοινωνήσουν και να ανταλλάξουν απόψεις και σκεπτικά τα μέλη της. Τέλος, το «Ντουλάπι» βοηθάει σταθερά 15 οικογένειες, ενώ εν μέσω των αυστηρών μέτρων εγκλεισμού οι οικογένειες φτάσανε τις 40.

Μία άλλη σημαντική δράση είναι το εργαστήρι παιδικών δράσεων «Φτου Ξελευτερία», το οποίο πραγματοποιείται δύο φορές το μήνα. Οι δράσεις αυτές για τα παιδιά, περιλαμβάνουν την ζωγραφική στον εξωτερικό χώρο της κατάληψης, διάφορα παιχνίδια και φυτεύσεις λουλουδιών. Επιπλέον, η συλλογικότητα έχει πραγματοποιήσει και πραγματοποιεί ακόμη δράσεις δένδροφυτεύσεων στο Λόφο Φιλοπάππου και κατά καιρούς πραγματοποίησε περιφρουρήσεις με στόχο την πυροπροστασία του χώρου. Τα μέλη της συλλογικότητας είναι κάτοικοι των κοντινών δήμων Κουκάκι, Πετράλωνα, Θησείο.

Η θέση της ομάδας για το λόφο Φιλοπάππου είναι ότι αποτελεί χώρο περιπάτου, αστικού οικοσυστήματος, ιστορικού και αρχαιολογικού χώρου. Είναι χώρος ανοιχτός, ζωντανός και ελεύθερος, ένας από τους ελάχιστους χώρους πρασίνου μέσα στη τσιμεντούπολη. Επιπλέον, τα μέλη ανέφεραν ότι για αυτούς ο χώρος είναι ζωτικής σημασίας, είναι ένα μέρος που βρίσκονται και παίζουν από μικρά παιδιά, ένας μέρος που ζήσανε τους πρώτους τους έρωτες και ένας μέρος που έχει συνδυαστεί με παιδικές και εφηβικές αναμνήσεις μέχρι την ανάγκη επίσκεψης μετά τα εξαντλητικά ωράρια εργασίας σήμερα.

Στην συνέχεια ακολουθεί μέρος της ερευνητικής εργασία που πραγματοποίησα στο Λόφο Φιλοπάππου, το χρονικό διάστημα από 27/07/2020 έως 07/8/2020. Στα παι-



σια της μελέτης, πραγματοποιήθηκαν μία σειρά συνεντεύξεων και συζητήσεων με 45 επισκέπτες του πάρκου την ώρα που βρίσκονταν σε αυτό. Παρακάτω παρουσιάζονται οι ερωτήσεις προς τους επισκέπτες ανά κατηγορία και τα αποτελέσματα βάσει των απαντήσεων για την κάθε μία.

A. Επισκεψιμότητα - Προσβασιμότητα

Πόσο συχνά επισκεφθήκατε το πάρκο κατά την διάρκεια των μέτρων περιορισμού εν μέσω της πανδημίας την περίοδο από 16 Μαρτίου έως 4 Μαΐου;

Από τους ερωτώμενους που επισκέπτονται το πάρκο, οι περισσότεροι απάντησαν ότι κατά το διάστημα αυτό που ήταν κλειστά τα δημόσια πάρκα της Ελλάδας το επισκέπτονταν σε μεγάλη συχνότητα ενώ κάποιοι άλλοι αρκετά λιγότερο. Δε ήταν λίγοι όμως αυτοί που ανέφεραν ότι δε το επισκέφτηκαν καθόλου, καθώς η γενικότερη κατεύθυνση από την κυβέρνηση ήταν να μην χρησιμοποιούνται οι δημόσιοι ανοικτοί χώροι από τους κατοίκους.

Παρατηρείτε διαφορά στην συχνότητα επίσκεψής σας στο πάρκο πριν και μετά τα μέτρα αντιμετώπισης της πανδημίας;

Σε αυτή την ερώτηση ήταν εμφανές ότι το μεγαλύτερο μέρος των ερωτώμενων έχει παρατηρήσει διαφορά στην συχνότητα επίσκεψής σε σχέση με πριν τα μέτρα αντιμετώπισης της πανδημίας. Επομένως, έχει δημιουργηθεί η ανάγκη να επισκέπτονται το πάρκο πιο τακτικά μέσα στην εβδομάδα.

Τι αριθμό επισκεπτών παρατηρήσατε στο πάρκο κατά τη διάρκεια των περιοριστικών μέτρων για την πανδημία την περίοδο από 16 Μαρτίου έως 4 Μαΐου;

Στην παρούσα ερώτηση είναι σημαντικό να αναφερθεί ότι πολλοί άνθρωποι δεν παρατήρησαν μεγάλο αριθμό επισκεπτών, ενώ άλλοι το αντίθετο. Βάσει των λεγομένων τους συμπεραίνουμε, ότι εξαρτάται κατά πολύ από το ποιους χώρους του πάρκου χρησιμοποιεί ο κάθε χρήστης.

Τι αριθμό επισκεπτών παρατηρείτε στο πάρκο σήμερα;

Από την άλλη, σε αυτή την ερώτηση οι περισσότεροι απάντησαν ότι σήμερα έχει σημαντικά μεγαλύτερο αριθμό κόσμου από ότι πριν τα μέτρα.

Πόσο συχνά επισκέπτεστε το πάρκο;

Οι ερωτώμενοι και εδώ απάντησαν ότι σήμερα επισκέπτονται το πάρκο σταθερά σε μεγάλη συχνότητα, ενώ ήταν ελάχιστοι αυτοί που απάντησαν ότι το επισκέπτονται λίγο ή καθόλου.

Πόση ώρα μένετε συνήθως στο πάρκο;

Οι δημοφιλέστερες απαντήσεις σχετικά με αυτή την ερώτηση ήταν 30 λεπτά με 1 ώρα και 1 με 2 ώρες. Δεν ήταν λίγοι όμως και αυτοί που παραμένουν στο πάρκο για πάνω από 2 ώρες. Πιο συγκεκριμένα, κατά τη διάρκεια συνέντευξης με επισκέπτη που παράλληλα είχε βγάλει το σκύλο βόλτα ανέφερε το εξής:

«Περιμένω πότε θα γυρίσω μετά από 10 ώρες δουλειά, για να έρθω στο πάρκο να ηρεμίσω για 3 και 4 ώρες.»

Με ποιο μέσο μεταβαίνετε στο πάρκο;

Με συντριπτική διαφορά οι περισσότεροι ερωτώμενοι μεταβαίνουν στο πάρκο με τα πόδια, καθώς είναι και κάτοικοι κοντινών περιοχών. Επίσης, λίγοι απάντησαν με τα ΜΜΜ, ενώ ακόμα πιο λίγοι με αυτοκίνητο.

B. Συμμετοχή στα κοινά και δράσειςΓια ποιες δραστηριότητες επισκέπτεστε το πάρκο;

Για την συγκεκριμένη ερώτηση να σημειωθεί ότι όλες οι συνεντεύξεις στους ερωτώμενους πραγματοποιήθηκαν κατά την διάρκεια της επίσκεψής τους στο Λόφο. Οι περισσότεροι απαντούν ότι επέλεγον το πάρκο για περίπατο και συνάντηση με φίλους στους δημόσιους χώρους αυτού. Αρκετοί ήταν αυτοί που το χρησιμοποιούν για αθλητισμό, βόλτα με τα παιδιά ή τον σκύλο.

Συναντιέστε συλλογικά για δραστηριότητες στο πάρκο (καλλιέργεια, συλλογική κουζίνα, αθλητισμός κλπ);

Συντριπτικά πολλές ήταν οι απαντήσεις σε αυτήν την ερώτηση που ανέφεραν ότι δεν συναντιούνται συλλογικά καθόλου για δραστηριότητες στο πάρκο. Ελάχιστοι ήταν αυτοί που ανέφερε ότι συναντιούνται μερικές φορές

Πως ενημερώνεστε για τυχόν δράσεις στο πάρκο;

Περίπου οι μισοί ερωτώμενοι απάντησαν μέσω social media ή ότι δεν ενημερώνονται καθόλου, ενώ ακόμα πιο λίγοι είπαν μέσω γνωστών και φίλων και τοιχοκολλημένων αφισών.

Έχετε συμμετάσχει σε δράσεις προστασίας/περιποίησης του πάρκου;

Η συντριπτική πλειοψηφία απάντησε ότι δεν έχει συμμετάσχει ποτέ σε τέτοιου είδους δράσεις στο πάρκο.

Έχετε συμμετάσχει σε συνελεύσεις για θέματα που αφορούν το πάρκο;

Και σε αυτή την ερώτηση το μεγαλύτερο ποσοστό απάντησε ότι δεν έχει συμμετάσχει



ποτέ σε συνελεύσεις, εκτός από 12 άτομα που ανέφεραν ότι συμμετέχουν μερικές φορές ή τακτικά όταν το απαιτούν οι συνθήκες.

Θα σας ενδιέφερε να συμμετέχετε σε δράσεις για την φροντίδα του πάρκου;

Ο μεγαλύτερος αριθμός, δηλαδή 30 άτομα, έδειξε διάθεση για συμμετοχή σε δράσεις φροντίδας. Γεγονός που όπως ανέφεραν και πολλοί συνεντευξιαζόμενοι αποτυπώνει είτε την απουσία δράσεων στο χώρο είτε την ελλιπή ενημέρωση ή κάλεσμα προς τον κόσμο.

Ποια είναι η θέση σας σε σχέση με μία περίφραξη ολόκληρης της έκτασης του πάρκου;

Το μεγαλύτερο μέρος των επισκεπτών ήταν κάθετα αντίθετοι σε ενδεχόμενη περίφραξη όλης της έκτασης του πάρκου, ενώ μερικοί από αυτούς είχαν συμμετάσχει στον αγώνα των πολιτών για την αποτροπή της περίφραξης που έχει επιχειρηθεί αν καιρούς σε διάφορα τμήματα του χώρου.

Συμφωνείτε με την 24ωρη λειτουργία του πάρκου;

Σχεδόν όλοι απάντησαν ότι συμφωνούν με την 24ωρη λειτουργία του πάρκου, καθώς πολλοί από αυτούς το αντιλαμβάνονται ως προέκταση της γειτονιάς τους και το χρησιμοποιούν καθημερινά.

Η επιβολή αντιτίμου για την είσοδο στο πάρκο θεωρείτε ότι είναι ανασταλτικός παράγοντας για την επίσκεψή σας στο πάρκο;

Οι περισσότεροι επισκέπτες απάντησαν ότι δεν είναι υπέρ σε ενδεχόμενη εφαρμογή πληρωμής εισιτηρίου. Το μεγαλύτερο μέρος των επισκεπτών κατοικεί κοντά στο πάρκο ή μένει δίπλα, επομένως δεν μπορούν να διανοηθούν όπως είπαν να πληρώνουν για να εισέρχονται στο χώρο. Ενώ ένα μικρότερο ποσοστό απάντησε ότι δεν είναι κάθετα αρνητικό στην ύπαρξη εισιτηρίου, κυρίως για λόγους φόβου τις βραδινές ώρες και καλύτερης καθαριότητας.

Ακολουθούν μερικά αποσπάσματα από τις απαντήσεις των ερωτώμενων επισκεπτών ως αιτιολογία στην συγκεκριμένη ερώτηση:

- Δημόσιος χώρος
- Αρχαιολογικός χώρος και δημόσιος, άρα ελεύθερος προς όλους
- Ελεύθερο αγαθό
- Δημόσιο αγαθό
- Πρέπει να είναι προσβάσιμο σε όλους τους ανθρώπους, εάν μπει αντίτιμο κατευθείαν γίνεται μη προσβάσιμο σε άτομα με χαμηλό εισόδημα, επίσης δεν θεωρώ πως είναι λογικό να υπάρχει αντίτιμο για την είσοδο μου σε έναν λόφο.
- Δημόσιος χώρος, συχνή επίσκεψη
- Είναι δημόσιος χώρος, και με τη επιβολή αντιτίμου αρκετές κοινωνικές ομάδες

- χάνουν την δυνατότητα επίσκεψης
- Θα μπαίνουμε απ' τις τρύπες
 - Δημόσιο αγαθό, πληρώνουμε ήδη φόρους
 - Εξασφάλιση ασφάλειας
 - Δύσκολη οικονομική κατάσταση
 - Θα σταματούσε να ναι δημόσιο
 - Είναι δημόσιος χώρος πρέπει να είναι για όλους
 - Πρέπει να υπάρχουν έσοδα για την συντήρηση
 - Οι καθημερινές επισκέψεις θα κοστίζουν
 - Το πολιτιστικά αγαθά και η ιστορία δεν πρέπει να είναι εμπόρευμα . Ανήκουν σε όλους.
 - Είναι αναφαίρετο δικαίωμα να κυκλοφορώ στην πόλη μου ελεύθερα και χωρίς οικονομική επιβάρυνση.
 - Να μην υπάρχει εξάρτηση από την οικονομική δυνατότητα του ενδιαφερόμενου.
 - Το πάρκο δεν είναι πολυτέλεια. Είναι απαραίτητο για την ισορροπημένη ζωή ενός ανθρώπου στην πόλη. Οτιδήποτε περιορίζει την πρόσβασή μας σε αυτό, θίγει την ποιότητα της ζωής μας.

Γ. Σημερινή κατάσταση του πάρκου

Αναφέρετε λέξεις που σας ενθαρρύνουν να επισκεφτείτε το πάρκο.

Ακολουθούν λέξεις που επιλέχτηκαν:

Οξυγόνο, χαλάρωση, φύση, δέντρα, αποφόρτιση, αεράκι, οπτική ποικιλομορφία, γαλήνη, ελευθερία, ασφάλεια, ενέργεια, ελευθερία, Πικιώνης, ευεξία, περίπατος, θέα, ηρεμία, ησυχία, δροσιά, καθαρός αέρας, πράσινο, επικοινωνία, χαρά, ξεκούραση, αναζωογόνηση, ζώα, αθλητισμός, μνημεία, ιστορία, ήλιος

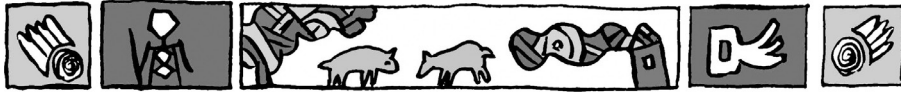
Αναφέρετε λέξεις που σας αποθαρρύνουν να επισκεφτείτε το πάρκο.

Ακολουθούν λέξεις που επιλέχτηκαν:

Εγκληματικότητα, απορρίμματα, τίποτα, ναρκωτικά, κανένας, επικινδυνότητα, πολυκοσμία, αστυνομοκρατία, αλητεία, ανασφάλεια, κλοπή, νύχτα, ρύπανση, βρωμιά, εισιτήριο, ταλαιπωρία με μέσα, έλλειψη φωτισμού, καταχρήσεις, κρύο, τουριστικοποίηση, περίφραξη.

Είστε ικανοποιημένος από την διαχείριση του πάρκου:

Οι περισσότεροι απάντησαν είτε ότι είναι ικανοποιημένοι με την ως τώρα διαχείριση και δεν έχουν εντοπίσει ουσιαστικά προβλήματα στα σημεία του πάρκου που χρησιμοποιούν, είτε ότι έχουν εντοπίσει μερικές ελλείψεις σε διάφορα μέρη του χώρου.



Ενώ λίγοι ήταν εκείνοι που εξέφρασαν ότι δεν είναι καθόλου ικανοποιημένοι με την διαχείριση.

Τι σας αποθαρρύνει να επισκεφτείτε το πάρκο;

Πολλά άτομα ανέφεραν ότι φοβούνται για την προσωπική τους ασφάλεια. Επίσης αρκετοί ανέφεραν ότι τα απορρίμματα τους αποθαρρύνουν να επισκέπτονται το πάρκο. Κάποιες άλλες αιτίες είναι οι ακαθαρσίες σκύλων, η απόσταση από το σπίτι τους και ότι δεν πηγαίνουν οι φίλοι τους. Να σημειωθεί ότι μερικά άτομα ανέφεραν ότι δε τους αποθαρρύνει τίποτα.

Έχετε εντοπίσει προβλήματα που χρειάζονταν επιδιόρθωση στο πάρκο (ανεπαρκής ή/και επικίνδυνες υποδομές, μη φιλοπεριβαλλοντικές δράσεις, εγκληματικότητα κ.ά.):

Στην τελευταία ερώτηση, 21 άτομα ανέφεραν ότι έχουν εντοπίσει προβλήματα που χρειάζονταν επιδιόρθωση στο πάρκο. Μερικά από αυτά που αναφέρθηκαν ήταν ο ελλιπής φωτισμός, οι αυθαίρετες επεκτάσεις κτηρίων μέσα στο πάρκο, η ελλιπής συντήρηση φυτών και υποδομών και η ύπαρξη απορριμμάτων. Από την άλλη 12 άτομα ανέφεραν ότι δεν έχουν εντοπίσει προβλήματα. Ενώ πιο λίγα ήταν εκείνα που εντόπισαν προβλήματα και τα έλυσαν μέσω της συμμετοχής σε κάποια ομάδα ή μόνοι τους.

ΣΥΖΗΤΗΣΗ – ΣΥΜΠΕΡΑΣΜΑΤΑ

Βάσει των αποτελεσμάτων των ερωτηματολογίων για το πάρκο του Λόφου Φιλοπάπου, προέκυψαν κάποια σημεία άξια περαιτέρω σχολιασμού. Πιο συγκεκριμένα, παρατηρείται η ανάγκη χρήσης αστικών πάρκων και η μεγάλη σημασία τους για τους κατοίκους, καθώς κατά τη διάρκεια των μέτρων περιορισμού εν μέσω της πανδημίας την περίοδο από 16 Μαρτίου έως 4 Μαΐου το μεγαλύτερο ποσοστό των ερωτώμενων ανέφερε ότι επισκέφτηκε τον Λόφο σε μεγάλη συχνότητα. Επίσης, παρατηρείται ένας μεγάλος αριθμός του κόσμου που επισκέπτεται περισσότερο το πάρκο μετά την εμφάνιση της πανδημίας από ότι πριν. Στοιχείο που υποδηλώνει ότι με τα νέα δεδομένα που προέκυψαν με την εμφάνιση της πανδημίας, καθιερώθηκε στην αντίληψη πολλών ανθρώπων η τακτική επίσκεψη σε πράσινους χώρους και πάρκα. Επιπρόσθετα, συμπεραίνουμε πόσο σημαντικός είναι ο ρόλος των αστικών πράσινων χώρων, στους οποίους έχει πρόσβαση το κοινό, στον τρόπο με τον οποίο οι πολίτες προσαρμόστηκαν στα μέτρα περιορισμού της πανδημίας. Όπως υποστηρίζουν και οι Venter et al. (2020), ο προσβάσιμος μεγάλος ανοιχτός πράσινος χώρος σε συνδυασμό με την τήρηση της κοινωνικής απόστασης στον πληθυσμό μετριάξει τις αρνητικές επιπτώσεις στην υγεία εν μέσω των περιορισμών σωματικής κινητικότητας, μειώνοντας παράλληλα τον κίνδυνο μετάδοσης ασθενειών. Επιπλέον, διευκολύνεται η τήρηση της απόστασης που είναι σύμφωνη με τις οδηγίες για κοινωνικές αποστάσεις, ακόμη και για αυτο-απομόνωση.

Από τις δράσεις και τους αγώνες εντός του πάρκου του «Λόφου Φιλοπάππου», προκύπτει μία άμεση συσχέτιση με τις έννοιες των αστικών κοινών και της αστικής πολιτικής οικολογίας. Οι θέσεις της «Ανοιχτής Συνέλευσης Κατοίκων Πετραλώνων-Θησειού-Κουκάκι» είναι ενάντια στην περίφραξη, στην αστυνόμευση και τον έλεγχο και στην εμπορευματοποίηση των δημόσιων ελεύθερων χώρων. Επίσης, συμμετέχουν ενεργά σε κινητοποιήσεις κοινωνικό-πολιτικού χαρακτήρα με στόχο την διεκδίκηση και απαίτηση καλύτερων και δικαιότερων συνθηκών για όλους και πραγματοποιούν δράσεις αυτό-μόρφωσης, αυτό-οργάνωσης και αυτονομίας.

Τα κοινωνικά κινήματα πόλης που δραστηριοποιούνται για θέματα που αφορούν τα αστικά πάρκα και μας απασχόλησαν σε αυτή την μελέτη, ήταν και είναι αντίθετα με τις παρεμβάσεις που έχουν στόχο τις επενδύσεις και τις ιδιωτικοποιήσεις, εντός των εκτάσεων των πάρκων. Πολιτικές, με βασικά εργαλεία εφαρμογής τις ιδιωτικοποιήσεις και την επιβολή εισιτηρίου με στόχο την προσέλκυση ατόμων που θα επιφέρουν κέρδος αποκλείοντας έτσι το μεγαλύτερο μέρος της κοινωνίας. Εκτός της προσπάθειας που πραγματοποιήθηκε για περίφραξη της συνολικής έκτασής του Φιλοπάππου, υπήρξε και ανάλογη προσπάθεια και για συγκεκριμένη έκταση όπου εμπεριέχει αρχαία ευρήματα ιστορικού ενδιαφέροντος στην Ακαδημία Πλάτωνος. Οι αγώνες των κατοίκων και των πολιτών ήταν αυτές, που μπλόκαραν ή εμπόδισαν την επεμβάσεις περίφραξης και ιδιωτικοποίησης και στις δύο περιπτώσεις. Το ίδιο φάνηκε πως είναι διατεθειμένοι να πραγματοποιήσουν και η κάτοικοι των Εξαρχείων, για την υπεράσπιση του Λόφου του Στρέφη. Από τα παραπάνω προκύπτει ότι τα κινήματα αντιλαμβάνονται τα πάρκα ως «κοινά» έρχοντας σε συμφωνία με τους Χέλφριχ & Μπόλιερ (2016), καθώς διεκδικούν και επιλύουν προβλήματα που προκύπτουν παρέχοντας αποτελεσματική αυτοδιακυβέρνηση για έναν πόρο ή χώρο που μοιράζονται οι χρήστες μεταξύ τους.

Από τα παρακάτω προκύπτει η ύπαρξη δύο αντίθετων ιδεολογικών οραμάτων της φύσης και του σκοπού του δημόσιου χώρου. Από την μία τα κοινωνικά κινήματα, οι συλλογικότητες, οι ακτιβιστές, ένα μεγάλο μέρος των κατοίκων και οι άστεγοι που χρησιμοποιούν τα αστικά πάρκα για να προωθούν το όραμα ενός χώρου που χαρακτηρίζεται από την ελεύθερη αλληλεπίδραση και την απουσία εξαναγκασμού από ισχυρούς θεσμούς. Για αυτούς, ο δημόσιος χώρος είναι ένας απεριόριστος χώρος μέσα στον οποίο τα κοινωνικά κινήματα μπορούν να οργανωθούν και να επεκταθούν ευρύτερα. Αντίθετα, το όραμα των εκπροσώπων του κράτους ή του δήμου είναι αρκετά διαφορετικό. Οι κοινόχρηστοι χώροι γι' αυτούς αποτελούν μια ελεγχόμενη και οργανωμένη υποχώρηση όπου ένα σωστά συμπεριφερόμενο κοινό μπορεί να βιώσει το θέαμα της πόλης. Βασικό εργαλείο εφαρμογής του πρώτου οράματος είναι τα κοινά, ενώ του δεύτερου η εμπορευματοποίηση. Είναι γεγονός, ότι και τα δύο εργαλεία αποτελούν δυο αλληλένδετες έννοιες που αντανακλούν τους κοινωνικούς ανταγωνισμούς και υποδηλώνουν την συμμετοχή ή την απαγόρευση των κοινωνιών και των κοινοτήτων από τη πρόσβαση, χρήση, ανάκτηση και διαχείριση των πόρων και μέσων παραγωγής και αναπαραγωγής.



Έπειτα από ένα μεγάλο χρονικό διάστημα εν μέσω συνθηκών πανδημίας, προκύπτει μια σειρά θετικών επιπτώσεων των πάρκων προς την κοινωνία. Αρχικά, ήταν εύκολα προσβάσιμος και οποιαδήποτε στιγμή για σημαντικό τμήμα του κόσμου μεγάλος ανοιχτός πράσινος χώρος αλλά και ήταν εφικτό να τηρηθούν οι απαιτούμενες κοινωνικές αποστάσεις. Επιπλέον, μειώνεται σημαντικά ο κίνδυνος μετάδοσης ασθενειών, του άγχους αλλά και προκαλείται αποφυγή της αίσθησης απομόνωσης. Ενώ από την άλλη, προσφέρονται ψυχολογικά και συναισθηματικά οφέλη κατά τη διάρκεια μιας μεγάλης κρίσης στην υγεία. Σημαντική είναι η παρατήρηση μείωσης κινδύνου αντικοινωνικής συμπεριφοράς ειδικά κατά τη διάρκεια τόσο κρίσιμων περιόδων για τον άνθρωπο. Επίσης, προκύπτει βελτίωση της κοινωνικής συνοχής σε κοινοτικό επίπεδο και οικοδομείται μια αίσθηση ένταξης μεταξύ των κατοίκων στις κοινότητές τους.

Τέλος, τα νέα δεδομένα που καθιερώθηκαν με την εμφάνιση της πανδημίας και οι έντονες συνθήκες περιορισμού και αποξένωσης που την χαρακτηρίζουν, έδειξαν ότι σε τόσο δύσκολες περιόδους άνθρωποι και κινήματα καταφέρνουν να συνεργαστούν και να συμπορευτούν για ένα κοινό σκοπό. Σε μία πόλη σαν την Αθήνα με μη βιώσιμα ποσοστά πρασίνου ανά κάτοικο και βασικές ελλείψεις σε δημόσιο αστικό πράσινο, κάτοικοι και πρωτοβουλίες οργανώθηκαν και συσπειρώθηκαν για την υπεράσπιση των πάρκων στις γειτονιές και στις περιοχές που ζουν. Μια περίοδο που από ότι παρατηρήθηκε οι αρμόδιοι κρατικοί και δημοτικοί φορείς για την διαχείριση του αστικού πρασίνου, προσπάθησαν να εφαρμόσουν σχέδια και επεμβάσεις προς όφελος των λίγων ή για ιδιωτικά συμφέροντα. Εκμεταλλεζόμενοι με αυτόν το τρόπο τις συνθήκες πανδημίας καθώς θα ήταν πιο δύσκολη η αντίδραση του κόσμου. Τελικά όμως διανεύστηκαν, καθώς ο Covid-19 δε στάθηκε εμπόδιο για κινητοποιήσεις και διεκδικήσεις για ελεύθερους πράσινους χώρους και πάρκα για όλους.

ΒΙΒΛΙΟΓΡΑΦΙΑ

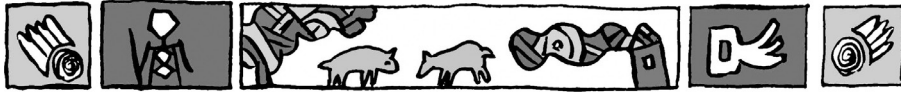
- Αθανασίου, Ε. (2015). *Πόλη και φύση: Θεωρήσεις της φύσης στον πολεοδομικό σχεδιασμό*, Εκδόσεις Κάλλιπος, Αθήνα.
- Απόφαση Δημοτικού Συμβουλίου για Λόφο Στρέφη [online]. Available from: <https://www.scribd.com/document/491394651/%CE%9B%CE%BF%CF%86%CE%BF%CF%82%CE%A3%CF%84%CF%81%CE%AD%CF%86%CE%B7?fbclid=IwAR0Y5nblWKyF03sXu57uGXbt7d4CioePHEe4MZwRdorhRMY0d4-CJWsqIG1w> [Accessed 24/06/2021].
- Anguelovski, I. (2016). From Toxic Sites to Parks as (Green) LULUs? New Challenges of Inequity, Privilege, Gentrification, and Exclusion for Urban Environmental Justice. *Journal of Planning Literature* 31, 23–36. <https://doi.org/10.1177/0885412215610491>
- Anguelovski, I., Connolly, J. J. T., Pearsallf, H., Shokry, G., Checker, M., Maantay,

- J., Gouldi, K., Lewisi, T., Andrew Maroko and Roberts, J. T. (2019). Why green “climate gentrification” threatens poor and vulnerable populations, *Pnas*, 116 (52) 26139-26143; <https://doi.org/10.1073/pnas.1920490117>
- Annerstedt, M., Östergren, P.O., Björk, J., Grahn, P., Skärbäck, E., Währborg, P. (2012). Green qualities in the neighbourhood and mental health—results from a longitudinal cohort study in Southern Sweden, *BMC Public Health*, 12(1):337
- Bavel, J.J., Baicker, K., Boggio, P.S., Capraro, V., Cichocka, A., Cikara, M., Drury, J. (2020). Using social and behavioural science to support COVID-19 pandemic response, *Nat Hum Behav*, 4(5):460–471, <https://doi.org/10.1038/s41562-020-0884-z>
- Bowler, D. E., Buyung-Ali, L., Knight, T. M., & Pullin, A. S., (2010). Urban greening to cool towns and cities: A systematic review of the empirical evidence, *Landscape and Urban Planning*, 97(3), 147–155. <http://dx.doi.org/10.1016/j.landurbplan.2010.05.006>
- Bratman, G.N., Anderson, C.B., Berman, M.G., Cochran, B., De Vries, S., Flanders, J., Kahn, P.H. (2019). Nature and mental health: An ecosystem service perspective, *Sci Adv*, 5(7):eaax0903. <https://doi.org/10.1126/sciadv.aax0903>
- Braunack-Mayer, A., Tooher, R., Collins, J. E., Street, J. M., Marshall, H. (2013). Understanding the school community’s response to school closures during the H1N1 2009 influenza pandemic, *BMC Public Health*, 13(1): 344. <https://www.biomedcentral.com/1471-2458/13/344>
- Brooks, S. K., Webster R. K., Smith, L. E., Woodland, L., Wessely, S., Greenberg N, Rubin G.J. (2020). The psychological impact of quarantine and how to reduce it: rapid review of the evidence, *Rapid Rev* 295:912–920.
- Cava, M. A, Fay, K. E., Beanlands, H. J., McCay, E. A., Wignall, R. (2005). The experience of quarantine for individuals affected by SARS in Toronto, *Public Health Nurs*, 22(5):398–406.
- Cole, H. V. S., Anguelovski, I., Baró, F., García-Lamarca, M., Kotsila, P., Carmen Pérez del Pulgar, C. del P., Shokry, G., & Triguero-Mas, M. (2020). The COVID-19 pandemic: power and privilege, gentrification, and urban environmental justice in the global north, *Cities & Health*.
- Cox, D.T., Hudson, H.L., Shanahan, D.F., Fuller, R.A., Gaston, K.J. (2017). The rarity of direct experiences of nature in an urban population, *Landsc Urban Plan*, 160:79–84.
- de Bell, S., White, M., Griffiths, A., Darlow, A., Taylor, T., Wheeler, B., Lovell, R. (2020). Spending time in the garden is positively associated with health and wellbeing: Results from a national survey in England, *Landscape and Urban Planning*, <https://hdl.handle.net/10871/120955>
- Derks, J., Giessen, L., Winkel, G., (2020). COVID-19-induced visitor boom reveals



- the importance of forests as critical infrastructure, *Forest Policy Econ*, <https://doi.org/10.1016/j.forpol.2020.102253>
- DiGiovanni, C., Conley, J., Chiu, D., Zaborski, J. (2004). Factors influencing compliance with quarantine in Toronto during the 2003 SARS outbreak, *Biosecure Bioterror*, 2(4):265–272.
- EPT [online]. Available from: <https://www.ertnews.gr/eidiseis/ellada/eisaggeliki-paremvasi-gia-tin-astynomiki-via-sti-nea-smyrni-martyries-katoikon-stin-kamera-tis-ert/> [Accessed 26/07/2021].
- Eagles, P. (2020) Personal Opinions on the Canadian Park Use Restrictions due to the COVID-19 Pandemic. TAPAS Special Topic Webinar: Protected Areas and COVID-19. <https://www.researchgate.net/publication/341411889>
- Efsyn [online]. Available from: https://www.efsyn.gr/ellada/dikaiomata/285510_anthropina-potamia-se-plateies-kai-dromoys-kata-tis-katastolis [Accessed 26/07/2021].
- Erkip, F.(1997). The distribution of urban public services: The case of parks and recreational services in Ankara. *Cities*, 14, 353–361.
- Ζορμπά, Θ. (2017). *Στου Φιλοπάππου με τα πόδια: παίζοντας με φύση - άθληση - μάθηση*, Τμήμα αρχιτεκτονικής, Εθνικό Μετσόβιο Πολυτεχνείο.
- Fisher, B., Grima, N. (2020). The importance of urban natural areas and urban ecosystem services during the COVID-19 pandemic, *SocArXiv*, <https://doi.org/10.31235/osf.io/sd3h6>
- Fong, K.C., Hart, J.E., James, P. (2018). A review of epidemiologic studies on greenness and health: updated literature through 2017, *Curr Environ Health Rep*, 5(1):77–87.
- Freeman S, Eykelbosh, A. (2020) *COVID-19 and outdoor safety: Considerations for use of outdoor recreational spaces*. National Collaborating Centre for Environmental Health. Retrieved from https://www.researchgate.net/publication/340721289_COVID-19_and_outdoor_safety_Considerations_for_use_of_outdoor_recreational_spaces_Prepared_by
- Geng, D. (Christina), Innes, J., Wu, W., Wang, G. (2021). Impacts of COVID-19 pandemic on urban park visitation: a global analysis. *J. For. Res.* 32, 553–567. <https://doi.org/10.1007/s11676-020-01249-w>
- Gill, S. E., Handley, J. F., Ennos, A. R., & Pauleit, S. (2007). Adapting cities for climate change: The role of the green infrastructure, *Built Environment*, 33, 115–133.
- Hammen, C. (2005). Stress and depression. *Annu Rev Clin Psychol*, 1:293–319
- Harvey, D. (2012). *Rebel cities: from the right to the city to the urban revolution*, Verso, London-New York.
- Hawryluck, L., Gold, W. L., Robinson, S., Pogorski, S., Galea, S., Styra, R. (2004). SARS control and psychological effects of quarantine, Toronto, *Can Emerg Infect*

- Dis* 10(7):1206–1212.
- Heynen, N., Kaika M., Swyngedouw E. (2006). *In the Nature of Cities: Urban Political Ecology and the Politics of Urban Metabolism*, Routledge, London.
- Hossain, M.M., Sultana, A., Purohit, N. (2020). Mental health outcomes of quarantine and isolation for infection prevention: A systematic umbrella review of the global evidence, *Epidemiol Health*, 42:e2020038. <https://doi.org/10.4178/epih.e2020038>
- Hughey, S.M., Walsemann, K.M., Child, S., Powers, A., Reed, J.A., Kaczynski, A.T. (2016). Using an environmental justice approach to examine the relationships between park availability and quality indicators, neighborhood disadvantage, and racial/ethnic composition. *Landscape and Urban Planning* 148, 159–169. <https://doi.org/10.1016/j.landurbplan.2015.12.016>
- Jay, M., Schraml, U. (2009). Understanding the role of urban forests for migrants – Uses, perception and integrative potential, *Urban Forestry & Urban Greening*, 8 (4), pp. 283-294, 10.1016/j.ufug.2009.07.003
- Jim, C. Y., & Chen, W. Y. (2008). Assessing the ecosystem service of air pollutant removal by urban trees in Guangzhou (China), *Journal of Environmental Management*, 88(4), 665–676.
- Jones, A. P., Brainard, J., Bateman, I. J., & Lovett, A. A. (2009). Equity of access to public parks in Birmingham, England. *Environmental Research Journal*, 3, 237–256.
- Κίνημα Ακαδημίας Πλάτωνος [online]. Available from: <https://akadimia-platonos.com/> [Accessed 24/06/2021].
- Kalandides, A. (2020). The importance of urban green in times of epidemics. Retrieved 24 April 2020 from http://blog.placemanagement.org/2020/04/11/the-importance-of-urbangreen-in-times-of-epidemics/?fbclid=IwAR0kgGCmZdJMt5o6UMKfFhqPupt9ZBqeS_HKk65uzMpikgAmy84Hhk3xuM#more-2509
- Λεοντίδου, Λ. (2020). *Πολοδομία και πανδημία στη συμπαγή πόλη της Μεσογείου: Ανθρωπογεωγραφικές παράπλευρες απώλειες του Covid-19*, Εθνικό Κέντρο Κοινωνικών Ερευνών, DOI: <https://doi.org/10.12681/grsr.23234>.
- Καθημερινή [online]. Available from: <https://www.kathimerini.gr/society/561319531/to-porisma-ton-ereynon-gia-ti-n-smyrni/> [Accessed 26/07/2021].
- Καλούδης, Σ., Καμπερίδης, Γ., Πολυτσήρης, Ζ., Γαλανπούλου, Σ., Λορέντζος, Ν. (2017). Πάρκα αναψυχής στον αστικό ιστό του λεκανοπεδίου Αττικής, *2ο Συνέδριο Γεωγραφικών Πληροφοριακών Συστημάτων και Χωρικής Ανάλυσης στη Γεωργία και στο Περιβάλλον*, Αθήνα.
- Kabisch, N., Haase, D. (2014). Green justice or just green? Provision of urban green spaces in Berlin, Germany. *Landscape and Urban Planning* 122, 129–139. <https://doi.org/10.1016/j.landurbplan.2013.11.016>
- Landry, S. M., & Chakraborty, J. (2009). Street trees and equity: Evaluating the spatial



- distribution of an urban amenity. *Environment and Planning A*, 41, 2651.
- Low, S. (2013). Public space and diversity: Distributive, procedural and interactional justice for parks. In G. Young, & D. Stevenson (Eds.), *The Ashgate research companion to planning and culture* (pp. 295–310). Surrey: Ashgate Publishing.
- Musselwhite, C., Avineri, E., and Susilo, Y. (2020). Editorial JTH 16 –The Coronavirus Disease COVID-19 and implications for transport and health, *J. Transp, Health*, 16100853
- Nicola, M., Alsafi, Z., Sohrabi, C., Kerwan, A., Al-Jabir, A., Iosifidis, C., Agha, R. (2020). The socio-economic implications of the coronavirus pandemic (COVID-19): a review, *Int J Surg* (London, England), 78:185. <https://doi.org/10.1016/j.ijssu.2020.04.018>
- Rasmussen, M., Laumann, K. (2013). The academic and psychological benefits of exercise in healthy children and adolescents. *Eur J Psychol Educ* 28(3):945–962. <https://doi.org/10.1007/s10212-012-0148-z> (Epub2020Jun2PMID:32512661)
- Reynolds, D.L., Garay, J.R., Deamond, S. L., Moran, M. K., Gold, W., Styra, R. (2008). Understanding, compliance and psychological impact of the SARS quarantine experience, *Epidemiol Infect*, 136(7):997–1007
- Rice, W.L., Pan, B. (2020). Understanding drivers of change in park visitation during the COVID-19 pandemic: a spatial application of Big data. *SocArXiv*. <https://doi.org/10.31235/osf.io/97qa4>
- Roe, J., Aspinall, P. (2011). The restorative benefits of walking in urban and rural settings in adults with good and poor mental health, *Health Place*, 17(1):103–113.
- Πανταζής, Π., Ψυχάρης, Ι. (2016). Στεγαστικός διαχωρισμός με βάση το φορολογητέο εισόδημα στην μητροπολιτική περιοχή της Αθήνας, *Athenssocialatlas* <https://www.athenssocialatlas.gr/%CE%AC%CF%81%CE%B8%CF%81%CE%BF%ce%b5%ce%b9%cf%83%ce%bf%ce%b4%ce%b7%ce%bc%ce%b1%cf%84%ce%b9%ce%ba%ce%ad%cf%82-%ce%bf%ce%bc%ce%ac%ce%b4%ce%b5%cf%82/>
- Πετροπούλου, Κ., Ραμαντιέ, Τ. (2016). *Αστικές Γεωγραφίες: Τοπία και καθημερινές διαδρομές*, Εκδόσεις Καπόν, Αθήνα.
- Pafi, M., Siragusa, A., Ferri, S., Halkia, M. (2016). Measuring the Accessibility of Urban Green Areas: A comparison of the Green ESM with other datasets in four European cities, *JRC - European Commission*, DOI:10.2788/279663
- Peters, K., Elands, B., Buijs, A. (2010). Social interactions in urban parks: Stimulating social cohesion? *Urban Forestry & Urban Greening*, 9 (2), pp. 93-100, 10.1016/j.ufug.2009.11.003
- Sallis, J.F., Cervero, R.B., Ascher, W., Henderson, K.A., Kraft, M.K., Kerr, J. (2006). An ecological approach to creating active living communities. *Annu Rev Public Health* 27, 297–322. <https://doi.org/10.1146/annurev.publhealth.27.021405.102100>
- Sanford, A. (2020). Coronavirus: Half of humanity now on lockdown as 90 countries

- call for confinement Euronews, Online: <https://www.euronews.com/2020/04/02/coronavirus-in-europe-spain-s-death-toll-hits-10-000-after-record-950-new-deaths-in-24-hou>
- Seaman, P.J., Jones, R., Ellaway, A. (2010). It's not just about the park, it's about integration too: why people choose to use or not use urban greenspaces, *Int J Behav Nutr Phys Act* 7:78. <https://doi.org/10.1186/1479-5868-7-78>
- Senatsverwaltung für Stadtentwicklung und Umwelt, (2013). (Urban Green) Urbane Grünflächen. Retrieved from: <http://www.stadtentwicklung.berlin.de/umwelt/stadtgruen/gruenanlagen/index.shtml>
- Sister, C., Wolch, J., & Wilson, J. (2010). Got green? Addressing environmental justice in park provision. *GeoJournal*, 75, 229–248.
- Stefanopoulou, E. (2019). *Archaeology and Residential Activism: Reclaiming Philopappou Hill and Plato's Academy*, Athens, Department of Archaeology, University of Southampton.
- Talen, E. (1997). The social equity of urban service distribution: An exploration of park access in Pueblo, Colorado, and Macon, Georgia. *Urban Geography*, 18, 521–541.
- ThePressProject [online]. Available from: <https://thepressproject.gr/astynomokratia-prosagoges-kai-prostima-sti-nea-smyrni/> [Accessed 26/07/2021].
- TVXS [online]. Available from: <https://tvxs.gr/news/ellada/orgio-bias-kai-astynomikis-aythairesias-sti-nea-smyrni-binteo> [Accessed 26/07/2021].
- Venter, Z. S., Barton, D. N., Gundersen, V., Figari, H., Nowell, M. (2020). *Urban nature in a time of crisis: recreational use of green space increases during the COVID-19 outbreak in Oslo*, Norway, DOI:10.31235/osf.io/kbdum.
- Wilken, J.A., Pordell, P., Goode, B., Jarteh, R., Miller, Z., Saygar, B.G., Yeiah, A. (2017). Knowledge, attitudes, and practices among members of households actively monitored or quarantined to prevent transmission of Ebola Virus Disease—Margibi County, Liberia: February- March 2015, *Prehospital Disaster Med*, 32(6):673–678.
- Wolch, J., Wilson, J. P., & Fehrenbach, J. (2005). Parks and park funding in Los Angeles: An equity-mapping analysis. *Urban Geography*, 26, 4–35.
- WWF [online]. Available from: <https://www.greece-is.com/news/wwf-greece-introduces-app-mapping-urban-green-areas/> [Accessed 26/07/2021].
- Χέλφοριχ, Ζ., Μπόλιερ, Ν. (2016). Τα κοινά στο Ντ' Αλίζα, Τ., Ντεμάρια, Φ., Καλλής, Γ., *Το λεξιλόγιο της αποανάπτυξης*, Οι εκδόσεις των συναδέρφων, Αθήνα, σελ. 120-125.
- Yasumoto, S., Jones, A., & Shimizu, C. (2014). Longitudinal trends in equity of park accessibility in Yokohama: Japan: an investigation into the role of causal mechanisms. *Environment and Planning A*, 46, 682–699.

¿El racismo forma parte de las desigualdades en Francia? Reflexiones sobre los modos de análisis de los impactos de las reglas de confinamiento sobre las desigualdades en tiempo de la crisis de la Covid-19 en Francia

Mina Kleiche-Dray

Investigadora

Ceped Centre Population et Développement

Institut de recherche pour le développement & Université de Paris, Francia

Investigadora y directora adjunto del Departamento de Ciencias Sociales del IRD,

Sociedades y Mundialización/Globalización

Correo electrónico: Mina.Kleiche-Dray@ird.fr

INTRODUCCIÓN

En el marco del Plan de emergencia sanitaria de marzo 2020 respecto a la pandemia en Francia, el confinamiento estaba supuesto permitir la continuidad del acceso a las necesidades básicas para el conjunto de la población, a fin de preservar —en la medida de lo posible— sus modos de vida cotidiana. Sin embargo, al focalizarse únicamente en el seguimiento de la evolución de la propagación del virus y en la manera en que las estructuras hospitalarias iban a poder atender a los enfermos, el gobierno abordó la expansión de la Covid-19 con una visión estrictamente sanitaria de la sociedad.

En Francia, la diversidad de los modos de vida de los habitantes del territorio nacional no ha sido tomada en cuenta en la implementación del Plan de emergencia sanitaria. Las reglas de confinamiento han privilegiado una organización de la vida cotidiana en torno al teletrabajo que limita los contactos humanos a las personas pertenecientes a un mismo hogar. El esquema ideal que sirvió para establecer las reglas del confinamiento fue el de padres presentes en el hogar, haciéndose cargo de la vida cotidiana en los aspectos material y afectivo, el de niños con acceso a la enseñanza a distancia; contando cada uno con el material y el espacio necesarios para cumplir satisfactoriamente las tareas profesionales y escolares.

Basta con una mirada hacia la configuración social de la población nacional para ver que sólo una minoría tiene acceso a estas comodidades y que, por consiguiente, las reglas de confinamiento han trastornado e incluso puesto en peligro las diversas y múltiples formas de existencia de millones de personas que, en tiempos normales, intentan resistir a las desigualdades estructurales de la sociedad.

Si bien las personas de edad avanzada fueron las que pagaron el precio más alto por causa de la Covid-19, el 37% de los pacientes hospitalizados por la Covid-19 tenían entre 15 y 64 años. Por lo tanto, es de suponer que, entre ellos, se encuentra una cantidad importante de profesionales a cargo de los cuidados sociosanitarios, muchos de ellos obligados —incluso por razones económicas— de seguir trabajando, a pesar de los riesgos para la salud (Council & Khlal, 2020). Además de los sanitarios que prestaron atención médica, los trabajadores de la limpieza, los de la seguridad, los de la recolección de basura; los repartidores; las cajeras; los trabajadores del transporte —como los conductores de furgones— y en general, el conjunto de las y los empleados en tareas logísticas fueron, de hecho, mantenidos en actividad para permitir a la sociedad enfrentar la crisis de la Covid-19 (Bezaf et al., 2020). Pero el gobierno no llamó a la población a celebrar la gran abnegación que estos también demostraron al seguir ejerciendo su labor; muchas veces sin contar con el material de protección necesario y sin posibilidad de hacer respetar el distanciamiento social. Desafortunadamente, la población tampoco estimó oportuno extender a estos trabajadores los aplausos que ofrecía a los sanitarios todos los días a las 8 de la noche. Esta ausencia de reconocimiento hacia ellas y ellos es una flagrante injusticia que merece ser examinada, no tanto para señalarla como una falta de civismo, sino para entender como, en la sociedad actual, nuestra empatía colectiva hacia la vida se manifiesta de manera diferenciada. Esta dificultad en percibir que la contribución del conjunto de las categorías profesionales a cargo de los cuidados médicos y sociosanitarios —a veces arriesgando su vida— fue la que permitió colmar las necesidades esenciales para todos en periodo de confinamiento, despierta interrogaciones acerca de la consideración diferenciada que se tiene por la salud humana y, por consiguiente, la atribución de un valor disímil a la vida en función del lugar que cada uno ocupa en nuestra sociedad.



El Plan de emergencia sanitaria y la aplicación de reglas estándar de confinamiento han creado nuevas desigualdades que aún quedan por analizar (Zerouala 2020; Salvi 2021; Ossey-Woisard 2020; SES ENS-Lyon 2020; Dumas, Naiditch et Lombrail 2020; Chkraverty y Paqueron 2020; Lambert y Bugeja 2020).

Así, el tropismo sanitario que fundamentó las reglas de confinamiento no mostró consideración por el papel desempeñado por el conjunto de personas involucradas en las actividades de atención y servicios a fin de garantizar las necesidades indispensables. Es más, fue silenciada la manera en que las reglas estándar de confinamiento trastornaron y hasta hicieron peligrar los modos de vida de millones de personas.

LA COVID-19 PONE DE MANIFIESTO LA DIVERSIDAD DE LAS ACTIVIDADES DE ATENCIÓN SOCIOSANITARIA DE PRIMERA NECESIDAD PORQUE MILLONES DE TRABAJADORAS Y TRABAJADORES SIGUIERON GARANTIZÁNDOLAS DURANTE EL CONFINAMIENTO

En primer lugar, observemos que el 74% de los asalariados siguieron ejerciendo su profesión cuyo solamente sólo 33% pudieron hacerlo desde su domicilio (Brouard, Foucault y Teinturier 2020). Entre estos últimos, el 70% de los que estuvieron teletrabajando ocupan cargos ejecutivos o intermedios, mientras que un 61% de los obreros siguió acudiendo a su lugar de trabajo (CGT 2020; Bissuel, Chocron, Prudhomme, Tonnelier, Béziat, Puille, Mouterde y Garnier 2020). En Francia, 8,8 millones de personas ejercen una profesión que impone contactos estrechos con el público o con sus colegas. Entre ellos, 41% devengan los salarios más bajos (es decir que no alcanza los 1350 euros netos al mes, con el cual se ubican en el cuartil inferior; contra un 12% cuyo ingreso se sitúa en el cuartil superior —de al menos 2750 euros). Pero, a pesar de estar expuestos en primera línea, estos trabajadores que garantizan la atención sociosanitaria no gozaron de una protección óptima (Weiler 2020). Así, durante el confinamiento (Baudet, Cojean, Gurrey y Rérolle 2020), los agentes de limpieza, las trabajadoras domésticas y la.o.s empleada.o.s del sector alimentario —que, en su mayoría, son mujeres— siguieron siendo los más expuestos al contacto con el público. Según la encuesta publicada por la Unión General de Ingenieros, Cuadros directivos et Técnicos de la Confederación General del Trabajo (Ugitec-CGT) al final del periodo de confinamiento, un 40% de los asalariados declararon no haber contado con mascarillas o guantes en cantidad suficiente; un 63% expresaron que no se tomaron medidas de alejamiento inmediato de las personas enfermas ni de colegas en contacto con enfermos o con casos sospechosos; un 93% no tuvieron alternativas a la utilización de los transportes públicos para llegar a su lugar de trabajo (CFDT 2020). Cabe recordar que esta exposición al riesgo de contaminación resulta de la falla del gobierno en imple-

mentar un plan sanitario óptimo para enfrentar la propagación del virus entre la población (Bonnet 2020; Roché 2020).

Tras varios meses de movilización —cuyo objetivo era rescatar el sistema de salud público de las amenazas de una gestión empresarial que, desde hace varias décadas, múltiples reformas gubernamentales trataban de imponer—, el personal médico había quedado agotado. A pesar de ello, debieron seguir velando por nuestra salud. Así mismo, estos otros profesionales de la atención sociosanitaria —desempeñada mayoritariamente por mujeres (Brochoire 2020; Taubira 2020)— aseguraron los cuidados y servicios de primera necesidad (Méda 2020). Sin dejar de saludar la dedicación y el gran profesionalismo del personal sanitario, no olvidemos de rendir homenaje a todas y todos esta.o.s trabajador.a.e.s quienes también contribuyeron a asegurar nuestra seguridad sociosanitaria, exponiéndose no sólo ellos sino también su familia a la propagación del SRAS-2.

En los hospitales, por ejemplo, cabe preguntarse si los sanitarios hubiesen podido proporcionar los cuidados, implementar y garantizar los protocolos terapéuticos, o incluso asegurar la atención a los familiares de los enfermos y difuntos sin el apoyo de los personales de logística, limpieza y asistencia de todo tipo —muchas veces subempleados por empresas subsidiarias. También se puede mencionar otro sector, presentado como estratégico en el Plan de emergencia sanitaria, el de la alimentación: varias semanas fueron necesarias para reestructurar y equipar los supermercados, y en general los comercios de alimentación (con protección de plexiglás para las cajas, mascarillas y guantes para el personal), y así permitir el respeto del distanciamiento social dentro de las tiendas.

Las plataformas de e-comercio contornaron la ley al seguir manteniendo in situ a miles de personas. En el afán de proveer todo tipo de mercancías a los clientes, expusieron a sus empleados tanto en los sitios de preparación como en la entrega (Prudhomme y Bissuel 2020). Debieron ocurrir varios fallecimientos (Aizicovici 2020) y que los sindicatos y colectivos de defensa de los más vulnerables alertaran reiteradamente mediante comunicados y artículos transmitidos por los medios y las redes sociales (Desmoulière, Bissuel y Pietralunga 2020). Sin embargo, fue solamente en su tercera alocución del 13 de abril (Chapuis 2020), tras 28 días de confinamiento, cuando el presidente de la República, Emmanuel Macron, mencionó finalmente el papel indispensable de estos trabajadores, refiriéndose a ellos como “cabezas de pelotón para los trabajos pesados”. Respecto a estos últimos, aunque desde el principio del encierro, el gobierno había alentado a que sus empleadores les otorgaran una bonificación, en ningún momento intervino en la negociación del posible monto ni en las condiciones de su aplicación (Jérôme y De Foucher 2020). Por cierto, tan pronto se dio a conocer, la propuesta desató la ira de los trabajadores que vieron en dicho incentivo, una vez más, la mercantilización de sus vidas. Ellos contestaron que sus



vidas no tenían precio y que lo que esperaban en este periodo de crisis eran medidas sanitarias para permitirles realizar su trabajo de manera segura.

LAS REGLAS ESTÁNDAR DE CONFINAMIENTO SOFOCAN LAS FORMAS DE VIDA DE LAS PERSONAS DE BAJOS INGRESOS QUE VIVEN EN LAS GRANDES URBES Y SON PARTICULARMENTE EXPUESTAS A LA COVID-19

Fuerte densidad poblacional, viviendas exiguas y limitaciones de movilidad: insumos para las discriminaciones espaciales en tiempos de confinamiento

No cabe duda de que los modos de vida de estas trabajadoras, clasificados por los indicadores estadísticos nacionales como personas de bajos ingresos, se han visto trastocados e incluso puestos en peligro. Además de los propios trabajadores, familias enteras han estado expuestas a la propagación del virus. El riesgo de contagio quedó evidenciado en múltiples aspectos de la vida tanto profesional como personal de estas poblaciones. Se debe tener en cuenta que, como realizan principalmente tareas de atención y servicios, cuya remuneración está entre las más bajas en Francia, estos trabajadores alojan sus familias en las periferias de las grandes ciudades, en donde la densidad poblacional es más elevada que en el resto del territorio nacional (Baudet 2020). En la región Île-de-France, ubicada en el Norte del País, en particular en el departamento de Seine-Saint-Denis (Costil, Couvelaire, Dedier, Gittus y Papin 2020), que registró la cifra más alta de enfermos —excluyendo del conteo las personas de avanzadas edad—, es donde vive la mayor cantidad de los profesionales más expuestos, eso es el 16,2% de los agentes hospitalarios así como el 18,7 % de los cajera.o.s y vendedores; el 21,6 % de los repartidores y 15,4 % de los auxiliares de enfermería. Estos asalariados se trasladan más que el resto de la población ya que más del 50% trabajan en un departamento de la región Île-de-France distinto del en que residen. A modo de comparación, solamente 24,4% viven en la ciudad de París. De ahí, podemos suponer que esta exposición haya contribuido en fomentar “clústeres familiares”. Aunado a esto, encontramos que, por lo general, estas personas están alojadas dentro de apartamentos muchas veces poco espaciosos. El confinamiento en superficies reducidas no puede sino complicar lo cotidiano, no solamente porque las personas se ven entonces muy expuestas en términos de salud sino también porque sus condiciones de vida se tornan muy difíciles y hasta insoportables en términos psicológicos y materiales. Por ejemplo, en el mes de abril, el diario Le Monde publicó una infografía respaldada por los datos del Instituto nacional de estadística y de estudios económicos (Insee) y por un estudio realizado por el Observatorio regional de la salud de Île-de-France. Dicha publicación reveló que el departamento de Seine-Saint-Denis, el más pobre y, con sus 1,6 millones

de habitantes, el más poblado de Île-de-France (después de París), también había sido el más afectado por la pandemia de la Covid-19. Entre el 1ero de marzo y el 27 de abril, la tasa de sobremortalidad dio ahí un salto de casi un 130% en relación con las cifras del mismo periodo de 2019, mientras que la tasa fue inferior al 90% en París. Las agrupaciones de municipios de Plaine Commune y Est Ensemble pagaron el precio más alto con incrementos de 179,5% y 161,6% respectivamente. El director general de la salud Jérôme Salomon había mencionado, ya desde el 2 de abril, un exceso de mortalidad “excepcional” vinculado a la epidemia de Covid-19. “Si bien hay múltiples razones para esta fragilidad, resulta evidente que son las desigualdades que padece Seine-Saint-Denis las que explican este terrible récord” escribió Stéphane Troussel, el presidente del Consejo departamental de Seine-Saint-Denis en una misiva dirigida al jefe del Estado a finales de abril. La encuesta realizada por el Insee ha mostrado que “las poblaciones se ven afectadas por las medidas de confinamiento de manera diferenciada según el tipo de domicilio que ocupan o la conformación de su hogar. Cinco millones de personas residen en una vivienda con una cantidad insuficiente de habitaciones... En periodo de confinamiento, determinadas poblaciones pueden resultar más vulnerables: las familias monoparentales con niños pequeños en viviendas demasiado exiguas” (Bernard, Gallic, Léon y Sourd 2020). En Seine-Saint-Denis, 473 900 personas están en esta situación, o sea el 30,9% de la población del departamento. Para un cuarto de los hogares de ese mismo departamento, la superficie promedio por persona es de 18m² contra 25m² en París. De las personas que viven hacinadas, el 74% residen en una conurbación de más de 100 000 habitantes (el 40% de los cuales viven en el área metropolitana de París (Bernard, Gallic, Léon y Sourd 2020). Trabajo precario, bajo ingreso y viviendas sobrepobladas, estas fueron las condiciones en las cuales estos trabajadores y sus familias tuvieron que reorganizar su vida cotidiana.

Difícil acceso a la alimentación

Solamente las parejas confinadas y teletrabajando podían turnarse para ir de compras en la tienda más cercana o pedir comida para variar la dieta cotidiana. El acceso a los bienes esenciales a través de los comercios de proximidad, el e-comercio o el drive suponían disponer de recursos económicos suficientes. Varias familias reportaron un aumento de su presupuesto para gastos alimenticios y no todos pudieron enfrentarlo con las mismas facilidades. Para los trabajadores de bajo ingreso, esa alza se debe al hecho de no poder contar más con los almuerzos a precios subsidiados, generalmente suministrados a los padres por los comedores de empresas o a los niños por la restauración escolar. Las restricciones de movilidad también les impidieron ir a los supermercados, habitualmente situados fuera de las zonas habitacionales, es decir más allá del límite de un kilómetro autorizado para desplazarse. Con más productos y más diversidad de



productos alimenticios, además de precios generalmente muchos más bajos que en los comercios de proximidad, el hipermercado ofrece también promociones que se volvieron escasas durante el periodo de confinamiento. Estas limitaciones también se vieron agudizadas debido a la dificultad de acceso a las tecnologías digitales, porque si bien es cierto que permiten mantener el contacto con familiares y amigos, así como la participación a la vida económica y social, también consta que los costos de conexión y la falta de material informático resultaron un obstáculo para poder gozar plenamente de ellas. Lo mismo sucedió con alumnos y estudiantes, pues no todos pudieron seguir las clases virtuales, aun cuando éstas estaban siendo facilitadas por los profesores.

Enseñanza a distancia y brecha digital

La continuidad del aprendizaje para los niños suponía la presencia de los padres para ayudarles a seguir las clases a distancia, suponía también conocimientos escolares en adecuación con el nivel de estudios de los niños, poseer un ordenador personal sin olvidar el acceso a una conexión de calidad (Zeroula 2020 y Baudet 2020). Un sinnúmero de profesores tampoco lograron garantizar el seguimiento pedagógico acorde con sus formas habituales de enseñar en presencia de sus alumnos. En muchos casos, tuvieron que arreglárselas sin apoyo de su ministerio para echar a andar, de emergencia, la enseñanza virtual para la cual no estaban ni equipados ni capacitados. Después de un movimiento de pánico colectivo, tuvieron que transcurrir tres y, en algunos casos, cinco semanas de confinamiento hasta que los profesores lograran instalar —aunque de manera muy heterogénea— distintas modalidades (software, programas de televisión o radio...) para mantener un seguimiento y dar clases a algunos alumnos (Cerisier 2020; Levesques 2020; Papi y Gérin-Lajoie 2020; Arvisais, Deslandes Martineau y Charland 2020; Naves, Taddei y Mainguy 2020; Bazin 2020; Bobroff, Bouquet y Delabre 2020 y Frau-Mégis 2020). Mientras tanto, muchos de los hijos de estas familias de bajos ingresos, desafortunadamente, ya habían desertado, desanimados por el hecho de no disponer del equipo adecuado en sus hogares. En muchas familias, la calidad del aprendizaje y de la enseñanza sufrió una fuerte baja debido a esta situación. En vísperas del desconfinamiento, el Consejo científico ”(Le Monde 2020) sacó de la crisis el siguiente balance: “la crisis reveló la carencia de material digital, la falta de coordinación entre las distintas administraciones de asuntos escolares y la insuficiente capacitación de los docentes al manejo óptimo de las herramientas digitales”; y llamó, por consiguiente, a “reorganizar las herramientas digitales con fines pedagógicos (Le Nervé 2020). No sabemos, realmente lo que significa esto, pero por cierto que en fin de este año escolar, ¿cómo los profesores han evaluada de manera justa y ecuánime, el esmero de sus alumnos en seguir las clases, sabiendo que ellos mismos no proporcionaron una enseñanza de igual calidad como en el aula? Hoy, muchos se enfrentan a ese

dilema que se volvió fuente de discrepancias entre los docentes. ¿qué consecuencias traerán estos desacuerdos en los resultados de los exámenes del bachillerato?

Además de que estas dificultades se dieron también en la enseñanza superior, para los estudiantes universitarios, la situación se tornó, a veces, aún más dramática. En este caso, a los efectos de la fractura digital se sumó el problema de que muchos se quedaron lejos de sus hogares, en particular los estudiantes extranjeros buena parte de los cuales, por ser de condición humilde, no pudieron hacerle frente a los gastos para sus necesidades básicas ni pagar el alquiler de su vivienda (Collectif division internationale du travail scientifique et étranger dans l'ESR 2020). Perdieron el ingreso mínimo para vivir que conseguían desempeñando labores de todo tipo: desde apoyar a las tareas escolares o cuidar niños hasta empleos de vendedora.e.s o mesera.o.s en restaurantes y bares que, todos sin excepción, se hallaban cerrados. Durante el confinamiento, para todas estas personas, una vez más, se echó a andar la solidaridad para brindar atención y crear redes de apoyo con el fin de permitir a los más precarios seguir alimentándose y tener acceso a un techo, así como ayudar a mantener a flote el nivel escolar de los niños. Los bancos de alimentos y las colectas de dinero que nacieron gracias a esa ola de generosidad constituyeron los pilares de la solidaridad. Desgraciadamente, ello no bastó para colmar las necesidades de todos (Bouchez 2020; Mouillard 2020 y Chakraborty y Paqueron 2020), como tampoco resultó una solución óptima, el programa de apoyo mínimo que, a los 28 días de confinamiento, el gobierno dispuso para las familias y los estudiantes más desprotegidos.

Las reglas del confinamiento agudizan las dinámicas de discriminación y de violencia por parte de los detentores de la autoridad hacia las poblaciones inmigrantes

En estas circunstancias, era de suponer que la movilidad limitada impuesta por las reglas de confinamiento evolucionara en restricciones todavía más difíciles de soportar. En general, la convivencia en viviendas sobrepobladas en zonas de alta densidad poblacional desemboca en un aprovechamiento más inclusivo del espacio público (Bouchez y Dryef, 2020), lo que se puede interpretar como una forma improvisada de resistir a lo padecido por culpa de las desigualdades estructurales antes descritas. En este sentido, se entiende perfectamente las razones por las cuales, un 58% de las personas de bajos ingresos opina que el confinamiento restringe demasiado las libertades individuales, cuando la cifra sólo alcanza 13% en las de altos ingresos (Barroux 2020; Laïreche 2020, Saïdani 2020 y Manière 2020). Es evidente que el control de los movimientos y de las actividades aplicado en el contexto de la epidemia incrementó dinámicas de discriminación y de violencia vigentes desde hace décadas en los espacios urbanos donde vive esta población (Mohammed y Mucchielli 2006 y Gauthier 2021). En efecto, Seine-Saint-Denis, además de destacarse como el departamento el más ex-



puesto al virus, también se distingue porque ahí es donde más multas se aplicaron en Île-de-France. Las cifras suministradas por el ministerio del interior indican que la tasa de sanciones en Seine-Saint-Denis fue tres veces superior al promedio nacional, que giró alrededor del 6%. ¿Cómo interpretar estas cifras a sabiendas de que la población de este departamento habitualmente ya es el blanco de controles y de violencias ejercidas por la policía de manera desproporcionada (Bnézit 2020)?

La inmigración como forma de vida a la luz del racismo

A lo anterior se suma el hecho de que este departamento es también el que alberga gran parte de la población inmigrante procedente de las antiguas colonias francesas y de Turquía, así como sus descendientes¹. Un 55% de la población inmigrante reside en Île-de-France, en los departamentos del Norte y del Este, limítrofes con la región Île-de-France, en la región del Rhône, en los departamentos del Isère y de los Bouches-du-Rhône. En el área metropolitana de París, la población inmigrante representa el 17,7% del 12,4% que corresponde a la población total. Estas poblaciones inmigrantes están sobrerrepresentadas entre aquella.o.s trabajadora.e.s que tuvieron que seguir laborando. En efecto, a nivel nacional, 48% de los inmigrantes son obrera.o.s (36% para la población no-inmigrante). Las mujeres inmigrantes ocupan un 37% de los empleos no-calificados (23% para las mujeres no-inmigrantes). Esta tasa alcanza el 67% entre las mujeres procedentes de África subsahariana y el 60% entre las mujeres magrebíes. El 55% de las personas inmigrantes viven en viviendas de menos de 75m² de superficie (contra 35% para la población no-inmigrante). Por otro lado, 26% de las familias inmigrantes residen en viviendas sobrepobladas. La población inmigrante es también la que paga el mayor sobrecosto en cuanto a tiempo de trayecto para llegar a su lugar de trabajo. En términos de tiempo de transporte, eso representa 50% más para la población procedente de África subsahariana comparada con la población no-inmigrante.

LO QUE DICEN LAS CIENCIAS SOCIALES SOBRE LA UTILIZACIÓN DE LA DIMENSIÓN RACIAL PARA ANALIZAR LA SOBREENEXPOSICIÓN AL VIRUS DE LAS POBLACIONES INMIGRANTES Y SUS DESCENDIENTES EN FRANCIA

Estas cifras no pueden sino suscitar interrogantes acerca de la correlación entre la sobreexposición a la Covid-19 y la sobrerrepresentación de la población inmigrante o procedentes de la inmigración entre las trabajadoras y los trabajadores que estuvieron menos confinados que los demás, los que habitan en las zonas más densamente pobladas, los que más viven en condiciones de hacinamiento, los que tienen los más bajos ingresos y

los que viven en áreas en donde más sanciones se impusieron. ¿Cuál ha sido, entonces, el peso de la dimensión racial en los análisis del impacto de la Covid-19, del Plan de emergencia y de las reglas de confinamiento aplicadas a nivel nacional? No se puede negar que los señalamientos acerca de la dimensión racial en las violencias policíacas, en la falta de integración profesional, acceso a la vivienda y, de forma general, en la integración social, han cobrado mayor visibilidad en los últimos años; y eso gracias a las denuncias de los afectados mismos, gracias a su empoderamiento y al respaldo colectivo que les brindaron la población inmigrante y sus descendientes. No obstante, en el contexto de la epidemia de Covid-19, excepto unos comentarios sobre las tasas de sobremortalidad particularmente elevadas en Seine-Saint-Denis, que dieron lugar a algunos paralelos con Gran Bretaña y Estados Unidos, el tema de la sobreexposición de la población inmigrante en Francia ha sido poco destacado por los medios y por la.o.s investigadora.e.s en ciencias sociales. Por lo pronto, es importante recalcar que se puso énfasis sobre todo en la fragmentación territorial, los recursos económicos, el acceso a los empleos menos calificados, en fin, las ya conocidas desigualdades estructurales de clase fueron mencionadas como factores propicios a la propagación del virus y de la cantidad de muertes entre estos trabajadores y sus familias. Estas son las condiciones en las que la crisis del coronavirus habría, ante todo, reforzado las desigualdades estructurales de la sociedad. Empero, ese conjunto de desigualdades —sea que se hayan acrecentado o desencadenado— no fueron evocadas como formando parte de un plan de emergencia cuyas reglas estándar de confinamiento se aplicaron a todos por igual. Fueron vistas como el precio a pagar para salvar vidas. Desde un principio, los acentos marciales del primer discurso del presidente de la República nos habrían permitido deducir que, para salvar vidas, otras tuviesen que ser sacrificadas.

Así, el tropismo sanitario que fundamentó las reglas de confinamiento no mostró consideración por el papel desempeñado por el conjunto de personas involucradas en las actividades de atención y servicios a fin de garantizar las necesidades indispensables. Es más, fue silenciada la manera en que las reglas estándar de confinamiento trastornaron y hasta hicieron peligrar los modos de vida de millones de personas. A la hora de hacer votos para que se reorganicen y financien sectores estratégicos en aras fortalecer su capacidad para enfrentar futuras crisis sanitarias ¿cómo pretende el gobierno tomar en cuenta las condiciones de trabajo, el entorno y el componente social heterogéneo (popular, étnico, de género, rural, urbano) de aquellos trabajadores? ¿Acaso, no debería esto suscitar una reflexión colectiva multidimensional con el objetivo de apelar a las responsabilidades del gobierno? ¿Y no sería entonces oportuno que las ciencias sociales encabezen dicha reflexión destinada a definir no sólo la atención y los servicios médicos sino también el conjunto de cuidados y servicios imprescindibles para garantizar las necesidades básicas, así como establecer criterios para evaluar su relevancia en el dispositivo de intervenciones gubernamentales a fin de garantizar el bienestar de todos?



NOTAS

1. Según el INSEE (Instituto Nacional de Estadística y Estudios Económicos), en 2018, se registran 6,5 millones de población inmigrante en Francia (de un total de 67,2 millones para la población nacional). Eso representa un poco menos del 10% de la población. En Francia, lo que se incluye en la categoría ‘inmigrantes’ se define por el INSEE como sigue: “Se consideran inmigrantes y personas de origen inmigrante, respectivamente, todas las personas nacidas en otro país y residentes en Francia y todas las personas nacidas en Francia que tengan al menos unos de sus padres inmigrante”. Tomando en cuenta esto, 40% de la población inmigrante vive en zonas urbanas (el 20% de la población no-inmigrante vive en zona urbana). La población inmigrante se concentra principalmente en Île-de-France, Lyon, Marseille y Grenoble. 55% de la población inmigrante reside en Île-de-France, en los departamentos del Norte y del Este, limítrofes con la región Île-de-France, la región del Rhône, los departamentos del Isère, Bouches-de-Rhône. En el área metropolitana de París, la población inmigrante representa el 17,7% del 12,4% que corresponde a la población total.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aizicovici F (2020). Coronavirus : Aïcha Issadounène, 52 ans, caissière chez Carrefour, a succombé au Covid-19, En *Le Monde*, 28/03/2020 : https://www.lemonde.fr/economie/article/2020/03/28/aicha-issadounene-52-ans-caissiere-chez-carrefour-morte-du-covid-19_6034780_3234.html
- Amnistía Internacional, Francia: Por una justicia verdadera. Acabar con la impunidad de la cual agentes de la fuerza pública benefician de hecho en casos de disparos, muertes en detención preventiva, de torturas y otros malos tratos, Londres, 6 de abril 2005.
- Arvisais O, Deslandes Martineau M y Charland P (2020). Les enseignants sont essentiels dans cette crise du coronavirus. L’a-t-on oublié ? En *The Conversation*, 07/04/2020 : <https://theconversation.com/les-enseignants-sont-essentiels-dans-cette-crise-du-coronavirus-la-t-on-oublie-135143>
- Barroux R (2020). Chez les Française et les Français, le confinement fait globalement consensus, En *Le Monde*, 07/04/2020 : https://www.lemonde.fr/planete/article/2020/04/07/au-sein-de-la-population-francaise-le-confinement-fait-consensus_6035807_3244.html
- Bazin Y (2020). Vos partiels, sur place ou à emporter ? *The Conversation*, 20/04/ 2020 : <https://theconversation.com/vos-partiels-sur-place-ou-a-emporter-136345>
- Baudet M-B, Cojean A, Guerrey B y Réolle R. (2020). Coronavirus : dans toutes la France, les caissières en première ligne, En *Le Monde* 23/03/2020 : <https://www.lemonde.fr/societe/article/2020/03/22/coronavirus-a-paris-comme-en-provin->

- ce-les-caissieres-de-france-en-premiere-ligne_6033993_3224.html
- Baudet C (2020). Le confinement aggrave-t-il les inégalités scolaires ? En Le journal du CNRS, 15/04/2020 : <https://lejournald.cnrs.fr/nos-blogs/covid-19-la-parole-a-la-science/le-confinement-aggrave-t-il-les-inegalites-scolaires>
- Baudet C (2020). Pourquoi certains territoires sont-ils plus touchés que d'autres ? En Le Journal du CNRS, 05/05/2020 : <https://lejournald.cnrs.fr/nos-blogs/covid-19-la-parole-a-la-science/pourquoi-certains-territoires-sont-ils-plus-touchees-que>
- Bénézit J (2020). Le Défenseur des droits dénonce un cas de discrimination « systémique », En Le Monde, 03/06/2020 : https://www.lemonde.fr/societe/article/2020/06/03/le-defenseur-des-droits-denonce-la-discrimination-systemique_6041628_3224.html
- Bezat J-M, Béziat E, Chocron V, Girard L y Wakim N (2020). Coronavirus: comment les secteurs-clés de l'économie française s'organisent, En Le Monde, 17/03/2020: https://www.lemonde.fr/economie/article/2020/03/17/coronavirus-comment-les-secteurs-cles-de-l-economie-francaise-s-organisent_6033461_3234.html
- Bissuel B, Chocron V, Prudhomme C, Tonnelier A, Béziat E, Pouille J, Mouterde P y Garnier J (2020). « Nous, les ouvriers, on nous dit : 'Allez travailler !' alors que les cadres travaillent depuis chez eux », En Le Monde, 21/05/2020 : https://www.lemonde.fr/economie/article/2020/03/19/coronavirus-la-colere-gagne-les-salaries-contraints-de-travailler-par-leurs-entreprises_6033612_3234.html
- Bobroff J, Bouquet F y Delabre U (2020). Témoignage : Enseigner les sciences expérimentales à l'heure de la distanciation sociale, En The Conversation, 11/05/2020: <https://theconversation.com/temoignage-enseigner-les-sciences-experimentales-a-lheure-de-la-distanciation-sociale-138146>;
- Bonnet F. (2020). Gérer le Covid-19 : pourquoi l'Etat et l'exécutif ont tout oublié, En Médiapart, 03/03/2020 : <https://www.mediapart.fr/journal/france/030420/gerer-le-covid-19-pourquoi-l-etat-et-l-executif-ont-tout-oublie>;
- Bouchez Y et Dryef Z (2020). Violences conjugales : « Le confinement est devenu un instrument supplémentaire pour les agresseurs », En Le Monde, 25/04/2020 : https://www.lemonde.fr/societe/article/2020/04/25/violences-conjugales-le-confinement-est-devenu-un-instrument-supplementaire-pour-les-agresseurs_6037722_3224.html
- Bouchez Y (2020). « Vu que le centre commercial est fermé, y en a un deuxième qui ouvre, chez les gens » : débrouille et entraide dans les cités confinées de Clichy-Montfermeil, En Le Monde, 16 /05/2020 : https://www.lemonde.fr/m-le-mag/article/2020/05/15/clichy-montfermeil-scenes-de-vie-dans-les-cites-confinees_6039701_4500055.html
- Brochoire F. (2020). Infirmières, soignantes, caissières : « C'est une bande de femmes



- qui fait tenir la société », En Le Monde, 08/05/2020 : https://www.lemonde.fr/planete/article/2020/05/08/aides-soignantes-caissieres-enseignantes-a-la-rencontre-de-femmes-en-premiere-ligne-dans-la-crise_6039079_3244.html
- Brouard S., Foucault M. y Teinturier B. (2020). Le confinement, reflet des inégalités sociales liées au logement et au niveau de revenu des Français, En Le Monde, 21/04/ 2020 : https://www.lemonde.fr/politique/article/2020/04/21/le-confinement-reflet-des-inegalites-sociales-liees-au-logement-et-au-niveau-de-revenu-des-francais_6037292_823448.html
- Cerisier J-F (2020). Covid-19 : heurs et malheurs de la continuité pédagogique française, En The Conversation, 17/05/2020 : <https://theconversation.com/covid-19-heurs-et-malheurs-de-la-continuite-pedagogique-a-la-francaise-133820>
- Cerisier J-F (2020). L'école s'invite à la télé, En The Conversation, 13/04/ 2020 : <https://theconversation.com/lecole-sinvite-a-la-tele-136005>;
- CFDT : Les travailleurs face au Covid-19 : enquête de la CFDT, 30/04/2020 : https://www.cfdt.fr/portail/outils/autres-outils/les-travailleurs-face-au-covid-19-enquete-de-la-cfdt-srv1_1116547;
- Chakraverty C y Paqueron H (2020). Dossier : Les inégalités accentuées par la pandémie, En The Conversation, 03/06/ 2020 <https://theconversation.com/dossier-les-inegalites-accentuees-par-la-pandemie-138744>;
- Chakraverty y Paqueron (2020). Dossier : La solidarité en temps de crise, En The Conversation, 19/05/2020 : <https://theconversation.com/dossier-la-solidarite-en-temps-de-crise-138670>
- Chapuis N, Couvelaire L y Zappi S (2020). Coronavirus : dans les quartiers populaires, l'incompréhension face aux mesures de confinement, En Le Monde, 23/03/2020 : https://www.lemonde.fr/societe/article/2020/03/23/coronavirus-dans-les-quartiers-populaires-l-incomprehension-face-aux-mesures-de-confinement_6034060_3224.html
- Chapuis N y Couvelaire L (2020). De Clichy à Gennevilliers, des jeunes habités par un « sentiment d'injustice », des policiers dénoncent l'« impunité généralisée », En Le Monde, 22/04/2020 : https://www.lemonde.fr/societe/article/2020/04/22/coronavirus-les-difficultes-liees-au-confinement-provoquent-des-tensions-dans-les-quartiers-populaires_6037368_3224.html;
- Chapuis N (2020). Coronavirus : les forces de l'ordre en première ligne pour faire respecter le confinement, En Le Monde, 17/03/2020 : https://www.lemonde.fr/police-justice/article/2020/03/17/coronavirus-les-forces-de-l-ordre-en-premiere-ligne-pour-faire-respecter-le-confinement_6033327_1653578.html;
- Coronavirus : les caissières et caissiers dénoncent leurs conditions de travail, En Franceinfo, 24/03/ 2020 : <https://www.francetvinfo.fr/sante/maladie/coronavirus/coronavirus-les-caissieres-et-caissiers-denoncent-leurs-conditions-de-tra>

- vail_3882937.html;
- Costil M, Couvelaire L, Dumas E, Dedier E, Gittus S y Papin D (2020). Coronavirus: une surmortalité très élevée en Seine-Saint-Denis, En *Le Monde*, 18/05/2020 : https://www.lemonde.fr/societe/article/2020/05/17/coronavirus-une-surmortalite-tres-elevee-en-seine-saint-denis_6039910_3224.html
- Counin, E. et Khlat, M. (2020), Covid-19 : les classes populaires paient-elles le plus lourd tribut au coronavirus en France ?. En : *The Conversation*, 18/05/2020 : <https://theconversation.com/covid-19-les-classes-populaires-paient-elles-le-plus-lourd-tribut-au-coronavirus-en-france-138190>
- Covid-19 : le décryptage de la pandémie par les sciences sociales, Avril 2020 : <http://ses.ens-lyon.fr/actualites/rapports-etudes-et-4-pages/covid-19-le-decryptage-de-la-pandemie-par-les-sciences-sociales-avril-2020>;
- Delboy C. (2020). Eboueurs et ébouseuses, ils étaient « invisibles », mais en première ligne face au virus, En *Reporterre* : <https://reporterre.net/PODCAST-Eboueurs-et-ebouees-ils-etaient-invisibles-mais-en-premiere-ligne-face-au-virus>
- Desmoulières R B, Bissuel B y Pietralunga C (2020). Coronavirus : les syndicats veulent protéger les salariés obligés d’aller travailler, En *Le Monde*, 20/03/2020: https://www.lemonde.fr/politique/article/2020/03/20/coronavirus-les-syndicats-veulent-protoger-les-salaries-obliges-d-aller-travailler_6033791_823448.html
- Dumas J-L, Naiditch M et Lombrail P (2020). Covid-19 : « Refuser de prendre en compte les inégalités sociales face à la maladie est suicidaire », En *Le Monde*, 30/04/2020: https://www.lemonde.fr/idees/article/2020/04/30/covid-19-refuser-de-prendre-en-compte-les-inegalites-sociales-face-a-la-maladie-est-suicidaire_6038226_3232.html;
- France inter : Christiane Taubira : « L’économie ne peut être absolu, une divinité, un veau d’or » 13 /04/2020 : <https://www.youtube.com/watch?v=Y75oJbDsGMM>
- Frau-Mégis D (2020). Pédagogie à distance : les enseignements de e-confinement, En *The Conversation*, 03/05/2020 : <https://theconversation.com/pedagogie-a-distance-les-enseignements-du-e-confinement-137327>
- Gauthier J (2021). Etat d’urgence sanitaire : les quartiers populaires sous pression policière, En *International conference on migration*, 04/06/2021 : <http://icmigrations.fr/2020/05/15/defacto-019-03/>
- Godin R. (2020) La pandémie de coronavirus peut-elle être le grand niveleur des inégalités ? En *Médiapart*, 15/03/2020 : https://www.mediapart.fr/journal/international/150320/la-pandemie-de-coronavirus-peut-elle-etre-le-grand-niveleur-des-inegalites?page_article=2
- Graule P (2020) Dans les quartiers populaires, la « résilience » malgré un surplus de difficultés, En *Médiapart*, 30/03/2020 : <https://www.mediapart.fr/journal/fran->



ce/300320/dans-les-quartiers-populaires-la-resilience-malgre-un-surplus-de-difficultes?page_article=2;

Jérôme B y De Foucher L (2020). Bataille sur le montant de la prime promise dans les Ehpad du groupe Korian, En Le Monde, 27/05/2020 :

https://www.lemonde.fr/societe/article/2020/05/26/bataille-sur-le-montant-de-la-prime-promise-dans-les-ehpad-du-groupe-korian_6040779_3224.html

Laïreche R (2020). Confinement Familles en HLM : « si je craque, je fais craquer tout le monde » En Libération, 25/03/2020 : https://www.liberation.fr/france/2020/03/25/familles-en-hlm-si-je-craque-je-fais-craquer-tout-le-monde_1783087

Lambert A y Bugeja (2020). Logement : Comment la crise sanitaire amplifie les inégalités, En The Conversation, 07/04/ 2020 : <https://theconversation.com/logement-comment-la-crise-sanitaire-amplifie-les-inegalites-135762>

Le Breton C. (2020). Confinement : les livreurs de repas à domicile toujours plus déshumanisés, En The Conversation, 31/03/2020 : <https://theconversation.com/confinement-les-livreurs-de-repas-a-domicile-toujours-plus-deshumanises-135039>;

Le monde du travail en confinement : une enquête inédite, 04/05/ 2020 : <http://www.ugict.cgt.fr/ugict/presse/rapport-enquete-trepid>;

Le Nervé S (2020). Le conseil scientifique de l'éducation nationale veut évaluer les conséquences du confinement sur les élèves, En Le Monde, 05/05/2020 : https://www.lemonde.fr/societe/article/2020/05/05/le-conseil-scientifique-de-l-education-nationale-veut-evaluer-les-consequences-du-confinement-sur-les-eleves_6038718_3224.html

Lebas C. (2020). Comment le confinement a enfoncé les livreurs à vélo dans la précarité, En The Conversation, 17/05/2020 :

<https://theconversation.com/comment-le-confinement-a-enfonce-les-livreurs-a-velo-dans-la-precarite-138617>

Levesque A (2020). Covid-19 : voici comment les profs peuvent enseigner à distance, En The Conversation, 19/03/2020 : <https://theconversation.com/covid-19-voici-comment-les-profs-peuvent-enseigner-a-distance-133838>;

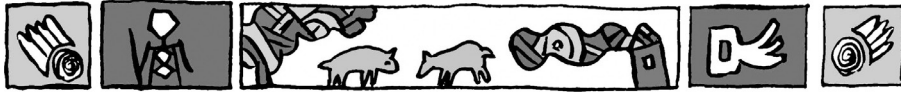
Piquard A. (2020). Coronavirus: des salariés demandent l'arrêt du travail chez Amazon en France, En Le Monde, 18/03/2020 :

- https://www.lemonde.fr/economie/article/2020/03/18/coronavirus-des-salaries-demandent-l-arret-du-travail-chez-amazon-en-france_6033539_3234.html;

Macron E. « Nous sommes en guerre » : le verbatim du discours d'Emmanuel Macron, En Le Monde, 16/03/2020 : https://www.lemonde.fr/politique/article/2020/03/16/nous-sommes-en-guerre-retrouvez-le-discours-de-macron-pour-lutter-contre-le-coronavirus_6033314_823448.html

Manière P (2020). Le confinement, un puissant révélateur des inégalités d'accès à Internet, En La tribune, 24/03/2020 : <https://www.latribune.fr/technos-medias/>

- telecoms/le-confinement-un-puissant-revelateur-des-inegalites-d-acces-a-internet-843186.html
- Marwan Mohammed y Laurent Mucchielli, “La policía en los barrios populares: ¿un problema real!”, *Mouvements*, N° 44, marzo-abril 2006, p. 58.
- Méda D (2020). « Les plus forts taux de surmortalité concernent les ‘travailleurs essentiels’ », En *Le Monde*, 23/05/ 2020 : https://www.lemonde.fr/idees/article/2020/05/23/dominique-meda-les-plus-forts-taux-de-surmortalite-concernent-les-travailleurs-essentiels_6040511_3232.html
- Morin V (2020). En lycée professionnel, la gageure de l’enseignement à distance en période de confinement, En *Le Monde*, 29/04/2020 : https://www.lemonde.fr/education/article/2020/04/29/en-lycee-professionnel-la-gageure-de-l-enseignement-a-distance-en-periode-de-confinement_6038126_1473685.html
- Mouillard S (2020). « On s’est débrouillés pour éviter à ces gens de tomber à terre » En *Libération*, 07 /05/2020 : https://www.liberation.fr/france/2020/05/07/on-s-est-debrouilles-pour-eviter-a-ces-gens-de-tomber-a-terre_1787728;
- Naves M-C, Taddei F y Mainguy G (2020). Débat : Pour faire face aux crises développons des « communautés apprenantes », En *The Conversation*, 13/04/2020 : <https://the-conversation.com/debat-pour-faire-face-aux-crisis-developpons-des-communaut-es-apprenantes-136066;>
- Ossey-Woisard B. (2020). Covid-19 : le confinement met en lumière un fossé entre « cols blancs » et « cols bleus », En *La Tribune*, 24/03/2020 : [https://www.latribune.fr/economie/france/covid-19-le-confinement-met-en-lumiere-un-fosse-entre-cols-blancs-et-cols-bleus-843187.html;](https://www.latribune.fr/economie/france/covid-19-le-confinement-met-en-lumiere-un-fosse-entre-cols-blancs-et-cols-bleus-843187.html)
- Papi C y Gérin-Lajoie S (2020). Enseigner à distance, ça ne s’improvise pas ! En *The Conversation*, 27/04/2020 : <https://theconversation.com/enseigner-a-distance-ca-ne-simprovise-pas-135382;>
- Peretti-Watel (2020). Covid-19 : le confinement a aggravé les disparités sociales, En *France 24*, 12/05/2020 : <https://fr.news.yahoo.com/covid-19-confinement-aggrave-C3%A9-disparit%C3%A9s-085610836.html>
- Piquard A. (2020). La crise du coronavirus, une aubaine et un défi pour Amazon, En *Le Monde*, 17/03/2020 : https://www.lemonde.fr/economie/article/2020/03/17/la-crise-du-coronavirus-une-aubaine-et-un-defi-pour-amazon_6033448_3234.html
- Roché S. (2020). Confiance et consentement sont au cœur de la maîtrise du coronavirus, En *Terra Nova*, 22/03/2020 : http://tnova.fr/system/contents/files/000/001/987/original/Terra-Nova_Cycle-Covid19_Confiance-et-consentement-sont-au-coeur-de-la-maitrise-du-coronavirus_220420-.pdf?1587557178
- Saïdani H (2020). Covid-19 : le confinement, catalyseur des inégalités scolaires, En *France 24*, 23/04/2020 : <https://www.france24.com/fr/20200423-covid-19-le-confinement-catalyseur-des-in%C3%A9galit%C3%A9s-scolaires>



- Slavi E. (2020). Emmanuel Macron piégé par sa prétention, En Médiapart, 26 Marzo 2021: <https://www.mediapart.fr/journal/mot-cle/confinement>;
- Weiler N. (2020). Les caissières, largement exposées au coronavirus, oubliées de la « guerre » annoncée par Macron, En Bastamag, 17/05/2020 : <https://www.bastamag.net/Coronavirus-covid19-supermarches-caissieres-masques-gel-courses-Auchan-Carrefour-Leclerc-SuperU-Monoprix>
- Zerouala F. (2020). Lahire: “Un risque de déflagration pour les plus démunis », En Médiapart, 31/05/2020 : <https://www.mediapart.fr/journal/france/310320/lahire-un-risque-de-deflagration-pour-les-plus-demunis>;
- Zeroula F (2020). Enseignement à distance : des déconvenues pour familles et enseignants, En Médiapart, 17/05/2020 : <https://www.mediapart.fr/journal/france/170320/enseignement-distance-des-deconvenues-pour-familles-et-enseignants>
- Zeroula F (2020). L'école à la maison a bien exacerbé les inégalités scolaire, En Médiapart, 18/05/2020:<https://www.mediapart.fr/journal/france/180520/l-ecole-la-maison-bien-exacerbe-les-inegalites-scolaires>
- UNESCO (2020). Fracture numérique préoccupante dans l'enseignement à distance, 21/04/2020
<http://aps.sn/actualites/societe/education/article/enseignement-a-distance-l-unesco-preoccupee-par-la-fracture-numerique>; lien ne fonctionne pas, propose : <https://fr.unesco.org/news/fracture-numerique-preoccupante-lenseignement-distance>

Posfacio

Nota sobre los contextos que dieron luz a esta iniciativa de Luchas Invisibles

Christy Petropoulou (Ciudades Invisibles, U Egeo)

Fernando Matamoros (ICSyH-BUAP)

Edith González Cruz (UIEP)

Panagiotis Doulos (CONACYT/ICSyH-BUAP)

Dionisis Tzanetatos (U Abierta Helénica)

Manuel Alfonso Melgarejo Pérez (ICSyH-BUAP)

Vasilis Georgakopoulos (Ciudades Invisibles U Egeo)

Konstantinos Zafeiris (Ciudades Invisibles, U Egeo)

Como un lugar de lucha y participación para el cambio social, las metodologías de este trabajo vienen de la investigación militante en la universidad. Dentro de este espíritu, con un@s compañer@s del grupo de investigación “ciudades invisibles” empezamos este libro durante el inicio de la pandemia en Grecia, durante el año 2020. Nuestros encuentros virtuales nos hicieron sentir visibles por lo menos entre nosotr@s. En este periodo, las noticias hablaban de gente “normal” que tenía una buena casa, un trabajo bien remunerado, una situación tranquila en su familia, un jardín cerca de su casa y un perro... Pero la realidad alrededor de nosotr@s era otra. Como existían muchas distintas realidades y otras geografías, encontramos iniciativas de solidaridad y grandes luchas sociales (por ejemplo, Haití, Colombia, Chile). Ya que eso no lo escuchábamos en las noticias de la televisión, donde se difundía el miedo y el “distanciamiento social”, empezamos a buscar redes de comunicación de luchas dentro de esta situación absurda.

Antes de la pandemia, much@s colegas y compañer@s de universidades de Brasil, México, Argentina y Chile habían visitado Grecia, y específicamente la isla de Lesbos. Algun@s de nosotr@s viajamos a estos países para intercambiar ideas y ver cómo la universidad podría contribuir al cambio social. Con el grupo de investigación “ciudades invisibles” y con much@s compañer@s que escriben en este libro, la idea, entonces, era producir un libro de luchas por la vida con metodologías de investigación militante.

Esta idea generó una panspermia de iniciativas universitarias en Brasil que va mucho más allá de este libro. Los trabajos de los colectivos universitarios CNPq de Geografía urbana de Sao Paulo y NUREG/UFF de Río de Janeiro son unos ejemplos. Los otros textos colaborativos que vienen de México, Chile, Argentina, Brasil, Guatemala y Grecia, son otros. Dentro de este viaje virtual y corporal a la vez, con la idea de crear este libro junt@s durante la pandemia, nos encontramos con los diferentes grupos de investigación del Posgrado de Sociología de la Benemérita Universidad Autónoma de Puebla (México).

Mientras, en Lesbos, una isla de 100.000 habitantes en las fronteras de la Grecia con Turquía, con unos compañeros de la asamblea antifascista, abrazamos a nuestr@s herman@s invisibilizad@s reunid@s en un campo de concentración de refugiad@s Hot Spot de Moria, quiénes en ese momento estaban aislad@s de la ciudad. Ell@s vivían en una situación muy difícil, esperando recibir sus “papeles oficiales” como “refugiados” y una “visa SEGEN” de la Comunidad Europea. Esperaban de uno, dos o tres años, dentro de la basura, sin agua potable suficiente y vivían dentro de mucha violencia. Ell@s nos decían: hace mucho tiempo que nos sentimos invisibles en este viaje entre distintas geografías, y preparaban sus cursos para una escuela autoconstruida dentro del campo de detención, de construcción irregular, en la comunidad de Moria. Estaban trabajando por la vida. Unas de nosotras, “las mujeres invisibles”, habíamos



enviado un video sobre lo que sentimos todas juntas al *encuentro de mujeres zapatistas en Chiapas, México. Por la vida.*

Durante la pandemia, lo que sentimos en este campo de refugiad@s era la impunidad: las violaciones, los testigos falsos, las prohibiciones de moverse, las enfermedades, las condiciones climáticas extremas (viviendo en una tienda campaña), l@s muert@s. Todo esto y, más que todo: la espera, la espera, la espera... que en un momento se transforma en la negación de la vida, el suicidio, pero también la rabia, la revuelta... nada más. Sentimos que vivimos una nueva gran transformación desde arriba (Polanyi K., 2009) y necesitamos una línea de fuga (Deleuze G. y Guattari F., 2004), una transformación hecha desde abajo... Con el grupo de investigación “ciudades invisibles”, un@s educador@s de Afganistán, Siria, Congo (que en términos legislativos se llaman “refugiados”) y las iniciativas de educación alternativa Mosaik y Mikros Dounias hicimos unos encuentros de cartografía participativa con Roberto Marques, donde pintamos nuestra manera de ver la educación intercultural. Salió rizoma que transformaba el suelo de situaciones de horror en frutos sabrosos de nuevos mundos. Como Pachacutí. Hicimos la fiesta. Por la vida.

Un mes después, estas escuelas desaparecieron, después de un gran incendio, juntas con todo el campamento de l@s refugiad@s. Pero algun@s jóvenes que vivían en estas tierras y venían de diferentes geografías del mundo (de Lesbos y de otras partes de Grecia, de muchos países del mundo – Siria, Afganistán, Congo, Sierra Leona, Estados Unidos, Francia, Alemania, Brasil, Chile) decían: “se quemó el infierno”. Un@s menor@s in-acompañad@s veían este incendio como “línea de fuga”, otr@s como “éxodos”. Un@s las veían más grandes: como una ocasión para vivir una vida más digna, unos otros lo veían como terror porque perdieron lo único que tenían: una barraca autoconstruida que la llamaron habitación con un comercio improvisado... L@s habitantes de Moria, que vivían cerca de este infierno, veían también este incendio como salvación. Las grandes empresas privadas (como siempre dentro de las catástrofes) veían en esto una ocasión de nuevos negocios. Unos menores inocentes, refugiados de Afganistán, se encuentran ahora en la cárcel, criminalizados de la misma manera que los niños de “gatillo fácil” en el continente americano. Una pareja de pintores de Afganistán se quedó fuera del campo quemado pintando las situaciones. Sus obras viajaron hasta los Estados Unidos, ellos se quedaron en la isla... sin poder viajar. *Pintamos*, decían, *por la vida.*

Durante la pandemia, la represión que empezó contra l@s refugiad@s se generalizó después para tod@s. En Atenas, después de una absurda detención ilegal de un joven y una represión masiva en una plaza central de Nueva Esmirna (Nea Smirni) en Atenas, empezó una denuncia masiva de los hechos. Pero en la otra parte de esta geografía que se llama Grecia, en la isla Lesbos, lejos de las grandes ciudades del país, unos campesinos decían:

“lo que está pasando aquí no es una represión de manifestaciones por parte del estado y de la policía en tiempos de pandemia, es algo más profundo que transforma el ser humano bajo una obediencia ciega a reglas absurdas” (Comunero de una comunidad abandonada en la isla de Lesbos, donde la policía obligaba a los habitantes a ponerse máscaras mientras trabajaban en el campo solos...).

“Lo que está pasando aquí es una transformación, es una era medieval digital, sin derechos y con mucha impunidad” (Comunero de la ciudad de Eressos – la ciudad de la poeta Safo – que lucha contra el robo de su playa para proyectos turísticos).

Dentro de esta situación absurda que de todos modos enriquecía al capital, un@ compañer@s de redes de solidaridad con l@s zapatistas se pusieron en contacto para poder organizar a contrapelo el viaje zapatista en la *Europa Insumisa* (EZLN, Nosotr@s, 2021). Decidimos juntarnos en este viaje. Actuamos con cientos de colectivos en Grecia, México y Europa para preparar este viaje. Por eso, a la hora que escribíamos estos textos, esperábamos todavía que l@s zapatistas y l@s representantes del Congreso Nacional Indígena recorrieran tierras e islas *Por la vida*.

Es más, a contrapelo del lenguaje en general, instrumentalizado por el capital, diremos que el lenguaje humano, inscrito en estas páginas, podrán parecer incongruencias, digresiones y/o suposiciones ante la racionalidad autorizada de las metodologías del “vaso medio lleno o medio vacío” de las instituciones del mercado y el consumo. Sin embargo, esperamos, con la esperanza que nace en la desesperanza, que los capítulos de este libro sean partes de las piezas de “agenciamientos” concretos (diría Gilles Deleuze y Félix Guattari -1991- en el “plan de inmanencia” de la filosofía) en capas tectónicas de mundos en el mundo. Aunque heterogéneas por sus lugares de locución, son huellas extraordinarias de mónadas que no solamente hacen énfasis en las tantas heridas que deja la brutalidad de la *hidra capitalista*, que sigue chupando la sangre del trabajo vivo. Son, también, ideas en los pensamientos antagónicos que caminan con preguntas al ritmo de los ríos en los cañaverales y barqueros de ultramar. Son posibilidades inventivas del hacer, bienes comunes en las urgencias de la humanidad y la naturaleza en los presentes destructivos del mundo.

Así, para no cerrar, sino reabrir posibilidades de transformación desde abajo, retomemos con precauciones las posibilidades de lo incondicionado en lo invisible de este libro. No solamente son gritos de contradicciones no sincrónicas. Son intuiciones tenaces que la heterogeneidad y anacronismos del pasado en el presente de la causalidad siguen configurando la historia a contrapelo con bienes comunes de la humanidad. Llenos de sensibilidades, esperemos que los capítulos logren desplegar su doble, una crítica en las extensiones de identidades establecidas por el mercado. Son, aunque muchas veces con manos temblorosas, esas chispas encendidas que siguen, esquizofré-



nicamente, rozando críticamente las máscaras tumultuosas del capitalismo. O, parafraseando a John Holloway en el prólogo de este esfuerzo de escritura: esperemos que las ideas básicas de rizomas o el *don* de este libro, *locuras necesarias* y *extra-ordinarias*, ayuden a *descubrir luchas invisibles* que permitan “romper fronteras”. ¿Para qué? Quizás, para “abrir caminos” donde podamos “cantar” (Holloway J., 2022) y, por qué no, diría el SupGaleano (2020), darse las manos para *bailar* colectivamente *por la vida* con lo común de la “rebeldía” a nivel mundial.

BIBLIOGRAFÍA

- Deleuze, G. y Guattari F. (1991). *Qu'est-ce que la philosophie?* París, Les Éditions de Minuit.
- Deleuze, G., Guattari F. (2004) [1980]. *Mil Mesetas. Capitalismo y esquizofrenia*. Traducción de José Vásquez Pérez y Umbelina Larraceleta. PRE-TEXTOS
- EZLN, “Nosotr@s” (2021). “Declaración por la vida”. 1/1/2021. En Enlace Zapatista. <http://enlacezapatista.ezln.org.mx/2021/01/01/primera-parte-una-declaracion-por-la-vida/>
- Holloway J. (2022). “Prólogo”, en Matamoros Ponce, Fernando (2022), *La Montaña Zapatista de Ultramar. Constelaciones históricas, usos críticos de memoria y cultura durante la pandemia (2020-2021)*. En edición.
- Polanyi, K. (2009). *La Gran Transformación*. México. Ed. Juan Pablos.
- SupGaleano (2020), “Quinta parte. La mirada y la distancia a la puerta”. 1/10/2020. En *Enlace Zapatista*. <https://enlacezapatista.ezln.org.mx/2020/10/09/quinta-parte-la-mirada-y-la-distancia-a-la-puerta/>



Os “invisíveis” do título deste livro, subitamente e a contragosto do sistema, tornaram-se de alguma forma visíveis, pois foi preciso discutir minimamente sua condição e “justificar” a necessidade de seu movimento – na definição dos famosos “setores indispensáveis” e que não poderiam de modo algum parar. Lembro que nos primeiros meses da pandemia, na mídia hegemônica brasileira, favelas e periferias repentinamente passaram a ocupar um espaço inusitado no noticiário e nas imagens veiculadas. A situação de penúria vivida pelos mais pobres enfim parecia ter se tornado motivo de preocupação – através de motivos totalmente enviesados, como a contradição entre o reconhecimento de sua condição de “imprescindíveis” e, ao mesmo tempo, sua situação de extrema vulnerabilidade frente ao contágio. Nesse sentido, o contato dos “invisibilizados”, mais pobres, com os mais ricos, passou a ser marcado pelo aparente paradoxo entre o fato de serem “indispensáveis” e, ao mesmo tempo, “perigosos” propagadores do vírus – ou seja, podemos afirmar, contraditoriamente, que as chamadas classes perigosas nunca foram tidas como tão necessárias a fim de garantir a segurança – sanitária, neste caso – dos mais abnegados. (...)

Metodologicamente, os trabalhos deste volume envolvem sempre uma perspectiva bastante crítica, tal como sugerido pelos próprios organizadores ao proporem a coletânea, e em vários casos tratam de uma pesquisa-ação, participando de fato no desdobramento e até mesmo nas soluções das problemáticas analisadas. (...)

Mas este livro é, antes de mais nada, uma evidência clara da força daqueles sujeitos que, mesmo na pior adversidade, somam esforços, reúnem forças de onde podem e, na sensibilidade alimentada pelo próprio cotidiano de dificuldades, lutam e r-existem. (...)

A riqueza e a complexidade das experiências aqui apresentadas alimentam nossa esperança pela construção de alternativos que, pautadas ao mesmo tempo na firmeza da crítica e na solidariedade da ação coletiva, representem efetivamente horizontes de sentido e práticas para novos territórios possíveis.

(Rogério Haesbaert, Prefácio Volumen II)

